
D.J. HEART
ALPHA BAIT
THREE WEREWOLVES FOR DYLAN

ÍNDICE

Página de título
Direitos autorais
Conteúdo
1. Dylan
2 de agosto
3. Dylan
4. Ryker
5. Dylan
6. Steve
7 de agosto
8. Dylan
9. Ryker
10 de agosto
11. Steve
12. Ryker
13. Dylan
14 de agosto
15. Steve
16. Ryker
17. Dylan
18 de agosto
19. Steve
20. Dylan
21. Ryker
22. Dylan
23. Steve
24 de agosto
25. Ryker
26. Dylan
27. Ryker
28 de agosto
29. Steve
30. Dylan
31. Ryker
32. Dylan
33. Steve
34 de agosto
35. Dylan
36. Ryker
37. Steve
38. Dylan
39 de agosto
40. Ryker
41. Steve
42. Dylan

43 de agosto
44. Ryker
45. Steve
46. Dylan
47 de agosto
48. Dylan
49. Steve
50. Ryker
51 de agosto
52. Steve
53. Dylan
54. Ryker
55. Steve
Epílogo
Também por DJ Heart:

ISCA ALFA

TRÊS LOBISOMENS PARA DYLAN

DJ HEART

Direitos autorais © 2023 por DJ Heart

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito do autor, exceto para o uso de breves citações em uma resenha do livro.

CONTEÚDO

1. Dylan
2 de agosto
3. Dylan
4. Ryker
5. Dylan
6. Steve
7 de agosto
8. Dylan
9. Ryker
10 de agosto
11. Steve
12. Ryker
13. Dylan
14 de agosto
15. Steve
16. Ryker
17. Dylan
18 de agosto
19. Steve
20. Dylan
21. Ryker
22. Dylan
23. Steve
24 de agosto
25. Ryker
26. Dylan
27. Ryker
28 de agosto
29. Steve
30. Dylan
31. Ryker
32. Dylan
33. Steve
34 de agosto
35. Dylan
36. Ryker
37. Steve
38. Dylan
39 de agosto
40. Ryker
41. Steve
42. Dylan
43 de agosto
44. Ryker
45. Steve
46. Dylan

47 de agosto
48. Dylan
49. Steve
50. Ryker
51 de agosto
52. Steve
53. Dylan
54. Ryker
55. Steve
Epílogo
Também por DJ Heart:

DYLAN

Dylan subiu as escadas da estação de metrô em direção à calçada, seguindo a multidão da hora do rush, torcendo para que as pessoas ao seu redor se movessem mais rápido. Ao chegar ao topo, fechou o zíper do casaco para se proteger do vento frio e olhou em volta para se orientar.

Ele havia pegado o metrô do campus para economizar dinheiro, calculando que levaria apenas dez minutos a mais do que um Uber, mas houve um problema nos trilhos e seu trem ficou preso em um túnel por quase trinta e cinco minutos.

Foi apenas azar dele.

O administrador da clínica universitária havia sido muito claro. Se ele não comparecesse à consulta médica – parte do acordo da universidade com várias clínicas particulares da cidade para fornecer atendimento gratuito a estudantes de baixa renda – teria que pagar do próprio bolso para marcar uma nova consulta.

Dylan não tinha condições de pagar do próprio bolso.

“Um, dois, quatro”, murmurou ele baixinho, repetindo o endereço da clínica em voz alta enquanto virava à direita e começava a correr pela calçada.

Ele corria contra o vento, e sua jaqueta pouco o protegia do frio cortante. O tempo estava bom naquela manhã – ensolarado e com previsão de temperatura na casa dos 15°C – mas por volta do meio-dia as nuvens chegaram e a temperatura caiu para cerca de 4°C.

Dylan manteve a cabeça inclinada para a direita, tanto para poder prestar atenção às placas numeradas que marcavam cada parede, quanto para não levar uma rajada de vento no rosto.

Olhando para o relógio, a ansiedade de Dylan aumentou ao perceber que estava oficialmente meia hora atrasado para o compromisso. Ele acelerou o passo, amaldiçoando o metrô e os intermináveis atrasos que o assolavam, quando de repente se chocou contra algo que parecia uma parede de tijolos.

Dylan deu um *pulo forte e ofegante* , desorientado e se debatendo, e se não fossem duas mãos enormes que o agarraram pela gola da jaqueta e o mantiveram firme, ele teria caído de bunda no chão.

"Nossa, qual a pressa?" perguntou uma voz agradavelmente grave. Parecia divertida. "Você está bem?"

Dylan ergueu os olhos e se deparou com o queixo com covinha de um semideus.

O homem em quem ele havia colidido era *enorme* .

Vestido com uma jaqueta bomber de couro, jeans justos e botas de cowboy bem usadas, o homem parecia ter saído diretamente de uma revista GQ. A edição de cowboys sarados, para ser mais preciso.

"Desculpe", disse Dylan, sentindo o toque das mãos do homem na frente de sua jaqueta, o que lhe causou um frio na barriga. "Estou atrasado para a minha consulta médica. Eu devia ter prestado mais atenção por onde andava."

Os lábios do homem se curvaram em um sorriso, revelando covinhas encantadoras e dentes brancos perfeitos. Dylan não conseguia acreditar na altura do homem. Ele poderia facilmente ser confundido com um lobisomem, de tão grande que era.

“Não me importo”, disse o homem. Ele soltou a gola da camisa de Dylan e

deu um passo para trás, estendendo uma mão enluvada e tirando uma partícula de poeira imaginária do ombro de Dylan. “Tem certeza de que está bem?”

Sua mão permaneceu por um tempo no braço de Dylan, o polegar roçando para frente e para trás no bíceps de Dylan.

"Sou eu", disse Dylan. Ele olhou fixamente para o queixo com covinha do homem, imaginando como seria passar a vida inteira com uma aparência tão boa.

"Talvez-"

"Eu realmente preciso ir", disse Dylan de repente, interrompendo o homem e se livrando de sua mão. "Estou muito atrasado."

Homens atraentes sempre o deixavam sem jeito, e aquele era o homem mais atraente que ele já tinha visto. Dylan sabia que se ficasse ali por mais um segundo sequer, ia pagar um mico daqueles.

O homem assentiu com a cabeça, e Dylan se perguntou se estava apenas imaginando coisas ou se seus ombros largos haviam caído.

“Claro.” Ele deu um passo para o lado, gesticulando para que Dylan continuasse pela calçada. As rugas ao redor dos seus olhos se acentuaram. “Quem sabe a gente se vê por aí?”

"Talvez", respondeu Dylan, hesitante, passando por ele apressadamente e se perguntando se o homem estava flertando com ele.

Não podia ser. Rapazes com cara de astro de filme de lobisomem não flertavam com nerds magrelos como ele.

Dylan olhou para trás, mas o homem já havia se virado e estava caminhando pela calçada, se afastando dele. Dylan afastou a decepção e continuou andando, embora não tenha resistido à tentação de dar mais uma olhada.

A jaqueta bomber do homem estava bem apertada na cintura, exibindo um bumbum avantajado e glorioso envolto em calças jeans Wrangler incrivelmente justas.

Dylan desviou o olhar para a frente, com água na boca, e retomou a corrida. Continuou correndo por mais alguns minutos, na esperança de que o atraso adicional não o tivesse feito perder o compromisso.

Quando chegou ao prédio 124, já estava ofegante. Parou, recuperando o fôlego, e olhou para o edifício que se erguia imponente sobre ele.

Era muito mais sofisticado do que ele esperava. Ele conferiu novamente o número na lateral da parede, confirmando que estava no lugar certo, e caminhou até as portas de vidro, onde examinou a lista telefônica na grande placa de cobre.

Na metade da lista, entre o nome de um escritório de advocacia e o de uma empresa de private equity, estava o nome de um consultório médico.

Serviços Médicos Privados Schaffer e Walker

Dylan não tinha recebido o nome da clínica que iria visitar – apenas o endereço – mas devia ser esse mesmo.

Ele atravessou as portas e entrou no saguão, olhando ao redor e admirando os pisos polidos, as paredes com painéis de cobre e a escultura de vidro pendurada no teto altíssimo. A decoração sofisticada o fez se sentir completamente deslocado, desejando ter vestido algo diferente de seu casaco acolchoado remendado, tênis surrados e mochila gasta, mas não havia nada que pudesse fazer agora.

Ele só esperava que o deixassem entrar.

“Boa noite, como posso ajudar?” perguntou uma mulher bem vestida atrás da recepção, erguendo os olhos do computador e lançando um sorriso simpático a Dylan. Se ela achou a roupa de Dylan inadequada, isso não transpareceu em sua voz ou expressão.

“Oi, tenho uma consulta na clínica médica às cinco”, disse Dylan, aproximando-se dela. Ele engoliu em seco, ainda ofegante por causa da corrida frenética, e tentou sorrir. “Sei que estou atrasado, mas esperava conseguir chegar a tempo.”

Ele enxugou discretamente o suor da testa, afastando o cabelo dos olhos logo em seguida para disfarçar o que realmente estava fazendo.

"Claro", disse a recepcionista, estendendo a mão para o telefone. "Se eu pudesse saber seu nome, ligaria para avisar que você chegou."

“É o Dylan. Dylan Landry.”

“Só me dê um instante.”

Dylan mordeu o lábio enquanto esperava a recepcionista fazer a ligação. Não seria o fim do mundo se não conseguisse uma consulta, mas ele já havia esperado um mês para que um médico examinasse a pinta em suas costas e realmente não queria esperar mais, nem ter que pagar quando tinha acesso a atendimento gratuito.

“Sim, olá, Cynthia. Tenho um paciente chamado Dylan Landry no saguão, ele está um pouco atrasado para a consulta das cinco. Posso encaminhá-lo para o andar de cima?” A recepcionista olhou para ele e sorriu. “Sim? Ótimo, já vou encaminhá-lo.”

Dylan soltou um suspiro de alívio.

“Você pode subir. O elevador número cinco leva você ao andar correto.”

"Muito obrigado!" disse Dylan, radiante de felicidade.

Ele atravessou o portão e dirigiu-se ao elevador. As portas se fecharam e uma voz anunciou que ele estava indo para o décimo quarto andar, sem que ele precisasse fazer nada.

Ao se olhar no espelho da porta, Dylan fez uma careta ao perceber seu estado desgrenhado. Seu cabelo estava uma bagunça, despenteado pelo vento, e sua pele brilhava com uma fina camada de suor que era tudo menos atraente.

Estava tudo bem. Quem se importava se ele não estivesse com a melhor aparência? Era apenas uma consulta médica.

Ainda assim, ele deveria tentar consertar o que pudesse. Passando os dedos pelos cabelos castanhos até que ficassem mais ou menos arrumados, Dylan ajeitou o cabelo e depois usou a manga da camisa para enxugar o suor do rosto e da nuca.

Antes que ele pudesse fazer qualquer coisa, o elevador parou, e as portas se abriram para uma área de recepção que parecia mais um spa de luxo do que uma clínica médica.

Uma mulher vestida com um uniforme cirúrgico preto estava atrás da mesa, no lado esquerdo da sala, e ao ver Dylan, ergueu os olhos do computador e sorriu.

Era um sorriso de atendimento ao cliente, forçado e completamente falso, e Dylan conseguia sentir o incômodo por trás dele. Ele caminhou até o balcão com a expressão mais contrita estampada no rosto.

“Oi, me desculpe pelo atraso. Houve um problema com os trilhos do metrô, e eu-”

“Não tem problema”, interrompeu a mulher, conseguindo, de alguma forma, fazer com que a interrupção soasse amigável. “Dylan Lander?”

Dylan hesitou. "Dylan Landry", corrigiu-se, repentinamente inseguro.

“Landry?” A mulher franziu a testa, olhando para o computador. “Poderia confirmar o motivo da sua consulta?”

Dylan umedeceu os lábios. "Tenho uma pinta que gostaria que examinassem?"

Ele não tinha a intenção de transformar a afirmação em uma pergunta, mas ficou sem jeito.

A mulher assentiu com a cabeça e sorriu. "Sim, é isso que tenho no meu sistema. Me desculpe. Devo ter copiado errado quando cadastrei você no sistema. Deixe-me corrigir rapidinho." Ela começou a clicar e digitar, com uma expressão concentrada no rosto. "Pronto. Tudo resolvido. Agora, se eu pudesse fazer uma cópia do seu documento de identidade e pedir que você preenchesse este formulário?"

Ela pegou um iPad debaixo da mesa e o deslizou para ele com uma velocidade um pouco maior do que a recomendada para um gesto amigável.

Dylan esperava sinceramente que ela não tivesse que ficar até tarde por causa dele.

"Claro", disse Dylan, levando a mão ao bolso para pegar sua carteira de habilitação e entregando-a a ela antes de pegar o iPad.

“Pode sentar-se e o Dr. Schaeffer já lhe atenderá.”

Dylan murmurou um agradecimento e levou o iPad para uma sala de espera aconchegante, onde preencheu o formulário. Era tudo muito básico, e Dylan logo terminou. A secretária voltou com seu documento de identidade e Dylan lhe entregou o iPad.

“Obrigada.” Ela olhou para o iPad, rolando a tela para baixo. “Sua conta já foi paga, então é tudo o que preciso da sua parte. Se você permanecer aqui, o Dr. Schaffer estará com você em breve.”

“Ótimo.” Dylan pigarreou, sentindo-se sem jeito. “Muito obrigado.”

Ele se acomodou para esperar, perfeitamente satisfeito em aguardar um pouco antes de ver o médico. Assim, talvez sua camisa úmida secasse e ele não parecesse que tinha corrido para a consulta. Ele pegou o celular, só se lembrando de que estava sem bateria quando apertou o botão para ligá-lo e nada aconteceu.

“Sr. Lander?”

Dylan congelou, o barítono rouco causando-lhe arrepios. Por um segundo, pensou que fosse o homem com quem havia esbarrado na rua, pois suas vozes eram igualmente graves e retumbantes, mas logo percebeu o quão tola era essa ideia.

“Sou eu”, disse ele, virando-se e levantando-se da cadeira. Ao ver o médico, seus joelhos quase cederam.

Os médicos não deveriam ter *essa aparência* .

Com pelo menos um metro e noventa e oito de altura, o médico parecia mais um modelo fitness lobisomem do que um profissional da saúde. Tinha um queixo quadrado coberto por uma barba por fazer preta e bem aparada, maçãs do

rosto altas e lábios carnudos e sensuais que davam a Dylan vontade de estender a mão e tocá-los.

A covinha no queixo completava o pacote de galã de astro de cinema.

"Estou pronto para você agora." O Dr. Schaffer ergueu os olhos da prancheta, e seus olhos verdes fizeram Dylan soltar um suspiro de surpresa.

Ele vestia uma camisa social branca com as mangas arregaçadas, cujo corte ajustado realçava seus ombros largos e cintura fina. A camisa estava por dentro de uma calça social azul-marinho, justa o suficiente para destacar os músculos robustos de suas coxas.

Ele estava usando gravata. De alguma forma, a combinação de mangas arregaçadas e colarinho totalmente abotoado criava um contraste muito atraente.

Dylan olhou fixamente para os antebraços musculosos e as mãos grandes do médico, sentindo um frio na barriga ao perceber como a prancheta, de tamanho normal, parecia pequena nas mãos do médico.

“Sr. Lander?”

Dylan desviou o olhar das mãos grandes do médico, mortificado por ter sido flagrado admirando os braços do médico. Ele se sentiu como se estivesse de volta ao ensino médio, desajeitado e virgem, ficando sem palavras quando um dos caras legais do time de lacrosse puxava conversa com ele no corredor.

“Sim, claro”, disse Dylan, fazendo uma careta ao perceber o quão aguda sua voz soava. Ele pigarreou e se obrigou a seguir em frente. “E é Landry.”

O Dr. Schaffer sorriu, seus dentes brancos brilhando como se estivesse em um comercial de pasta de dente. Ele olhou para sua ficha e deu uma risadinha.

“Landry, hein? Bom, é um prazer conhecê-lo oficialmente. Sou o Dr. Schaffer.”

Ele estendeu a mão, que era facilmente o dobro do tamanho da de Dylan, e Dylan automaticamente estendeu a mão para cumprimentá-lo.

Dylan percebeu, com crescente horror, que teria que tirar a camisa na frente daquele homem.

“Corrigi o nome dele no computador e ele já pode preencher os formulários.”

Dylan deu um pulo ao ouvir a voz da secretária vinda de trás dele. Ele puxou a mão da mão do Dr. Schaffer, sentindo um formigamento na palma, e deu um passo rápido para trás.

“Obrigado, Cynthia”, disse o Dr. Schaffer, com voz afetuosa. “Acho que consigo lidar com o Sr. Landry sozinho. Que tal encerrarmos por hoje e irmos para casa?”

O rosto de Cynthia se iluminou, sua expressão passando de educada para genuinamente feliz.

"Tem certeza?"

O Dr. Schaffer assentiu com a cabeça, colocando a ficha debaixo do braço e aproximando-se de Dylan. Ele colocou a mão na parte superior das costas de Dylan, e Dylan quase caiu de joelhos com a sensação da mão enorme do médico abrangendo a largura de suas omoplatas.

“Deixa comigo. Pode ir para casa e ter um bom fim de semana.”

Dylan ficou paralisado, com o Dr. Schaffer imponente ao seu redor, que media apenas um metro e setenta e três centímetros, fazendo-o sentir-se absolutamente minúsculo.

“Obrigado, Dr. Schaffer. Vejo você na segunda-feira.”

Cynthia voltou para a recepção e começou a arrumar suas coisas, enquanto o Dr. Schaffer olhava para Dylan com um sorriso estranhamente entusiasmado.

Você está pronto(a) para a sua consulta?

Algo na expressão do Dr. Schaffer lembrou Dylan de um lobo de desenho animado. Era só dentes, e havia um brilho em seus olhos que fez Dylan se sentir como uma presa.

Ele estremeceu e passou os segundos seguintes se perguntando se estava imaginando o leve afiar dos caninos do Dr. Schaffer.

"Sim?" Dylan pigarreou. "Estou pronto, Dr. Schaffer."

O médico olhou para ele, com uma expressão inquisitiva, e então assentiu com a cabeça.

“Ótimo. Venha comigo.”

As palavras soaram como uma ordem, acompanhadas de uma firme pressão na parte superior das costas de Dylan enquanto ele era conduzido para fora da sala de espera e para dentro da clínica.

Respirando pelo nariz, Dylan captou o aroma de algo absolutamente maravilhoso. Inspirou novamente, tentando identificar o que era, e percebeu, de repente, que o que sentia era o Dr. Schaffer. Notas de madeira de cedro e couro se misturavam a um almíscar limpo e masculino, um aroma que fez Dylan querer encostar o nariz no médico e *inalar* .

A intensidade do impulso pegou Dylan de surpresa.

“Chegamos”, disse o Dr. Schaffer, alheio ao pânico interno de Dylan enquanto o conduzia para uma sala de exames. Ele tirou a mão das costas dele e se virou para a pia ao lado da porta, largando a prancheta e lavando as mãos.

Dylan olhou em volta.

O consultório era igual a qualquer outro consultório médico que ele já tivesse visitado, com uma grande mesa perto da janela e uma maca encostada na parede.

“Sente-se no banco”, instruiu o Dr. Schaffer, olhando por cima do ombro enquanto terminava de lavar as mãos. Ele sorriu, com um ar malicioso, enquanto arrancava um pedaço de papel-toalha do dispenser e secava as mãos vigorosamente. “Queremos que você se sinta bem e *confortável* .”

Dylan hesitou, algo no tom e na expressão do médico não lhe pareceu certo, mas então decidiu que devia estar imaginando coisas e caminhou até o banco, sentando-se. O Dr. Schaffer o seguiu, pegando sua cadeira de escritório atrás da mesa e puxando-a para que pudesse se sentar em frente a ele.

O banco estava posicionado mais baixo que a cadeira e, como a diferença de altura entre eles já era considerável, Dylan teve que esticar o pescoço para olhar para o rosto do Dr. Schaffer.

“Então, Dylan. Você está aqui por causa de uma pinta que queria que eu examinasse. É isso mesmo?”

O Dr. Schaffer sentou-se com as pernas afastadas e os pés firmemente apoiados no chão. Inclinou-se para a frente, pousando a mão no joelho.

Dylan olhou para baixo, constrangido, e encarou as pontas dos sapatos sociais enormes do médico. Os mocassins desproporcionais pareciam gigantescos ao lado dos tênis surrados de Dylan, e ele corou enquanto sua mente dava um salto mental e começava a se perguntar quais outras partes do corpo do

médico eram grandes.

Sentiu um formigamento na virilha e fez um esforço para não olhar entre as pernas do médico para verificar o volume em sua calça.

Arrancando seus pensamentos da sarjeta, Dylan ergueu o olhar. "É verdade. Percebi isso há uns dois meses e achei melhor consultar um médico."

O Dr. Schaffer assentiu com a cabeça, com o semblante sério. "Com certeza posso dar uma olhada nisso para você." Ele puxou a cadeira para a frente. "Como você é uma paciente nova, acho que seria melhor fazermos um exame físico completo. Depois disso, posso examinar sua pinta e ver se precisa ser removida. Tudo bem para você?"

Dylan engoliu em seco. Esperava que o médico desse uma olhada rápida nas suas costas e pronto. Um exame físico completo parecia excessivo. Recostou-se na cadeira, sentindo-se intimidado pela presença do Dr. Schaffer tão perto.

"Isso não vai custar nada a mais?", perguntou ele, só para ter certeza de que o médico não havia se esquecido de que ele era um caso de caridade.

O Dr. Schaffer riu. "Não, claro que não." Ele se levantou, empurrou a cadeira para trás, pegou um estetoscópio da mesa e o colocou em volta do pescoço. "Está pronto para começar?"

Dylan assentiu com a cabeça.

“Ótimo. Por favor, tire a roupa e fique só de roupa íntima, e eu já vou.”

Dylan prendeu a respiração. Sua *roupa íntima* ? A ideia de estar quase nu na presença de um homem como o Dr. Schaffer fez seu pulso disparar e seu estômago se contrair de nervosismo.

"Há algum problema?", perguntou o Dr. Schaffer, com a voz subitamente severa.

"Sem problema", gaguejou Dylan, levantando-se e tirando o casaco. Tirou os sapatos e desabotoou a camisa, depois baixou as calças enquanto dizia a si mesmo que não havia nada de estranho em um médico vê-lo quase nu.

Esse era o trabalho dele. Ele provavelmente via dezenas de pessoas quase nuas todos os dias, e muito provavelmente nem percebia.

O Dr. Schaffer acionou uma alavanca sob a maca de exame, elevando-a até que ficasse em uma altura mais adequada.

“Legal. Você faz exercícios?”

Dylan engasgou com a própria saliva, chocado ao ver o olhar do Dr. Schaffer percorrendo seu corpo com um aceno de aprovação.

"Eu corro um pouco", murmurou Dylan, sentando-se novamente no banco e colocando as mãos sobre o colo.

Foi uma completa mentira. Ele talvez tivesse corrido duas vezes no último ano, e isso considerando uma definição generosa de corrida.

Mas ele caminhava bastante.

“Bom, continue assim”, disse o Dr. Schaffer, pegando sua cadeira de escritório e a levando de volta para o banco. Ele se sentou e se aproximou, posicionando suas pernas de forma que ficassem entre as de Dylan. “Exercícios cardiovasculares são *muito* importantes.”

Antes que Dylan pudesse ficar muito perturbado por estar sentado entre as pernas do Dr. Schaffer, o médico segurou seu pulso para sentir sua pulsação. Concentrado em contar as batidas do coração de Dylan e em verificar o relógio,

ele não viu o rosto de Dylan queimar com o contato repentino.

Dylan prendeu a respiração, a sensação da grande mão do Dr. Schaffer envolvendo seu pulso como uma algema fazendo seu coração disparar.

“Seu pulso está um pouco acelerado”, disse o Dr. Schaffer, franzindo a testa. Ele olhou para cima. “Você está se sentindo estressado?”

Dylan engoliu em seco, sentindo como se fosse a engolida mais barulhenta da história. "Na verdade, não."

O Dr. Schaffer respirou fundo, com as narinas dilatadas. "Vamos ver como está sua pressão arterial."

Dylan permaneceu imóvel enquanto o Dr. Schaffer deslizava uma braçadeira larga sobre seu braço, tensionando-se levemente quando a braçadeira inflou ao redor de seu bíceps e o apertou.

"Você aguenta", disse o Dr. Schaffer, percebendo a pequena careta de Dylan.

"Eu sei", murmurou Dylan, pensando que aquela era uma maneira muito estranha de dizer aquilo.

O Dr. Schaffer mediu a pressão arterial dele duas vezes, depois retirou o manguito e sorriu. "A pressão arterial está boa."

“Não muito alto?”

“Não, você está exatamente onde deveria estar. Cento e dezenove sobre setenta e nove.”

Os números não significavam nada para Dylan, mas ele confiava no médico e dizia que estava tudo bem.

Com a medição do pulso e da pressão arterial de Dylan concluída, o Dr. Schaffer levantou-se da cadeira para continuar o exame. Ele examinou as orelhas de Dylan, o interior de sua boca e testou seus olhos com uma pequena lanterna que tirou do bolso.

Tudo parecia muito médico e profissional, e Dylan foi embalado por uma sensação de relaxamento – embora tenha sentido uma excitação quando o médico segurou seu queixo e moveu sua cabeça para frente e para trás enquanto olhava dentro de sua boca.

Estava tudo bem. Contanto que ele não ficasse excitado, era só isso que importava.

“Está tudo normal. Vou palpar seus gânglios linfáticos agora. Me avise se sentir alguma sensibilidade.”

Dylan assentiu com a cabeça. "Eu irei."

O Dr. Schaffer apertou o ombro dele. "Ótimo."

Para surpresa de Dylan, o médico contornou o banco e parou atrás dele. Ele virou o rosto para ver o que estava acontecendo, mas o Dr. Schaffer segurou sua cabeça e o virou de volta.

“Mantenha o rosto voltado para a frente, por favor.”

"Tudo bem", disse Dylan, forçando-se a respirar normalmente.

Ele manteve a cabeça imóvel, a pele arrepiada ao sentir a enorme figura do Dr. Schaffer pairando atrás dele. O Dr. Schaffer colocou as mãos em seus ombros, fazendo-o estremecer, e o movimento provocou uma risada do médico.

“Relaxe.” O Dr. Schaffer curvou os dedos ao redor da lateral do pescoço de Dylan, enquanto a outra mão deslizava para baixo para apalpar a borda superior da clavícula.

Dylan estremeceu enquanto os dedos grandes do Dr. Schaffer deslizavam sobre sua pele, e quando o médico passou da clavícula para a lateral de sua garganta, ele estremeceu. O Dr. Schaffer fez pequenos círculos com as pontas dos dedos, subindo sob o queixo de Dylan e seguindo o contorno de sua mandíbula.

Parecia íntimo demais.

"Você está bem?", perguntou o Dr. Schaffer, com a voz vindo de um lugar suspeitosamente próximo ao ouvido de Dylan. Ele havia terminado de examinar os gânglios linfáticos do lado esquerdo de Dylan e começara a repetir o processo do outro lado.

"Estou bem", Dylan sussurrou, com a voz fraca. Ele tossiu. "Você tem mãos quentes."

Dylan se arrependeu das palavras no instante em que elas saíram de sua boca.

"Obrigado."

O Dr. Schaffer não disse mais nada, o elogio pairando no ar entre eles.

“Levante os braços.”

Dylan sentiu o Dr. Schaffer se afastar de suas costas, e esse movimento o fez olhar para trás.

Sua boca secou ao ver o Dr. Schaffer calçando um par de luvas pretas. O jeito como o látex se ajustava às mãos do médico — esticado e revelando cada veia no dorso da mão — era surpreendentemente erótico.

“Vou verificar debaixo dos seus braços.”

As palavras eram uma explicação e um aviso. O Dr. Schaffer voltou para a frente dele e ficou entre as pernas, estendendo as mãos e passando-as por baixo dos braços de Dylan.

Dylan teve que fechar os olhos, dominado pela proximidade do Dr. Schaffer. O jeito como ele se inclinava sobre ele, tocando-o e ficando tão perto que seu perfume invadia o nariz de Dylan, era demais para o pobre coraçãozinho gay de Dylan.

"Ainda sem sensibilidade?", perguntou o Dr. Schaffer, em tom profissional.

Dylan balançou a cabeça negativamente.

O Dr. Schaffer deslizou a mão para baixo, tocando o flanco sensível de Dylan e fazendo-o recuar bruscamente com a sensação de cócegas.

O Dr. Schaffer deu um sorriso irônico. "Tem cócegas?"

O primeiro instinto de Dylan foi mentir, mas então ele percebeu o quão ridículo isso seria. O Dr. Schaffer não ia começar a fazer cócegas nele.

“Um pouco”, admitiu ele.

Houve uma pausa, e então o Dr. Schaffer deu uma risadinha. "Bom saber."

Ele tirou as mãos de debaixo dos braços de Dylan, despiu-se das luvas e atirou-as no lixo.

“Preciso que você respire normalmente.”

O Dr. Schaffer tirou o estetoscópio do pescoço e o colocou nos ouvidos. Pegou a campânula e a encostou no peito de Dylan, enquanto uma das mãos descia até o ombro dele, mantendo-a ali.

A sensação dupla do metal frio contra seu peito e da mão quente em seu ombro fez Dylan estremecer.

“Eu sinto muito-”

“Proibido falar.”

A interrupção foi brusca, com o Dr. Schaffer levantando brevemente a campânula do estetoscópio do peito. Quando Dylan olhou para cima, viu uma ruga na testa do médico.

Ele corou e assentiu com a cabeça.

O Dr. Schaffer colocou o sino de volta no peito de Dylan e auscultou seu coração por um tempo, movendo-o em intervalos regulares, usando a mão no ombro de Dylan para impedi-lo de se mexer.

Ele mudou o sino de lugar, passando-o para o outro lado do peito de Dylan.

“Respire fundo e prenda a respiração.”

Dylan obedeceu, observando o rosto do Dr. Schaffer enquanto o homem auscultava seus pulmões.

Ele nunca tinha passado por um exame médico tão completo antes, mas parecia que o Dr. Schaffer não havia encontrado nada que o preocupasse.

“E expire.”

Dylan soltou a respiração, seu pênis se contraindo dentro da cueca quando percebeu a língua do Dr. Schaffer umedecendo seus lábios.

O Dr. Schaffer repetiu seu pedido para que Dylan inspirasse e prendesse a respiração várias vezes, e algo naquela respiração controlada deixou Dylan com uma sensação próxima à hipnose. Ele estava todo aquecido, e enquanto estava sentado ali, parecia que seu único contato com a realidade era o sino em seu peito e a mão pesada em seu ombro.

“Agora vou escutar deitado de costas.”

Dylan não entendeu o significado daquelas palavras até que o Dr. Schaffer deu um passo à frente, tão perto que o rosto de Dylan ficou pressionado contra a frente de sua camisa social branca e seu nariz roçou a borda da gravata do médico.

O Dr. Schaffer passou o braço em volta do torso de Dylan, colocando a campânula do estetoscópio em suas costas e segurando a nuca dele para mantê-lo imóvel contra o peito.

Dylan achou que ia morrer, de tanta excitação. O corpo do Dr. Schaffer o envolveu, o médico o pressionando contra seus peitorais musculosos, e a mão na nuca dele estava mais quente que ferro em brasa.

"Respire normalmente", advertiu o Dr. Schaffer, e Dylan percebeu que estava prendendo a respiração. Ele abriu a boca para se desculpar antes de se lembrar de que não podia falar.

Ele sentiu tonturas com a sensação do aroma masculino do médico preenchendo suas narinas.

Concentrando-se na respiração, Dylan fez o possível para ignorar a forma como o peito musculoso do Dr. Schaffer pressionava seu rosto. Ele olhou para baixo, observando a silhueta do Dr. Schaffer, e congelou ao ver um volume pronunciado na coxa do médico.

Ele conseguia ver a cabeça do pênis através do terno do Dr. Schaffer, a linha da glande formando uma dobra proeminente no tecido das calças.

A princípio, Dylan pensou que o Dr. Schaffer fosse duro, mas depois de olhar para o volume por um segundo, percebeu que ele era apenas grande.

O pênis de Dylan inchou.

"Inspire e segure", disse o Dr. Schaffer, alheio ao fato de estar se expondo e de que Dylan agora estava com uma ereção.

Respirando fundo e prendendo a respiração, Dylan fechou os olhos e pressionou as palmas das mãos contra a virilha, rezando para que sua ereção desaparecesse antes que o Dr. Schaffer desse um passo para trás e ele fosse desmascarado como um pervertido.

Na experiência de Dylan, caras heterossexuais que se pareciam com o Dr. Schaffer geralmente não gostavam de garotos magrinhos e excitados que ficavam com o pau duro por causa deles.

“E expire.”

Dylan tentou se concentrar em seguir as ordens do Dr. Schaffer, mas a lembrança do enorme pênis do médico estava gravada em suas pálpebras.

“Parece que está tudo em ordem”, disse o Dr. Schaffer, tirando o estetoscópio e colocando-o em volta do pescoço. “Se você puder ficar assim, vou examinar sua coluna e depois pedir que se deite de costas para que eu possa examinar seu abdômen.”

Ao pensar em ter que se deitar de costas, Dylan entrou em pânico. Sentado com as mãos no colo, ele conseguia disfarçar razoavelmente bem o fato de estar com uma ereção, mas se tivesse que se deitar, isso ficaria imediatamente óbvio.

“Não acho necessário. Não quero tomar seu tempo. Você só precisa olhar minha pinta e aí eu posso ir embora.”

O Dr. Schaffer franziu a testa para ele. "Estou te deixando desconfortável?"

"Não!" Dylan olhou para qualquer lugar, menos para o rosto do Dr. Schaffer. "Eu só não quero que você perca seu tempo."

O Dr. Schaffer cruzou os braços, e Dylan desejou não ter reparado em como o gesto realçava os grandes bíceps do médico. Realmente não ajudava em nada a situação da sua roupa íntima.

“Não vou perder meu tempo. Agora, isso tem a ver com a ereção que você está tentando esconder?”

Os olhos de Dylan se arregalaram e o Dr. Schaffer deu um sorriso irônico.

“Você não precisa ficar constrangido(a). Eu sei que o toque às vezes pode provocar ereções não sexuais. Não precisa significar nada.”

"Sinto muito", disse Dylan, constrangido.

“Está tudo bem. Vamos fingir que não está lá e continuar, ok?” O Dr. Schaffer descruzou os braços e contornou a bancada, voltando para trás de Dylan. “Vou continuar o exame agora.”

Não havia espaço para discussão em sua voz, e Dylan estava envergonhado demais para dizer qualquer coisa.

“Mantenha a cabeça erguida.”

Dylan tentou regularizar a respiração para algo normal, mas quando o Dr. Schaffer começou a apalpar sua coluna, a tarefa se mostrou tudo menos fácil. O médico massageou as costas de Dylan, esfregando cada protuberância da coluna, enquanto a outra mão, quente, repousava na lateral do seu flanco.

O pau de Dylan pulsava com a atenção, o líquido pré-ejaculatório escorrendo da ponta e deixando o interior de sua cueca escorregadio.

“Perfeito”, resmungou o Dr. Schaffer, retirando as mãos e voltando para o

outro lado do banco. Ele umedeceu os lábios e lançou um olhar severo para Dylan. “Agora deite-se de costas.”

Dylan *realmente* não queria. No minuto em que se deitasse, tanto sua ereção quanto o fato de estar vazando como uma torneira ficariam extremamente óbvios.

O Dr. Schaffer perceberia imediatamente que Dylan estava tendo mais do que uma leve reação ao ser tocado.

Antes que ele pudesse protestar, o Dr. Schaffer colocou a mão no peito de Dylan e o empurrou para trás. Com a outra mão, agarrou seu ombro para controlar a queda, forçando-o a deitar-se de volta no banco.

Dylan levantou as pernas no banco, mantendo as mãos sobre a virilha e pressionando desesperadamente sua ereção.

“Mãos ao lado do corpo.”

O Dr. Schaffer parecia esperar obediência, e com a sensação de estar cavando a própria sepultura, Dylan deixou as mãos afundarem no banco.

Por um segundo, o Dr. Schaffer não disse nada, mas depois bufou e colocou o estetoscópio de volta nos ouvidos.

“Sem falar”, lembrou ele a Dylan, colocando a campânula do estetoscópio sobre o estômago dele. Manteve-a ali, ouvindo, antes de levantá-la e retirar o estetoscópio completamente. “Tudo bem até agora. Vou examinar seu estômago agora.”

Dylan se preparou, mas nada poderia tê-lo preparado para a sensação da grande mão do Dr. Schaffer colocada sobre seu estômago, pressionando suavemente e se movendo com eficiência clínica.

Ele gemeu e então interrompeu a si mesmo cerrando os dentes.

O Dr. Schaffer ficou paralisado, sem mover a mão.

“Alguma demonstração de carinho?”

Dylan parou de ranger os dentes e balançou a cabeça. Ele nunca havia se sentido tão humilhado em toda a sua vida.

“Ótimo. Vou pressionar um pouco mais.”

Dylan foi pego de surpresa pela pressão que se seguiu, mas não foi doloroso. Quando o Dr. Schaffer pressionou sua bexiga, no entanto, ele grunhiu de desconforto.

"Completo", comentou o Dr. Schaffer, como se achasse engraçado.

"Eu... sim", concordou Dylan, sem saber o que mais dizer. Ele não tinha tido tempo de urinar desde o almoço.

Você é sexualmente ativo(a)?

A pergunta surgiu do nada, com o Dr. Schaffer ainda pressionando seu estômago, e por um minuto Dylan ficou tão chocado que não conseguiu responder.

"Não daqui a algum tempo", murmurou ele.

“Há quanto tempo você não faz sexo?”

Dylan engoliu em seco e lutou contra a vontade de colocar as mãos de volta sobre a virilha.

“Um pouco mais de um ano.”

Isso provocou um levantar de sobrancelha, e Dylan sentiu o rubor subir até o peito. Não era culpa dele. Fazia tempo que não encontrava alguém com quem

quisesse transar e que também quisesse transar com ele, e ele não gostava de encontros casuais anônimos.

Ele sempre se apegava demais e acabava com o coração partido.

“Então não farei nenhum teste para doenças sexualmente transmissíveis”, disse o Dr. Schaffer.

Claro, era por isso que ele tinha perguntado.

“Não, não acho que isso seja necessário.”

“Mas quando você transa, você é o passivo, certo?”

O Dr. Schaffer afastou a mão da barriga de Dylan e deu um passo para trás, deixando Dylan engasgando.

Ele nem sequer tinha contado ao médico que era gay. De onde ele tirou essa ideia de ser passivo?

Dylan estava lá, mas esse não era o ponto principal.

"Bem?"

A voz do Dr. Schaffer era expectante, e Dylan não sabia o que pensar disso. Ele se sentou e olhou para o chão.

"Acho que sim?", murmurou ele. Mordeu o lábio, a visão dos pés grandes do Dr. Schaffer lhe causando uma sensação estranha.

“Ótimo. Vou testar sua força e seus reflexos, e depois darei uma olhada nessa sua pinta.”

Dylan ficou atordoado enquanto o Dr. Schaffer continuava o exame, e quando terminou de testar seus reflexos, ele se perguntou se não teria imaginado toda a questão de ser passivo.

“E esse é o seu exame físico”, disse o Dr. Schaffer, guardando seu pequeno martelo de reflexos. “Você está com excelente saúde. Agora vamos dar uma olhada nessa pinta.”

Dylan deitou-se de bruços, aliviado por finalmente ter sua ereção traiçoeira escondida novamente.

“É esta?” perguntou o Dr. Schaffer, passando o dedo pelas costas de Dylan onde estava a pinta. Não era grande, mas tinha mudado de cor, de um castanho claro para algo um pouco mais escuro, em algum momento durante o verão, e Dylan não queria que ficasse sem ser examinada.

“Sim. Está mais escuro do que costumava ser.”

O Dr. Schaffer olhou para aquilo, passando o dedo suavemente sobre a superfície. "Sério?"

Dylan não entendeu a pergunta.

"O que você quer dizer?"

“Será que realmente mudou? Isso não é apenas parte de… você sabe?”

Dylan *não* sabia. "Mudou de cor. Antes era marrom claro, mas agora tem essa borda escura." Ele olhou para o Dr. Schaffer, surpreso ao ver que a arrogância divertida de antes havia praticamente desaparecido.

“É ruim?”

Ele devia parecer preocupado, porque o Dr. Schaffer riu. "Não, parece bem, mas não gostei da mudança de cor. Vou remover para você quando terminarmos aqui."

Dylan ficou aliviado. Era exatamente o que ele esperava que acontecesse.

“E isso não terá custo adicional?”

O Dr. Schaffer inclinou a cabeça, lançando-lhe um olhar demorado. Lentamente, a aura arrogante que ele ostentara antes retornou. A ruga no canto dos olhos e a curva dos lábios tornaram-se brincalhonas, e seus olhos brilharam.

A diferença em relação a apenas um segundo atrás era dramática.

"Que tal tentarmos resolver isso?" O Dr. Schaffer passou a ponta dos dedos pela curvatura das costas de Dylan, roçando a crista da sua coluna de uma forma que não tinha nada de clínica.

"Como vamos dar um jeito?" perguntou Dylan, estremecendo com o toque suave. Seu pescoço doía de tanto olhar por cima do ombro e ele voltou a atenção para o banco.

O couro liso estava úmido contra sua bochecha.

Os dedos do Dr. Schaffer percorreram a linha da coluna de Dylan, descendo e acariciando a curva superior de suas nádegas. Dylan prendeu a respiração e se perguntou se o Dr. Schaffer estava realmente sugerindo o que ele pensava estar sugerindo.

“Tive um dia longo e seria bom para mim aliviar um pouco o estresse. Você acha que poderia me ajudar com isso em troca da remoção de uma pequena pinta?” O Dr. Schaffer apalpou a bunda de Dylan, apertando sua nádega com firmeza e dando uma leve sacudida. “Quer dizer, você obviamente sente atração por mim. Não é?”

A primeira reação de Dylan foi de profunda vergonha. O Dr. Schaffer era médico. Ele não deveria estar assediando pacientes. Era errado.

O Dr. Schaffer deslizou o dedo para baixo e roçou a entrada de Dylan, e de repente Dylan não se importou se aquilo era imoral ou não.

"Certo", confirmou Dylan, sentindo-se como se estivesse num sonho.

“Então, temos um acordo?”

Dylan hesitou, olhando por cima do ombro para ver o gigante bonito sorrindo de forma presunçosa para ele.

O seu eu do futuro jamais o perdoaria se ele deixasse passar uma oportunidade como essa.

“Eu… sim. Eu gostaria de… Se você quiser…”

O Dr. Schaffer riu, soltando a bunda de Dylan e dando-lhe um tapinha leve.

“Que educado. Gostei disso.” Ele caminhou até o armário, pegou um frasco de lubrificante, agitou-o e o colocou sobre a mesa. Então, com um sorriso convencido e mantendo contato visual, tirou a gravata e começou a desabotoar a camisa.

Dylan já havia percebido que o Dr. Schaffer tinha um corpo bonito, mas ainda assim ficou estupefato ao vê-lo completamente nu. Seus ombros eram largos, seus braços musculosos e seus peitorais pareciam duas placas sólidas de carne.

Ele foi *construído* .

“Olha só para você, está praticamente babando”, provocou o Dr. Schaffer, voltando para a bancada. Ele agarrou Dylan pelos cabelos, dando um puxão brincalhão na cabeça dele, e então o levantou, deixando-o de quatro.

Ele acariciou a bunda de Dylan, agarrando sua nádega esquerda com sua mão grande e apertando. Dylan gemeu e depois gritou de susto quando o Dr. Schaffer soltou e lhe deu um tapa dolorido na bunda.

“Você está ótima assim, mas acho que vamos passar para o outro cômodo.”

O Dr. Schaffer o agarrou pelos braços, tirou-o do banco, colocou-o no chão e o segurou pela nuca. Conduziu-o em direção à porta e para o corredor.

"Estamos sozinhos, certo?" Dylan olhou em volta, cobrindo o volume em sua cueca com as mãos enquanto o Dr. Schaffer o conduzia pelo corredor.

“Sim”, confirmou o Dr. Schaffer, mudando o aperto do pescoço de Dylan para o cabelo e sacudindo levemente sua cabeça. Doía, mas o manuseio brusco despertou algo em Dylan que ele não sabia explicar.

Ele gostou.

O Dr. Schaffer levou Dylan até uma sala a duas portas de seu escritório, soltando seus cabelos, empurrando-o para dentro e entrando logo em seguida. "Agora sim."

Dylan olhou em volta, seu olhar imediatamente pousando na cadeira de exame acolchoada que ocupava o centro da sala.

Tinha estribos.

“Sente-se nisso.”

O Dr. Schaffer empurrou Dylan em direção à cadeira, quase o derrubando com um empurrão, enquanto se dirigia ao armário junto à parede. Dylan sentou-se cuidadosamente na beirada da cadeira acolchoada, observando o Dr. Schaffer pegar um par de luvas de couro no armário e mostrá-las para que Dylan as inspecionasse.

“Espero que não se importe”, disse ele, calçando-as e alisando o couro macio sobre os dedos. Deu um sorriso torto para Dylan. “Prefiro estas às de látex. São mais confortáveis, sabe?”

Dylan não conseguia imaginar que as luvas fizessem parte do equipamento normal da sala, o que o fez se perguntar com que frequência o Dr. Schaffer fazia isso.

Ele olhou para baixo, e a visão das grandes mãos do Dr. Schaffer envoltas em couro lhe causou uma sensação estranha. Ignorou resolutamente os estribos de cada lado das pernas.

"E então? Gostou do visual?", perguntou o Dr. Schaffer, abrindo bem os dedos e mostrando-os para Dylan examinar.

Dylan levou alguns segundos constrangedores para perceber que queria uma resposta.

“Você está bonito”, disse ele. O elogio era sincero, mas Dylan logo percebeu que não era exatamente o que o Dr. Schaffer queria dizer. Ele tentou encontrar outra coisa para dizer. “Muito atraente. Seus músculos são bem grandes, e eu gosto do seu rosto.”

Assim que ele parou de falar, Dylan desejou que a terra se abrisse e o engolisse por inteiro.

Gostei do seu rosto? O que havia *de errado* com ele?

O sorriso do Dr. Schaffer passou de arrogante e um tanto agressivo para afetuoso. "Obrigado, Dylan. Eu também gosto do seu rosto. Agora incline-se para trás para que eu possa conectá-lo à máquina de lavagem intestinal e limpar seu intestino."

Dylan soltou uma risada surpresa, mas quando o Dr. Schaffer apenas ergueu uma sobrancelha, percebeu que ele estava falando sério.

"Aconteceu alguma coisa estranha?", perguntou o Dr. Schaffer, trazendo um aparelho grande do canto da sala. Era cinza, com vários mostradores e botões esquisitos, e tinha um tubo de borracha resistente saindo da lateral, conectando-o à parede.

“Eu…” Dylan pigarreou e encarou a máquina, sem saber o que dizer. Finalmente, decidiu fazer uma pergunta. “Isso não é um pouco demais?”

O Dr. Schaffer deu uma risadinha, um som grave e profundo vindo do fundo do seu peito. Ele caminhou até a cadeira, puxando o aparelho de lavagem intestinal consigo, e parou entre as pernas de Dylan.

“Isto é apenas o começo. Vou me divertir *com* você.”

Dylan não conseguia respirar. O corpo do Dr. Schaffer estava tão perto que ele podia sentir o calor emanando do peito como algo físico contra seu rosto, sua presença imponente e intensa.

“Não tenho certeza se eu-”

“Eu vou cuidar bem de você. Agora levante as pernas.”

O Dr. Schaffer estendeu as mãos, o couro esticado sobre seus longos dedos, e depois de um segundo Dylan percebeu que deveria levantar as pernas e deixar o médico segurá-lo pelos tornozelos.

Se não estivesse tão excitado, Dylan teria protestado e feito mais perguntas, mas, em vez disso, obedientemente recostou-se e levantou os pés.

“Bom garoto”, murmurou o Dr. Schaffer, com a voz rouca e arrastada. Ele segurou os tornozelos de Dylan e colocou suas pernas nos estribos. “Vou fazer você se sentir tão bem. Não se preocupe com nada.”

Dylan nunca se sentira tão exposto ou excitado.

O Dr. Schaffer levantou e afastou os estribos, fazendo Dylan gritar de surpresa. Suas pernas agora estavam sobre o corpo e bem abertas.

Seu volume na cueca e suas nádegas estavam totalmente à mostra.

"Você pode abrir mais do que isso", rosnou o Dr. Schaffer, empurrando os estribos ainda mais para os lados e forçando os músculos da parte interna das coxas de Dylan a se esticarem.

Ainda bem que Dylan era flexível.

“Parece certo”, disse o médico, passando suas mãos grandes pela parte interna das coxas de Dylan e apertando-as. Seus polegares se aproximaram, encontrando o períneo de Dylan e massageando-o por cima da cueca. “Mal posso esperar para te foder.”

Dylan teve que fechar os olhos, porque se continuasse olhando para o espécime perfeito de masculinidade à sua frente enquanto dizia coisas daquele tipo, ele iria explodir.

“Mas primeiro, vamos garantir que você não se mexa muito enquanto a máquina de lavagem intestinal estiver funcionando.”

O Dr. Schaffer voltou para o armário do outro lado da sala, os músculos de suas costas largas se contraindo enquanto ele se esticava para procurar algo lá dentro. Ele voltou com vários rolos de bandagens autoadesivas, cuja marca Dylan reconheceu de alguns anos atrás, quando torceu o tornozelo.

“Isso deve resolver o problema”, disse o Dr. Schaffer, pegando um dos rolos e enrolando-o na perna de Dylan e no estribo acolchoado. Ele já tinha usado todo o rolo e passado para o outro tornozelo de Dylan antes mesmo de perceber que

ele estava sendo amarrado.

Uma pontada de inquietação surgiu em seu estômago, mas quando seus dois tornozelos foram presos, ele sentiu que era tarde demais para dizer qualquer coisa.

De qualquer forma, o Dr. Schaffer era muito maior e mais forte do que ele. Não era como se ele estivesse mais vulnerável amarrado do que solto. Se o médico quisesse machucá-lo, não havia nada que Dylan pudesse fazer para impedi-lo.

O fato de Dylan também achar a ideia de se sentir preso excitante era algo que ele ainda não estava pronto para admitir para si mesmo.

Quando o Dr. Schaffer pegou um terceiro rolo e segurou o pulso dele, porém, sentiu que precisava se pronunciar.

“Isso é realmente necessário?”

A voz de Dylan saiu trêmula, e ele conseguia ouvir o som do seu pulso ecoando alto em seus ouvidos.

Ele pode estar um pouco mais assustado do que imaginava.

“Você não quer ser amarrado?”

O Dr. Schaffer fez uma pausa, ainda segurando o pulso de Dylan com uma firmeza frouxa. Ele parecia confuso, mas não irritado, e Dylan ficou perplexo. Amarrar um ao outro era tão normal agora que não fazer isso era considerado estranho? De jeito nenhum. Dylan teria ouvido falar disso, mesmo com tão pouco sexo que vinha tendo.

"Quer dizer, você poderia perguntar antes de fazer isso", disse Dylan, forçando-se a expressar seu desconforto.

Ele ainda queria muito transar, mas sentia que já tinham ido longe demais na parte funda da piscina da perversão.

"Tem certeza?" O Dr. Schaffer mordeu o lábio, com os olhos marejados. "Você não quer que eu assuma o controle e faça o que quiser com você?"

Havia algo estranho na maneira como ele disse aquilo, mas Dylan não sabia porquê. Era como se ele esperasse que as palavras significassem mais para Dylan do que realmente significavam.

"Talvez?", respondeu Dylan, hesitante. "Mas alguma comunicação também seria boa."

O Dr. Schaffer soltou a bandagem e acariciou a bochecha de Dylan, passando o polegar enluvado em couro sobre o contorno da boca dele com um gesto delicado.

“Eu sei me comunicar.” Ele deslizou o polegar pela parte interna do lábio de Dylan, pressionando contra seus dentes e fazendo-o sentir o gosto de couro. “É o seguinte: eu te amarro com isso—” ele acenou com a cabeça para a bandagem autoadesiva que repousava no colo de Dylan, “—e então te conecto à máquina de lavagem intestinal. Enquanto ela estiver funcionando, inclinamos a cadeira para trás e eu te dou meu pau. Depois, quando você estiver bem limpinho por dentro, eu alargo seu buraco com meus dedos e te fodo. Depois disso, se você for um bom menino, eu deixo você gozar antes de te colocar em uma gaiola de castidade para que você fique bem excitado para a sua próxima consulta. Parece bom?”

Dylan olhou fixamente para o sorriso malicioso no rosto do Dr. Schaffer,

prendendo a respiração enquanto seu pênis se contraía e liberava mais um fio de líquido pré-ejaculatório.

As palavras " *gaiola de castidade"* ecoavam em seus ouvidos.

Ele deveria dizer não e ir embora. Dylan sabia que estava se metendo em algo maior do que podia lidar – que o Dr. Schaffer era um pervertido de maneiras para as quais ele não estava preparado – mas, apesar disso, não conseguia se obrigar a dizer as palavras para fazer o médico parar.

O pau dele não deixava.

Com a respiração um pouco trêmula, Dylan engoliu em seco e assentiu com a cabeça. "Parece bom."

Sua voz estava trêmula.

O sorriso do Dr. Schaffer tornou-se francamente maligno. "Bom garoto. Agora vamos terminar de amarrá-lo para que eu possa conectá-lo à máquina."

Dylan permaneceu imóvel enquanto o Dr. Schaffer usava as bandagens para prender seus pulsos aos braços da cadeira.

"Você já fez uma lavagem intestinal?", perguntou o Dr. Schaffer, caminhando até o armário ao lado da pia. Ele pegou uma mangueira enrolada, lacrada em plástico, e a levou até a máquina.

Dylan balançou a cabeça, observando o Dr. Schaffer lutar por um segundo para rasgar o plástico com os dedos enluvados.

“Acho que você vai gostar”, disse o Dr. Schaffer, finalmente abrindo a embalagem. Ele retirou um tubo de plástico grosso e o conectou à máquina de lavagem intestinal, antes de retirar outro tubo menor da mesma embalagem e conectá-lo logo abaixo do primeiro.

A embalagem plástica ainda não estava vazia. Havia uma coisa fina, parecida com um cone, lá dentro, que Dylan tinha quase certeza de que ia entrar no seu ânus.

“Droga, esqueci o lubrificante. Só um minuto.” O Dr. Schaffer enfiou a mão na embalagem e colocou o bico em forma de cone no colo de Dylan, jogando a embalagem vazia no lixo. Ele sorriu e beliscou o mamilo de Dylan. “Já volto.”

O Dr. Schaffer saiu da sala às pressas, deixando Dylan sentado na cadeira acolchoada com as pernas abertas no ar, sem conseguir se mexer.

No silêncio repentino, Dylan ficou se perguntando o que diabos estava fazendo. Ele puxou as amarras, tentando mover os braços e as pernas, mas estava completamente preso.

Ele não conseguiria sair da cadeira até que o Dr. Schaffer o deixasse.

“E voltei.” O Dr. Schaffer entrou no quarto sem cerimônia, fechando a porta com um chute e erguendo o frasco de lubrificante que estava em seu consultório. Ele caminhou até o espaço entre as pernas de Dylan, colocou a mão em seu ombro e se inclinou até que estivessem frente a frente. “Sentiu minha falta?”

Dylan umedeceu os lábios, extremamente consciente da covinha no queixo do Dr. Schaffer e da curvatura torta do seu nariz.

"Talvez?", disse ele, constrangido.

“Posso te beijar?”

O coração de Dylan disparou, batendo forte no peito. Ele assentiu com a cabeça.

“Bom garoto.”

Sentindo-se como se estivesse em um sonho, Dylan permaneceu imóvel enquanto o Dr. Schaffer diminuía a distância entre eles e pressionava seus lábios contra os seus.

Foi um toque suave, quase imperceptível, que fez Dylan estremecer e se arrepiar. Ele gemeu, entreabrindo os lábios e desejando mais.

O Dr. Schaffer soltou uma risadinha. Ele esfregou o queixo na mandíbula de Dylan, passando a barba por fazer sobre a pele lisa de Dylan, e então o agarrou pelos cabelos e puxou sua cabeça para trás.

"Ganancioso", resmungou ele, enfiando a língua na boca de Dylan, lambendo-o com uma lambida agressiva e assumindo o controle.

Foi um beijo diferente de qualquer outro que Dylan já tivesse recebido. O Dr. Schaffer rosnou em sua boca, lambendo e mordendo, sua barba por fazer roçando nos lábios e bochechas de Dylan, deixando sua pele em carne viva.

Foi fantástico.

"Abra a boca", rosnou o Dr. Schaffer, erguendo a cabeça e encarando Dylan como se ele fosse seu dono.

Sua expressão era severa. Exigente.

Dylan entreabriu os lábios, o corpo do Dr. Schaffer preenchendo todo o seu campo de visão, as amarras em seus pulsos e tornozelos parecendo ser a única coisa que o impedia de flutuar para longe.

O Dr. Schaffer sorriu, e Dylan ficou chocado quando o homem musculoso enfiou um pedaço de saliva direto na sua boca. Antes que pudesse processar o que acabara de acontecer, o Dr. Schaffer juntou seus lábios aos dele novamente, lambendo a boca de Dylan e praticamente o fazendo engasgar com a própria língua.

“Puta merda, você é lindo”, rosnou o Dr. Schaffer com uma risada convencida, levantando-se e limpando a boca com as costas da mão. Dylan olhou para ele com os olhos arregalados, a respiração curta e ofegante, em choque. O médico passou a mão pelos cabelos, afastando-os do rosto. “Caramba. Você tem noção de como está bonito?”

Dylan não respondeu.

“Muito bem, vamos te limpar.” O Dr. Schaffer pegou o bico que estava no colo de Dylan. Ele pegou o lubrificante e espalhou uma quantidade generosa por todo o plástico branco, sem se importar que estivesse sujando a luva. “É um sistema fechado e autorregulado. A água entra pela mangueirinha, e a mangueira maior a suga, e o processo se repete até você estar limpo. Você pode sentir um pouco de pressão e cólicas, mas isso é normal. Está pronto?”

Dylan esperou um instante antes de assentir. Ele ainda estava atordoado pela língua do Dr. Schaffer invadindo sua boca, lambendo seus dentes e fazendo sua língua se submeter, e seus lábios formigavam onde o médico havia esfregado sua barba por fazer neles.

"Bom garoto." O Dr. Schaffer abaixou a cueca de Dylan o suficiente para expor sua bunda e, sem qualquer preâmbulo, enfiou o bico do lubrificante dentro dele.

Dylan instintivamente tentou se desvencilhar, grunhindo com a invasão repentina, mas como estava amarrado, não tinha para onde ir.

"Apertado", comentou o Dr. Schaffer, empurrando o bocal ainda mais para

dentro. Dylan soltou um gemido, seus músculos anais protestando contra o alongamento, mas então a circunferência do bocal se estreitou e o orifício de Dylan se fechou com força. O Dr. Schaffer sorriu. "Vou ter trabalho para te dilatar. Meu pênis é muito maior que o espéculo."

Ele apalpou a virilha, e os olhos de Dylan se arregalaram ao ver o volume. Seu pênis estava pressionado ao longo da coxa – grosso e saliente – a glande claramente visível sob o tecido esticado.

Agora era muito maior do que antes, tanto em comprimento quanto em grossura, e o tamanho fazia Dylan se sentir muito inadequado. Sua própria ereção, cujo tamanho era bem óbvio devido ao volume em sua cueca boxer, não era nem de perto tão grande.

"Pronto?" perguntou o Dr. Schaffer, conectando os dois tubos de plástico ao bocal inserido no ânus de Dylan. Ele caminhou até a máquina e mexeu nos botões antes de deixar o dedo repousar sobre um interruptor verde.

Dylan assentiu com a cabeça e o Dr. Schaffer acionou o interruptor. Um jato de água morna invadiu o reto de Dylan, preenchendo-o como um balão d'água.

"Como se sente?", perguntou o Dr. Schaffer, contornando a cadeira e parando atrás dele. Dylan podia senti-lo pairando sobre suas costas, mas estava tão absorto na máquina que o enchia de água que não se virou para olhar.

"Que estranho", disse ele depois de um momento, com a água fluindo e dando-lhe uma sensação de plenitude. "Como se eu precisasse ir."

O Dr. Schaffer riu. "Segure bem. Se você fizer bagunça neste consultório, não ficarei nada contente."

Dylan engoliu em seco, o tom de advertência na voz do Dr. Schaffer atingindo-o em cheio. Algo na natureza brincalhona da ameaça simplesmente o afetou.

Hoje ele estava fazendo todo tipo de descobertas sobre si mesmo.

“Vamos tirar isso do caminho.” O Dr. Schaffer agarrou o encosto de cabeça atrás da cabeça de Dylan e o puxou para cima, removendo-o completamente da cadeira. Dylan inclinou-se para trás, olhando para o rosto sorridente do Dr. Schaffer.

“Olá. Agora, espere um pouco.”

Antes que Dylan pudesse perguntar exatamente em que deveria se segurar, ele se viu caindo para trás quando o Dr. Schaffer abaixou o encosto da cadeira até que ficasse na horizontal em relação ao chão.

Com o encosto de cabeça removido, a cabeça de Dylan pendia para fora da cadeira, seu rosto encostado na protuberância do Dr. Schaffer. Ele olhava fixamente, sentindo-se como se estivesse em um sonho. A protuberância estava tão perto que, se Dylan levantasse o pescoço, poderia pressionar o rosto contra ela.

O Dr. Schaffer poupou-lhe o trabalho. Desabotoou o cinto — arrancando-o e deixando-o cair no chão — e abriu as calças. Em seguida, enfiou a grande mão revestida de couro na frente do terno e puxou o pênis para fora.

Era *enorme* .

Com veias salientes e grosso, e uma glande lindíssima e bulbosa, o membro pulsante pairava sobre o rosto de Dylan e preenchia sua visão.

O ânus de Dylan se contraiu em torno do bocal da máquina de lavagem

intestinal só de pensar em algo assim tentando entrar nele.

Tinha que ter pelo menos nove polegadas.

"Ah, sim, você gosta disso", rosnou o Dr. Schaffer, agarrando o pênis pela base e batendo-o com força no rosto virado para cima de Dylan. "Meu pênis também gosta."

O membro grosso estava escaldantemente quente contra a bochecha de Dylan, e enquanto o Dr. Schaffer começava a esfregá-lo contra seu nariz e boca, Dylan se esqueceu completamente da água que jorrava em seus intestinos.

"Abra a boca", ordenou o Dr. Schaffer, passando a ponta úmida de seu pênis sobre a boca de Dylan. Ele empurrou a cabeça de Dylan para baixo, agarrando-o e manipulando-o, colocando-o na posição perfeita para ter sua garganta fodida.

Dylan não chegou a abrir a boca, a posição forçou sua mandíbula a se abrir.

“Bom garoto”, rosnou o Dr. Schaffer, enfiando a língua na boca dele. Agarrou-o pela garganta. “Cuidado com os dentes.”

Dylan engasgou, o pênis era muito maior do que qualquer coisa que ele já tivesse engolido, mas o Dr. Schaffer o segurou. Baba escorria do canto da sua boca, descendo pelo queixo e entrando nos seus olhos, o pênis grosso preenchendo sua boca e forçando sua mandíbula a se esticar.

"Tem um gosto bom?", provocou o Dr. Schaffer, movimentando os quadris antes de esfregar a cabeça do seu pênis, que já estava lubrificado, na língua de Dylan.

Ele apertou a garganta de Dylan, o couro macio e aveludado de sua luva úmido contra a pele de Dylan.

Como não obteve resposta, o Dr. Schaffer tirou o pênis da boca de Dylan e o bateu com força no rosto dele. Doeu, como um tapa de verdade, mas antes que Dylan pudesse reclamar, o Dr. Schaffer empurrou o membro grosso de volta para dentro da boca dele, dessa vez penetrando mais fundo e fazendo-o engasgar ainda mais.

"Chupa essa", ordenou o Dr. Schaffer, com a voz adquirindo um tom rosnado intimidador.

Mesmo com a boca cheia demais para obedecer, Dylan se esforçou ao máximo. Ele fechou os lábios em torno da glande em forma de cogumelo do pênis do Dr. Schaffer, tomando cuidado com os dentes, e chupou.

O Dr. Schaffer soltou um suspiro de satisfação. "Isso mesmo. Use sua língua no meu pau."

Dylan fechou os olhos, traçando o contorno da grande veia na parte inferior do pênis do Dr. Schaffer. Ele podia sentir o formato na sua língua, o gosto salgado e limpo do membro do Dr. Schaffer preenchendo sua boca, sua mandíbula se esforçando para acomodar o membro grosso.

Foi uma sensação incrível.

"Que provocação!", disse o Dr. Schaffer, rindo, inclinando-se para a frente e colocando a mão no peito de Dylan. Ele moveu o pênis um pouco mais para dentro, testando a resistência, e se aproximou ainda mais, de modo que suas coxas, cobertas pelo terno, envolveram a cabeça de Dylan.

Dylan podia sentir a força das coxas musculosas do Dr. Schaffer contra suas orelhas, envoltas em lã macia, enquanto os galhos grossos como troncos de árvore prendiam sua cabeça, e o médico lentamente lhe dava seu pênis.

Dylan engasgou e tentou se desvencilhar.

"Deixe acontecer", murmurou o Dr. Schaffer, empurrando seu pênis garganta abaixo, centímetro por centímetro. Ele apertou a sua maçã de Adão, mantendo Dylan no lugar.

Dylan engasgou e sufocou, mas não havia como escapar do pênis do Dr. Schaffer. Baba e saliva escorriam pelos olhos de Dylan, sua garganta se contraía, mas ele não podia fazer nada além de aguentar.

Uma calma suave se instalou na mente de Dylan, a sensação como um cobertor quente de submissão o envolvendo e fazendo-o se sentir bem. Ele relaxou, conseguindo parar de engasgar e aceitar a intrusão em seu esôfago.

O médico não parou até que seu pênis estivesse enfiado até o fundo, com seus grandes testículos pendurados e repousando sobre o nariz e os olhos de Dylan.

O Dr. Schaffer gemeu de prazer e permaneceu imóvel, deixando que as convulsões na garganta de Dylan estimulassem seu pênis.

Ele permaneceu assim até que Dylan viu estrelas dançando diante de seus olhos.

“Olha só para os seus mamilos”, murmurou o Dr. Schaffer, passando a mão pelo peito de Dylan, seus dedos grandes procurando um dos mamilos e beliscando-o delicadamente. “Ficariam ótimos com piercings – aí eu teria algo para puxar quando te foder.”

Dylan não estava prestando atenção. Seus pulmões ardiam, e cada movimento do pênis do Dr. Schaffer o fazia sentir como se fosse começar a engasgar de novo, mas a sensação leve e suave de alguma forma fazia com que parecesse bom.

Mesmo assim, ele sentia que ia desmaiar.

“Podemos falar sobre isso depois”, disse o Dr. Schaffer. Ele soltou o mamilo de Dylan. “Vou foder sua garganta agora. Mantenha a boca aberta.”

O Dr. Schaffer se afastou, finalmente permitindo que Dylan recuperasse o fôlego, e mudou de posição. Ele apoiou parte do seu peso no peito de Dylan, pressionando seus pulmões, e então impulsionou os quadris para a frente.

Dylan engasgou quando o grosso pênis forçou sua entrada pela garganta.

Ele puxou os braços amarrados, tentando chutar, sentindo-se preso e encurralado. Era assustador, mas também uma das melhores sensações que já havia experimentado.

"Lambe meus testículos", rosnou o Dr. Schaffer, puxando o pênis da boca de Dylan e sentando-se sobre seu rosto. Seu períneo roçou a testa de Dylan, seus testículos pesados rolando para os lados da ponte do nariz.

Ele cheirava a homem, e Dylan estava tão excitado que não se sentiu constrangido com a maneira como cheirava e lambia o saco do Dr. Schaffer.

"Com certeza", grunhiu o Dr. Schaffer, pressionando seu pênis contra a garganta de Dylan enquanto o estimulava com um "tea bag". "Lambe meus testículos. Coloque-os na sua boca."

Dylan tentou obedecer, mas com a cabeça inclinada para trás, não conseguiu passar as bolas grandes pelos lábios. Em vez disso, continuou lambendo, tentando ignorar a pressão agora desconfortável em seus intestinos.

O Dr. Schaffer recuou e se agachou, seus olhos brilhantes de repente fitando

os de Dylan. A agressividade de antes havia praticamente desaparecido, dando lugar a uma alegria contagiante. A pausa era mais do que bem-vinda.

"Como vai?"

Dylan levou um minuto para recuperar o fôlego, mas depois sorriu.

"Estou bem." Ele deu uma risadinha. "Seu pau é enorme!"

O Dr. Schaffer deu um sorriso presunçoso, com uma expressão arrogante. "É, mas você engoliu tudo." Ele limpou uma gota de líquido pré-ejaculatório da sua fenda e a espalhou nos lábios de Dylan. "A máquina está quase terminando de te encher. Acha que aguenta mais uma rodada de sexo oral enquanto ela te esvazia?"

Ele acariciou a bochecha de Dylan, e Dylan se aconchegou em seu toque, roçando o rosto no couro frio da luva. Havia baba e suor por todo o seu rosto, e Dylan se sentia a bagunça perfeita.

"Acho que sim", disse ele, com o gosto dos testículos do médico ainda na língua. "Pode beliscar meus mamilos mais um pouco?"

A pergunta escapou antes mesmo de Dylan perceber que queria fazê-la. O Dr. Schaffer sorriu, deslizando a mão até o mamilo de Dylan, beliscando e torcendo o pequeno botão entre o polegar e o indicador.

"Assim?"

Ele apertou com força e continuou rolando o mamilo de Dylan entre os dedos enluvados, a dor fazendo os dedos dos pés de Dylan se contraírem de prazer.

"É", Dylan ofegou, com o pau latejando entre as pernas. Se suas mãos não estivessem amarradas, ele estaria se masturbando como se sua vida dependesse disso. Inconscientemente, ele impulsionou os quadris, fazendo o Dr. Schaffer rir.

Você quer vir?

"Por favor", implorou Dylan, com o pênis pulsando no ritmo do seu coração.

O Dr. Schaffer deu um último beliscão no mamilo e se levantou. Ele bateu com o pênis no rosto de Dylan, arrastando a glande pela baba e pelo líquido pré-ejaculatório no canto da boca e descendo pelo queixo.

“Você pode gozar quando eu te foder. Agora abra a garganta e mostre a língua.”

Dylan obedeceu, e desta vez, quando o Dr. Schaffer enfiou o pênis na garganta dele, conseguiu controlar o engasgo – pelo menos por um tempo. Quando o médico o agarrou pelo pescoço e começou a penetrá-lo oralmente – usando toda a força dos quadris a cada estocada – Dylan fez tudo o que pôde para se manter firme durante a penetração.

Ele mal percebeu a máquina mudando de marcha e começando a sugar o líquido do cólon dele.

"Caramba", disse o Dr. Schaffer, rindo, tirando o pênis da boca de Dylan e dando um pulo para trás. "Quase gozei. Nossa, que delícia." Ele se agachou novamente e beijou Dylan de cabeça para baixo, no estilo Homem-Aranha.

Depois do que pareceu uma eternidade de beijos apaixonados, o Dr. Schaffer se afastou e se ergueu novamente. Passou os dedos pelo pescoço de Dylan, sorrindo maliciosamente, deslizando-os até a curva entre as clavículas e percorrendo toda a extensão de seu abdômen. Contornou a cadeira e se posicionou entre as pernas abertas de Dylan.

"Sem vazamentos", comentou ele, puxando o bico que sugava de suas entranhas algo que Dylan preferia não imaginar. "Bom garoto."

Dylan corou, deixando a cabeça cair para trás para não ter que olhar para o médico enquanto estava deitado ali, desarrumado e nu.

“Acho que você não precisa disso.”

O Dr. Schaffer agarrou a cueca que ainda cobria o pênis de Dylan e a rasgou, expondo o pênis e os testículos de Dylan ao ar do escritório. Ele continuou rasgando, os músculos de seus braços se contraindo enquanto o cós da cueca de Dylan resistia ao estiramento, mas depois de alguns segundos o algodão cedeu e a cueca de Dylan se soltou.

A demonstração de força foi incrivelmente sexy.

“Paguei cinco dólares por eles.”

Dylan encarou sua cueca destruída, sem entender por que estava reclamando. Aquela era uma de suas favoritas, mas ele deixaria o Dr. Schaffer rasgar todas as suas cuecas se ele ficasse daquele jeito enquanto fazia isso.

“Eles estavam me atrapalhando.” O Dr. Schaffer colocou as mãos na parte interna das coxas de Dylan, emoldurando seu pênis. Ele se inclinou e roçou o nariz em seus testículos. “Vou comprar outros para você.”

Em seguida, o Dr. Schaffer o distraiu beliscando a ponta do seu pênis entre o polegar e o indicador e acariciando a sua vulva com a ponta do polegar enluvado.

A sensação foi intensa. Seus testículos se contraíram, e enquanto o Dr. Schaffer continuava a massagear, seu pênis estava a segundos de ejacular.

"Ainda não", resmungou o Dr. Schaffer, soltando o pênis de Dylan pouco antes de ele chegar ao clímax. Ele se levantou e se virou para a máquina, ajustando um botão e aumentando a sucção no ânus de Dylan.

Ele conseguia sentir a água sendo drenada dele, e era uma das sensações mais estranhas que já havia sentido.

“Quase pronto.” O Dr. Schaffer girou o bico, fazendo Dylan grunhir com a sensação de sucção em seu interior. “Você estava bem limpo por dentro. Acho que uma lavagem retal rápida e você estará pronto para ser fodido.”

A máquina desligou abruptamente, deixando Dylan com uma estranha sensação de vazio, antes que nova água jorrasse dentro dele.

O fluxo parou quase tão rápido quanto começou, e a sucção retornou. O processo se repetiu mais uma vez, após o que o Dr. Schaffer retirou o bocal do ânus dele e o secou com uma toalha de papel macia.

"Limpo e agradável", comentou ele, passando o dedo sobre o orifício de Dylan. Lambeu os lábios. "É tão apertado e bonito." Seu sorriso tornou-se malicioso. "Mal posso esperar para te ver dolorido e escancarado."

Dylan engoliu em seco, observando com os olhos arregalados enquanto o Dr. Schaffer se agachava novamente entre suas pernas.

"Olá", murmurou o médico, acariciando o orifício de Dylan antes de se inclinar e lamber a abertura com a língua.

Faíscas percorreram a espinha de Dylan, um prazer elétrico dançando por todo o seu corpo enquanto o Dr. Schaffer agarrava sua bunda com as duas mãos e lambia seu orifício com lambidas ávidas.

Ele rosnava e bufava, apertando as bochechas de Dylan com tanta força que

poderia deixá-las roxas.

Dylan sentia que estava se desfazendo.

Dois dedos envoltos em couro liso penetraram seu orifício, e Dylan soltou um grunhido como se tivesse levado um soco. Os dedos do Dr. Schaffer eram grossos e compridos, a luva de couro aumentando ainda mais a grossura, e o orifício de Dylan ardeu com o alongamento.

Ele cerrou os dentes e gemeu enquanto o Dr. Schaffer enfiava e tirava seus dedos grandes de seu ânus. O médico se inclinou e lambeu o ânus de Dylan enquanto o penetrava com os dedos, emitindo sons absolutamente obscenos enquanto babava por todo o orifício de Dylan, o alongamento aumentando à medida que o Dr. Schaffer começava a mover os dedos em tesoura, abrindo ainda mais Dylan.

O Dr. Schaffer recostou-se, emitindo um som gutural antes de cuspir no orifício de Dylan e acrescentar um terceiro dedo.

A ardência estava deliciosa.

"Gostou disso?", rosnou o Dr. Schaffer, localizando a próstata de Dylan e pressionando o dedo indicador contra a glândula sensível. "Diga-me o quanto você gostou."

"Eu adoro", Dylan murmurou, sentindo os dedos do médico tocarem demais e de menos ao mesmo tempo. "Por favor..."

Dylan não sabia pelo que estava implorando.

“Você quer mais?”

O Dr. Schaffer parecia convencido. Ele tirou os dedos da bunda de Dylan, ergueu-se completamente, ficando de pé entre as pernas abertas de Dylan, e sorriu para ele.

"Bem?"

Dylan assentiu com a cabeça. "Mais, por favor."

O Dr. Schaffer tirou as luvas e as atirou no chão, o couro fazendo um som molhado ao atingir a madeira, e passou as mãos pelas coxas de Dylan.

“Eu posso fazer mais.”

Ele agarrou o próprio pênis pela base e o bateu com força contra o pênis já lubrificado de Dylan, seu membro grosso pressionando o menor de Dylan e o escondendo completamente. Levantou o pênis novamente e o bateu com força mais uma vez, atingindo os testículos de Dylan e fazendo-o estremecer com a dor repentina.

"Bonitinho."

O Dr. Schaffer colocou o pênis sobre a barriga de Dylan e o pressionou com a palma da mão, inclinando-se para a frente e pairando sobre ele. Seu sorriso era puro sorriso. "Veja o quão fundo eu vou penetrar."

A cabeça do seu pênis repousava bem em cima do umbigo de Dylan, enorme e assustadora sobre a superfície lisa do estômago de Dylan.

Dylan ficou sem palavras.

"Abra para mim", rosnou o Dr. Schaffer, deslizando os quadris para trás e arrastando a ponta do seu pênis entre as pernas de Dylan. Ele deixou a glande bulbosa repousar contra a entrada de Dylan, roçando a borda úmida, o líquido pré-ejaculatório escorrendo do seu pênis pela fenda de Dylan.

Para alívio de Dylan, o Dr. Schaffer pegou o lubrificante e despejou o que

parecia ser metade do frasco em seu pênis antes que ele começasse a fazer força.

Ele parou exatamente quando o anel anal de Dylan estava prestes a ceder.

"Pronto?", perguntou ele, esperando até que Dylan fizesse contato visual e assentisse com a cabeça antes de enfiar o pênis para frente.

Dylan se enrijeceu e gritou, a dor aguda e penetrante, seu orifício parecia estar em chamas. A cabeça do pênis do Dr. Schaffer era muito mais larga que três dedos, e doía.

O Dr. Schaffer pressionou-o com uma força implacável, impiedosa e constante, sem lhe dar sequer um momento para relaxar e se acostumar com o alongamento.

"Porra!" Dylan gemeu, sentindo como se estivesse sendo partido ao meio.

“Bom garoto”, murmurou o Dr. Schaffer, acariciando o peito de Dylan e inclinando-se para beijá-lo. Ele não parou até estar completamente dentro dele. “Eu sabia que você aguentaria.”

Dylan abriu a boca e deixou a língua do Dr. Schaffer invadir sua boca com agressividade, sentindo-se deliciosamente cheio e conquistado.

O médico ergueu a cabeça, com um brilho selvagem nos olhos. "Posso te foder?"

Ele tremia, com gotas de suor na testa, e Dylan só conseguiu acenar timidamente em resposta. O Dr. Schaffer parecia mais uma fera enfurecida do que um homem, e o sorriso que se abriu em seu rosto ao aceno de Dylan era absolutamente aterrador.

Ele se inclinou ainda mais para trás, endireitando-se e agarrando Dylan pelos quadris, e com um movimento de quadril puxou seu pênis para fora do orifício de Dylan e o enfiou de volta com um grunhido.

Dylan lutava para manter a cabeça erguida, enquanto a força da estocada do Dr. Schaffer sacudia todo o seu corpo e atingia sua próstata no ângulo exato.

Ele apertou com força, uma resposta instintiva, espremendo o grosso membro dentro de si e fazendo o Dr. Schaffer grunhir e penetrá-lo com mais intensidade.

A partir daquele momento, Dylan perdeu a noção de tudo, exceto da sensação de seu orifício sendo arrombado pela grossura descomunal do pênis monstruoso do Dr. Schaffer. Ele deixou a cabeça pender para fora da cadeira, distraído demais para se concentrar em mantê-la erguida, sentindo seu corpo como um boneco de pano à mercê do Dr. Schaffer.

Foi de longe a coisa mais excitante que Dylan já tinha experimentado. Apesar da dor – cada estocada fazia seu anel anal parecer estar em chamas – ele não queria que acabasse nunca.

Após alguns minutos, o orifício de Dylan relaxou e a dor diminuiu um pouco.

O Dr. Schaffer mudou a posição do seu pênis, curvando o corpo para a frente enquanto as estocadas se tornavam mais curtas e erráticas. Ele angulou o pênis de forma a atingir a próstata de Dylan, cada estocada roçando a glândula sensível, levando-o cada vez mais alto numa nuvem de endorfinas que Dylan desejava poder continuar a desfrutar para sempre.

Mais uma mudança, e de repente o Dr. Schaffer estava acertando em cheio aquele ponto dentro dele, de um jeito que Dylan sentiu como se estivesse tendo

uma experiência religiosa.

Dylan estava chegando ao clímax antes mesmo de perceber o que estava acontecendo. Ele apertou com força, espremendo o pênis do Dr. Schaffer, seus testículos se contraindo enquanto o sêmen jorrava de seu pênis.

Ele continuou ejaculando, encharcando seu abdômen e peito com esperma, cada jato fazendo-o apertar o pênis do Dr. Schaffer com mais força do que antes.

Ele sentia como se estivesse flutuando.

Um rosnado e múltiplos pontos de pressão com pontas afiadas em suas coxas fizeram Dylan levantar a cabeça, confuso. Ele ainda estava gozando, o pênis do Dr. Schaffer o preenchendo perfeitamente, e levou um segundo para que ele entendesse o que estava vendo.

Os dentes do Dr. Schaffer eram todos estranhos. Seus lábios estavam retraídos, dando a Dylan uma excelente visão de sua boca, e seus caninos pareciam os de um lobo rosnando.

Ele quase parecia um lobisomem.

O pensamento ficou martelando na cabeça de Dylan. Ele olhou para baixo, o coração disparado ao ver as garras afiadas cravando em suas coxas. Olhou para cima novamente, observando o brilho da luz refletido nos caninos afiados do doutor, e, através de sua mente embriagada de sêmen, começou a perceber lentamente que o Dr. Schaffer não apenas parecia um lobisomem.

Ele *era* um lobisomem.

Só que não podia ser, porque Dylan saberia. Os lobisomens eram mais altos e musculosos do que as pessoas normais e, por algum motivo, todos pareciam modelos masculinos.

Dylan piscou, percebendo que todas aquelas coisas descreviam perfeitamente o Dr. Schaffer.

"Posso te amarrar?" O Dr. Schaffer grunhiu, soltando as coxas de Dylan e caindo sobre ele. Ele roçou o nariz na garganta de Dylan, seus dentes afiados arranhando a pele dele. "Por favor? Eu não pensei que faria isso, mas você cheira tão bem, e eu só quero... por favor?"

"Certo", murmurou Dylan, sentindo como se estivesse se observando de cima.

Ele estava sendo fodido por um lobisomem. Não importava como tentasse encarar a situação, ele simplesmente não conseguia entender.

Um lobisomem queria *atacá* -lo.

O Dr. Schaffer soltou um gemido, e antes que Dylan pudesse reavaliar sua decisão pouco ponderada de se deixar amarrar, o Dr. Schaffer estava impulsionando seus quadris como uma britadeira e ejaculando dentro dele com um rugido animalesco.

"Você é tão gostoso", grunhiu o Dr. Schaffer, diminuindo o ritmo dos seus quadris enquanto o nó começava a inchar na base do seu pênis. Ele ainda acariciava o pescoço de Dylan, lambendo e mordendo-o com força suficiente para deixar hematomas.

Dylan fez uma careta, seu orifício protestando contra a grossura adicional enquanto o Dr. Schaffer penetrava e retirava seu nó inchado. Ele repetiu o movimento algumas vezes antes de se acomodar completamente, rindo no pescoço de Dylan.

"Desculpe", murmurou o Dr. Schaffer, com a voz um tanto embriagada e feliz. "Não pensei que fosse te dar um nó." Ele passou o nariz pela linha do queixo de Dylan. "Tem certeza de que não tem problema?"

Dylan olhou para o lobisomem que o acariciava, seus ombros largos brilhando de suor e o rosto escondido em seu pescoço, e balançou levemente a cabeça.

“Está tudo bem.”

Estava tudo ótimo. O nó do Dr. Schaffer pressionava a próstata de Dylan, implacável e enorme, fazendo-o sentir como se fosse explodir.

O pênis de Dylan, que havia amolecido brevemente após sua ejaculação, agora estava duro como pedra. Apesar da confusão que sentia ao descobrir que o Dr. Schaffer era um lobisomem, seu corpo estava aproveitando a experiência.

"Você está um pouco pesado", murmurou Dylan depois de um tempo. O Dr. Schaffer estava apoiando todo o seu peso na frente de Dylan, e estava ficando difícil para ele respirar.

Ele também estava começando a ficar muito irritado por ter as mãos amarradas.

"Desculpe", murmurou o Dr. Schaffer, levantando a mão e enxugando o suor da testa com as costas da mão. Passou os dedos pelos cabelos, flexionando o bíceps e exibindo a axila, e sorriu. "Está tudo bem assim?"

Seus dentes pareciam humanos novamente, e por um segundo Dylan se perguntou se havia alucinado com toda aquela história de lobisomem. Não havia. As mãos do Dr. Schaffer ainda tinham garras nas pontas, e o nó, bem real, ainda estava obstruindo seu orifício.

"É uma sensação boa", disse Dylan, uma versão da verdade.

O Dr. Schaffer bufou, parecendo divertido e nada como se tivesse acabado de revelar que era um lobisomem.

Dylan deveria saber disso?

“Vai demorar um pouco até isso acabar. Gostaria que eu te desamarrasse e te deixasse um pouco mais confortável?”

Dylan assentiu com a cabeça.

Com um golpe de sua garra, o Dr. Schaffer cortou as bandagens em seus tornozelos, e Dylan se assustou com a facilidade com que ele cortou as várias camadas.

"Perspicaz", disse ele quando o Dr. Schaffer lhe lançou um olhar.

“Muito bem”, concordou o Dr. Schaffer. Ele repetiu o procedimento nas outras bandagens e, de repente, Dylan conseguiu mexer as mãos.

Ele estendeu a mão e tocou a garganta, as pontas dos dedos encontrando o ponto sensível onde a boca do Dr. Schaffer havia estado.

“Desculpe por isso. Não esperava ser tão afetada por você”, explicou a Dra. Schaffer, parecendo envergonhada. “Você se importa?”

Ele estendeu a mão como se fosse pegar Dylan pelos braços, parando com as mãos estendidas e esperando permissão para levantá-lo.

"Vá em frente", disse Dylan, sem ter certeza de qual era o plano.

O Dr. Schaffer o ergueu e, com uma demonstração de força que dissipou qualquer dúvida sobre sua condição de lobisomem, levantou Dylan e pressionou seus peitos um contra o outro.

O movimento fez o nó dentro do orifício de Dylan se deslocar, puxando sua borda e fazendo-o estremecer. Seu orifício não aguentaria muito mais abuso agora.

Dylan nem queria pensar em como se sentiria quando o efeito da endorfina terminasse.

“Vamos sentar”, disse o Dr. Schaffer. Ele caminhou até a parede e deslizou para baixo, com Dylan vindo junto e aterrissando em seu colo.

Com as coxas envoltas na cintura do médico e o rosto aninhado sob seu queixo, Dylan sobressaltou-se com o toque da mão do Dr. Schaffer em sua nuca. Envolveu os braços timidamente ao redor do torso do lobisomem, maravilhado com a largura do peito e o contraste entre a pele macia e os músculos definidos.

“Então, correspondi às suas expectativas?”, perguntou o Dr. Schaffer, passando o polegar pela lateral do pescoço. Parecia que ele já sabia a resposta.

O pau de Dylan se contraiu, preso contra as saliências rígidas do abdômen do Dr. Schaffer, e ele se perguntou que tipo de expectativas o médico achava que ele tinha. Havia muitas maneiras pelas quais Dylan havia imaginado sua consulta, mas terminar sentado no colo de um lobisomem com um nó dentro dele não era uma delas.

“O nó é uma surpresa.”

Dylan aninhou-se no peitoral do Dr. Schaffer, sentindo a respiração do lobisomem no topo de sua cabeça.

O Dr. Schaffer soltou uma risada abafada.

"Eu sei, e me desculpe. Eu normalmente não faço nós em humanos, senão teria conversado com você antes. É pedir demais?"

Dylan balançou a cabeça. De muitas maneiras, era demais – ele poderia honestamente estar obcecado por pênis – mas não havia dúvida de que ele estava se divertindo.

O Dr. Schaffer beijou o topo da cabeça dele. "Bom." Ele esfregou as costas de Dylan e acariciou a base do seu pênis, onde dilatava o orifício de Dylan. "Quer que eu te masturbe?"

Dylan deu uma risadinha, a pergunta o pegou de surpresa.

“Sim, por favor.”

O Dr. Schaffer enfiou a mão entre os corpos deles e encontrou o pênis de Dylan, sua mão grande envolvendo-o e apertando-o. Seu polegar deslizou sobre a vulva, e enquanto ele começava a mover a mão para cima e para baixo, Dylan sentiu-se despencando em direção ao orgasmo com a graça de um trem desgovernado.

Ele veio com um gemido, derramando-se na mão do Dr. Schaffer, seu orifício apertando o nó do médico e fazendo-o rosnar.

Acabou muito rápido.

"Não esperava que você apertasse assim", disse o Dr. Schaffer, levando a mão suja à boca e lambendo o sêmen de Dylan da palma da mão. Seus olhos estavam faiscando. "Eu deveria te fazer gozar de novo."

Dylan estremeceu. Ele estava no seu limite, e a cada segundo que passava, ficava mais e mais desconfortável.

"Mas eu não vou", admitiu o Dr. Schaffer, inclinando a cabeça de Dylan para trás e curvando seu pescoço para lhe dar um doce beijo.

Dylan conseguia sentir o próprio gosto na língua do médico. Enquanto se beijavam, Dylan sentia o nó dentro dele diminuir, dificultando a contenção da grande quantidade de sêmen que o médico havia ejaculado dentro dele.

"Está pronto para sair?" perguntou o Dr. Schaffer, segurando-o pelas axilas e empurrando-o para trás, de modo que não estivessem mais em contato pele a pele. Seus braços se flexionaram, os bíceps saltando, e Dylan teve uma súbita imagem mental de si mesmo aconchegando-se naquele músculo rígido e lambendo-o.

"Estou pronto", disse ele. Ele estava urinando abundantemente e, embora tentasse fechar o orifício com uma pinça, não conseguia fechá-lo completamente.

O Dr. Schaffer não estava brincando quando disse que o deixaria boquiaberto.

“Segure firme.” O Dr. Schaffer se levantou com graça e facilidade, apesar de Dylan estar sentado em seu colo, e tirou Dylan de cima do nó.

O sêmen jorrou pelas coxas de Dylan, seu orifício vibrando ao redor do espaço repentinamente vazio onde o pênis do Dr. Schaffer estivera.

“Deixe-me dar uma olhada”, disse o Dr. Schaffer, com as mãos ainda sob os braços de Dylan. Ele o levou até o banco junto à parede, longe da cadeira, e o levantou sobre a superfície acolchoada, deitando-o de bruços.

Dylan estremeceu quando o Dr. Schaffer agarrou suas bochechas, separando-as e olhando para o seu orifício.

“Posso tirar uma foto?”

Dylan ergueu os olhos por cima do ombro e viu o Dr. Schaffer examinando seu buraco como um pintor examinaria uma pintura da qual gostasse particularmente. O médico encontrou seu olhar. "Não mostrarei seu rosto."

"Acho que não teria problema", murmurou Dylan.

O Dr. Schaffer enfiou a mão no bolso, tirou o celular e inclinou os quadris para a frente, de modo que seu pênis, ainda ereto, ficasse encostado na bunda de Dylan. Ele roçou a glande na borda inchada do ânus de Dylan e tirou uma foto.

“Obrigado.” Ele guardou o celular de volta no bolso da calça. “Meu amigo vai ficar morrendo de inveja por ter perdido isso.”

Dylan não sabia por onde começar a reagir àquela declaração. Tudo nela – desde o fato de o Dr. Schaffer ter um parceiro até a ideia de que esse parceiro acharia atraente uma foto do cu aberto e fodido de Dylan – era simplesmente demais para processar.

Você está com frio?

A pergunta arrancou Dylan de seus pensamentos. Ele estava nu e, agora que o Dr. Schaffer havia mencionado isso, estava com um pouco de frio.

A pele de seus ombros e coxas estava arrepiada.

"Um pouco", murmurou ele.

“Você está todo suado, então não é de admirar. Deixe-me pegar um cobertor para você.”

O Dr. Schaffer guardou o pênis de volta na calça do terno — cuja parte da frente estava suja de esperma, resultado do vazamento que Dylan havia feito de seu orifício — e pegou um cobertor no armário do outro lado do quarto. Desdobrou-o e o colocou sobre o corpo de Dylan, acariciando seus ombros

através do algodão macio.

"Melhorar?"

Dylan assentiu com a cabeça. Ele se sentia sonolento e relaxado, e o calor do cobertor era agradável.

Seria mais agradável se o Dr. Schaffer se deitasse sobre ele – seu corpo volumoso o mantendo aquecido e pressionando-o – mas ele ficaria envergonhado demais para pedir algo assim.

O Dr. Schaffer se agachou até ficar na altura dos olhos de Dylan, com a mão pairando lentamente em seu ombro. Dylan encontrou seu olhar com um frio na barriga.

"Sim?", perguntou ele, curioso para saber o que o Dr. Schaffer estaria aprontando agora.

"Você gostaria de fazer isso de novo algum dia?", perguntou o Dr. Schaffer, com a voz esperançosa e o olhar expectante. "Não necessariamente aqui no consultório. Mas talvez num encontro de verdade? E eu poderia trazer o Ryker comigo dessa vez?"

“Ryker?”

O sorriso do Dr. Schaffer suavizou-se. "Meu companheiro."

Dylan piscou, a ideia de sair em um encontro com dois lobisomens – especialmente se esse tal de Ryker fosse parecido com o Dr. Schaffer – extremamente intimidante.

Ele superou o medo e as reservas. Acabara de ter o melhor e mais intenso encontro sexual da sua vida – superando tudo o que jamais imaginara experimentar – e passaria o resto da vida se arrependendo amargamente se dissesse não.

O Dr. Schaffer era como algo saído diretamente de um filme pornô, mas a cada passo do processo, ele perguntava a Dylan se ele estava confortável com o que estavam fazendo. Dylan não sentiu que seus limites haviam sido ultrapassados.

Esticada, talvez, mas não cruzada.

“Isso parece ótimo.”

O Dr. Schaffer sorriu e se inclinou para beijá-lo. "Maravilhoso." Ele se levantou, seu volume novamente bem no campo de visão de Dylan. "Você estava falando sério sobre a gaiola de castidade?"

Dylan desviou o olhar do volume na calça do Dr. Schaffer e olhou para o rosto dele. Franziu a testa, a mudança repentina de assunto causando-lhe um estalo. "O quê?"

"Você ainda quer isso?" O Dr. Schaffer lambeu os lábios, acariciando distraidamente o volume em sua calça. "No começo, eu não entendi muito bem o apelo, mas tenho que admitir que a ideia de você não poder se masturbar até a próxima vez que nos vermos é bem excitante."

Dylan olhou fixamente para ele. O Dr. Schaffer estava falando sobre a gaiola de castidade como se fosse algo que Dylan tivesse sugerido, mas isso era uma loucura.

Ele balançou a cabeça. "Não, acho que estou bem."

Dylan não diria que se sentiu incomodado com a ideia do Dr. Schaffer trancar seu pênis. Pelo contrário. Apenas pareceu um pouco extremo,

considerando que ele havia conhecido o homem pouco mais de uma hora antes.

A expressão do Dr. Schaffer se fechou. "Ah, tudo bem." Ele soltou o volume na calça e enfiou os polegares nos bolsos. "Quer levar com você, por precaução? Não vou usar."

“Não, obrigado. Pode ficar com ele.”

Dylan não tinha a menor ideia do que faria com uma gaiola de castidade. Certamente não a usaria.

“E quanto à sua pinta?” O Dr. Schaffer caminhou até as luvas de couro que havia deixado cair no chão, pegou-as e as enfiou no bolso, fazendo-o ficar volumoso. “Quer que eu a remova agora?”

Dylan havia se esquecido completamente disso.

“Sim, por favor.”

O Dr. Schaffer assentiu com a cabeça. Pegou um pedaço de papel toalha e se abaixou para limpar uma poça de esperma no chão, recolhendo-a e dobrando o papel para limpar mais. Quando terminou, pegou outro pedaço de papel e esfregou a cadeira.

Diante do olhar crítico de Dylan, ele bufou. "Os faxineiros vêm amanhã. Eles higienizam tudo."

“Eu não disse nada”, disse Dylan.

“Você não precisava.” O Dr. Schaffer caminhou até ele, olhando-o com um sorriso. “Vamos voltar para o meu consultório.”

Sem aviso prévio, o Dr. Schaffer virou Dylan de costas, pegou-o no colo, com o cobertor incluso, e o carregou como uma princesa. Dylan deu um gritinho, surpreso ao se ver de repente no ar.

O Dr. Schaffer o segurou pelos joelhos e pela parte superior das costas, dobrando-o ao meio e inclinando todo o seu corpo contra o peito. Se Dylan virasse a cabeça apenas um pouco, sua boca estaria bem na altura do mamilo do Dr. Schaffer.

A vontade de colocar o toco na boca era intensa, mas Dylan estava envergonhado demais para realmente fazê-lo.

“Você é flexível”, comentou o Dr. Schaffer, empurrando os joelhos de Dylan em direção ao peito enquanto o carregava até a porta. “Consegue colocar os pés atrás da cabeça?”

Ele apertou os joelhos e o peito de Dylan, pressionando a parte de trás das pernas, fazendo-o arfar.

"Sim", confirmou Dylan assim que o Dr. Schaffer afrouxou o aperto o suficiente para que ele pudesse respirar novamente.

Ele teve uma fase no ensino médio em que fez da masturbação a missão de sua vida. Ele conseguiu, mas, como acontece com muitas coisas na vida, a fantasia era melhor que a realidade. Dylan raramente se dava ao trabalho de se masturbar hoje em dia. Era trabalhoso demais.

“Legal.” O Dr. Schaffer parecia estar sentindo a flexibilidade de Dylan lhe dando *ideias* .

"Você consegue?" perguntou Dylan, curioso.

O Dr. Schaffer riu. "Não. Eu sou super inflexível. Mal consigo tocar os dedos dos pés. O Ryker, por outro lado, é bem flexível, o que é impressionante considerando o tamanho dos músculos dele."

Dylan ficou subitamente com uma curiosidade desesperada para saber qual era a aparência de Ryker.

“Muito bem, hora de falar sério.” O Dr. Schaffer ajudou Dylan a se levantar e o cobriu com o cobertor. “Vista as calças e eu vou remover sua pinta.”

O Dr. Schaffer deu um passo para trás, abaixando-se para pegar a camisa social que havia deixado cair no chão. Vestiu-a, abotoando-a e colocando-a para dentro das calças, com uma postura repentinamente profissional.

Foi um pouco surpreendente.

Dylan vestiu as calças e sentou-se no banco, cruzando as mãos no colo enquanto observava o médico preparar os instrumentos para remover sua pinta.

Era como se ele tivesse sido arrancado abruptamente do mundo pornográfico em que havia tropeçado e arremessado de volta ao mundo real. O Dr. Schaffer parecia um pouco desarrumado – a frente de seu terno estava molhada e sua camisa grudava em seus peitorais suados – mas nenhum resquício da lascívia anterior persistia em seu corpo ou expressão.

Dylan nunca tinha vivenciado nada tão estranho.

O Dr. Schaffer instruiu-o a deitar-se de bruços e, em seguida, anestesiou a área ao redor da pinta e a removeu. Colocou a pinta em um pequeno tubo de ensaio e suturou a área onde havia feito o corte.

“Vou enviar isso e te mando os resultados por mensagem assim que os receber”, disse ele, colocando uma etiqueta no tubo antes de guardá-lo. “Os pontos estão se dissolvendo, então você não precisa fazer nada além de manter a área limpa nos próximos dias.”

Dylan sentou-se e, desajeitadamente, vestiu a camisa. Em seguida, desceu do banco para calçar os sapatos e vestir o casaco. Procurou a mochila com o olhar, mas percebeu que a havia deixado na sala de espera.

"Então agora eu só... vou embora?", perguntou ele, sentindo-se um pouco perdido.

“Você pode vir para minha casa, se quiser”, disse o Dr. Schaffer, aproximando-se dele e acariciando seu rosto. Ele sorriu, e Dylan se sentiu melhor com o toque suave. “Pode ser um pouco intenso depois de uma cena como essa, e eu me sentiria melhor se você não estivesse sozinho.”

Dylan ficou tentado a dizer sim, mas precisava de um tempo para si mesmo para pensar e processar tudo o que havia acontecido na última hora.

“Obrigado, mas preciso ir para casa. Tenho muito trabalho para fazer neste fim de semana, e-”

“Você não precisa explicar”, interrompeu o Dr. Schaffer, retirando a mão da bochecha de Dylan.

Ele ainda sorria, embora houvesse algo um pouco melancólico em seu sorriso.

"Você estava falando sério sobre sair comigo?", perguntou Dylan, se preparando para se sentir um idiota caso a Dra. Schaffer dissesse não.

“Claro”, disse o Dr. Schaffer, com um sorriso presunçoso. “Você está livre na quarta-feira?”

Dylan assentiu com a cabeça. Na quarta-feira, ele tinha aula de manhã, mas depois das três sua agenda estava completamente livre.

“Então, se eu te buscasse às sete, tudo bem?”

Dylan assentiu com a cabeça. "Para mim, está ótimo."

“E a Cynthia tem seus dados de contato?”

Dylan assentiu com a cabeça.

“Os seus verdadeiros?”

Dylan não entendia por que ele teria fornecido informações de contato falsas, mas mesmo assim assentiu.

“Ótimo.” O Dr. Schaffer o agarrou pela frente do paletó e o puxou para mais um beijo. “Estou ansioso por isso.”

Ele recuou, e Dylan precisou de um segundo para recuperar o fôlego. Lambeu os lábios e deu um passo para trás.

"Te vejo na quarta-feira", disse o Dr. Schaffer, e Dylan entendeu isso como um sinal para sair. Ele assentiu, atordoado, mas feliz, e saiu da sala.

Pegando sua mochila e saindo do prédio, cada passo o lembrando do pênis do tamanho de um lobisomem que o havia fodido até abrir, Dylan voltou para o metrô e caminhou para casa atordoado.

AGOSTO

Assim que August saiu do elevador, a voz de Ryker soou zombeteira da sala de estar, abafando o som da TV.

“Como estava o peixe-gato?”

August sorriu, com o nó ainda formigando devido aos espasmos de ter penetrado o melhor e mais apertado cuzinho que já tinha fodido. Ele mal podia esperar para ver a cara do seu parceiro quando sentisse o cheiro dele.

Ryker se amaldiçoaria por anos por ter perdido a oportunidade de proporcionar a Dylan sua primeira experiência com um nó.

Seria o primeiro de muitos, August tinha certeza. Dylan era perfeito – muito melhor do que as interações online o haviam levado a crer – e August já imaginava um futuro onde ele e Ryker compartilhariam o delicioso ser humano entre eles.

Seria fantástico.

Cheio de energia e alegria, August guardou o casaco, tirou os sapatos e foi para a sala de estar.

"Como se chama aquilo que é o oposto de um bagre?", perguntou ele, passando entre Ryker e a TV. Olhou para o amigo — que cruzou os braços e endireitou a postura — e deu um sorriso irônico.

Ryker estava vestido como se tivesse acabado de sair da academia, com o cabelo ainda molhado do banho e os músculos definidos, e, a julgar pelo volume em sua calça de moletom, ele vinha se masturbando na expectativa de amenizar a decepção de August.

Ryker desligou a TV e respirou fundo, as narinas dilatando ao inalar o cheiro de August. Sua expressão tornou-se intensa, como a de um caçador farejando a presa, seus olhos escurecendo. Ele se inclinou para a frente e inspirou novamente.

"O que é isso?", perguntou ele, levantando-se e invadindo o espaço pessoal de August. Agarrou-o pela camisa, puxou-o para perto, pressionou o rosto contra o pescoço de August e inspirou profundamente.

Por ser mais alto que ele, Ryker teve que curvar o pescoço para alcançar a garganta de August. Ele bufou e farejou o cheiro de Dylan que ainda persistia no corpo de August.

August olhou para os cabelos loiros e sedosos do seu companheiro com divertimento, afundando o nariz nos fios macios.

Não satisfeito em apenas cheirar a garganta de August, Ryker ajoelhou-se, percorrendo o corpo de August com o focinho até alcançar seu volume. Ele enfiou o rosto no pênis de August e soltou um som grave que fez August gemer de satisfação.

Ele sabia que Dylan também teria um cheiro agradável para Ryker. Eles sempre gostaram das mesmas pessoas.

Ryker levantou-se num pulo, agarrou August pela camisa e o empurrou para o sofá. August deixou-se cair para trás, com as pernas bem abertas, enquanto Ryker, agressivamente, se sentava em seu colo e lambia sua garganta.

“Por que você não me ligou?”

Ele parecia furioso.

"Você disse que estaria ocupado esta noite", provocou August, deixando Ryker lamber sua garganta e se esfregar contra ele.

"Pensei que ele fosse um peixe-gato", rosnou Ryker. Ele empurrou August para baixo, forçando-o a levantar os pés no sofá ou a torcer o tronco num ângulo estranho, e pressionou os quadris contra a coxa de August como um cachorrinho ansioso demais.

August não o via tão agitado há anos.

Quando os dentes de Ryker começaram a ficar um pouco afiados demais, August o agarrou pelos cabelos e puxou sua cabeça para cima, dando-lhe um beijo. Suas línguas lutaram pela dominância antes que a trégua de costume fosse estabelecida.

Quando se separaram, ambos estavam sem fôlego.

"Não acredito que ele não era um peixe-gato", murmurou Ryker, parecendo contrariado.

"Ele meio que era", disse August, sorrindo para o teto.

"O que você quer dizer?" Ryker se levantou, apoiando o peso no cotovelo e olhando para o rosto de August.

“As fotos que ele mandou quando conversamos eram falsas – ele é muito mais bonito pessoalmente – e o nome verdadeiro dele é Dylan *Landry* , não Lander.” August lambeu os lábios. “Ele também não era nem de longe tão experiente quanto fingia ser. Acho que ele nunca tinha sido amarrado antes, e ficou totalmente assustado quando mencionei a gaiola de castidade.”

Ryker bufou. "Tenho certeza de que você odiou isso."

August sorriu, seu lobo ronronando de satisfação.

“Ele era tão perfeito.” August puxou Ryker para baixo para mais um beijo apaixonado. “Quando eu transei com ele, eu me transformei em lobo e o amarrei.”

Ryker estremeceu, sabendo por experiência própria exatamente o que era preciso para fazer August perder o controle. "Você se transformou em lobisomem? Você não faz isso por acidente desde a adolescência."

August assentiu com a cabeça. "Eu só queria transar com ele no segundo em que ele entrou no escritório. Foi muito difícil fazer aquela encenação idiota que ele queria."

Quando August finalmente enfiou o pau na bundinha perfeita de Dylan, ele estava se segurando por um fio.

"Quão forte?" Ryker provocou, movendo os quadris com determinação e esfregando seu volume na coxa musculosa de August.

“Ele tem uma cinturinha de gostosão, e o cabelo dele tem o comprimento perfeito para agarrar e segurar enquanto você fode a cara dele.” O pau de August pulsou com a lembrança. Precisando se mexer, ele agarrou Ryker e os virou, ficando por cima. Ele sorriu para o parceiro. “Você vai adorar ele.”

As narinas de Ryker dilataram. "Então você marcou outro encontro?"

“Quarta-feira”, disse August, sentando-se e se ajeitando até ficar sentado no colo de Ryker. Ele agarrou o grosso pênis do amigo e o apertou. “E desta vez não vamos perder tempo com encenação.”

Ryker soltou uma risada abafada, prendendo a respiração quando August se abaixou e lambeu a glande do seu pênis. "Você adora jogos de interpretação. Eu

tenho um armário inteiro dedicado ao seu amor por jogos de interpretação."

August afundou até ficar de bruços, lambendo uma faixa ao longo da veia que percorria a parte inferior do pênis de Ryker. Ele olhou para a extensão do corpo musculoso de seu companheiro.

"Não quando estou tão excitada. Se eu soubesse que ele ia cheirar daquele jeito, teria reservado um quarto de hotel para nós."

Ryker estremeceu, cerrando os punhos ao lado do corpo quando August o abocanhou. August sabia que ele estava tentado a puxá-lo pelos cabelos, mas se conteve por respeito aos desejos de August – e porque sabia que August o morderia se o fizesse.

"Você fez aquela coisa da luva?" perguntou Ryker, respirando com dificuldade enquanto August o chupava.

Parecia que ele estava se esforçando muito para não vir.

August se levantou, fazendo um som de sucção ao soltar o pênis de Ryker de sua boca. "Não durante a prova. Eu ia falar um monte sobre como eu era alérgico a látex e que eu os higienizaria, mas simplesmente não me pareceu certo. Eu os coloquei depois, mas ele não pareceu muito interessado."

Ryker franziu a testa. "Não era essa a sua maior tara?"

August deu de ombros, acariciando o pênis de Ryker e colhendo uma gota de líquido pré-ejaculatório de sua fenda. "Acho que toda a experiência o deixou atordoado. Talvez ele se lembre mais da próxima vez?"

Ele voltou a colocar a boca no pênis de Ryker, engolindo cerca de metade do comprimento e murmurando.

Era um pouco estranho que Dylan não tivesse tido uma reação maior às luvas. Ele não reclamou da ausência delas, nem mencionou nada quando August finalmente se cansou e as tirou, apesar de todos os jogos de RPG online que eles fizeram terem incluído August usando algum tipo de luva de couro.

August levou Ryker um pouco mais fundo, agarrando seus testículos e rolando-os na palma da mão.

Dylan provavelmente estava tão excitado com toda a situação que nem se lembrava das luvas. August não era particularmente convencido, mas sabia como era sua aparência, e Dylan estava perdidamente a fim dele.

"Eu vou chegar", avisou Ryker, dando a August tempo para decidir se queria engolir ou não.

Sentindo-se generoso, August continuou a chupar. Quando Ryker gozou, suas coxas se tensionando e seu abdômen inferior se contraindo, August se ergueu para poder receber o sêmen do parceiro em sua boca. Ele engoliu os primeiros jatos, o gosto salgado revestindo o interior de sua boca, e então recolheu o resto do sêmen de Ryker em sua língua.

Quando Ryker terminou de ejacular, com os músculos relaxando em êxtase pós-orgásmico, August rastejou até que estivessem cara a cara para poder beijar seu companheiro e alimentar-lhe com seu próprio sêmen.

"Que nojo", rosnou Ryker, virando o rosto bruscamente ao perceber que August não tinha engolido. Ele cuspiu o próprio sêmen, atingindo a camisa de August, e o encarou com raiva enquanto August ria e terminava de engolir. "Você é um idiota."

August limpou a boca e aninhou-se no pescoço de Ryker. Seu queixo estava

levemente coberto por uma barba por fazer, os pelos loiros quase invisíveis, e era agradável quando August roçou sua bochecha ali.

“Você adora que eu seja um idiota.”

A expressão de Ryker tornou-se carinhosa e afetuosa. "Acho que você está bem."



August e Ryker ficaram no sofá por cerca de uma hora, abraçados e aproveitando o êxtase pós-orgasmo de Ryker, mas depois de um tempo August começou a se sentir um pouco pegajosa e sem banho demais para continuar ali.

"Preciso tomar um banho", disse ele, sentando-se e descendo do sofá.

Ryker olhou para ele, momentaneamente confuso, e August percebeu que ele havia adormecido enquanto eles estavam abraçados.

"Eu vou com você", disse Ryker, bocejando e descendo do sofá. Ele se espreguiçou, arqueando as costas e esticando os braços.

"Treino pesado?" perguntou August, esperando Ryker terminar antes de sair da sala de estar.

"O de sempre", respondeu Ryker, esfregando o queixo. "Só um longo dia de trabalho."

August soltou um murmúrio de compreensão. Ryker era advogado corporativo e, embora ganhasse uma quantia absurda de dinheiro, seu trabalho era realmente estressante.

Mas ele adorava aquilo. Ryker prosperava no mundo implacável dos negócios, e August tinha pena de qualquer um que acabasse sentado do outro lado da mesa de negociações com ele.

"E você?" perguntou Ryker, seguindo-o até o banheiro. Ambos se despiram. "Como foi seu dia, tirando a encenação?"

August deu de ombros, jogando suas roupas na cesta para serem enviadas à lavanderia. "O de sempre. Sem muito trabalho." Ele ligou o chuveiro e esperou a água esquentar. "Sinceramente, a coisa mais emocionante que fiz foi remover a pinta do Dylan."

Ele entrou no chuveiro, gemendo de prazer enquanto o jato quente batia em suas costas.

Ele se virou e encontrou Ryker olhando para ele com uma expressão de desagrado.

“Dylan, como aquele humano que você amarrou a uma cadeira ginecológica e estuprou?”

August assentiu com a cabeça. "Sim. Por quê?"

“Você realizou um procedimento médico de verdade nele? Não apenas como parte da encenação, mas como um médico?”

August assentiu com a cabeça, subitamente inseguro. "Por quê?"

Ryker apertou a ponte do nariz. "August, seu idiota! Você tem noção dos processos por negligência médica que isso pode te acarretar? Você já estava no limite ao fazer esse tipo de encenação no seu consultório, mas se você realizou um procedimento médico necessário nele, isso faz de você o médico dele. O que

você estava pensando?"

August nem sequer tinha considerado essa possibilidade. Ele só estava sendo *gentil* .

“O Dylan não me processaria”, disse ele, com o tom professoral de Ryker deixando-o na defensiva. “Ele não é assim.”

Ryker revirou os olhos. "É claro. Obviamente o cara que você conheceu há três horas não faria uma coisa dessas." Ele cruzou os braços. "Como você sabe que esse não era o plano dele desde o início? Ele pode estar digitando a carta de chantagem neste exato momento."

August bufou e se virou, sem responder. Pegou o sabonete líquido e uma toalha limpa e começou a se limpar, esfregando a toalha com força na pele.

Ryker nunca foi tão irritante quanto quando ficava paranoico.

“Agosto, precisamos de-”

August se virou e deu uma cutucada no peito de Ryker. "Você pode tentar não ser tão pessimista por um dia? É exaustivo."

"Sou realista", rosnou Ryker, cutucando August de volta no peito. "Como seu alfa, é meu dever ser."

August continuou lavando o corpo, arrastando a toalha pelas pernas enquanto encarava Ryker com raiva.

"Você acabou de perder uma das melhores transas da minha vida", disse ele, levantando-se e lavando o pênis. Ele balançava de um lado para o outro com os estalos molhados. "E se você estivesse lá, em vez de ficar aí se achando superior, poderia ter me avisado que fazer um favor para o cara não era uma boa ideia. Então, a culpa é sua, na verdade."

"Minha culpa?", rosnou Ryker. "Porque eu não faltei a duas reuniões só por precaução, caso seu perfil falso fosse real?"

“Tudo bem. Tanto faz. Eu não devia ter tirado a pinta dele.” August respirou fundo. “Mas eu estou te dizendo que ele não está aprontando nada. Você pode confiar em mim e relaxar?”

Ryker cruzou os braços. "Ele apagou a conta dele e todo o seu histórico de mensagens no dia em que ia se encontrar com você. Você não acha isso suspeito?"

August atirou a toalha de rosto no peito de Ryker. "Não! Acho que ele era menos experiente do que demonstrava e ficou assustado, mas depois resolveu vir. Ele não é nenhum gigolô."

Ryker ignorou a toalha e a deixou cair no chão. Deu-lhe um chute, e sua expressão suavizou-se.

“Você não sabe disso.”

August já não aguentava mais. Empurrou Ryker para fora do chuveiro – as chances de uma massagem mútua quente e intensa eram agora praticamente nulas – e pegou o xampu da prateleira.

“August, me desculpe. Se ele estiver aprontando alguma coisa, eu vou lidar com ele, ok?”

Não era isso que August queria ouvir. O jeito de Ryker lidar com as pessoas era autoritário e geralmente terminava em lágrimas. Ele largou o xampu.

“Não faça nada”, disse ele, com expressão severa. Ele e Ryker tendiam a ser bastante iguais em seu relacionamento, mas, no fim das contas, Ryker era o alfa

da sua matilha. Dar ordens a ele diretamente não era algo natural para August. “Só se ele fizer alguma coisa primeiro. Por favor?”

Ryker assentiu. "Tudo bem. Vou deixar as coisas acontecerem naturalmente." Ele voltou para o chuveiro e pegou o xampu. "Podemos parar de brigar agora? Quero lavar seu cabelo."

August olhou para ele por um segundo, mas depois se deixou acalmar e assentiu com a cabeça.

Ele ainda estava um pouco chateado, mas lavar o cabelo ajudaria muito a fazê-lo se sentir melhor.

"Estou ansioso pelo nosso encontro na quarta-feira", disse Ryker, enquanto ensaboava o cabelo de August com xampu.

August soltou um resfolego.

“Não, sério. Mesmo que ele esteja aprontando alguma coisa, espero que ele não revele suas intenções até depois de eu ter transado com ele.”

Como ele havia planejado, as palavras fizeram August rir.

“Você é péssimo.”

DYLAN

Dylan passou o fim de semana em seu apartamento, alternando entre assistir a seus animes favoritos e trabalhar em sua tese.

Ele estava dolorido – e não apenas onde esperava – mas com alguns analgésicos e algumas almofadas cuidadosamente posicionadas, o desconforto tornou-se suportável. Na manhã de segunda-feira, quando teve que acordar cedo para a aula, já estava andando normalmente.

“Que porra é essa?”

Dylan nem tinha se sentado quando sua amiga Annie já estava afastando a gola de sua jaqueta e olhando para o enorme chupão que o Dr. Schaffer havia deixado em sua pele.

A situação parecia muito pior do que realmente era. O hematoma estava azulado com manchas amarelas, e as marcas das mordidas do Dr. Schaffer eram claramente visíveis.

“Conheci um cara.”

Dylan corou, não acostumado a falar sobre sua vida sexual. Ou melhor, não acostumado a ter uma vida sexual para falar.

"Ele era um vampiro?" Annie soltou a gola da camisa dele e lançou-lhe um olhar preocupado.

Dylan tirou o casaco e sentou-se, corando intensamente enquanto procurava o laptop e a garrafa térmica na mochila.

“Não. Ele não era um vampiro.”

Annie não parava de olhar para ele, esperando detalhes.

“Conheci-o na clínica onde removi a minha pinta.” Dylan não conseguia olhar para Annie enquanto explicava. Antes que ela pudesse perguntar como *e* quando , ele disparou: “Vou sair com ele de novo depois de amanhã.”

Annie conteve o que quer que estivesse prestes a dizer.

Você se divertiu?

Dylan se virou e olhou para ela. A expressão de Annie não era nem provocativa nem leve, e ele teve a nítida impressão de que, se respondesse qualquer coisa que não fosse *"sim"* , Annie encontraria o Dr. Schaffer e o desmembraria.

Foi bom saber que ele tinha amigos que se importavam.

Ele relembrou a experiência do Dr. Schaffer o amarrando e transando com ele, a memória parecendo um sonho febril, e sorriu.

“Muito divertido.”

Annie o observou por alguns longos segundos, procurando algo, mas então sorriu. "Que bom para você. Já estava na hora de você conseguir alguma coisa."

"Cala a boca", murmurou Dylan, rindo baixinho.

O professor escolheu aquele momento para entrar na sala, e o ruído ocioso que preenchia o auditório cessou imediatamente.



Depois da aula, ele e Annie se separaram com a intenção de se encontrarem para

almoçar no dia seguinte. Sem mais aulas ou grupos de discussão até depois do meio-dia, Dylan decidiu sair do campus e ler um pouco em uma das cafeterias mais baratas da região.

Era um dia frio, com temperatura pouco acima de zero, e Dylan teve que enfiar as mãos nos bolsos para evitar que ficassem rígidas enquanto caminhava pela calçada.

Ao chegar à cafeteria, Dylan ficou aliviado ao ver que não estava muito cheia. Havia várias mesas e cadeiras disponíveis, incluindo uma monstruosidade roxa de poltrona perto da janela, que era a favorita de Dylan.

Ele pediu um café extra grande com leite, adicionando dois sachês de açúcar e uma pitada de canela antes de se sentar. Pegou o laptop da mochila e colocou o café ao alcance da mão sobre a mesa à sua frente, e começou a trabalhar.

Conforme o relógio se aproximava da hora do almoço e a cafeteria começava a ficar um pouco mais movimentada, Dylan ficava de olho nos lugares disponíveis. Enquanto houvesse lugares para sentar, os funcionários não se importavam que ele ficasse depois de terminar o café.

Ele estava pensando se deveria se levantar para pedir outra xícara quando alguém pigarreou ao seu lado.

“Esse assento está ocupado?”

Dylan ergueu os olhos, o coração disparado ao ver a figura enorme ao seu lado. Se não fosse pela voz diferente, teria pensado que era o Dr. Schaffer. O estranho vestia um macacão de motociclista de duas peças, a parte de cima aberta até o peito, o couro resistente abraçando as coxas musculosas do homem como uma segunda pele.

Ele segurava um capacete integral debaixo do braço e uma xícara de café na mão. Dylan reconheceu a xícara – era a mesma extragrande da qual ele estava bebendo – mas na mão do motociclista, ela parecia minúscula. Os dedos enluvados do homem se curvavam ao redor da xícara, fazendo-a parecer um brinquedo de criança.

Dylan ergueu o olhar para o rosto do homem, observando o maxilar largo e o queixo com covinha, e percebeu que o rosto do motoqueiro de terno lhe era familiar.

Era o cara em quem ele tinha batido o carro pouco antes da consulta na sexta-feira passada.

"Não", disse Dylan, atrapalhado. Ele se endireitou um pouco e moveu sua xícara vazia para o seu lado da mesa. "É toda sua."

O sorriso largo do homem se abriu em sua boca. Ele se abaixou e colocou a xícara sobre a mesa, depois tirou as luvas e as guardou dentro do capacete. Abriu o zíper da jaqueta do macacão de corrida até a virilha, tirando o couro justo do corpo e jogando-o sobre o encosto da cadeira.

"Obrigado." O homem sentou-se, seu corpo musculoso fazendo a cadeira parecer pequena. Em vez de usar roupas normais por baixo do macacão de couro de motoqueiro, ele vestia uma espécie de macacão colado ao corpo. Dylan não conseguiu identificar o tecido preto elástico, mas a forma como ele se ajustava aos seus braços grossos, peitorais salientes e ombros largos era pecaminosa.

O homem colocou o capacete e as luvas sobre a mesa e pegou sua xícara de café.

“Eu te reconheço”, disse o homem, esticando as pernas e cruzando as botas grandes bem ao lado do tornozelo de Dylan. “Você esbarrou em mim outro dia a caminho da sua consulta médica.”

O olhar de Dylan se desviou para o chão, um rubor constrangido tingindo seu rosto de vermelho. Ele encarou as longas pernas do homem, as coxas musculosas envoltas em couro justo, e tentou pensar em algo para dizer.

“Sinto muito por isso. Eu deveria ter prestado mais atenção por onde andava.”

O homem riu. "Não se preocupe. Talvez eu tenha te visto chegando e deixado você esbarrar em mim de propósito."

Dylan ergueu a cabeça bruscamente. O homem sorria por cima da borda do copo de café, e Dylan não conseguia discernir se ele estava brincando ou não.

"O que você quer dizer?"

O homem deu uma risadinha. "Eu queria conversar com você para te convidar para sair, mas você estava com tanta pressa que não tive a chance." O sorriso do homem se tornou melancólico. "Quem me dera ter tido. Você não parecia comprometida na sexta-feira."

As palavras confirmaram a suspeita inicial de Dylan de que o homem sentado à sua frente era um lobisomem.

Os humanos não se referiam uns aos outros com base no cheiro, *afirmavam* .

“A propósito, meu nome é Steve.” O lobisomem inclinou-se sobre a mesa, estendendo o braço musculoso e oferecendo a mão.

Dylan pegou a mão dele, a palma da sua mão desaparecendo na enorme luva de Steve. O dedo indicador de Steve roçou a parte interna do seu pulso e Dylan puxou a mão de volta.

“Dylan.”

“Prazer em conhecê-lo, Dylan.” Steve recostou-se na cadeira, puxando as pernas para trás. Apoiou uma bota firmemente no chão e a outra sobre o joelho. “Estou interrompendo seu trabalho?”

Dylan desviou o olhar da bota enorme de Steve e balançou a cabeça. "Tudo bem. Eu precisava de um descanso."

Ele fechou o laptop e o guardou na cadeira ao lado. Não era como se ele e Steve fossem fazer algo que o fizesse sentir que estava traindo a Dra. Schaffer — não que ele tivesse um relacionamento com a Dra. Schaffer, para começo de conversa — e ele estava curioso para conversar com outro lobisomem.

Steve recostou-se um pouco mais na cadeira, apoiando a mão no joelho. Ele sorriu. "Eu também. Tenho tentado pedalar o máximo possível antes da neve chegar, mas está um frio do caralho lá fora. Em que você está trabalhando?"

Dylan ficou impressionado com o quanto Steve o lembrava dos atletas populares de sua antiga escola. Ele tinha a mesma arrogância — como se o mundo estivesse aos seus pés e pronto para ser conquistado — e, assim como nos tempos de colégio, Dylan achou isso irritantemente atraente.

“Minha tese.” Dylan pegou sua xícara de café vazia, só para ter algo para ocupar as mãos. “Estou fazendo mestrado em engenharia mecânica.”

“Impressionante”, disse Steve, tamborilando os dedos no joelho. “Sobre o que você está escrevendo?”

“Estou desenvolvendo um projeto sobre diferentes materiais para impressão

3D.”

Era um pouco mais complicado do que isso, mas Dylan sabia que era melhor não entrar em detalhes. Mais de uma vez ele já havia cometido o erro de falar pelos cotovelos quando a pessoa só havia pedido por educação.

"Impressão 3D?", disse Steve, embora não houvesse nada de deboche em seu tom. "Isso é muito legal."

"E você?" perguntou Dylan, corando. "O que você faz, além de andar de moto?"

“Sou policial. Concluí minha graduação em justiça criminal no ano passado e este é meu primeiro ano na corporação. Até agora, tenho dirigido bastante o trânsito e aplicado multas por excesso de velocidade.”

Dylan não precisava da imagem mental de Steve todo vestido com uniforme de policial.

“Você gostou?”, perguntou ele.

Steve deu de ombros. "Na verdade não, mas espero conseguir subir na carreira e me tornar detetive em breve, e aí poderei começar a fazer algo realmente bom."

"Onde-"

“Seria que seria-”

Steve e Dylan começaram a falar ao mesmo tempo, sem que nenhum dos dois terminasse suas frases.

“Pode falar”, disse Dylan.

"Eu só ia perguntar, seria indelicado da minha parte perguntar se você está comprometida com o cara que te deu aquela marca?" Steve bateu o pé e se inclinou para frente, apontando para o pescoço de Dylan. "É que eu realmente gostaria de te convidar para sair."

De repente, Dylan sentiu a boca cheia de algodão. Olhou para a xícara de café, com a cabeça confusa, sem saber o que dizer.

"Vou sair com ele na quarta-feira", decidiu finalmente.

"Isso não é um não", disse Steve, com a voz transbordando satisfação.

Dylan mordeu o lábio. "Não gosto de namorar várias pessoas ao mesmo tempo", disse ele.

Não era uma situação que ele tivesse precisado considerar antes, mas Dylan se conhecia bem o suficiente para saber que não se sentiria confortável em fazer nada com Steve sem antes terminar definitivamente o relacionamento com a Dra. Schaffer.

"Eu entendo", disse Steve, com um tom de decepção. "Qual o nome dele? Não existem muitos lobisomens na cidade. Provavelmente o conheço, mesmo que só de nome."

"Dr. Schaffer", disse Dylan, percebendo que na verdade não sabia o primeiro nome do Dr. Schaffer.

“August Schaffer?” perguntou Steve.

Dylan assentiu com a cabeça, hesitante.

"Eu penso que sim."

"Você acha mesmo?" O sorriso de Steve se tornou zombeteiro. "Ele te marcou desse jeito e você nem sabe o primeiro nome dele?"

Dylan corou.

"Cabelo castanho, na casa dos trinta e poucos anos, parece que deveria estrelar comédias românticas bregas feitas para a TV?"

Dylan achou que a expressão *"protagonista"* seria mais precisa, mas a pessoa que Steve estava descrevendo realmente parecia com o Dr. Schaffer. Ele assentiu com a cabeça.

"Tem que ser agosto." Steve estreitou os olhos. "Você sabe que ele tem um amigo, né? Você está saindo com os dois?"

“Esse é o plano.”

Steve ergueu as sobrancelhas. "Que bom para você", disse ele, dando um gole no café e girando o líquido na xícara. "Você deve ser mais forte do que parece se acha que consegue lidar com dois lobisomens alfa."

As palavras fizeram o sangue subir à cabeça de Dylan, e ele sentiu o rubor em seu rosto como uma onda de pressão.

"Eu não..." ele parou de falar, sem saber ao certo como deveria responder a uma afirmação daquelas.

O sorriso de Steve se tornou melancólico. "Bem, você poderia estar em situação pior. Eles são ricos pra caramba, e eu não ouvi nada de ruim sobre eles por aí." Ele torceu o nariz. "Embora o jeito como eles monopolizam a parte norte da reserva nas noites de lua cheia seja bem egoísta."

"Eles fazem isso?" perguntou Dylan, desesperado para desviar a conversa do assunto de *compartilhar* .

Steve assentiu enfaticamente. "Você chega a menos de um quilômetro e meio do território deles e, de repente, eles estão te perseguindo pela mata e te jogando no rio. É muito irritante. Toda a reserva deveria ser neutra, então a ideia de que eles sequer reivindicaram um território ali é simplesmente absurda."

Dylan imaginou o Dr. Schaffer – que ele tinha quase certeza de que era um ou dois centímetros mais baixo que Steve – perseguindo Steve pela floresta e jogando-o no rio.

Ele reprimiu um sorriso.

"Bem, se as coisas não derem certo com August e Ryker, talvez você possa me ligar e eu te convido para sair?" Steve estendeu a mão, com a palma para cima. "Eu poderia colocar meu número no seu celular? Sem pressão."

Com a sensação de estar fazendo algo que talvez não devesse, Dylan entregou o celular.

Steve aceitou prontamente, virando o dispositivo para destravá-lo com o rosto de Dylan antes de se recostar na cadeira e sorrir para a tela.

Dylan observou-o começar a digitar, sem dúvida inserindo suas informações, mas então ele levantou o telefone, segurou-o à distância de um braço e tirou uma foto enquanto flexionava o bíceps.

Foi a coisa mais descaradamente arrogante que Dylan já tinha visto.

“Aqui está”, disse Steve, devolvendo-lhe o telefone. O aplicativo de contatos estava aberto e Dylan pôde ver que Steve havia preenchido a maioria dos campos, incluindo seus nomes de usuário nas redes sociais e sua data de nascimento.

A selfie que ele havia tirado estava lá, no topo da tela, o rosto sorridente de Steve e o bíceps flexionado capturados em miniatura.

"Obrigado", murmurou Dylan, guardando o telefone no bolso.

“Bem, acho que já vou indo. Tenho um turno às três e gostaria de tomar um banho e comer alguma coisa antes disso.” Steve se levantou, pairando sobre Dylan enquanto vestia o casaco. Ele sorriu enquanto colocava o capacete debaixo do braço e ajeitava as luvas. “Isso me torna um idiota por torcer para que seu encontro na quarta-feira seja um desastre?”

Dylan bufou, nada surpreso com a falta de pudor da pergunta. "Um pouco, talvez?"

Steve sorriu, pegando o capacete com a mão direita depois de colocar as luvas. "Nesse caso, boa sorte no seu encontro."

Dylan nunca tinha ouvido nada menos sincero. Mesmo assim, sorriu. "Obrigado. Tenha um bom turno hoje. Controle bastante o trânsito."

Os olhos de Steve se estreitaram, seu sorriso se tornando um pouco ameaçador. Ele se inclinou para frente, e Dylan prendeu a respiração ao perceber o quão grande ele era.

“Se você fosse meu, eu lhe daria uma surra por isso.”

Cada músculo do corpo de Dylan congelou, sua mente parou abruptamente.

A expressão de Steve tornou-se presunçosa de satisfação. Ele se inclinou para mais perto, apoiando a mão no apoio de braço de Dylan e invadindo seu espaço com toda a graça de um predador alfa.

“E sabe o que mais?”

Dylan engoliu em seco, o som incrivelmente alto para seus próprios ouvidos. "O quê?"

Steve se aproximou ainda mais, sua respiração quente contra a bochecha de Dylan. Seu corpo era como uma fornalha. "Eu faria você amar cada segundo disso."

Dylan gemeu, sabendo com absoluta certeza que Steve estava certo. Ele nunca tinha levado umas palmadas – nem de verdade, nem de um amante – mas Dylan sabia lá no fundo que se Steve o colocasse sobre suas coxas musculosas e lhe desse um tapa na bunda, seria a melhor coisa do mundo.

Ao abrir a boca, Dylan hesitou. Ele não sabia o que dizer. Não depois daquilo.

Steve se levantou, levando a mão rapidamente à virilha para se ajeitar através do couro. Ele ainda sorria, apreciando o desconforto excitado de Dylan.

“Vou deixar você voltar para a sua tese.” Ele deu um passo para trás e piscou. “Estarei esperando sua ligação.”

Ele saiu da cafeteria, atraindo alguns olhares curiosos enquanto caminhava com ar de superioridade até a porta.

Dylan o observou partir, acompanhando seu movimento pela janela enquanto ele saía. Steve não olhou para trás ao subir em sua motocicleta e colocar o capacete, nem depois de engatar a marcha e sair em disparada pela rua.

Dylan não parava de olhar pela janela, muito agitado para voltar ao trabalho.

Parecia irreal.

Dylan passou a vida inteira sem nunca ter falado com um lobisomem, e agora, de repente, havia dois interessados nele?

Não fazia sentido.

Dylan não era feio. Ele sabia que tinha um rosto bonito e era mais sarado do que deveria, considerando o pouco que malhava, mas não era o tipo de cara que

faria galãs como o Dr. Schaffer e o Steve babarem por ele como se fosse um pedaço de carne irresistível.

Por outro lado, eles eram os únicos lobisomens que Dylan já tinha conhecido. Talvez ele fosse exatamente o tipo de pessoa que os lobisomens gostavam, e ele simplesmente nunca soube disso porque nunca tinha encontrado nenhum?

Mas isso não lhe parecia provável. Ele nunca ouvira falar de lobisomens terem um tipo específico, e tinha certeza de que, se tivessem, as revistas e blogs dedicados a glorificar e objetificar lobisomens já teriam noticiado isso a todo momento.

"Pode ser algum tipo de truque", sussurraram as inseguranças de Dylan no fundo da sua mente. Ele poderia ser cobaia em um estudo de pesquisa altamente antiético, que investigaria como perdedores que não faziam sexo há mais de um ano reagiriam se lobisomens começassem a dar em cima deles.

Dylan reprimiu esses pensamentos com firmeza. O fato de Steve e a Dra. Schaffer estarem interessados nele era estranho, mas não era estranho a ponto de serem conduzidos estudos ilegais com ele, como em uma teoria da conspiração.

Ele precisava ser mais gentil consigo mesmo.

"Já terminou?" perguntou uma das funcionárias, assustando-o ao aparecer ao lado dele e pegar seu copo vazio. Dylan olhou para cima e a viu apontando para o copo do qual Steve estava bebendo.

Parecia que ele só tinha tomado alguns goles. Dylan franziu a testa, esperando não ter distraído Steve de apreciar seu café.

“Sim, desculpe. Não é meu”, disse Dylan, inclinando-se para pegar a xícara e entregá-la a ela. “Obrigado.”

“Não se preocupe. Posso lhe oferecer mais alguma coisa?”

Dylan olhou a hora no celular e percebeu que seu grupo de discussão se reuniria em menos de dez minutos. Apressadamente, enfiou o laptop na mochila e se levantou. Sorriu para a mulher, balançando a cabeça. "Não, obrigado, eu já estava de saída. Tenha um bom dia!"

Ele vestiu a jaqueta rapidamente, colocou a mochila no ombro e saiu apressado da cafeteria, calculando mentalmente quanto tempo levaria para chegar ao seu grupo de discussão.

Diante da repentina ansiedade de ter que explicar ao professor o motivo do atraso, todos os pensamentos sobre lobisomens foram afastados e Dylan começou a correr.

RYKER

Ryker estava ao lado da ilha da cozinha, vestido para o trabalho com um terno cinza escuro, devorando uma tigela de mingau de aveia enquanto esperava August terminar de se vestir.

"August?" Ryker caminhou pelo corredor. "Você não terá tempo de tomar café da manhã a menos que se apresse."

Não houve resposta, e Ryker revirou os olhos.

Tinha sido um fim de semana tenso. August estava ressentido com as reservas de Ryker em relação ao humano que conhecera online, ofendido por Ryker não confiar em seu julgamento, enquanto Ryker era constitucionalmente incapaz de dissipar suas suspeitas até que tivesse conhecido o garoto pessoalmente.

Embora Ryker amasse August incondicionalmente, seu companheiro podia ser um pouco ingênuo demais.

Ryker achava que estava tudo bem entre eles depois da discussão de sexta à noite, mas aí ele fez um comentário estúpido quando foram correr de manhã no sábado, e August ficou emburrada desde então.

“August?” Ryker entrou no quarto e encontrou August sentado na cama, amarrando os sapatos. “Eu fiz mingau de aveia.”

August terminou de amarrar os sapatos e se levantou. Vestido para o trabalho com sua habitual camisa branca, gravata e calça social, estava impecável. Ao contrário de Ryker, que usava terno completo todos os dias, August geralmente dispensava o paletó e optava por um jaleco branco de médico. Passou por Ryker e entrou no corredor, ajeitando a gravata.

"Vou pegar um muffin no trabalho", disse ele, caminhando em direção ao elevador. Ryker o seguiu, observando com exasperação enquanto August vestia um grosso casaco de lã com raiva.

Foi preciso esforço para não dizer nada. August era adulto, e se ele quisesse pular o café da manhã como um idiota, o problema era dele.

Ryker já havia se conformado há muito tempo com o fato de que forçar August a fazer qualquer coisa era uma maneira infalível de deixá-los ambos infelizes.

"Quer almoçar comigo?" Ryker pegou seu casaco no armário, vestiu-o e abotoou-o antes de pegar suas luvas de couro.

“Estou bastante ocupado hoje.”

Ryker respirou fundo e conteve o rosnado que crescia em seu peito. August era tão irritante quando fazia beicinho.

“Tudo bem. Tanto faz.”

Eles entraram no elevador e desceram em silêncio até a garagem subterrânea. Quando as portas se abriram, August virou à esquerda para ir até seu carro sem sequer dizer uma palavra de adeus.

Ryker o agarrou pela parte de trás do casaco e o puxou para trás.

"O quê?" August se virou, lançando um olhar furioso.

"Nem um beijo de despedida?" Ryker deu um passo à frente, deslizando a gola plissada do casaco de lã de August entre o polegar e o indicador. "Não estamos tão zangados um com o outro, estamos?"

August bufou, mas o canto de seus lábios se contraiu no início de um sorriso.

"Não estou zangado", disse ele, como se não tivesse passado dois dias ignorando Ryker.

"Não?" Ryker puxou-o para mais perto, inclinando o pescoço e capturando os lábios de August em um beijo.

Ele tinha gosto de pasta de dente.

"Não", murmurou August. "Você é que tem sido um idiota."

Ryker decidiu não retomar nenhuma discussão.

“Tenha um bom dia de trabalho, ok?”

"Você também", murmurou August, dando-lhe mais um beijo. Afastou-se, virou-se e caminhou em direção à sua vaga de estacionamento, acenando por cima do ombro.

Ryker se sentiu melhor. Ele não gostou de se despedir de August em maus termos e, embora soubesse que não haviam resolvido nada – apenas um encontro com o humano poderia fazer isso –, esperava que as coisas permanecessem pacíficas.

Caminhando até sua vaga de estacionamento, inconvenientemente localizada do outro lado da garagem, Ryker destrancou o carro e entrou ao volante.

Ele não havia facilitado as coisas para si mesmo, apaixonando-se por outro alfa. Sua mãe estava certa sobre isso, mas estava errada sobre se valia a pena ou não.

Ryker não trocaria agosto por nada.

Ao sair da vaga, Ryker deixou o estacionamento e começou a dirigir para o trabalho. Tamborilou os dedos no volante, recostando-se no macio banco de couro enquanto pensava em seu companheiro e no relacionamento incomum entre eles.

Eles sabiam desde o início que precisariam de um terceiro. Com dois alfas, era inevitável, com a rara exceção de casos em que um alfa estivesse disposto a se submeter ao outro.

Nem Ryker nem August jamais se submeteriam, e embora Ryker amasse August mais do que tudo, só de pensar em seu companheiro o montando, seu peito vibrava com um rosnado furioso.

O sentimento era totalmente recíproco.

Mas estava tudo bem. Até encontrarem a pessoa que completaria o relacionamento deles, Ryker e August estavam perfeitamente satisfeitos um com o outro e com os encontros casuais de vez em quando.

Eles preferiam ter seus encontros de uma noite juntos, mas não era fácil encontrar pessoas dispostas a se submeter a dois lobisomens. Havia muitas pessoas que adoravam a ideia em teoria – que pareciam entusiasmadas a princípio – mas quando chegava a hora de transar de verdade, a maioria desistia.

Por esse motivo, Ryker e August tornaram seu relacionamento público logo após começarem a namorar, com uma regra muito rígida: nunca dormiriam com a mesma pessoa mais de uma vez, a menos que ambos estivessem presentes.

No fim deu tudo certo. August conheceu pessoas online – usando serviços de namoro e aplicativos de encontros para marcar seus relacionamentos – enquanto Ryker preferia sair para bares e boates sempre que a vontade de enfiar o pau em um buraco disposto se tornava irresistível.

Não importava com quem transassem, sempre voltavam para casa um para o outro. De vez em quando, convenciam seus casos de uma noite a voltar e tentar novamente com os dois.

No longo prazo, nunca deu certo.

Ryker sabia que August achava que esse tal de Dylan era diferente. Ele estava se precipitando demais, e se o garoto se revelasse um golpista, ele ficaria arrasado.

O pior de tudo era que Ryker entendia perfeitamente o raciocínio de August. Dylan Landry, golpista ou não, tinha um cheiro *incrível* . Era o tipo de aroma que faria lobisomens à moda antiga usarem expressões como " *companheiro predestinado"* e *"casal predestinado"* .

É claro que isso era uma grande mentira. Dylan tinha uma composição única de feromônios que por acaso afetava Ryker e August, e só isso. Não havia garantias de um final feliz.

Seria muito mais fácil se houvesse.

Ryker chegou ao escritório um pouco antes das oito. Teve uma rápida reunião com sua equipe, traçando estratégias e discutindo a fusão em que estavam trabalhando, após o que se acomodou em seu escritório para trabalhar.

“Seu café, Sr. Sterling.” A assistente de Ryker, Heidi, entrou em seu escritório após uma batida protocolar. Ela colocou a xícara de café sobre a mesa dele. “E Henry quer uma reunião antes do almoço. Devo dizer não?”

Ryker balançou a cabeça. "Não, obrigado, Heidi. Eu falo com ele. Só mude meu horário das onze horas."

"Pode deixar." Heidi assentiu e saiu. Quando estava na porta, Ryker tomou uma decisão impulsiva e a deteve.

“Só um segundo, Heidi.”

"Sim?"

Ryker pegou um pedaço de papel, anotou o nome *Dylan Landry* e o número de telefone do garoto. Ele estendeu o papel para ela.

"Poderia pedir ao nosso investigador que analisasse a situação dessa pessoa? O endereço dela, se ela tem antecedentes criminais, esse tipo de coisa?"

“Claro.” Heidi voltou para a mesa dele e pegou o pedaço de papel.

"E peça para ele me enviar a fatura diretamente, não para a empresa", disse Ryker, ignorando o olhar inquisitivo que ela lhe lançou em resposta.

“Sem problema.” Heidi dobrou o papel. “Há mais alguma coisa que eu possa fazer por você?”

Ryker balançou a cabeça. "Não, era só isso. Obrigado."

Heidi saiu do escritório dele com um aceno de cabeça, e Ryker voltou a se concentrar em sua caixa de entrada.

August não ia ficar bravo por Ryker ter feito uma verificação de antecedentes. Ele poderia ficar um pouco irritado e alegar que Ryker estava sendo paranoico, mas contanto que Ryker não fizesse nada impulsivo como interrogar Dylan antes do encontro, August não se importaria com uma pequena investigação preventiva.

O resto do dia transcorreu sem maiores acontecimentos. Ryker teve reuniões, tanto com os advogados que trabalhavam para ele quanto com pessoas de outros departamentos. Quando deu seis horas, decidiu que era hora de encerrar o

expediente e ir para casa.

Ele estava no carro quando recebeu uma mensagem de texto de August dizendo que estava trabalhando até tarde devido a uma emergência com um paciente.

Ryker suspirou, lembrando a si mesmo que aquilo não era nada comparado aos anos infernais em que August fazia sua residência. Sua rotina agora era umas férias em comparação.

Ao chegar em casa e encontrar o apartamento vazio, Ryker decidiu assistir um pouco de TV para relaxar e depois ir à academia no terceiro andar.

Ele se deixou cair no sofá, tirou as botas sociais, colocou os pés sobre a mesa de centro e ligou a TV.

Ao percorrer a lista dos vários serviços de streaming aos quais eram assinantes, Ryker se perguntava como era possível ter tantos programas e não querer assistir a nenhum deles.

O telefone dele tocou e Ryker largou o controle remoto da TV para pegá-lo e ler a mensagem.

Seu pulso acelerou ao ver que a mensagem era do investigador. Ele tirou os pés da mesa de centro, inclinou-se para a frente, abriu a mensagem e leu o relatório com apreensão.

Ele ficou perplexo.

Não havia *nada* . Dylan Landry morava em um apartamento estúdio a cerca de uma hora de caminhada da universidade, tinha uma dívida estudantil normal para um jovem de 23 anos e havia recebido duas multas por excesso de velocidade na adolescência. Tirando isso, seu histórico estava vazio.

Parecia que August poderia estar certo sobre ele.

Anexada ao arquivo estava uma cópia da foto da carteira de motorista de Dylan. Ryker recostou-se na almofada do sofá e colocou os pés de volta na mesa de centro, ampliando a foto para que preenchesse a tela do celular.

A foto tinha alguns anos, e Ryker esperava não parecer tão jovem agora quanto naquela época. Ele deu um zoom, examinando as feições do menino.

Bonito e de olhos brilhantes, com um nariz bonito e um queixo afilado, ele era mais bonito do que Ryker esperava.

Ele entendeu o que August quis dizer sobre seu cabelo. Estava volumoso, como se ele o tivesse deixado secar debaixo de um chapéu, e penteado de forma desleixada.

Parecia muito apetitoso.

Ryker gostaria de ter uma foto mais recente. Ele não conseguia imaginar como seria empurrar Dylan para dentro de sua virilha quando ele parecia tão jovem.

Ele mandou uma mensagem para August.

Você tem uma foto do menino?

Ele esperou um instante, na expectativa de uma resposta, mas August não respondeu.

Ryker largou o celular, sentindo-se um pouco tolo. Claro que August não respondeu imediatamente. Ele provavelmente estava atendendo um paciente.

Um minuto depois, porém, seu telefone tocou com uma mensagem recebida. A notificação na tela de bloqueio informava que August não havia enviado

nenhuma mensagem de texto, apenas um arquivo de imagem.

Ele abriu a mensagem com uma rapidez constrangedora e quase se engasgou com a própria saliva ao ver a imagem que August lhe enviara.

Obsceno era a única palavra que descrevia aquilo.

Tirada de cima, a foto mostrava August cutucando um buraco maltratado com a ponta do seu pênis, a abertura escancarada vazando sêmen e parecendo ter ido à guerra e *perdido* .

O pênis de Ryker endureceu, seu grosso membro pressionando a perna de sua cueca boxer e descendo por toda a extensão de sua coxa.

Ele ficou com água na boca.

Colocando a mão no volume da sua calça, ele lambeu os lábios e estudou a foto. O cu de Dylan parecia *dolorido* , a borda abusada inflamada e sensível, e Ryker se perguntou se ele sequer conseguira fechá-lo depois que August o fodeu.

A ideia de Dylan voltando para casa depois de ter recebido o nó de August, com o buraco tremendo e vazando esperma, enviou um arrepio de calor pela espinha de Ryker até o seu pau.

Ele respondeu à mensagem de August.

Seu filho da puta.

Não houve resposta.

Excitado, Ryker debateu consigo mesmo se deveria se masturbar agora ou esperar até August chegar em casa. Ele se espremeu por baixo do terno, acariciando seu pênis e focando na glande do pau de August, onde ela tocava a entrada do ânus de Dylan.

Familiar e enorme, Ryker ficou tão excitado com a visão do pênis gigantesco de seu parceiro quanto com o buraco que ele acabara de destruir.

Tirando a mão do volume na calça, Ryker decidiu que esperaria até August chegar em casa para ejacular. Ele iria à academia como planejado e gastaria um pouco da energia acumulada, e então, com sorte, quando August chegasse em casa, estaria disposto a lhe fazer um boquete.

Ele largou o celular e deu um último aperto no volume da sua calça.

Indo para o quarto, ele tirou a roupa e foi até o closet. Agachou-se para procurar entre suas roupas de ginástica, escolhendo uma calça legging de compressão para clima frio e uma camiseta de compressão combinando, além de um short de corrida de náilon de cinco polegadas.

Ele decidiu que faria uma corrida rápida antes de ir para a academia, em vez de fazer o aquecimento na esteira.

As calças de compressão eram justas o suficiente para manter tudo no lugar, e os shorts fariam um bom trabalho em esconder seu volume.

Calçando seus tênis de corrida, Ryker pegou seu par de luvas de inverno favorito e saiu. Pegou o elevador até o saguão e saiu do prédio, acenando com a cabeça para o porteiro e agradecendo-lhe por abrir a porta.

Estava frio lá fora, mas ele sabia que, assim que seu sangue começasse a circular, ele se sentiria bem.

Correndo pela calçada, desviando das pessoas que voltavam do trabalho a pé ou que simplesmente faziam compras, Ryker se dirigiu ao parque a alguns quarteirões de seu prédio. Fazia um tempo que ele não corria lá – geralmente preferia o parque maior, um pouco mais distante, na direção oposta – mas estava

com vontade de variar.

Fazer sempre a mesma coisa ficou entediante.

Enquanto caminhava pela calçada, Ryker percebeu e ignorou todos os olhares que recebia. Sua roupa era um tanto reveladora — ele geralmente não usava roupas de compressão em público — mas não ia sacrificar o conforto só para evitar exibir o corpo.

Ele estava um pouco mais frio do que esperava.

Após alguns minutos, Ryker chegou ao parque. Ele passou correndo pelo portão e entrou na trilha, acelerando o passo agora que havia menos pessoas em seu caminho.

A velocidade extra era exatamente o que ele precisava. Ao completar sua primeira volta no parque, ele já estava aquecido, e ao terminar a terceira, estava suando.

Após vinte minutos, Ryker decidiu sair do parque e explorar um pouco a cidade. Ele já estava aquecido o suficiente para voltar à academia e fazer um bom treino, mas estava com vontade de ficar ao ar livre por mais um tempinho.

Ele manteve a corrida em um ritmo leve, caminhando pelas calçadas e desviando-se bastante de seu caminho habitual, e depois de um tempo se viu a alguns quarteirões da universidade, coincidentemente a poucos quarteirões de onde Dylan supostamente residia.

Sem se permitir pensar muito nisso, ele continuou andando.

Foi só quando chegou em frente ao prédio onde Dylan morava, observando o revestimento desgastado e as molduras das janelas lascadas, que ele se viu obrigado a admitir que vinha planejando vir exatamente para aquele lugar o tempo todo.

Ele trotava no mesmo lugar, o corpo vibrando com a energia acumulada, e lutava consigo mesmo com a dúvida se deveria ou não se aproximar e se apresentar.

Ryker não precisava interrogar o garoto. Ele só queria ver com os próprios olhos o que havia encantado tanto August.

Antes que pudesse hesitar, Ryker subiu correndo os degraus até a porta da frente e tocou a campainha do apartamento de Dylan.

August ia ficar muito irritado com ele.

"Olá?"

Uma voz estática saiu do alto-falante antigo, acompanhada de um guincho que fez Ryker estremecer e dar um passo para trás.

“Olá. Sou Ryker Sterling, você conheceu meu amigo August Schaffer há alguns dias. Gostaria de entrar e conversar um pouco com você?”

Ryker fez uma careta. Ele parecia um lunático.

“Há algum problema?”

Dylan parecia nervoso, e Ryker não o culpava. Que tipo de pessoa, nos dias de hoje, aparece sem avisar na casa de um estranho?

“Não, eu só queria me apresentar antes do nosso encontro na quarta-feira.”

Houve uma pausa, seguida pelo clique da fechadura na porta.

“Certo. Estou no segundo andar.”

Ryker sorriu, aliviado por não ter sido mandado embora. Abriu a porta e entrou no saguão, franzindo a testa ao ver como o lugar estava decadente.

Havia azulejos rachados no chão e tinta descascando nas paredes, e um cheiro desagradável de mofo impregnava o ar.

O minúsculo elevador em forma de gaiola à sua esquerda parecia uma armadilha mortal.

Subindo as escadas, Ryker correu até o segundo andar. Abriu a porta que dava para o patamar, e as dobradiças rangeram horrivelmente.

Ele se perguntou por que ninguém os havia lubrificado. Levaria dois segundos e faria uma enorme diferença.

Atravessando a porta e lançando um olhar de desdém para as dobradiças enferrujadas, Ryker dirigiu-se para um corredor escuro. Uma figura baixa espreitava por trás de uma porta no meio do corredor, apenas os olhos e uma mecha de cabelo visíveis através da moldura de madeira.

Só podia ser o Dylan. Ryker abriu seu sorriso mais charmoso, tomando cuidado para não mostrar muitos dentes, e caminhou em sua direção.

A porta se abriu mais e Dylan apareceu. Para alívio de Ryker, ele parecia uns cinco anos mais velho do que na foto da carteira de motorista. Tinha perdido a gordura infantil no rosto e o cabelo estava um pouco mais curto, embora ainda tivesse aquele aspecto fofo e macio que dava a Ryker vontade de passar os dedos por ele, fechar a mão em punho e puxar .

Sua cintura era tão fina e sensual quanto August havia descrito.

Ryker inspirou pelo nariz, absorvendo o aroma do garoto e saboreando o arrepio que percorreu sua espinha.

"Meu" , sussurrou seu lobo, ganancioso e obrigando Ryker a respirar fundo mais uma vez. Seu pênis pulsou contra a frente de sua calça de compressão de spandex apertada, e um calor formigante invadiu seu estômago.

Ryker teve que prender a respiração enquanto lutava para recuperar o controle. Seu lobo estava mais alerta do que jamais estivera fora da lua cheia, os instintos animais o impulsionando a caçar e reivindicar o garoto que estava parado nervosamente à sua frente.

"Olá", disse Dylan, observando Ryker se aproximar com os olhos arregalados.

Vestido com calças de flanela e uma camiseta larga, que deixava entrever um pouco da clavícula, ele estava irresistível.

Havia um hematoma em sua garganta, e Ryker reconheceria a marca daqueles dentes em qualquer lugar.

“Olá. Você deve ser o Dylan”, disse ele, esforçando-se para manter um sorriso simpático.

O garoto estava despertando todos os seus instintos mais predatórios, e ele sabia que tinha a tendência de deixar esse tipo de coisa transparecer em seu sorriso.

"Esse sou eu", disse Dylan, pigarreando. Ele parecia adoravelmente sem jeito com a presença de Ryker.

“É um prazer conhecê-lo.” Ele parou a um passo de onde Dylan estava. “Sou Ryker.”

Ele estendeu a mão enluvada, divertido com a leve hesitação de Dylan diante do movimento repentino.

Será que ele pensou que ia agarrá-lo? Se sim, foi interessante que ele não

tenha recuado.

"Você também", disse Dylan, apertando a mão de Ryker. Sua palma desapareceu entre os dedos grandes de Ryker, e Ryker segurou a mão dele por uma fração de segundo a mais do que o apropriado.

Ele soltou, e Dylan puxou a mão de volta como se tivesse sido queimado.

"Desculpe por aparecer sem avisar", disse Ryker, prendendo o polegar no cós do short.

Por algum motivo, o movimento fez Dylan corar.

“Tudo bem”, disse Dylan, esfregando a nuca. “Você quer entrar?”

Ryker ficou aliviado por Dylan não estar olhando para o seu rosto, caso contrário, tinha quase certeza de que o sorriso em resposta o teria assustado.

"Eu adoraria."

Dylan entrou em seu apartamento e Ryker o seguiu.

Olhando ao redor, Ryker ficou satisfeito ao ver que o interior do apartamento era muito mais agradável do que o resto do prédio o havia levado a crer. Era pequeno, mas arrumado – consistindo em apenas um quarto e um banheiro minúsculo – com uma pequena cozinha em um canto e uma cama encostada na parede. A cozinha e a cama eram separadas por uma pequena escrivaninha e uma cadeira de escritório de aparência confortável.

Havia uma mancha no teto que parecia ser resultado de infiltração de água, mas as paredes pareciam ter sido pintadas recentemente e o piso vinílico estava praticamente novo.

Não havia TV nem sofá, e Ryker nunca em toda a sua vida estivera tão satisfeito com a falta de acomodações.

Ele sentou-se na cama, apreciando a forma como o perfume de Dylan impregnava os lençóis e cobertores sob ele.

"Posso te oferecer uma bebida?" perguntou Dylan, encostando-se na pia da cozinha. O pequeno canto da cozinha era minúsculo, sem forno nem bancada, consistindo apenas da pia, um armário, um micro-ondas e uma geladeira pequena. Ele olhou para a geladeira. "Tenho Coca-Cola Zero e água."

"Vou querer um copo d'água", disse Ryker, tentando resistir à tentação de pegar um dos travesseiros de Dylan e cheirá-lo.

Sem sofá, Dylan provavelmente passava muito tempo sentado na cama, e o cheiro refletia isso. Os lençóis não estavam sujos — o odor persistente de detergente indicava que haviam sido lavados há menos de uma semana —, mas mesmo assim estavam impregnados com o cheiro de Dylan.

“Aqui está.” Dylan entregou-lhe uma garrafa de água que tirou da geladeira.

Ryker desenroscou a tampa e tomou um longo gole. Ele não tinha corrido tempo suficiente para estar realmente com sede, mas a água ainda tinha um gosto bom, e era divertido observar os olhos de Dylan acompanhando o movimento de sua garganta enquanto ele engolia.

“Obrigado. Foi perfeito.”

Dylan não havia bebido nada. Voltou para a pia, agarrou o encosto da cadeira de escritório e a balançou para frente e para trás, usando-a como um escudo para se proteger da inconsciência.

Ele estava visivelmente nervoso, e Ryker se perguntou o que ele achava que ia acontecer.

Ryker sabia o que *queria* que acontecesse. Afinal, era justo. August havia provado algo do garoto antes do encontro, e era lógico que Ryker também tivesse permissão para fazer o mesmo.

"Quer que eu vá embora?", perguntou Ryker, lançando um olhar para a cadeira que agora estava firmemente posicionada entre eles.

Dylan soltou um som de susto, empurrando a cadeira de volta para debaixo da mesa com um rubor intenso.

“Não.” Ele cruzou os braços, parecendo constrangido. “Eu só queria saber se havia algo sobre o qual você gostaria de conversar comigo?”

Ryker deixou transparecer parte de sua intenção em seu sorriso. Ele abriu as pernas, aumentando o espaço entre as coxas, e deu de ombros.

“Nada em específico. Só queria dizer oi.” Ele colocou a garrafa de água entre as pernas, encostando-a na sua protuberância. “O August se divertiu tanto com você na sexta passada, que eu queria ver qual era a razão de tanto alvoroço.”

"Alvoroço?" Os olhos de Dylan estavam fixos na garrafa de água entre as pernas de Ryker. Ryker a envolveu com a mão, segurando-a como se fosse seu pênis.

“August está muito animado para te ver de novo.” Ryker circulou a tampa da garrafa com o polegar. “Aparentemente, você causou uma ótima impressão.”

Dylan parecia não saber o que fazer com aquela informação.

"Você não está com raiva?", ele finalmente deixou escapar.

Ryker deu uma risadinha e se levantou da cama, o movimento repentino fazendo Dylan pular.

“De jeito nenhum.” Ryker cruzou o espaço entre eles, adorando a forma como sua altura lhe permitia se impor sobre o rapaz mais novo. Ele apertou a frente da camiseta de Dylan entre o polegar e o indicador, acariciando o algodão com os dedos enluvados. “Invejoso, talvez, mas não com raiva.”

Dylan ficou paralisado, sem sequer respirar, enquanto Ryker tocava em sua camisa.

Normalmente, Ryker teria tirado as luvas nesse momento, mas como Dylan aparentemente gostava delas, ele as manteve.

Talvez tenha sido por isso que ele colocou as luvas, afinal. Ele geralmente não as usava quando corria antes das temperaturas caírem abaixo de zero.

"Você teria interesse em talvez fazer algo a respeito?" Ryker traçou o contorno da gola da camisa de Dylan, o dorso dos dedos roçando a pele do garoto e fazendo-o estremecer.

"Sobre o quê?" perguntou Dylan, com a respiração falhando quando finalmente conseguiu inspirar.

“Isso me deixa menos invejoso.” Ryker umedeceu os lábios e deu um passo à frente, pressionando Dylan contra a pia e fazendo-o inclinar-se para trás.

“Como eu faria isso?”

A respiração de Dylan agora vinha em pequenos suspiros curtos, e Ryker podia sentir a ereção do garoto cutucando sua coxa.

Seu sorriso se tornou malicioso.

“Diga-me você”, disse ele, acariciando com os dedos a cavidade da garganta de Dylan. “O que você fez com August que me deixaria com *inveja* ?”

Dylan fechou os olhos e ficou completamente imóvel. Após uma pausa,

olhou para Ryker por entre os cílios.

"Eu fiz sexo oral nele?"

O fato de Dylan ter formulado isso como uma pergunta foi adorável.

"Uma mamada?" Ryker envolveu a lateral do pescoço de Dylan com a mão, sentindo a marca roxa que August havia deixado em sua pele, com mordidas e chupadas. "Isso parece muito bom. Posso ter uma também?"

Dylan assentiu com a cabeça, apenas um leve movimento, mas isso foi tudo o que Ryker precisava. Ele empurrou o garoto para que ficasse de joelhos, dobrando-o no espaço apertado entre suas pernas e o armário embaixo da pia.

Ele olhou para baixo, com o pênis pulsando ao ver Dylan ajoelhado a seus pés.

"Tire meus shorts." A voz de Ryker era rouca. Agora que tinha Dylan onde queria, estava ansioso para começar.

Dylan estava olhando fixamente para os seus sapatos, como se estivesse perdido em seu próprio mundinho.

"Você está esperando alguma coisa?" Ryker tentou não deixar transparecer sua impaciência na voz. Seu pau estava pulsando, tremendo e liberando líquido pré-ejaculatório, e ele queria sentir os lábios de Dylan nele *agora* .

"Não, desculpe", murmurou Dylan, apressando-se em agarrar a cintura dos shorts de Ryker, puxando-os para baixo até suas coxas musculosas e arrastando o tecido até seus tênis de corrida.

"Bom garoto", disse Ryker, com a voz quase num rosnado. Ele tirou os shorts e os chutou para o lado. Pensou em tirar os sapatos, mas aí teria que se abaixar para desamarrá-los. Não tinha tempo para isso. "Posso ser bruto com você, né?"

Com as pupilas dilatadas e os lábios entreabertos, Dylan olhou para ele e assentiu com a cabeça.

Ryker agarrou-o pelos cabelos, sacudindo-o para estabelecer quem mandava, e então pressionou o rosto contra o volume em sua calça.

O contato fez com que faíscas de prazer percorressem a espinha de Ryker.

Ele segurou Dylan contra sua virilha, esfregando-o para cima e para baixo, nada além de uma fina camada de elastano separando o rosto do garoto de seu pênis pulsante.

Dylan gemeu, aconchegando-se feliz na linha da ereção de Ryker e inalando seu aroma almiscarado.

Ryker não tinha suado muito, mas estava correndo havia quase uma hora e não tinha tomado banho desde aquela manhã. Ele sabia que sua virilha devia estar com um cheiro um pouco almiscarado. O fato de Dylan parecer gostar disso abria um mundo inteiro de possibilidades.

Mais tarde, ele teria que ver se Dylan gostava do cheiro de suas axilas. Ele adoraria agarrá-lo pelo pescoço e enfiar o cheiro em sua axila suada, ou talvez deitá-lo na cama e sentar em seu rosto.

Talvez ele fizesse as duas coisas.

Ele empurrou Dylan para baixo até seus testículos, espalhando o volume sobre o nariz dele e enfiando a metade inferior do rosto entre as pernas. A cabeça de Dylan estava praticamente entre suas coxas, e Ryker podia sentir a respiração dele contra o períneo.

Ele tensionou as coxas, apertando a cabeça de Dylan entre as pernas até que

ele começasse a choramingar.

"Você gosta disso?", perguntou ele, puxando o rosto de Dylan para cima e empurrando-o de volta contra seu pênis.

"Sim", murmurou Dylan, esticando a língua e lambendo o elastano onde este apertava a cabeça do seu pênis.

Ryker grunhiu, a sensação dos lábios de Dylan na glande do seu pênis como um choque elétrico percorrendo sua espinha.

Foi uma sensação ótima.

Puxando a cabeça de Dylan para longe de sua virilha, Ryker enfiou a mão na calça e tirou o pênis para fora. O membro rígido pulsava, o prepúcio retraído revelando a glande em forma de cogumelo. Ele o jogou contra o rosto de Dylan, esfregando a glande esponjosa nos lábios, nariz e bochechas do garoto.

"Pronto", rosnou ele, desfigurando o rosto de Dylan. Cutucou-o no olho, acima da pálpebra, antes de descer e beijar seus lábios.

Dylan abriu a boca e tentou pegá-lo com a boca.

Ele parecia um passarinho bebê.

"Vadia", Ryker riu, decidindo dar a ele o que queria. Ele empurrou a cabeça do seu pau entre os dentes de Dylan e mudou de posição, inclinando os quadris e penetrando na boca do garoto no ângulo exato para chegar até a garganta.

Dylan engasgou, a invasão repentina o pegou de surpresa. Ele tentou tirar a boca do pênis de Ryker, mas Ryker o segurou e o obrigou a engolir.

Eles teriam que trabalhar para não usar os dentes, observou Ryker, mas isso podia esperar. Por enquanto, ele queria ver o quão fundo conseguia chegar.

"Desista se não aguentar", disse ele, mantendo a voz calma e autoritária.

Ele esperou um segundo, sem fazer nada, mas Dylan não desistiu. Suas mãos estavam nas pernas de Ryker, agarrando suas coxas, os dedos buscando freneticamente apoio no spandex apertado.

O que ele não estava fazendo, Ryker observou com um sorriso satisfeito, era tentar afastá-lo ou fazê-lo parar.

"Bom garoto", elogiou ele, deixando sua voz ressoar em sinal de aprovação. Deu um passo à frente, caminhando até a pia da cozinha e prendendo a cabeça de Dylan entre seu pênis e o armário. Ele havia enfiado cerca de metade do pênis na garganta do garoto, que estava todo sujo. Seus olhos estavam lacrimejando, seu nariz escorrendo e baba escorrendo pelo queixo e manchando sua camisa.

Ryker ficou impressionado por ele não estar vomitando. Apesar de alguns engasgos e ânsias de vômito, ele estava conseguindo engolir muito bem e manter seus reflexos sob controle.

“Desista ou eu vou continuar.”

As mãos de Dylan pararam, e Ryker sorriu. Ele mudou a posição da mão, inclinando a garganta de Dylan para ter um acesso um pouco melhor, e voltou a empurrar o pênis pela garganta do garoto.

Ryker podia sentir o esôfago de Dylan se expandindo para lhe dar espaço, a passagem estreita lutando para acomodar seu comprimento avantajado. Ele continuou empurrando e, em pouco tempo, conseguiu enterrar seus dez centímetros por completo.

De olhos fechados, Ryker permaneceu imóvel, apreciando as convulsões na garganta de Dylan ao redor de seu membro.

Não era de admirar que August tivesse se transformado em lobisomem quando chegou. Ryker não se sentia tão selvagem há anos.

“Dez segundos”, disse ele, pressionando os quadris contra o rosto de Dylan. O nariz do garoto estava enterrado em seus pelos pubianos, e Ryker se perguntou se aquilo fazia cócegas.

Dylan começou a engasgar, e Ryker teve que flexionar os braços para mantê-lo no lugar.

“Cinco segundos”, rosnou ele.

Aos dois segundos, Dylan bateu na coxa e desistiu. Ryker recuou imediatamente, soltando-o dos cabelos e permitindo que ele respirasse.

"Você quase conseguiu", disse ele, observando Dylan ofegar em busca de ar.

Dylan limpou a boca. Quando percebeu o quão sujo estava seu rosto, levantou a frente da camisa e usou-a para limpá-lo. Deixou a camisa cair de volta e afastou o cabelo dos olhos. "Desculpe."

Ryker sorriu.

“Podemos tentar de novo. Vamos tentar por quarenta segundos desta vez.”

Ryker voltou a ficar na frente dele, esfregando os testículos no rosto de Dylan.

"Abrir."

Dylan obedeceu, mas em vez de enfiar o pênis no buraco convidativo, Ryker se agachou e segurou seu queixo.

“Olá.” Ele passou o polegar enluvado pelo lábio inferior de Dylan, pressionando seus dentes inferiores e o estudando. “Você está se divertindo?”

Ele passou a mão livre entre as pernas de Dylan, apertando-o. Dylan estava excitado, com o pênis pressionando a frente da calça de flanela.

Dylan tentou acenar com a cabeça, mas Ryker queria uma resposta verbal.

Ele tinha começado as coisas de forma bastante difícil, e agora precisava garantir que Dylan estivesse se divertindo antes de subir o nível.

"Sim", disse Dylan, com a voz distorcida pelo polegar de Ryker pressionando sua língua. Ele perseguiu o dedo e tentou chupá-lo. "Você é tão gostoso."

Ryker sorriu, mostrando os dentes e lambendo os lábios. Apertou o pau de Dylan, deslizando-o por cima da calça.

“Obrigado.” Ele tirou o polegar da boca de Dylan. “Você também é bem sexy.”

Dylan corou e olhou para o chão, mas Ryker ergueu a cabeça e se inclinou para um beijo. Seus lábios se encontraram, e Ryker sentiu-se derreter com o toque suave dos lábios de Dylan.

O beijo começou suave, Ryker explorando seu novo território, e então se tornou cada vez mais fervoroso. Dylan gemeu na boca de Ryker, entreabrindo os lábios e permitindo que ele lambesse por cima com uma submissão fácil que fez os testículos de Ryker ficarem pesados.

"Acha que consegue aguentar quarenta segundos desta vez?", perguntou Ryker, afastando-se e fazendo Dylan soltar um suspiro de surpresa.

Dylan levou um segundo para processar a pergunta, mas depois assentiu com a cabeça.

“Bom garoto.”

Ryker se levantou, tirando a camiseta de compressão e jogando-a no chão. Ele acariciou o pênis, envolvendo-o com os dedos e apertando-o.

Ele extraiu um fio transparente de líquido pré-ejaculatório de sua fenda. O fio pendia da ponta de seu pênis, e seu estômago se contraiu ao perceber que Dylan o observava como se estivesse considerando se aproximar e abocanhá-lo.

"Você vai deixar eu foder sua cara?" A voz de Ryker estava rouca.

Dylan estremeceu. Em vez de responder com palavras, assentiu com a cabeça e abriu a boca, inclinando o pescoço para trás no ângulo correto para ter a garganta fodida.

Foi uma das coisas mais vulgares que Ryker já tinha visto, e naquele momento ele entendeu por que August era tão obcecado.

O menino era perfeito.

“Certo, agora entendi”, disse ele, empurrando a cabeça do seu pênis para dentro da boca de Dylan. Deixou-a repousar na ponta da língua e Dylan começou a chupar. “Agora entendo por que August gosta tanto de você.”

Dylan olhou para ele com os olhos arregalados, o elogio fazendo-o ficar deslumbrado.

"Porra, isso é bom demais", disse Ryker, com a voz rouca e grave. Ele movia o pênis para frente e para trás sobre a língua de Dylan, apreciando o jeito como as nádegas dele se enchiam quando ele mudava de ângulo de vez em quando. "Você está pronto para mais?"

Dylan murmurou algo perto do pênis que soou como "sim".

Ryker enroscou os dedos nos cabelos de Dylan, dando-lhe um puxão cruel na cabeça e empurrando-o contra o armário.

"Tem certeza?"

Ryker olhou para baixo, esperando que Dylan fizesse um som afirmativo. Quando ele fez, Ryker endireitou a postura, ficando numa posição em que podia impulsionar os quadris livremente e foder a garganta de Dylan com força.

“É isso que eu gosto de ouvir.” Ele empurrou o máximo possível em direção ao fundo do palato mole. “Coloque as mãos atrás das costas.”

"Sim, senhor", murmurou Dylan, de forma quase incompreensível.

Ryker não conseguiu discernir se o uso da palavra "senhor" era irônico ou sincero, então a ignorou.

"Vou ser bruto com você", avisou ele, puxando o cabelo de Dylan com força mais uma vez. "Desista se não aguentar. Não vou ficar bravo."

Dylan manteve as mãos atrás das costas, esperando obedientemente, e isso foi mais do que suficiente para Ryker começar a foder seu rosto.

Dessa vez, Dylan estava mais preparado quando Ryker enfiou o pênis até o fundo da garganta dele. Ele conseguiu engolir todo o comprimento com o mínimo de engasgo, e Ryker ficou impressionado.

"Sua puta desgraçada", ele rosnou, puxando o pênis quase todo para fora e enfiando-o de volta com força.

O momento em que seu pênis deslizou bem no fundo da língua de Dylan e atingiu seu palato mole foi *primoroso* .

"Eu deveria dar um nó na sua cara, para te mostrar o que realmente significa prender a respiração."

Dylan deu um pulo de susto, e Ryker riu.

"Você não gosta da ideia?" Ele enfiou o pênis até o fundo e o manteve lá. "Não se preocupe. Vou me limitar a te penetrar."

Ele recuou os quadris, permitindo que Dylan respirasse, e penetrou-o novamente.

Dylan estava aguentando firme. Ryker não tinha conseguido se soltar de verdade há um tempo, estava muito ocupado para ficar com estranhos, e August preferiria arrancar o pau dele a deixá-lo ser tão bruto assim.

Ele se aproximou arrastando os pés, prendendo a cabeça de Dylan entre as coxas e penetrando sua garganta com estocadas curtas e brutais.

Ao sentir que estava chegando perto, Ryker soltou o cabelo de Dylan e deu um passo para trás com uma risada repentina. Ele enxugou a testa — tinha suado mais transando com Dylan do que durante a corrida — e se agachou.

"Tudo bem?", perguntou ele, dando um tapinha no cabelo de Dylan enquanto o menino ofegava em busca de ar.

Dylan assentiu com a cabeça, fazendo um sinal de positivo com o polegar. Ryker sorriu, agarrou seu ombro e deu um aperto de leve em sinal de aprovação.

“Não muito?”

Dylan fechou os olhos e engoliu em seco, sem responder, embora, a julgar pela curva satisfeita de seus lábios, não pudesse ter sido tão horrível. Mesmo assim, Ryker decidiu pegar mais leve. Ele não pretendia ser tão *grosseiro* .

"Que tal você sentar no meu colo e a gente se pegar um pouco?", sugeriu ele, movendo a mão para cima e apertando a lateral do pescoço de Dylan. Sua luva preta contrastava fortemente com a pele de Dylan, dando-lhe uma prévia de como ele ficaria se usasse uma coleira.

Ele arquivou a ideia para mais tarde.

"Sim."

Dylan não disse mais nada, sua voz estava embargada, embora ele parecesse muito feliz com a sugestão.

Ryker tirou as luvas e as jogou no chão, decidindo que já havia satisfeito o suficiente o fetiche de Dylan. Ele observou atentamente a expressão de Dylan, mas este não pareceu demonstrar qualquer pesar pela perda das luvas.

Ele se levantou, imaginando se Dylan havia inventado toda aquela história do fetiche por luvas para parecer mais pervertido do que realmente era.

Não seria a primeira vez que um dos encontros online de agosto exageraria em suas preferências sexuais peculiares.

Por outro lado, talvez Ryker simplesmente não estivesse usando as luvas certas.

Dylan permaneceu de joelhos, encostado no armário e respirando com dificuldade. Observando-o, Ryker decidiu que não se importava com o que Dylan havia contado a August online. Preferia conversar com ele e descobrir por si mesmo do que ele gostava.

"Quer que eu te carregue?", perguntou ele, desejando egoisticamente segurá-lo.

Ryker adorava carregar e dominar seus parceiros.

Dylan assentiu com a cabeça, e Ryker se abaixou para pegá-lo no colo. Dylan entrelaçou as pernas na cintura de Ryker, encostando-se em seu ombro como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Ele era mais leve do que aparentava, e Ryker se perguntou a que distância conseguiria arremessá-lo.

Caminhando até a cama, sentou-se com as costas encostadas na parede e acomodou Dylan em seu colo. Pegou dois travesseiros e os enfiou atrás das costas, a cama rangendo sob seu peso enquanto ele se ajeitava, buscando uma posição confortável.

“Está bom assim?”, perguntou ele.

"Muito bom", concordou Dylan. Ele estava com o rosto encostado na parte superior do peitoral de Ryker, a boca pressionada contra a pele dele num beijo demorado.

Ryker enfiou a mão por baixo da camiseta de Dylan, massageando-o ao longo dos músculos da coluna.

"Isso é bom", murmurou Dylan.

Ryker não resistiu à tentação de curvar o pescoço, afundar o nariz nos cabelos de Dylan e inalar seu aroma delicioso.

Dylan ficou imóvel. "Você está me cheirando?"

Sem demonstrar o menor constrangimento, Ryker grunhiu em afirmação.

Você está cheirando bem.

"Eu faço?"

“Muito. Isso me deixa com o pau muito duro.”

Dylan colocou as mãos nas laterais de Ryker, deslizando-as para cima e apalpando seus dorsais. O toque era hesitante e ávido ao mesmo tempo.

Ryker recostou-se e deu um sorriso irônico. "Quer explorar?"

Dylan olhou para ele, e a expressão confusa em sua testa fez Ryker querer se inclinar e lamber seu rosto.

"O que você quer dizer?"

“Eu sou bem forte, e você parece gostar disso. Pode tocar no que quiser.”

Ryker ergueu os braços acima da cabeça, apoiando as mãos atrás da nuca e encostando as costas na parede. A posição fez com que seus braços se flexionassem, exibindo seu peito largo e axilas peludas.

Dylan ficou paralisado, sua garganta se movendo enquanto engolia em seco.

"Tire a camisa", ordenou Ryker, querendo ver mais do corpo de Dylan.

Quando Dylan hesitou, flexionou os músculos peitorais, fazendo-os dançar de forma brincalhona.

Dylan corou, desviando o olhar como se a exibição de Ryker fosse demais para ele. Levantou a barra da camiseta e a tirou pela cabeça, jogando-a no chão e cruzando os braços sobre o peito. Ficou sentado ali, com uma expressão desajeitada, evitando deliberadamente o olhar dos músculos peitorais de Ryker.

"O que você está esperando?" perguntou Ryker, levantando os quadris e fazendo Dylan cair para a frente.

Dylan se deu conta de que estava com o rosto apoiado no peito, os dedos bem abertos sobre o peitoral musculoso de Ryker, roçando seu mamilo.

Ryker estremeceu, permanecendo imóvel e aguardando para ver o que Dylan faria em seguida. Como nada aconteceu, ele olhou para a mão do garoto.

“Você gosta desse lugar?”

Dylan puxou a mão de volta, o que não era o que Ryker queria. Dylan deveria venerá-lo – lamber e apalpar seus músculos como se fossem sua coisa

favorita no mundo – não ficar sentado ali como uma solteirona zelosa e zelosa de sua virtude.

O fato de Dylan ser tão tímido estava começando a ser mais irritante do que fofo.

“Você pode usar a boca se quiser.” Ryker balançou os quadris, fazendo Dylan ter que se conter novamente. “Vamos lá. Adore meu corpo.”

Isso se provou simplesmente demais para Dylan suportar.

"Que vergonha!", exclamou ele, puxando a mão para trás bruscamente e fechando os olhos. Seu rosto estava vermelho como um tomate e ele parecia completamente transtornado. "Você não pode simplesmente dizer coisas assim!"

Ryker revirou os olhos e sorriu. "Pare de ser tão dramático. Você só precisa parar de se achar tanto." Ele pegou a mão de Dylan e a colocou em seu peito. "Que tal eu te dizer onde tocar, e aí você simplesmente faz?"

Ele soltou a mão de Dylan e abaixou-se para ajeitar o próprio pênis, limpando uma gota de líquido pré-ejaculatório da ponta e levando-a à boca.

Dylan observou-o lamber a gota do polegar como se estivesse tendo uma experiência religiosa.

"Certo", disse Dylan. Ele respirou fundo para se acalmar, e parte da tensão sumiu de seu rosto. Parecia aliviado por ter sido expulso do banco do motorista.

"É mesmo?" Ryker sorriu. Ele mal podia esperar para sentir as mãos e a boca de Dylan por todo o seu corpo. "Maravilha. Você pode começar beliscando meus mamilos."

Os dedos de Dylan tremeram enquanto ele os movia em direção aos mamilos de Ryker, segurando-os desajeitadamente entre o polegar e o indicador e dando-lhes um beliscão quase imperceptível.

Ryker zombou e estalou os músculos peitorais. "Mais forte."

As narinas de Dylan dilataram, seu olhar fixo nos músculos peitorais de Ryker enquanto ele beliscava seus mamilos.

“Que delícia.” A voz de Ryker baixou. “Agora solte meus mamilos e massageie meus peitorais. Use as mãos inteiras – massageie bem o músculo.”

Dylan engoliu em seco, levando as mãos à curva do peito musculoso de Ryker e apertando-o. Ele apalpou os músculos peitorais de Ryker com concentração determinada.

Ryker deixou que ele adorasse seu peito por um tempo, aproveitando a leve massagem, antes de instruí-lo a se inclinar e começar a lamber.

"Seu peito?" perguntou Dylan, paralisado.

"Sim", grunhiu Ryker. "Chupe meus mamilos e lamba meu peito."

Quando Dylan demorou demais para obedecer, Ryker o agarrou pela nuca e o empurrou para dentro da fenda entre seus músculos peitorais.

"Lamber."

Ele colocou as mãos atrás da cabeça e Dylan estendeu a língua, dando uma lambida tímida em seu mamilo.

“Isso mesmo. Chupa meu mamilo.”

Dylan gemeu, e Ryker riu. Deixou Dylan mordiscar seus mamilos por uns bons cinco minutos, depois dos quais seus mamilos estavam agradavelmente doloridos e arrebitados.

“Se divertindo?”

Dylan gemeu, enfiando o nariz na fenda entre os peitorais de Ryker e esfregando-o para cima e para baixo entre as saliências rígidas dos músculos.

“Ótimo. Agora chega mais perto e coloca o rosto debaixo do meu braço. Estou toda suada e quero que você me limpe.”

Dylan recuou, olhando para ele com os olhos arregalados. "Sua axila?", perguntou, desviando o olhar para a região peluda sob o braço de Ryker.

Ele pareceu escandalizado.

“Entre de cabeça nisso”, confirmou Ryker.

Como Dylan não se mexeu, Ryker o agarrou pelo pescoço e pressionou seu rosto firmemente sob o braço.

Ele colocou a mão de volta atrás da cabeça, esperando que Dylan começasse a lamber.

A princípio não havia nada, apenas um choque paralisante, mas então Ryker sentiu o toque hesitante da língua de Dylan pressionando sua pele.

“Isso mesmo. Tira todo esse suor daí”, Ryker resmungou, com o pau pulsando contra o estômago. Quando percebeu que Dylan estava prendendo a respiração, deu uma risadinha. “Não se esqueça de respirar.”

Dylan respirou fundo, ofegante, e de repente pareceu perder todas as inibições. Ele enfiou o rosto na axila de Ryker, lambendo-a de cima a baixo como um animal.

Relaxando e deixando Dylan o adorar, Ryker estava imensamente satisfeito. Dylan não só estava se comportando como uma pequena vadia submissa, como também estava encharcado com o perfume de Ryker. Não importava quantas vezes ele tomasse banho ou se limpasse, vestígios do cheiro de Ryker permaneciam nele por dias.

Dylan lambeu a axila de Ryker até ter certeza de que ele havia absorvido cada gota de suor.

“Outro lado.”

Quando Dylan mudou de posição, Ryker começou a se masturbar. Seu pau estava tão duro que doía, e a cada poucos segundos ele tinha que parar de se tocar para evitar gozar.

A situação piorou quando Dylan começou a se mexer por conta própria, lambendo e beijando o caminho até chegar aos bíceps de Ryker.

Se Ryker não o fodesse agora, ele acabaria desperdiçando seu nó e gozando na mão dele.

"Você tem lubrificante?", perguntou ele.

Dylan não respondeu, estava ocupado demais se aconchegando em seu buraco.

Ryker agarrou-o pelos cabelos e puxou-o para trás, sacudindo-o.

"Lubrificante?", perguntou ele novamente quando Dylan apenas o encarou sem expressão.

Dylan piscou, o rosto brilhando de suor, e ficou apenas olhando para ele. Depois de um segundo, seu cérebro pareceu voltar a funcionar.

“Na minha mesa.”

"Ótimo."

Ryker deslizou para fora da cama, segurando Dylan por baixo do quadril e levantando-o junto. Abriu a gaveta da escrivaninha, vasculhando o interior até

encontrar um frasco de lubrificante lamentavelmente pequeno.

Teria que servir.

"Quero te foder", disse Ryker, pegando o lubrificante e voltando para a cama. Ele deitou Dylan e o virou de bruços, agachando-se atrás dele e puxando para baixo suas calças de flanela e cueca.

Dylan arqueou as costas, e Ryker agarrou sua bunda e apertou. "Está tudo bem?"

Ele separou as nádegas de Dylan, expondo seu orifício. Pequeno e rosado, parecia ter se recuperado do abuso que August lhe infligiu durante a brincadeira de faz de conta.

"Se você quiser", murmurou Dylan, escondendo o rosto no colchão e fechando os olhos.

"Não é bom o suficiente", rosnou Ryker, dando um tapa na própria bunda. "Diga que você quer que eu te foda."

Dylan gemeu, pressionando seu pênis duro contra a cama.

"Quero que você me foda", murmurou ele, parecendo envergonhado novamente.

Ryker sorriu, depositando uma gota de saliva diretamente em seu orifício e pressionando com dois dedos. Dylan estremeceu de surpresa, gritando quando Ryker o penetrou e o abriu.

"Apertado", grunhiu Ryker, afastando os dedos e pegando o frasco de lubrificante. Ele esguichou algumas gotas no orifício de Dylan e espalhou o lubrificante fino com os dedos, revestindo o interior do orifício e balançando a cabeça em sinal de reprovação pela má qualidade.

“Seu lubrificante é uma porcaria.”

Dylan não respondeu, estava ocupado demais gemendo enquanto Ryker o penetrava com os dedos.

Ryker trabalhou no buraco de Dylan por bons cinco minutos, certificando-se de atingir sua próstata em intervalos regulares.

"Acho que já chega de preparação", murmurou ele, retirando o pênis e pegando o lubrificante novamente. Ele o lubrificou, deixando-o bem encharcado, antes de subir na cama.

"Isso é?"

Dylan parecia preocupado.

"Vou devagar", Ryker sussurrou, sentando-se entre as coxas de Dylan e alinhando seu pênis. "Vou te dar tempo para se acostumar."

Ele roçou seu pênis na entrada de Dylan, o anel muscular apertado se contraiu firmemente, e se deitou de modo a ficar por cima das costas de Dylan.

"Relaxa esse buraco", instruiu ele, envolvendo o pescoço de Dylan com o braço e o apertando contra o peito enquanto roçava o pênis na entrada do garoto. "Respira e deixa eu entrar."

Ele pressionou firmemente contra a entrada de Dylan, o anel apertado se abrindo lentamente ao redor da cabeça de seu pênis.

Dylan soltou um grito de dor e se contorceu com a intrusão larga, mas com Ryker o imobilizando, não havia como escapar. Ryker permaneceu imóvel, esperando que Dylan se acostumasse com o alongamento.

"Como se sente?", perguntou ele, enquanto a bunda de Dylan apertava a

cabeça do seu pau.

"Dói", murmurou Dylan, agarrando o braço de Ryker, que estava em volta de seu pescoço, em busca de apoio.

A forte pressão no pênis de Ryker era o melhor tipo de tortura, e ele precisou de toda a sua força de vontade para não começar a impulsionar os quadris.

“Você está fazendo um ótimo trabalho”, disse ele, empurrando o pênis ainda mais fundo. “Tudo o que você precisa fazer é relaxar e aceitar.”

Centímetro por centímetro, Ryker foi introduzindo seu pênis no orifício incrivelmente apertado de Dylan, forçando o anel tenso de músculo a se abrir e recebê-lo.

“Você está indo muito bem”, rosnou ele, apertando o braço e pressionando a cabeça de Dylan contra seu peito. O abraço esmagador, combinado com o fato de que ele estava apoiando quase todo o seu peso sobre o corpo de Dylan, significava que Dylan não conseguia se mexer um centímetro sequer.

"Vou fazer você desmaiar", avisou ele, flexionando o braço.

Ele se lembrou de August ter mencionado que a asfixia erótica era uma das coisas favoritas de Dylan.

Dylan soltou um som de surpresa na garganta e, quando Ryker cortou seu ar, ele se enrijeceu e começou a se contorcer.

Foi uma sensação incrível.

"Não tenha medo", rosnou Ryker, contando os segundos. "Você aguenta."

Dylan se contraiu completamente, suas mãos agarraram o braço de Ryker, e então, de repente, seu corpo ficou mole.

Ryker imediatamente afrouxou o estrangulamento e começou a mover os quadris, penetrando o cu de Dylan com estocadas longas e fortes que faziam a cama inteira bater na parede.

Ele se sentia como um animal.

Dylan recobrou a consciência em pânico, erguendo a cabeça bruscamente e batendo-a contra o peito de Ryker. Ryker estendeu a mão, segurou-o com firmeza e o empurrou de volta para o colchão com um grunhido, enfiando seu pau até o fundo do seu cu.

Quando percebeu onde estava e o que estava acontecendo, Dylan ficou mole e se entregou a ser fodido.

O braço de Ryker continuava em volta do pescoço dele. Ele não faria Dylan desmaiar de novo — restringir o fluxo sanguíneo para o cérebro não era algo com que se devesse ser descuidado —, mas a ameaça estava ali.

"Foi muito assustador?", perguntou ele.

Dylan demorou um pouco para responder, mas depois balançou a cabeça. "Foi bom."

Ryker riu, penetrando-o com mais força. Agosto tinha mesmo acertado em cheio com essa.

"Você consegue vir assim?", perguntou ele, enfiando a mão por baixo do corpo de Dylan e encontrando seu pênis. Estava duro como pedra e pulsando, o pequeno comprimento preenchendo a palma da mão de Ryker na medida certa. Ryker apertou, em tom de teste.

"Sim", gemeu Dylan, com o pau tremendo enquanto Ryker trabalhava o pequeno membro rígido. "Por favor, não pare!"

Ryker sorriu e o penetrou com mais força. Dylan de repente apertou o pau dele com força, o cheiro do seu gozo preenchendo o ar, e a palma da mão de Ryker ficou coberta de sêmen pegajoso.

"Me dê sua carga", rosnou Ryker, puxando-o até o orgasmo.

Não demorou muito para Ryker também gozar. Seus testículos se contraíram, seu pênis pulsando a cada jato grosso de esperma que entrava no cu de Dylan.

Ele queria ficar assim para sempre.

Movendo os quadris em um ritmo frenético, trabalhando o pau como uma britadeira, Ryker mal percebeu que estava estourando o nó. Só se deu conta quando ele começou a enroscar na borda do cu de Dylan.

"Porra, posso te dar um nó?" ele rosnou, enfiando seu pau até o fundo e esfregando o nó no buraco perfeito de Dylan.

"Claro", disse Dylan, com a voz embargada. Ele estava mole e sem forças, e seu orifício fez um som abafado quando Ryker puxou o nó meio murcho e o enfiou de volta.

Foi uma sensação ótima.

Ele tentou fazer de novo, mas o nó estava muito grande e a borda do sapato de Dylan não esticava o suficiente.

Ryker puxou mesmo assim, sorrindo quando Dylan gemeu e levantou os quadris.

"Pare com isso", resmungou Dylan, tremendo enquanto levantava a bunda até que ficasse encostada na virilha de Ryker.

Ryker se deitou novamente, aconchegando o rosto no pescoço de Dylan e inalando seu perfume enquanto se deixava relaxar sobre ele.

"Você é pesado", reclamou Dylan após uma pausa, com dificuldade para respirar.

"É tudo músculo", disse Ryker, convencido e embriagado pela sensação do buraco de Dylan ordenhando e apertando seu nó.

Ele se virou, puxando Dylan consigo e aconchegando-o sob o queixo. Pegou um travesseiro e o colocou sob a cabeça, se acomodando.

"Melhorar?"

Dylan fez um barulhinho feliz e se aconchegou de volta nele. "Muito."

Ryker passou a mão sobre a barriga de Dylan, abrindo-a bem e deixando-a repousar sobre o abdômen dele.

"Estou tão pegajoso", comentou Dylan, parecendo um pouco atordoado.

Ryker esperava não ter sido muito bruto. Ao relembrar a maneira impiedosa como havia penetrado os dois orifícios de Dylan, teve que admitir que se deixara levar.

Mas Dylan cheirava tão bem, e os sons que ele fazia quando Ryker puxava seu cabelo e o fodia na cara eram deliciosos.

"De um jeito bom?" perguntou Ryker.

“Sim”, respondeu Dylan, sem hesitar. Ele virou o pescoço, olhando para ele. “E você?”

"E eu?" Ryker estava confuso.

“Estava tudo bem?”

Ryker riu. Enterrou o rosto nos cabelos de Dylan e beijou o topo de sua cabeça. "Foi ótimo. Nota dez, com certeza faria de novo."

Dylan relaxou e Ryker deu uma risadinha. Como alguém podia aguentar uma surra daquelas e depois se perguntar se tinha se saído bem era algo que ele não conseguia entender.



O nó de Ryker demorou uns bons trinta minutos para desfazer, mas Dylan adormeceu poucos minutos depois de Ryker os ter virado.

Ryker puxou os lençóis sobre seus corpos, o brilho do suor em sua pele fazendo o quarto parecer frio, e então passou os próximos vinte e poucos minutos esperando que seu nó se desfizesse.

Já fazia muito tempo que ele não dava um nó em alguém, e não se lembrava de ter sido tão bom ou de ter durado tanto tempo.

Quando o nó começou a encolher e o sêmen começou a vazar do buraco de Dylan, Ryker não resistiu à tentação de estender a mão e tentar empurrar um pouco daquela gosma de volta para dentro.

O cheiro era maravilhoso. O perfume dele, forte e intenso, se misturando com o de Dylan de uma forma belíssima.

O toque em sua borda sensível acordou Dylan. Ele gemeu, soltando um lamento de dor quando tentou se afastar e percebeu que estava preso.

"Ai", murmurou ele, parecendo muito arrependido.

Ryker os virou, colocando Dylan de bruços e expondo o nó do seu pênis. A base ainda estava inchada, mas não a ponto de impedi-lo de retirá-lo.

"Você está bem", disse Ryker, sentando-se entre as coxas de Dylan e avaliando os danos.

Estava exatamente como na foto que August lhe enviara.

O ânus de Dylan estava vermelho e dilatado, o orifício esticado tremendo, o sêmen escorrendo pelo períneo e sobre os testículos. Ryker usou dois dedos para recolher um pouco da sujeira, empurrando-a de volta para dentro. Ele desejou ter um tampão – algo grande que mantivesse o ânus de Dylan dilatado e, ao mesmo tempo, retivesse o sêmen dentro dele – mas isso também era bom.

"Você quer gozar de novo?" perguntou Ryker, puxando o pênis de Dylan de volta entre as pernas e o colocando entre as coxas. Ele apertou os testículos, puxando-os para obter uma reação, enquanto empurrava o sêmen de volta para dentro do seu orifício.

Ryker adoraria se divertir um pouco com os testículos de Dylan – talvez colocá-lo em um dispositivo de humilhação e bater neles com um chicote, ou simplesmente prendê-los firmemente no saco escrotal como estava agora e bater neles com as costas dos dedos – mas esse era o tipo de sexo que exigia uma *conversa* .

O pensamento o fez estremecer. Ele realmente deveria ter conversado com Dylan antes de ser tão bruto com ele, mesmo que não tivesse feito nada tão pervertido assim. Só porque August havia negociado uma cena, não significava que Ryker tinha carta branca para fazer o que bem entendesse.

Estrangulá-lo sem pedir permissão não era aceitável.

Ryker retirou os dedos do buraco de Dylan, a lucidez pós-orgasmo fazendo-o

sentir-se péssimo por suas ações.

Querendo se desculpar, ele se abaixou até ficar de bruços e colocou a boca no pênis de Dylan. Inclinou a cabeça, agarrou as coxas de Dylan e as afastou, abocanhando cerca de dois terços do comprimento do pênis de Dylan.

"Ah, que merda!", exclamou Dylan, agarrando os lençóis e contraindo os dedos dos pés enquanto Ryker começava a lhe fazer sexo oral.

Ryker continuou, segurando as pernas de Dylan afastadas enquanto o chupava. Ele ergueu o rosto e lambeu toda a extensão do pênis de Dylan, passando pelos testículos e chegando até o períneo, antes de voltar a abocanhar a glande.

Não demorou muito para que as coxas de Dylan se tensionassem, sua respiração acelerasse e ele ejaculasse pela segunda vez na boca de Ryker.

"Hummm", disse Ryker, sorrindo e mantendo o esperma na boca. Ele subiu pelo corpo de Dylan e se inclinou para beijá-lo.

Dylan fez uma careta ao perceber que a língua que invadia sua boca estava coberta de sêmen, mas logo pareceu aceitar e começou a retribuir o beijo de Ryker.

Ryker se apoiou nos cotovelos, cobrindo Dylan com o cobertor, mas sem usar seu corpo para pressioná-lo contra o colchão como fizera antes.

Após se beijarem por vários minutos, Ryker beijou o maxilar de Dylan ao longo de sua mandíbula e aninhou-se em seu pescoço.

"Posso te morder?", murmurou ele, raspando os dentes na pele da jugular de Dylan.

Dylan parou de repente. "Não?"

Ele pareceu perplexo e perturbado com a pergunta de Ryker, e embora Ryker ficasse feliz em saber que ele era capaz de impor limites, na verdade, ele queria mordê-lo.

“Não muito forte”, disse ele, levando um pedaço de pele à boca e segurando-o ali. Soltou e lambeu a área. “Como August fez.”

“O Dr. Schaffer não me mordeu”, disse Dylan, afastando-se da boca de Ryker. Ele se mexeu, tentando, sem sucesso, rolar. Ryker ergueu o corpo o suficiente para que ele pudesse se virar para encará-lo, os dedos percorrendo o hematoma irregular onde August havia deixado sua marca.

“Então, o que é isto?”

Dylan bufou, tocando a marca com um leve sorriso irônico. Seus dedos pousaram sobre os de Ryker, e os dois traçaram juntos a marca de August.

“É só um chupão.”

"Posso te dar um chupão?" perguntou Ryker, sem se importar com o nome que Dylan dava àquilo.

Dylan estreitou os olhos. "Não se você tiver que me morder para colocar isso aí."

Ryker grunhiu, frustrado. Abaixou a cabeça e enterrou o rosto na garganta de Dylan, do outro lado de onde August havia se posicionado.

"Não vou morder." Sua voz estava abafada.

Dylan parecia ter uma definição diferente da palavra, e Ryker pararia se ele se opusesse.

"Certo", disse Dylan, com a voz embargada pelo nervosismo.

Ryker hesitou. Ele acabara de se repreender por ter sido muito bruto, e agora estava pressionando Dylan para que o deixasse lhe dar um chupão?

Ele tinha mais controle do que isso.

Com os dentes ardendo de vontade de morder, Ryker reprimiu seus instintos e ignorou a necessidade quase irresistível de deixar uma marca visível no corpo de Dylan, provando que ele era seu.

"Tudo bem, podemos nos beijar mais um pouco." Ele lambeu o queixo de Dylan, subindo até sua boca e enfiando a língua entre os lábios. Eles rangeram os dentes e Ryker rosnou. "Você tem um gosto bom."

Dylan sorriu, recostando-se e respirando com dificuldade.

Ryker estava prestes a se inclinar e beijá-lo novamente quando bateram na porta.

"Dylan? Tenho uma emergência!" Uma voz feminina chamou, batendo na porta novamente. "Vou sair para um encontro e preciso que você me diga que eu não pareço uma vadia."

Dylan parou de repente, encarando a porta com uma expressão horrorizada.

“Dylan, abre a porta! Ele vai me buscar em cinco minutos.”

"Esconda-se no banheiro", Dylan sibilou, empurrando Ryker para longe e pulando da cama. Ele vestiu suas calças de flanela e camiseta, pulando e demorando muito mais para se agasalhar do que se estivesse calmo. Quando Ryker não se mexeu, ele o agarrou pelo braço e tentou puxá-lo para fora da cama. "No banheiro!"

Ryker deixou-se empurrar para dentro do minúsculo banheiro, com Dylan fechando a porta firmemente atrás dele. Ele puxou a calça de compressão de volta sobre o pênis, ajeitando-o de forma que ficasse confortavelmente contra os quadris, e então ouviu Dylan se apressar para arrumar o quarto e abrir a porta para o amigo.

Pelo menos não era um amante, Ryker se consolou. Isso sim seria perturbador. E Ryker não culpava Dylan por não querer que seus amigos o conhecessem assim. Olhando-se no pequeno espelho, notando o cabelo úmido e o volume obsceno na calça de compressão, ele não estava exatamente em condições de receber visitas.

As batidas continuaram, e Ryker ouviu até que Dylan finalmente abriu a porta.

“Desculpe, eu só precisava de um minuto.” Dylan parecia ofegante. “Nossa, você está linda, Annie!”

"Acho que sim?" Annie parecia preocupada. "Não é decote demais?"

“De jeito nenhum. Ficou muito elegante com a calça. Você está ótima!”

“Obrigada. Eu estava fazendo uma chamada de vídeo com a minha mãe e ela disse que eu parecia uma mulher de negócios de uma série dramática da CW.”

Dylan riu. "De um jeito bom, talvez. Um jeito legal."

“Tudo bem. Desculpe por interromper.” Annie fez uma pausa, e Ryker quase podia ouvir as engrenagens da cabeça dela girando. “Afinal, o que você estava fazendo?”

"Nada!"

Ryker anotou mentalmente que nunca deveria contar com Dylan para mentir sobre nada. August estava certo – a ideia de que ele fosse algum tipo de vigarista

era absurda.

"Você está com dor de garganta?", perguntou Annie, com um tom desconfiado. "Sua voz está um pouco rouca."

"Talvez?", respondeu Dylan, hesitante.

Annie ficou em silêncio por alguns segundos. Ryker teria pensado que ela tinha ido embora se não tivesse ouvido os dois humanos respirando.

"Tem algum rapaz aqui?" Annie parecia encantada.

"Não!"

"Meu Deus, você sabe mesmo!" Annie exclamou. "Ele está no banheiro?"

"Ele não está no banheiro!" A voz de Dylan estava rouca. "Quer dizer, não tem ninguém no banheiro."

“É esse o cara com quem você vai sair na quarta-feira? Aquele que te deu aquele chupão?”

"Não?"

Dylan parecia estar mentindo, embora estivesse falando a verdade em parte. Ryker era *um* dos caras com quem ele estava saindo na quarta-feira, mas não foi ele quem lhe deu o chupão.

“Posso conhecê-lo?”

"Não!"

"Ele está nu?" Annie parecia ter esquecido completamente da roupa e do encontro. "Essa é a camisa dele? Ele está sem camisa no seu banheiro? Vocês estavam se beijando?"

Ryker conteve um resmungo. Eles tinham feito muito mais do que se beijar.

"Divirta-se no seu encontro!", disse Dylan, e Ryker ouviu-o empurrar o amigo para fora do apartamento. "Podemos conversar sobre os detalhes amanhã no almoço."

Annie deu uma gargalhada. "Então, existem detalhes!"

Dylan bateu a porta na cara dela. Ryker ajeitou o cabelo em frente ao espelho, arrumou o volume na calça e voltou para o apartamento. Dylan estava sentado na cama, com uma expressão de constrangimento no rosto.

Ryker pegou sua camiseta de compressão e a vestiu, em seguida pegou seus shorts e os puxou para cima, cobrindo seu volume na calça.

Você não tirou os sapatos?

Dylan olhava para os próprios pés, com uma expressão um tanto ofendida no rosto.

Ryker bufou e balançou a cabeça. "Não. Me empolguei um pouco."

Ele pegou as luvas e as calçou, observando a expressão de Dylan para ver se ele prestava alguma atenção especial às suas mãos agora que estava com as luvas de volta.

Ele não fez isso. Dylan estava olhando para os tênis de corrida de Ryker, com a testa franzida e a boca contraída em sinal de ofensa.

"Como você consegue fazer sexo assim sem nem tirar os sapatos?" Havia incredulidade em sua voz.

Ryker riu. "Que tal isso: da próxima vez que transarmos, eu tiro os sapatos. Combinado?" Ele caminhou até a cama, sentou-se e se aproximou de Dylan, esticando as pernas à sua frente. "Ou talvez você prefira que eu use outra coisa? Tenho um uniforme de policial com umas botas bem brilhantes que você pode

gostar."

Ele mexeu os dedos dos pés dentro dos tênis de corrida.

Dylan riu como se achasse que era uma piada. Ryker inclinou a cabeça e lançou-lhe um olhar inquisitivo, perguntando-se por que ele achava a ideia de se vestir para o sexo engraçada.

Os olhos de Dylan se arregalaram.

“Espere, você está falando sério?”

“Claro.” Ryker deu-lhe uma cotovelada no ombro. “Bombeiro, policial, motoqueiro, mestre de RPG, super-homem… August e eu temos uma coleção bem bacana de fantasias para RPG.”

Dylan parecia um peixe, com a boca entreaberta e as pupilas dilatadas.

“Você achou que August estava brincando?”

Dylan franziu a testa, sem responder à pergunta. Lambeu os lábios e engoliu em seco.

“Então vocês também têm algemas e essas coisas?”

Ryker não conseguiu conter o sorriso malicioso.

“Dando ênfase às *coisas* .” Ele se inclinou e beijou a testa de Dylan. “Você vai adorar nossa sala de jogos.”

Dylan engasgou e Ryker riu. Ele desceu da cama e cruzou os braços sobre o peito.

“Podemos discutir tudo isso mais tarde. Não tem problema se você não tiver tanta experiência quanto disse. Podemos descobrir juntos o que você realmente gosta.”

Dylan parecia tão atônito que não conseguia falar.

Você está bem?

Dylan soltou uma risadinha histérica, respirou fundo e esfregou o nariz. "Estou ótimo. Só estou processando tudo. Não esperava que você começasse a falar sobre... coisas assim."

“Mas você gosta disso?”

Corando e recusando-se a encará-lo, Dylan assentiu com a cabeça.

“Ótimo. É só isso que importa.” Ryker olhou para o relógio. “Devo ir. August já deve estar em casa e não sabe onde estou.”

“Ah, tá.” Dylan pareceu desapontado.

“Você poderia voltar e passar a noite conosco?”

Ryker sabia que August ficaria encantado se ele levasse Dylan para casa, mesmo que o garoto estivesse muito cansado para transar.

Dylan pareceu tentado, mas balançou a cabeça negativamente.

“Não, tenho coisas para fazer hoje à noite e uma aula cedo.” Ele mordeu o lábio. “Talvez em outra hora?”

“Claro, sem problemas.” Ryker se inclinou para lhe dar um beijo de despedida. “Te vejo na quarta-feira. A que horas você quer que a gente te busque?”

"Sete?"

“Sete horas, então.” Ryker caminhou até a porta. “Obrigado pela noite de hoje. Você foi fantástico.”

Dylan corou e murmurou: "Você também."

Lançando-lhe mais um sorriso, Ryker saiu do apartamento e fechou a porta

atrás de si. Desceu de volta para o saguão, empurrou a porta que dava para a rua e saiu correndo.

Ele mal podia esperar para contar a August o quanto tinha se divertido.

DYLAN

Apesar do que havia dito a Ryker, Dylan não fez nada de produtivo no resto da noite. Depois que o lobisomem saiu, ele sentou-se na cama, com os lençóis sujos, o laptop e ficou navegando na internet, lendo artigos e posts do Reddit sobre lobisomens e seu comportamento.

A maior parte parecia ser uma grande mentira.

Por exemplo, vários tabloides afirmavam que lobisomens podiam encontrar suas almas gêmeas pelo cheiro. Dylan não duvidava que os lobisomens tivessem uma reação mais forte aos feromônios do que os humanos – isso parecia estar bem estabelecido nos artigos mais sérios –, mas a atração biológica estava longe de ser algo predestinado pelo universo.

Agarrando a gola da camisa, Dylan levou o algodão macio ao nariz e o cheirou.

Tinha cheiro de algodão.

Ele se perguntou qual era o seu cheiro para August e Ryker. Ambos disseram que ele cheirava bem, mas o jeito como disseram dava a entender que era algo mais do que simplesmente apreciar um bom perfume ou uma loção perfumada.

Ele tinha bons feromônios?

Apesar de não acreditar em nenhum dos artigos sobre destino e almas gêmeas, Dylan não conseguia parar de fantasiar sobre como seria se August e Ryker fossem seus amigos. A ideia de um relacionamento predestinado a dar certo – onde todos sabiam desde o início que essa história teria um final feliz – era atraente.

Dylan se virou de bruços, afundou o rosto no travesseiro e soltou um gemido de frustração. Ele estava fazendo aquilo de novo. Tinha tido um caso de uma noite e já estava se apegando.

Ele nem sequer conhecia August ou Ryker.

Os dois lobisomens haviam ignorado todas as convenções e o fodido até deixá-lo inconsciente poucos minutos depois de conhecê-lo, e não foram exatamente gentis no processo.

Dylan tinha se divertido muito – nota dez, faria de novo como Ryker tinha dito – mas houve um momento logo depois de recuperar a consciência, quando Ryker o estrangulou, que foi aterrorizante.

Ele tinha adorado – Ryker murmurando palavras suaves enquanto o fodia até que ele perdesse a consciência tinha sido como um sonho – mas Ryker não sabia que ele reagiria daquela forma.

Pensando racionalmente, Dylan provavelmente deveria estar chateado. Estrangulamento – assim como puxões de cabelo e comentários obscenos e depreciativos – foi algo que vocês discutiram previamente.

Ele havia gostado de tudo que August e Ryker tinham feito até então, mas e se eles fossem longe demais?

Dylan tinha limites.

Por outro lado, Ryker havia perguntado antes de mordê-lo e lhe dera uma espécie de palavra de segurança antes de penetrar sua garganta.

Sufocamento não era fetiche o suficiente para exigir consentimento explícito? Isso não me pareceu certo. Então por que Ryker pediu permissão antes

de transar ou mordê-lo, mas não para isso?

Dylan não conseguia entender.

Virando-se de costas, ele encarou a mancha no teto e se perguntou o que havia nele que fazia Ryker e August presumirem que ele gostava de coisas mais brutais. Ambos agiram como se ele fosse alguém que tivessem conhecido em um clube fetichista – presumindo que ele curtiria salas de jogos, bondage e uniformes sensuais – e isso era *estranho* .

Dylan nunca se considerou particularmente pervertido.

Ele nem sabia que gostava de sexo bruto até ser imobilizado e fodido como um animal. Foi pego de surpresa o quanto gostava de ser dominado, mas agora que tinha experimentado, não achava que conseguiria voltar ao tipo de sexo que tinha antes.

Não que tivesse havido muito sexo antes. Seus encontros tinham sido poucos e espaçados, e nenhum deles se comparava ao que ele havia experimentado com August e Ryker.

Ele imaginou Ryker com um uniforme de policial – um azul, com botas brilhantes até o joelho, calças justas e um daqueles capacetes com a tira sobre o queixo – e teve que admitir que não diria não se Ryker quisesse usar algo parecido na próxima vez que o homem o fodesse.

E haveria uma próxima vez, Dylan tinha certeza. Ryker não deixara dúvidas sobre isso, um fato que fazia o estômago de Dylan se encher de borboletas e expectativa.

Ele se perguntou como seria usar algemas.

Pensar em Ryker vestido de policial fez Dylan se lembrar de Steve. Ele se perguntou que tipo de uniforme ele usava – Dylan nunca tinha prestado atenção suficiente nos policiais da cidade para se lembrar de como eram seus uniformes – e se perguntou o que ele acharia de Ryker querer se vestir de uniforme.

Ele provavelmente acharia isso muito engraçado.

Será que Steve achava que Dylan era pervertido? Ele tinha dito que queria dar umas palmadas nele, então Dylan pensou que talvez fosse mesmo, o que o deixou pensando se todos os lobisomens eram pervertidos e eles simplesmente presumiam que os humanos que gostavam deles também eram.

Pegando sua mochila, Dylan digitou a pergunta: *lobisomens são pervertidos?*

Ao ver os resultados, ele corou e fechou o navegador. Em vez dos resultados informativos que esperava, todos os resultados eram pornográficos.

Dylan não entendia por que a ideia de pornografia com lobisomens o deixava tão constrangido. Não era como se ele nunca tivesse assistido pornografia antes – muito pelo contrário – e ele já tinha feito sexo com dois lobisomens. Assistir a pornografia com lobisomens não deveria ser mais constrangedor do que assistir a pornografia comum.

Ele abriu o navegador novamente e pesquisou por *"lobisomem pervertido"* . Clicou no primeiro link, que parecia ser um vídeo. Depois de fechar todos os pop-ups que apareceram quando tentou reproduzir o vídeo, ele finalmente carregou e Dylan correu para abaixar o volume.

Ele não queria que seus vizinhos soubessem que assistia pornografia – pelo menos não logo depois de ter passado a noite sendo socado contra a parede por um lobisomem que parecia não ter a menor noção de como fazer barulho.

O vídeo mostrava um lobisomem – loiro, como Ryker, embora não tão musculoso – vestido com calças de couro, botas pesadas e um cinto de peito. Ele circulava uma mulher, tocando-a e apertando-a enquanto se movia, e em sua mão segurava um chicote.

Dylan estremeceu quando o lobisomem repentinamente golpeou a bunda da mulher com o chicote. Ele observou a pele dela ficar vermelha onde o chicote havia atingido, imaginando se o gemido que ela soltara ao ser atingido era real.

Dylan saiu do vídeo, alterando sua busca com a palavra *"gay"* .

Mais uma vez, o primeiro resultado foi um vídeo. Dylan clicou nele e viu um lobisomem gigantesco aparecer na tela, sentado em um sofá ao lado de um humano de aparência normal.

O lobisomem se apresentou, o humano fez o mesmo, e então, de repente, Dylan percebeu que o lobisomem estava puxando o homem para baixo, entre as pernas, e dando-lhe um tapa na cara.

Dylan assistiu, com a respiração suspensa, enquanto o lobisomem passava os próximos vinte minutos brutalizando completamente seu parceiro de cena. Ele deu tapas em seu rosto, o estrangulou, puxou seus cabelos e até pisou em sua cabeça enquanto o fodia.

Isso fez Dylan se lembrar de como Ryker o havia tratado. O lobisomem do vídeo era definitivamente mais bruto – Ryker não o pisoteou nem lhe deu um soco na barriga – mas havia muitas semelhanças.

Dylan saiu do vídeo e fechou o laptop. Ele não tinha aprendido nada de novo, exceto que não se importaria se August e Ryker quisessem pisar um pouco nele.

Ao sair da cama, Dylan fez uma careta de dor ao sentir uma pontada de dor no ânus quando se pôs de pé. O pau de Ryker era um monstro absoluto, e Dylan ainda estava um pouco chocado por ter conseguido aguentar tudo.

A parte interna de suas coxas estava pegajosa e nojenta, e ele precisava desesperadamente de um banho.

Primeiro, ele tirou os lençóis da cama e os colocou em uma pilha perto da porta. Depois, arrumou a cama com lençóis limpos e foi para o banheiro, onde tomou um longo banho. Fez sua rotina habitual de lavar as mãos e escovar os dentes, apreciando a água quente caindo em suas costas e a sensação da toalha deslizando sobre sua pele.

Ele limpou entre as nádegas, certificando-se de lavar bem o orifício, fazendo caretas e dançando na ponta dos pés quando as bolhas de sabão ardiam em sua borda excessivamente dilatada.

A dor era aguda e desagradável, e Dylan se perguntou quanto tempo levaria para se acostumar a ser fodido pelos enormes pênis de Ryker e August. Não havia como ser tão doloroso se ele transasse com eles regularmente. No futuro, ele provavelmente conseguiria aguentar os pênis deles e seguir em frente como se nada tivesse acontecido.

Saindo do chuveiro, Dylan se secou e se amaldiçoou por ter se precipitado novamente. Ele não sabia se August e Ryker queriam que isso fosse algo duradouro. Quem sabe, os dois lobisomens poderiam vê-lo mais uma vez e depois se cansar dele.

Ao se lembrar da exasperação de Ryker quando este lhe pediu para adorar

seu peitoral, Dylan se encolheu. Ele havia ficado tão envergonhado, mas agora desejava ter simplesmente feito isso. Não era como se ele não quisesse adorar o peitoral de Ryker – ele desejara afundar o rosto naqueles peitorais enormes desde o momento em que os viu pela primeira vez – mas fazer isso lhe dava a sensação de estar se expondo da pior maneira possível.

Ele deveria ter percebido que já havia sido descoberto. Ryker sabia que se sentia perdidamente atraído por ele, e gostava disso. O que ele não gostava era da hesitação e das rodeios de Dylan.

E não era como se Dylan tivesse mais motivos para estar envergonhado do que Ryker. Não era ele quem estava ali sem camisa, com o pênis para fora da calça de compressão, usando luvas e querendo que lambessem suas axilas.

Esse era Ryker.

Dylan decidiu que precisava mudar completamente sua atitude. Na próxima vez que passasse um tempo com August e Ryker, ele se esforçaria para superar o constrangimento e simplesmente se jogar de cabeça – como eles fizeram.

Mas ele não usaria luvas. Achava que não conseguiria manter a compostura se estivesse sendo fodido de luvas.

Tomara que não pedissem isso. Algemas, por outro lado, eram algo que ele tinha muito interesse em explorar.

Dylan programou o alarme, deitou-se na cama e apagou as luzes. Encostou-se à parede e abraçou seu travesseiro favorito, adormecendo com pensamentos sobre Ryker e August e toda a diversão que teriam juntos.



Na manhã seguinte, Dylan teve aula e depois uma rápida reunião com seu orientador de tese para discutir seu progresso, antes de ir almoçar com Annie.

Sua tese estava ficando ótima – ele estava adiantado em relação ao cronograma, pela primeira vez em muito tempo – e ele tinha conseguido os horários que havia solicitado no laboratório de impressão. Ele estava de ótimo humor.

"Você está mancando", foi a primeira coisa que Annie disse a ele, encontrando-o do lado de fora do café e lhe dando um abraço. "Você se divertiu ontem à noite?"

Dylan corou e assentiu com a cabeça. "Foi ótimo. E você?"

Annie fez uma careta e pegou no braço dele. "Vamos entrar e eu te conto tudo."

Eles entraram no café e encontraram uma mesa. Dylan sentou-se enquanto Annie foi até o balcão para fazer o pedido dos dois. Ele tirou o casaco e o colocou sobre o encosto da cadeira, posicionou a mochila entre as pernas e olhou ao redor.

O café estava bastante movimentado, mesmo na hora do almoço, com uma mistura de estudantes e trabalhadores de escritórios próximos.

Uma vibração do celular fez Dylan levar a mão ao bolso, sentindo um frio na barriga ao ver que tinha uma mensagem de August.

Olá, Dylan, Ryker e eu estamos ansiosos pelo nosso encontro hoje à noite.

Buscaremos você às sete. O restaurante exige traje esporte fino. Atenciosamente, August Schaffer.

Dylan leu a mensagem três vezes, e a linguagem formal o fez rir baixinho. Ele também apreciou bastante o aviso sobre o código de vestimenta. Agora não precisava mais se preocupar se deveria ou não tirar o terno do fundo do armário.

Ele respondeu rapidamente por mensagem, avisando August que também estava ansioso pelo encontro.

Quando Annie voltou, trazendo bebidas e uma pequena bandeira com o número vinte impresso, ele desligou o telefone.

“Trouxe uma Coca-Cola Zero para você”, disse ela, colocando a lata na frente dele e fincando a bandeira no meio da mesa. “Não tinha Diet.”

"Tudo bem." Ele lançou um olhar fulminante para a lata. Se não pudesse tomar sua Coca-Cola Diet, teria preferido água. "Me mande uma solicitação pelo Venmo para pagar o que te devo."

"Sim, eu vou." Annie pegou o celular e fez exatamente isso.

"Então, o que aconteceu ontem à noite?", perguntou Dylan, curiosa e torcendo para que não fosse tão ruim quanto a expressão dela do lado de fora do café dava a entender.

Annie fez a mesma careta de novo, revirando os olhos e bufando.

"Ele foi um tremendo idiota." Ela abriu sua Coca-Cola Zero com raiva. "Ele não se arrumou, não fez reserva e, quando finalmente conseguimos uma mesa, ele queria saber se eu ia para casa com ele antes de se oferecer para pagar a conta."

Dylan fez uma careta. "O que você fez?"

“Eu disse que dependia do tamanho do pênis dele.”

Pelo tom de voz dela, isso não surtiu o efeito desejado.

“O que ele disse?”, perguntou.

Annie fez uma careta. "Ele me mostrou a foto do pênis dele. Acho que ele pensou que eu estava falando sério. Ele estava todo orgulhoso quando me mostrou, como se achasse que já tinha ganhado. Foi muito nojento."

“Então você…?”

“Eu disse a ele que estava sendo muito tranquilo e que precisava ir para casa regar minhas plantas.”

Dylan riu. "Suave demais?"

Annie deu de ombros. "Acho que os pênis devem ter um pouco de veias aparentes. Se forem muito lisos, ficam estranhos." Ela o encarou com um olhar irônico. "A menos que o seu seja assim, nesse caso, liso está perfeitamente bem."

Dylan riu, balançando a cabeça.

“Não vou te dizer como é meu pênis.”

"E aquele cara que você escondeu no banheiro ontem à noite?", ela provocou, com os olhos brilhando. "Pode me contar sobre ele?"

Dez polegadas, mais grosso que seu pulso, e nada liso.

“Eu também não vou te dizer isso”, disse ele.

Annie inclinou-se para a frente. "Deve ter sido algo muito grande para você estar mancando."

Dylan olhou em volta, escandalizado. Inclinou-se para a frente e sussurrou: "Annie!"

Ele nunca fora o tipo de pessoa que falava sobre sua vida sexual. Simplesmente não lhe parecia natural, nem mesmo com seu melhor amigo.

“Tudo bem, não vou me intrometer.” Annie pegou seu protetor labial na bolsa e lhe lançou um sorriso conciliador. “Conte-me sobre o homem ligado a esse pênis misterioso. Como ele é?”

Dylan não sabia a resposta para aquela pergunta. Deu de ombros, desejando ao menos ter perguntado a Ryker o que ele fazia da vida.

"Ele é legal", disse, procurando algo para dizer. "Ele malha bastante."

Dylan não sabia disso, mas nem mesmo os lobisomens tinham corpos assim sem se esforçarem.

Annie franziu a testa, interrompendo a aplicação do protetor labial. Guardou-o na bolsa e cruzou as mãos sobre a mesa. "Dylan, você não sabe nada sobre esse homem?"

O rubor de Dylan foi resposta suficiente.

"Dylan!" Annie sorriu. "Sinto que estou vendo um lado completamente novo seu. Você vai vê-lo de novo amanhã, certo?"

Ele assentiu com a cabeça e depois escondeu o rosto nas mãos. Estava tão envergonhado!

Respirando fundo, ele decidiu confessar. "Ele e o companheiro dele."

Pela primeira vez na vida, Annie ficou sem palavras.

"Como assim, cara?", ela finalmente gaguejou. Quando Dylan não respondeu, ela chutou a perna dele por baixo da mesa. "Dylan, você está transando com um lobisomem?"

Dylan mordeu o lábio e deu de ombros. Os olhos de Annie se arregalaram.

“Dylan, vocês dois são lobisomens?”

A voz dela era tão alta que atraiu vários olhares curiosos das mesas vizinhas.

"Talvez?", perguntou Dylan com a voz aguda.

“Dylan, você sabe que existem situações intermediárias entre ficar um ano sem sexo e entrar numa relação a três com dois lobisomens, né?”

Annie mordeu o lábio, uma expressão de surpresa cruzando seu rosto de repente. "Eles dois estavam no seu banheiro ontem à noite?"

"Não!" Dylan balançou a cabeça, olhando em volta novamente. Havia pessoas *olhando* . Ele baixou a voz para um sussurro. "Na verdade, eu não conheci os dois ao mesmo tempo. Conheci August na sexta-feira, na minha consulta médica, e depois conheci Ryker ontem à noite. Tenho um encontro com os dois amanhã."

Annie olhou fixamente para ele, com uma expressão que parecia indecisa entre sentir orgulho ou preocupação.

“Muito bem. Lobisomens.” Ela respirou fundo e adotou uma expressão neutra. “Conte-me como isso aconteceu.”

Dylan não tinha a menor intenção de contar a ela como tudo aconteceu. Não só porque isso significaria compartilhar detalhes sobre sua vida sexual, mas também porque ele achava que ela não aprovaria a maneira como a Dra. Schaffer o havia paquerado.

O homem não seguiu exatamente o procedimento padrão para pacientes.

Dylan decidiu optar por verdades cuidadosamente selecionadas, em vez de tentar mentir.

“O August é médico. Conheci-o na clínica onde removi a minha pinta. Conversámos, e depois uma coisa levou à outra, e ele perguntou-me se eu queria sair com ele e um amigo dele. Eu disse que sim.”

“Como é que uma coisa levou à outra?”

“E eu conheci o Ryker ontem à noite”, continuou Dylan, ignorando a pergunta. “Ele estava correndo e resolveu dar uma passada para dizer oi. Eu o convidei para entrar e nós… você sabe.”

“Eu sei, mas quero saber *mais* .”

Isso não ia acontecer, e ambos sabiam disso.

“Contarei mais sobre eles depois de amanhã. Ainda não os conheci direito.”

“Porque você estava ocupado fazendo sexo com eles.”

Não era uma pergunta. Dylan queria poder negar. Ele se sentia uma verdadeira vadia.

“Eles são muito altos.”

Assim que as palavras saíram de sua boca, Dylan se arrependeu. Seu rosto corou novamente com toda a força, e o sorriso de Annie parecia demoníaco.

"Alta, né?" Ela tomou um longo gole de refrigerante. "Entendo. Ser alta pode ser divertido."

Dylan endireitou-se na cadeira e colocou as mãos sobre a mesa. "Certo, não quero mais falar sobre isso. Vamos mudar de assunto. O que você fez ontem à noite depois de ter faltado ao seu encontro?"

Annie o estudou, avaliando se conseguiria arrancar dele mais detalhes, mas então suspirou e aceitou a derrota.

"Pedi um McDonald's, fui para casa e assisti à TV. O Blake – esse é o nome do cara – me mandou um monte de mensagens me chamando de vadia detestável, então adicionei a mãe dele no Facebook, encaminhei prints das mensagens para ela e depois bloqueei os dois."

Claro que sim. Dylan não sentiu pena do rapaz.

"Sinto muito que seu encontro tenha sido um desastre." Ele cutucou o tornozelo dela com o pé. Ela estava tentando disfarçar, mas ele percebeu que ela estava realmente chateada.

Annie suspirou. "Está tudo bem."

Logo depois, a comida chegou. Dylan pediu um sanduíche de frango – como de costume – enquanto Annie optou por sopa.

"Você recebeu algum aviso sobre o aumento do aluguel depois do Ano Novo?", perguntou Annie depois de um tempo, pegando seu pão e molhando-o no molho. "Você está sublocando, certo?"

Ambos moravam no mesmo prédio, embora Annie estivesse dois andares acima dele. Foi ela quem o avisou sobre o apartamento disponível no segundo andar.

“Não.” Dylan ficou desapontado. “Quanto vai aumentar?”

“Cem e tantos dólares por mês.” Annie fez uma careta. “Eu sei. É horrível.”

Dylan deu uma mordida no sanduíche, fazendo as contas de cabeça. Ele conseguiria lidar com um aumento de cem dólares no aluguel, mas isso afetaria o orçamento do seu café e das comidas para viagem.

Ele realmente deveria melhorar na hora de preparar a própria comida.

"Será que pelo menos vão consertar o elevador?"

Annie lançou-lhe um olhar, e Dylan fez uma careta. Claro que não fariam isso.

Ele deu outra mordida no sanduíche.

STEVE

Era um dia ventoso, com nuvens carregadas no céu e a ameaça de chuva pairando no ar. Steve cruzou os braços para se proteger do frio, o rosto contraído em uma carranca tempestuosa enquanto se encostava na parede do lado de fora da cafeteria e observava a multidão.

Ele terminou o café da xícara e desejou ser realocado para o serviço de trânsito – pelo menos assim poderia andar de moto.

Afastando-se da parede, Steve caminhou até a lixeira na calçada e jogou fora seu copo vazio, retomando sua patrulha pela rua.

Ele estava de mau humor.

É que as pessoas eram uns verdadeiros *idiotas* . Ele passou a manhã dirigindo o trânsito num semáforo quebrado, tentando controlar o caos do horário de pico da melhor maneira possível, e perdeu a conta de quantas pessoas gritaram com ele ou lhe mostraram o dedo do meio.

A luz tinha sido consertada pouco antes do almoço, e Steve agora tinha a glamorosa tarefa de andar pelo distrito financeiro e ser *visto* .

Era uma piada.

O fato de ser quarta-feira não ajudava em nada. Esta noite era o dia do encontro de Dylan, e só de pensar nisso Steve já sentia vontade de se transformar em lobisomem.

Ele não suportava August e Ryker.

Os dois alfas eram cerca de dez anos mais velhos que ele, irritantemente bonitos, e a cada lua cheia monopolizavam toda a parte norte da reserva como dois idiotas gigantes. A reserva deveria ser território neutro, mas toda vez que Steve tentava exercer seu direito de vagar livremente, August e Ryker o expulsavam e o espancavam quando ele tentava entrar em sua área.

Foi irritante.

Steve deveria ter falado mal deles para Dylan. Ele teve a chance de formar a opinião dele – Dylan não sabia *nada* sobre eles – mas, em vez de tentar sabotar a competição, ele disse que poderia ser pior.

Ele era um completo idiota!

Ao menos ele tinha convidado alguém para sair. Ele tinha ignorado os instintos que lhe diziam que Dylan já tinha dona, e tinha tentado a sua sorte.

O fato de Dylan o ter rejeitado não significava que ele se arrependesse de ter tentado.

A verdade é que Steve deveria ter convidado Dylan para sair quando teve a chance. Dylan estava com pressa, claro, mas Steve tinha pernas compridas. Ele poderia ter caminhado com ele e sido um pouco mais insistente.

Mas não tinha sido assim. Ele agiu como um cara legal e ouviu quando Dylan o ignorou, e agora Dylan estava andando pela cidade parecendo que seu pescoço era um brinquedo de lobisomem.

Steve parou e respirou fundo. Ele vinha pisando duro na calçada como um touro enfurecido e as pessoas o encaravam com nervosismo. A última coisa que ele precisava era de uma reclamação. Recomeçou a andar, mais devagar dessa vez, e fez o possível para manter a expressão neutra.

Todo esse esforço foi por água abaixo quando ele avistou o próprio Ryker

Sterling caminhando em sua direção, elegantemente vestido com um terno caro, sobretudo e luvas de couro sofisticadas.

Ele parecia um tremendo idiota.

Ryker percebeu a presença dele novamente, diminuindo o passo para um andar arrogante. Ele sorriu, olhando para Steve como se estivesse se divertindo com a presença dele, e Steve quase perdeu a compostura.

Era esse o tipo de cara que Dylan queria? Um sugar daddy bajulador que passava as luas cheias ocupando território público?

Ryker precisou de toda a sua força de vontade para não mostrar os dentes.

“Agente Blake.” Ryker caminhou até ele, com os polegares nos bolsos largos de seu caro sobretudo. “Você parece bem animado hoje.”

“Vai se foder, Ryker.”

Steve não tinha ânimo para se envolver nas discussões de sempre. As sobrancelhas de Ryker se ergueram, seu sorriso se transformando em um sorriso zombeteiro.

“Cuidado com a linguagem, Steve.” Ele deu um passo à frente, invadindo o espaço pessoal de Steve. “Você não quer que nós, lobisomens, fiquemos mal na fita, quer?”

Ryker cheirava a Dylan. O cheiro persistia, como se ele tivesse feito o garoto gozar e depois se esfregado na sujeira. O aroma resultante era uma mistura inebriante dos feromônios intensos de Dylan com o almíscar picante de Ryker.

Steve ficou furioso.

"Pensei que seu encontro fosse só hoje à noite?", acusou ele, cruzando os braços e endireitando a postura. Lançou a Ryker seu olhar mais fulminante. "Por que você está cheirando a Dylan?"

O sorriso arrogante de Ryker sumiu do rosto, dando lugar a uma expressão de confusão. A confusão foi então substituída por um estreitamento ameaçador dos olhos.

“Como você conhece Dylan?”

"Eu o conheço há mais tempo que você", rosnou Steve. "Ele me disse que ia sair com você. Eu disse a ele que ele merecia coisa melhor."

Ele estava mentindo, e Ryker saberia que ele estava mentindo depois de conversar com Dylan, mas valeu a pena ver a expressão no rosto dele.

Ryker puxou os lábios para trás, mostrando os dentes. Eram mais afiados do que deveriam, como se ele estivesse se segurando por um triz para não se machucar, e Steve deixou seus próprios dentes à mostra num sorriso ameaçador.

Eles estavam quebrando todas as regras. Os confrontos aconteciam na lua cheia, em espaços exclusivos para lobisomens, bem longe dos olhos humanos.

Steve estaria em grandes apuros se alguém o gravasse, fardado, em confronto com Ryker. Ele não só perderia o emprego, como também seria proibido de viver em território neutro. Teria que rastejar de volta para o pai e implorar para ser readmitido na matilha.

Forçando-se a controlar suas emoções, Steve se assustou quando Ryker riu de repente. O outro alfa passou de uma expressão de raiva para uma de puro deleite.

"Ele te rejeitou!" Ryker olhou para ele com uma mistura de pena e divertimento.

Steve rosnou, pego de surpresa pela mudança repentina no humor de Ryker.

"Ah, cala a boca, seu cachorrinho de merda." Ryker zombou, ainda sorrindo. Ele colocou a mão no peito de Steve e o empurrou para trás. "Você pode até ter conhecido ele primeiro, mas não é você quem está dando o nó nele. Não seja um perdedor ressentido."

Ao ser empurrado para trás, Steve reagiu balançando o braço e tentando socar Ryker em seu rosto estupidamente perfeito, mas Ryker segurou seu pulso com facilidade. Antes que percebesse, Steve estava de joelhos com o braço torcido para trás e Ryker rosnando em seu ouvido.

“Comporte-se!”

Ryker o soltou, e Steve se levantou num instante. Algumas pessoas estavam olhando, mas a imobilização de Ryker aconteceu tão rápido que ninguém teve tempo de reagir ou ligar as câmeras.

O coração de Steve estava acelerado.

Ele não esperava que Ryker fosse muito mais dominante do que ele. Sempre presumira que a única razão pela qual ele e August conseguiam expulsá-lo a cada lua cheia era porque eram dois, e foi surpreendente perceber que Ryker podia derrotá-lo sem reforços.

Ele fez parecer fácil.

"Então não me zombe", rosnou Steve, com o rosto vermelho de humilhação. "Você sempre foi um idiota."

Ryker revirou os olhos.

“Eu não sou um idiota. Você que é sensível.”

“Que coisa mais idiota de se dizer!”

Ryker cruzou os braços, lançando-lhe um olhar demorado. Seus bíceps pressionavam as mangas do sobretudo, e Steve não pôde deixar de notar a intensidade de seus olhos azuis.

Ele desviou o olhar.

"Desculpe por ter te empurrado", disse Ryker finalmente. Ele parecia sincero. "Eu não deveria ter feito isso."

Steve franziu a testa. Agora que Ryker havia estabelecido sua dominância, era inevitável que a dinâmica entre eles mudasse, mas ainda assim era irritante.

"Desculpe por ter tentado te dar um soco." Steve prendeu os polegares no cinto e franziu o nariz, olhando para qualquer lugar, menos para Ryker, enquanto acrescentava: "E que eu menti e disse que falei para o Dylan que ele podia fazer melhor."

Ryker sorriu. "Sério? Então, o que você *disse* ?"

Aquilo foi insuportável. Steve respirou fundo e soltou o ar pelo nariz.

“Eu disse a ele que ele poderia estar em situação pior.”

Ryker deu um sorriso, e Steve desejou poder apagar aquela expressão do rosto dele com um tapa.

"Você gosta da gente." Ryker voltou a provocar. "Era só por causa dessa bobagem toda na lua cheia? Você só queria passar um tempo comigo e com o August?"

Steve recuou, engasgando. "Não! E não é seu território. É neutro e todos podem correr lá."

Ryker olhou para ele como se fosse uma criança boba. "Steve, nós somos

lobisomens. Sempre teremos um território. Agora, se você quiser passar um tempo comigo e com August na lua cheia, é só pedir. Ficaremos felizes em passar um tempo com você se estiver se sentindo sozinho."

Aquilo foi demais para Steve. Ele não se sentia sozinho, não queria ficar perto de Ryker e August e, acima de tudo, não aguentava mais aquela conversa.

"Preciso trabalhar." Ele passou por Ryker, corando tanto que se sentia como uma chaleira prestes a explodir. Quando Ryker pareceu que ia dizer algo, ele se virou e o interrompeu. "Se você machucar o Dylan, eu arranco sua garganta."

Ryker fechou a boca, engolindo o que quer que estivesse prestes a dizer. Ele não parecia nem um pouco ameaçado, o que fez Steve querer socar alguma coisa.

"Anotado." Ryker *sorriu* . "Só o tipo de dor divertida para o nosso garoto."

Steve se virou e foi embora, resistindo ao impulso de olhar para trás e também ao de simplesmente fugir.

Não era assim que ele imaginava a reação de Ryker. Seu pênis se agitou, endurecendo contra a frente de suas calças justas do uniforme, enquanto ele se perguntava o que Ryker queria dizer.

Dylan era pervertido?

Steve conseguia imaginar vários tipos de dor que gostaria que Dylan experimentasse pelas suas mãos – a maioria delas literalmente.

Dylan ficaria incrível levando umas palmadas. Sobre o joelho, bunda empinada e se contorcendo contra a ereção dele – Steve conseguia imaginar perfeitamente.

Seu pênis pulsava, completamente ereto, formando um volume obsceno em suas calças do uniforme.

Virando bruscamente para um beco, Steve ficou de costas para a rua e se esforçou ao máximo para não pensar mais em Dylan deitado sobre seu joelho.

Sua mente se lembrou do momento em que Ryker o colocou de joelhos, mas a lembrança humilhante não diminuiu em nada sua ereção.

Steve decidiu não pensar nisso.

Seu pau continuava pulsando, e Steve considerou seriamente se aventurar mais fundo no beco e se masturbar. Bastariam algumas estocadas, sem necessidade de lubrificante, e ele estaria ejaculando por toda a parede de tijolos.

Só que Steve jamais se masturbaria em público. Ele começou a repassar mentalmente os códigos de rádio, tentando controlar a ereção.

Após alguns minutos, o pênis de Steve amoleceu o suficiente para que o volume fosse apenas inapropriado. Serviria. Ele saiu do beco e retomou sua patrulha.

Se Dylan realmente gostava de levar palmadas, Steve preferia não saber. A decepção de perder uma combinação tão perfeita – cheiro, aparência e fetiche – seria devastadora demais.

AGOSTO

August parou em frente ao espelho, fazendo pose e avaliando sua roupa para a noite. As calças de couro eram um pouco demais — o couro era macio e justo, com cintura alta e painéis canelados —, mas ele as combinou com um suéter preto neutro que impediu que o visual ficasse exagerado.

O suéter era feito de um tecido de malha mais grosso, mas lhe caía como uma luva e realçava bem seus ombros largos e cintura fina.

Ele olhou para o seu reflexo com os olhos semicerrados, pensando se deveria trocar de roupa e vestir algo mais discreto. Estava com um volume maior do que o que normalmente se sentiria à vontade para mostrar em público, e não era comum ele exibir suas preferências fetichistas dessa forma.

Virando-se e olhando por cima do ombro, admirou como as calças de couro delineavam suas nádegas musculosas. O couro fora feito sob medida para realçar seus glúteos e coxas grossas como troncos de árvore, e o caimento era surpreendentemente confortável.

Afastando-se do espelho, August decidiu que ficaria com as calças. Queria que Dylan babasse ao vê-lo, e não conseguia pensar em maneira melhor do que aparecer vestido com couro justo e um suéter que fazia seus braços parecerem gigantescos.

August pegou suas botas de motociclista, imaginando que combinariam bem com as calças de couro, sentou-se na beira da cama e as calçou.

Ele tinha acabado de fechar o zíper das botas quando ouviu Ryker chegando em casa, o som do elevador um leve "ping" vindo do outro lado do apartamento da cobertura.

August ficou aliviada. Eles iriam se encontrar com Dylan em menos de uma hora e, com o trânsito, precisavam sair do apartamento em cerca de trinta minutos ou corriam o risco de se atrasar. Se Ryker quisesse ter tempo para tomar banho e se arrumar, estaria no limite.

“No quarto!” exclamou, levantando-se e caminhando de volta para o espelho. As botas acrescentavam cerca de dois centímetros à sua altura, e ele tinha razão ao dizer que combinavam bem com as calças novas.

"É isso que você vai vestir?" perguntou Ryker, entrando na sala. Ele o avaliou com um olhar apreciativo e se aproximou para um beijo. "Legal. Eu ia usar um terno."

August se inclinou para ele, passando a mão por trás e agarrando sua bunda. "Você fica bem de terno."

Ryker sorriu com a boca entre os lábios. "Obrigado."

Eles se separaram e Ryker foi para o banheiro. Deixou a porta aberta enquanto tirava o terno e o jogava no cesto de roupa suja, com o pênis balançando de um lado para o outro enquanto caminhava até o chuveiro e ligava a água.

August caminhou até a porta e a fechou, não querendo que o vapor entrasse no quarto.

Ele foi até o lado do guarda-roupa de Ryker para escolher uma roupa. Havia um terno azul-marinho de três peças que Ryker não usava há algum tempo e que deixava suas coxas com uma aparência fantástica; combinado com uma camisa

social de colarinho aberto e sapatos sociais oxford marrons, ficaria muito bem.

Ele arrumou a roupa na cama e voltou ao armário para procurar um cinto que combinasse com os sapatos.

Ao passar pelo cesto de roupa suja, sentiu um aperto no coração por não ter impedido que a lavanderia levasse a calça e a camisa de compressão de Ryker da noite anterior. A combinação do cheiro do seu companheiro com os fluidos corporais de Dylan tinha sido divina.

August deu uma risadinha. Tinha sido um choque e tanto quando Ryker chegou em casa uma hora depois dele, com um sorriso de louco, encharcado de suor e exalando um odor sexual insano.

Ele ainda estava um pouco chateado porque Ryker tinha ido embora e transado com Dylan sem ele. Não era só porque ele gostaria de ter estado lá, mas também porque, pelo que Ryker lhe contara, seu amigo aparentemente perdera completamente o controle e fizera uma cena completa com o garoto sem sequer uma breve conversa prévia.

Dylan, com toda a razão, deveria ter cancelado o encontro e fugido para bem longe.

Mas Ryker estava confiante de que tinham terminado bem e que Dylan tinha se divertido.

August só esperava que Dylan não estivesse dolorido demais para se divertir com eles esta noite. Ele estava ansioso para enfiar o nó de volta no buraco de Dylan a semana toda.

O chuveiro desligou e Ryker entrou no banheiro, secando o cabelo e pingando água por todo o chão. Ele colocou o pé na cama e secou a coxa, observando as roupas que August havia separado para ele.

“Sapatos marrons?”, disse ele, colocando um pé no chão e secando a outra perna. “Sério?”

“Eles são lindos”, disse August, defendendo sua escolha. “E você não quer parecer muito formal.”

Ryker passou a toalha mais uma vez em seus cabelos loiros curtos e deu de ombros. "Tenho certeza de que você está certo." Ele sorriu, pegou a calça do terno, vestiu-a e a deslizou para cima, passando-a pelas coxas.

"Você vai sem cueca?" perguntou August. Ryker tinha um pênis grande, e a menos que usasse cueca que mantivesse tudo no lugar, seu membro deixava uma linha bem visível em suas calças.

"Quem fala é você", respondeu Ryker, lançando um olhar para a virilha de August enquanto pegava a camisa e a vestia. "Você está usando um anel peniano aí embaixo?"

August riu. "Não. Devo?"

Ryker balançou a cabeça. Terminou de abotoar a camisa e a colocou para dentro da calça, pegando o colete e vestindo-o por cima da camisa. "Não. Não queremos ser presos por atentado ao pudor."

"Meias?" perguntou Ryker, olhando para a cama como se tivesse sentido falta delas.

"Esqueci", admitiu August, voltando, pegando um par de meias e jogando-as para Ryker.

Abaixando-se, Ryker calçou as meias e os sapatos. Quando se levantou,

sorriu.

"Ei, falando em ser preso, adivinha quem eu encontrei hoje?"

August gemeu. "Não me diga que você arrumou briga com o policial Puppy?"

O sorriso de Ryker foi resposta suficiente. August esfregou a ponte do nariz. "Por que você tem que aturar isso? Ele é muito irritante."

“Acho que ele está tentando fazer amigos.”

August ergueu os olhos, esperando que sua expressão transmitisse exatamente o quão estúpido ele achava aquilo.

“Não, sério.” August colocou o cinto, apertando a fivela antes de pegar o paletó. “Acho que ele está sozinho, mas nunca precisou fazer amizade com alguém de fora da sua matilha e é péssimo nisso. Quero que a gente brinque com ele na próxima lua cheia.”

August não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

“E ele conhece o Dylan.” Ryker soltou essa bomba como se não fosse nada. “Ele disse para ele que poderia estar em situação pior do que a minha e a sua. Que fofo, né?”

August teve uma súbita e terrível constatação. "Você gosta dele!"

Ryker revirou os olhos. "Ele é um filhote. Um pouco irritante, com certeza, mas com um pouco de socialização ele vai melhorar. Acho que devemos nos dar bem."

August sentou-se na cama, repassando mentalmente cada encontro que tivera com o policial Steve. O jovem alfa havia se mudado para a cidade alguns meses atrás, e embora o tivesse visto desmaiado algumas vezes pelas ruas, eles só interagiram em noites de lua cheia.

August nem sequer saberia o nome dele se não fosse pelo aviso oficial de que um novo lobisomem estava se mudando para a cidade.

Desde então, todos os meses Steve tentava desafiar August e Ryker pela pequena porção de território que eles haviam conquistado para si na parte norte da reserva.

Nada naquelas interações fazia August acreditar que o jovem atrevido e beligerante fosse algo além de uma ameaça. Mas August conhecia aquele olhar no rosto de Ryker. De alguma forma, apesar de tudo, Steve havia conseguido encantá-lo.

“Vocês brigaram?”

August deixou escapar a pergunta ao mesmo tempo em que percebeu o que devia ter acontecido. Ryker jamais ignoraria as tentativas de intromissão e transgressão de Steve a menos que tivesse estabelecido firmemente sua dominância, e a única maneira de fazer isso era lutando contra ele.

Ryker deu de ombros. "Eu não chamaria aquilo de briga. Ele tentou me dar um soco e eu o coloquei de joelhos. Depois disso, chegamos a um entendimento."

August precisava cortar isso pela raiz. "Não vamos adicionar esse yuppie mimado ao nosso relacionamento."

Ryker congelou, lançando-lhe um olhar como se tivesse acabado de lhe pedir para tomar um banho de geleia de morango.

"O que?"

"Eu te conheço", disse August, cruzando os braços. "E embora eu admita que Steve seja um homem muito atraente, não há a menor chance de Dylan — ou qualquer outra pessoa — conseguir lidar com nós três. Não daria certo."

Ryker continuava olhando para ele como se ele fosse louco. "Eu disse que deveríamos ser amigos dele, não que deveríamos *namorá* -lo. De onde você tirou essa ideia?"

August estreitou os olhos. Ele conhecia Ryker e reconhecia aquela expressão no rosto dele quando falava de Steve.

“Nem pense nisso. Você é minha, e eu não vou te dividir com outro alfa.”

Ryker riu, aproximando-se dele e segurando seu rosto entre as mãos. Inclinou-se para lhe dar um beijo.

“Combinado. Sem outros alfas.” Ele soltou o rosto de August e deu um passo para trás, lançando-lhe um olhar carinhoso. “Você está com tanto ciúme. Eu adoro isso.”

August corou, mas sabia que não estava errado. Ryker estava tentando se esquivar, mas ele conhecia seu companheiro. Por alguma razão inexplicável, achava todo o jeito de Steve encantador.

Mas agora August tinha dito o que tinha para dizer e eles podiam seguir em frente. Se Ryker quisesse convidar o cachorrinho para brincar com eles na próxima lua cheia, tudo bem. Contanto que as regras fossem claras, August seria educado e amigável.

Pode ser até divertido perseguir o alfa enérgico pela floresta.

"Está pronto para ir?" perguntou August, levantando-se. Ele caminhou até o espelho e checou o cabelo, ajeitando algumas mechas soltas e colocando-as atrás das orelhas. Estava determinado a deixar para trás a conversa embaraçosa sobre Steve.

“É, deixa eu só passar um pouco de produto no cabelo.” Ryker voltou para o banheiro. Ele esfregou um pouco de argila de modelar entre as mãos e passou os dedos pelos cabelos, sua juba curta facilitando o penteado. Enxágou as mãos e se virou. “Pronto. Como estou?”

August engoliu em seco. O pênis de Ryker estava claramente visível contra sua coxa, saliente e indecente, mas fora isso ele parecia impecável.

"Que tesão", disse August, excitado. Ele tinha muita sorte de ter Ryker, e eram momentos como esse que o faziam se perguntar o que tinha feito para merecer uma vida tão incrível.

Ryker parecia radiante. Ele se pavoneou, passando as mãos pela frente do paletó e caminhando até August para lhe dar um beijo demorado.

“Obrigado. Agora vamos. Quanto mais cedo levarmos nosso garoto para jantar e beber vinho, mais cedo poderemos trazê-lo de volta e fazer o que quisermos com ele.”

August concorda plenamente.

DYLAN

Dylan estava sentado na cama, vestido com sua melhor calça preta e camisa azul de botões, esperando os minutos passarem e as sete horas chegarem. Ele já havia tomado banho, feito ducha vaginal e trocado de roupa três vezes, e ainda tinha mais de meia hora até que August e Ryker viessem buscá-lo.

Talvez ele devesse mudar de novo?

Dylan levantou-se de um salto e foi até sua cômoda, mas, remexendo lá dentro, não encontrou nada mais bonito do que a roupa que estava usando.

Ele deveria perguntar a Annie o que ela achava. Pegando o celular e as chaves, saiu do apartamento, caminhou até a escada e subiu para o apartamento de Annie.

Ele bateu à porta dela e esperou. Annie morava em um apartamento de dois quartos que dividia com um casal chamado Ryan e Melissa, que também eram estudantes. Annie detestava Melissa, mas enquanto Ryan limpasse a bagunça que ela fazia, Annie conseguia reprimir seus sentimentos.

Melissa foi até a porta, e sua expressão azedou ao ver Dylan parado na entrada.

“Ah, é você.” Ela se afastou, deixando a porta aberta.

"Annie?" Dylan entrou no apartamento, acenando com a cabeça para Ryan no sofá e soltando um suspiro de alívio quando Annie saiu da cozinha.

"Ei, Dylan, você está pronto para o seu encontro?", perguntou ela, olhando-o de cima a baixo. "Você está bonito!"

Dylan olhou para si mesmo. "Você acha que está tudo bem?"

Annie assentiu com a cabeça. "Muito fofo. Não é muito formal, e essas calças realçam bastante o seu bumbum."

Dylan olhou por cima do ombro e para a própria bunda. De fato, estava mais bonita do que o normal.

“Cara, você vai sair num encontro? Boa sorte”, disse Ryan, virando-se do laptop e olhando para ele. “Alguém que a gente conhece?”

Dylan balançou a cabeça negativamente.

Melissa sentou-se ao lado do namorado. Ela o examinou com muita atenção e deu de ombros. "Você está ótimo. Nota 7,5 de 10."

“Melissa”, protestou Ryan, franzindo a testa para ela. “Ele é um nove, no mínimo. Olha só esse rostinho adorável e esse corpinho sarado. Ele poderia ganhar uma fortuna fazendo pornô twink.”

Melissa, Annie e Dylan olharam para ele, sem dizer nada.

"O quê?" Ryan deu de ombros, despreocupado, e voltou sua atenção para o laptop. "Eu tenho olhos. Não preciso estar a fim dele para saber que ele é bonito."

Isso fez com que Dylan se sentisse muito bem consigo mesmo. Melissa, por outro lado, não pareceu nada satisfeita.

"Obrigado, Ryan", disse ele. Teve vontade de sorrir, mas isso seria desagradável, então resistiu à tentação de puxar as bochechas.

"Talvez seja melhor não fazer pornô com garotos magrinhos", disse Annie ao lado dele.

Dylan apenas lançou-lhe um olhar.

"Ei, não sei. Você está indo de zero a cem em pouco tempo, quem sabe o que você vai fazer em seguida?"

“Não será pornografia”, disse Dylan.

“Só tenha cuidado.”

Annie parecia genuinamente preocupada.

"Vou sim." Dylan olhou a hora no celular. "Vou voltar para o meu apartamento. Ligo amanhã para te contar como foi, tá bom?"

“Faça isso.” Annie se aproximou para um abraço. “E espero que você se divirta.”

Dylan assentiu com a cabeça, caminhando em direção à porta. Despediu-se de Ryan e Melissa, mas os dois estavam envolvidos em uma discussão silenciosa e não responderam.

Ele saiu do apartamento e desceu para o segundo andar. Sentou-se na cama e deixou-se cair para trás, olhando para o teto enquanto esperava a campainha tocar. Eram quase sete horas, e seu coração disparava de tanta expectativa.

Já fazia muito tempo que ele não tinha um encontro de verdade, e ele estava ansioso por isso.

Piscando, Dylan olhou para a mancha de água no teto e se perguntou se ela havia aumentado. A empresa de manutenção tinha estado lá algumas semanas atrás, verificando os danos e declarando que não havia problema, e como o vazamento no andar de cima já havia sido consertado, substituir o gesso manchado não era uma prioridade.

Um zumbido agudo cortou o apartamento com um guincho, o som desagradável fazendo Dylan pular da cama e correr para o interfone. Ele apertou o botão para ativar a linha.

"Olá?"

Ele esperou com a respiração suspensa, o coração batendo ainda mais rápido do que antes.

“Olá, Dylan. Aqui é o Ryker e o August.”

Dylan não conseguia distinguir quem estava falando – a distorção elétrica do antigo sistema de intercomunicação tornava a voz quase ininteligível – mas ele não se importava.

“Já estou indo!”

Ele pegou o casaco, conferindo se o celular e as chaves ainda estavam nos bolsos, e saiu do apartamento às pressas. Vestiu o casaco enquanto descia as escadas correndo, fechando o zíper antes de abrir a porta e sair pela porta da frente.

"Olá", disse ele, com o coração acelerado ao ver os dois lobisomens parados lado a lado.

Individualmente, August e Ryker eram espécimes muito altos e de porte físico imponente, mas vê-los lado a lado era algo completamente diferente.

Foi, no mínimo, um pouco intimidante.

“Dylan.” August sorriu, dando um passo à frente e o abraçando. “É bom te ver de novo.”

August o soltou, mas Ryker o agarrou e o puxou para um abraço. "Olá, Dylan. Estou ansioso pelo nosso encontro hoje à noite."

"Eu também", disse Dylan, corando quando Ryker o soltou. Ele olhou para

os dois lobisomens, e ficou surpreso ao ver o que August estava vestindo.

"Pensei que você tivesse dito que era traje esporte fino?", ele disparou, observando as botas de motociclista, as calças de couro justas e a jaqueta de couro colada ao corpo musculoso de August. O lobisomem usava até luvas de couro blindadas. As luvas tinham protetores que subiam até os pulsos e antebraços, e eram presas com fechos de velcro sobre as mangas da jaqueta de couro.

As luvas eram do tipo usado com um macacão de corrida de motociclismo, o que fez Dylan se lembrar imediatamente de Steve. Ele havia usado algo muito parecido na cafeteria.

Dylan afastou à força os pensamentos sobre Steve de sua mente.

“É sim”, disse August, girando os ombros. Ele esfregou o peito, a luva de motociclista volumosa fazendo sua mão parecer enorme. “Estou usando um suéter muito bonito por baixo.”

Dylan engoliu em seco, sem saber ao certo se estava intimidado ou excitado por todo aquele couro.

"Você não gostou?", perguntou August, com um tom de desapontamento.

“Não, você está muito bem”, disse Dylan, desejando não ter dito nada. Ele olhou para Ryker, notando o elegante sobretudo de lã e o terno caro que ele usava por baixo. Seus olhos se arregalaram ao ver o volume na calça dele. “Eu só… será que estou vestido de forma inadequada? Posso subir e trocar de roupa, eu tenho um…”

“Não se preocupe, você está vestida perfeitamente para onde vamos”, interrompeu Ryker. “Você não precisa trocar nada.”

“Você está bonito”, acrescentou August. Ele ainda acariciava o peito, olhando para o paletó como se estivesse reavaliando suas escolhas.

Dylan se sentiu péssimo. Ele não tinha a intenção de deixar August constrangido com sua roupa.

“Obrigado.” Dylan colocou as mãos nos bolsos. Sua empolgação estava se dissipando e ele começava a se sentir sem jeito.

Ele era péssimo em encontros. Não sabia por que achava que agora seria diferente.

“Se você estiver pronto para ir, temos uma reserva às sete e meia”, disse Ryker, agarrando-o pelo braço e puxando-o para perto. “Eu te levo até o carro.”

Dylan soltou um gritinho de surpresa quando Ryker o ergueu no ar, o segurou debaixo dos braços e o carregou escada abaixo.

Ele fez parecer tão fácil, e Dylan ficou se perguntando quão forte ele era.

"Eu consigo andar", disse Dylan, rindo. Suas pernas estavam penduradas, e a sensação de ser carregado com tanta facilidade era emocionante.

“Eu sei, mas gosto de te carregar”, disse Ryker. Chegaram à calçada e Ryker o colocou no chão. Sacudiu os ombros dele, ficando com o peito a poucos centímetros do rosto de Dylan. “Nosso carro está estacionado ali.”

Ele apontou um pouco adiante na estrada, sorrindo como se soubesse exatamente o quanto Dylan tinha gostado de ser carregado.

"Belo SUV", disse Dylan, reconhecendo a marca, mas não o modelo.

“Obrigado”, disse August, assustando-o ao se aproximar por trás e colocar as mãos em seus ombros. Dylan de repente se viu encurralado entre os dois

lobisomens, a cabeça presa entre seus peitos largos, a posição fazendo seu coração disparar de nervosismo e excitação. August apertou seus ombros, seus polegares encontrando as omoplatas de Dylan e roçando as pontas de suas escápulas. “É meu, mas Ryker está dirigindo. Você e eu ficaremos com o banco de trás.”

Dylan de repente sentiu que não estava recebendo ar suficiente.

"Que bom", disse ele, estremecendo quando as mãos de August se aproximaram e tocaram as laterais de seu pescoço. O couro da luva era liso e frio, e por um segundo Dylan pensou que ele fosse envolver seus dedos em volta de sua garganta.

August moveu as mãos de volta para os ombros dele, envolvendo a borda dos músculos deltóides e puxando-o para trás.

“É sim”, disse ele, inclinando-se e falando ao ouvido de Dylan enquanto o mantinha pressionado contra o peito. “Vai ser muito bom.”

Ryker agarrou a frente da jaqueta dele, dando um leve puxão. Ele sorriu de canto. "E eu te levo de volta para o apartamento."

“Jogamos uma moeda ao ar”, disse August, com a voz rouca.

Ryker se afastou e Dylan sentiu que podia respirar novamente.

“Vamos, não queremos nos atrasar.” Ryker caminhou até o SUV, destravando-o com um controle remoto que tinha no bolso. Ele abriu a porta do motorista e entrou no carro.

“Vamos lá”, disse August, apertando os ombros de Dylan mais uma vez. Ele tirou as mãos dos ombros dele. “Não queremos deixar o Ryker esperando.”

Ele colocou a mão na parte superior das costas de Dylan, empurrando-o para a frente e guiando-o até o SUV. Aquilo lembrou Dylan vividamente de como ele o havia conduzido da sala de espera até a sala de exames quando removeu sua pinta.

Parece que foi há uma eternidade, embora tenha passado menos de uma semana.

"Cuidado com a cabeça", disse August, abrindo a porta traseira e esperando Dylan entrar.

O banco traseiro do SUV era luxuoso e espaçoso, mas não tinha nada que lembrasse o cheiro de carro novo. Em vez disso, o interior estava impregnado com o aroma agradavelmente almiscarado que Dylan associava aos lobisomens. Trazia consigo notas de floresta, couro e um leve toque de terra recém-lavrada.

Dylan percebeu que provavelmente usavam esse carro quando iam correr até a reserva nas noites de lua cheia.

Ele entrou no banco de trás do SUV, com August logo atrás, deslizou para o outro lado do veículo e colocou o cinto de segurança. Seu estômago revirou de tanta animação.

Em vez de ficar do seu lado do SUV, August sentou-se no banco do meio e abriu bem as pernas. Dylan teve que ou mover os pés desajeitadamente para o lado ou deixar a bota de August ficar entre os seus tornozelos.

August passou o braço pelos ombros de Dylan, acomodando-o cuidadosamente no espaço sob seu braço.

Ele não colocou o cinto de segurança.

“Isso é bom”, disse August, com o braço em volta da nuca de Dylan. Ele

cheirava a couro, e Dylan podia sentir a força do seu bíceps contra a lateral do pescoço. August bagunçou o cabelo dele, desarrumando-o, e depois deslizou a mão até repousá-la no peito.

Dylan olhou para a frente do corpo, sentindo o pau pulsar ao ver a mão enorme de August, envolta na luva grossa de motociclista, pressionando contra a frente de sua jaqueta. August curvou os dedos, as pontas das luvas arranhando a área logo acima do mamilo.

O toque enviou pequenas faíscas de prazer que percorreram sua espinha.

“Muito bom”, concordou Dylan, engolindo em seco.

August curvou o pescoço e pressionou o nariz contra o cabelo de Dylan, apertando o braço e puxando o rosto de Dylan contra o seu peito.

Dylan levou um segundo para perceber que estava sendo imobilizado com uma chave de braço. Seu rosto estava pressionado contra a frente da jaqueta de couro de August, e o braço de August estava firmemente enrolado em seu pescoço, forçando-o a se curvar em um ângulo decididamente desconfortável.

"Prontos para ir?" perguntou Ryker da frente.

"Sim", disse August, e a palavra enviou uma lufada de ar para o cabelo de Dylan. Ele afundou o nariz ainda mais, e enquanto olhava para baixo, Dylan percebeu que estava massageando o volume considerável em suas calças de couro com a mão livre.

O estômago de Dylan se contraiu, e toda a parte inferior do seu corpo formigava com uma sensação de borboletas no estômago. Ele não conseguia se mexer um centímetro sequer, o rosto imóvel de tal forma que tudo o que ele conseguia ver era a mão grande de August o tocando, e ele estava adorando aquilo.

August continuou a cheirá-lo enquanto Ryker ligava o carro e saía da calçada.

Dylan tinha quase certeza de que a única coisa que impedia August de puxá-lo para o seu colo era o fato de ele estar preso à cadeira pelo cinto de segurança.

"Você está deixando ele respirar?", perguntou Ryker, com um tom de advertência na voz.

"Sim", disse August, embora tenha relaxado o braço.

Você vai colocar o cinto de segurança sozinho?

"Não."

August ainda se tocava, acariciando o comprimento do seu pênis com a mão enluvada, o que fez Dylan reavaliar sua opinião anterior sobre todo aquele couro.

Talvez não fosse demais, concluiu. Nunca foi algo que ele imaginaria achar atraente, mas August fez dar certo.

Ou talvez Dylan só quisesse sentir a mão de August massageando sua virilha daquele jeito. Seu pau estava duro, vazando água pela parte interna da cueca, e o jeito como August o apertava parecia tão bom.

Nem lhe passou pela cabeça que ele poderia simplesmente se tocar.

"Quero pressionar seu rosto contra meu volume." August pronunciou as palavras em um murmúrio baixo, uma confissão e um pedido de permissão, tudo ao mesmo tempo.

"Está bem", murmurou Dylan.

“O cinto de segurança dele deve permanecer afivelado”, alertou Ryker da

frente.

"Claro", disse August, afastando-se um pouco de Dylan e segurando-o pelo pescoço. Tentou empurrar o rosto dele para o seu colo, mas foi rápido demais e a trava do cinto de segurança de Dylan se acionou. August o soltou um pouco e tentou novamente, desta vez guiando-o para baixo devagar o suficiente para que o cinto de segurança se estendesse junto com ele.

Dylan estava curvado, o cinto de segurança pressionando sua garganta, o couro quente da virilha de August pressionado contra seu rosto. Ele podia sentir o volume do pênis de August contra seu nariz, duro e pulsante, e soltou um gemido quando August enrolou os dedos em seu cabelo e o empurrou para baixo, contra sua protuberância, com um movimento de fricção.

Com as mãos de August segurando-o pela nuca e pelos cabelos, Dylan não conseguia se mexer um centímetro sem a aprovação do alfa.

Ele inalou o aroma do couro e o cheiro almiscarado da virilha de August, apreciando o puxão em seu cabelo enquanto August o movia de um lado para o outro.

A sensação do cinto de segurança apertando sua garganta não era nada agradável. A borda rígida pressionava seu pomo de Adão, causando uma dor aguda que fez Dylan desistir. Ele deu um tapa na coxa de August, que então levantou as mãos e o deixou sentar novamente.

August o observava atentamente, e Ryker fazia o mesmo pelo retrovisor.

Ofegante, Dylan riu. "Desculpe, mas o cinto de segurança estava me apertando o pescoço. Mas foi tão excitante. Adoro quando você puxa meu cabelo."

Ambos os lobisomens sorriram, mostrando-lhe os dentes de uma forma que fez soar os alarmes na parte reptiliana do seu cérebro posterior.

"Desculpe", disse August, envolvendo delicadamente a garganta de Dylan com a mão e esfregando o polegar em sua jugular.

Dylan prendeu a respiração, aguardando com expectativa trêmula o momento em que August *apertaria* .

Ele nunca fez isso.

August deslizou a mão para baixo, deixando Dylan tremendo e com a sensação de que havia perdido algo fantástico, passando a mão pela frente de sua jaqueta e envolvendo os dedos em sua virilha.

Ele pressionou o pênis duro de Dylan, fazendo-o gemer.

“Está melhor assim?”

"Que bom", disse Dylan, corando e se acomodando de volta no assento. Ele olhou para baixo, com o coração acelerado ao ver a enorme mão de August entre suas pernas.

"Só legal?" August perguntou, em tom de brincadeira. "Que tal isso?"

August recuou e se abaixou, enterrando o rosto na virilha de Dylan. Ele passou um braço por trás das costas de Dylan, envolvendo sua cintura com a mão, enquanto a outra repousava na coxa dele.

“Está melhor assim?”

Dylan jogou a cabeça para trás, a boca escancarada, sentindo como se não conseguisse respirar. Ele arquejou, a sensação da boca de August trabalhando seu membro através das calças muito melhor do que o aperto desajeitado de sua

mão grande demais.

Olhando para frente, Dylan percebeu que Ryker o observava pelo retrovisor, com o olhar alternando entre o trânsito à frente e ele em intervalos regulares.

Ele corou, fechou os olhos e tentou se conter para não ejacular nas calças.

"Me toque", rosnou August, pressionando entre as pernas de Dylan como se quisesse se enterrar em seu períneo.

Envergonhado, Dylan deixou suas mãos repousarem nas costas de August, cobertas por uma jaqueta de couro. A jaqueta era lisa e macia ao toque, e Dylan podia sentir os músculos das costas dele se flexionando e se movendo sob o couro.

August estremeceu, como se a sensação das mãos de Dylan em suas omoplatas fosse a melhor coisa que ele já havia sentido.

"Você tem que parar ou eu vou gozar", avisou Dylan, ofegante e corado. August praticamente o estava levantando da cadeira, tentando afundar o rosto dele ainda mais em seu períneo.

“August”, alertou Ryker do banco da frente. “Controle-se.”

August estremeceu, apertando o braço em volta da cintura de Dylan antes de soltá-lo e se sentar. Limpou a boca, recostou-se, abriu bem as pernas e pareceu muito satisfeito. Virou a cabeça e lançou a Dylan um sorriso convencido.

“Foi divertido.” Ele estendeu a mão e a colocou na coxa de Dylan, apertando-a levemente. “Como foi seu fim de semana?”

Dylan riu. Ele ainda sentia fortes dores e formigamento por todo o corpo, e a mudança repentina para uma conversa normal foi surpreendentemente hilária.

“Foi bom. Consegui trabalhar bastante e assisti um pouco de TV. Nada de especial. E você?”

August deu de ombros. "Nada de especial. Malhei, assisti um pouco de TV e depois fui fazer uma trilha no domingo." Ele colocou a mão na protuberância na calça. "Me masturbei na floresta pensando em você."

"Muito legal."

Dylan se arrependeu imediatamente da resposta. Ele precisava encontrar outra palavra para descrever as coisas. Se continuasse dizendo que as coisas estavam *boas*, August e Ryker iam achar que ele era um idiota.

“E você?” perguntou ele, olhando para o banco da frente. “O que você fez, Ryker?”

“Trabalhei um pouco, fiz exercício e saí para jantar com alguns advogados que contratamos para nos representar em um processo.”

Dylan franziu a testa. Ele pensava que Ryker fosse advogado. "Vocês não têm advogados suficientes?"

“Sim, mas litígios são um assunto à parte. Contratamos escritórios externos especializados nisso sempre que precisamos ir ao tribunal.”

Dylan percebeu que não tinha a mínima ideia de como era o mundo dos negócios.

"Então, em que você estava trabalhando?", perguntou August, com a mão ainda em volta da parte superior da coxa de Dylan.

“Minha tese. Estou desenvolvendo um projeto sobre impressão 3D de próteses. Meu professor trabalha para uma empresa de dispositivos médicos e eles estão patrocinando o projeto.”

"Você recebe pagamento?", perguntou Ryker.

Dylan assentiu com a cabeça.

“Bom garoto.”

O tom grave e aprovador com que Ryker fez o elogio deixou Dylan vermelho como uma rocha.

"Obrigado", murmurou ele, sentindo o rosto esquentar.

"Elogios são uma tara, é?" disse August, apertando a coxa dele. "Você não tinha mencionado isso."

Dylan levantou o braço e escondeu o rosto na dobra do cotovelo. Ele gemeu. "Eu não *sabia* ."

August e Ryker riram baixinho, e Dylan esperou até que seu rosto não estivesse mais tão quente antes de abaixar o braço.

Ele olhou fixamente para o colo, desejando que sua ereção diminuísse, apesar da mão de August estar a poucos centímetros de seu volume.

"Vejo uma vaga de estacionamento", disse August de repente.

Dylan olhou pela janela, reconhecendo a rua em que estavam. Ele havia jantado com seus pais não muito longe dali na última vez que eles o visitaram.

Eles ficariam apavorados se o vissem agora, sentado em um carro com dois lobisomens que não faziam nenhum esforço para esconder o fato de que ambos queriam transá-lo até ele ficar completamente louco.

“Estou vendo”, disse Ryker, ligando a seta.

“O restaurante fica logo ali na frente”, disse August, virando-se para Dylan com um sorriso encantador. “Espero que você goste de bife.”

"Você não é vegetariano, é?" perguntou Ryker, antes que Dylan pudesse responder.

"Não sou, e sou sim", disse Dylan, observando Ryker estacionar o SUV em paralelo com facilidade. Ele afastou da mente todos os pensamentos sobre seus pais e o que eles pensariam.

“Ótimo.” Ryker desligou o motor. Ele se virou com um sorriso. “Pronto?”

Dylan olhou para o volume em sua calça. Estava excitado, e isso era visível. Ele olhou para Ryker. "O restaurante é longe?"

Ryker balançou a cabeça. "Não, só um quarteirão adiante. Por quê?"

"Vou tirar meu casaco agora", disse Dylan, levando a mão ao zíper. Ele estava com bastante calor, o que o fez se perguntar por que não o havia tirado antes.

"Você quer deixar no carro?", perguntou August, lançando-lhe um olhar curioso.

Dylan corou e balançou a cabeça. "Não, quero levá-lo comigo." Ele o tirou e o dobrou sobre o colo.

August riu. Estendeu a mão e apertou o pescoço de Dylan carinhosamente. "Se você tivesse me deixado colocar um cinto de castidade em você, não estaria com esse problema."

Nada naquela declaração – ou no aperto firme na nuca dele – ajudou a resolver a situação do volume na calça de Dylan.

"Vamos?", perguntou ele, desapertando o cinto de segurança e ignorando completamente o que August acabara de dizer.

August deu uma risadinha. "Claro."

Ryker e August saíram do carro primeiro, Dylan deslizou pelo banco e saiu logo atrás. Assim que saiu, se viu espremido entre os dois lobisomens. August o agarrou pelo pescoço, segurando-o com força, enquanto Ryker colocava a mão em suas costas.

Eles o impulsionaram para a frente, conduzindo-o pela calçada como um par de sentinelas gigantescos.

Dylan se sentia extremamente exposto – cada olhar curioso o fazia corar – enquanto August e Ryker caminhavam como se nem notassem os olhares.

Eles chegaram ao restaurante – um local intimista com iluminação estrategicamente baixa, toalhas de mesa brancas e paredes suntuosas revestidas de veludo – e o anfitrião os conduziu para além do salão principal, até uma sala menor nos fundos, com uma única mesa e vista para o rio. Ele pegou os casacos deles, colocando a jaqueta de couro de August e o sobretudo de Ryker sobre o braço, mas Dylan balançou a cabeça e manteve o seu.

"Gostaria de ficar com ele", disse ele, ainda usando-o para cobrir a virilha.

“Claro”, disse o anfitrião, gentil e prestativo. “Seu garçom já virá atendê-lo.”

August e Ryker pegaram as cadeiras mais próximas da porta, deixando Dylan sentado do outro lado, de costas para a janela.

Ele sentou-se e estudou suas datas.

August ficou muito melhor sem as luvas e o casaco, concluiu. Seu suéter de lã colava-se aos ombros, dando a Dylan vontade de abraçá-lo, e Ryker estava tão elegante como sempre em seu terno impecável.

"O quê?" perguntou August, lançando-lhe um olhar enquanto pegava o cardápio.

Dylan sorriu. "Nada. Eu só estava pensando que você tinha razão. É um suéter muito bonito."

August se pavoneou, e Ryker deu uma risadinha.

Dylan pegou o cardápio e franziu a testa ao perceber que não havia um único preço listado em lugar nenhum. Ele presumiu que August e Ryker pagariam a conta, mas como isso não havia sido mencionado explicitamente, sentiu a necessidade de ressaltar o quão completamente fora do seu orçamento devia ser qualquer lugar que não se preocupasse em informar os preços da comida.

"Tenho quase certeza de que isso está fora do meu orçamento", disse ele, olhando a lista de entradas. Havia uma opção de torrada com cogumelos ao molho demi-glace, e embora Dylan não fizesse ideia do que era aquilo, parecia bom.

“Por nossa conta”, disse August.

“Todas as vezes”, acrescentou Ryker.

Dylan se perguntou se era assim que se sentia sendo um sugar baby. Se fosse, ele não se importava nem um pouco.

“Obrigado.” Ele estudou o cardápio mais um pouco. Os pratos principais consistiam quase inteiramente em diferentes cortes de carne, e a boca de Dylan salivou. Ele olhou para cima. “Você já esteve aqui antes?”

“Sim. É a nossa opção preferida para celebrar ocasiões especiais.”

O estômago de Dylan deu um pequeno nó de alegria ao pensar que o tinham levado àquele lugar especial. Ele sorriu para si mesmo, sentindo-se muito satisfeito.

A porta de acesso à sala de jantar principal deslizou e um jovem entrou. Dylan o flagrou ajustando a expressão facial no exato momento em que a porta se abriu, uma máscara profissional escondendo o que ele tinha quase certeza ser uma excitação nervosa.

Dylan sabia exatamente o que sentia.

“Olá. Meu nome é Steve. Serei seu garçom esta noite. Posso lhe servir algumas bebidas?”

A voz de Steve vacilou um pouco na palavra *"garçom"* , mas fora isso, ele conseguiu soar completamente calmo.

Dylan achou engraçado o fato do nome do homem ser Steve. Ele era tão diferente do único outro Steve que ele conhecia.

“Vamos querer algumas garrafas de água com gás, uma garrafa de água sem gás, e eu gostaria de um copo da Firestone IPA”, disse Ryker, olhando para um cardápio de bebidas que Dylan não tinha conseguido uma cópia. “E acho que vamos pedir uma garrafa do Malbec 2014. Dylan, tudo bem para você?”

“É, claro.” Dylan não sabia o que era um Malbec, mas deduziu que era um tipo de vinho. “Eu não costumo beber, mas água com gás parece uma boa ideia.”

Ryker sorriu para ele como se ele tivesse dito algo engraçado ou fofo.

"Muito bem. É tudo por hoje, August?"

“Eu também vou querer a Firestone IPA.”

“Muito bem, senhores.” O garçom não anotou nada, memorizando o pedido. Ele se virou para Dylan. “E para o senhor?”

"Poderia me trazer uma Coca-Cola Zero?"

Claro. Já trago para você. Tem alguma pergunta sobre o cardápio antes de eu ir?

Ryker olhou em volta da mesa, verificando, e então balançou a cabeça. "Não, está tudo bem. Obrigado."

Steve assentiu com a cabeça novamente, antes de se virar e sair da sala. Dylan se perguntou se ele havia imaginado o toque de inveja que viu em seus olhos quando o olhou, mas achou que não.

“Então, o que vocês vão pedir?” perguntou August, dando uma olhada no cardápio antes de colocá-lo de volta na mesa. “Eu quero o bife de costela.”

Ryker também anotou seu cardápio. "Acho que vou fazer o mesmo. E vieiras para começar."

"E você?" perguntou August, olhando para Dylan.

Ele hesitou, olhando novamente para o cardápio. "O filé mignon, talvez?"

Já fazia muito tempo que Dylan não comia um bife saboroso e macio.

Ryker assentiu com a cabeça. "Parece bom. Alguma sugestão para começar?"

“A torrada de cogumelos.”

August se animou. "Ah, sim, isso é muito bom. Acho que vou querer isso também."

Ryker e August pousaram os cardápios, dando-lhe toda a atenção. August recostou-se na cadeira e, embora Dylan não pudesse ver suas pernas, apostava que estavam bem abertas debaixo da mesa. Ryker, por outro lado, estava inclinado para a frente, apoiando os cotovelos em cada lado do guardanapo.

"Então, quando foi a última vez que você esteve aqui?", perguntou Dylan, sentindo-se desconfortável com a atenção intensa.

“Acho que é nosso aniversário”, disse August, lambendo os lábios. “Certo, Ryker?”

Ryker assentiu com a cabeça. "Isso mesmo."

“Há quanto tempo vocês estão juntos?”

De repente, uma tensão pairou no ar, e Dylan desejou ter uma bebida ou algo para ocupar as mãos e a boca.

August e Ryker se entreolharam.

“Dez anos, oficialmente?” perguntou Ryker, como se precisasse confirmar. August assentiu.

“É verdade.” Ele sorriu. “Mas estamos juntos desde os nossos quatorze anos. Sabíamos desde o início que éramos feitos um para o outro.”

Dylan mal teve tempo de se sentir excluído antes que Ryker o encarasse de forma significativa.

“Embora, é claro, também soubéssemos que precisaríamos encontrar uma terceira pessoa. August e eu somos como duas peças de um quebra-cabeça. Combinamos, mas precisamos de uma terceira peça para realmente funcionar.”

Dylan não se atreveu a interpretar demais os olhares significativos que Ryker e August lhe lançavam, embora o fato de estarem procurando uma terceira pessoa para o relacionamento – e não apenas para momentos de prazer sexual – tenha despertado uma faísca de esperança que ele preferiu não analisar de perto.

“Então vocês faziam parte de uma matilha?” perguntou Dylan, dando continuidade à conversa.

Ele não sabia muito sobre lobisomens, mas sabia que havia uma grande diferença entre viver em uma alcateia e viver em território neutro. Quais eram essas diferenças, ele nunca havia entendido completamente.

“Sim, embora tenhamos frequentado escolas primárias e secundárias diferentes. Na verdade, só nos conhecemos quando começamos o ensino médio.” August acariciou o queixo. “Nos conhecemos, tivemos uma briga feia por algum motivo, e depois nos tornamos inseparáveis. Nossos pais já tinham arranjado pretendentes para nós, mas recusamos e fomos morar sozinhos assim que completamos 21 anos.”

“Nós mesmos montamos a mochila, só nós dois”, acrescentou Ryker.

"Foi difícil?" Dylan ficou um pouco chocado ao saber que lobisomens tinham casamentos arranjados. Ele tinha certeza de que isso não era um fato amplamente conhecido.

August balançou a cabeça. "Não, na verdade não. Ryker e eu somos ambos alfas, então podemos funcionar de forma independente, contanto que tenhamos um ao outro."

Dylan franziu a testa. Ele sempre achou que alfa era um título concedido ao líder da matilha, não algo que alguém pudesse simplesmente ser.

"Você tem alguma pergunta?", perguntou Ryker. Ele parecia divertido e nada ofendido com a ideia de ter que explicar o que Dylan tinha certeza serem fatos simples sobre lobisomens.

“O que significa que vocês são alfas?” Ele respirou fundo, esperando não ter dito nada ofensivo. “Eu pensei que os alfas fossem os líderes da matilha?”

“São sim”, disse August, sorrindo. “Mas para se tornar o alfa de uma matilha, você precisa nascer alfa.”

“Somos como outros lobisomens, só que um pouco mais independentes.”

“E dominante”, acrescentou August, com um sorriso irônico. “Os alfas gostam de estar no comando. É por isso que tendemos a entrar na hierarquia de liderança da matilha ou a seguir nosso próprio caminho.”

“Então todos os lobisomens que vivem aqui na cidade são alfas?”

Ryker assentiu com a cabeça. "Sim. Ou isso, ou eles vivem aqui com um alfa em uma pequena matilha."

Dylan se perguntou se Steve era um alfa, ou se ele tinha um alfa próprio. Pensando nele, lembrando-se de como ele se inclinou e ameaçou lhe dar umas palmadas, Dylan tinha quase certeza de que era a primeira opção.

Steve – o garçom, não o lobisomem – voltou para a sala reservada carregando uma bandeja repleta de bebidas e garrafas.

“Aqui está, senhores.” Steve serviu as bebidas, colocando as garrafas de água e a garrafa de vinho sobre a mesa. “Gostariam que eu abrisse o vinho agora ou esperariam até a comida chegar?”

“Mais tarde”, disse Ryker, provando sua cerveja.

“Nesse caso, posso anotar seus pedidos?”

Eles deram a volta na mesa, pedindo as entradas e os pratos principais. Steve assentiu com a cabeça e saiu, fechando a porta atrás de si.

Dylan pegou seu copo de Coca-Cola Diet, o gelo tilintando contra o copo enquanto ele o levava aos lábios.

August e Ryker o observavam, sem dizer nada, e enquanto continuavam a encará-lo, Dylan pousou a bebida e corou.

“Encontrei um amigo seu hoje”, disse Ryker, quebrando o clima tenso.

Dylan franziu a testa, imaginando de quem ele poderia estar falando.

"Você fez isso?", perguntou ele, no mesmo instante em que August gemeu.

“Não de novo.”

“Steve Miller. Ele estava em patrulha e eu conversei um pouco com ele. Ele reconheceu seu cheiro em mim.”

Dylan levou um segundo para perceber o que Ryker queria dizer, e quando a ficha caiu, ele ficou vermelho como um pimentão.

"Qual é a dele?" perguntou Ryker, com um ar presunçoso. "Ele obviamente quer ser mais do que amigo."

Dylan respirou fundo e ignorou o fato de estar corando. Ele era um rapaz crescido. Sabia reconhecer que alguém havia demonstrado interesse nele sem ter um ataque de nervos.

"Na verdade, eu não o conheço, só conversamos algumas vezes", disse Dylan. "Ele me convidou para sair, mas eu disse que não queria namorá-lo se fosse sair com outra pessoa."

August lhe lançou um sorriso radiante. "Então você não considerou me ignorar completamente?"

Dylan olhou para ele, se perguntando de onde aquilo tinha vindo. Será que ele tinha dito algo para Ryker que os fez pensar que ele ia terminar tudo sumindo do nada?

Ele balançou a cabeça negativamente.

"Tenho que admitir, fiquei um pouco preocupado quando você apagou suas mensagens. Ryker estava convencido de que você não apareceria." August olhou

para Ryker com um sorriso zombeteiro. "Não estava?"

Ryker revirou os olhos. "Você não pode me culpar."

Dylan não fazia a mínima ideia do que eles estavam falando. Seus dedos coçavam para pegar o celular e ver se havia apagado alguma das mensagens entre ele e August, mas ele tinha quase certeza de que não.

August deve tê-los apagado por engano e pensou que tinha sido ele.

Não foi uma grande perda – eles tinham acabado de combinar o encontro e comentado o quanto estavam ansiosos por ele – embora Dylan entendesse por que eles suspeitariam de algo se ele os tivesse apagado do nada.

“Deve ter sido uma falha técnica”, disse ele, segurando sua Coca-Cola Diet e traçando a condensação no copo com o polegar. “As mensagens, quero dizer. Eu não as apaguei.”

August e Ryker assentiram com a cabeça, mas algo em suas expressões fez Dylan sentir que eles não acreditavam nele. Era um olhar benevolente, o tipo de olhar que você daria para alguém que sabe que está contando uma mentirinha inofensiva para encobrir um erro que cometeu.

Será que eles pensaram que ele estava tentando encobrir o fato de ter apagado as mensagens porque estava envergonhado por ter mudado de ideia?

Ele pensou em pegar o celular e mostrar que ainda tinha todas as mensagens deles. Pelo menos era o que ele achava. Seria extremamente constrangedor tirar o celular do bolso e descobrir que não havia nenhuma mensagem.

"Que bom que chegamos até você antes do Steve", disse Ryker, sorrindo. "Ele é muito bonito. Mas agora que sabemos que temos concorrência à espreita, provavelmente devemos melhorar nosso jogo. Não é, August?"

"Certo", concordou August. Ele mordeu o lábio, olhando para Dylan como se quisesse devorá-lo.

Dylan sentiu uma forte vontade de levar a mão ao pescoço e tocá-lo, repentinamente muito consciente do hematoma que August havia causado ali.

"O que Steve disse sobre nós?", perguntou Ryker. Ele se inclinou para a frente, seus dentes brilhando sob a luz fraca da luminária no teto.

“Ele disse que não tinha ouvido nada de ruim sobre você e perguntou se eu sabia que August tinha um amigo.” Dylan engoliu em seco. “E me deu o número dele, caso as coisas não corressem bem entre vocês.”

Dylan podia admitir para si mesmo que estava brincando com fogo, tentando aguçar o brilho de ciúme nos olhos de August e Ryker.

Ele ficou surpreso quando Ryker riu.

"Que cachorrinho atrevido", disse Ryker, recostando-se na cadeira. Ele virou o rosto para August com um sorriso preguiçoso. "Você acredita nisso? Ele deu o número dele caso a gente o *decepcionasse* ."

“Ele não é nada fofo. É uma verdadeira ameaça”, rosnou August. Virou-se para Dylan com uma expressão irritada. “O Ryker gosta dele. Acha-o charmoso.”

Dylan ficou surpreso com a pontada de ciúme que sentiu ao ouvir aquela declaração. Parecia que seu plano havia saído pela culatra.

"Eu gosto dele." Ryker não parecia arrependido. "Decidi fazer amizade com ele."

Dylan ficou sentado observando August e Ryker começarem uma discussão

amigável sobre Steve. Pelo que ele entendeu, tinha havido algum tipo de confronto entre Ryker e Steve, que, de forma bizarra, terminou com Ryker se sentindo protetor em relação ao lobisomem mais jovem e querendo convidá-lo para passar um tempo com eles na noite de lua cheia.

August não parecia se opor à inclusão de Steve, mas não conseguia se conter e se opunha veementemente a qualquer afirmação que apresentasse o comportamento passado de Steve sob uma luz mais indulgente.

"Ele vai fazer parte da sua matilha?", perguntou Dylan, curioso.

"O quê? Não", disse August, franzindo o nariz como se a mera ideia o ofendesse.

“Vamos ver como as coisas vão”, disse Ryker.

August virou a cabeça bruscamente e lançou um olhar fulminante para Ryker, dando início a uma discussão bem menos amigável.

"Não vamos ver como as coisas vão terminar", resmungou August.

Ryker deu de ombros. "Não estou dizendo que vamos forçar nada, mas se ele estiver sozinho e precisar de uma rede de apoio, podemos providenciá-la se parecer que somos compatíveis."

"Ele é um alfa", disse August, olhando para Ryker como se ele fosse louco. "Só porque você deixou claro que é mais dominante do que ele não significa que ele seja uma boa opção para nós."

"A gente conversa sobre isso depois", disse Ryker, lançando um sorriso para Dylan. "Estamos num encontro, caso você tenha esquecido. E não vamos adicionar ninguém ao grupo sem a sua permissão. Não sei por que você está tão irritado."

“Eu não sou-”

“Dylan, fale-me sobre você. Onde você cresceu?”, perguntou Ryker, interrompendo August. Ele tomou um gole de sua cerveja e olhou para Dylan por cima da borda do copo.

August fechou a boca, sua atenção desviada com sucesso enquanto olhava para Dylan e esperava que ele respondesse à pergunta.

“Sou de Anchorage, no Alasca. Meus pais se mudaram para lá alguns anos antes de eu nascer. Depois do ensino médio, cursei a faculdade na Universidade de Washington, onde fiz minha graduação, e agora estou aqui em Fort Plainslac para fazer meu mestrado.”

“Alasca, sério? Que interessante. Você esquiou bastante por lá?” perguntou Ryker.

Dylan balançou a cabeça. Ele tinha esquiado algumas vezes quando era criança, mas não era algo que sua família fazia.

"Sempre quis ir pescar no Alasca", disse August. "É uma pena que a multidão lá seja tão grande."

“O território da matilha fica bem longe de Anchorage”, disse Dylan. “Mas você ainda poderia visitá-los.”

August riu. "O território oficial que eles contam para os humanos, claro, mas se eu e o Ryker saíssemos do aeroporto, seríamos caçados e despedaçados. Os Territórios do Noroeste, a Colúmbia Britânica, Alberta, o Yukon e o Alasca são todos território da alcateia do Noroeste, na opinião de qualquer lobisomem com um mínimo de inteligência."

“Mas isso é como se fosse o estado inteiro e metade do Canadá. Quantos pacotes existem?”

“Só um”, disse Ryker. “E jamais os desrespeitaremos visitando seu território sem um convite oficial, e mesmo assim, faríamos isso com o rabo entre as pernas. O alfa deles não é alguém com quem se deva mexer.”

Dylan ficou estupefato. De acordo com o curso de Estudos do Alasca que ele fora obrigado a fazer no ensino médio, o território da matilha local começava um pouco ao norte de Fairbanks e se estendia até o Ártico, e só.

Ele nunca tinha visto nenhum lobisomem – pelo menos nenhum óbvio – quando estava passeando por Anchorage. Nada naquele lugar parecia território de lobisomens.

“Então, o que fez seus pais se mudarem para tão longe, para o norte?”, perguntou August.

"Trabalho", disse Dylan, dando de ombros. "A economia lá é muito boa, e eles conseguiram empregos melhores do que os que encontrariam na Califórnia."

Dylan gostou muito de ter crescido no Alasca. Não era muito diferente de qualquer outra cidade em que ele já tivesse estado, com exceção dos ursos e alces que andavam por aí e causavam incômodo, e tinha sido um ótimo lugar para crescer.

“E vocês?” perguntou Dylan. “De qual alcateia vocês são originalmente?”

“Arizona”, disse Ryker. “O Phoenix Pack.”

“Foi um bom lugar para crescer”, acrescentou August, “e a matilha está bem saudável”.

"Saudável?"

Ryker assentiu com a cabeça. "A liderança da matilha é muito estável e bastante popular, e se alguém quiser sair da matilha, o alfa praticamente aprova o pedido para que essa pessoa se estabeleça em território neutro."

“Alguns grupos não deixam as pessoas saírem?”

“Cerca de metade não faz isso”, disse August. “A matilha da Northwestern, por exemplo. Eles criam desafios para integrar os líderes mais experientes à liderança, em vez de deixar que as pessoas sigam sozinhas.”

Dylan não conseguia imaginar como seria crescer em um lugar sabendo que nunca poderia sair de lá. Ele gostava do Alasca e adorava voltar nos verões, quando não precisava lidar com toda a neve e o clima de inverno, mas se soubesse, quando criança, que teria que ficar lá para sempre, teria odiado.

“Vocês ainda voltam para visitar?”, perguntou ele. Se tivessem desobedecido aos pais e não tivessem se casado — ou se acasalado — com quem deveriam, talvez não se dessem bem com eles.

“Às vezes, sim, mas nós dois estamos bem ocupados, então não é tão frequente quanto nossos pais gostariam. Eles são aposentados, então geralmente acabam nos visitando”, disse Ryker. “Temos três quartos de hóspedes, então cada casal de pais tem seu próprio espaço no nosso apartamento, e temos um quarto para quando o irmãozinho do August vem nos visitar. Ele está na faculdade, cursando a graduação. Às vezes ele vem de carro quando tem um feriado prolongado.”

"São muitos quartos", disse Dylan, imaginando exatamente o tamanho do apartamento deles. Seu pequeno estúdio de um cômodo só devia parecer

absolutamente patético para Ryker.

“É um apartamento grande”, disse Ryker. Não havia modéstia em sua voz, mas sim um orgulho presunçoso. “Você pode vir vê-lo depois do jantar.”

Dylan corou, sentindo um formigamento no estômago de novo. Ele se lembrou de mais cedo, logo depois de Ryker tê-lo carregado escada abaixo e o ter colocado na calçada, quando August e Ryker o prensaram entre eles.

Ele queria que o espremessem entre elas daquele jeito de novo, mas da próxima vez queria que estivessem nuas.

"Isso seria bom", murmurou ele.

August sorriu, um sorriso malicioso e determinado, e levantou o braço para coçar a nuca. O suéter apertou sobre o braço, o bíceps se contraiu, e Dylan encarou a axila dele. Ele se perguntou se gostaria que Dylan a lambesse do jeito que Ryker queria.

A lembrança do suor de Ryker em sua língua fez a boca de Dylan salivar, seu couro cabeludo formigando ao se lembrar de como Ryker havia puxado seu cabelo e empurrado seu rosto para debaixo do braço.

“Podemos te mostrar nossa sala de jogos”, disse August, batendo os dedos na mesa. “Estive pensando no que você me contou sobre aprender a chupar seu próprio pau, e tenho uma posição que gostaria de te colocar em nosso banco de bondage.”

A porta deslizou, abrindo-se bem a tempo de Steve, o garçom, entrar e ouvir as palavras: nosso banco de bondage.

Ryker e August estavam de costas para a porta, então não viram como o andar de Steve vacilou ou como seu rosto ficou vermelho.

Ele se recompôs com uma rapidez surpreendente, avançando quase sem hesitar e servindo-lhes os aperitivos.

A comida tinha um cheiro delicioso, e a atenção de Dylan foi brevemente desviada da dúvida sobre o que era um banco de bondage e como isso se relacionava com sua flexibilidade.

Steve colocou um prato à sua frente, encarando-o com uma expressão como se não conseguisse decidir se devia invejá-lo ou ter pena dele.

O olhar durou pouco mais de um segundo, e então Steve voltou sua atenção para a mesa inteira.

“Bom apetite, senhores. Posso oferecer mais alguma coisa?”

Ryker pediu outra cerveja, enquanto Dylan e August balançaram a cabeça negativamente.

“Vamos começar a comer”, disse Ryker, pegando o garfo. As vieiras dele pareciam deliciosas, mas nem de longe tão boas quanto os cogumelos no prato de Dylan.

Ele pegou o garfo e cortou um pedaço de pão, certificando-se de pegar bastante cogumelo ao levar a comida à boca.

Para seu horror, Dylan não gostou.

Os cogumelos estavam glaceados num molho intenso com gosto de molho gravy muito forte, e Dylan mal conseguia mastigar e engolir sem fazer uma careta.

"Bom?" perguntou Ryker, cortando uma vieira ao meio e comendo-a.

"Está tudo bem", disse Dylan, forçando-se a dar mais um pedaço.

August não estava usando o garfo, mas pegou o pão e o comia em grandes mordidas, com as bochechas estufadas enquanto mastigava.

Ryker olhou para ele com os olhos semicerrados e, em seguida, empurrou o prato para a frente. "Vamos trocar. Você vai gostar mais das vieiras."

Dylan corou, sentindo-se um idiota por ter pedido algo que não gostava. Parecia a prova de que o restaurante era chique demais para ele.

“Não, tudo bem. Você queria as vieiras.”

“Me dê seu prato”, ordenou Ryker, empurrando o prato até Dylan. Ele teve que se inclinar para fora da cadeira para alcançá-lo, e Dylan observou as vieiras vindo em sua direção com um desejo envergonhado. “Isso foi uma ordem, Dylan.”

A pele de Dylan se arrepiou na nuca ao ouvir o tom de voz de Ryker. Obedientemente, ele empurrou o prato para frente, deixando que Ryker o pegasse.

"Bom garoto", disse Ryker, sentando-se novamente e se acomodando. As palavras fizeram Dylan corar, e ele rapidamente pegou o garfo e deu uma mordida na vieira só para ter algo para fazer com as mãos.

August observou a troca de olhares com uma expressão exaltada, alternando o olhar entre Dylan e Ryker.

"Melhor?" perguntou August, em tom de brincadeira. Ele deu outra mordida na torrada, tendo agora devorado cerca de metade dela em duas mordidas.

Dylan assentiu com a cabeça, a maciez amanteigada da vieira parecendo derreter em sua língua. Estava *deliciosa* .

“Se você não gostar de alguma coisa, nos diga. Entendeu?”

Ryker ainda parecia severo, e Dylan sentiu um arrepio na espinha. Ele olhou para o prato e assentiu com a cabeça.

“Olhe para mim e diga que você entende.”

Dylan mordeu o lábio, tendo a impressão de que estavam falando de algo mais do que comida. Apesar do rubor, obrigou-se a levantar o rosto e encarar Ryker. "Eu te digo se não gostar de alguma coisa. Prometo."

Ryker acenou com a cabeça para ele, um leve inclinar do queixo que fez Dylan sentir como se as palavras "bom garoto" tivessem sido ditas, embora não tivessem.

"Droga, terminei minha comida", disse August, olhando para o prato vazio com uma expressão de desagrado. Ele ainda mastigava a última garfada, e Dylan não conseguia acreditar na rapidez com que ele havia comido.

"É porque você come como um animal", repreendeu Ryker, com um tom afetuoso. "Peça outra coisa quando o garçom trouxer minha cerveja."

August exibiu um olhar travesso. "Ou talvez, em vez de estragar meu apetite antes do prato principal, eu possa fazer uma massagem nos ombros do Dylan. Ele parece um pouco tenso."

Ryker deu uma risadinha, olhando Dylan de cima a baixo. "Ele parece um pouco tenso. Talvez você tenha razão. Dylan, você gostaria de uma massagem nos ombros?"

“Hum, talvez?” Dylan engoliu uma vieira. “Quer dizer, sim?”

Ele não havia se preparado mentalmente para sentir August tocando-o enquanto estava à mesa, mas não ia recusar aquelas mãos enormes massageando

seus ombros.

“Maravilhoso”, murmurou August, levantando-se da cadeira. Ele contornou a mesa, caminhando em direção a Dylan com um gingado presunçoso, estalando os nós dos dedos e esticando-os. “Continue comendo e eu vou desfazer esses nós dos seus ombros.”

Vestido apenas com um suéter justo e calças de couro, August estava muito bem. Sem a jaqueta e as luvas que o faziam parecer um mestre de masmorras, as calças de couro tinham um ar sofisticado e sedutoramente masculino.

Não que o visual de mestre de masmorras não combinasse muito bem com August. Combinava sim. Só era um pouco intimidador demais para Dylan conseguir apreciá-lo direito em um primeiro encontro.

"Olá", disse August, movendo-se para trás dele e colocando as mãos nos ombros de Dylan. Ele se inclinou e roçou o focinho no topo da cabeça de Dylan, apertando-o suavemente nos ombros.

Ele começou a massagem com os dois polegares na base do crânio de Dylan, bem no topo da coluna, e pressionou, massageando com firmeza e deslizando os polegares pelas vértebras do pescoço de Dylan.

Dylan fechou os olhos, um gemido escapando de seu peito involuntariamente quando August desceu mais um pouco e começou a massagear os tendões de seu pescoço.

“Vamos, coma suas vieiras”, ordenou August, apertando-o um pouco mais. “Você não gostaria que Ryker pensasse que você é ingrato.”

Dylan estendeu a mão para o garfo, com os movimentos limitados pelas mãos de August em seus ombros. Seus movimentos eram desajeitados, e foram necessárias várias tentativas para conseguir espetar uma das vieiras nos dentes do garfo.

Ele conseguiu colocar o objeto na boca e começou a mastigar, soltando um gemido quando August começou a morder o músculo sob sua omoplata.

Não doía, mas a pressão estava bem no limite do que ele podia suportar.

Ele tentou apontar o garfo novamente, mas o deixou cair quando August inesperadamente se agachou e segurou sua cabeça, usando os polegares para massagear atrás de suas orelhas.

"Eu ajudo", disse Ryker. Ele se levantou e caminhou até o lado de Dylan na mesa, parando em frente a ele e apoiando o quadril no tampo. Pegou uma das vieiras e a levou até a boca de Dylan, com as pontas dos dedos brilhando com manteiga derretida.

“Abra”, ordenou ele.

Os lábios de Dylan se entreabriram quase que por conta própria, sua boca ficando relaxada enquanto ele olhava para Ryker com os olhos arregalados.

“Bom garoto”, disse Ryker, empurrando a vieira para dentro da boca dele. As pontas dos dedos repousaram nos lábios de Dylan depois que ele colocou o pequeno e suculento pedaço na língua dele. “Mastigue. Não está gostoso?”

Dylan recuperou o fôlego e começou a mastigar; a vieira tinha um sabor infinitamente melhor do que a que ele havia provado antes.

August continuava massageando seus ombros, suas mãos mágicas, embora tivesse diminuído a pressão e agora o estivesse apalpando mais do que qualquer outra coisa. Ele continuava tocando a lateral do pescoço de Dylan, bem em cima

do hematoma, a leve sensibilidade indo direto para o pênis de Dylan.

"O caldo está bom, não está?" perguntou Ryker, ignorando a última vieira restante e passando os dedos pela manteiga derretida em que elas haviam sido cozidas. Ele umedeceu as pontas dos dedos com o caldo brilhante e os levou até a boca de Dylan.

Ele deixou os dedos repousarem na língua de Dylan, o gosto de manteiga e a sensação dos dedos de August fazendo Dylan gemer.

"Isso mesmo, chupe bem limpinho", disse Ryker, com a voz mais grave que o normal. Ele enfiou e tirou os dedos, penetrando a boca de Dylan com pequenas estocadas suaves.

Após alguns minutos, ele retirou os dedos e os limpou na bochecha de Dylan.

Dylan sentia como se estivesse em transe. Eles estavam tendo uma conversa normal, e então, de repente, August pareceu tomar conta da realidade e os transportou para um universo pornográfico.

Eles estavam em público! Steve, o garçom, podia entrar a qualquer momento e ver Ryker se masturbando com os dedos na boca.

Dylan não se importou.

"A última", disse Ryker, pegando a vieira restante. Ele a levou até os lábios de Dylan, empurrando-a delicadamente para dentro de sua boca, e então levou os dedos aos próprios lábios e os lambeu até ficarem limpos.

Normalmente, Dylan teria ficado enojado com alguém lambendo os dedos em um restaurante, mas agora isso só lhe dava vontade de que Ryker o virasse de bruços sobre a mesa e o fodesse até ele perder a consciência.

“Acho que já chega por agora”, disse August. Ele tirou as mãos dos ombros de Dylan, agarrou-lhe os cabelos, puxou sua cabeça para trás e sorriu para ele. “Abra a boca.”

A boca de Dylan já estava entreaberta só por ele ter inclinado a cabeça para trás, mas ele a abriu ainda mais.

August cuspiu na boca dele.

Dylan sentiu a saliva atingir o canto da boca, úmida e pesada, antes de pousar em sua língua, deslizando para o fundo da garganta e fazendo-o engasgar.

Diferentemente da última vez que August cuspiu em sua boca, desta vez não o beijou em seguida. A saliva ficou acumulada na garganta de Dylan, fazendo-o se sentir enojado e humilhado.

"Bom garoto", disse August, soltando o cabelo dele e dando-lhe um tapinha de leve na bochecha. Ele deu a volta na mesa, sentou-se e parecia muito satisfeito consigo mesmo.

Dylan olhou para Ryker com os olhos, apenas para ver o alfa observando-o com olhos escuros. Ele estendeu a mão e traçou o contorno da boca de Dylan com o polegar, roçando seus dentes inferiores.

"Você é tão fofo." Ryker tinha uma voz ameaçadora. "Me dá vontade de perder o controle." Ele soltou o lábio de Dylan, puxando a mão de volta e sorrindo com ironia. "Mas não se preocupe, eu não vou perder o controle."

Dylan engoliu em seco, esquecendo-se exatamente do que estava engolindo até que a saliva de August começasse a escorrer por sua garganta.

Ele respirou fundo e desviou o olhar de Ryker, fixando-o em August, que

estava sentado, encolhido na cadeira como um leão preguiçoso.

“Não tenho certeza…” Dylan engoliu em seco novamente, sentindo-se estranhamente tonto. “Não tenho certeza se gostei disso.”

A mudança de energia foi abrupta. August e Ryker passaram de parecer um casal de personagens de um filme pornô muito realista para, de repente, estarem de volta ao mundo real.

Ryker sentou-se, enquanto August franzia a testa.

"Qual parte?" perguntou August. Ele não parecia chateado, mas havia perdido a aura arrogante que ostentava segundos antes.

“As cuspidas”, disse Dylan, engolindo em seco novamente. “Todo o resto foi muito bom.”

Ryker sentou-se. Ele sorriu para Dylan, com um olhar de orgulho no rosto que fez Dylan sentir um arrepio da cabeça aos pés.

August parecia estar pedindo desculpas.

“Obrigado por nos contar, Dylan”, disse Ryker. “Não vamos cuspir na sua boca de novo.”

"Desculpe", disse August, concordando com a cabeça enquanto Ryker falava. "Pode ser diferente imaginar algo quando você está conversando online e realmente fazer aquilo."

Dylan entendeu perfeitamente o que "agosto" significava, mas não via nenhuma relevância para o que acabara de acontecer.

"Está tudo bem. Nem sei se cheguei a desgostar. Fiquei surpreso."

Ele não tinha desgostado da primeira vez que August fez isso, mas decidiu não mencionar o assunto.

August pareceu aliviado. "Da próxima vez eu pergunto, e aí você decide se quer que eu faça ou não." Ryker o encarou, e August acrescentou: "Mas não hoje. Vamos continuar cuspindo o cardápio até segunda ordem."

Mais uma vez, Steve, o garçom, abriu a porta bem a tempo de ouvir o final da frase de August.

Ele deve ter se preparado bem, porque desta vez não corou.

“Sua IPA, senhor. Seu prato principal será servido em breve. Posso recolher os pratos?”

Ryker assentiu com a cabeça, e Steve recolheu os pratos sujos, juntamente com o copo vazio de Ryker.

“Obrigado por esperar até terminarmos”, disse Ryker, fazendo Steve quase deixar cair os pratos e ficar vermelho como um pimentão.

“Claro, senhor. Deixe-me verificar sua comida.”

Ele praticamente saiu correndo da sala.

Dylan piscou, percebendo que Steve devia ter vindo servir a IPA para Ryker e visto que Dylan estava ocupado recebendo uma massagem e tendo o rosto acariciado.

Ele jamais poderia voltar para cá.

"Você é um idiota", disse August, revirando os olhos e tomando um gole de sua cerveja.

"Ele adorou", disse Ryker, sem o menor arrependimento. "E não viu nada de escandaloso. Meus dedos não chegaram nem perto da boca do Dylan quando ele entrou."

Dylan recostou-se aliviado. August e Ryker estarem ao lado dele enquanto ele estava sentado era estranho, mas não tão constrangedor quanto poderia ter sido.

"Não vamos arriscar de novo, tá bom?" Dylan interrompeu, com o rosto vermelho. "Não devemos fazer coisas assim em público."

August fez uma careta.

"Concordo", disse Ryker. August lançou-lhe um olhar de traição. "Se vamos fazer coisas em público, devemos garantir que não seja algo que as pessoas possam ver."

Não foi exatamente isso que Dylan disse, mas foi algo bem próximo. August também pareceu mais tranquilo.

Dylan pegou sua bebida e tomou um gole.

“Então, se você não tem certeza sobre cuspir, isso significa que urinar em você também está fora de questão?”

Dylan engasgou com sua Coca-Cola Diet.

Literalmente, que porra é essa?

“Sim, está fora de questão. Completamente fora de questão”, disse ele assim que conseguiu falar.

“Mesmo que não esteja na sua boca?”

Dylan ficou muito feliz por eles estarem conversando sobre essas coisas antes de fazê-las. Ele não sabia como teria reagido se estivessem no meio do sexo e August de repente urinasse em seu rosto.

Ao contrário das luvas e do couro, ou mesmo do cuspir, não havia nada de atraente em se mijar todo.

“Não, acho que seria demais para mim. Eu não... acho que não gostaria disso.”

August parecia desapontado – como se tirar o pênis para fora e molhar Dylan com mijo fosse algo que ele estivesse ansioso para fazer.

Dylan tomou outro gole de seu refrigerante e o ignorou, mantendo sua atenção em Ryker. Ele não parecia desapontado, embora só Deus soubesse que perversões o alfa loiro estava prestes a tramar contra ele.

Isso não podia ser normal, nem mesmo para lobisomens. Dylan estava totalmente a favor de discutir suas preferências sexuais — embora não tivesse nenhuma experiência com nada do tipo antes de conhecer August — mas deveria ser uma *conversa* . August e Ryker pareciam presumir que ele se interessaria por essas coisas, e pela enésima vez desde que os conheceu, Dylan se perguntou *por quê* .

Ele estava com muita vergonha para perguntar.

“Esta noite, queremos te amarrar e te foder”, disse Ryker, olhando para ele com uma expressão carinhosa, como se Dylan fosse fofo. “Vamos colocar uma coleira, luvas de bondage e talvez um espartilho em você, e provavelmente vamos te amordaçar em algum momento. Tem alguma coisa que você gostaria que adicionássemos à lista, ou tirássemos?”

Dylan sentiu tonturas e, ao tentar respirar, parecia não conseguir obter oxigênio suficiente.

"Dylan?", perguntou Ryker.

"Tudo isso parece ótimo", disse Dylan, com o coração acelerado e os

testículos contraídos. Ele levou a mão entre as pernas, ajeitou o pênis e reprimiu um gemido ao sentir a onda de prazer que o percorreu.

Ele não sabia o que eram luvas de bondage.

"Quero te colocar numa gaiola de galo, depois de te amarrarmos e te fazermos gozar", acrescentou August. Sua voz era rouca. "Não quero que você goze a menos que esteja com um de nós."

O pênis de Dylan pulsava, mais duro do que nunca, e ele se perguntou como seria ficar sentado ali com a ereção contida.

Paradoxalmente, imaginar isso só o tornava ainda mais difícil.

"Talvez", disse ele, mais intimidado por isso do que pela questão da bondage. Sua respiração estava acelerada, como se tivesse corrido.

Com luvas de bondage, espartilhos e coleiras, Dylan seria libertado quando terminassem. A castidade, por outro lado, era de longo prazo. A cada segundo do dia, ele andaria por aí com um lembrete de que August tinha a chave para seus orgasmos.

"Quero que você diga sim", disse August, inclinando-se para a frente. Seus dentes estavam à mostra em um meio sorriso, os caninos mais afiados do que pareciam um minuto atrás.

“Ele pode dizer talvez”, interrompeu Ryker. “Ou você prefere que *não* ?”

August deu um sorriso presunçoso, arrogante e mais quente que o sol. "Ele não vai dizer não. Ele quer que eu tranque o pau dele. Olha só pra ele, está tão excitado que mal consegue respirar."

Dylan baixou o queixo e fechou os olhos, com o pau tão duro que achou que ia gozar só de ouvir a voz de August provocando-o.

“Talvez”, repetiu ele.

"Mas tudo o mais que mencionei, você topa tentar?", perguntou Ryker.

Dylan assentiu com a cabeça. Ele estava um pouco intimidado com a ideia de um espartilho, mas se o apertassem demais, ele poderia simplesmente pedir para pararem.

"Ótimo." Ryker sorriu de canto. "Estou ansioso por isso."

~

Depois de esclarecerem qual era o plano para a noite, o resto do jantar transcorreu de forma relativamente normal. Não houve mais conversas sobre sexo ou fetiches, e embora August e Ryker tivessem deixado Dylan excitado só por existirem e terem a aparência que tinham, os dois lobisomens permaneceram sentados durante todo o resto da refeição.

O filé mignon de Dylan estava delicioso – o melhor que ele já havia provado – e os acompanhamentos estavam igualmente bons. O sabor das batatas gordurosas o fez gemer, o que fez August e Ryker olharem para ele com expressões como se quisessem pular na mesa e *devorá* -lo. Ele abaixou a cabeça e evitou os olhares famintos.

Depois dos bifes, Ryker recusou a sobremesa e pediu a conta. Dylan observou-o pagar, sentindo como se estivesse numa contagem regressiva para ser fodido.

A sensação era muito parecida com a de estar na fila de uma montanha-russa. Ele estava animado e ansioso para andar nela, mas também nervoso. Sentia um frio na barriga enorme.

Ele não parava de se lembrar de Steve lhe dizendo que ele devia ser mais forte do que aparentava se achava que conseguiria lidar com dois lobisomens.

Sentado ali, com August e Ryker do outro lado da mesa, seus músculos e pênis pressionando a frente das calças, ele não se sentia particularmente resistente.

O anfitrião trouxe-lhes os casacos, agradeceu-lhes pela presença e perguntou se precisavam de um táxi.

August e Ryker recusaram o táxi, levantaram-se e vestiram seus casacos. O anfitrião saiu e August se virou para Dylan.

“Você vai usar seu casaco?”, perguntou ele, fechando o zíper de sua jaqueta de couro justa. “Ou precisa carregá-lo de novo?”

Dylan corou. Levantou-se, mantendo o casaco sobre a virilha para esconder a ereção. "Eu levo."

August deu um sorriso irônico, colocando as luvas. Ele as deslizou pelos dedos e apertou as manoplas sobre as mangas do paletó.

Depois de se acostumar a vê-lo com seu suéter aconchegante, Dylan achou o visual todo de couro chocantemente intimidador.

O celular de Ryker emitiu um bipe e, depois de terminar de vestir o casaco, ele checou a mensagem. Ele franziu a testa, e Dylan ficou aliviado por a expressão não ser direcionada a ele. Se Ryker o olhasse daquele jeito, ele tinha quase certeza de que teria um ataque de pânico e começaria a chorar.

"O quê?", disse August, cruzando os braços.

“Preciso ir ao escritório assinar algo. Não deve demorar mais de meia hora.” Ryker verificou a mensagem novamente. “Uma hora, no máximo.”

August parecia irritado, com a boca contraída numa linha reta, mas de repente abriu um sorriso.

“Tudo bem. Você pode nos deixar na clínica no caminho e eu posso fazer uma lavagem intestinal rápida no Dylan com a máquina de lavagem intestinal. É muito mais eficiente do que aplicar um enema nele lá no apartamento.”

Ryker franziu a testa. "Isso não vai levar mais de uma hora?"

"Consigo terminar em quarenta e cinco minutos, desde que acelere um pouco o processo aumentando o fluxo de água."

Ryker assentiu com a cabeça, sua expressão de pavor se suavizando um pouco. Ele se virou para Dylan. "Isso lhe parece bom?"

Dylan tinha feito uma ducha vaginal antes do encontro, mas não se importaria de ficar ainda mais limpo antes de Ryker e August o foderem. Além disso, receber uma lavagem intestinal de August quando ele estava no modo Dr. Schaffer tinha sido estranhamente excitante.

A expressão séria no rosto de August quando ele disse *para aumentar o fluxo* foi um pouco preocupante, mas não a ponto de impedir que Dylan ficasse intrigado.

“Acho que isso soa bem.”

Ele esperava que August amarrasse seus pulsos, inclinasse a cadeira para trás e o fodesse na garganta novamente.

“Então temos um plano.” August empurrou a cadeira para dentro e deu um sorriso irônico para Dylan. “Você vem?”

Dylan contornou a mesa, mantendo o casaco sobre a virilha para esconder o volume. August colocou a mão na nuca dele, a luva lisa e fria, o aperto firme. A mão era tão larga que as pontas do indicador e do polegar pressionavam o espaço abaixo do queixo.

Ryker caminhava ao lado dele, digitando furiosamente no celular enquanto saíam do restaurante em direção ao SUV.

"Você sabe dirigir?" perguntou Ryker, mal desviando o olhar do celular. "A gente troca quando chegar na clínica."

"Claro", disse August, entrando no carro.

Dylan entrou no carro antes de Ryker, mas, ao contrário de August, Ryker não lhe deu atenção quando entrou logo em seguida. Mal teve tempo de colocar o cinto de segurança, com toda a sua atenção voltada para o celular.

Ele parecia irritado, mas não furioso como antes.

Dylan permaneceu em silêncio, o que lhe permitiu trabalhar em paz. Ele ergueu os olhos e se deparou com o olhar de August refletido no espelho.

"Você está pronto?", perguntou August.

Dylan assentiu com a cabeça.

“Estou ansioso por isso.”

O sorriso de August em resposta era puro lobo.

RYKER

Ryker se obrigou a garantir que tudo estivesse em ordem no escritório antes de voltar para August e Dylan, mas não ficou satisfeito com o tempo extra gasto.

Foi uma questão estúpida. Um dos advogados dele havia se esquecido de levar em conta a diferença de fuso horário entre os Estados Unidos e o Sudeste Asiático, então o contrato teve que ser alterado e assinado novamente. Eles haviam prometido enviar o contrato antes do dia seguinte, então Ryker não teve escolha a não ser ir ao escritório.

Mas agora estava tudo resolvido, e ele podia voltar correndo para August e Dylan para se divertir com eles. Mandou uma mensagem para August avisando que estava a caminho, saiu do elevador e atravessou o estacionamento para encontrar o SUV de August.

Ao sentar-se ao volante e jogar o casaco no banco do passageiro, Ryker saiu da vaga de estacionamento dando uma risadinha.

Ele estava tão excitado e ansioso para a noite com Dylan e seu amigo, que precisou recorrer ao truque de Dylan de segurar o casaco dobrado sobre o braço para esconder o volume. Embora Ryker não se importasse de ser visto com um pequeno volume pelas pessoas em um restaurante com pouca luz, seus colegas de trabalho em um escritório bem iluminado eram uma história completamente diferente.

Felizmente, ninguém havia notado nada além do seu aborrecimento por ter que entrar e corrigir um erro estúpido.

Ryker percorreu a curta distância de seu escritório até a torre onde ficava a clínica de Austin, parando na zona proibida para estacionar junto ao meio-fio e ligando para August.

"Vou esvaziá-lo, vai levar cinco minutos", disse August, com o som de respiração pesada ao fundo.

O pênis de Ryker inchou até ficar completamente rígido, e ele sentiu um formigamento no estômago ao imaginar todas as coisas que poderiam ter feito Dylan ofegar daquele jeito.

“Vou dar uma volta no quarteirão”, disse Ryker, afastando-se do meio-fio. Seu pau estava duro como pedra, pressionando o terno quase tanto quanto quando ele alimentou Dylan com suas vieiras. “Me liga quando você estiver no elevador.”

Ryker ainda não conseguia acreditar que não tinha ejaculado nas calças quando Dylan lambeu os dedos.

"Sim, eu vou." August parecia distraído, e a respiração de Dylan havia se acalmado a ponto de Ryker não conseguir mais ouvi-la pelo telefone.

"Ele está te fazendo um boquete?" perguntou Ryker, colocando a mão em seu volume e apertando-o.

"Não." August riu. "Ele queria, mas eu disse que estávamos esperando por você. Eu estava sentada no rosto dele."

Ryker bufou, porque é claro que August já tinha ido direto ao ponto de sentar no rosto dele. Se Dylan acabasse sendo um caso sério, o garoto teria que se acostumar com o gosto de August por usar seu peso para sufocar seus parceiros.

Para Ryker não era tão ruim – ele conseguia lidar bem com o peso de August

– embora não o deixasse sentar em seu rosto. Com ele, August tinha que se contentar em deitar em cima dele quando os dois estavam na cama, e nas raras ocasiões em que August o surpreendia quando ele estava no sofá.

“Dê o telefone para ele.” Ryker parou o SUV, aguardando no semáforo vermelho. “Quero falar com ele.”

“Claro.” August entregou o telefone para Dylan.

“Ei, Dylan”, disse Ryker, deixando sua voz baixar para um tom mais grave. “Você está se divertindo?”

“Sim. O August pisou em mim e sentou na minha cara. Ele é tão pesado!”

Dylan parecia atordoado e um pouco desligado, mas o entusiasmo soava genuíno.

August tinha mesmo encontrado um tesouro com Dylan. Bonito, submisso e disposto a deixar August e Ryker o atacarem em dupla – ele era como um unicórnio sexual.

“Ele é”, concordou Ryker. “Muito pesado. Ele limpou seu buraco para nós?”

Dylan soltou um suspiro. "É. Ele me enxaguou três vezes, mas eu já estava limpo porque fiz uma ducha vaginal."

Ryker sorriu. Dylan era tão fofo que ele não conseguia se conter. Dava vontade de enrolá-lo num cobertor e transar com ele até que chorasse.

“Bom garoto. Quando você terminar, estarei te esperando na calçada.”

"Certo", disse Dylan, de repente parecendo tímido. "Te vejo em breve, Ryker."

August levou o telefone de volta ao ouvido e disse: "Ele tentou se masturbar, então amarrei as mãos dele atrás das costas. Caso você quisesse um motivo para lhe dar umas palmadas."

Ryker deu uma risadinha ao ouvir o suspiro de espanto ao fundo.

“Certifique-se de desamarrá-lo antes de levá-lo até o carro.”

“Eu já fiz isso”, disse August. Pelo que parecia, ele estava fazendo algo para provocar Dylan, mas Ryker não conseguiu entender o quê. “Acho que já estamos quase terminando aqui. Um ou dois minutos, no máximo.”

"Certo, estou quase de volta à sua rua. Vou ficar parado junto ao meio-fio esperando você chegar."

“Te vejo daqui a pouco.”

Ryker voltou dirigindo até a frente do prédio onde August tinha seu consultório e parou junto ao meio-fio, olhando em volta para se certificar de que não havia guardas de estacionamento ou policiais por perto. Embora não se importasse se Steve aparecesse.

Seria divertido provocá-lo um pouco, e ainda mais divertido ir embora com Dylan depois disso.

Mas ninguém apareceu para protestar contra o estacionamento irregular de Ryker, e depois de alguns minutos, August e Dylan saíram do saguão e caminharam em direção a ele.

Ryker saiu do banco do motorista e entrou no banco de trás, deixando a porta aberta para Dylan.

“Oi”, disse Dylan, entrando no banco de trás do SUV e sentando-se. Ele colocou o cinto de segurança, lançando sorrisinhos nervosos para Ryker. “Você resolveu o problema do trabalho?”

Ryker assentiu com a cabeça. Ele havia colocado o cinto de segurança por hábito, mas agora o desabotoou e deslizou para o lado de Dylan.

“Sim, eu fiz. Era só uma papelada que precisava ser corrigida.” Ele colocou a mão na coxa de Dylan. “O que é isso que estou ouvindo sobre você precisar de umas palmadas?”

Dylan prendeu a respiração, seus olhos se arregalaram em súplica enquanto olhava para ele.

"Eu não!"

August deu uma risadinha do banco do motorista, lançando-lhes um olhar rápido pelo retrovisor enquanto saía da calçada.

“Ele é um pequeno mentiroso. Ele se tocou sem permissão.”

Dylan balançou a cabeça. "Você não disse que eu precisava de permissão. Eu não sabia!"

“Você deveria ter feito isso.”

A voz de August era um aviso áspero, e até mesmo Ryker estremeceu um pouco com a energia dominante que seu companheiro emanava.

Ele levou a mão ao cabelo de Dylan, acariciando os fios desgrenhados do menino.

Dylan estava agindo de forma muito diferente de como estivera no restaurante. Seja lá o que August tivesse feito, parecia tê-lo colocado num estado de espírito muito submisso. Ele estava expressivo e um pouco mimado, como se as barreiras de constrangimento que normalmente o impediam de agir como realmente queria tivessem se dissipado.

Ryker gostou.

"Está tudo bem", disse Ryker, deslizando a mão para baixo e acariciando a nuca dele. "Não vamos puni-lo por não conhecer as regras."

"Ele concordou que você pode dar um chupão nele", disse August, parecendo muito satisfeito consigo mesmo.

O pênis de Ryker se contraiu, um líquido pré-ejaculatório escorrendo dele ao ouvir a notícia. Ele se inclinou e colocou a boca na garganta de Dylan, pressionando os lábios contra sua jugular.

"É verdade?", perguntou ele, quase rosnando. Inclinou-se sobre Dylan, apoiando o peso na coxa do garoto enquanto roçava o nariz em seu pescoço.

Dylan respirava com dificuldade, seu peito subindo e descendo rapidamente.

“Você pode me dar um igual ao que o August fez”, disse Dylan, o que soou como uma espécie de consentimento condicional.

Ryker não se importava. A marca de August era mais sucção do que mordida, mas o resultado final era o que importava. Ryker queria deixar um hematoma.

"Isso mesmo, garoto", rosnou Ryker, esfregando o focinho no pescoço de Dylan, tentando decidir onde mordê-lo. Seu lobo roncava em seu peito, e Ryker lutava para impedir que suas garras e dentes se afiassem enquanto escolhia o lugar perfeito para Dylan ostentar sua marca.

"Não muito forte", ofegou Dylan, sua respiração acelerada como se estivesse correndo uma maratona. Ele agarrou o braço de Ryker, segurando sua camisa enquanto esperava ser atacado.

Em vez de responder, Ryker colocou a boca na junção entre o pescoço e o

ombro de Dylan e mordeu com a maior delicadeza possível. Com a pele entre os dentes, Ryker estremeceu enquanto chupava e lambia a carne do pescoço de Dylan com a língua.

A julgar pelo sibilo de Dylan, ele não estava sendo tão delicado quanto pretendia. Soltou a mordida, lambendo o local onde havia cravado os dentes em sinal de desculpas.

Levantando a cabeça, Ryker examinou seu trabalho. Havia uma mancha oval vermelha na base do pescoço de Dylan, bem na gola da camisa, e os dentes de Ryker haviam deixado um oval perfeito de marcas brancas, algumas das quais sangravam.

Ryker passou o polegar pela pele úmida de saliva, sentindo os testículos cheios e pesados enquanto observava Dylan tremer ao seu toque.

"Assim está melhor", resmungou Ryker, em vez de se desculpar por ter mordido com muita força.

“E você me chama de animal”, disse August da frente, observando-os pelo retrovisor.

Ryker sentou-se novamente, recostando-se na cadeira com a satisfação de um trabalho bem feito. Ele estendeu a mão e bagunçou o cabelo de Dylan, acariciando a nuca dele e pressionando a ponta do dedo na reentrância entre os dentes.

"Gostou?", perguntou ele, coçando atrás das orelhas de Dylan.

Dylan engoliu em seco e respirou fundo, com as mãos pairando suspeitosamente perto do volume em sua calça. Ele olhou para Ryker e assentiu.

"Você me mordeu." As palavras soaram como uma mistura de pergunta e acusação. Ele levou a mão à garganta, tocando o local onde sua pele havia mudado de cor.

"Só um pouquinho", concordou Ryker, deslizando a mão para cima e puxando o próprio cabelo. "Talvez da próxima vez você me deixe te morder de verdade."

Ele cruzou o olhar com o de August no espelho, vendo seu próprio desejo refletido ali. Havia uma grande diferença entre dar um hematoma em alguém e reivindicá-lo com uma mordida de reivindicação de verdade, mas ambos sabiam que era para lá que estavam caminhando.

É claro que primeiro eles conheceriam Dylan, e o tratariam com requinte e elegância, mas havia algo nele que simplesmente se encaixava.

A avó de Ryker teria dito que eles tinham encontrado sua alma gêmea, e Ryker estava começando a acreditar que talvez ela não fosse tão ingenuamente supersticiosa quanto ele pensava. Ele não acreditava que Dylan fosse o destino deles, mas isso não significava que ele não pudesse se esforçar e fazer dar certo.

August voltou o olhar para a estrada, e Ryker fechou os olhos. Manteve a mão no pescoço de Dylan, repousando-a ali, apreciando a sensação de formigamento na pele sob a palma da mão.

Eles chegaram ao apartamento sem demorar muito. August entrou na garagem subterrânea do prédio e, quando Dylan saiu do SUV, Ryker estava lá para pegá-lo no colo e carregá-lo.

Dessa vez, ele o jogou por cima do ombro, dando um tapa na bunda dele e apalpando-a antes de pressionar suas coxas para prendê-lo no lugar. Dylan ficou

pendurado por cima do ombro, olhando para a própria bunda, e Ryker podia sentir seu pequeno pau duro pressionando sua clavícula.

Eles pegaram o elevador até a cobertura, e enquanto Ryker carregava seu refém para dentro do apartamento, Dylan deu um suspiro de espanto.

“Vocês têm um elevador que abre direto no apartamento de vocês?” Ele levantou a cabeça, se remexendo enquanto tentava olhar em volta. “Quantos ricos vocês são?”

August bufou. "Rico o suficiente. Ryker entrou na empresa dele quando ainda era uma startup e foi pago com ações. Era ruim naquela época, mas valeu muito a pena."

Ryker sorriu, acariciando a bunda de Dylan. Ele tivera sorte com suas ações e também tivera sorte quando as vendeu e diversificou seu portfólio. Ele e August agora levavam uma vida muito confortável.

"Você quer uma visita guiada?" Ryker continuou jogando Dylan por cima do ombro.

"Claro", disse Dylan, ainda se mexendo e olhando ao redor enquanto Ryker o carregava para a sala de estar.

“Então, aqui é onde ficam nossa sala de estar e sala de jantar.” Ele se virou para que Dylan pudesse ver a área do sofá e apreciar a vista através das janelas que iam do chão ao teto. “E ali fica a cozinha.”

"É enorme", disse Dylan, com um tom de admiração.

Ryker sorriu, apertou a bunda de Dylan e voltou para o corredor. "Deixe-me mostrar o quarto principal."

Ao entrar no quarto, com August logo atrás, Ryker deu uma voltinha para que Dylan pudesse ver a cama absurdamente grande e o resto da mobília. Havia uma área de estar junto à lareira, maior do que a sala de estar da maioria das pessoas.

Ele decidiu não mostrar o banheiro e o closet para Dylan, querendo chegar logo à melhor parte da visita. Virou-se para a porta e cruzou o olhar com August.

"Mostre-lhe a sala de jogos em seguida?"

August sorriu, lambeu os lábios e assentiu com a cabeça.

“Liderar o caminho.”

Ryker carregou Dylan de volta para o corredor e em direção à sala de jogos. Quando entraram, com August logo atrás, fechando a porta, Ryker finalmente colocou Dylan no chão.

Ele lhe deu um pequeno empurrão, fazendo-o cambalear para dentro da sala.

Dylan olhou em volta, atordoado e intimidado pela visão da coleção de brinquedos, equipamentos de RPG e móveis de bondage de August e Ryker.

Era um cômodo que não era usado com a frequência que merecia, considerando a quantidade de coisas que eles tinham. Ao ver Dylan parado ali, o olhar oscilando entre o banco de bondage e a Cruz de Santo André, os olhos arregalados ao observar a coleção de chicotes, pás e açoites pendurados na parede, Ryker sentiu uma satisfação profunda. Ele e August haviam construído a sala de jogos na esperança de um dia usá-la com um submisso que pudessem chamar de seu, e Ryker não pôde deixar de pensar que Dylan se encaixava perfeitamente nesse perfil.

“Você disse que era muito flexível, não é?” disse August, passando por

Ryker e parando em frente a Dylan. Ele se aproximou, invadindo o espaço pessoal de Dylan, e quando Dylan tentou dar um passo para trás, August o puxou de volta com a mão no ombro.

Ryker estendeu a mão e apertou o volume na calça, a visão de Dylan caindo de cara no peitoral de August fazendo seu pau pulsar de prazer intenso. A jaqueta de couro de August estava aberta, expondo seu magnífico peitoral e abdômen, mas quando ele passou o braço em volta das costas de Dylan, o garoto pareceu desaparecer dentro da jaqueta.

"Sim", murmurou Dylan, com a voz abafada pelo rosto pressionado contra o peitoral de August.

August virou o rosto para Ryker, sorrindo. "Tenho algo que quero experimentar. Você se importa?"

Ryker não se importou. Estava ansioso para ver o que seu companheiro ardiloso havia planejado. Com certeza seria algo bom.

“Fique à vontade.”

“Dylan, eu quero você nu.”

August soltou Dylan de seus braços, dando-lhe um leve empurrão que quase o fez cair de bunda.

Dylan se recompôs e olhou para August com uma expressão nervosa.

“Você quer que eu tire a roupa?”

August assentiu com a cabeça, levando a mão ao peito e passando um dedo enluvado sobre o mamilo enquanto esperava que Dylan concordasse.

"Claro", Dylan engoliu em seco, dobrando o casaco que ainda carregava no braço e colocando-o no chão. "Eu consigo fazer isso."

Ele tirou a camisa, parecendo bastante constrangido, e em seguida desabotoou o cinto e baixou as calças. Esqueceu-se de tirar os sapatos primeiro, o que resultou em um movimento desajeitado em que teve que se sentar com as calças e a cueca nos tornozelos para conseguir tirar os sapatos.

Ao contrário de August, Ryker não tinha a menor vontade de usar qualquer tipo de roupa quando transasse com Dylan – pelo menos não naquela noite – então, enquanto Dylan se despia, ele tirou os sapatos e o terno, dobrando-o em uma pilha e deixando-o perto da porta.

Considerando a quantidade de líquido pré-ejaculatório que havia vazado na parte interna da coxa direita, ele sabia que não havia dúvidas de que teria que mandar a peça para a lavanderia.

De pé, nu e com o pênis ereto, Dylan olhou para o lado e pareceu surpreso ao ver que Ryker havia tirado a roupa. Ele encarou o pênis de Ryker, com a boca entreaberta e os olhos arregalados, como se estivesse tentando entender como algo assim havia estado dentro dele.

Ryker deu uma leve sacudida nos quadris, fazendo seu pau duro e seus testículos pesados balançarem de um lado para o outro, a gota de líquido pré-ejaculatório em sua vulva escorrendo em um fio comprido e caindo em arco até o chão. Ele sorriu maliciosamente ao ver a respiração ofegante de Dylan, pegando em si mesmo e dando algumas bombadas em seu pau duro.

Um prazer arrepiante percorreu sua espinha, e Ryker se entregou. Ele se perguntou se teria que ejacular na boca de Dylan antes de penetrá-lo, caso contrário, não duraria mais do que alguns minutos fodendo seu cu.

“Isso mesmo, Dylan.” August caminhou até Dylan, agarrou-o pelo pescoço e o conduziu até a mesa de bondage. “Quero você aqui deitado de costas.”

August agarrou Dylan pelos braços, suas mãos enluvadas fazendo o torso de Dylan parecer minúsculo, e o ergueu sobre a superfície acolchoada de couro. Deitou-o de costas, segurando suas pernas e posicionando-o de modo que seu traseiro ficasse bem na beirada do banco, com alguns centímetros de espaço acima da cabeça.

"Precisa de ajuda?" perguntou Ryker, caminhando até o banco à direita de Dylan. Ele olhou para o humano nervoso, mostrando os dentes num sorriso que não pretendia ser ameaçador, mas que talvez tivesse dentes demais para ser amigável.

Claro, você poderia pegar algumas algemas para os tornozelos dele?

August levantou as pernas de Dylan, empurrando seus joelhos para trás até que estivessem dobrados sobre o peito. A posição expôs o orifício de Dylan, e a boca de Ryker salivou.

“Sim, claro.”

August caminhou até o armário – uma monstruosidade antiga feita de nogueira envernizada que combinava perfeitamente com o piso de madeira escura, os móveis de bondage polidos e as pesadas cortinas cor de vinho que dominavam a sala de jogos – e encontrou as algemas de tornozelo. Ele também pegou uma larga coleira de couro preto macio e um par de luvas de bondage restritivas.

Ao se virar, ele congelou na posição em que August havia torcido Dylan. O menino ainda estava de costas, mas seus pés haviam sido empurrados para cima e dobrados atrás da cabeça, seus tornozelos cruzados, suas pernas formando um losango sobre o torso.

Ele parecia um pretzel humano.

“Me dê as algemas de tornozelo”, disse August, segurando os dois tornozelos de Dylan. “Quero imobilizá-lo.”

Ryker deu uma risadinha, divertido e incrivelmente excitado, e caminhou até August, entregando-lhe as algemas. Colocou as luvas e a coleira no chão para usar mais tarde.

"Por quanto tempo você consegue ficar assim?", perguntou ele, colocando a mão na bunda de Dylan. Ela estava empinada, com as pernas abertas expondo seu orifício e deixando-o completamente à mercê dele e de August.

"Normalmente consigo ficar uns vinte minutos", disse Dylan, se remexendo enquanto August movia sua perna para colocar a tornozeleira. "Não tentei por muito mais tempo do que isso."

Ryker passou a mão pela coxa de Dylan, sentindo o músculo alongado e maravilhado com sua flexibilidade. Tanto o quadril quanto os ombros de Dylan estavam fora do banco, com o peso apoiado no centro da coluna. Se Ryker empurrasse o quadril dele para baixo, ele balançaria como uma cadeira de balanço.

“É desconfortável?”

Dylan deixou a língua sair para umedecer os lábios. Ele balançou a cabeça, o movimento limitado pela posição apertada em que se encontrava. "Não, não exatamente."

“Avise se começar a doer”, disse August, terminando de algemar os tornozelos de Dylan e prendendo-os atrás do pescoço dele. Ele deu uma leve sacudida nos tornozelos, fazendo o corpo de Dylan se mover de um lado para o outro. “Você consegue se soltar?”

Dylan se remexeu, abaixando o queixo e levantando o quadril, mas não conseguiu levantar os pés acima da cabeça.

O pênis dele chegou bem perto do rosto dele, e Ryker percebeu que não estava brincando quando disse a August que ele podia chupar o próprio pau.

Desistindo, Dylan relaxou o máximo que pôde e soltou um longo suspiro. Olhou para os dois com os olhos arregalados. "Estou preso."

Ryker e August sorriram um para o outro.

“Eu trouxe a coleira e as luvas”, disse Ryker, agachando-se e pegando-as do chão. “Você quer colocar a coleira nele?”

Ele estendeu a coleira para August.

"Com certeza", disse August. Ele enrolou a coleira no pescoço de Dylan, apertando-a e fechando-a na garganta. Teve um pouco de dificuldade com a fivela, as luvas grossas dificultando o encaixe de tudo no lugar, mas logo a garganta de Dylan estava cercada por uma larga faixa de couro preto brilhante.

“Olha só pra ele.” August parecia prestes a se tornar selvagem. Sua voz estava carregada de um rosnado rouco e Ryker podia ver seus dedos se contraindo como se ele quisesse mostrar as garras.

Ryker compreendeu o sentimento.

Segurando as mãos de Dylan uma a uma, Ryker as fechou em punhos e as enfiou nas luvas apertadas. Ele as amarrou e prendeu os punhos embutidos nos pulsos, usando um mosquetão para fixá-las na frente da gola.

Dylan puxou os pulsos, mas estava completamente preso.

"Como é a sensação?", perguntou August, enfiando o dedo por baixo da gola, perto do pomo de Adão de Dylan. Mal cabia.

"Tá bom", murmurou Dylan, com a voz embargada. August sorriu, tirou o dedo, passou a palma da mão no rosto de Dylan e segurou seu queixo.

Ryker nunca se esqueceria de quão enormes as mãos de August pareciam em Dylan. Quando ele abria os dedos, elas cobriam todo o rosto do garoto, as pontas do polegar e do indicador estendendo-se de orelha a orelha.

“É isso que eu gosto de ouvir.” Ryker deu um tapinha leve na bochecha de Dylan.

August e Ryker recuaram e examinaram seu trabalho. A contorção de Dylan era obscena, e com os tornozelos e as mãos amarrados, ele parecia um sacrifício para algum deus maligno da escravidão.

Estava incrivelmente quente, embora talvez não fosse a melhor posição para fazer sexo. A bunda dele estava empinada, o que significava que Ryker teria que subir no banco e dar uma estocada nele se quisesse transar com ele, e a boca dele também estava numa posição inconveniente.

Ryker se voltou para agosto.

“Qual é o seu plano?”

August caminhou até Dylan e passou um dedo enluvado sobre o orifício que se contraía, dando-lhe um leve toque. Mordeu o lábio e lançou um pequeno sorriso na direção de Ryker. "Achei que poderíamos abri-lo assim e depois

dobrá-lo sobre o banco como de costume quando ele estiver bem relaxado."

Esse era um plano que Ryker apoiava. Ele caminhou até o topo do banco, parando atrás do corpo amarrado de Dylan e inclinando-se para frente para olhar seu rosto. Dylan desviou o olhar de August e olhou para ele.

"Oi", disse Dylan, com o rosto vermelho e a expressão um pouco perdida.

"Olá", disse Ryker, sorrindo. "Parece divertido? Deixar August te abrir e te preparar para os nossos paus?"

Dylan hesitou, mas depois assentiu. Ryker sorriu, inclinou-se e lhe deu um beijo rápido.

“Ótimo. Enquanto ele estiver fazendo isso, tenho um trabalho para você.” Ryker ergueu os olhos e cruzou o olhar com o de August. Seu companheiro o observava com um sorriso expectante, e Ryker mal podia esperar para ver sua reação ao plano.

"Um emprego?" Uma leve ruga se formou na testa de Dylan.

"Sim." Ryker agarrou Dylan pelas orelhas e o inclinou um pouco para trás. "Vou montar em você e esfregar minha bunda na sua cara, e você vai lamber meu cu. Não parece divertido?"

"Você quer que eu lamba sua bunda?" A voz de Dylan baixou para um sussurro envergonhado. Ele olhou para August, como se quisesse ver sua reação à sugestão de Ryker.

August parecia entusiasmado com a ideia de ter o rosto de Dylan espremido entre as nádegas musculosas de Ryker.

Ryker puxou a orelha de Dylan, chamando sua atenção de volta para ele. "Sim. Você está pronto?"

Dylan não respondeu, mas depois de alguns segundos acenou com a cabeça cautelosamente.

“Bom garoto.” Ryker soltou as orelhas dele. “Deixe-me abaixar um pouco o banco.”

Ao encontrar os botões na parte de baixo do banco, Ryker começou a abaixá-lo. Ele segurou o botão pressionado até que o banco de bondage estivesse baixo o suficiente para que ele pudesse montá-lo confortavelmente, com Dylan a cavalo.

"Assim está melhor", disse Ryker, medindo o banco com a coxa. Talvez estivesse baixo demais, mas ele poderia ajustar isso assim que se posicionasse corretamente.

Ele deu um passo para trás e reconsiderou a viabilidade de foder Dylan enquanto ele estava contorcido naquela posição. Com o banco tão baixo, não seria difícil dar uma estocada nele, e com um pouco de agachamento, também não seria tão difícil foder a cara dele.

Ele pensou nisso, mas decidiu que preferia que lhe lambessem o cu.

"O quê?" perguntou August, lançando-lhe um olhar. Ele ainda estava em frente ao banco, com as mãos massageando a bunda de Dylan, os polegares circulando seu orifício e deixando o garoto louco.

"Nada." Ryker passou a mão pelos cabelos, sorrindo. "Só estou pensando em como vou fazer isso."

August bufou. "Não é tão difícil. Você monta no banco e senta com a bunda na cara dele. Não precisa de muito planejamento."

"Você é um tremendo idiota", resmungou Ryker. Ele se aproximou do banco, levantou a perna, passou a coxa por cima do corpo de Dylan e ficou de pé, com as pernas abertas, sobre o banco. Firmemente apoiando os pés no chão, sentou-se bem em cima do rosto de Dylan.

"Você poderia levantar um pouco a mesa?", perguntou ele a August, enquanto seu companheiro o observava com uma expressão divertida.

“Claro.” August contornou os controles e apertou o botão para levantar o banco. “Me avise quando parar.”

O banco se ergueu e, com a cabeça presa pelas pernas amarradas, o rosto de Dylan não teve para onde ir a não ser direto para a bunda musculosa de Ryker.

"Pare." Ryker deu o sinal quando sentiu o nariz de Dylan pressionando sua bunda. Levou mais um segundo para o banco parar de se mover e, quando parou, o rosto de Dylan foi esmagado contra a bunda musculosa e redonda de Ryker.

"Isso é perfeito", disse Ryker, rebolando para que o nariz de Dylan penetrasse mais fundo. Ele abaixou o peso do corpo, pressionando a cabeça e os pés de Dylan contra o banco acolchoado.

O abaixamento da parte superior do corpo de Dylan fez com que sua metade inferior se elevasse, como uma cadeira de balanço inclinada completamente para trás.

"Não é o melhor ângulo para mim", comentou August, agarrando as nádegas de Dylan e massageando-as. Seu orifício, que um segundo atrás apontava diretamente para cima, agora estava inclinado em direção a Ryker.

"Você consegue descobrir." Ryker mordeu o lábio, abaixando-se e abrindo as nádegas para que Dylan pudesse pressionar a boca contra seu orifício. Ele rebolou, sufocando o rosto de Dylan e pressionando-o contra o banco.

Ele não sentia o mesmo prazer em sentar em cima do Dylan que o August sentia, mas era muito bom ter o orifício estimulado.

“Vamos lá, sente-se completamente”, disse August, tocando as pontas dos dedos indicador e médio na borda do banco de Dylan.

"Não, obrigado, isso é com você", disse Ryker, acariciando o próprio pênis e espalhando um fio de líquido pré-ejaculatório no peito de Dylan. "Não quero que ele se sufoque. Só quero que ele lamba meu cu um pouquinho." Ryker abaixou a bunda com um pequeno e cruel rebolado. "O que ele *não* vai fazer. Comece a lamber, Dylan, ou vou deixar o August feliz e te sufocar."

A língua de Dylan saiu da boca, pressionando o aro apertado de Ryker e enviando faíscas que percorreram sua espinha.

“Bom garoto. *Porra* . Continue me lambendo assim.”

Ryker empurrou a bunda para trás, contra o rosto de Dylan, buscando a sensação da língua dele explorando seu orifício. Dylan respirava com dificuldade, o hálito quente na fenda de Ryker, e conforme continuava a lamber, ficava cada vez mais excitado.

Confiando que Dylan não relaxaria, Ryker se levantou e deu espaço para Dylan se mover. Com os joelhos dobrados e a bunda empinada, ele apresentou seu traseiro musculoso para Dylan admirar.

Dylan não decepcionou. Ele se inclinou, lambendo o tempo todo, grunhindo e gemendo enquanto deslizava a língua pela fenda de Ryker, saboreando seu períneo suado e seu orifício apertado.

"Ansioso", comentou August, dando um tapa na bunda de Dylan e se afastando. "Ele é bom nisso?"

Ryker riu da pausa ofegante que a pergunta de August provocou. Dylan logo percebeu que havia parado de lamber, mas Ryker podia sentir sua atenção enquanto esperava pela resposta.

"Muito bom."

Dylan soltou um pequeno som de alegria. Ryker sorriu, abaixou-se e beliscou seu mamilo.

August caminhou até a caixa de brinquedos, agachou-se e pegou um punhado de plugs e vibradores, que levou de volta para a bancada de bondage. Ele deixou cair a pilha de brinquedos sobre a barriga de Dylan, os pesados brinquedos de borracha e silicone caindo com um baque, e então se virou para pegar o lubrificante.

Ryker pegou um vibrador roxo e o bateu na mão como um bastão instável. Com cerca de trinta e cinco centímetros de comprimento, o pênis de borracha deu um estalo satisfatório ao cair em sua palma. Ryker o examinou, acariciando a glande artificial com um sorriso malicioso.

As veias que percorriam a haste ao longo do corpo foram um toque interessante, assim como as enormes bolas na base.

“Acho que este é um bom ponto final para alongá-lo”, disse Ryker quando August voltou com o lubrificante. Ele estendeu o vibrador para August inspecionar. “Nós dois temos o pênis mais grosso, mas não queremos que ele fique muito frouxo.”

Ryker colocou o vibrador de volta na barriga de Dylan, levando a mão de volta ao seu pênis e acariciando a glande. A intensa onda de prazer fez suas coxas tremerem, obrigando-o a parar de se masturbar, a menos que quisesse ejacular ali mesmo.

"Talvez." August olhou para ele como se estivesse considerando a possibilidade. Ele pegou o lubrificante e despejou sobre a bunda empinada de Dylan, deixando o gel viscoso escorrer sobre seu orifício. "Vamos ver onde isso vai dar."

O gotejamento do lubrificante pegou Dylan de surpresa. Ele se sobressaltou, sem dúvida assustado pelo frio, e emitiu um ruído curioso entre as lambidas.

“É só lubrificante”, explicou Ryker, esfregando a bunda no rosto de Dylan. “Continue lambendo meu buraco. Não se concentre em mais nada.”

Dylan intensificou seus esforços, e Ryker estremeceu. Ele masturbou o pênis com movimentos lentos e suaves, apreciando a língua de Dylan e a visão do seu parceiro cutucando a borda do seu ânus com um dedo revestido de couro.

"Apertado", comentou August, entrando.

Dylan sibilou, a intrusão o deixando tenso. August enfiou o dedo mais fundo, sua luva de motociclista parecendo obscena enquanto deslizava para dentro do anel rosado de músculo que protegia o reto de Dylan. Depois de inserir o dedo completamente, ele o deixou lá, permitindo que Dylan se acostumasse com a sensação.

Por fim, Dylan relaxou o suficiente para que August pudesse começar a tocá-lo com os dedos.

"Quero que você relaxe e se abra para mim, ok?" disse August,

acrescentando mais um dedo e fazendo Dylan soltar um gemido.

"Continue lambendo", rosnou Ryker, estendendo a mão para trás e puxando o próprio cabelo.

Os dedos de August pareciam enormes no buraco de Dylan, suas luvas de motociclista blindadas fazendo com que seus dedos parecessem ainda mais grossos do que o normal, e Ryker desejou ter seu telefone para poder tirar uma foto.

Dylan retomou a lambida, mas Ryker percebeu que ele não estava se dedicando de verdade. Estava concentrado demais nos dedos de August em seu cu.

“Isso mesmo”, rosnou August, bombeando os dedos para dentro e para fora do ânus de Dylan. Ele adicionou mais lubrificante, abrindo os dedos para pingar diretamente no orifício de Dylan, fazendo-o grunhir enquanto seu anel anal era esticado ainda mais. Quando retomou a dedilhar, deve ter atingido a próstata de Dylan, porque este soltou um gemido repentino que fez August sorrir maliciosamente. “É, você gosta disso, vadiazinha ansiosa. Acho que você está pronta para mais. Quer que eu enfie um brinquedinho gostoso no seu cu?”

August tirou os dedos do cu de Dylan e pegou um plug anal de tamanho médio. Ele o cobriu de lubrificante, fazendo a borracha preta brilhar.

Como não obteve resposta, August deu um tapa na bunda de Dylan. "Eu te fiz uma pergunta, Dylan."

"Sim, por favor", murmurou Dylan, com a voz abafada pela bunda musculosa de Ryker. Ele parou de lamber por um segundo. "Qual o tamanho?"

Ryker estava bloqueando a visão de Dylan, então ele não conseguiria antecipar o que August ia enfiar dentro dele. Na opinião de Ryker, isso era bom. Dylan não precisava saber o que August ia fazer. Ele só tinha que aguentar.

"O que eu te disse?", rosnou ele, deixando transparecer um pouco de agressividade em sua voz. "Você se concentra em mim e na minha bunda. Só isso."

Dylan voltou a lamber, com movimentos rápidos que atingiam o orifício de Ryker, sua língua lambendo com obediência intimidada.

"Não é grande coisa", disse August, revirando os olhos para o olhar fulminante de Ryker. "Agora relaxa, vai entrar."

Dylan relaxou, mas talvez tenha subestimado o que August considerou pequeno. Ele aceitou os primeiros centímetros do plugue sem resistência, mas quando a circunferência ultrapassou a largura de dois dedos de August, ele começou a se contrair e resistir.

"Você aguenta", disse August, aplicando pressão constante e afundando o plugue mais fundo. O ânus de Dylan esticou ao redor da borracha preta, fazendo-o gemer enquanto a borracha preta forçava seu orifício a se abrir cada vez mais, mas Ryker sabia por experiência que ele poderia suportar algo muito mais grosso sem rasgar.

"Você não vai lamber", avisou Ryker, observando como a borda do ânus de Dylan era mantida aberta pela parte mais grossa do plug. August o manteve ali, balançando-o no lugar, antes de empurrá-lo mais fundo e deixar o orifício de Dylan se fechar na base alargada.

Dylan soltou um suspiro de alívio, respirando rápido enquanto August

cutucava a base do plugue. Ele ainda não estava lambendo o buraco de Ryker.

“August, você poderia pegar um dos chicotes de montaria na parede para mim?”

August ergueu os olhos da bunda de Dylan, com os olhos semicerrados de divertimento. "Claro. Ele está se comportando mal?"

Dylan pareceu perceber seu erro e enfiou a língua de volta na virilha de Ryker, mas Ryker estava com vontade de lhe dar uma lição.

"Ele só precisa de um pequeno lembrete, isso é tudo."

August aproximou-se, pegou um chicote e entregou-o a Ryker. Era uma vara fina de couro trançado com uma pequena aba resistente na ponta, e proporcionaria a quantidade exata de picada que Ryker tinha em mente.

“Dylan, em que eu te disse para se concentrar?”

"Seu cu", murmurou Dylan entre as lambidas.

“E em que você estava se concentrando agora há pouco?”

Dylan prendeu a respiração. Ele parou de lamber e então passou a língua sobre o buraco de Ryker em sinal de desculpas. "Meu cu."

Ryker golpeou Dylan com o chicote na bochecha, bem perto do plugue, fazendo-o estremecer e gritar de surpresa.

"Se comporte melhor", rosnou Ryker, dando-lhe outra palmada. O chicote deixou uma bela marca vermelha, um vermelho muito mais vivo do que as marcas de mão desbotadas de onde August devia tê-lo espancado mais cedo.

"Acho que vamos fazer este em seguida." August traçou as marcas onde o chicote havia atingido a bunda de Dylan antes de se abaixar para pegar um vibrador cor de pele. Tinha cerca de 18 centímetros e uma espessura moderada, e seria um bom meio-termo entre o plug menor e o monstro roxo.

Ele lubrificou bem, sem se importar que estava sujando as luvas com lubrificante, e arrancou o plugue do buraco de Dylan.

A remoção do plugue pegou Dylan de surpresa, e ele parou de lamber e soltou um sibilo de dor. Ryker abaixou o chicote em sua bunda, batendo com força até que ele retomasse a lamber.

Satisfeito, Ryker colocou a ponta do chicote nos testículos de Dylan, em um aviso do que aconteceria se ele recair. Dylan estremeceu, seus esforços aumentando exponencialmente.

August lançou um olhar para Ryker, avisando-o de que dar um tapa nos testículos de Dylan seria demais. Ryker revirou os olhos. Ele não ia introduzir tortura de pênis e testículos sem antes conversar e estabelecer palavras de segurança adequadas.

“Este deve ser bem gostoso”, disse August, voltando sua atenção para Dylan. Ele colocou a ponta do vibrador contra a entrada do ânus de Dylan e enfiou a cabeça para dentro. “Relaxa, meu bem. Você aguenta.”

August deve ter decidido que Dylan estava relaxado o suficiente para que ele pudesse ser um pouco bruto, porque enfiou o vibrador em seu orifício com uma única estocada forte.

Dylan deu um gritinho, mas não parou de lamber a bunda de Ryker nem por um segundo.

Ryker acariciou o próprio pênis bem devagar, se provocando e se mantendo à beira do orgasmo, mas estava chegando perto demais para se conter. Tirou a

perna do banco e tirou a mão do pênis, dando alguns passos para trás e rindo da expressão atordoada no rosto de Dylan enquanto ele tentava entender para onde a bunda de Ryker tinha desaparecido.

Bagunçando os cabelos de Dylan, Ryker limpou sua boca e se inclinou para beijá-lo. Mergulhou em sua boca, o gosto de seu próprio suor almiscarado explodindo em sua língua.

Levantando os olhos e olhando para o rosto de Dylan, ele sorriu. "Se divertindo?"

Dylan engoliu em seco, parecendo mais atordoado do que nunca, mas então assentiu. Os cantos de sua boca se curvaram para cima. "Sua bunda é tão dura."

Ryker e August riram.

“Eu faço muitos agachamentos”, disse Ryker, inclinando-se para lhe dar outro beijo.

"Acho que podemos usar um tamanho maior", disse August, arrancando o brinquedo do ânus de Dylan sem cerimônia e jogando-o no chão. Ele pegou o vibrador roxo que Ryker havia mostrado antes e o lubrificou.

“Talvez devêssemos mandar essa para casa com você”, comentou Ryker, agachando-se ao lado do banco e ficando um pouco acima da linha de visão de Dylan. “Para você ter algo em que praticar.”

Dylan observava August lubrificar o vibrador com expectativa ofegante, seu orifício tremendo e lutando para se fechar completamente após a foda intensa de August com o vibrador.

Ryker mal podia esperar para ver o tamanho do seu boquiaberto quando ele e August o tivessem fodido e amarrado de verdade.

"Talvez", murmurou Dylan, sem se comprometer. Ele respirou fundo quando August posicionou o vibrador contra sua entrada, preparando-se para a grande cabeça roxa penetrar seu orifício.

August encontrou o olhar de Ryker, com um pequeno sorriso malicioso no rosto, antes de enfiar o vibrador no buraco de Dylan.

Dylan soltou um gritinho, seus músculos abdominais se contraindo e seu corpo amarrado se debatendo contra as algemas que o prendiam, enquanto o primeiro terço do grosso brinquedo de borracha penetrava em seu reto.

"Demais?" perguntou Ryker, beliscando o mamilo direito de Dylan e brincando com ele enquanto August começava a empurrar o vibrador mais fundo.

"É grande", disse Dylan entre dentes cerrados. Ele estava suando, com o rosto vermelho e manchado, e respirava com dificuldade.

“Não tão grande quanto eu ou o August.” Ryker beliscou o mamilo de Dylan e puxou. “Você precisa de uma pausa?”

August parou de empurrar, com cerca de metade do vibrador enterrado no cu de Dylan, e esperou para ouvir a resposta do garoto.

Dylan balançou a cabeça. "Não, eu aguento." Ele umedeceu os lábios e confessou: "É uma sensação boa."

Ryker e August se entreolharam, compartilhando um momento de admiração por quão absolutamente perfeito Dylan era para eles, antes de August retomar a penetração com o vibrador no orifício de Dylan e Ryker se abaixar ainda mais para outro beijo.

Quando August já tinha inserido cerca de 25 centímetros do vibrador no cu de Dylan, ele o puxou completamente para fora e o enfiou de volta com um empurrão brutal. Antes que Dylan pudesse sequer gritar, August arrancou o vibrador e o empurrou de novo, estabelecendo um ritmo punitivo que imitava o tipo de penetração profunda que August mais apreciava.

Não haveria quase nenhuma resistência no cu de Dylan quando o fodessem agora, e Ryker ficou um pouco desapontado. Foder um cu e vencer a resistência quando se chegava a uns 12 ou 15 centímetros de profundidade – sentindo as paredes internas das entranhas de alguém sendo rearranjadas por seu pau enorme – era um dos melhores aspectos de foder um cu realmente apertado.

Mas observar a expressão no rosto de August enquanto ele enfiava e tirava o vibrador do cu de Dylan também foi muito bom. Seu parceiro tinha um olhar intenso e intimidador, e, junto com sua roupa de couro ameaçadora, ele parecia absolutamente selvagem.

"Ok, espera aí", gritou Dylan, fazendo uma careta. "Preciso de uma pausa."

August parou imediatamente, com o vibrador enfiado até o fundo no buraco de Dylan.

"Quer que eu tire?", perguntou ele, com um tom ríspido que contrastava com a maneira respeitosa como fez a pergunta.

"Sim", disse Dylan, rangendo os dentes.

August retirou o vibrador do seu orifício, lentamente, proporcionando a Ryker uma visão privilegiada de como o ânus dilatado de Dylan se agarrava à borracha lisa.

Provavelmente teria sido mais fácil para Dylan se August simplesmente tivesse arrancado o pênis como vinha fazendo antes, em vez de prolongar o processo e fazê-lo sentir cada segundo daquela saída obviamente excruciante.

"Desamarre os tornozelos dele, por favor?" perguntou August, deixando o vibrador cair no chão. Ele acenou com o queixo na direção das pernas de Dylan. "Eu pego as mãos dele."

Dylan pareceu aliviado e um pouco decepcionado ao ser libertado das amarras. Ryker desengatou o mosquetão que prendia suas pernas, afastando-as da cabeça e fazendo-o estremecer com a mudança de posição.

August desengatou as luvas de bondage da coleira de Dylan e as tirou de suas mãos, segurando as palmas das mãos dele entre os dedos e esfregando-as com os polegares.

As pernas de Dylan pendiam para fora da mesa de bondage, desajeitadas e agitadas, então Ryker levantou seu torso e o ajudou a sentar. Ele colocou as mãos nos ombros de Dylan e os apertou.

"Melhorar?"

Dylan fez uma careta, mudando o peso de um lado para o outro enquanto lutava para não colocar nenhum peso em seu orifício já bastante machucado.

“Sim. Eu senti que ia ter uma cãibra na perna.”

August interpretou as palavras como um sinal. Ele se agachou em frente ao banco perto das pernas de Dylan, segurou a coxa dele com as mãos e olhou para cima, para ele. "Qual perna?"

Dylan parou abruptamente, surpreso ao ver August agachado à sua frente. Ele engoliu em seco, com o olhar fixo nas mãos de August em sua coxa.

“A da esquerda.”

August mudou o foco da sua pegada para a coxa esquerda de Dylan e começou a massagear o músculo com movimentos firmes da mão enluvada.

Dylan ficou sentado ali, olhando para August com uma reverência que emanava de sua expressão.

“Não queremos que você tenha cãibras”, disse August, envolvendo a parte de trás da coxa de Dylan com a mão e inclinando-se para dar um beijo suave atrás do joelho dele. “Só aquela dor boa para o nosso garoto.”

A pele de Dylan formigou, espalhando-se do pescoço até a parte superior dos braços, e Ryker deu um sorriso de canto. Ele estendeu a mão e passou a ponta do dedo indicador pelo ombro de Dylan, fazendo-o estremecer enquanto alisava as pequenas protuberâncias.

"Você quer continuar?", perguntou Ryker, mantendo a mão no ombro de Dylan e inclinando-se para beijar o topo de sua cabeça.

Dylan fechou os olhos, a respiração ainda um pouco acelerada, e assentiu. Quando abriu os olhos, olhou por cima do ombro e encontrou o olhar de Ryker.

“Podemos ir para o quarto?” Ele mordeu o lábio e engoliu em seco. “E simplesmente fazer sexo normal, desta vez?”

Olhando fixamente nos grandes olhos de Dylan enquanto o garoto implorava para ser levado para a cama e fodido, Ryker quase se derreteu.

“Claro. Certo, August?”

August, com a boca ainda distribuindo beijos pela parte interna da coxa de Dylan e atrás do joelho, deu uma risadinha.

"Claro."

AGOSTO

Na manhã de segunda-feira, August subia de elevador para sua clínica com um largo sorriso no rosto.

Ele e Ryker tiveram mais dois encontros com Dylan desde o primeiro encontro oficial: prepararam o jantar para ele no apartamento deles na sexta-feira à noite e o levaram ao cinema e depois o levaram de volta para o apartamento no domingo, e ambas as noites correram maravilhosamente bem.

Dylan era adoravelmente tímido – sua personalidade na vida real era bem diferente da maneira bastante desinibida como se apresentava online – mas August gostava muito mais da versão real de Dylan do que de sua persona online. Ele podia não ter tanta experiência com fetiches quanto afirmava – ou *nenhuma* – mas estava ansioso para experimentar coisas novas e sabia avisar August e Ryker quando algo era demais para ele.

Para consternação de August, ele ainda se recusava a ceder quanto ao uso da gaiola de castidade. August insistiu no assunto no encontro deles na sexta à noite – chegando ao ponto de levar a gaiola para o quarto e tirá-la quando já estava com o nó na bunda de Dylan – mas Dylan resistiu e agora Ryker o proibiu de tocar no assunto novamente.

August teve a tentação de simplesmente colocar o garoto na gaiola quando ele estivesse completamente bêbado e alheio ao que acontecia ao seu redor, mas Ryker lhe lançou um olhar que prometia violência caso ele sequer tentasse.

Era incrível como Ryker sempre parecia saber o que ele estava pensando. Como no domingo à noite, quando, sem nem mesmo discutir, eles se olharam do outro lado da mesa de jantar e decidiram que iriam colocar Dylan em uma camisa de força e assá-lo no espeto enquanto Ryker batia na bunda dele com seu chicote de montaria favorito.

August nunca tinha conhecido alguém que ficasse machucado de uma forma tão bonita quanto Dylan.

Vê-lo preso naquela camisa de força restritiva, com seu pequeno pênis de quinze centímetros duro e pulsante enquanto Ryker provocava seus testículos com o chicote, foi tão excitante que August perdeu o controle e ejaculou na boca desprevenida de Dylan muito antes do que pretendia.

Ele queria ter filmado tudo. Dylan tossiu e engasgou, o rosto todo sujo de saliva e esperma, e o jeito que ele fez beicinho foi a coisa mais fofa que August já tinha visto.

“O senhor parece feliz hoje, Dr. Schaffer. Teve um bom fim de semana?”

August sorriu radiante para Cynthia, a recepcionista da clínica, ao sair do elevador e tirar as luvas. Ele as enfiou nos bolsos e tirou o paletó, dobrando-o sobre o braço para guardá-lo em seu escritório.

“Sim, obrigada. Foi realmente fantástico. E você?”

“Aparentemente, não tão bom quanto o seu, mas bom o suficiente.” Cynthia deu uma risadinha. “Mark e eu levamos Samantha ao parque.”

“Parece ótimo. Você se divertiu?”

August caminhou em direção ao seu escritório, com Cynthia seguindo seus passos ao lado dele.

“Fomos sim. Estava frio, mas havia uma instalação de arte interativa que

Samantha adorou.” Cynthia olhou para ele com curiosidade. “E você?”

“Saí em dois encontros com meu lindo marido e um rapaz muito bonito.” August deu um sorriso de canto, sem fazer qualquer esforço para esconder a sua felicidade. “Gostamos muito deste.”

August conhecia Cynthia há cerca de quatro anos, e ela sabia tudo sobre as tentativas dele e de Ryker de encontrar uma terceira pessoa. Ela não sabia os detalhes do que eles queriam *fazer* com a terceira pessoa – provavelmente desmaiaria se visse a sala de jogos deles – mas era tão compreensiva quanto uma colega de trabalho que também era funcionária poderia ser.

“Que bom para você.” Cynthia ficou ao lado da mesa dele enquanto August ligava o computador. “Espero que tudo dê certo para você.”

“Obrigado.” August estava determinado a fazer as coisas darem certo com Dylan, mesmo que isso significasse não forçá-lo à castidade, por mais que August quisesse trancar seu pênis. “Então, qual é a agenda desta manhã? Alguma mudança na programação?”

Cynthia assentiu com a cabeça. "Sim. A Sra. Scalia cancelou a consulta, então vocês não têm nenhum paciente antes das nove. A Dra. Walker está na sala dois com uma paciente, mas ela quer uma reunião antes do almoço."

“Muito bem”, disse August. “Você sabe do que se trata?”

Cynthia deu de ombros. "Tem algo a ver com o equipamento na sala três. Não sei o quê."

August reprimiu uma careta. Ele não queria perguntas de Mary sobre o que tinha feito lá dentro. Tinha que ser outra coisa. August havia recolocado a máquina de lavagem intestinal e a cadeira de exame ginecológico exatamente como as encontrara.

Não é verdade?

“Avise-a que a encontrarei antes do almoço.”

"Pode deixar." Cynthia se afastou da mesa dele. "Estarei na recepção se precisar de mim."

Cynthia saiu, e August ligou o computador e começou a analisar os resultados dos exames que haviam chegado no fim de semana. Havia um laudo histológico da pinta de Dylan, no qual ele clicou primeiro, e, como esperava, não havia nada de errado. Ele fez uma anotação na ficha de Dylan e enviou uma mensagem rápida para avisá-lo de que os resultados haviam chegado e que não havia motivo para preocupação.

Dez segundos depois, Dylan reagiu à mensagem com um emoji sorrindo. August ficou olhando para o pequeno emoji, com um sorriso bobo no rosto e uma sensação de calor e felicidade no peito.

Ele esperava que Dylan estivesse tendo os mesmos sentimentos de felicidade em relação a ele e Ryker.

Assim que August terminou de analisar os resultados dos exames, ele ainda tinha algum tempo antes de atender seu primeiro paciente do dia. Ele saiu do consultório e foi até a sala dos funcionários para preparar uma xícara de café.

Angela, uma das duas enfermeiras que trabalhavam na clínica, estava perto da máquina de café.

"Será que há o suficiente para mim?"

August ficou perto da porta, sem querer assustar Angela. Ela só estava com

eles havia um mês, trabalhando meio período, e ainda se sentia um pouco intimidada por ele.

“Ah, Dr. Schaffer. Não o vi aí.” Angela lhe lançou um sorriso nervoso. “Claro. Posso lhe servir uma xícara?”

August entrou na sala e pegou sua caneca favorita no armário. "Não, tudo bem. Não me importo. Você teve um bom fim de semana?"

“Sim, muito bom.” Angela pegou sua xícara e se afastou da máquina. Ela hesitou um pouco antes de se sentar no pequeno sofá perto da janela. “E você?”

"Muito legal."

August não ia contar nada para Angela sobre ele e Ryker estarem saindo com um rapaz bonito. Ela ficaria traumatizada para sempre.

Antes que August e Angela pudessem ser forçados a continuar sua conversa constrangedora, sua sócia, Mary, entrou abruptamente na sala.

Ela e August tinham estudado medicina juntos, e quando Ryker se cansou de August trabalhar demais e se ofereceu para financiar uma nova clínica para ele, ela aproveitou a oportunidade para participar do empreendimento.

Levou alguns anos para se tornarem lucrativos, mas agora estavam firmemente no vermelho e, lenta mas seguramente, pagando a Ryker o que ele havia investido.

“Bom dia”, disse August, dando um gole em seu café.

Mary fez um gesto de espantar com a mão, rejeitando sua tentativa de puxar conversa matinal, e cruzou os braços. Olhou para ele com uma expressão severa. Com pouco menos de um metro e meio de altura, ela não passava da altura do abdômen de August, mas isso não a impediu de encará-lo.

“Você tem usado a sala de exames três?”

August realmente não estava disposto a ser confrontado sobre o uso do quarto para fins de dramatização na frente da nova enfermeira, estava?

“Talvez.” Ele inclinou a cabeça. “Por quê? Eu não arrumei minhas coisas?”

Mary suspirou. "August, só receberemos outro lote de equipamentos para a máquina de lavagem intestinal na sexta-feira. Não posso simplesmente mandar a Cynthia comprar mangueiras que sirvam na nossa máquina – elas precisam ser encomendadas especialmente." Ela esfregou a ponte do nariz e fez um som de irritação. "Afinal, por que você está fazendo lavagem intestinal nos seus pacientes?"

August tentou inventar uma desculpa na hora, mas não havia a menor possibilidade de ele submeter qualquer um de seus pacientes a uma lavagem intestinal. Na opinião dele, a lavagem intestinal era uma moda passageira sem qualquer embasamento científico, e ele havia deixado isso bem claro para Mary quando ela adquiriu o aparelho para a clínica.

A opinião de Mary era que, se seus pacientes ricos desejassem lavagens intestinais, ela as forneceria e cobraria de acordo.

"Não fiz isso", August deixou escapar. Era verdade, mais ou menos. Dylan não era exatamente um paciente, embora estivesse cadastrado no sistema deles e August tivesse tratado sua pinta. "Eu precisava das mangueiras para o meu aquário. Me desculpe, não me ocorreu que elas precisavam ser encomendadas."

“Você não pensou nisso.” Mary olhou para ele como se estivesse tentando entender onde sua mente tinha ido parar. “E desde quando você tem peixe?”

“Não vou fazer isso de novo.” August segurou a xícara de café contra o peito como um escudo. “E desde já faz um tempo? Elas são bonitas de se ver.”

Agora ele precisaria comprar um aquário. Ficou pensando onde o colocaria. No escritório do Ryker, talvez?

Mary ergueu as mãos. "Não acredito em você. Tudo bem. Desculpas aceitas, mas não toque nas minhas coisas de novo sem pedir."

"Não vou." August lutou para conter um sorriso divertido. "Era sobre isso que você queria conversar comigo antes do almoço?"

“Sim. Você tem sorte de eu ter mangueiras suficientes para durar até sexta-feira.” Mary cutucou-o. “Senão, esta conversa teria sido bem menos agradável.”

August não conseguiu conter o sorriso. "Anotado."

Mary revirou os olhos e saiu da sala sem se despedir. August olhou para Angela, que observara a cena com os olhos arregalados.

"Ela me contou tudo, né?", brincou ele, fazendo-a esboçar um sorriso.

“Sim.” Angela pigarreou. “Ela é ótima.”

Ela levou um segundo para perceber como aquilo poderia soar, e a expressão de constrangimento em seu rosto fez August rir.

“Eu só quis dizer que-”

"Eu sei o que você quis dizer", disse August, ainda sorrindo. "E concordo. Mary é incrível."



O resto da manhã de agosto passou rapidamente, sua manhã tranquila se tornando agitada quando uma de suas pacientes apareceu na clínica sem agendamento por causa de um episódio incomum de falta de ar. August a encaminhou diretamente para o hospital, embora tenha sido preciso bastante convencimento para que ela entendesse que ele não podia simplesmente lhe dar um comprimido e mandá-la para casa.

Quando chegou a hora do almoço e ele voltou à sua rotina normal, August precisava desesperadamente de uma caminhada e de um pouco de ar fresco. Ele vestiu o casaco, o cachecol e as luvas de couro, desceu de elevador e saiu.

Ele se dirigiu ao grande parque localizado a poucos quarteirões de seu escritório, comprando um delicioso wrap coreano com frango frito em um food truck no caminho e comendo-o enquanto caminhava.

Caminhando sem pressa pelo parque, August tirou rapidamente o agasalho e se perguntou se deveria ceder à necessidade de se movimentar e dar uma corridinha. Se não se esforçasse, não suaria o suficiente para precisar tomar um banho.

Ele decidiu arriscar e começou a correr pela trilha.

Ele atraiu muitos olhares – a maioria das pessoas não ia correr de roupa de negócios – mas August estava acostumado com olhares estranhos e tinha prática em ignorá-los.

Correr no parque não era tão bom quanto correr na floresta, mas ainda assim era agradável. Se havia algo de bom no inverno, era que o ar frio fazia a cidade cheirar muito menos mal do que no verão. Quando estava no parque assim,

cercado por árvores, ele quase conseguia esquecer que estava no meio de uma grande cidade.

O ruído de fundo de buzinas de carros, sirenes e obras na construção civil quebrava a ilusão, mas não a ponto de incomodar August.

O fato de ele poder voltar para um apartamento com isolamento acústico de acordo com os padrões de um lobisomem fez uma grande diferença em sua capacidade de lidar com o barulho quando estava longe de casa.

Sentindo-se começar a ficar um pouco quente, August diminuiu o passo e parou de correr. Tirou o cachecol e as luvas, guardando-os no bolso, e abriu o zíper do casaco até o peito, deixando o ar frio do inverno refrescá-lo.

Uma mulher empurrando um carrinho de bebê antigo quase saiu da trilha ao olhá-lo com desejo, o rosto ficando vermelho como um tomate enquanto desviava o olhar e passava apressadamente por ele.

August desejava poder tirar a roupa e sair para correr de verdade. Talvez, se Ryker tivesse tempo, eles pudessem ir até a reserva mais tarde naquela noite e gastar um pouco da energia acumulada. Ele mandou uma mensagem rápida para o amigo sugerindo a ideia.

August estava justamente guardando o celular no bolso quando avistou uma figura familiar vindo em sua direção.

Era Steve, o novo melhor amigo de Ryker, e pelo jeito ele estava correndo. Ao contrário de August, ele estava vestido para a ocasião, com uma aparência irritantemente boa em seu traje de compressão da cabeça aos pés.

Era um visual e tanto.

Ao menos ele estava usando uma proteção genital, observou August, julgando o outro lobisomem por se exibir dessa forma. Ele não usava shorts, e o volume liso da proteção se projetava obscenamente, o tecido de náilon e elastano evidenciando cada contração de seus músculos poderosos.

Quando Ryker foi correr, pelo menos teve a decência de usar shorts por cima da calça de compressão.

Por outro lado, Ryker não usava protetor genital, e o short não escondia muito bem o volume bastante óbvio em sua virilha – que, ao contrário do monte arredondado de Steve, tinha um formato inconfundível de pênis.

Steve o encarava com uma expressão cautelosa e nada amigável no rosto, e, à medida que se aproximava correndo, diminuiu o passo para uma caminhada.

August ficou imóvel no mesmo lugar, deixando Steve se aproximar dele.

Ele já havia se desentendido com Steve muitas vezes durante as luas cheias, mas nunca havia interagido com ele na cidade.

Ele não tinha percebido que Steve era vários centímetros mais alto do que ele.

Mais um item para a lista de coisas que me irritavam no rapaz mais novo.

“Agosto.” Steve cruzou os braços, os bíceps pressionando os peitorais num choque de músculos, e franziu a testa. “Como você está?”

O contraste entre a pergunta amigável e a linguagem corporal hostil de Steve foi hilário.

"Considerando que eu já transei com seu amigo Dylan três vezes na última semana, diria que sou muito bom nisso. E você, como vai?"

August se abaixou a tempo de evitar o soco de Steve em seu rosto; o rugido

de raiva do outro alfa era realmente impressionante em sua ferocidade.

"Você sabia que ele consegue colocar os pés atrás da cabeça?" August provocou, aproximando-se e desferindo um gancho no plexo solar de Steve. O golpe fez Steve voar para trás, caindo sentado no chão. August sorriu com desdém. "Tipo, completamente para trás, com os joelhos embaixo dos ombros e a bunda à mostra. Você devia ter visto."

Steve saltou de pé e avançou, abaixando a cabeça e atingindo August com os ombros, derrubando os dois no chão.

Ryker havia descrito Steve como uma presa fácil, mas, conforme August lutava com o homem mais alto, a luta se mostrou frustrantemente equilibrada.

Steve era forte e, obviamente, um lutador experiente. August levou uns bons três minutos para conseguir imobilizá-lo, tempo suficiente para rasgar a camisa e as calças e perder completamente o casaco.

August imobilizou Steve com uma chave de braço, usando o joelho para pressionar o homem mais alto contra o chão.

Finalmente, depois de tentar se livrar dele, Steve se rendeu, ficando mole.

August soltou Steve e pulou de pé, estendendo a mão para ajudá-lo a se levantar. Steve estreitou os olhos, encarando os dedos de August como se pudessem mordê-lo, mas depois de um segundo, estendeu a mão e aceitou a ajuda.

“Tivemos sorte de ninguém ter visto isso”, disse Steve, tirando a poeira e a sujeira da frente do corpo. Sua camiseta de compressão tinha subido, expondo seus músculos abdominais definidos. “Idiotas, brigando em público como dois adolescentes.”

“Você me atacou, lembra?” August cruzou os braços.

Steve franziu o nariz e revirou os olhos. "Você me provocou, seu idiota."

Steve havia perdido um dos sapatos na briga, e August caminhou até onde ele estava e o pegou. Ele o jogou em Steve com um pouco mais de força do que o necessário.

“Ótima defesa”, zombou August. “Dá para ver que você é um policial. Deve ter passado no seu curso de três semanas com louvor.”

Steve parecia furioso, mas logo em seguida sua raiva pareceu se dissipar e ele começou a revirar os olhos.

"O quê?" perguntou August.

"Você é um completo idiota, sabia?" Steve se abaixou para calçar o sapato, apertando bem os cadarços.

“Só para quem merece.” August cruzou os braços novamente. “E você merece, seu pirralho chorão.”

"Vai se foder, August." Steve se levantou e girou os ombros. Então, como se o confronto tivesse terminado, saiu correndo.

August seguiu-o, furioso. Alcançou Steve e correu ao seu lado.

“Não se afaste de mim enquanto eu estiver falando com você!”

Steve olhou para ele, sem se impressionar. "Estou *correndo* para longe de você. Você vem correr comigo?"

August sentiu uma tentação perversa de dizer sim, mas então percebeu que estava sendo ridículo e parou.

Steve, ignorando-o completamente, continuou andando, virando a esquina à

frente e desaparecendo de vista. August ainda conseguia ouvi-lo, o som constante de seus passos na terra congelada ficando cada vez mais distante quanto mais tempo ele permanecia ali parado.

Muito insatisfeito com a vitória, August se virou e voltou para pegar o casaco. Seu cachecol e suas luvas haviam caído dos bolsos durante a luta, a poucos metros de distância um do outro. As luvas estavam intactas, mas o cachecol estava pisoteado e parecia sujo, por mais que August tentasse limpá-lo.

Vencer Steve não lhe trouxe a mesma satisfação que esperava e, ao contrário de Ryker, sua vitória não lhe deixou nenhum sentimento de benevolência afetuosa.

Steve continuava sendo um pirralho irritante.

Um par de corredores fez a curva, diminuindo o passo ao vê-lo e lançando-lhe olhares preocupados. August vestiu rapidamente o casaco e fechou o zíper, enfiando o cachecol sujo no bolso e calçando as luvas. Passou os dedos pelos cabelos, alisando-os, e depois sacudiu a poeira das calças sujas. As calças estavam rasgadas acima do joelho – o rasgo na costura, causado por Steve, que o agarrou e tentou puxá-lo para longe enquanto o imobilizava – e ele deixava à mostra alguns centímetros da coxa.

Por sorte, August tinha um conjunto de roupas reserva em seu escritório. Por azar, para pegá-las, ele teria que atravessar a recepção e a sala de espera, onde Cynthia e seus pacientes o atenderiam.

Como não queria ter que explicar a ninguém por que parecia ter se envolvido em uma briga, August decidiu comprar uma calça nova antes de voltar para o escritório. E já que ia às compras de qualquer forma, poderia aproveitar para ver se encontrava algo legal para usar no próximo encontro com Ryker e Dylan.

Animado com seu excelente plano, August deu meia-volta e saiu do parque às pressas. Se fosse rápido, conseguiria terminar as compras e voltar ao escritório a tempo de atender o próximo paciente sem que ninguém percebesse.

STEVE

Steve não conseguia acreditar. Ele havia perdido para *August Schaffer* .

Pelo menos ele não tinha facilitado as coisas para ele. Ryker o tinha colocado de joelhos e feito parecer impossível revidar – seu domínio era inquestionável – mas com August, Steve sentiu que tinha uma chance.

Foi muito frustrante perder. Se ele tivesse agarrado a perna do August quando teve a chance, logo depois que os dois caíram, ele poderia tê-los virado e ficado por cima.

Por outro lado, se ele tivesse mirado na perna de August, August poderia ter quebrado seu braço ao meio e o deixado em uma situação muito pior do que a anterior. Alguns arranhões nos joelhos e um rasgo na camisa de compressão não eram tão ruins para quem enfrentou um alfa mais velho e experiente. Especialmente um que, embora Steve relutasse em admitir, era mais dominante do que ele.

Interrompendo sua corrida, Steve desviou-se de sua rota habitual e voltou para seu apartamento.

Ao chegar em casa, Steve tirou os sapatos e trancou a porta, uma sensação de segurança e proteção o invadindo. O apartamento não era o melhor covil de lobisomem – as paredes eram muito finas e havia muitos vizinhos – mas era *dele* .

O apartamento também era um sinal de seu pai de que, quando terminasse sua rebelião, ele seria bem-vindo de volta para sua matilha.

Steve jamais teria condições de pagar um apartamento de um quarto no centro da cidade com o salário de policial novato. Ele ficou surpreso, quando se mudou para a cidade, ao descobrir que ainda tinha acesso ao seu fundo fiduciário.

O relato, visivelmente inalterado, foi o único sinal, enviado por seu pai, de que ele não havia sido excomungado.

Embora Steve não gostasse de ainda depender de sua matilha, ele não podia negar que isso ajudava seu lobo interior a se sentir em paz. Ele não queria voltar para casa, pelo menos não ainda, mas era bom saber que poderia fazê-lo se quisesse.

Atravessando a sala de estar, Steve dirigiu-se ao banheiro e tirou a roupa de compressão apertada. Deixou a camisa de lado para consertar depois, ligou o chuveiro e ajustou o registro para deixar a água um pouco mais quente do que o habitual. Deu um passo para trás e esperou a água esquentar.

Enquanto esperava, Steve terminou de se despir. Ele puxou a cueca suspensória para baixo, sobre suas coxas musculosas, e a chutou, soltando-a. Em seguida, abaixou-se para pegar o copo do bolso e dar-lhe uma rápida lavada antes de colocá-lo de lado para secar ao lado da pia.

Steve usava uma proteção genital na sua cueca para evitar que o pênis ficasse visível através da roupa quando malhava ou corria. Não era algo que ele sentisse necessidade em sua cidade natal, mas bastou uma corrida depois da mudança para que ele comprasse uma.

As pessoas na cidade *olhavam fixamente* .

Embora fosse necessário, Steve odiava a sensação da caneca. Seu pênis e

testículos ficavam todos amassados, a caneca apertada ficava quente e desconfortavelmente suada, e mesmo que o formato real do seu pênis não fosse visível, as pessoas ainda olhavam para sua virilha.

A mesma coisa acontecia quando ele usava o uniforme. A menos que usasse uma proteção na cueca, o formato do seu pênis ficava claramente visível, e isso não era algo que seus superiores aprovariam.

De forma geral, foi uma situação muito insatisfatória.

Colocando a mão sob o jato de água, Steve testou a temperatura para se certificar de que estava morna antes de entrar no chuveiro.

Ele soltou um suspiro trêmulo, uma sensação de êxtase se espalhando por todo o seu corpo. Água quente jorrava em suas costas, massageando entre as omoplatas, enquanto o vapor preenchia o ar e umedecia sua respiração.

Steve fechou os olhos, baixou o queixo e deixou a água correr pela nuca, permanecendo imóvel e permitindo-se desfrutar do calor e da pressão.

Ele se movia para frente e para trás, deixando a água massagear suas costas, gemendo quando ela atingia o músculo tenso no topo do pescoço.

Enquanto estava ali parado, com o vapor embaçando o ar à sua frente, Steve não conseguia parar de pensar em seu encontro com August.

Aquele idiota tinha dado uns amassos no Dylan três vezes na última semana.

O pensamento persistia na mente de Steve, intrusivo, indesejado e *repugnantemente* excitante.

Ele não conseguia evitar imaginar a cena. August, com seu cabelo estiloso e atitude arrogante, enfiando seu enorme pênis no cu de Dylan, preenchendo-o completamente com seu nó grosso. Os dois estariam suando e gemendo, a respiração de Dylan falhando devido ao alongamento incrível, enquanto August daria aquele sorriso debochado dele, dizendo para Dylan ser um bom menino e aguentar.

Steve imaginou que Ryker também estaria lá, talvez sentado no rosto de Dylan, deixando-o lamber seus testículos.

Ele parecia ser o tipo de cara que gostaria que lambessem seus testículos.

Antes que percebesse o que estava fazendo, a mão de Steve já estava em volta de seu pênis, bombeando seu membro rígido enquanto ele fantasiava com seus dois alfas menos favoritos penetrando seu humano favorito.

As imagens continuavam a se repetir em sua cabeça. Ele imaginava Ryker e August maltratando Dylan, jogando-o de um lado para o outro para ser amarrado e espancado, batendo nele com seus pênis e fazendo-o lamber seus períneos e músculos.

Por mais que Steve tentasse mudar a fantasia para que fosse *ele* a ter relações sexuais com Dylan, Ryker e August continuavam a aparecer ao lado dele, assumindo o controlo da fantasia como os idiotas que eram.

Steve ejaculou ao imaginar-se com o pau enfiado até o fundo do cu de Dylan, August ao lado dele com aquele sorriso irritantemente convencido, e Ryker de costas, fodendo a cara de Dylan.

Foi o orgasmo mais intenso da vida dele.

Steve ejaculou na parede do chuveiro, seus testículos se contraindo e seu estômago apertando enquanto seu sêmen atingia o azulejo branco com um estalo audível, as gotas cremosas escorrendo para o chão onde se misturavam com a

água do chuveiro e desapareciam pelo ralo.

Parecia que não ia acabar nunca. Jato após jato de esperma saía do pênis de Steve, seu membro grosso pulsando a cada ejaculação, o cheiro de sexo no ar tão denso que Steve sentia que ia se engasgar com ele.

Quando terminou de gozar, com o pênis dolorido e os testículos agradavelmente vazios, Steve encostou a mão na parede e tentou assimilar o fato de que acabara de se masturbar pensando em dois alfas.

Ele decidiu nunca mais pensar nisso. Era como assistir a pornografia. Só porque ele tinha imaginado Dylan sendo fodido por outra pessoa, não significava que ele gostasse dela. Dylan era o foco da fantasia, enquanto a aparição de August e Ryker podia ser atribuída aos seus confrontos recentes.

Não significou nada.

Segurando o chuveiro, Steve lavou a parede, limpando o sêmen, e pegou o sabonete. Quando terminou de lavar o corpo, enxaguou-se e desligou o chuveiro.

Havia tanto vapor preenchendo o pequeno banheiro que Steve nem conseguia ver o espelho.

Ao entrar no quarto, com o chão todo molhado, Steve se secou e vestiu uma calça jeans confortável e uma camiseta preta. O quarto estava gelado em comparação com o banheiro abafado, e o piso de madeira fria congelava seus pés, então ele calçou um par de meias de lã grossas para manter os dedos dos pés bem quentinhos.

Ele entrou na sala de estar, pegando um pequeno kit de costura que havia encontrado em um kit de amenidades do hotel e sua camiseta de compressão rasgada no caminho, e sentou-se no sofá.

Não deve ser tão difícil consertar um pequeno rasgo em uma camisa simples.

Trinta minutos depois, Steve já tinha usado toda a linha preta do seu kit de costura do hotel. Ele olhou para o rasgo remendado na camisa, franzindo a testa para a costura grossa e para o jeito como o tecido parecia se acumular ao redor dela.

Quando seu irmão mais novo consertava suas roupas, o resultado não era nada parecido com isso. Steve talvez tivesse superestimado um pouco suas habilidades. Ele tirou a camiseta, vestiu a camisa de compressão remendada, pulou do sofá e foi até o corredor para conferir o conserto no espelho.

Ele inclinou o corpo em direção ao espelho, estudando seu reflexo. O conserto estava bom o suficiente, decidiu. Os pontos não estavam tão perfeitos quanto poderiam estar, e a linha coçava um pouco, mas não era um trabalho ruim.

Satisfeito com seu trabalho, Steve tirou a camisa e a colocou no cesto de roupa suja no quarto para ser lavada mais tarde.

Voltando para a sala de estar e vestindo sua camisa limpa, Steve sentou-se no sofá e tamborilou os dedos no braço do sofá.

Ele realmente não sabia o que fazer consigo mesmo. Inicialmente, havia planejado correr bastante e depois ir à academia, seu programa habitual quando estava entediado, mas o confronto com August havia acabado com sua vontade de malhar.

Se estivesse em casa, Steve teria ligado para algum amigo ou irmão e passado um tempo com eles. Iriam esquiar, pescar ou simplesmente ficar na casa

de alguém sem fazer nada. Muitas noites ele acabava no meio de uma pilha de cachorros, com dez pessoas ao redor, adormecendo com sua matilha e sentindo que tudo estava bem no mundo.

Steve sentia falta deles. Sentia falta dos irmãos, dos amigos e até do pai – apesar de basicamente tê-lo expulsado da matilha.

Esfregando o rosto, sentindo-se cada vez mais melancólico, Steve tentou pensar em algo para fazer que o distraísse do fato de estar completamente sozinho e de que suas interações sociais mais significativas ultimamente tinham sido com dois alfas babacas que agiam como se fossem donos de tudo.

Não seria tão ruim voltar para casa, pensou Steve. A briga com o pai tinha sido feia, mas se ele cedesse e assumisse o papel que o pai queria, seria liberado para voltar para casa num instante.

O pai de Steve era o alfa da matilha e esperava que todos os seus filhos se integrassem perfeitamente à hierarquia.

Para Marcus, o irmão mais velho de Steve, foi fácil. Ele era o tipo de alfa destinado a liderar, e todos sabiam que um dia ele assumiria o comando da matilha. Ele teria que lutar contra o pai para isso – para provar que seu lobo estava pronto para ser o alfa da matilha – mas ninguém duvidava que, à medida que Marcus ficasse mais forte e o pai envelhecesse, ele seria capaz de derrotá-lo.

O irmão mais novo de Steve, William, por outro lado, não era um alfa. Ele se submeteu de bom grado e sem hesitar, integrando-se à matilha sem nunca se sentir deslocado.

Steve não teve vida fácil. Apesar de ser um alfa, ele não era nem de longe tão dominante quanto Marcus ou o pai deles. Não havia a menor possibilidade de ele tentar se tornar o alfa da matilha, ou mesmo um vice-líder de um dos territórios, mas ainda assim esperava-se que ele se submetesse e ajudasse seus irmãos a comandar a matilha.

O pai dele acreditava que o motivo pelo qual Steve havia se formado em justiça criminal era para que ele estivesse preparado para o trabalho. Quando percebeu que Steve não tinha intenção alguma de ser assistente do irmão – que ele queria trabalhar na área de segurança pública – disse-lhe que ou se conformava ou ia embora.

Irritado, Steve pegou um voo e fez exatamente isso. Ficou num hotel até encontrar um apartamento, candidatou-se a um emprego no departamento de polícia e começou a construir uma vida para si. O fato de ser uma vida triste e solitária, sem amigos ou pessoas com quem sair na lua cheia, era algo em que ele não gostava de pensar.

As coisas melhorariam com o tempo. Steve se acostumaria a morar sozinho e, talvez, com o tempo, seu pai aceitasse que ele viesse visitá-lo.

Marcus não o culpou por não querer ser seu assistente de luxo. Ele sempre soube que Steve queria trilhar seu próprio caminho, e estava tudo bem para ele.

Sentindo-se péssimo, Steve se repreendeu por estar se lamentando. Nada de bom resultaria disso.

Com um ímpeto de determinação, Steve levantou-se do sofá e caminhou até o corredor. Calçou as botas e vestiu a jaqueta, pegou as chaves, as luvas de motociclismo e o capacete, e saiu para ir até sua moto.

Um bom passeio de moto o animaria.

A temperatura estava abaixo de zero, mas não havia chovido recentemente, então a estrada não deveria estar gelada.

Ao montar na bicicleta e inclinar-se para a frente para segurar o guidão, Steve já se sentiu melhor. Não havia nada tão emocionante quanto andar de bicicleta. A sensação do motor potente vibrando entre as pernas, a velocidade, a forma como a bicicleta inclinava-se em uma curva fechada – Steve adorava cada segundo.

Ele engatou a marcha na moto e saiu em disparada, descendo a rua em alta velocidade com o rugido do motor, sabendo que receberia reclamações mais tarde.

Era exatamente disso que ele precisava.



Três horas depois, retornando à cidade após ter ido para o interior do estado e percorrido algumas cidades menores, Steve estava de muito melhor humor. Ele entrou na cidade perto da universidade e, se diminuiu a velocidade mais do que o necessário ao passar pela cafeteria onde vira Dylan pela última vez, isso não era da conta de ninguém além dele.

A estrada estava um pouco mais gelada do que Steve esperava – havia chovido no interior do estado mais cedo naquele dia – mas ele havia sido cuidadoso e não chegou perto de sofrer um acidente.

Apesar de ter dado uma volta enorme pelo território de Dylan, Steve ainda ficou surpreso ao ver Dylan sentado dentro da cafeteria, na mesma cadeira perto da janela em que estivera da última vez.

Uma onda de calor percorreu seu baixo ventre, infiltrando-se em seu pênis e fazendo-o estremecer.

Steve decidiu que podia muito bem dar um oi. Ele não tentaria roubar o garoto de August e Ryker – não depois de ambos terem lhe dado uma surra – mas ainda assim podia dar uma passada para ver se ele estava bem.

Se August o tivesse amarrado três vezes, isso significava que Ryker provavelmente tinha feito o mesmo, e isso era muita coisa para um buraco tão pequeno aguentar.

Steve estava apenas cumprindo seu dever cívico, disse a si mesmo, verificando como estava um membro de sua comunidade e garantindo que August e Ryker não estivessem dando uma má reputação aos lobisomens.

Estacionando a bicicleta junto ao meio-fio, Steve correu pela calçada até a cafeteria. Enfiou as luvas no capacete, colocou o capacete debaixo do braço, empurrou a porta da cafeteria e entrou.

Assim que abriu a porta, ele sentiu o cheiro de Dylan. Seu aroma inconfundível invadiu o nariz de Steve, penetrando em seus pulmões e aquecendo e alegrando todo o seu corpo.

Seu pênis engrossou contra a coxa, e seus testículos ficaram cheios e pesados.

Ignorando completamente o balcão, Steve caminhou diretamente até Dylan e exibiu seu melhor sorriso.

“Está trabalhando na sua tese de novo?”

Dylan deu um pulo, assustado, e olhou para cima. Seus olhos se arregalaram, um lampejo de algo que Steve esperava ser desejo escurecendo seu olhar, e então ele sorriu.

“Olá, Steve. Na verdade, não. Isto é um trabalho para a aula.” Ele endireitou-se um pouco na cadeira, a ponta da língua saindo para umedecer os lábios. “Você gostaria de se sentar?”

O largo sorriso de Steve se alargou ainda mais. "Se não se importar?"

Dylan balançou a cabeça. "Não, de jeito nenhum."

Steve colocou o capacete sobre a mesa entre eles e sentou-se. Esticou as pernas e deixou que suas botas grandes envolvessem os pés de Dylan, tomando cuidado para que não se tocassem, apreciando como a posição realçava suas coxas e o volume na calça.

“Então, como estão as coisas com os sugar daddies?”

Dylan corou, ficou tão vermelho que Steve teve que se conter para não soltar uma risadinha.

"Eles não são meus patrocinadores", murmurou Dylan, esfregando o rosto e tomando um gole rápido de café. "Mas as coisas estão bem. Eu gosto deles."

Steve já esperava por isso, mas mesmo assim foi decepcionante ouvir a notícia.

"Eles não são demais para você?" perguntou Steve, colocando a mão na coxa. "Porque, se forem, você poderia facilmente reduzir o plano para um único lobisomem."

Ele piscou o olho, e Dylan revirou os olhos.

“Uma piora, mesmo? É assim que você se descreve?” Dylan lançou-lhe um olhar de falsa preocupação. “Você deveria ser mais gentil consigo mesmo.”

Steve deu um sorriso irônico. "Quem disse que eu estava falando de mim? Isso é um pouco presunçoso da sua parte, não acha? Presumir que eu queira namorar com você?"

Dylan pousou a xícara e estreitou os olhos, mas estava sorrindo. "Não é presunçoso quando você literalmente me convidou para um encontro."

Steve suspirou e fez um bico exagerado. "Acho que não. Então, o que você me diz? Vai largar os velhos e sair comigo?"

“Não, desculpe. Não enquanto eu estiver namorando August e Ryker.” Dylan riu.

Steve suspirou. "Que pena."

Dylan olhou para ele com uma expressão estranha, como se não tivesse certeza se Steve estava brincando ou não.

Steve se perguntou se talvez Dylan não fosse o responsável por ser mais gentil consigo mesmo. Era natural que as pessoas quisessem namorá-lo. Ele era lindo demais.

“Você gosta deles?”

Steve não entendeu o que Dylan estava perguntando.

“Como quem?”

Dylan umedeceu os lábios. "August e Ryker?"

Steve zombou, achando a pergunta absurda. A lembrança repentina de sua masturbação anterior fez seu rosto esquentar. Ele balançou a cabeça e tentou não

pensar no fato de ter se masturbado fantasiando com os dois alfas.

“Não, claro que não. Eles são uns idiotas.” Lembrando-se com quem estava falando, acrescentou rapidamente: “Sem ofensa.”

Dylan deu uma risadinha. "Sem problemas." Ele inclinou a cabeça e lançou um olhar demorado para Steve. "Ryker gosta de você. Ele disse que quer que você se junte a eles na próxima lua cheia."

Steve não conseguia explicar a sensação repentina em seu estômago. Era uma sensação quente e excitante, despertando seu lobo interior, e por um segundo ele mal conseguiu se conter para não se levantar e *sair correndo* .

Se ele tivesse um rabo, estaria abanando.

"O quê?" Steve se forçou a parecer incrédulo. Dylan era humano e devia ter entendido errado o que Ryker dissera. O babaca metido a besta provavelmente quis dizer que ele e August iriam se juntar contra Steve de novo, espancá-lo e jogá-lo no rio na próxima lua cheia.

“Acho que eles querem ser seus amigos.”

A afirmação era absurda. Alfas lobisomens não faziam amizade com outros alfas que não faziam parte de suas matilhas. Simplesmente não era assim que funcionava.

A ideia de que Ryker pudesse estar pensando em convidar Steve para seu pequeno bando era algo em que Steve não se permitia pensar.

Seu pai jamais permitiria isso.

“Encontrei o August há algumas horas e ele me deu uma surra, então duvido muito disso.” Steve não deixou transparecer nenhum de seus sentimentos estranhamente conflitantes em sua voz. “Você deve ter entendido errado.”

Dylan sentou-se, inclinando-se para a frente e parecendo preocupado. "Ele fez isso? Você está bem? August está bem? Por que ele faria isso?"

Steve ergueu a mão, divertido e comovido com a preocupação de Dylan.

"Eu que comecei. Ele estava se gabando de quantas vezes já tinha te pegado e eu fiquei com ciúmes e perdi a cabeça. Nós dois estamos bem. Ele me derrubou no chão e eu fui embora. Não é nada demais."

O rosto de Dylan ficou vermelho, e Steve reprimiu um sorriso irônico. Ele podia ter perdido a discussão, mas ainda podia expor o comportamento babaca de August. Dylan não parecia ser o tipo de cara que apreciaria que as pessoas se gabassem de quantas vezes tinham transado com ele.

"Não foram tantas vezes assim", murmurou Dylan, pegando seu café e encarando a xícara. Seu rubor, em vez de desaparecer, estava ficando cada vez mais intenso.

“Se você estivesse namorando comigo, eu não ficaria me gabando de quantas vezes te peguei.” Steve se inclinou para a frente, aproximando os pés para que suas botas tocassem os tênis de Dylan. “Eu seria um cavalheiro.”

Dylan riu, parecendo um pouco menos envergonhado. Ele ergueu uma sobrancelha. "Tem certeza?"

Steve fez uma careta ao pensar nisso. Se as posições dele e de August fossem invertidas, ele provavelmente também estaria se gabando.

“Eu não seria um babaca por causa disso.”

A julgar pela expressão no rosto dele, Dylan não acreditou nisso nem por um segundo.

Steve recostou-se na cadeira, relaxando as pernas para que seus pés não tocassem mais os de Dylan. Olhou para o balcão, fixando o olhar no quadro-negro com o cardápio da cafeteria.

Ele ficou em dúvida se estava com vontade de tomar um café ou não, ou melhor, se queria deixar Dylan sozinho pelo tempo necessário para fazer o pedido.

Antes que pudesse se decidir, Dylan olhou para o relógio e deu um pequeno sobressalto.

“Droga, estou atrasado para encontrar meu amigo.” Ele guardou a mochila, virou o resto do café com uma careta e se levantou. “Foi bom te ver de novo, Steve. Vou dizer ao Ryker que você mandou um abraço.”

Steve sorriu, o tom provocador da voz de Dylan atingindo-o em cheio.

“Se você fizer isso, eu te coloco no meu colo e te dou uma surra daquelas.” Steve se levantou, apreciando a forma como se impunha sobre Dylan enquanto diminuía a distância entre eles. Ele colocou a mão no ombro de Dylan e apertou, sentindo o garoto tremer sob sua palma. “Ou talvez não. Você parece que ia gostar demais disso.” Steve soltou o ombro de Dylan, sorrindo satisfeito com o efeito que causara no garoto. “Se cuida, Dylan. A gente se vê por aí.”

Dylan deu um passo para trás, quase tropeçando na cadeira atrás dele, e tentou fingir que nada tinha acontecido. Ele esfregou a nuca.

"Você também."

Antes de ir embora, Steve lançou-lhe um último olhar cúmplice, adorando o fato de que a única coisa que impedia Dylan de se agarrar a ele como a uma árvore era o receio de ser desleal a August e Ryker.

Ele pegou o capacete da mesa e saiu pela porta. Quando passou pela janela, Dylan ainda estava parado onde ele o havia deixado, com uma expressão de espanto e um desejo delicioso.

Seus olhares se cruzaram através do vidro, e Dylan corou novamente. Ele se sobressaltou, desviando o olhar do rosto de Steve, e se abaixou para pegar sua mochila.

Steve continuou se movendo, montando em sua moto e pressionando seu volume contra o banco de couro. A pressão em seu pênis o fazia ranger os dentes de prazer, com faíscas percorrendo sua espinha.

Ele precisava muito vir.

Engatando a marcha na bicicleta, Steve arrancou da calçada e desceu a rua a toda velocidade. Quanto mais rápido chegasse ao apartamento, mais rápido poderia se masturbar fantasiando com Dylan curvado sobre seu colo, bunda empinada, as nádegas doloridas pela força da palma da mão de Steve batendo nelas.

RYKER

Ryker encostou-se na cabeceira da cama de casal, com o laptop apoiado nas coxas, e observou sua companheira andar de um lado para o outro à sua frente.

August estava reclamando de Steve, sua voz um murmúrio raivoso, queixando-se do alfa mais jovem de uma maneira que começava a ficar um pouco tediosa.

“August, você venceu a luta. Agora pare de ser um vencedor arrogante e venha para a cama.” Ryker fechou o laptop e o colocou no chão.

“Não estou cansado.”

Ryker revirou os olhos, exasperado. A reação de August tinha sido fofa no começo – o ar emburrado e indignado combinava com ele – mas logo ficou entediante.

“Se você parar de reclamar, eu te faço um boquete.”

August se virou para ele com fúria. "Eu não estou reclamando, porra . Aquele pirralho irritante me ataca na rua, e aí quando eu dou uma surra nele, ele tem a audácia de ir embora como se tivesse sido ele quem me bateu? Quer dizer, que porra é essa?"

"Pensei que você tivesse dito que ele saiu correndo."

August pegou um travesseiro e jogou nele. "Ele é tão irritante!"

Ryker se afastou da cabeceira e rastejou até o final da cama. Antes que August pudesse se mover para trás, ele o agarrou pela camisa e o puxou para baixo, derrubando-o na cama e rolando os dois de modo que August ficasse por cima dele.

Era uma posição estranha – as pernas deles estavam penduradas na beirada do colchão – mas isso permitiu que Ryker envolvesse a cabeça de August com os braços e o abraçasse contra o peito. Ele afundou a boca nos cabelos de August, sentindo o cheiro do xampu e o aroma sutil de companheiro.

“Preciso que você pare, está bem?”

“Mas ele é-”

“Você o provocou para que ele a atacasse e depois o espancou. O fato de ele ter se recomposto e saído de lá com o máximo de dignidade possível não é motivo para tanta irritação.”

Agosto foi um mês fraco.

"Eu sei", murmurou ele, com a voz abafada pela forma como sua boca estava pressionada contra a camiseta esticada sobre o peitoral de Ryker.

“Você queria que ele se virasse e mostrasse a barriga, e quando ele não fez isso, você ficou ofendido.” Ryker acariciou as costas dele. “Eu entendo.”

“Não me senti ofendido. Só acho que ele é um babaca.”

August se debateu contra o aperto de Ryker, tentando levantar a cabeça, mas Ryker não o deixou.

"Eu sei que sim. Podemos fazer amizade com ele na lua cheia deste fim de semana, e aí ele pode ser *o nosso* pestinha. Tenho certeza de que ele ficará feliz quando o convidarmos para correr com a gente."

August respirou fundo e se deixou cair. "Ainda vamos fazer isso?"

O tom emburrado fez Ryker rir. "Sim, somos. Eu gosto dele, e você também. Vai ser bom ter alguém novo para correr junto."

August talvez não quisesse admitir, mas ambos sabiam que suas luas cheias não eram tão divertidas quanto deveriam ser. Eles tinham um ao outro – e isso era ótimo – mas não era o suficiente para animar brincadeiras de verdade ou para fazer uma pilha de cachorrinhos.

Ryker sentiu falta das pilhas de filhotes.

“Podemos trazer o Dylan?”

Ryker soltou uma risada rouca. Soltou August e voltou para a cama, sentando-se e encostando as costas na cabeceira. August estava deitado entre suas pernas, apoiando-se no cotovelo e com um olhar expectante.

“Não só não vamos levar o Dylan conosco na lua cheia, como também não o veremos nos três dias anteriores e posteriores a ela.”

Ryker não queria que Dylan os visse sob o efeito da energia da lua cheia, e esse efeito tendia a durar bastante. Três dias era um prazo cauteloso, mas Ryker não ia arriscar assustar Dylan porque ele e August se deixaram levar pelos seus lobos interiores.

"Três dias?" August franziu a testa, parecendo indignado. "Quer dizer que não vamos vê-lo por uma semana inteira?"

“Já não temos controle suficiente.” Ryker ergueu a mão para impedir a objeção de August. “Na lua cheia, a situação ficará ainda pior. Você não quer que o machuquemos, quer?”

"Não faríamos isso", resmungou August.

"Talvez", respondeu Ryker de imediato. "Não é nossa intenção, mas as coisas podem facilmente sair do controle. Não temos o melhor histórico em controlar nossos impulsos com o Dylan, e a lua cheia só vai piorar a situação."

Ryker se conhecia bem o suficiente para saber que a lua diminuiria suas inibições a um nível perigoso. Ele não pensaria que estava fazendo nada de errado ou magoando Dylan naquele momento, mas alguns de seus impulsos mais sombrios eram coisas que só deveriam ser exploradas quando ele estivesse completamente sóbrio.

“Então amanhã é nossa última chance de vê-lo por uma semana inteira?” August se jogou de costas, se aconchegando na cama até que sua cabeça estivesse no colo de Ryker. Ele aninhou a nuca na coxa de Ryker e olhou para ele. “Isso é muito tempo.”

Ryker franziu a testa. Ele achava que quarta-feira seria o último dia para ver Dylan, mas, fazendo as contas, percebeu que agosto estava certo. A lua cheia seria no sábado, então, se eles seguissem a regra dos três dias, terça-feira seria a última noite para se divertirem com Dylan até quarta-feira da semana que vem.

“Podemos convidá-lo para jantar e assistir a um filme em nosso apartamento amanhã.”

Ryker tinha trabalhado até tarde, mas agora se arrependia de não ter mudado sua agenda e convidado Dylan para jantar com eles esta noite também.

“Vou mandar uma mensagem para ele.” August pulou da cama e pegou o celular na cômoda. Seus polegares deslizaram pela tela, o rosto concentrado enquanto digitava. Quando terminou, olhou para cima com um sorriso. “Pronto. Convidei ele para vir aqui às quatro.”

Ryker revirou os olhos, mas não se importou com o horário absurdamente cedo. Ele estava tão ansioso quanto August para passar o máximo de tempo

possível com seu pequeno humano, e quanto mais cedo jantassem, mais tempo teriam para outras atividades.

Ele se perguntava quando poderiam convidá-lo para morar com eles. A ideia de passar todas as noites abraçado a Dylan, com August segurando o menino do outro lado, fazia o peito de Ryker se encher de calor.

Eles precisariam passar por algumas luas cheias antes que morar juntos fosse uma opção. Precisavam de tempo para se acostumar com a maneira como ele despertava seus instintos e, mais importante, precisavam aprender a controlar esses instintos.

O celular de August vibrou, e Ryker endireitou-se um pouco na cadeira, observando-o desbloquear o aparelho e ler a mensagem. A julgar pela expressão de desagrado no rosto de August, ele sabia que a mensagem não era nada boa.

"O quê?" perguntou Ryker.

“Ele tem uma reunião no laboratório amanhã à noite.” August soltou um suspiro de frustração. “E na quarta-feira também. Ele quer saber se podemos nos encontrar na quinta.”

Bem, isso não funcionaria. Ryker e August se entreolharam, com expressões de insatisfação idênticas estampadas em seus rostos.

"Deveríamos chamá-lo agora?" perguntou Ryker, olhando para o relógio. "São apenas pouco mais de oito horas."

August não precisou de convencimento. Enviou outra mensagem, sentando-se na beirada do colchão. Ryker se aproximou e sentou ao lado dele, olhando para a tela enquanto ambos aguardavam uma resposta.

Olhando para a tela de August, Ryker deu uma risadinha ao ver as fotos sensuais que August havia intercalado com as mensagens. Ele não tinha percebido que August estava enviando fotos para Dylan. Olhando mais atentamente, percebeu que uma delas era dele.

August pegou o telefone e emitiu um som de protesto indignado, que Ryker ignorou. Em seguida, ele rolou a tela para cima e olhou as fotos.

Agosto estava definitivamente mostrando-os do seu melhor ângulo. Havia uma foto de Ryker que devia ter sido tirada na semana passada, quando ele chegou do trabalho. Ele estava no quarto, se despindo, e se não o conhecesse, Ryker teria pensado que a foto era encenada. Agosto o flagrou justamente quando ele tirava a camisa, no meio de uma frase, e tudo nele – do cabelo despenteado à calça desabotoada – era sexy.

Ryker sabia que era um homem bonito, mas August o fez parecer um modelo.

Ao continuar rolando a tela, Ryker encontrou mais fotos espontâneas, nenhuma das quais ele sabia que August havia tirado.

"Não sabia que você era tão bom fotógrafo", disse Ryker, sorrindo enquanto devolvia o telefone.

O rubor no rosto de August era encantador.

“Cala a boca, a culpa não é minha se você é gostosa.”

Antes que Ryker pudesse responder, o celular de August vibrou. Ryker observou August rolar a tela até a nova mensagem, seu pau pulsando na cueca ao pensar em Dylan vindo para cá.

Desculpe, vou sair com minha amiga Annie hoje à noite. Você está livre na

quinta? Ou na sexta? Ou em algum dia deste fim de semana? x

Ambos encararam a mensagem, sem que nenhum dos dois dissesse nada.

"Bem, isso é péssimo", disse August finalmente.

“É.” Ryker levantou-se da cama e foi até o banheiro pegar sua escova de dentes. Talvez fosse melhor assim, pensou. As coisas estavam acontecendo muito rápido para os padrões humanos, e uma pequena pausa poderia ser benéfica no final das contas. Ele foi até a porta e olhou para August. “Pergunte a ele se ele pode trabalhar na terça-feira da semana que vem.”

“Não é quarta-feira?”

A voz de August era provocadora.

“Devemos estar praticamente de volta ao normal até terça à noite.” Ryker começou a escovar os dentes. Ele ergueu a sobrancelha, com a escova de dentes presa no canto da boca. “A menos que você ache que é muito cedo?”

August começou a digitar uma mensagem às pressas, balançando a cabeça. "Não, não é cedo demais. Vou perguntar a ele agora."

“Diga a ele que é por causa da lua cheia.” Ryker retomou a escovação. “Não queremos que ele pense que não estamos interessados.”

"Claro."

Ryker aproximou-se para ver o que August havia escrito, inclinando-se sobre ele e lendo por cima do seu ombro. O polegar de August pairou sobre o botão "enviar", aguardando a aprovação de Ryker para a mensagem.

"Tudo bem", disse Ryker, assentindo com a cabeça e voltando para o banheiro. Ao virar as costas, ouviu o som do obturador de uma câmera, o que o fez se virar novamente. August estava sorrindo, olhando para a foto que acabara de tirar.

“Sua bunda fica tão bonita nessa cueca.”

O som de uma mensagem sendo enviada informou a Ryker que August havia enviado a foto para Dylan.

Ryker bufou, seus lábios se curvando num sorriso satisfeito. Ao entrar no banheiro, enxaguou a boca, guardou a escova de dentes e se virou para olhar sua bunda no espelho. De fato, estava bonita. Tomara que Dylan se inspirasse a abandonar o amigo e vir para cá transar, embora Ryker duvidasse.

Dylan não era do tipo que cancelava planos com os amigos por causa de um nó na garganta, e Ryker gostava disso nele.

Ao voltar para a porta, Ryker tirou a camisa e lançou um sorriso para o amigo.

“Vou tomar um banho. Quer vir comigo e receber aquela mamada que te prometi?”

August saltou da cama com um sorriso, praticamente derrubando Ryker de volta e o empurrando para o chuveiro. Os dois riram, e Ryker agarrou o pescoço de August para puxá-lo para um beijo.

"Agosto?"

"Sim?" August mordiscou o canto da mandíbula de Ryker, encostando-se nele e pressionando-o contra a parede do chuveiro.

Ryker o empurrou para trás e lhe deu um beijo rápido.

“Se vamos tomar banho, provavelmente devemos tirar a roupa.”

DYLAN

Já fazia quase uma semana que Dylan não via August e Ryker, e a correria dos dias que passaram juntos começava a parecer cada vez mais um sonho febril distante. Tudo tinha sido tão intenso – como se o mundo tivesse se transformado em um vibrante tecnicolor no instante em que August e Ryker surgiram em sua vida – e agora que ele havia voltado à sua antiga rotina de aulas, laboratório e encontros com os amigos, tudo parecia monótono e entediante em comparação.

Foi uma sensação estranha.

Se alguém lhe tivesse dito três semanas atrás que ele ficaria frustrado por passar uma semana sem sexo, Dylan teria apontado para seu período de abstinência extremamente longo e rido. Mas isso era antes. Agora, ele queria ser fodido. Queria que August e Ryker o prensassem entre eles e o enchessem tanto de pau que ele não conseguisse andar direito por uma semana.

Dylan não conseguia fechar os olhos sem imaginar um pênis de lobisomem enorme, com veias saltadas e a glande pingando líquido pré-ejaculatório. Ele o desejava como uma necessidade física, como uma sensação de vazio no estômago, um anseio diferente de tudo que já havia experimentado.

A intensidade de seu anseio era, sinceramente, preocupante.

“Certo, o que está acontecendo com você?”

A voz de Annie despertou Dylan de seu devaneio pelos enormes pênis de August e Ryker. Ele limpou o queixo — horrorizado ao perceber que estava babando — e largou o cardápio. Deu um sorriso, fazendo o possível para fingir que não tinha acabado de agir como um lunático excitado.

“Nada. Só estava pensando no que pedir.” Ele olhou para baixo, escolhendo a primeira coisa que viu. “Acho que vou pedir os tacos.”

Ele e Annie tinham saído para jantar. Estavam sentados numa mesa muito grande para os dois, esperando que seus amigos Caleb e Coco chegassem. Já fazia uns bons vinte minutos que esperavam, e a garçonete começava a lançar-lhes olhares impacientes cada vez que passava pela mesa deles.

“Desde quando pensar em tacos faz você babar como um fã de K-pop tarado em um show do Monsta X?”

“Não sei o que isso significa”, disse Dylan, pegando o cardápio de volta e se abanando. “Mas, para sua informação, estou com muita fome e só de pensar em tacos já me dá água na boca. Pare de me julgar.”

Annie olhou para ele com os olhos semicerrados, sem acreditar na história do taco nem por um segundo. "Já que estamos falando sobre isso, como estão as coisas com os lobisomens? Ainda altos?"

“Não estávamos falando sobre isso”, protestou Dylan. “E eles estão bem, eu acho. Temos trocado algumas mensagens, mas eles estão ocupados esta semana por causa da lua cheia.”

Ele ignorou resolutamente o comentário dela sobre a altura deles.

“A semana inteira?”

Dylan assentiu com a cabeça. Ele não entendia muito bem por que a lua cheia naquele fim de semana impedia August e Ryker de se encontrarem, mas era óbvio que estavam ocupados. Se não fosse pela enxurrada de fotos sensuais que estavam enviando para ele, poderia até pensar que estavam perdendo o

interesse.

“Eles vão para a reserva hoje à noite. Ryker me mandou uma foto do carro.”

Dylan abriu a selfie que Ryker havia lhe enviado e mostrou a tela para Annie. Ryker estava vestido com uma camiseta branca e uma jaqueta de flanela com forro de lã sherpa – um contraste total com os elegantes ternos de executivo que Dylan o vira usar até então – e seu cabelo loiro estava sem gel e jogado para trás, de forma desleixada, cobrindo as orelhas.

O sorriso irônico em seu rosto mostrava que ele sabia exatamente o quão bem estava vestido.

"Correr por aí e uivar para a lua?" Annie se inclinou para frente, assobiando para a foto. "Oh, olha só. Isso sim é que é um gato. Meu Deus."

Dylan corou e puxou o celular de volta, guardando-o no bolso.

“Ele é muito bonito”, concordou.

“Então, eles te contaram o que fazem nas noites de lua cheia?” perguntou Annie, ainda inclinada em sua direção. “Eles ficam nus?”

Dylan deu de ombros, corando ao imaginar Ryker e August nus ao ar livre, em meio à natureza selvagem.

"Não acho que eles uivem para a lua", disse ele, sem conseguir imaginar August e Ryker agindo de forma tão boba. "E não acho que eles fiquem nus."

“Eles te disseram *alguma coisa* sobre o que pretendem fazer?”

Annie pareceu um pouco desapontada com a falta de informações. Ela estava obviamente curiosa, mas Dylan não tinha muito a lhe contar.

Ele se esforçou para encontrar algo que dissesse.

“Você se lembra daquele policial lobisomem de quem eu te falei?”, perguntou ele. “Steve?”

Annie assentiu com a cabeça.

“Bem, acho que vão convidá-lo para passar a lua cheia com eles. Pelo visto, é algo muito importante.”

Dylan havia contado a Annie sobre seu encontro com Steve – qualquer encontro com um lobisomem era notável e merecia ser compartilhado – mas não sobre o convite para sair feito por ele.

"Tipo um encontro para brincar na lua cheia?", perguntou Annie.

Dylan assentiu com a cabeça. "Ou a versão lobisomem disso."

"Espera, sério?" Annie deu uma risadinha e soltou um gritinho. "Que fofo! Queria que você estivesse aí para filmar e me mandar."

Dylan duvidava muito que qualquer coisa que August, Ryker ou Steve fizessem pudesse ser considerada fofa. Era muito mais provável que eles estivessem se batendo e dizendo que era divertido. Pelo menos era essa a impressão que ele tinha da forma como August e Steve falavam sobre seus encontros anteriores na lua cheia.

“Não acho que isso vá acontecer tão cedo, mas quem sabe.”

"Eu estava só brincando", disse Annie, dando um tapinha no braço dele. "E você não precisa me contar nada que não queira. A menos que eles façam alguma merda, nesse caso eu vou dar um jeito de ferrá-los."

Dylan riu. Ele não tinha certeza do que Annie seria capaz de fazer contra dois lobisomens extremamente ricos, mas não duvidava que ela conseguiria dar um jeito se se empenhasse.

Ele nunca pensou que chegaria a esse ponto.

“Tenho certeza que sim.”

Naquele instante, Coco e Caleb entraram no restaurante, olharam em volta e correram em direção à mesa.

“Me desculpe pelo atraso!” disse Coco, colocando a bolsa sobre a mesa e depositando um monte de sacolas de compras no chão. “A fila na Victoria's Secret estava enorme, e eu tinha encontrado um sutiã perfeito que eu simplesmente precisava comprar, e aí a gente deu de cara com a Samantha e ela começou a reclamar do trabalho dela, e depois—” Coco se interrompeu e balançou a cabeça. “Deixa pra lá. Desculpe pelo atraso. Você já fez o pedido?”

Annie bufou, divertida com a energia caótica de Coco. "Não, nós só pedimos bebidas. Estávamos esperando por vocês."

"Desculpe", interrompeu Caleb, pegando o cardápio. "Eu vou querer os tacos."

"Eu também", disse Coco, sem nem olhar para o cardápio. Ela se virou para Dylan. "Então, a Annie nos contou que você anda ficando com um lobisomem? Me conta tudo."

Dylan lançou um olhar de traição para Annie, corando levemente enquanto dava de ombros.

“Só saí em alguns encontros com elas. Não é nada sério.”

"Espera, sério?" perguntou Caleb, parecendo chocado. "Achei que a Annie estivesse brincando."

Coco deu um tapa no braço dele. "Ela não faria piada com uma coisa dessas – pelo menos não com o Dylan."

Caleb assobiou. "Dois lobisomens." Ele franziu a testa e se inclinou na direção de Dylan. "Tipo lobisomens de verdade? Com a altura, os músculos e tudo mais?"

O rosto de Dylan ficou vermelho como um tomate. Ele assentiu com a cabeça, sem conseguir olhar Caleb nos olhos.

"Eles são bem altos, eu acho", disse ele, dando um gole rápido na água só para ter algo para fazer com as mãos.

"Ele tem fotos", disse Annie. Ela era uma traidora perversa.

"Sério?" Coco agarrou o braço de Dylan. "Podemos ver?"

Dylan hesitou, mas uma parte dele desejava desesperadamente exibir o quão bonitos August e Ryker eram. Ele não pôde deixar de se sentir lisonjeado por alguém como eles estar interessado em alguém como ele.

Ele pegou o celular e virou a tela para longe de Coco, percorrendo o rolo da câmera para encontrar uma foto de August e Ryker que não mostrasse os dois exibindo descaradamente seus volumes.

"Não fique rolando a tela", avisou ele, entregando o celular para Coco. Caleb se inclinou para olhar também, e ambos soltaram um som de aprovação.

"Que legal", disse Coco, dando um zoom nos rostos deles. "Quantos anos eles têm?"

“Na casa dos trinta”, disse Dylan, de repente constrangido com a diferença de idade. Ele olhou para a foto, a estranha sensação de vazio no estômago piorando. A foto era uma selfie que August tinha tirado dele e de Ryker em frente ao espelho, mostrando os dois vestidos para o trabalho. Ryker usava um

terno que parecia custar mais do que Dylan gastava com aluguel em um ano, enquanto August estava com uma camisa branca e calças chino pretas justas que faziam suas coxas parecerem fantásticas.

Ele desejava que eles estivessem ali agora para que ele pudesse escapar para o banheiro com eles e chupar seus paus.

O pensamento repentino o surpreendeu, principalmente porque o desejo era muito intenso. Ele corou, olhando em volta para ver se alguém na mesa o tinha visto com uma expressão particularmente excitada, e enfiou o celular de volta no bolso.

A garçonete aproximou-se da mesa e perguntou se eles estavam prontos para fazer o pedido. Dylan ficou contente com a distração, esperando que, agora que sua situação amorosa incomum havia sido abordada, o grupo pudesse seguir em frente e conversar sobre outros assuntos durante a refeição.

Seu desejo não foi atendido. Assim que todos fizeram seus pedidos, Coco e Caleb começaram a bombardeá-lo com perguntas sobre August e Ryker. Dylan não tinha resposta para a maioria delas — ele não sabia nada sobre a cultura dos lobisomens mais do que qualquer outro humano — e, para a maioria das perguntas para as quais tinha resposta, ele simplesmente não queria respondê-la.

A gota d'água aconteceu no meio da refeição quando Coco, que já havia tomado quatro taças de vinho, perguntou a ele: "É verdade que eles têm pênis estranhos?"

"Coco", Caleb sibilou, chutando o pé dela por baixo da mesa.

"O quê?" Coco resmungou. "Eu li num blog que dizia que eles têm nós na base do pênis. Sabe, tipo p-"

“Já chega”, disse Annie, interrompendo Coco com voz severa. “Você sabe que Dylan não se sente à vontade para falar sobre esse tipo de coisa. Pare de ser grosseira.”

Os olhos de Coco se arregalaram e depois se estreitaram em sinal de ofensa. "Não estou sendo grosseira. É uma pergunta perfeitamente normal."

"É um pouco invasivo", murmurou Caleb.

Dylan não disse nada, preocupado que sua expressão revelasse o fato de que August e Ryker de fato tinham nós, e que ele os tinha tido dentro de si.

Por sorte, Annie e Coco estavam se encarando, completamente alheias a Dylan e Caleb, que estavam sentados ao lado delas.

“Tudo bem, vamos falar de outra coisa. Dylan, como estão as coisas no laboratório de impressão 3D?”

"Eles são bons", disse Dylan, tentando se lembrar do que estava fazendo no dia anterior. "Estamos testando um novo material compósito."

Mesmo enquanto falava, Dylan não conseguia parar de pensar nos nós de August e Ryker. Eles vinham à tona, pulsantes e densos, fazendo seu orifício se contrair e todo o seu corpo ansiar pela sensação de ser preenchido e preenchido.

Annie inclinou-se para a frente, dando-lhe uma cutucada. "Você está babando."

As palavras foram ditas em voz tão baixa que só Dylan conseguiu ouvi-las. Ele limpou rapidamente o queixo, sentindo o dorso da mão molhado de saliva.

Ele nunca tinha se sentido tão envergonhado.

“E você?”, perguntou ele, esperando que Coco e Caleb não tivessem

percebido. “Como estão as coisas no laboratório de bioquímica?”

Para seu alívio, a pergunta deu início a um longo discurso de Coco sobre o que ela estava pesquisando e os problemas que estava tendo com seu orientador de tese. Ela falou por uns bons vinte minutos, após os quais Annie – sua santa e anjo da guarda – mudou o foco para Caleb e como as coisas estavam indo no escritório.

Durante o resto da refeição, ninguém fez perguntas a Dylan sobre lobisomens, um fato pelo qual ele ficou infinitamente grato.

Ele ainda não conseguia parar de pensar em transar. O desejo sexual era bizarro e diferente de tudo que Dylan já havia experimentado.

"Acho que vou para casa, estou com um pouco de dor de cabeça", disse Dylan depois de pagar a conta. O plano era ir ao cinema, mas Dylan não estava com disposição para assistir a um filme de duas horas.

“Você anda meio desligado”, concordou Coco, esfregando o braço. “Não deixe seus novos namorados te esgotarem.”

Dylan bufou e balançou a cabeça. "Não são", disse ele.

O problema era que eles não o estavam desgastando o suficiente. Fazia quase uma semana que ele não os via, e era patético o quanto sentia falta deles.

"Eu te acompanho até em casa", disse Annie. Dylan balançou a cabeça e fez um gesto de dispensa.

“Não, vá ao cinema. Eu pego um Uber de volta para o apartamento e vou dormir.”

Annie o observou. "Tem certeza?"

Dylan assentiu com a cabeça. Pegou o celular e pediu um carro, levantando-se e vestindo o casaco enquanto esperava o aplicativo encontrar um motorista para ele.

"Tenho certeza." Seu telefone vibrou, avisando que seu Uber estava a apenas um minuto de distância. "E eu tenho um carro. Vá se divertir no cinema e a gente se fala amanhã. Caleb, Coco, foi bom ver vocês de novo."

"Você também", disse Caleb, com Coco concordando.

"Até mais", disse Dylan, afastando-se da mesa e saindo do restaurante. Uma lufada de ar frio atingiu seu rosto ao pisar na calçada, e por um instante a sensação do ar gelado do inverno enchendo seus pulmões afastou a inquietação que vinha aumentando gradativamente ao longo do jantar.

Olhando para o final da rua, Dylan avistou seu Uber e acenou. Entrou no banco de trás do carro, sentindo as primeiras dores de cabeça começarem a surgir em seus olhos.

Tomara que um pouco de sono o faça se sentir melhor.



Na manhã seguinte, Dylan não se sentia melhor. Tivera uma noite inquieta, masturbando-se três vezes com fantasias cada vez mais ousadas sobre Ryker e August, e seu sono vinha aos trancos e barrancos, deixando-o ainda mais cansado do que quando fora dormir.

Seus sonhos tinham sido estranhos, mas Dylan não conseguia se lembrar dos

detalhes – exceto por uma sequência realmente bizarra em que ele havia sido magicamente transformado em um par de luvas de boxe. August as colocou nele e prometeu que isso não mudaria nada entre eles, e então ele se masturbou, deslizando o punho coberto pelas luvas de Dylan para cima e para baixo em seu pênis pulsante e ejaculando por todo ele.

Foi, de longe, a coisa mais estranha que Dylan já havia sonhado.

Levantando-se da cama, Dylan caminhou arrastando os pés até o banheiro e entrou no chuveiro. Estava ainda mais excitado do que antes de ir para a cama, mas não tinha absolutamente nenhuma vontade de se masturbar. Olhou para o xampu na prateleira ao lado, avaliando o frasco fino e comparando-o ao tamanho do grosso pênis de Ryker, e antes mesmo de tomar a decisão consciente de fazer qualquer coisa, já havia besuntado o frasco com sabonete líquido e pressionado a ponta afilada contra seu orifício.

O sabonete líquido ardeu quando ele enfiou o frasco em seu orifício, o frasco o dilatando ainda mais do que os pênis de August ou Ryker jamais haviam feito, mas pela primeira vez desde que começara a se sentir mal, a sensação de vazio e horror no baixo ventre de Dylan desapareceu.

Enfiando a garrafa no ânus, a dor fazendo-o cerrar os dentes e fechar os olhos, Dylan buscou a sensação de plenitude, aliviado por finalmente saciar o vazio dentro de si.

Assim que ele inseriu a garrafa até a tampa, puxou-a para trás e começou a enfiar e tirar do seu orifício.

Não foi suficiente. Embora colocar a garrafa dentro de si tivesse dissipado a sensação imediata de vazio, masturbar-se com ela não lhe proporcionava aquela onda de prazer e satisfação que sentia quando August e Ryker o fodiam.

Enfiando a garrafa com mais força e rapidez, a dor fazendo-o lacrimejar enquanto buscava qualquer tipo de clímax, Dylan finalmente forçou demais e gritou quando seu orifício engoliu a garrafa.

Tudo estava dentro dele.

Dylan congelou, seu orifício abusado ardendo de dor, suas entranhas se sentindo cheias de todas as maneiras erradas.

Ele percebeu que havia algo errado com ele. Gostava de ser fodido, claro, mas não a ponto de enfiar um frasco de xampu no cu sem nem uma gota de lubrificante de verdade.

Fazendo força, Dylan tentou expulsar a garrafa do seu orifício. A pressão invadiu seu rosto, seu pescoço se contraiu, mas por mais que fizesse força, Dylan não conseguia tirar a garrafa.

Tentar alcançar o fundo do buraco e segurá-lo produziu resultados igualmente ruins.

Ali parado, com água morna caindo em suas costas e um frasco de xampu dentro de si, Dylan ficou horrorizado ao descobrir que a sensação de vazio e a ânsia por algo que o preenchesse não haviam desaparecido.

Dominado pela emoção e com medo de que algo estivesse seriamente errado com ele, Dylan caiu em prantos.

Chorar não ajudou em nada a situação, e depois de alguns minutos Dylan se acalmou. Desligou o chuveiro, se secou (o frasco de xampu dentro dele tornava cada movimento desajeitado e desconfortável) e vestiu algumas roupas.

Assim que se secou e vestiu uma camiseta e uma calça de moletom folgada, Dylan tentou bolar algum tipo de plano.

Seu primeiro pensamento foi Annie, mas ele descartou a ideia quase que imediatamente. Mesmo que ela provavelmente estivesse disposta a ajudá-lo, Dylan preferia ter uma estranha no pronto-socorro revirando suas costas em busca da garrafa do que sua melhor amiga.

Annie *jamais poderia* saber disso.

O segundo pensamento de Dylan foi ligar para August. Ele era médico e tinha um consultório cheio de suprimentos médicos e equipamentos estranhos que poderiam ser úteis, e mesmo que August tivesse dito que estava ocupado até terça-feira, Dylan não conseguia imaginar que ele não o ajudaria com sua emergência. E esta era realmente uma emergência. Dylan não podia passar o dia com um frasco de xampu no reto. Ele tinha quase certeza de que isso seria extremamente perigoso.

O August talvez até gostasse da ideia, ponderou Dylan. Ele obviamente curtia jogos de interpretação médica, e se o Dylan lhe pedisse ajuda, provavelmente transaria com ele depois também.

A boca de Dylan salivou e a ânsia por pênis que o levara a se masturbar com um frasco de xampu se intensificou. Antes que percebesse, sua mão estava em seu pênis e ele o apertava, tentando reproduzir a sensação de ter um nó dentro dele.

Ao perceber o que estava fazendo, Dylan soltou o pênis com um grito de alarme.

Isso não era normal.

Antes de ligar para August e pedir ajuda, Dylan teve que tentar tirar a garrafa sozinho. No chuveiro, ele só tinha feito força, mas se deitasse e levantasse os joelhos até as orelhas, talvez conseguisse alcançar o interior do corpo e retirá-la.

Na esperança de sair daquela situação sem precisar pedir ajuda, Dylan tirou a calça de moletom e deitou na cama. Colocou alguns travesseiros sob a cabeça, levantou as pernas, empinando o quadril e curvando o corpo até conseguir ver o próprio períneo.

Encolhendo os joelhos debaixo dos braços e agradecendo aos céus por ter se esforçado tanto para aumentar sua flexibilidade quando era mais jovem, Dylan sondou seu orifício e enfiou um dedo para sentir a garrafa.

Imediatamente, seu pênis protestou contra o estiramento. Sem nenhum lubrificante para facilitar o deslizamento, até mesmo um dedo queimava como o inferno.

Dylan desfez a posição contorcida e pulou da cama. Pegou o frasco de lubrificante que guardava na gaveta da escrivaninha e voltou à posição, encarando a mancha no teto enquanto levantava as pernas e enfiava os joelhos de volta debaixo das axilas.

Aplicando uma generosa quantidade de lubrificante em seu orifício, Dylan umedeceu o dedo e o inseriu. Desta vez, com o lubrificante facilitando a entrada, ele sentiu apenas prazer. O frasco pressionava sua próstata e, com a ardência adicional do orifício sendo delicadamente aberto pelo dedo, a sensação combinada o fez gemer.

Seu pênis se contraiu, uma gota de líquido pré-ejaculatório escorrendo de sua

fenda e caindo na depressão entre suas clavículas.

Ignorando o prazer, Dylan enfiou outro dedo e encontrou a boca da garrafa. Tentou segurá-la com os dedos para retirá-la, mas ao abrir os dedos, tudo o que conseguiu foi empurrar a garrafa ainda mais para dentro do reto.

Ofegante, com o pênis lubrificado pela estimulação acidental da próstata, Dylan relaxou e deixou seu corpo levar a garrafa de volta ao ânus. Tentou segurá-la novamente, mas, mais uma vez, só conseguiu empurrá-la ainda mais para dentro.

Talvez ele pudesse usar algum tipo de ferramenta?

Soltando as pernas e sentando-se novamente no colchão, Dylan saiu da cama e foi até a cozinha. Ele se abaixou e abriu uma das gavetas, procurando até encontrar um pegador de alimentos.

Eram os únicos utensílios em sua cozinha que talvez tivessem alguma chance de funcionar.

Ao voltar para a cama, Dylan reposicionou as pernas e lubrificou a pinça. O revestimento de borracha na ponta da pinça proporcionava boa aderência, fazendo com que ela puxasse a borda do seu ânus quando ele a inseria, mas com lubrificante suficiente, funcionava muito bem.

Olhando para a própria bunda e vendo a pinça de cozinha que sua mãe lhe dera de presente de Natal como parte de um kit básico para a cozinha, Dylan teve a súbita sensação de estar sonhando. O momento não parecia mais real do que quando sonhara que se transformava em uma luva de boxe, e por um instante se perguntou se talvez estivesse mesmo sonhando.

Isso explicaria a sensação de vazio dentro dele, dizendo que ele precisava transar, porque não havia como essa sensação fazer sentido no mundo real – especialmente agora que ele tinha um frasco de xampu enfiado dentro dele.

Determinado a tirar a garrafa do seu buraco, Dylan tentou abrir a pinça para separar as peças ao redor da garrafa, mas descobriu que abrir a pinça quando ela estava dentro dele era mais fácil dizer do que fazer. Para que a pinça se separasse, o ânus de Dylan precisava se esticar mais do que a base da garrafa, e isso estava se provando impossível. Dylan conseguiu abri-la um pouco – a pinça revestida de borracha agindo como o pior espéculo do mundo – mas não o suficiente.

Após dez minutos tentando, Dylan deixou a cabeça cair de volta no travesseiro e soltou um suspiro de exaustão, resignado. Ele não tinha conseguido tirar a garrafa de lá, e a única coisa que havia conseguido era ficar dolorido e suado.

O pior de tudo era que ele ainda desejava ser fodido. Ele ficava imaginando os paus de August e Ryker, grandes, pulsantes e lindos, e se fechasse os olhos, quase conseguia sentir o cheiro deles.

Enfiando a mão no buraco, tentando agarrar a garrafa com o dedo, mas sem sucesso, Dylan soltou um grunhido de frustração e raiva e retirou os dedos do buraco. Abaixou as pernas e olhou para o teto danificado pela água, ofegante e dolorido, admitindo para si mesmo que precisava de ajuda.

Ele desceu da cama, limpando o lubrificante da bunda e das coxas, e vestiu a calça de moletom. Pegou o celular, debatendo consigo mesmo se deveria ligar para August ou ir ao pronto-socorro.

Havia desvantagens significativas em ambas as opções.

No fim das contas, a ideia de ter que explicar aos pais a conta que inevitavelmente receberia se fosse ao hospital foi o que resolveu a questão. Dylan ainda estava no plano de saúde do pai, e não havia a menor chance de ele explicar a eles que tinha ficado com um frasco de xampu preso dentro dele.

Mesmo que August estivesse realmente muito ocupado para ajudá-lo, esperançosamente ele conseguiria tratamento sem precisar acionar o plano de saúde dos pais.

Antes que pudesse começar a pensar demais, Dylan ligou para o número de August. Prendeu a respiração enquanto o telefone tocava, todo o seu corpo em alerta máximo, e sentiu um frio na barriga quando a ligação caiu na caixa postal.

Você ligou para o Dr. Schaffer. Por favor, deixe uma mensagem após o sinal e eu retornarei assim que possível. Em caso de emergência médica, desligue e disque 911.

O som da voz de August fez o cu de Dylan se contrair, seu pau pingando contra a virilha da calça de moletom. Quando o sinal sonoro soou, Dylan foi pego de surpresa.

Ele não tinha planejado o que ia dizer!

"Oi August, aqui é o Dylan. Estou com uma pequena emergência e preciso muito de ajuda. Você poderia me retornar a ligação assim que possível? Ou, se estiver ocupado, irei ao pronto-socorro, mas por favor, me avise. Espero falar com você em breve. Tchau."

Dylan desligou o telefone, sentindo-se mortificado com a mensagem confusa. Rapidamente ligou de novo e deixou outra mensagem na caixa postal.

“Não é uma *emergência* . Posso ir ao pronto-socorro se você não tiver tempo para me atender. Não tem problema se você estiver ocupado(a), só fico um pouco constrangido(a). Me avise se estiver ocupado(a).”

Ao desligar, Dylan ficou ainda mais constrangido. Parecia um louco. E que tipo de pessoa pede atendimento médico gratuito para alguém com quem está saindo há apenas uma semana? Dylan ligou para August novamente, arrependendo-se das duas ligações anteriores com todas as suas forças.

“Não se preocupe. Não devia ter te incomodado. Por favor, ignore minha mensagem e eu resolvo isso sozinho. Falamos em breve.”

Sentindo-se um completo lunático após desligar o telefone, Dylan enviou uma mensagem para August pedindo que ele apagasse seus recados de voz e não ouvisse nenhum deles.

Tomara que August faça o que ele pediu.

Ao pesquisar no Google o pronto-socorro mais próximo, Dylan tentou pensar em alguma maneira de se safar da remoção do frasco de xampu do seu traseiro sem ter que explicar a conta aos pais. Ele não precisava fornecer seus dados se fosse ao pronto-socorro, certo? Não era como se o barrassem se aparecesse sem RG ou informações do plano de saúde. Ele poderia simplesmente inventar um nome, tirar o frasco do traseiro e sair correndo.

Seus pais nunca precisaram saber.

Aliviado por ter um plano, embora não totalmente confiante de que funcionaria, Dylan se vestiu, pegou suas chaves e seu celular e saiu do apartamento mancando.

AGOSTO

August acordou com o canto dos pássaros, o ar fresco em seus pulmões e dois corpos firmes deitados sob ele no chão da floresta. Bocejando, o frio em suas costas mais do que compensado pelo calor sob ele, August esticou as pernas e aninhou-se no pescoço de Ryker.

Tinha sido uma noite de lua cheia surpreendentemente divertida. Eles montaram acampamento cedo – erguendo uma lona caso nevasse e estendendo uma pilha de cobertores para quando quisessem deitar e descansar – e então partiram em busca de Steve.

August não havia se mostrado particularmente entusiasmado, mas Ryker estava determinado a encontrar o alfa mais jovem e convidá-lo para correr com eles. Eles alcançaram Steve quando ele entrava na reserva, parando seu carro e fazendo-o estacionar perto do SUV deles.

Inicialmente, Steve ficou desconfiado, supondo que August e Ryker estivessem lhe pregando alguma peça, mas Ryker o assegurou de que a oferta era sincera.

August não tinha certeza se Steve acreditava nele, mas, independentemente do que realmente acreditasse, ele resolveu arriscar e aceitou a oferta. Todos correram de volta para o acampamento que August e Ryker haviam montado, o sol poente dando lugar à luz fria da lua cheia, e tiraram a roupa, ficando apenas de roupa íntima.

Steve tinha um corpo muito bonito, com ombros largos, braços grandes e coxas que pareciam capazes de esmagar pedregulhos, e um pênis enorme que preenchia completamente o bolso de sua cueca esportiva.

"Avaliando a concorrência?", provocou Steve, flexionando os músculos peitorais e fazendo-os saltar. Sua expressão era confiante e havia um toque de desafio em sua voz.

August revirou os olhos, mas Steve tinha acertado em cheio. Ele estava muito feliz por ele e Ryker terem chegado a Dylan primeiro – e ainda mais feliz por Dylan ser do tipo fiel e leal.

Steve era um garanhão, e August não tinha problema nenhum em admitir isso.

"Você está com uma ótima aparência", respondeu August, e para sua alegria, o elogio fez Steve interromper seu exercício de flexibilidade e corar.

Isso praticamente definiu o clima da noite. Eles correram ao redor do perímetro de seu território, August e Steve competindo entre si e desafiando um ao outro a levantar pedras e quebrar troncos de árvores caídas, com Ryker na liderança, guiando o caminho.

Assim que o sol se pôs completamente, os três se transformaram em lobos e se soltaram totalmente. Correram, brincaram e caçaram coelhos o suficiente para encher a barriga, e depois se aconchegaram juntos sob a lona que August e Ryker haviam estendido e adormeceram.

Ryker tinha razão, refletiu August enquanto estava deitado sobre seu companheiro. Convidar o alfa mais jovem para correr com eles tinha sido uma boa ideia, e se não fosse pelo fato de que Dylan jamais conseguiria lidar com a atenção sexual de três lobisomens alfa, August poderia ter considerado a

possibilidade de adicioná-lo ao relacionamento e acolhê-lo de verdade em sua matilha.

"Você parece feliz", disse Ryker, levantando a mão e colocando-a nas costas de August. Ele arranhou as costas de August em pequenos círculos, exibindo suas presas afiadas enquanto sorria.

August passou a língua pelos dentes para ver se também havia se transformado em lobisomem, e não se surpreendeu ao descobrir que seus caninos eram tão afiados e pontiagudos quanto os de Ryker.

Eles geralmente não ficavam em forma de lobo até tão tarde da manhã, mas, por outro lado, o lobo dele geralmente não ficava tão satisfeito depois da lua cheia.

Parecia que eles tinham corrido em grupo.

"Sim", disse August, inclinando-se e beijando Ryker abaixo do queixo. "A noite passada foi divertida."

Seu pênis endureceu, o membro lubrificado pressionando contra o quadril de Ryker, e ele não pôde evitar levantar um pouco os quadris e esfregar a virilha contra o estômago do parceiro.

O fato de ele ainda estar com a mão no peito de Steve, uma de suas coxas pressionada contra as pernas do rapaz mais novo, era algo de que ele tinha plena consciência, mas também algo sobre o qual preferia não pensar muito.

August continuou a esfregar-se contra o quadril de Ryker, o pênis do seu parceiro pressionando a parte inferior do seu estômago, o peito de Steve subindo e descendo suavemente enquanto ele dormia ao lado deles.

No instante em que a respiração de Steve mudou, seu corpo se contraindo enquanto acordava, August parou de mover os quadris e ficou imóvel sobre Ryker.

Com o ar impregnado de cheiro de sexo e excitação, não havia como esconder o que ele e Ryker tinham acabado de fazer.

"Gente, isso é muita falta de educação", reclamou Steve, virando-se e escondendo o rosto no ombro de Ryker. "Eu estou bem aqui. Vocês não podiam esperar eu ir ao banheiro ou algo assim?"

Ryker abriu a boca, e August soube imediatamente que ele estava prestes a fazer um convite que não devia, então falou primeiro.

“Desculpe, você sabe como é com a ereção matinal.”

Steve virou-se de costas e olhou para o próprio pênis, examinando-o por um segundo, e então assentiu como se estivesse concordando. August precisou de toda a sua força de vontade para não virar a cabeça e olhar para a ereção do rapaz mais novo.

Ele apostou que era enorme.

“Boa observação”, disse Steve, se espreguiçando e coçando o peito. Sentou-se, bocejou, passou a mão pelos cabelos e olhou em volta. Deu uma risadinha irônica. “Este acampamento é uma merda.”

August olhou para ele com desdém.

“Isso é uma coisa muito errada de se dizer quando você é nosso convidado.”

Steve sorriu, parecendo feliz. "Não estou dizendo que não gostei." Ele estendeu a mão e tocou a lona acima deles. "Mas vocês não podiam ter trazido uns bifes para assar na fogueira, e talvez umas cervejas? Nem precisariam de um

cooler."

Ryker riu, empurrando August para longe do peito e sentando-se. "Não somos exatamente puristas, mas acho que nossa matilha é meio tradicional. Imagino que a sua não fosse?"

Steve balançou a cabeça. "Não, tínhamos cabanas preparadas para quando caçávamos na lua cheia, e as abastecíamos com carne e petiscos. Ainda caçávamos, mas principalmente por diversão. Não como coelho desde a adolescência."

Ainda irritado, August endireitou-se na cadeira e cruzou os braços. "E isso foi... ano passado?"

Steve revirou os olhos, sem cair na provocação de August.

“Algo assim.” Ele cutucou August com o ombro. “Só estou dizendo que ser lobisomem não significa que não possamos nos sentir à vontade.”

August estava prestes a protestar, mas Ryker concordou com a cabeça, como se fizesse sentido. Ele lançou um olhar de traição ao seu companheiro, mas Ryker o ignorou.

“É verdade. Fazemos as coisas assim porque foi assim que crescemos. Se você quiser trazer uns bifes e umas cervejas no mês que vem, não vamos nos importar.”

August certamente se importaria. Ele gostava de comer coelhos quando estava em sua forma de lobo. Eram deliciosos. Mesmo assim, se Steve quisesse trazer alguns suprimentos, ele imaginou que não seria a pior coisa do mundo.

A resposta de Steve à oferta de Ryker foi um sorriso radiante. Ele estava visivelmente tentando não sorrir tanto — levando a mão à boca e olhando para baixo —, mas o convite para passar mais uma lua cheia com eles foi obviamente bem recebido.

“Vou trazer o suficiente para compartilhar.”

A timidez e a felicidade de Steve despertaram um arrepio de calor no peito de August, dissipando seu incômodo e fazendo-o perceber que estava pisando em terreno perigoso. Ele conhecia aquele sentimento e sabia aonde ele levava.

“Isso parece ótimo.”

As palavras saíram ríspidas e um pouco relutantes, mas tanto Steve quanto Ryker reagiram com pequenos sorrisos satisfeitos.

“Certo, vamos arrumar nossas coisas e voltar para a cidade. Minha boca está com gosto de coelho e eu quero um banho.” Ryker se levantou, seu pênis pesado e testículos pendurados balançando entre as pernas. Ele se abaixou e pegou sua cueca. “Steve, você quer tomar café da manhã com a gente?”

Steve passou de uma expressão de decepção pelo fim do relacionamento para uma expressão de pura alegria.

“Sim, isso parece ótimo. Estou morrendo de fome.”

August estendeu a mão para pegar suas roupas, vestindo as calças jeans antes de se levantar e se abaixar para calçar as botas. Agora que não estavam mais se aconchegando para se aquecer, o frio da manhã de inverno começava a incomodar. Ele vestiu a jaqueta e fechou o zíper, e Steve o seguiu, vestindo-se também.

“A gente costuma ir a um restaurantezinho perto do nosso prédio.” August começou a tirar a lona, enrolá-la e colocá-la debaixo do braço. “Eles fazem um

bife com ovos ótimo.”

Ryker assentiu com a cabeça, chutando a pilha de terra que haviam cavado para fazer a fogueira sobre os restos da noite anterior. "Os waffles deles também são muito bons. Eles usam chantilly de verdade e frutas vermelhas frescas."

Steve lambeu os lábios, com o estômago roncando. "Adoro ovos com waffles."

Vestidos e prontos para partir, com o acampamento improvisado desmontado, Ryker assumiu a liderança e os três voltaram caminhando para a estrada onde haviam deixado os carros.

“Vou te mandar o endereço da lanchonete por mensagem caso a gente se separe na estrada”, disse August, pegando o celular no console central do SUV. Ele desbloqueou o aparelho e estava prestes a pedir o número de Steve quando viu que tinha três chamadas perdidas de Dylan, além de uma mensagem de texto.

Ele leu a mensagem primeiro, franzindo a testa diante do pedido enigmático para apagar as mensagens de voz que Dylan havia deixado para ele.

"O que é isso?" perguntou Ryker, aproximando-se dele e olhando para a tela. August inclinou-a em sua direção, permitindo que ele lesse a mensagem.

"Que estranho", murmurou Ryker, semicerrando os olhos para a tela. "Mas você provavelmente deveria fazer o que ele pede."

Ao ver o olhar curioso de Steve, August explicou: "Dylan me ligou três vezes, uns trinta minutos atrás, e deixou alguns recados na minha caixa postal. Depois, mandou uma mensagem pedindo para eu não ouvir e apagar as mensagens."

Os três ficaram ali parados, ao lado da estrada deserta, esperando que alguém sugerisse que, mesmo assim, ouvissem as mensagens.

“Você poderia ligar para ele”, sugeriu Ryker. Ficou claro que nenhum deles cogitaria contrariar os desejos de Dylan.

August suspirou e assentiu, apagando as mensagens de voz. Ele estava extremamente curioso para saber o que Dylan havia dito, mas sua curiosidade teria que ficar sem resposta. Assim que as mensagens foram apagadas, ele ligou para o número de Dylan.

Dylan aprendeu imediatamente.

"Olá?"

A voz de Dylan soava tensa, e August imediatamente ficou em alerta máximo. Seu lobo, antes calmo e satisfeito após uma noite de brincadeiras, eriçava os pelos e emergia para o centro de seus pensamentos.

"Oi Dylan, recebi sua mensagem. Apaguei os recados de voz sem ouvi-los, mas você deixou todos nós bastante curiosos. Você está bem?"

Dylan demorou demais para responder. Ao fundo, August ouvia ruídos e vozes que pareciam muito com as de um hospital. A julgar pelas expressões preocupadas de Ryker e Steve, eles também ouviram.

“Dylan?” perguntou August.

“Estou bem. É só que… tem alguma coisa presa lá em cima.” A voz de Dylan era um sussurro baixo. “Estou no pronto-socorro para que me ajudem a tirar.”

August ficou paralisado, seu primeiro pensamento sendo que a única pessoa que deveria estar vasculhando o reto de Dylan era ele mesmo. Ele reprimiu o

instinto possessivo e tentou manter a voz normal ao falar.

“Qual hospital? Eles já te atenderam?”

“Estou no Hospital St. Mary's, e não, ainda estou na sala de espera. Disseram que pode levar algumas horas até que um médico possa me atender.”

August olhou para Ryker, aguardando seu sinal de permissão antes de falar em seguida.

“Fica a poucos quarteirões da minha clínica. Por que você não pega um táxi? Posso chegar aí em uma hora para te ajudar pessoalmente.”

Ele prendeu a respiração. Seu lobo se agitou, inquieto e furioso com a ideia de alguém tocar em seu humano. O fato de ser um profissional da saúde fazia pouca diferença – ainda seria uma invasão inaceitável.

“Tem certeza? Eu já estou aqui e tenho certeza de que não vou esperar muito.”

August bufou, aliviado por Dylan não estar dizendo não. "Sim, com certeza. Vou ligar antes e avisar a recepção que estou enviando um paciente e que eles devem deixar você subir."

"Obrigado." Dylan hesitou, e August começou a ficar preocupado novamente.

“Havia algo mais?”

“Não, nada mais”, disse Dylan. Ele soltou um suspiro trêmulo. “Só senti falta de vocês esta semana.”

As palavras fizeram August sorrir.

“Nós também sentimos sua falta”, disse ele, sorrindo para o telefone. “E não se preocupe. Vamos resolver isso rapidinho.” Curioso, mas também querendo saber o que estava acontecendo, perguntou: “O que foi que emperrou?”

Dylan hesitou antes de responder e, quando o fez, sua voz parecia mortificada.

“Um frasco de xampu.”

Ryker bufou, e August deu uma risadinha.

"Realmente?"

“Um pequeno!” Dylan se defendeu. “E eu não queria empurrar até o fundo. Meus dedos simplesmente escorregaram e eu-”

“Não precisa ter vergonha”, interrompeu August. “Vamos resolver isso, não se preocupe.”

Dylan não disse nada, sua humilhação era palpável. August se sentiu um pouco mal por ter gostado tanto daquilo.

“Estamos entrando no SUV agora”, disse ele, mudando de assunto. “Ligarei para você e avisarei nossa previsão de chegada quando chegarmos à cidade.”

"Certo. A gente se fala depois."

Eles se despediram e desligaram, e August abriu a porta do SUV e entrou no banco do passageiro. Ele colocou a chave no porta-copos e procurou na sua lista de contatos a portaria do prédio para avisar que Dylan estava a caminho.

"Então, presumo que o café da manhã está cancelado?" perguntou Steve, parecendo desapontado. August olhou para ele, surpreso ao ver que Ryker ainda estava ao lado de Steve e não havia se apressado para o banco do motorista.

Eles estavam com pressa!

“Não necessariamente”, disse Ryker, olhando para August. “Não deve

demorar muito para ele ficar bem, certo? Podemos tomar café da manhã depois e trazer o Dylan junto.”

August franziu a testa, nada de acordo com o plano de Ryker. Agora que tinha permissão para ver Dylan, queria passar o resto do dia com ele.

“Não deve demorar muito, não.” Ele desligou o telefone. “Embora Dylan talvez não queira sair. Acho que devemos levá-lo para casa e garantir que ele esteja bem.”

Steve revirou os olhos, e August resistiu ao impulso de saltar do SUV e lhe dar um soco no queixo. Ele olhou para Ryker, desejando que ele concordasse com ele.

Ryker pareceu tentado, mas no fim balançou a cabeça negativamente. "Não, vamos manter o plano. Você vai ajudá-lo, mantendo tudo estritamente profissional, e depois sairemos para tomar café da manhã. Depois disso, o mandaremos para casa e esperaremos até terça-feira, como planejado."

August sabia quando Ryker podia ser transferido, e esta não era uma dessas ocasiões. Ele suspirou, derrotado.

“Tudo bem.” Ele estendeu a mão para a maçaneta. “Entre no carro, estamos perdendo tempo.”

"Eu vou seguir vocês", disse Steve, levando a mão ao bolso para pegar as chaves.

“Se nos separarmos, encontre-nos no The Blue Man Diner, na Apple Street”, instruiu Ryker. “Peça uma mesa no fundo.”

Steve assentiu com a cabeça, com um largo sorriso. "Pode deixar." Ele correu de volta para o carro e entrou ao volante.

"Estamos com pressa", disse August, irritado porque Ryker apenas o observava em vez de assumir o volante.

"Eu sei", disse Ryker, sem se incomodar com o tom de August. Ele correu para o outro lado do SUV, sentou-se ao volante, ligou o motor e, finalmente, eles partiram.

Steve, como um cachorrinho ansioso, seguiu logo atrás.

Enquanto aceleravam pela estrada deserta, Ryker olhou para ele e deu um sorriso irônico. August o ignorou, concentrando-se em ligar para a recepção do prédio e avisar que deveriam deixar Dylan subir até a clínica. Quando desligou, Ryker ainda o observava de soslaio.

"O quê?" August o encarou com raiva.

O sorriso irônico de Ryker se transformou em um largo sorriso. Ele desviou o olhar da estrada e virou o rosto em sua direção. "Você gosta dele."

August fez uma careta, desviando o olhar. "É claro que eu gosto dele. Ele é basicamente como éramos há dez anos. Ainda não temos espaço para ele na nossa matilha."

Ryker deu de ombros, deu um gesto indiferente e voltou sua atenção para a estrada.

“Veremos como as coisas correm.”

STEVE

"Pessoal, esperem!", gritou Steve, correndo pela calçada para alcançar August e Ryker. Ele tinha conseguido segui-los até o distrito financeiro, mas os perdeu de vista na hora de procurar vaga para estacionar. Não havia vagas disponíveis na rua onde Ryker tinha estacionado, o que o obrigou a dar voltas no quarteirão até encontrar uma vaga.

Por sorte, ele sabia mais ou menos em qual prédio August trabalhava e conseguiu alcançar os dois alfas.

“Aqui está você”, disse Ryker, dando um passo para o lado para que Steve pudesse passar entre ele e August. “Você quer subir e esperar na sala de espera enquanto August ajuda Dylan?”

“Com certeza”, disse Steve, passando a mão pelos cabelos e tentando não abrir um sorriso muito grande. “Ele está bem?”

Foi August quem respondeu.

“Ele está bem, só um pouco desconfortável.” August colocou as mãos nos bolsos do casaco e deu uma risadinha. “Ele parece mais envergonhado do que qualquer outra coisa.”

Steve assentiu com a cabeça. Ele entendia perfeitamente por que Dylan estaria constrangido.

"Será difícil tirar o frasco de xampu dele?"

Steve não conseguia conceber a ideia de que algo pudesse ficar preso no seu ânus. Na cabeça dele, se você conseguia empurrar para dentro, deveria ser igualmente fácil empurrar para fora.

Obviamente que não.

“Não, eu só preciso alargar o orifício dele o suficiente para conseguir alcançar e puxar. Se ele fosse um paciente de verdade, eu o anestesiaria, mas a menos que ele tenha experimentado uma mamadeira tamanho família, acho que conseguiremos sem precisar recorrer a isso. Ele não está sangrando nem machucado, então é só uma questão de alargar o orifício e conseguir segurar firme.”

O pau de Steve pulsava dentro da cueca ao imaginar August alargando o cu de Dylan. Ele pigarreou, tentando pensar em coisas não sexuais antes que Ryker ou August pudessem sentir o cheiro de sua excitação.

Steve não havia escondido sua atração por Dylan, mas não queria esfregar isso na cara de Ryker ou August depois que eles tiveram a gentileza de passar a lua cheia com ele. Ele se divertiu mais do que em muito tempo e ainda estava radiante de felicidade por eles quererem repetir a dose na próxima lua cheia.

"Vai doer?"

August olhou para ele, com um sorriso irônico nos lábios. "Não é nada que ele não possa lidar."

Ryker deu uma risadinha, um som de concordância, e Steve ficou subitamente muito curioso para saber exatamente o que os dois alfas tinham feito com Dylan. Ele sabia que eles gostavam do pequeno humano fofo, mas aquela risadinha de Ryker era pura maldade.

"Ele gosta de coisas mais brutas?" Steve não conseguiu se conter e perguntou. Seu pau já estava quase duro, pressionando contra a frente da calça

jeans e sentindo-se apertado.

Ryker e August sorriram, trocando um olhar convencido, mas nenhum dos dois respondeu à pergunta.

Os sorrisos presunçosos em seus rostos foram resposta suficiente.

"Droga", resmungou Steve, desejando ter se adiantado e convidado Dylan para sair primeiro. "Vocês têm muita sorte."

Ryker deu um encontrão de ombros com eles. "Nós somos."

Steve não disse mais nada e, um minuto depois, chegaram ao prédio onde August trabalhava. Ele olhou para a torre alta, com o vidro e o aço brilhando ao sol da manhã, e torceu o nariz para o design desnecessário. O vidro ele entendia – janelas significavam luz natural –, mas as enormes chapas de aço simplesmente pareciam bregas. O prédio parecia que uma criança gigante tinha tentado, sem sucesso, embrulhar um presente de Natal.

August os conduziu até o saguão, passando um cartão de acesso e os guiando para além da barricada em direção aos elevadores.

“Vou entrar na sala de exames com você”, disse Ryker, fazendo August parar enquanto passava seu cartão de acesso no painel de controle do elevador. August franziu a testa e o painel emitiu um pequeno sinal sonoro ao registrar o cartão.

"Você não confia em mim?", perguntou ele, guardando o cartão no bolso. Ele encarou o reflexo de Ryker no espelho da porta, com uma expressão furiosa.

Ryker bufou. "Com o Dylan, tão perto da lua cheia? Nem um pouco."

August parecia irritado, mas não zangado, o que Steve supôs significar que Ryker estava certo em não confiar nele.

Embora Steve estivesse sob o efeito da lua cheia, ele não se preocupava em perder o controle da mesma forma que August e Ryker pareciam se preocupar. Eles pareciam presumir que, se deixassem de lado suas inibições, Dylan acabaria se machucando.

A falta de confiança que os dois alfas tinham em suas respectivas metades era um pouco triste, embora Steve jamais admitisse isso na frente deles.

As portas do elevador se abriram e Steve foi atingido por uma explosão de perfume que deixou seu pau duro como pedra. Dylan cheirava ainda melhor do que ele se lembrava, seu cheiro misturado com uma excitação que parecia simplesmente insuportável.

Era como se o seu cheiro estivesse gritando para qualquer um que quisesse ouvir que ele precisava ser fodido.

Ryker e August saíram do elevador, com Steve logo atrás. Os dois alfas marcharam até onde Dylan estava e se aglomeraram ao seu redor. Colocaram o garoto entre eles, prensando-o entre seus corpos musculosos, ficando perto demais e respirando com dificuldade enquanto olhavam para seu humano delicioso.

"Como você está se sentindo?", perguntou August, com a voz uma oitava mais grave do que da última vez que Steve o ouviu falar. "Está doendo?"

August estendeu a mão até a bunda de Dylan, envolvendo-a com a mão em seu traseiro empinado e apalpando o espaço entre suas nádegas.

Dylan deu um pulo e balançou a cabeça, assustado e corando intensamente. Tentou se esquivar da mão que o apalpava, mas Ryker o segurou no lugar e ele logo se rendeu, permitindo ser apalpado.

“Não, é só que está desconfortável. Você pode tirar agora, por favor?”

August assentiu com a cabeça, os olhos escuros. Parou de acariciar a bunda de Dylan e levantou a mão, apertando-a contra o pescoço do garoto e fazendo-o estremecer.

Steve olhou fixamente para a mão de August, os dedos longos e a palma larga envolvendo mais da metade da circunferência do pescoço de Dylan, e desejou que fosse a sua própria.

Dylan parecia ser o tipo de garoto que gostaria de ser estrangulado.

“Vamos voltar para o meu escritório.”

Dylan assentiu com a cabeça, parecendo aliviado. Em seguida, olhou para Steve, com os olhos arregalados de surpresa.

“O que você está fazendo aqui?”, perguntou ele.

O pau do Steve estava duro como pedra, marcando a frente da calça jeans, e quando os olhos de Dylan se voltaram para a virilha dele, Steve não resistiu e deu um aperto lânguido.

“Seus alfas me convidaram.”

Dylan prendeu a respiração e Steve sentiu uma forte tensão nos testículos ao reagir.

"Para o café da manhã", esclareceu August, com um tom divertido. "Ele vai esperar aqui fora por enquanto."

Não foi a reação que Steve esperava. Ele encontrou o olhar de August, o alfa mais velho o encarando com uma espécie de divertimento intenso que fez Steve se lembrar de sua fantasia de compartilhar Dylan com ele e Ryker.

Steve umedeceu o lábio inferior, desviando o olhar de August para Dylan.

"A menos que você esteja me convidando para voltar com você e assistir?"

Dylan ficou vermelho como um pimentão, e houve um segundo antes de ele começar a balançar a cabeça negativamente, sem dar a entender que havia considerado atender ao pedido implícito de Steve.

"Talvez da próxima vez", disse Ryker, assustando Dylan e fazendo August revirar os olhos. Ele piscou para Steve, com uma expressão promissora, e Steve não sabia o que pensar. "Vamos lá, vocês dois, vamos acabar logo com isso para podermos comer. Estou morrendo de fome."

Ryker colocou a mão na parte superior das costas de Dylan e o empurrou em direção à porta da clínica. Dylan o seguiu atordoado, antes de olhar abruptamente para cima e perguntar: "O que você quer dizer com 'da próxima vez'? Acha que vou fazer isso de novo?"

Ele parecia indignado, e Ryker riu.

“Talvez. Isso daria ao August uma desculpa para fazer um exercício de simulação médica.”

Eles saíram da recepção, Dylan com um olhar pensativo. A porta estava se fechando atrás deles quando Steve ouviu o pequeno humano perguntar: "Podemos transformar *isso* em uma simulação de situação médica?"

A porta se fechou, embora Steve ainda pudesse ouvir a risada divertida de Ryker e a respiração ofegante de August.

Ele escutou com um ouvido semicerrado enquanto Ryker rejeitava a sugestão de Dylan, o alfa dizendo a Dylan que estava muito perto da lua cheia para eles estarem fazendo jogos de interpretação. Ele caminhou até as cadeiras do outro

lado da sala, sentando-se enquanto aguçava os ouvidos para ouvir o que estava acontecendo no corredor.

Não adiantou muito. A clínica de August tinha um isolamento acústico muito melhor do que a maioria dos edifícios modernos, e assim que saíram do corredor e entraram na sala de exames, Steve não conseguia mais ouvir o que estava acontecendo.

Recostando-se na cadeira, Steve colocou a mão na protuberância em sua calça e se perguntou o que Ryker quis dizer com aquela afirmação. Será que ele estava brincando, com a frase "talvez da próxima vez" sendo sarcástica, ou estava realmente insinuando que Steve poderia ser convidado para participar de algo além das corridas noturnas à luz da lua cheia?

Steve reprimiu a onda de esperança e desejo que surgiu dentro dele. Ele tinha quase certeza de que Ryker e August o convidariam para entrar na matilha de alguma forma – não havia outra explicação para o convite na lua cheia – e pedir mais do que isso seria ganancioso e, pior, levaria a uma terrível decepção caso não conseguisse.

Não era incomum que Ryker e August quisessem expandir sua matilha. Como alfas, isso estava em sua natureza, e embora fosse difícil atrair betas, não seria impossível.

Steve massageou o volume na calça jeans, esfregando o pênis por cima enquanto refletia sobre o dilema em que a possível oferta de Ryker e August para se juntar à matilha o colocara. Esticou as pernas à sua frente, recostou-se na cadeira e soltou um suspiro enquanto se acariciava.

Seu pai jamais aceitaria que ele se juntasse a outra alcateia. Já era ruim o suficiente tê-lo rejeitado e ido viver em território neutro, mas se outra alcateia tentasse reivindicá-lo, seu pai o caçaria e o arrastaria de volta para Fairbanks pela orelha.

A única exceção seria se Steve assumisse o controle do grupo ao qual estava se juntando, mas, a julgar por seu desempenho contra Ryker e August individualmente, ele não tinha nenhuma chance de assumir o controle do grupo à força – nem queria.

A constatação de que teria que recusar qualquer convite oficial para se juntar à matilha de August e Ryker foi um golpe duro, mas ele não via outra saída.

Por outro lado, quando August e Ryker perceberam que o pai dele era o alfa da matilha Northwestern, qualquer convite para se juntar a eles provavelmente seria retirado. August e Ryker eram alfas excepcionalmente dominantes, mas não chegavam aos pés do pai ou do irmão mais velho de Steve, e Steve tinha certeza de que eles sabiam disso.

O pai de Steve tinha uma reputação.

Qualquer relacionamento que ele tivesse com August e Ryker teria que ser extraoficial, pelo menos até a morte de seu pai e a posse de seu irmão – algo que Steve não queria que acontecesse.

Ele podia ter muitos conflitos com o pai, mas ainda o amava e temia que algo lhe acontecesse.

Levantando-se, empurrando a cadeira para trás e batendo-a acidentalmente na parede, Steve concluiu que estava sendo bobo. Ele nem imaginava que Ryker e August queriam algo mais dele do que um amigo para passar o tempo na lua

cheia. Talvez estivesse se precipitando e se preocupando à toa.

A ideia de que o deixariam participar da brincadeira com Dylan era ainda mais absurda. Ryker estava apenas brincando, e Steve, embriagado pelas boas vibrações da lua cheia, interpretou tudo de forma exagerada.

Não é de admirar, considerando o quão feliz seu lobo estava. Ele não havia percebido o quão solitário estava desde que se mudou de casa, nem o quanto seu lobo havia sofrido.

Steve deu um puxão de orelha em si mesmo. Precisava parar de se preocupar e simplesmente deixar as coisas fluírem. Tinha feito novos amigos, só isso. Não havia motivo para se estressar.

Sentindo-se melhor, Steve olhou ao redor da elegante sala de espera. Tudo, da iluminação suave ao piso de madeira reluzente, exalava riqueza.

Alguns médicos escolheram a profissão porque queriam ajudar as pessoas, mas, a julgar pela aparência da clínica de August, ele não era uma dessas pessoas. Caminhando até a recepção, Steve passou o dedo pela parte de trás de um elegante computador iMac que parecia custar mais do que seu aluguel.

Dylan – ou, mais provavelmente, seus pais – deviam ter um plano de saúde muito bom, se esse era o tipo de consultório médico que ele frequentava. Franzindo a testa, Steve olhou ao redor novamente. Os móveis eram de grife, a geladeira com porta de vidro encostada na parede estava abastecida com água que custava quatro dólares a garrafa, e ele tinha quase certeza de que o prédio em que estavam era um dos mais caros da cidade.

O ambiente do lugar combinava perfeitamente com o estilo arrogante e rico de August, mas não parecia ser o tipo de lugar onde Dylan procuraria atendimento médico.

A curiosidade de Steve sobre o que estava acontecendo com Dylan o levou a caminhar até a porta que dava para a clínica e a empurrá-la cuidadosamente. Ele ficou parado na porta, conseguindo mais uma vez ouvir Dylan e seus dois alfas em uma das salas no final do corredor.

Pelo que Steve conseguiu ouvir, Dylan estava tentando convencer Ryker a deixá-lo fazer sexo oral nele enquanto August o abria para tirar a garrafa de dentro dele.

"Eu já disse que não", rosnou Ryker, e o som fez Steve estremecer.

Seu pênis pulsava, e ele admirava a capacidade de Ryker de manter-se firme e negar o pedido de Dylan.

Se fosse ele, Steve teria tirado o pênis para fora no segundo em que Dylan pediu e o enfiado na boca dele com entusiasmo e alegria.

"Isso me distrairia", argumentou Dylan, com a voz tensa e visivelmente intimidada pela severidade de Ryker.

“Se você me perguntar de novo, eu vou te colocar sobre o meu joelho e te dar umas palmadas, e não de um jeito divertido.”

Steve fechou os olhos, a imagem mental de Ryker dando palmadas furiosas em Dylan fazendo seu pau pulsar. Suas calças jeans estavam apertadas, e sua cueca estava úmida de esperma onde a cabeça de seu pau encostava no tecido.

"Isso é tão injusto", reclamou Dylan, com a voz embargada. Steve engoliu em seco, imaginando como Ryker conseguira resistir à tentação de tirar o pênis para fora e usá-lo para calar Dylan.

Steve estava se esforçando bastante para não invadir o local e oferecer seu pênis.

“Lide com isso.”

A voz de Ryker era calma, mas mesmo à distância e através da porta, Steve conseguia perceber a tensão nela.

"Só transa com ele logo", disse Steve, em voz baixa o suficiente para que Dylan não ouvisse, mas com certeza de que os dois lobisomens que estavam com ele ouviriam. "Eu entro e interrompo vocês se começarem a se empolgar demais."

Além de ser uma oferta absurda, e a situação entre os dois alfas e o ser humano não ser da conta dele, Steve estava revelando que estava ouvindo a conversa na sala de exames como um pervertido.

“Podemos confiar nele”, disse August, com a voz baixa e rouca.

"Sim, você pode!" disse Dylan, pensando que August estava falando dele. "Eu vou me comportar muito bem. Só quero chupar um pouquinho a cabeça para não ter que pensar em... você sabe."

Dylan deu um suspiro, provavelmente devido a August ter alargado ainda mais a borda do seu orifício, e Steve teve que morder os nós dos dedos para não gemer.

"O que eu disse que aconteceria se você perguntasse de novo?", perguntou Ryker, com a voz baixa e sedutora.

Steve prendeu a respiração, seu pau pulsando no ritmo do seu pulso enquanto esperava pela resposta de Dylan.

"Que você me daria uma palmada?"

Dylan parecia mais esperançoso do que qualquer outra coisa.

Por alguns segundos, não se ouviu nenhum som na sala, mas então o silêncio foi rompido pelo som de pele contra pele e Dylan soltando um grito de dor.

“Isso doeu!”

Ele pareceu chocado, mas não desagradado.

“Isso porque era minha intenção.”

Ryker deu outra surra em Dylan, e dessa vez não parou depois do primeiro golpe. Ele desferiu dez tapas fortes na bunda de Dylan, e só quando o barulho parou e só se ouvia a respiração ofegante vinda do quarto, Steve percebeu que ele tinha tirado o pênis para fora e estava se masturbando.

"E então, o que você tem a dizer em sua defesa?", perguntou Ryker. Ele estava ofegante, com a voz arrogante e rouca. Steve desejou poder vê-lo.

“Eu ainda quero chupar seu pau.”

Steve sorriu, esperando que Ryker lhe desse mais uma palmada pela observação atrevida.

“Então você não aprendeu a lição, é? Gosta quando eu te dou umas palmadas?”

Ryker desferiu outro golpe, resultando em um som de Dylan que era meio grito de dor, meio gemido.

“Ok, isso não está distraindo ele, está tomando conta e me atrapalhando”, interrompeu August, fazendo-se ouvir pela primeira vez desde que Ryker começou a dar palmadas em Dylan. “Afasta-te e me entrega esse espéculo.”

Steve ficou desapontado porque a diversão estava chegando ao fim. Ele

estava prestes a enfiar as mãos de volta nas calças jeans quando ouviu Ryker rosnar: "Abra a porta."

O que se seguiu foi, sem dúvida, a foda na garganta mais desleixada e impiedosa que Steve já tinha visto. Dylan engasgava e sufocava, tossindo e ofegando entre as estocadas, enquanto Ryker lhe dava o pau com o mesmo cuidado de um lobo devorando uma galinha.

“Isso mesmo, segure isso na garganta”, rosnou Ryker, enquanto Dylan permanecia suspeitosamente quieto. “Ah, não, você não vai fazer isso, continue. Você respira quando eu mandar respirar.”

Steve prendeu a respiração, sua mão movendo-se para cima e para baixo em seu pau em uma velocidade furiosa. Ele estava vazando como uma torneira, o líquido pré-ejaculatório lubrificando seu pau e fazendo um barulho molhado cada vez que ele se masturbava, o som de Ryker sufocando Dylan com seu pau fazendo seus testículos se contraírem.

Ryker manteve o pênis na garganta de Dylan por um tempo perturbadoramente longo, e Steve estava debatendo se deveria intervir e pôr um fim à situação quando ouviu Dylan ofegando em busca de ar.

Ouviu-se um estalo molhado, e Steve percebeu que Ryker estava batendo com o pênis no rosto de Dylan.

"Gostou disso?" perguntou Ryker, com a voz arrogante e quase como se estivesse bêbado. "Porra, coloca de volta na boca. Vou gozar."

Dylan fez um som como se tivesse recebido a melhor notícia do ano. Começou a chupar o pau do Ryker, fazendo barulho e lambendo, e naquele momento Steve teria dado tudo para ver aquilo.

"Porra, eu quero dar um nó na boca dele", grunhiu Ryker.

Steve já estava se movendo antes mesmo de Ryker terminar de falar, mas antes que ele chegasse à porta, August tornou sua intervenção desnecessária.

“Isso não vai acontecer.”

Ryker deu uma risadinha, um som pesaroso.

“Eu sei, eu só disse que queria. Eu não faria isso sem prepará-lo primeiro.”

"Não me importo", disse Dylan, com um tom de voz faminto. "Se quiser, pode dar um nó na minha boca."

Steve estremeceu, levando a mão de volta ao seu membro e apertando-o com força.

Ele deveria ter agarrado Dylan quando teve a chance. No instante em que sentiu seu cheiro, deveria tê-lo agarrado e levado de volta para sua matilha, onde poderia reivindicá-lo como deve ser e viver felizes para sempre.

“Porra”, disse Ryker, como se tivesse levado um soco na cara. “Dylan, não. Isso não é seguro. Talvez…”

O que quer que Ryker estivesse prestes a dizer foi interrompido por um suspiro. A julgar pelo som úmido da sucção, Dylan havia tomado a iniciativa e sugado o pênis dele de volta para dentro da boca.

"Porra!" Ryker rosnou, respirando com dificuldade.

Ele estava chegando, e pelo que parecia, Dylan estava bebendo tudo como se fosse maná dos céus.

"Ele não está perdendo uma gota", comentou August, parecendo impressionado.

Steve fechou os olhos, a mão trabalhando o pau como uma máquina enquanto se encostava na parede e ouvia Dylan engolir o esperma de Ryker.

"Sim, ele está lambendo minha fenda", disse Ryker, com a voz rouca. "Porra, sim. Aperte meus testículos assim."

Steve gozou, o orgasmo o pegou de surpresa e jorrou de seus testículos como um foguete. O sêmen espirrou de seu pênis, sua mão se movendo ainda mais rápido enquanto ele o estimulava, o grosso jato de esperma atingindo a parede à sua frente.

Sem a menor vontade de se preocupar com a limpeza, Steve se masturbou até atingir o orgasmo, desejando ter sido ele quem deu umas palmadas em Dylan e o alimentou com seu próprio pênis.

“O Steve está no corredor”, disse Ryker, com a voz baixa e um tom divertido. “Ele acabou de vir nos ouvir.”

"Ele fez isso?" perguntou Dylan. Ele parecia intrigado e constrangido, mas não chateado com o comportamento assustador de Steve.

“Sim, ele fez.”

“E agora sou o único que não veio”, interrompeu August, com um tom de irritação. “Acho que estamos prontos para tirar isso de você. Ryker, me dê essas pinças.”

Steve não tinha percebido que Dylan também tinha chegado ao clímax. A combinação de August trabalhando seu buraco e Ryker fodendo sua garganta deve tê-lo levado ao limite.

“Parecem muito grandes.”

A voz de Dylan parecia nervosa.

“Não se preocupe, eu já te estiquei o suficiente para que seja apenas um pouco desconfortável”, disse August. “Por que você não deixa o Ryker te distrair colocando as bolas dele no seu rosto?”

Steve deu um sorriso irônico, procurando algo para limpar a bagunça que tinha feito na parede e no chão enquanto ouvia August finalmente começar o processo de remover o frasco de xampu da bunda de Dylan.

Ele encontrou uma caixa de lenços de papel debaixo da mesa da recepção, mas a caixa estava apenas meio cheia e ele só conseguiu limpar a pior parte da sujeira na parede. Um banheiro algumas portas adiante rendeu resultados melhores. Steve encontrou um rolo de papel-toalha que usou para limpar o resto da sujeira, embora o corredor ainda cheirasse a esperma quando ele terminou.

Espera-se que o cheiro desapareça até segunda-feira de manhã, quando as pessoas chegarem à clínica para trabalhar.

Enquanto trabalhava, August finalmente conseguiu tirar o frasco de xampu do traseiro de Dylan.

Parecia um processo doloroso, e Steve ainda não conseguia entender por que algo que Dylan conseguira enfiar em seu ânus sem problemas seria tão difícil de tirar.

Dylan respirava com dificuldade, enquanto August murmurava palavras de incentivo e dizia-lhe que ele era um bom menino.

Steve voltou para o banheiro com sua pilha de lenços de papel e toalhas de papel manchados de esperma, jogando-os na lixeira ao lado da pia. Ele saiu no mesmo instante em que August e Ryker saíram da sala de exames, com Dylan

parado entre eles com uma expressão de alívio e felicidade no rosto.

Quando Dylan o viu, seu rosto ficou vermelho e ele rapidamente desviou o olhar.

"Você limpou tudo depois", disse Ryker, olhando para a parede onde Steve havia borrifado sêmen.

"Achei que devia", disse Steve, sem demonstrar muito constrangimento. Na verdade, ele até que gostou do cheiro que pairava no corredor, como se tivesse marcado território.

"Você deixou uma mancha", disse Ryker, apontando com a cabeça para as botas de Steve. Steve olhou para baixo e, com certeza, alguns respingos de esperma manchavam o couro.

“Acho que sim.”

Enfiando os polegares nos bolsos do casaco, ele se perguntou onde Ryker queria chegar com aquilo. De jeito nenhum ele ia se abaixar para limpar as botas.

“São botas bonitas”, comentou Ryker, mordendo o lábio e com um olhar brincalhão. Ele colocou a mão no pescoço de Dylan e o empurrou levemente para a frente. “Dylan, você não acha que deveria ajudar o Steve para que ele não estrague as botas bonitas dele?”

Dylan franziu a testa, parecendo confuso, mas Steve entendeu imediatamente. Seu pau voltou à vida, pressionando contra o jeans como se ele não tivesse acabado de gozar com mais força do que desde a adolescência.

Dylan olhou para Ryker com a testa franzida, parecendo adorável. "O que você quer dizer?"

"Sério?" perguntou August, com um tom resignado, mas sem se opor. Ryker sorriu, empurrando Dylan para a frente e colocando as duas mãos em seus ombros. Apertou-o com força, obrigando Dylan a fazer um esforço para não dobrar os joelhos.

“Você é a razão pela qual ele fez essa bagunça. Acho que você deveria ajudá-lo a se limpar.”

Dylan hesitou, ainda resistindo às mãos de Ryker em seus ombros, sem entender a indireta de que deveria se ajoelhar.

Ele olhou para Steve, o olhar oscilando entre o rosto, as botas e as costas dele, e então por cima do ombro para Ryker.

Você tem um lenço de papel ou algo que eu possa usar?

Ryker deu uma risadinha, com um tom feroz, enquanto empurrava Dylan mais um passo à frente e o forçava a se deitar. "Você não precisa de um lenço de papel, você tem a sua língua, não é? Ajoelhe-se e lamba as botas do Steve até ficarem limpas."

Em vez de cair graciosamente de joelhos, a força nos ombros de Dylan o fez cair para trás e aterrissar sentado entre as pernas de Ryker. Ele olhou para os três lobisomens que o cercavam, o rosto vermelho e os olhos arregalados.

"Você não precisa", disse August, com a voz rouca. "É uma escolha sua."

Steve olhou para ele, surpreso. Não estava surpreso que August estivesse dando uma saída para Dylan, mas sim que ele parecesse relutante em fazê-lo.

“Claro, a escolha é sua”, disse Ryker, agachando-se e agarrando a cintura de Dylan. Ele o levantou e o colocou de joelhos, fazendo-o gritar de surpresa, e o empurrou na direção de Steve. “Mas seria muito excitante se você fizesse isso.”

Dylan engoliu em seco, e Steve observou com a respiração suspensa enquanto ele rastejava hesitante em sua direção. Seus movimentos eram lentos, e ele parou duas vezes para olhar para trás, para August e Ryker, em busca de segurança. Quando alcançou a bota de Steve, ergueu o olhar com uma expressão envergonhada.

"Você quer que eu...?" Ele parecia não conseguir terminar a pergunta, mas Steve sabia o que ele estava perguntando.

Sentindo-se como se estivesse preso ao chão, com o pênis pulsando no ritmo do seu pulso, Steve engoliu a saliva que ameaçava escorrer pelo queixo e assentiu com a cabeça.

"Faça isso."

Dylan respirou fundo e aproximou o rosto do pé de Steve, colocando a boca sobre uma das gotas do sêmen de Steve e lambendo-a.

O couro rígido da bota de Steve fazia com que ele mal sentisse o movimento da língua de Dylan, mas isso não importava. Ver o garoto de joelhos à sua frente, lambendo sua bota e engolindo seu esperma, era um milhão de vezes melhor do que ouvi-lo ter o rosto fodido no outro quarto.

Com o rosto deslizando pelas botas de Steve, Dylan lambeu os últimos vestígios do sêmen de Steve com cuidadosas lambidas.

"Você gosta do sabor disso, não é?" Ryker rosnou, massageando o volume na calça enquanto se aproximava de Dylan por trás e cutucava entre suas pernas com o pé. "Venha e bata. Você deveria agradecer ao Steve por te dar esse presente."

Dylan gemeu, murmurando um sussurro de "obrigado", enquanto lambia a lateral do tornozelo de Steve.

Foi o gemido que levou Steve ao clímax. Mesmo sem tocar no pênis, seus testículos se contraíram e ele gozou com tanta força que seus músculos abdominais se contraíram e ele precisou se apoiar na parede.

Dylan parou de lamber, olhando para a virilha de Steve por entre as pernas e encarando a mancha úmida que se espalhava lentamente pela coxa. O cheiro forte e almiscarado de esperma preenchia o ar, intenso, enquanto o pênis de Steve jorrava ejaculações e mais ejaculações, sujando completamente suas calças jeans.

Dylan lambeu os lábios, olhando para a virilha de Steve com um desejo que fez Steve cerrar os dentes e resistir ao impulso de agarrar o garoto pelos cabelos e esfregar o rosto dele em seu volume. Ele nunca tinha visto alguém parecer tão faminto por seu sêmen.

“Tenho umas calças jeans extras que você pode pegar emprestado”, disse August, virando-se e voltando para o escritório. As palavras despertaram Steve do transe, fazendo-o desviar o olhar da expressão faminta de Dylan. Quando August abriu a porta e entrou no escritório, virou-se para Steve e revirou os olhos. “Você vem?”

Antes que Steve tivesse tempo de se mexer, Dylan interrompeu: "Acho que ele acabou de fazer isso."

A piada dissipou a tensão crescente, fazendo August e Ryker rirem. Steve levou a mão ao rosto, acariciando o queixo e soltando um suspiro divertido.

"Sim, eu fiz." Ele apalpou o volume na calça, plenamente consciente da

proximidade do rosto de Dylan com sua virilha, e o apertou. Uma onda de prazer percorreu sua espinha ao tocar a glande sensível através do jeans.

"Steve", August disse seu nome como um aviso, e Steve se recompôs mentalmente. Ele ergueu os olhos e encontrou o olhar de August.

“Sim, eu vou.”

Ele estendeu a mão, bagunçou o cabelo de Dylan e, em seguida, afastou-se relutantemente em direção ao escritório de August.

August estendeu a mão por cima dele, fechou a porta e caminhou até o armário, de onde tirou um par de calças jeans. Ele ofereceu as calças, mas quando Steve estendeu a mão para pegá-las, August as puxou de volta.

“Isso não significa que você pode transar com ele.”

August parecia estar tentando convencer a si mesmo, em vez de impor regras a Steve.

Steve inclinou a cabeça, apreciando o fato de ser mais alto e mais largo que August. Endireitou a coluna, usando seu tamanho para se impor sobre o outro alfa. "Não?"

Dylan estava tecnicamente disponível. Ryker e August não o haviam marcado com a mordida que consolidaria sua posse e o tornaria verdadeiramente inacessível.

August não se intimidou. Ele estreitou os olhos. "Só se dermos permissão a vocês."

Steve umedeceu os lábios, estudando a expressão de August e tentando adivinhar o que ele estava pensando. "Essa não deveria ser uma decisão do Dylan?"

August deu um passo à frente, obrigando Steve a recuar inconscientemente. De repente, ele se sentiu tolo por tentar usar seu tamanho para intimidar o outro homem.

Ambos sabiam quem era o mais dominante, e não era o Steve.

“É sim”, confirmou August, cruzando os braços. “Mas não só dele.”

“Será que Dylan sabe disso?”

August sorriu, mostrando suas presas e dando mais um passo em sua direção. Desta vez, Steve não recuou, embora seu lobo estivesse choramingando para que ele parasse de se exibir e mostrasse a barriga.

Ele já tinha levado esse confronto longe demais.

"Você acha que ele não sabe?" August estendeu a mão e traçou o contorno da jaqueta de Steve, o dorso da mão acariciando o peitoral saliente dele. "Você acha que ele está confuso sobre o tipo de relacionamento em que está se metendo?"

Steve balançou a cabeça, estremecendo com a sensação dos dedos de August contra seu peito. August e Ryker não eram exatamente discretos, e não havia como Dylan não perceber o quão possessivos eles eram. Na verdade, Dylan parecia gostar desse aspecto deles.

August recuou, não mostrando mais suas presas. "Não se preocupe. Se Dylan quiser nos deixar e escolher você, nós o deixaremos. Não somos bárbaros completos. Mas até que ele faça essa escolha, você seguirá nossas regras. Combinado?"

Steve assentiu com a cabeça, submetendo-se à autoridade de August.

"Acordado."

August jogou as calças jeans para ele. "Ótimo. Agora vamos tomar café da manhã."

Ele saiu da sala, dando a Steve privacidade para se trocar e organizar seus pensamentos.

Olhando para a porta, ouvindo Ryker do outro lado contando a Dylan sobre a lanchonete para onde iriam, Steve tirou as botas recém-lambedas, despiu-se das calças jeans e da cueca sujas e se perguntou o que August e Ryker haviam planejado.

Provavelmente nada, pensou ele, vestindo as calças jeans de August e puxando-as até as coxas. August e Ryker pareciam estar improvisando, a lua cheia diminuindo suas inibições e fazendo-os agir por impulso, algo que normalmente não fariam, sem seguir nenhum plano.

Abotoando as calças jeans, levando a mão à frente para ajeitar o pênis, Steve fechou o zíper da calça e se abaixou para calçar as botas novamente.

Ele parou no meio do caminho, com a calça jeans de August ameaçando rasgar quando o movimento fez o tecido esticar sobre sua bunda. Levantando-se novamente, sem querer arriscar rasgar a calça emprestada, Steve calçou as botas com a ponta dos pés e levantou as pernas uma a uma para encaixar os pés corretamente.

Ele ficou aliviado por August e os outros não terem presenciado suas manobras desastradas. Isso teria arruinado a aura de alfa descolado que ele estava tentando transmitir.

Quando terminou de calçar as botas, Steve olhou para as pernas e fez uma careta. Suas pernas pareciam salsichas recheadas demais. As coxas se projetavam contra o jeans, um tecido que não era nem de longe elástico o suficiente para ser confortável, e não havia espaço suficiente para os testículos.

A linha do seu pênis era claramente visível contra a coxa, como se ele tivesse enfiado um salame na frente da calça jeans, com as veias do corpo e a glande aparecendo através do tecido.

Ele suspirou. Era melhor do que usar as suas próprias calças, encharcadas de sêmen, mas teria que carregar algo na frente da virilha para evitar cometer um ato de atentado ao pudor. Lançando um último olhar de insatisfação para as pernas, voltou para o corredor, carregando a roupa suja e perguntando a August se ele tinha um saco plástico onde pudesse guardá-la.

"Claro", disse August, estendendo a mão e apertando o pescoço de Dylan antes de voltar para seu escritório. "Eu pego para você enquanto vocês chamam o elevador."

"Obrigado."

Steve seguiu Ryker e Dylan para fora do corredor e para a sala de espera. Dylan lançava olhares furtivos para trás, encarando a virilha de Steve, e depois fingia que estava apenas observando a decoração.

De repente, Steve deixou de se importar com as calças jeans desconfortáveis.

"Você está se sentindo melhor agora?", perguntou Steve, caminhando ao lado de Dylan enquanto Ryker apertava o botão para chamar o elevador.

"Muito melhor", disse Dylan, com um pequeno sorriso feliz se formando em seus lábios enquanto olhava para Steve. Após um breve silêncio, ele perguntou: "E você? Teve uma boa lua cheia?"

Ryker olhou para o lado, aguardando a resposta de Steve, e posicionou-se do outro lado de Dylan.

"Comi sim!" disse Steve, lembrando-se da incredulidade que sentiu quando Dylan lhe contou que August e Ryker o convidariam para correr com eles na lua cheia. Ele sorriu radiante. "Comi um coelho."

Dylan ergueu a sobrancelha, parecendo não saber o que dizer.

"Estava delicioso", acrescentou Steve, lembrando-se da sensação boa de expulsar aqueles bichinhos sorrateiros de suas tocas e caçá-los com Ryker e August. Os pobres coelhos não tiveram a menor chance.

"Que bom", disse Dylan, parecendo um pouco constrangido.

"Foi sim", disse Ryker, fazendo Steve sentir um frio na barriga. "Steve se encaixa perfeitamente na nossa equipe."

O peito de Steve estufou de orgulho, um calor intenso percorrendo sua espinha atrás das costelas.

"Sou sim", concordou ele, fazendo Dylan bufar.

Steve beliscou a orelha dele em represália, fazendo Dylan se assustar e corar levemente. A reação foi inesperada, e o pau de Steve lutou para ficar duro dentro da prisão de jeans. Ele olhou para o lado, cruzando o olhar com o de Ryker.

Ryker sorriu, e um momento de apreciação mútua passou entre eles.

Steve voltou sua atenção para Dylan, apenas para ver que o garoto estava encarando sua virilha. A boca de Dylan estava entreaberta, seus olhos vidrados, e ele parecia querer apenas se aconchegar e roçar o nariz na protuberância de Steve até gozar novamente.

Ao perceber que havia sido flagrado encarando, Dylan desviou o olhar bruscamente e corou.

"Tudo bem, você pode olhar", disse Ryker, colocando a mão na nuca de Dylan. "Tenho certeza de que Steve não se importa."

August aproximou-se por trás deles e bufou. "Claro que não." Entregou a Steve um saco plástico. "Aqui está."

Steve pegou a sacola, enfiou suas calças jeans e cuecas sujas dentro e a fechou com um nó. "Obrigado."

As portas do elevador se abriram e os quatro entraram, com Ryker apertando o botão do térreo.

Assim que as portas se fecharam, Steve observou o reflexo deles nas portas. Ele, August e Ryker estavam atrás de Dylan, pairando sobre ele e fazendo-o parecer um cordeirinho perdido cercado por lobos maus.

Steve esperava que, quando chegasse a hora da carnificina, ele fosse convidado a participar.

RYKER

Assim que a garçonete anotou o pedido e se afastou, Dylan se virou para August e perguntou se podia chupar o pau dele debaixo da mesa.

Ryker engasgou com o café, o tom sério da voz de Dylan em completo desacordo com a obscenidade do seu pedido.

"Com licença?" perguntou August, passando a língua pelos lábios enquanto olhava para Ryker com uma expressão de *"que porra é essa?"* .

Dylan engoliu em seco, parecendo subitamente constrangido e inseguro. Ele estava sentado ao lado de August, aconchegado sob seu braço, enquanto Steve e Ryker estavam sentados do outro lado da mesa, em uma cabine no fundo da lanchonete. Ao ver os olhares de choque que recebia, afastou-se de August e tentou se explicar.

"Bem, você não pôde voltar à clínica, e eu pensei que seria legal, já que você me ajudou e tudo mais."

Ryker franziu a testa, imaginando o que se passava na cabeça de Dylan.

“Você não me deve nada por isso”, disse August. Ele sorriu para Dylan e bagunçou seus cabelos. “Eu consigo sobreviver sem ter um orgasmo pela manhã.”

Dylan parecia profundamente decepcionado, com uma expressão tão lamentável que Ryker quase disse a August para parar de ser cruel e deixar Dylan rastejar para debaixo da mesa e lhe fazer um boquete. Foi a intensidade da decepção de Dylan que despertou uma suspeita alarmante na mente de Ryker.

Ele decidiu testar sua teoria ainda em formação, sentindo um apreensão crescente no estômago enquanto se inclinava para a frente, na esperança de estar apenas sendo paranoico.

"Você pode ficar com o pau dele se deixar a gente mijar na sua boca primeiro. Fechado?"

Os olhos de Dylan se arregalaram, com uma expressão de traição e horror no rosto, mas então ele respirou fundo e assentiu.

“Certo, eu consigo fazer isso. Devemos ir ao banheiro, ou-”

"Eu só estava brincando com você", interrompeu Ryker, forçando um sorriso e inclinando-se para a frente como se estivesse te provocando. "Eu sei que você não gosta de xixi. Você nunca precisa fazer nada que não goste. Nós não te dissemos isso?"

Dylan piscou, com o lábio tremendo. August e Steve alternavam o olhar entre os dois, com olhares confusos e cautelosos.

“Isso foi meio doentio, Ryker.”

August parecia mais desaprovador do que Ryker jamais o ouvira.

“Eu sei. Achei que seria engraçado, mas acho que me enganei.” Ele deu uma risadinha, um som pouco convincente, e voltou o olhar para Dylan. “Você não pode fazer sexo oral nele debaixo da mesa, porque alguém pode te ver. Mas se quiser, o August pode te levar ao banheiro e você pode fazer lá.”

"Ele consegue?" perguntou August.

"Se ele quiser", disse Ryker, tentando comunicar que August deveria concordar com sua ideia.

“Quer dizer, sim, ele pode.”

Dylan sorriu, com uma expressão de quem tinha ganhado na loteria. Saiu correndo da cabine, tropeçando de tanta animação enquanto esperava August segui-lo.

“Não vou usar nenhum dente, prometo!”

"Tenho certeza que não", disse August, mais confuso do que excitado. Ele deixou Dylan guiá-lo até o banheiro, olhando para Ryker com um olhar inquisitivo.

"Eu te conto depois", disse Ryker, quando Dylan já estava fora do alcance da voz. "Só pegue leve com ele. Nada de violência."

August assentiu com a cabeça e então voltou toda a sua atenção para Dylan. Eles caminharam pelo corredor em direção aos banheiros, desaparecendo de vista.

"Quer me contar o que foi tudo aquilo?", perguntou Steve, apoiando o cotovelo na mesa e encostando as costas na parede.

Ryker soltou um longo suspiro. "Na verdade, não."

Steve o observou, o olhar percorrendo seu rosto até o outro lado da lanchonete, onde Dylan e August haviam desaparecido no banheiro. Um olhar de compreensão surgiu de repente em seu rosto.

“Espere, ele está se transformando em ômega?”

Ryker fez uma careta, a palavra *ômega* provocando uma confusão de sentimentos dentro dele. Vergonha, por ter ignorado os primeiros sinais de alerta; arrependimento, pelo que isso significava para Dylan; e, acima de tudo, uma satisfação perversa e perturbadora que o fazia se sentir a pior pessoa do mundo.

"Estou realmente tentando não tirar essa conclusão precipitada." Ryker se inclinou para a frente, apoiando-se nos cotovelos, e enterrou o rosto nas mãos. Ele olhou para Steve de soslaio. "Talvez ele só estivesse excitado?"

Steve inspirou profundamente, rangendo os dentes. "Tão excitado a ponto de beber urina quando não é algo que lhe agrade?"

Ryker se deixou cair, furioso consigo mesmo. O cheiro tão bom de Dylan deveria tê-lo alertado de que isso poderia acontecer. Era raro humanos se tornarem ômegas – as chances eram comparáveis às de ganhar na loteria ou ser atingido por um raio – mas ele deveria ter considerado essa possibilidade.

Os humanos só se tornavam ômegas quando tinham relações sexuais com mais de um alfa, e Ryker deveria ter levado essa possibilidade em consideração quando ele e August começaram a transar com ele como coelhos.

"Você acha que ainda há tempo para desmamá-lo disso?", perguntou ele, levantando a cabeça e olhando para Steve em busca de respostas.

"Não sei", disse Steve, virando-se na cadeira. Ele imitou a pose de Ryker, inclinando-se para a frente apoiado nos cotovelos. "Quer dizer... Se ele está com desejo sexual, o processo deve estar bem avançado. Nunca ouvi falar de alguém que tenha conseguido revertê-lo."

Ryker resistiu à vontade de socar a mesa.

"Você vai contar para ele?", perguntou Steve, com cautela na voz.

Ryker soltou uma risada raivosa. "Acho que ele vai perceber que é viciado no nosso esperma, então, sim, provavelmente terei que mencionar isso."

"Certo."

Steve cutucou-o com o ombro. "Não é como se você tivesse feito isso de

propósito, e você não deu uma mordida de reconhecimento nele. Todas as histórias que ouvi sobre como transformar ômegas dizem que você precisa morder o humano que está tentando transformar para que funcione."

Ryker havia esquecido esse detalhe, mas isso não o fazia se sentir melhor. Não mudava nada em relação ao que estava acontecendo com Dylan.

"Você acha que pode ser outra coisa?" Ele recostou-se, mantendo uma das mãos sobre a mesa. Tamborilou os dedos na lateral do copo enquanto esperava a resposta de Steve.

"Talvez?" Steve também se recostou, seus ombros se tocando. "Quer dizer, será que isso poderia criar um vínculo?"

"O que você quer dizer?"

“Bem, você está quase conseguindo reivindicá-lo, certo? Será que isso está acontecendo porque você ainda não concluiu o processo e não deu a ele a mordida de reivindicação?”

Uma onda de esperança surgiu no peito de Ryker. "Você já ouviu falar disso?"

A esperança no peito de Ryker murchou como um balão estourado quando Steve balançou a cabeça negativamente.

“Não, mas nunca se sabe.”

“Steve,” Ryker se virou e encarou o alfa mais jovem de frente.

"Sim?"

“Por favor, pare de ajudar.”

Steve se deixou cair, parecendo um cachorrinho abandonado. "Desculpe."

Ryker se sentiu um idiota. Ele cutucou o ombro de Steve em um pedido silencioso de desculpas, e o alfa mais novo parou de parecer tão patético.

Eles ficaram sentados em silêncio. Depois de uns cinco minutos, a garçonete trouxe as bebidas, lançando um olhar interrogativo para a mesa vazia do outro lado, onde estavam Ryker e Steve.

“Eles voltarão em breve”, disse Ryker, pegando seu café e tomando um longo gole.

A garçonete, uma mulher alta e magra na casa dos cinquenta, com o rosto marcado pelo tempo e olhos bondosos, sorriu. "Não tem problema. Sua comida chegará em um instante, querida."

“Parece ótimo”, disse Ryker.

A garçonete saiu apressada e, um minuto depois, August e Dylan estavam caminhando em direção a eles e se acomodando do outro lado da mesa.

August exibia seu típico brilho pós-orgasmo, um sorriso nos lábios e o corpo relaxado, enquanto Dylan parecia ter acabado de voltar de umas férias revigorantes em um spa de luxo nos Alpes.

A diferença em relação a apenas alguns minutos atrás era impressionante.

"Está se sentindo melhor?", perguntou Ryker, estudando atentamente a expressão de Dylan.

Dylan assentiu com a cabeça, um semblante tímido cruzando seu rosto. "Bem melhor." Ele olhou para August, um leve rubor espalhando-se por suas bochechas.

August não disse nada, mas, a julgar por sua expressão, ficou claro que ele tinha dúvidas sobre o que estava acontecendo.

“Como você se sentiu até hoje?”, perguntou Ryker.

"O que você quer dizer?"

Ryker ergueu a xícara de café e a ergueu, pronto para beber. "Quer dizer, você tem se sentido bem? Você parecia um pouco estranho mais cedo, além da questão do xampu, quero dizer."

Dylan deu de ombros, olhando para a mesa. "Só senti falta de vocês, só isso. Não estava doente nem nada."

August chamou a atenção de Ryker, que franziu as sobrancelhas e ficou com uma expressão bastante confusa.

"Só estou perguntando porque, às vezes, quando dois ou mais alfas fazem sexo com um humano, o humano pode desenvolver uma espécie de vício em... bem, no esperma deles, basicamente."

Dylan olhou para ele, com os olhos arregalados. "Você tem esperma viciante?"

Ryker fez uma careta. "É extremamente raro. August e eu já transamos com... bem, digamos que foram muitos humanos, e isso nunca aconteceu antes."

“Mas você acha que isso está acontecendo comigo?”

Ryker deu de ombros, visivelmente desconfortável. Olhou para August, seu companheiro, que parecia perplexo, antes de voltar a atenção para Dylan.

"Acho que pedir para rastejar debaixo da mesa para fazer sexo oral no August foi um pouco fora do comum, e isso me deixou preocupada."

Dylan se virou para Steve. "Você sabia que isso poderia acontecer?"

Steve pareceu surpreso ao ser interpelado. Endireitou-se um pouco na cadeira, o olhar oscilando entre Ryker e August antes de fixar o olhar em Dylan.

"Quer dizer, eu já ouvi falar disso, mas é como descobrir que seu parceiro é alérgico a esperma. É algo tecnicamente possível, mas não é algo em que você pensaria antes de fazer sexo com alguém."

Dylan pareceu aliviado. Ryker franziu a testa, imaginando se ele havia pensado que o tinham viciado em seu esperma de propósito.

"Você tem se sentido estranho?", perguntou August, falando pela primeira vez. Ele se afastou de Dylan, deixando um espaço entre eles, onde se sentaram lado a lado.

Dylan engoliu em seco, torcendo as mãos no colo.

"Talvez?" Ele olhou para baixo, mordendo o lábio inferior com preocupação. "Quer dizer, andei bem excitado esses últimos dias, mas achei que fosse só porque estava com saudades de vocês. Mas hoje de manhã foi bem ruim."

"Ruim como?" perguntou Ryker.

Dylan demorou um pouco para responder. Seu rosto estava vermelho, seus ombros curvados de vergonha.

"Eu estava muito excitado, mas de um jeito ruim?", disse ele, engolindo em seco ruidosamente. Ele olhou para cima. "Como se eu estivesse vazio, sabe?"

Ryker não sabia. A sensação mais próxima de vazio que ele já havia sentido era fome, mas ele não achava que fome fosse a sensação que Dylan estava descrevendo.

"Vazio de um jeito que você achou que um frasco de xampu resolveria?", perguntou August, sem nenhuma intenção de provocar.

Dylan assentiu com a cabeça. "Eu não estava realmente pensando."

Por um minuto, ninguém disse nada, todos processando a informação. O silêncio foi finalmente quebrado pela garçonete que se aproximou da mesa com uma bandeja repleta de comida.

“Aqui está, aproveitem, pessoal”, disse ela, colocando os pratos na mesa com uma velocidade impressionante. “Precisam de mais alguma coisa?”

“Não, obrigada, está tudo bem”, disse August, lançando-lhe um sorriso educado.

"Certo. Já volto com mais café para vocês, mas se precisarem de alguma coisa antes disso, é só chamar."

"Farei isso", disse August.

Quando ela saiu, Ryker pegou sua faca e garfo e começou a comer. Steve e August o imitaram, mas Dylan ficou sentado olhando para a comida.

“Se eu sou viciado em você… sabe, então o que isso significa? Como resolvemos isso?”

"Não podemos", disse August, enfiando duas fatias de bacon na boca. Ryker o encarou, não gostando da sua franqueza.

"O que você quer dizer?"

“Não é um vício no sentido médico”, explicou August. “Não dá para parar de uma vez ou se livrar do vício aos poucos.”

A julgar pela expressão no rosto dele, Ryker percebeu que aquela não era uma resposta aceitável.

“O que acontece se eu tentar?”

August hesitou, e então Ryker respondeu à pergunta.

“Você vai ficar doente, e se deixarmos isso demorar muito, você vai morrer.”

Dylan olhou para ele, boquiaberto. Deu uma sacudida em si mesmo e riu.

“Ok, isso não tem graça.”

Ryker olhou para ele, enquanto August e Steve olhavam para a comida com uma esquiva covarde.

“Não, não é.” Ryker suspirou e passou a mão pelos cabelos. “E eu sinto muito mesmo.”

“Só porque isso aconteceu não significa que você tenha que estar conosco”, disse August.

Diante do olhar vago de Dylan, ele explicou: “Você só precisa do nosso esperma. Se não quiser ficar com a gente, podemos ejacular em uma camisinha e mandar pelo correio ou algo assim. Você nem precisaria nos ver. Poderia misturar em um shake de proteína ou inserir no seu reto com uma seringa de peru. O que eu quero dizer é que não vamos usar isso para te prender e te obrigar a ficar com a gente.”

O lobo de Ryker rosnou em desaprovação à sugestão, e ele ficou impressionado com o fato de August ter conseguido subjugar seu próprio lobo o suficiente para fazer a proposta.

Dylan esfregou a ponte do nariz, ignorando a declaração de August. "Se é um vício, deve haver um jeito de ficar sóbrio."

Ryker balançou a cabeça. "Desculpe, mas não. Não é um vício médico."

"Então, o que é?" Dylan parecia irritado. Ele olhou ao redor da mesa, frustrado e com um olhar furioso.

Ryker bufou, com um sorriso sombrio e divertido. "Não sei. A mesma coisa

que me permite criar garras e dentes na lua cheia?"

Dylan pareceu extremamente insatisfeito com aquela explicação.

“Então é tudo besteira de lobisomem, é isso que você está me dizendo?”

Ryker assentiu com a cabeça.

“Talvez estejamos nos precipitando”, disse August, tentando aliviar a tensão. “Você pode não estar se transformando em um ômega. Você pode simplesmente estar com tesão normal. Não sabemos ao certo.”

Dylan balançou a cabeça. "Não, tinha algo errado comigo. Fiquei tão assustado que comecei a chorar no chuveiro. Não era normal." Ele franziu a testa e se virou para August. "É assim que se chama alguém a quem isso acontece? Um ômega?"

Agosto assentiu com a cabeça.

“Certo. Tudo bem.” Dylan respirou fundo, pegou a faca e o garfo e cortou as panquecas. “Então eu sou um ômega. Ótimo. Posso lidar com isso.”

Ele enfiou um pedaço enorme de panqueca, pingando manteiga, na boca e mastigou com avidez.

"Você consegue?" perguntou Ryker.

"Eu tenho escolha?" perguntou Dylan, com a boca cheia de comida. Havia um olhar selvagem e acuado em seus olhos.

Ryker estremeceu e balançou a cabeça negativamente.

“Então acho que vou ter que fazer isso.” Dylan pegou seu copo d'água e tomou um gole profundo. Ele olhou para Ryker por cima da borda do copo e, quando terminou de engolir, perguntou: “Vai piorar?”

“Pelo que ouvi, não.” Ryker olhou para Steve para ver se ele tinha ouvido algo diferente de sua matilha, mas ele não contestou. Voltou seu olhar para Dylan. “Dizem que é bem previsível.”

Dylan assentiu com a cabeça, visivelmente se acalmando. Ele pousou o copo e começou a mexer na faca e no garfo. "Então, se a última semana serviu de exemplo, consigo ficar uns seis dias sem começar a me sentir mal. Não é tão ruim."

Ryker desejava poder fazer algo para que Dylan parasse de parecer tão encurralado.

"Sou um lobisomem viciado", murmurou Dylan, falando consigo mesmo, e por um segundo pareceu que ele estava prestes a ter um ataque de pânico. "*Merda* ."

Ryker o observava, tentando pensar em algo que pudesse fazer para ajudar, mas Dylan se recompôs.

"Vamos comer", disse Dylan, espetando outro pedaço de panqueca no garfo e levando-o à boca.

Ryker seguiu o exemplo e pegou o garfo. Manteve o olhar fixo em Dylan, observando-o discretamente enquanto comia.

No meio do caminho para levar um pedaço de bacon à boca, Dylan de repente largou a faca e o garfo e saiu do banco. Ryker viu a mão de August se mover bruscamente, como se ele quisesse puxar Dylan de volta para a mesa ao lado, mas felizmente seu amigo conseguiu resistir ao impulso.

Dylan se virou para eles, parecendo sem jeito e arrependido.

“Preciso de um tempo para pensar, tá bem?”, disse ele, pegando a jaqueta e

vestindo-a. Seus movimentos eram apressados e ele teve dificuldade para fechar o zíper. “Podemos nos encontrar mais tarde?”

Ryker assentiu com a cabeça, sentindo um aperto no estômago. "Claro. Leve o tempo que precisar."

“Te ligo mais tarde. Obrigada por… obrigada por me contar, eu acho. Fico feliz que você não tenha tentado esconder.”

“Isso teria sido uma coisa horrível de se fazer”, disse Ryker.

Dylan deu uma risadinha, sem parecer nada divertido. "É, teria mesmo." Tirou as mãos dos bolsos, acenou sem muita convicção e se virou. "A gente se fala depois."

Ryker observou-o atravessar rapidamente o salão da lanchonete e sair pela porta, recostando-se na cadeira assim que ele desapareceu de vista.

“Bem, isso poderia ter sido pior”, disse August.

Ryker olhou para ele para ver se ele estava brincando.

"Poderia ter acontecido! Ele não surtou nem pensou que fizemos isso de propósito."

“Essa é uma meta bem modesta.”

“Ele não pareceu estar zangado com você”, acrescentou Steve, com um tom pensativo. Como nem Ryker nem August protestaram por ele ter expressado sua opinião, ele continuou: “Acho que ele só precisa de um tempo para processar o que você disse a ele”.

Ryker suspirou, com as mãos no colo. Ele só tinha comido metade da comida, mas não estava com vontade de comer mais. Seu apetite havia desaparecido, o que era inédito para a manhã seguinte à lua cheia. Ele se virou para Steve, observando o rapaz mais novo. Steve ainda comia, curvado sobre o prato e devorando a comida como uma máquina.

"Você acha?", perguntou ele.

Steve se virou para ele. "Quer dizer, as coisas estavam indo muito bem, não é? Ele gosta muito de você. Isso é um choque, só isso. Ele vai se acostumar com a ideia e tudo ficará bem."

Ryker esperava estar certo.

“Sinto muito que você tenha se envolvido nisso.”

Steve pousou o garfo, com uma expressão envergonhada. "Não sou."

"Não?" perguntou Ryker, com um tom mais leve. Mesmo que a situação com Dylan não fosse das melhores, pelo menos com Steve tudo tinha corrido conforme o planejado.

"Não."

A lua cheia da noite passada tinha sido uma das melhores de sempre – Steve encaixou-se perfeitamente como se se conhecessem há anos – e se não fosse pelo desastre que foi Dylan tornar-se um ómega, Ryker tinha quase a certeza de que estaria a insistir para que tivessem uma conversa sobre o alfa mais novo neste momento.

Ryker gostava de Steve, e passar uma lua cheia com ele só fez com que gostasse ainda mais.

"A gente devia fazer isso de novo, antes da próxima lua cheia", disse August, fazendo Ryker e Steve olharem para ele. "Ir para a reserva, quer dizer."

August ainda tinha uma expressão preocupada, mas parecia que as palavras

de Steve o tinham ajudado um pouco.

"Eu toparia", disse Ryker.

"Eu também", disse Steve, parecendo se esforçar para não sorrir. Ele parecia entusiasmado. "Tenho que trabalhar no próximo fim de semana, mas no seguinte estou de folga."

Ele estava praticamente pulando na cadeira.

"Tudo bem, é um encontro", disse Ryker, gostando de como sua escolha de palavras fez Steve corar. Ele olhou para August, imaginando se ele ficaria irritado por ele estar usando a palavra " *encontro"* , mas August apenas revirou os olhos.

DYLAN

Quando Dylan chegou em casa vindo da lanchonete, ainda atordoado com a descoberta de que era um lobisomem viciado, ele se arrastou para a cama e se escondeu debaixo das cobertas.

Ele estava completamente perdido.

Toda vez que ele tentava assimilar o fato de estar ligado a August e Ryker para o resto da vida, seu coração começava a bater forte e ele sentia como se alguém estivesse sentado em seu peito – e não de um jeito divertido, como quando August sentava em seu peito e ficava esfregando o pênis na sua cara.

Dylan gemeu, seu pau pulsando ao se lembrar do enorme membro de August batendo em suas nádegas. Ele não entendia como podia se excitar com a lembrança da dominação lúdica de August e ainda se sentir tão ansioso. Os dois sentimentos deveriam ser incompatíveis, e o fato de existirem ao mesmo tempo fazia Dylan temer que sua excitação fosse uma manifestação de ser um ômega.

Só que não era. Dylan gostava quando August se sentava em cima dele, sua bunda grande o empurrando para baixo no colchão e dificultando a entrada de ar em seus pulmões, seu lindo pênis vazando um fluxo constante de líquido pré-ejaculatório por todo o seu rosto. Era divertido.

"Nem era um vício de verdade", esbravejou Dylan. "Vícios são doenças que podem ser controladas. Isso era mais como ter doença renal e precisar fazer diálise toda semana – só que, em vez de ser conectado a uma máquina para limpar o sangue, Dylan precisava ser fodido até ficar cheio de esperma."

Lembrar-se do vazio e do desespero que sentira – de como a sensação de oco dentro dele parecia crescer cada vez mais até que ele sentiu que ia enlouquecer – o aterrorizava.

Fazer sexo com August e Ryker não era assustador – ele havia gostado de cada encontro que tivera com os dois alfas – mas depender deles para não sentirem aquela horrível sensação de vazio e desejo, isso sim o aterrorizava.

Pensar nisso – em como August e Ryker poderiam usar sua dependência como uma arma caso entrassem em uma briga – fez seu pulso disparar e ele sentiu como se fosse vomitar.

Eles não fariam isso, Dylan disse para si mesmo. Mesmo que estivessem brigando, August e Ryker não eram o tipo de pessoa que recorreria à tortura só porque estavam com raiva.

Acalmando-se, Dylan abaixou a tampa e olhou fixamente para o teto. Ele traçou o contorno da mancha causada pelo vazamento no apartamento de cima, imaginando distraidamente se ela havia aumentado ou se era apenas sua imaginação.

Ele decidiu enviar um aviso ao administrador do prédio, por precaução.

Saindo debaixo do cobertor, com a ansiedade fervendo no estômago como leite em uma panela quente prestes a transbordar, Dylan pegou seu laptop e se encostou na parede. Digitou um e-mail rápido, tirou uma foto do teto, anexou-a e enviou.

Ele estava prestes a fechar o laptop e se enfiar debaixo das cobertas quando decidiu que poderia fazer uma pequena pesquisa. Com a ansiedade subindo pelo estômago, abriu o navegador e digitou a palavra *ômega* . Clicou em pesquisar,

prendendo a respiração enquanto os resultados carregavam.

Toda a primeira página de resultados era para a marca do fabricante de relógios. Como Dylan não estava procurando um relógio novo, ele voltou à caixa de pesquisa e adicionou a palavra *lobisomem* .

Dessa vez, os resultados foram um pouco mais relevantes, embora não muito. Dylan examinou os artigos e sites listados nas duas primeiras páginas dos resultados da busca, mas não havia nada que parecesse falar sobre ômegas humanos. Todas as informações eram sobre a hierarquia dos lobos na natureza e como essa hierarquia se comparava à encontrada em alcateias de lobisomens, comparando as duas e apontando que os lobisomens não organizavam suas alcateias da mesma forma que os lobos reais.

Alterar sua busca para incluir as palavras *"esperma"* e *"vício"* só trouxe à tona links para pornografia com lobisomens. Dylan clicou no botão "voltar" e decidiu analisar mais a fundo os resultados de sua busca anterior.

Ele clicou em um vídeo de um homem que havia feito amizade com uma alcateia de lobos (não lobisomens), principalmente porque os lobos na miniatura eram adoráveis. Sua opinião sobre a fofura dos lobos mudou quando ele viu o vídeo. Era tudo sobre o ômega da alcateia e como os outros lobos o provocavam durante a época de acasalamento.

Isso levou Dylan a uma espiral de pesquisas sobre lobos e a dinâmica de suas matilhas, e as informações que ele encontrou não o tranquilizaram em nada. Nas matilhas de lobos, os ômegas eram os membros mais subordinados, e alguns dos vídeos que ele viu mostravam comportamentos realmente alarmantes.

O fato de os lobisomens terem dado o título de ômega aos humanos que se tornaram viciados neles não era um bom sinal.

Fechando a tampa do laptop, Dylan empurrou o computador para longe e se encolheu debaixo das cobertas. Enterrou o rosto no travesseiro, fechou os olhos e relembrou o dia anterior, quando aceitou a oferta de Ryker de chupar o pau de August em troca de beber o xixi deles.

Ele nem sequer cogitou dizer não.

A lembrança o aterrorizava. Ele *precisava* tanto do pau de August que teria deixado Ryker humilhá-lo e humilhá-lo como quisesse, contanto que pudesse provar o pau de August. Qualquer coisa valeria a pena para sentir o membro duro como pedra de August deslizando sobre sua língua.

Ele teria feito qualquer coisa que lhe pedissem.

Encostando os joelhos no peito e se abraçando forte, Dylan não conseguia parar de pensar em todas as coisas que August e Ryker poderiam, sem querer, pressioná-lo a tentar.

Ele se lembrou de Ryker batendo em sua bunda com o chicote, arrastando a aba de couro sobre sua pele e cutucando seus testículos, com o aviso de August de que Ryker gostava de tortura de pênis e testículos ecoando em seus ouvidos. Tinha sido tão macio, o couro frio contra seu saco escrotal, mas ele sabia instintivamente o quanto até mesmo um toque leve doeria.

Dylan não tinha a menor chance de aguentar levar umas palmadas nos testículos, mas sabia, sem sombra de dúvida, que se Ryker tivesse vindo falar com ele na manhã anterior, antes do incidente no chuveiro, prometendo transar com ele em troca de umas palmadas nos testículos, ele teria aceitado.

Num piscar de olhos.

Dylan foi despertado de seus devaneios por uma batida forte na porta. Ele congelou, puxando os cobertores sobre o rosto e encarando a porta com a respiração presa na garganta.

E se fosse August ou Ryker? Dylan não estava pronto para encarar nenhum dos dois. Permaneceu imóvel, esperando que fossem embora.

“Dylan, você está aí?” Annie chamou do outro lado da porta, com a voz preocupada. “Você está se sentindo bem?”

Dylan recostou-se na cama, aliviado por não ter que encarar August e Ryker. Levantou-se, vestiu uma calça de moletom e abriu a porta.

“Oi, tudo bem?”, disse ele, passando a mão pelos cabelos.

Annie o encarou com raiva.

"Você me deu um bolo, foi isso que você disse. Você se esqueceu que íamos almoçar hoje?"

Dylan fez uma careta. Com tudo o que tinha acontecido naquela manhã, ele havia se esquecido completamente de que deveria encontrar Annie para almoçar.

“Desculpe. Tive uma manhã meio agitada e acabei esquecendo.” Dylan voltou para sua mesa e pegou o celular, com Annie o seguindo até o apartamento. Ele olhou para a tela e, como esperado, tinha várias chamadas perdidas e mensagens de Annie, além de uma mensagem de Ryker dizendo para ele ligar ou mandar mensagem se precisasse de alguma coisa. Ele se virou para Annie. “Meu celular estava no silencioso.”

Annie revirou os olhos. "Sim, eu imaginei. Então, o que aconteceu de tão estranho?" Ela se sentou na cama dele e se recostou, encostando-se na parede. "Tem a ver com lobisomens?"

Uma gargalhada estridente escapou da boca de Dylan. Ele largou o celular e se perguntou se deveria ou não explicar para Annie que era um lobisomem viciado.

"Sim", disse Annie, parecendo preocupada. "Eles... terminaram?"

Dylan suspirou, caminhando até a cama e sentando-se ao lado dela. Ele decidiu contar-lhe uma versão modificada da verdade.

“Quase o oposto.”

"Oposto de quê?" Annie parecia confusa.

“Opostos, no sentido de que estamos presos um ao outro – ou pelo menos eu estou com eles.” Dylan mexeu as mãos nervosamente, virando-se para Annie e encontrando-a observando-o com uma expressão preocupada. “É tudo conversa fiada de lobisomem, mas basicamente eu fico doente se fico longe deles por muito tempo.”

Annie franziu as sobrancelhas. "Como assim, você fica doente?"

Ela parecia indignada.

"Não sei." Dylan mordeu o lábio e deu de ombros. "Só me sinto mal, e se não os vejo, piora. Era isso que estava acontecendo comigo ontem à noite, e hoje de manhã me senti tão mal que liguei para o August."

“Porque você sabia que não vê-lo – ou melhor, não vê-los – era o motivo de você se sentir mal?”

Annie pareceu cética e Dylan deu uma risadinha.

“Não, porque ele é médico. Ele estava voltando da reserva e me disse para

encontrá-lo em sua clínica.”

“E depois, quando você o viu, se sentiu melhor?”

Dylan assentiu com a cabeça, sem mencionar que a sensação de melhora só havia acontecido depois de ele ter engolido os pênis de Ryker e August com o desespero de um viciado em crack.

“Não há como consertar isso”, disse ele, antes que Annie pudesse perguntar. “Pelo menos não que August, Ryker ou Steve tenham ouvido falar.”

Annie fechou a boca, confirmando que estava prestes a perguntar exatamente isso. Ela mordeu o lábio e olhou para o pequeno apartamento de Dylan.

“Como August e Ryker se sentem em relação a isso?”, perguntou ela, lançando-lhe um olhar cauteloso. “Quero dizer, qual foi a reação deles quando te contaram o que estava acontecendo?”

Dylan mordeu o lábio e não respondeu imediatamente. Essa era uma pergunta que ele vinha evitando. Por um lado, ele não achava que August e Ryker estivessem chateados por estarem ligados especificamente a ele, mas também não pareciam felizes com isso.

Por outro lado, teria sido muito desprezível da parte deles ficarem visivelmente animados por terem levado Dylan a se viciar no sêmen deles.

"Não sei", disse ele, com a voz baixa.

Annie aproximou os ombros deles, confortando-o silenciosamente.

“Eles gostam de mim”, disse ele, engolindo em seco. “Pelo menos eu acho que sim.”

"Sim, fazem", disse Annie, afirmando isso como um fato. "Eles não teriam criado um vínculo mágico com você a menos que estivessem realmente interessados em você – mesmo que tenha acontecido em um nível subconsciente."

August e Ryker apresentaram a transformação em ômega como algo que aconteceu aleatoriamente, e Dylan não pensou em questionar isso.

Você não acha que foi aleatório?

Annie bufou. "Aleatório? Nem pensar."

Dylan refletiu sobre isso, tentando entender o que poderia ter levado August e Ryker a quererem colocar uma coleira e uma guia mágicas nele – mesmo que fosse algo subconsciente.

"Talvez seja porque eles tinham concorrência?", teorizou ele. Annie pareceu confusa, então ele explicou melhor. "Steve deixou bem claro o quanto quer que eu termine com August e Ryker e comece a namorar com ele – e August e Ryker sabem de tudo. Talvez isso tenha influenciado?"

Annie assentiu com a cabeça. "Faz mais sentido do que ser algo que simplesmente aconteceu sem motivo."

“Você acha?”

“Sim. Provavelmente, o instinto lupino deles dizia que você era bom demais para eles e que precisavam te prender antes que você percebesse isso.”

Dylan riu. Ele não gostava de estar magicamente ligado aos pênis de August e Ryker, mas se pudesse escolher entre ser uma ocorrência aleatória e algo desencadeado pelo desejo incontrolável de August e Ryker por ele, que o viciaram involuntariamente em seu sêmen, ele preferiria a segunda opção.

Pelo menos assim ele saberia que não era um fardo.

“Então, quanto tempo você pode ficar sem precisar passar um tempo com eles?” Annie parecia estar em modo de resolução de problemas. “Você passou o último fim de semana com eles e começou a se sentir mal na sexta-feira, então, são cinco dias, não é?”

Dylan assentiu com a cabeça. "Mais para seis. Só comecei a me sentir mal ontem à noite, e não estava tão ruim até eu acordar hoje de manhã."

"Certo, então nem uma semana. Quanto tempo depois do encontro você começou a se sentir melhor? E foi necessário contato físico, ou bastou apenas vê-los?"

Dylan corou, sentindo o rosto esquentar.

Annie estreitou os olhos para ele, o olhar inquisitivo. "Dylan, o que você está escondendo de mim?"

"Nada!" exclamou Dylan, desviando o olhar. "Senti-me melhor quando estávamos na mesma sala."

Annie não parava de olhar para ele.

“Sério!” Dylan olhou para ela. “Eu me senti melhor, e aí fiquei feliz de vê-los, então nós… você sabe. Depois fomos tomar café da manhã, eles me explicaram tudo, e eu voltei para casa.”

Annie parou de olhá-lo como se suspeitasse que ele estivesse escondendo algo, um leve rubor subindo às suas bochechas.

“Certo, então uma semana.”

"Acho que podem ser feromônios", mentiu Dylan. "Eles disseram que se eu precisasse ficar um tempo longe deles, poderiam me mandar alguma roupa que tivessem usado e que me impediria de ficar doente. Tipo uma camiseta de ginástica ou algo assim."

Annie se animou. "Isso é uma boa notícia, não é?"

Dylan assentiu com a cabeça. "Eles disseram que se eu não quisesse ficar com eles, me mandariam coisas pelo correio para que eu não ficasse doente nem tivesse que interagir com eles, a menos que eu quisesse."

“Isso é um bom sinal.” Annie se encostou nele. “Você acha que vai aceitar a proposta deles?”

Dylan balançou a cabeça. "Não, a menos que me peçam."

“Pedir para você, como em terminar com você?”

Dylan assentiu com a cabeça.

Você acha que eles vão terminar com você?

Dylan balançou a cabeça. "Não. Pelo menos não agora. No futuro, quem sabe?"

Annie se adiantou e pulou da cama. "Certo, vamos almoçar. Estou morrendo de fome."

Dylan olhou para ela, divertido e se sentindo muito melhor do que alguns minutos atrás. Sua situação era estranha, e havia muitas maneiras pelas quais as coisas poderiam dar errado, mas no fim das contas ele acreditava que August e Ryker eram caras legais que não se aproveitariam dele.

Ele precisava acreditar nisso.

"Já terminamos de lidar com o meu surto?", perguntou ele, levantando-se.

"Acabou", confirmou Annie. "Você foi magicamente unida a dois dos caras mais gatos que eu já vi. Não sinto a menor pena de você."

Dylan riu, pegou o celular e vestiu a jaqueta. Sentou-se na cama para calçar os sapatos.

“Acho que é justo.”

“Vou pegar meu casaco”, disse Annie, abrindo a porta e se virando para ele. Ela ainda parecia um pouco preocupada, mas estava se esforçando para disfarçar. “Te encontro lá embaixo?”

Dylan assentiu com a cabeça. "Te vejo daqui a pouco."

Annie saiu e Dylan terminou de calçar os sapatos. Pegou o celular e encarou a mensagem de Ryker. Depois de um minuto de indecisão, respondeu com um simples "obrigado".

AGOSTO

August saiu do escritório e foi para casa, entrando no carro e enviando uma mensagem para Ryker avisando que estava a caminho.

Já fazia três dias desde que August vira seu humano favorito pela última vez, e embora tivessem trocado algumas mensagens desde então, eles não haviam se visto pessoalmente.

August se perguntou se ele já estava sentindo os efeitos de sua nova restrição alimentar.

Sentindo-se inquieto, quase como se fosse ele quem tivesse um vício, a primeira coisa que August fez ao chegar de volta à cobertura foi procurar seu parceiro na sala de estar. Sentou-se ao lado de Ryker no sofá, perto o suficiente para que seus ombros se tocassem, e colocou os pés sobre a mesa de centro.

“Quero ligar para ele.”

"Dylan?" perguntou Ryker. Ele ainda estava vestido com a roupa do trabalho, um terno cinza bem cortado, embora tivesse tirado o paletó e a gravata e desabotoado o primeiro botão da camisa. Estava lendo as notícias no iPad.

"Quem mais?", perguntou August, impaciente.

"Steve?" sugeriu Ryker, sorrindo. Ele largou o iPad e passou o braço por cima do ombro dele. "Podemos ver se ele quer vir jantar aqui em casa?"

“Eu quero o Dylan.”

August sabia que estava soando petulante, mas não conseguia evitar. Sentia falta de Dylan, mas, mais do que isso, queria ver com os próprios olhos como ele estava. Continuava se lembrando do olhar aprisionado de Dylan quando lhe contaram que ele era um ômega, e isso o fazia se sentir muito *culpado* .

“Você não acha que deveríamos dar a ele mais algum tempo?”

Ryker parecia tão razoável que chegava a ser irritante.

“Acho que podemos perguntar a ele e ele poderá decidir por si mesmo se precisa de mais tempo.”

"Tudo bem."

August piscou, surpreso com a capitulação.

"Isso é?"

“Você tem razão, a escolha deve ser do Dylan.” Ryker sorriu. “Podemos convidar os dois.”

“Steve também?”

Ryker assentiu com a cabeça. "Quero ver como ele e Dylan se dão."

August virou a cabeça, estreitando os olhos para Ryker e lançando-lhe um olhar desconfiado.

“Nós sabemos como eles se dão. Eles são *amigos* .”

“Como eles se dão bem quando você e eu estamos lá também.” Ryker estendeu a mão e a colocou na coxa de August, acariciando-a para cima e para baixo sobre o músculo relaxado.

Você ainda quer isso?

August ficou surpreso. Ele imaginava que, com Dylan se tornando ômega, Ryker desistiria de seu desejo de incluir Steve em seu relacionamento.

Ele deveria saber mais.

"Não é?" Ryker moveu a mão para cima e acariciou o volume na calça jeans

de August, apertando seu membro através do tecido.

August não disse nada, apreciando a mão de Ryker em seu pacote, mas então suspirou. "Tudo bem. Podemos convidar o Oficial Puppy."

Ryker sorriu, massageando seu volume com mais força.

“Deveríamos pedir comida tailandesa.”

Dylan havia mencionado que a comida tailandesa era a sua favorita.

"Por mim, tudo bem." Ryker parecia satisfeito por conseguir o que queria. Ele mudou a posição da mão, seu polegar encontrando a ponta do pênis de August e acariciando-a.

"Porra." A respiração de August falhou quando Ryker levantou a mão e a enfiou na frente de suas calças. Ele sentiu a mão do seu parceiro envolver seu pau, a sensação fazendo seu pau pulsar e seus testículos se contraírem.

Ryker se inclinou, sua respiração roçando a pele do pescoço de August antes de beijá-lo. Molhado e sujo, August fechou os olhos e apreciou a sensação de seu parceiro chupando seu pescoço enquanto ele se masturbava.

Os dentes rasparam sua jugular, a dor aguda dos caninos alongados de Ryker contra sua pele foi o empurrão que August precisava para chegar ao limite.

Ele ejaculou, derramando seu sêmen na mão de Ryker e gemendo quando Ryker estendeu a mão e torceu seu mamilo por cima da camisa.

Quando ele terminou de filmar, a parte interna da cueca de August estava uma bagunça, e suas calças jeans pareciam que ele tinha feito xixi nas calças.

Ele se sentia deliciosamente sujo.

Ryker se levantou com um sorriso satisfeito. Limpou a mão na camisa de August, inclinou-se e beijou sua testa enquanto August aproveitava a recuperação do orgasmo, e tirou o celular do bolso. "Vou convidar o Dylan, você liga para o Steve."

August levou alguns segundos para processar a instrução e, quando o fez, fez beicinho. "Quero ligar para o Dylan."

“E quero que você ligue para o Steve.” Ryker olhou para ele de cima, imponente, grande e incrivelmente sexy. Ele lambeu uma gota de sêmen do dorso do polegar e sorriu maliciosamente. “Ele ficará feliz se você o convidar.”

Após ir ao banheiro, tomar um banho rápido e trocar de calça jeans e cueca, August ligou para Steve. Como Ryker havia previsto, o alfa mais jovem ficou encantado com o convite e prometeu chegar em meia hora ou menos.

“Não se apresse”, disse August, passando o telefone para a outra orelha. Ele voltou para a sala de estar e sentou-se no sofá, cruzando os pés descalços sobre a mesa de centro. O cheiro de esperma pairava no ar, e August se perguntou se deveria fazer um boquete em Ryker antes que os convidados chegassem. “Vamos pedir comida para viagem e vai demorar pelo menos uma hora para chegar.”

"Posso pegar no caminho", ofereceu Steve. A julgar pelo farfalhar e movimento ao fundo, ele estava se apressando para se vestir. "Estou saindo agora."

August deu uma risadinha. "Isso funciona. Vou te mandar o endereço do

restaurante por mensagem. Vamos pedir comida tailandesa. Algum pedido especial?"

“Não, eu como o que tiver à mão”, disse Steve. “Posso estacionar minha bicicleta na sua garagem?”

“Claro, vou te mandar o código do estacionamento para visitantes por mensagem.” Olhando pela janela, August franziu a testa. “Cuidado. Está começando a ficar escorregadio lá fora.”

"Com certeza", disse Steve, com uma expressão de pura felicidade.

“Ótimo. Te vejo em breve.”

August desligou o telefone, e a vontade de Steve de passar um tempo com ele o fez sorrir enquanto olhava para o aparelho. Ele ainda achava que três alfas eram demais para Dylan lidar, mas podia admitir que Steve era uma boa opção.

Eles teriam que ir com calma, até o ponto da inércia, e garantir que não fizessem nenhuma promessa ao alfa mais jovem. Seria injusto iludi-lo — ou iludi-lo ainda mais do que já estavam.

Steve estava se juntando ao bando deles, não ao relacionamento.

August mandou uma mensagem para Steve com as informações do restaurante e depois fez o pedido online. Ele não sabia do que Dylan gostava, então pediu comida demais por precaução. Não teria problema. Ele e Ryker terminariam o que sobrasse no almoço e no jantar do dia seguinte.

Enquanto digitava as informações de pagamento, Ryker voltou para a sala de estar. Ele parecia satisfeito consigo mesmo.

"Você falou com o Dylan?" perguntou August, observando o volume na calça de Ryker e, inconscientemente, lambendo os lábios.

“Ele chega em uma hora e meia. Só precisa terminar o trabalho no laboratório.” Ryker sentou-se ao lado dele e passou o braço pelos ombros de August. “Não se esqueça de pedir comida suficiente.”

O estômago de August deu um nó, uma sensação quente e vibrante preenchendo seu peito. "Não se preocupe, eu pedi o suficiente. Steve vai buscar no caminho."

Ryker ergueu a mão e passou os dedos pelos cabelos de August, acariciando seu couro cabeludo em momentos suaves. Inclinou-se e beijou a lateral de sua cabeça.

August fechou os olhos, com arrepios nos braços. Ele adorava quando Ryker o acariciava assim.

"Quer ajuda com isso?", perguntou ele, de olhos fechados, enquanto estendia a mão e apalpava a coxa de Ryker. A ereção do seu companheiro preenchia sua mão, coberta pela lã macia e sedosa das calças do terno.

"Do que estamos falando?" perguntou Ryker, abrindo as pernas e se aproximando para sentar na beirada do sofá.

"Quero te dar uma mamada." August abriu os olhos e piscou preguiçosamente para o amigo. Mordeu o lábio, sorrindo ao ver a expressão excitada de Ryker.

“Eu não me importaria com isso.”

"Não?" August apertou o volume na calça de Ryker. Tirou os pés da mesa de centro e ajoelhou-se no chão, passando-se entre as pernas do parceiro, e roçou o nariz na virilha de Ryker com um cheiro inebriante. Enfiou o rosto no volume,

esfregando a bochecha contra a ereção antes de olhar para Ryker e depositar um beijo de boca aberta em seus testículos cobertos pelo paletó.

Ryker mordia o lábio, respirando com dificuldade, as mãos cerradas ao lado do corpo enquanto lutava para não agarrar August pelos cabelos e assumir o controle.

“Retire isso.”

A voz de Ryker estava tingida de um rosnado, e os braços de August se arrepiaram com a força descomunal que seu companheiro estava contendo.

Ele não conseguiria vencer Ryker numa luta, mas seu companheiro ainda se controlava e permitia que August ditasse o ritmo.

"Claro", disse August, estendendo a mão e abrindo o zíper da calça de Ryker. Ele enfiou o nariz na abertura, encontrando os testículos de Ryker e inalando o aroma almiscarado enquanto continuava a esfregar o pênis de Ryker, que estava preso contra sua coxa.

" *Agosto* ."

A voz de Ryker era um aviso.

"Tudo bem", August riu, enfiando a mão na calça de Ryker e libertando seu pênis. Ele teve que desabotoar o botão na cintura de Ryker para conseguir, mas logo o grosso monstro estava livre, pulsando e expelindo um fluxo constante de líquido pré-ejaculatório, apontando diretamente para ele. Inclinou-se para a frente e o abocanhou.

"Porra!"

Ryker agarrou-o pelos cabelos, apertando com os dedos e puxando, mas antes que August pudesse emitir um som de reclamação, ele o soltou.

O sabor do pênis de Ryker era requintado. Enchia sua boca, pressionando sua língua com uma densidade que parecia deliberada, lubrificado com líquido pré-ejaculatório e com um leve gosto de suor e almíscar. August passou um momento enfiando a língua sob o prepúcio de Ryker, esfregando-a ao redor da glande bulbosa, apreciando a maneira como seu parceiro se contorcia e tremia com seus toques.

Quando percebeu que Ryker estava prestes a agarrar seu cabelo novamente, e sua frustração chegou ao limite, ele envolveu os dedos na base do pênis de Ryker, onde o nó já estava se formando, e começou a trabalhar.

Desleixado e babando, August chupou o pau de Ryker como se sua vida dependesse disso.

"Porra!" Ryker grunhiu, seus músculos abdominais se contraindo e fazendo seus testículos subirem. August sorriu maliciosamente com o grosso pau na boca e o enfiou mais fundo, apertando e massageando o nó de Ryker com a facilidade de anos de experiência.

Não demorou muito para que Ryker agarrasse um dos travesseiros ao lado dele e o mordesse enquanto ejaculava na boca de August.

Em vez de tentar engolir a enorme quantidade de esperma que jorrava em sua boca, August habilmente deixou que se acumulasse em sua língua e escorresse por todo o comprimento do pênis de Ryker, misturando-se com sua saliva e fazendo uma bagunça completa na frente das calças de Ryker e na almofada de couro do sofá embaixo dele.

"É por isso que a minha lavanderia me odeia", resmungou Ryker, satisfeito e

sorrindo enquanto acariciava o cabelo de August. Ele abriu mais as pernas e se recostou no sofá, desleixado.

August apenas sorriu, lambendo a ponta do pênis de Ryker, apertando o nó uma última vez. Ele engoliu o último jato de esperma de Ryker com um som feliz de contentamento e recostou-se, sentando-se sobre os calcanhares, e sorriu.

"E você não se importa", disse Ryker, sorrindo. Ele estendeu a mão, passou a mão pelo queixo de August, lambeu uma gota de sêmen e a recolheu com a língua.

"Não", disse August, dando uma risadinha. Ele limpou a boca e se levantou, olhando para seu companheiro depravado com a satisfação ardente de um trabalho bem feito.

Ryker o observou de volta, o pênis para fora da calça, meio ereto e pegajoso de sêmen e saliva, seu corpo musculoso relaxado e preguiçoso. August pegou o celular e tirou uma foto, adicionando-a à sua enorme coleção de fotos do amigo nu e com cara de astro pornô.

“Devo tirar a camisa?”

Ryker estava brincando, mas August não recusaria uma oferta dessas. Ele assentiu com a cabeça.

“E coloque uma das mãos atrás do pescoço. Quero sua axila na foto.”

Ryker bufou, mas tirou a camisa e fez a pose solicitada. Ele ergueu a sobrancelha, com uma expressão que desafiava August a pedir outra pose.

August sorriu e balançou a cabeça. "Não, acho que tenho o que preciso."

Seu celular vibrou com uma mensagem de Steve, avisando que ele havia pegado a comida e estava a caminho. Ele repassou a mensagem para Ryker.

"Isso foi rápido", disse Ryker, levantando-se do sofá. Deu um beijo rápido na bochecha de August e vestiu as calças novamente. "Vou tomar um banho antes que ele chegue."

"Parece ótimo", disse August, observando Ryker sair da sala em toda a sua glória sem camisa.

Ele levou a mão ao peito e coçou-o, percebendo, ao fazê-lo, que tinha sujado um pouco a camisa. O algodão estava encharcado com uma mistura de saliva e sêmen, a substância fria grudando desconfortavelmente em sua pele. Tirou a camisa, usou-a para limpar o rosto, amassou-a em seguida e limpou a maior parte da sujeira no sofá.

STEVE

Steve subiu de elevador até o apartamento de August e Ryker, com oito sacolas plásticas cheias de embalagens de comida para viagem penduradas nos dedos da mão direita e mais duas na esquerda.

August tinha pedido *muita* comida. Steve foi obrigado a deixar sua bicicleta perto do restaurante e pegar um Uber para transportar tudo. Ele teria ficado irritado com a falta de aviso, não fosse o fato de que deveria ter previsto que August pediria tanta comida, já que estava alimentando três lobisomens alfa e um humano.

As portas do elevador se abriram para um pequeno corredor, o cheiro de suor e sexo atingindo Steve em cheio e fazendo-o cambalear.

"Olá?" Steve entrou no apartamento, olhando para os sapatos na prateleira ao lado. Tirou as botas e as chutou contra a parede, perto da prateleira. "A comida chegou!"

"Perfeito!" Ryker apareceu na esquina, sorrindo e com a aparência de quem tinha acabado de sair do banho. Seu cabelo estava molhado, uma gota d'água escorrendo pela lateral do pescoço, o cheiro fresco do sabonete contrastando com o odor de sexo que pairava no ar. Quando viu a quantidade de comida que Steve havia comprado, assobiou. "É muita comida."

Steve conteve um comentário sobre ter que pegar um Uber. Ele não queria começar a noite com uma reclamação.

“É sim”, disse ele, sorrindo. “Onde devo colocá-lo?”

"Cozinha", disse Ryker, fazendo um gesto para que ele o seguisse. "Por aqui."

Steve seguiu Ryker pelo corredor até uma cozinha espaçosa. Ele depositou as sacolas na bancada, certificando-se de que todas as caixas dentro estivessem em pé, antes de dar um passo para trás e abrir o zíper do casaco.

"Eu aceito", disse Ryker, estendendo a mão. Steve entregou o casaco e esfregou a nuca.

“Este é um lugar agradável.”

Ele seguiu Ryker até o corredor, observando-o pendurar o casaco no armário ao lado das portas do elevador.

“Obrigado, vou te mostrar tudo.” Ryker se aproximou dele e o puxou para um abraço inesperado. “Fico feliz que você tenha podido vir.”

O estômago de Steve deu um nó, a intimidade casual o fez lembrar de como ele havia se sentido sozinho. Ser abraçado por Ryker era maravilhoso, e Steve se lembrou de quanta falta sentia de intimidade casual desde que se mudara de casa.

“Obrigado por me convidar.”

“É um prazer.” Ryker deu um tapinha nas costas dele e o soltou, fazendo um gesto para que o seguisse de volta para o apartamento. “Agora, deixe-me mostrar o lugar para você. Dylan deve chegar em cerca de meia hora, então podemos jantar quando ele chegar.”

Steve se animou. "Dylan vem?"

Ryker o conduziu a uma enorme sala de estar, com janelas do chão ao teto que mostravam a cidade cintilante lá embaixo.

“Ele é.” Ryker lançou-lhe um olhar. “Achei que seria bom se nós quatro

pudéssemos passar algum tempo juntos.”

Steve corou, sentindo o peito aquecer com a forma como Ryker disse *"nós quatro"* , como se fôssemos uma matilha. Então ele se lembrou de como tinha sido uma péssima ideia se juntar à matilha de Ryker, e a sensação agradável desapareceu.

Seu pai jamais permitiria que ele se juntasse a outra alcateia, e se tentasse, só traria problemas para August e Ryker.

“O que há de errado com essa cara?”

A pergunta de Ryker arrancou Steve de seus pensamentos sombrios.

"Nada", mentiu ele, caminhando até o sofá. O cheiro de sexo se intensificou e, de fato, a almofada de couro estava suja com o que parecia ser uma mistura de sêmen seco e saliva.

“Puta merda, achei que o August já tivesse arrumado isso”, disse Ryker, ficando um pouco vermelho ao ver a bagunça. Ele saiu correndo do quarto e voltou um segundo depois com uma toalha úmida, que usou para limpar o sofá. Deu um sorriso irônico para Steve. “A gente resolveu dar uma relaxada antes de você e o Dylan chegarem.”

O pau de Steve endureceu, pressionando a frente de suas calças jeans ao imaginar August e Ryker fazendo sexo oral um no outro.

"Faz sentido", disse Steve, sem saber o que mais dizer enquanto Ryker continuava a olhá-lo. Ele se virou para a janela, ajeitando o volume na calça e tentando conter a ereção crescente enquanto observava a paisagem da cidade.

Ryker caminhou ao lado dele, ficando tão perto que seus ombros se tocavam, e colocou a mão em suas costas.

"Eu estava pensando que poderíamos nos divertir um pouco esta noite", disse Ryker, com a voz baixa. "Você, eu, August e Dylan. Você gostaria?"

A boca de Steve secou, e a sensação da mão de Ryker acariciando sua lombar provocou arrepios em sua espinha.

“Isso parece…” Steve pigarreou. “Eu gostaria disso.”

"É mesmo?" Ryker deslizou a mão para baixo, as pontas do dedo mínimo e anelar roçando o cós da calça jeans. "Diga-me que tipo de diversão você gostaria que tivéssemos."

O rosto de Steve ardeu, e ele ficou aliviado por estarem lado a lado, assim não precisaria encarar Ryker.

"Não sei", murmurou ele, com o coração acelerado enquanto a mão de Ryker deslizava para baixo e apertava sua bunda. Ryker apertou, a mão agarrando a nádega musculosa de Steve, demorando-se e apalpando a bunda de Steve como se estivesse sentindo um pêssego maduro.

"Você não acha?" Ryker parecia calmo. "Tem certeza?"

Steve fechou os olhos. "Talvez eu pudesse..."

Steve deu um suspiro, interrompendo-se quando Ryker se colocou atrás dele e o envolveu em um abraço. Braços fortes o envolveram pela cintura, puxando-o para perto do corpo de Ryker, lábios macios pressionando o espaço atrás de sua orelha.

"Talvez você pudesse, o quê?" perguntou Ryker, a voz tão próxima que Steve podia sentir sua respiração contra a pele. A mão de Ryker subiu pela frente da camisa, lenta e confiante em sua exploração, roçando seus peitorais antes de

apertar seu mamilo com um puxãozinho cruel. "Diga-me."

"Eu poderia assistir você dar uma surra nele."

Steve sentiu um arrepio percorrer os braços ao ouvir a risada satisfeita que ecoou no peito de Ryker.

"Você não quer fazer isso você mesmo?" perguntou Ryker. Ele estendeu a mão e encontrou o pênis de Steve, apertando-o por cima da calça jeans. "Coloque-o no seu colo e pinte a bunda dele de vermelho?"

"Se você me deixasse", disse Steve, sentindo que ia gozar só com o leve amassamento da mão de Ryker em seu pênis.

"Que bom menino", disse Ryker, soltando o pênis de Steve e dando um tapinha em seu volume. O leve toque atingiu seus testículos, causando uma dor surda que só serviu para aumentar a excitação de Steve.

“Estou interrompendo?”

Steve deu um pulo ao ouvir a voz nova, afastando-se assustado de Ryker e virando-se para ver August parado na porta.

“Não, nós estávamos apenas-”

“O Steve quer dar uma surra no nosso garoto”, disse Ryker. Ele agarrou Steve e o puxou para trás, de modo que ficassem lado a lado novamente, mas dessa vez colocou a mão na nuca de Steve e o segurou com firmeza. Olhou para Steve com um sorriso travesso no rosto. “Não é mesmo?”

Steve assentiu com a cabeça, corando e sentindo-se exposto.

“Não vamos deixar ele transar com ele”, disse August, cruzando os braços. Ele parecia severo e ameaçador, mas o volume em suas calças jeans denunciava sua excitação.

“Esta noite não”, concordou Ryker.

“Ou então, faça sexo oral.”

“Não, não é do Dylan.”

August estreitou os olhos, parecendo dividido entre a vontade de discutir e o simples desejo de...

Steve levou um segundo para entender a implicação da frase de Ryker, mas quando entendeu, seus testículos se contraíram e sua boca se encheu de saliva. Ele engoliu em seco, encarando a boca de August e imaginando como seria a sensação em seu pênis.

August o flagrou olhando, com as sobrancelhas franzidas em indignação.

"Tenho certeza de que ele retribuiria o favor, não é?" perguntou Ryker. Ele esfregou o pescoço de Steve, massageando-o.

Steve assentiu com a cabeça.

August soltou um suspiro e revirou os olhos. "Tudo bem. Vamos ver como as coisas vão."

“Então temos um plano”, disse Ryker, soltando o pescoço de Steve e batendo palmas. Ele parecia satisfeito, como se tudo estivesse se encaixando exatamente como ele queria. “Steve vai dar umas palmadas no Dylan, e depois o Dylan vai sentar no meu nó enquanto a gente assiste vocês dois rolando no chão e fazendo sexo oral um no outro.”

"Não foi isso que eu combinei!", disse August, embora para Steve soasse muito como um protesto simbólico.

"Não me importo com esse plano", disse Steve, fazendo Ryker sorrir e

August olhar para ele como se quisesse torturá-lo com água.

Seria algo parecido com luta livre, pensou Steve. Seria divertido, especialmente se ele conseguisse imobilizar August de costas e colocá-lo em seu devido lugar.

"Está decidido", disse Ryker. Ele soltou o pescoço de Steve e caminhou até August, agarrando-o pela frente da camisa e puxando-o para um beijo.

"Vou colocá-lo de costas e foder a cara dele", resmungou August, fazendo Ryker sorrir enquanto se inclinava e capturava sua boca em um beijo.

“Ele pode te dar trabalho.”

August soltou um grito de pura indignação. "Eu consigo lidar com ele!"

Ryker riu e o beijou novamente. "Estou ansioso para ver."

Eles se beijaram, e se ele não estivesse tão absorto observando-os, Steve teria se sentido um intruso.

"Vocês querem mesmo que o adotemos, não é?" August murmurou, quase baixo demais para Steve ouvir, mesmo com sua audição de lobisomem.

Ryker assentiu com a cabeça, parecendo feliz e acolhedor, o que fez Steve se sentir o pior tipo de impostor.

O único motivo pelo qual os dois alfas incluíram Steve nas atividades da noite foi porque esperavam integrá-lo à sua matilha.

Steve precisava confessar a verdade. Limpando a garganta, ele chamou a atenção de August e Ryker.

“Eu, ah…” Steve umedeceu os lábios, sentindo as palmas das mãos suarem enquanto Ryker e August o observavam. “Preciso dizer que não posso, na verdade, por causa da minha antiga alcateia, porque meu pai… eu não posso me juntar à alcateia de vocês.”

Ryker franziu a testa, com uma expressão severa e ameaçadora.

"Explicar."

“Não me é permitido.”

Ryker estreitou os olhos e apenas o encarou. Steve se remexeu, mas não sabia o que mais dizer. Seu pai lhe dera um ultimato que o levara a deixar o Alasca, mas depois de passar alguns meses sozinho, Steve começava a perceber que seu pai tinha certeza absoluta de que ele voltaria rastejando, com o rabo entre as pernas.

Unir-se a uma alcateia diferente atrapalharia os planos de seu pai, algo que o alfa do território Noroeste jamais aceitaria.

“Venha, sente-se e comece do começo.” Ryker caminhou até a mesa de jantar do outro lado da sala, sentando-se de costas para a janela. August sentou-se ao lado dele, cruzando os braços e parecendo dividido entre irritado e confuso.

Steve juntou-se a eles, sentando-se em frente a eles e sentindo-se como um aluno travesso sendo chamado à presença do diretor e do superintendente.

“Bem, no ano passado, quando terminei minha graduação em justiça criminal, eu queria entrar para a polícia e conseguir um emprego no Departamento de Polícia de Anchorage. Eu-”

"Espere, Anchorage, como em Anchorage, Alasca?" perguntou Ryker, a ruga em sua testa finalmente desaparecendo. Uma expressão confusa tomou seu lugar.

Steve assentiu com a cabeça, sem esperar ser interrompido tão cedo. "Sim."

"Como você esperava conseguir isso?", perguntou August. Ele parecia

genuinamente perplexo.

"Eu sabia que meu pai não ficaria feliz com isso, mas não achei que ele fosse se opor", disse Steve, sentindo-se na defensiva.

“Não, o que ele quer dizer é: como você achou que conseguiria entrar para a matilha de Northwestern?”, esclareceu Ryker. “Eles não aceitam novos membros.”

"Sim, temos", disse Steve, confuso. "Você só precisa ser recomendado por alguém em quem confiamos."

Ryker e August o encararam com expressões de confusão idênticas.

"Como assim, nós?", perguntou August finalmente, com a voz embargada pela dor.

Steve corou. Ele não tinha falado com ninguém sobre sua matilha desde que se mudou, e havia se esquecido de que não éramos mais *nós* . Agora eram eles.

“Desculpe, é o hábito. Quer dizer, sim, eles aceitam novos membros se forem recomendados por um aliado de confiança.”

Ryker apertou a ponte do nariz, fechou os olhos e respirou fundo. Quando os abriu, encarou Steve com um olhar sério.

“Steve. Quem era seu antigo bando?”

Steve piscou. "A matilha de Northwestern."

Ryker balançou a cabeça. "Seus documentos, quando você se mudou para cá, indicavam que você era de Nova York."

Steve percebeu a confusão. A matilha de Nova York havia patrocinado seu pedido para viver em território neutro, parte do tratado com a matilha do Noroeste, mas sua matilha de origem estava claramente listada.

Ryker provavelmente não leu a documentação com muita atenção.

“Eles me patrocinaram, mas não são meu grupo.”

"Então você é do Alasca?", perguntou August, com uma calma excessiva na voz.

Steve assentiu com a cabeça.

“Certo, não tínhamos percebido. Pensávamos que você fosse de Nova York.” Ryker pigarreou. “Continue, você queria entrar para a polícia de Anchorage?”

Tanto Ryker quanto August o encaravam com olhares estranhamente vazios. Steve sabia que sua matilha tinha uma certa reputação, mas não achava que fosse *tão* ruim assim.

"Sim, eu queria, mas meu pai queria que eu trabalhasse exclusivamente para a matilha. Ele achava que eu estava fazendo faculdade para estar preparado para ajudar meu irmão quando ele assumisse o posto de alfa da matilha, mas quando ele percebeu que eu queria trabalhar para a polícia humana, ele me deu um ultimato. Eu aceitei e consegui um emprego aqui."

"Entendo", disse Ryker, olhando para a mesa. Ele tamborilou os dedos no carvalho envernizado, com uma expressão indecifrável.

“Acho que meu pai não espera que eu consiga me virar sozinho.” Steve colocou as mãos no colo, baixando o olhar. “Ele provavelmente espera que eu ceda e volte para casa a qualquer momento.”

“Mas se você se juntar a outra matilha, você frustra o plano dele.” Ryker parecia estar agindo com naturalidade.

Steve ergueu os olhos, encontrando o olhar do alfa mais velho e assentindo

com a cabeça. "Ele ficaria furioso."

August soltou uma risadinha que não combinava em nada com sua expressão. Ryker olhou para ele, com as sobrancelhas franzidas em uma linha severa, e August riu de novo.

"Estamos tentando recrutar à força o filho do alfa da matilha Northwestern", disse August, explicando-se.

Steve fez uma careta. Quando August disse isso, soou mal. O pai de Steve não tolerava que roubassem sua gente.

"Então você entende por que tecnicamente eu não posso me juntar à sua matilha?", disse Steve. Observando os dois alfas à sua frente, Steve quase podia ver o futuro que poderiam ter tido juntos escapando por entre seus dedos.

"Sim." Ryker esfregou os olhos. Respirou fundo. "Sim, entendo por que seria uma má ideia."

“Não sabia que você achava que eu era de Nova York. Não era minha intenção esconder isso de você.”

Steve não achou estranho o modo como Ryker e August o trataram – era semelhante a como os amigos do seu irmão o teriam tratado em casa – mas talvez devesse ter soado o alarme o fato de eles não saberem quem ele era.

Poucas pessoas – mesmo alfas estabelecidos com grandes matilhas a seu favor – se arriscariam a irritar o pai de Steve.

“Não estamos te acusando disso”, disse August, já sem rir. Ele parecia cansado. “Sabemos que você não é o tipo de cara que tentaria nos enganar. Isso é apenas um mal-entendido.”

Steve assentiu com a cabeça, aliviado por eles não acharem que ele os havia enganado, mas sem realmente conseguir ficar feliz com isso.

"Então, onde isso nos deixa?", perguntou Steve, temendo a resposta.

O sorriso de Ryker em resposta era tenso, mas seus olhos eram gentis. Ele se inclinou para frente. "Ainda queremos ser seus amigos—" antes que Steve pudesse se animar, Ryker ergueu a mão e continuou: "—mas antes de levarmos isso adiante, você precisa conversar com seu pai e esclarecer qual é a sua situação e quais são as expectativas dele."

“E deixaremos claro que não o aceitaremos em nossa matilha sem a permissão e aprovação explícitas dele”, acrescentou August.

Com as condições estabelecidas, Ryker e August o observaram com olhares idênticos de arrependimento.

Foi praticamente o que Steve esperava.

"Eu farei isso", mentiu ele. Sabia exatamente como uma conversa daquelas terminaria e não adiantava nada. Enquanto seu pai estivesse vivo, Steve não poderia se juntar a outra alcateia.

Eles ficaram sentados em silêncio por cerca de vinte segundos, sem que ninguém soubesse bem o que dizer, até que o celular de Ryker vibrou em seu bolso. Ryker o pegou e leu a mensagem.

“O Dylan chega em alguns minutos”, disse ele, sorrindo. A pele ao redor dos olhos dele se enrugou, fazendo o estômago de Steve se revirar. “Ele vai pegar o ônibus.”

“Vou pegar os pratos e arrumar a comida”, disse August, levantando-se. Ele deu um tapinha no ombro de Ryker enquanto passava. “Vocês querem procurar

um filme ou algo assim para assistirmos?”

Steve não precisou perguntar se o plano anterior de palmadas e sexo oral mútuo havia sido cancelado.

“Claro, Steve e eu podemos fazer isso”, disse Ryker. Ele se levantou, olhando para Steve. “Certo?”

Steve estava pensando em voltar para casa, mas, dada a oportunidade de ficar por ali, ele não ia recusar. Ele imaginava que eles lhe pediriam educadamente para ir embora e não retomariam o contato até que ele resolvesse as coisas com o pai — o que não seria irracional —, mas, se ainda quisessem ser amigos, Steve aceitaria de bom grado.

“Sim, provavelmente podemos encontrar algo para assistir.”

DYLAN

Quando Dylan chegou ao apartamento de August e Ryker, estava muito animado. Ele tinha tido um avanço no laboratório – finalmente conseguindo uma mistura de policarbonato que atendia a todos os requisitos das máquinas de impressão 3D especializadas usadas pela empresa que financiava sua bolsa – e conseguiu passar três dias inteiros sem sentir nenhum efeito colateral de seu novo status como ômega.

Ele ainda ficava excitado só de pensar em seus dois alfas musculosos, mas isso era natural. Era muito diferente daquela sensação horrível de vazio que o levara a se masturbar com um frasco de xampu.

"Alô?", chamou Dylan, tirando os sapatos e colocando a mochila no chão. Ele tinha comprado uma garrafa de vinho no caminho do laboratório, mas olhando para ela agora, parado em uma cobertura que custou mais dinheiro do que ele ganharia em toda a vida, estava repensando a compra.

August e Ryker provavelmente não beberam vinho de supermercado.

"Que se dane", decidiu Dylan, tirando o vinho da mochila. Era uma garrafa que ele já tinha comprado antes e sabia que gostava, e se não estivesse à altura do padrão de August e Ryker, eles podiam beber outra coisa.

“Aqui está você.” Ryker entrou no corredor com um sorriso afetuoso no rosto. Ele vestia jeans e uma camiseta confortáveis, com uma aparência relaxada e acolhedora. “Fico feliz que tenha podido vir.”

O jeito como os músculos peitorais esticavam a frente da camisa fez Dylan querer afundar o rosto naqueles montes de músculo e sufocá-lo. Ele teve sua chance quando Ryker o puxou para um abraço, braços fortes o envolvendo e pressionando seu rosto contra os peitorais, apertando-o com força.

"Como você está se sentindo?"

A voz de Ryker era um murmúrio grave, com um tom significativo, enquanto ele fazia a pergunta olhando para o cabelo de Dylan. Ambos sabiam a que ele se referia.

"Estou bem", disse Dylan, com o cheiro do corpo de Ryker preenchendo suas narinas. Ele discretamente esfregou o rosto na fenda entre os músculos peitorais de Ryker. "Nada comparado a como eu estava no sábado passado, pelo menos ainda não."

"Quer esperar mais um ou dois dias?" perguntou Ryker, segurando-o pelos ombros e empurrando-o um pouco para trás. Ele o encarou nos olhos, com uma expressão séria e atenciosa. "Ver quais são os seus limites?"

A reação imediata de Dylan foi um *não visceral* . Ele se sentira bem o dia todo – absorto no trabalho e almoçando com Annie – mas agora que estava nos braços de Ryker, a ideia de não ser aberto e recheado de pau era uma aberração.

“Não, não acho que precisemos fazer isso agora.”

Ryker deu uma risadinha e puxou Dylan de volta para seus braços.

“Então não faremos.”

Ryker segurou a nuca dele e empurrou seu rosto para trás, contra o peito, mantendo-o ali e deixando-o aproveitar o momento. O nariz de Dylan estava achatado, seu rosto aninhado na fenda entre os peitorais de Ryker, e Ryker parecia satisfeito em deixá-lo assim até que seus pulmões começaram a arder e

ele tocou levemente a lateral do alfa para ser solto.

Ryker o soltou, balançando os músculos peitorais de forma brincalhona, e Dylan ofegou em busca de ar. Seu rosto estava quente e seu nariz doía por causa da pressão que Ryker havia exercido sobre seu corpo.

Ele ainda segurava a garrafa de vinho que comprara no supermercado, o gargalo com as mãos suadas. Estendeu-a, oferecendo-a a Ryker com um murmurado: "Achei que devia trazer alguma coisa."

Ryker pegou a garrafa e olhou para o rótulo. "Obrigado, Dylan. Você não precisava fazer isso." Ele se virou e fez um gesto para que Dylan o seguisse. "O Steve também está aqui. Pedimos comida tailandesa e ele buscou no caminho. Eu e o August achamos que seria divertido assistir a um filme juntos, só nós quatro."

O pulso de Dylan disparou, sua mente voltando à última vez que vira Steve. A lembrança parecia irreal, pois era simplesmente repugnante. *Ele lambera o esperma do homem de sua bota* . Só de pensar nisso, Dylan corou, sua boca ecoando com o gosto de couro e sêmen.

Ele engoliu em seco, imaginando se Ryker e August pretendiam levar as coisas adiante entre os três e Steve.

Eles saíram do corredor. Ryker passou o braço pelos ombros de Dylan e o puxou para perto, inclinando-se e falando baixinho. "Eu tinha planejado me divertir um pouco com o Steve hoje à noite, mas isso está cancelado, ok?"

Dylan ficou surpreso, tanto pelo fato de terem existido planos inicialmente quanto pelo fato de terem sido cancelados.

"Por quê?", perguntou ele.

O braço de Ryker apertou, envolvendo seu pescoço enquanto o alfa se inclinava para beijar o topo de sua cabeça.

"Explicarei melhor mais tarde, mas a essência é que ele não pode se juntar à nossa matilha por causa da família dele. Ainda queremos ser amigos dele, mas neste momento, sexo ou qualquer coisa além de amizade é uma má ideia."

Ryker o conduziu até a espaçosa sala de estar, onde August e Steve estavam sentados no sofá. Os dois conversavam em voz baixa, mas com a chegada de Dylan, August se levantou e se aproximou dele com um largo sorriso no rosto.

“Aqui está você”, disse ele, o sorriso alegre se tornando um pouco cauteloso. Ele estudou o rosto de Dylan em busca de qualquer sinal de infelicidade ou descontentamento. “Está tudo bem?”

Dylan respondeu ao olhar preocupado com um sorriso, sentindo-se feliz com o cuidado evidente que August tinha com seu bem-estar. "Está tudo ótimo", disse ele. "E você, como vai?"

O sorriso de August se tornou arrogante. Ele invadiu o espaço pessoal de Dylan, olhando-o de cima a baixo com uma expressão intensa. "Estou muito bem, obrigado."

Ele deu um passo à frente e Dylan teve que inclinar o pescoço para trás para manter o contato visual. Ryker soltou um pequeno suspiro, afastando-se de Dylan e caminhando até o sofá, onde se sentou ao lado de Steve.

Dylan observou-o partir, mas logo se distraiu quando August estendeu a mão, segurou seu rosto, imobilizou sua cabeça, inclinou-se e pressionou seus lábios contra os dele.

Dylan abriu a boca e a língua de August penetrou nela. O alfa lambeu sua boca com um fervor agressivo que deixou Dylan sem fôlego.

August se afastou, ainda segurando o rosto de Dylan entre as mãos, um fio de saliva conectando suas bocas. Pendia entre eles como um fio de teia de aranha, brilhante e um tanto repugnante, antes de se desprender e pousar no queixo de Dylan. August sorriu, seus polegares acariciando as bochechas de Dylan enquanto o mantinha cativo, e inclinou-se novamente para lamber os lábios.

“Que bom te ver, Dylan.”

A voz de August era baixa, e o murmúrio provocou arrepios por toda a espinha de Dylan.

"Você também."

Ao contrário de August, a voz de Dylan era aguda e ofegante, fazendo-o sentir-se como um adolescente com voz estridente.

“Ok, pessoal, parem com isso”, disse Ryker, parecendo divertido. “A comida está esfriando.”

August soltou o rosto de Dylan e se afastou, mas colocou a mão nas costas dele enquanto o guiava até o sofá.

"Oi, Steve", disse Dylan, sentindo-se constrangido por ter dado aquele show.

Steve o observava com uma expressão atenta, as pupilas dilatadas. Quando Dylan lhe dirigiu a palavra, Steve se assustou visivelmente e a expressão atenta foi substituída por um sorriso amigável. Ele esfregou a nuca, chamando a atenção de Dylan para seu bíceps saliente e a largura de seus ombros.

“Olá, Dylan, é bom te ver de novo.”

Dylan engoliu em seco, imaginando o que aconteceria se ele se sentasse ao lado de Steve e simplesmente enfiasse o rosto debaixo do braço do homem, aninhando-se em sua axila. O desejo de sentir o corpo de Steve – de cheirá-lo e sentir seu calor – era inesperadamente intenso.

"Você também", disse Dylan, mortificado com sua libido desenfreada. Com Steve, ele nem sequer tinha a desculpa do esperma viciante de lobisomem para justificar seu desejo.

"Você pode sentar entre mim e o Ryker", disse August, empurrando Dylan para o sofá e sentando-se ao lado dele. Steve foi obrigado a se mexer um pouco, e Dylan achou que não tinha imaginado a breve expressão de decepção no rosto do alfa.

Dylan sentou-se entre August e Ryker, com os braços deles roçando seus ombros, e ficou olhando para a comida disposta sobre a mesa de centro.

“Espero que você esteja com fome”, disse Ryker, se afastando um pouco e dando mais espaço para Dylan. “Agosto exagerou um pouco.”

August protestou ruidosamente. "Eu não fiz isso. Isso não vai durar até amanhã, e você sabe disso."

"Está com uma ótima aparência", disse Steve, inclinando-se para a frente e colocando as mãos nos joelhos para examinar a mesa.

“Sirva-se.” August também se inclinou para a frente, pegando os pratos e entregando um a Dylan.

A família de Dylan nunca foi do tipo que comia em frente à TV. Ele se serviu de uma porção de arroz, curry verde e rolinhos primavera.

"Vou buscar as bebidas", anunciou Ryker, pousando o prato e se levantando. "O que vocês querem?"

Dylan pediu uma cerveja, e August e Steve pediram o mesmo.

"Você quer um espetinho de porco grelhado?", perguntou August, pegando o recipiente onde estavam e mostrando um para Dylan. "São deliciosos."

"Claro", disse Dylan, estendendo o prato. "Obrigado."

August parecia satisfeito. Recostou-se no banco, apoiando as costas e equilibrando o prato na coxa esquerda. Pegou um dos espetos do prato e arrancou a carne do palito.

Dylan o observava mastigar, fascinado pela maneira como seu maxilar bem definido se movia para cima e para baixo a cada mordida poderosa. August o flagrou olhando fixamente e lhe piscou enquanto pegava outro espeto.

“Sua comida está esfriando.”

Dylan corou, pegou a colher e se serviu de uma porção de curry. Por um instante, Dylan se esqueceu completamente de August e de sua mastigação estranhamente sensual. O curry era o melhor que ele já havia provado. Perfeitamente temperado, os sabores de capim-limão e gengibre equilibravam o coco suave, e Dylan não conseguiu evitar fechar os olhos e gemer de prazer.

Quando abriu os olhos, August e Steve estavam olhando para ele. Dylan engoliu em seco, constrangido com a atenção, e deu outra mordida. "Está muito bom", defendeu-se.

Por sorte, Ryker escolheu aquele momento para voltar com as bebidas. Ele colocou as garrafas de Stella na mesa, sentou-se, pegou o prato e olhou para August e Dylan com uma expressão intrigada.

“Por que tenho a sensação de que acabei de flagrar algo?”

"Não é nada", disse Dylan, inclinando-se para a frente e pegando sua cerveja. Ele tomou um gole rápido, determinado a não fazer mais nenhum barulho, por melhor que fosse a comida.

"O Dylan gosta da comida", explicou August, piscando para Dylan quando Ryker não estava olhando.

“É muito bom”, concordou Ryker.

Dylan quase se sentiu ofendido. Aquela era a melhor comida tailandesa que ele já havia comido, e Ryker só achou que era *boa* ? Ele pousou a cerveja e deu outra mordida no curry, só para confirmar para si mesmo que era realmente tão bom quanto a primeira mordida sugerira.

Era.

"Então, vamos assistir a um filme?" perguntou August, recostando-se e abrindo um pouco mais as coxas. O movimento fez com que sua coxa encostasse na de Dylan, causando um frio na barriga de Dylan.

“Eu e o Steve encontramos um”, disse Ryker, pegando o controle remoto e ligando a TV. “É o terceiro da Netflix.”

Dylan observava a tela, animando-se quando Ryker selecionou um filme de ação que havia estreado algumas semanas antes e que ele estava ansioso para assistir. O personagem principal era interpretado por um lobisomem.

"Você está bem?", perguntou ele.

"Eu voto sim", disse Dylan. Ele gostava de filmes de ação, e assistir Brock Heeler fazendo acrobacias e parecendo um cara durão nunca era perda de tempo.

O fato de ele aparentemente passar boa parte do filme sem camisa – pelo menos de acordo com o trailer – só aumentou o apelo do filme.

"Por mim, tudo bem", disse August. Ele assumiu uma expressão pensativa e se virou para Steve. "Brock Heeler não é um membro da sua matilha?"

Dylan se virou para Steve com os olhos arregalados. Ele tinha um pôster de Brock Heeler na parede desde os treze anos e já havia se masturbado olhando para ele inúmeras vezes.

"É sim", disse Steve, com um tom divertido. "Ele é meu primo."

Dylan ficou impressionado com a associação. Ele engoliu em seco, olhando para Steve e percebendo que havia bastante semelhança entre ele e o homem que estampava o pôster na TV.

Ele escolheu o lobisomem errado. Se tivesse escolhido Steve, o alfa poderia tê-lo apresentado ao seu famoso parente.

Ao notar a expressão de Dylan, Steve deu uma risadinha. "Ele não é tão descolado quanto você pensa."

Dylan tinha certeza de que isso não era verdade.

“Não. Os únicos hobbies dele são malhar e jogar videogame.”

"Jogos de videogame são legais", protestou Dylan. Ele mesmo não jogava – nunca teve paciência para passar do tutorial de nenhum jogo que tentou jogar – mas isso não significava que não fossem legais.

“Tudo bem, videogames são legais e Brock Heeler não é um perdedor”, disse August, antes que Steve pudesse difamar ainda mais o caráter da primeira paixão platônica de Dylan por uma celebridade. “Agora vamos assistir.”

Ele apertou o play, e Dylan lançou um último olhar fulminante para Steve antes de voltar sua atenção para a tela.



Duas horas depois, Dylan estava se sentindo completamente satisfeito. Ele estava encostado em August, aconchegado confortavelmente sob seu braço musculoso, com a bochecha apoiada na saliência do firme músculo peitoral do alfa.

O filme foi melhor do que Dylan esperava. A ação foi excelente — as acrobacias eletrizantes e espetaculares — e a história tinha a dose certa de substância para sustentar tudo. Brock Heeler estava tão atraente como sempre. Houve uma cena no meio do filme em que ele vestia um uniforme militar justo — com calças táticas pretas, botas pretas grandes e um colete à prova de balas — e Dylan passou tempo demais imaginando se August e Ryker topariam se vestir assim para ele.

Era um pensamento que ele jamais teria tido antes de conhecer os dois alfas. Ele nunca havia se interessado por jogos de papéis e, embora sempre tivesse gostado de homens de uniforme, nunca lhe ocorrera fazer nada com isso no quarto.

O traje incluía um par de luvas táticas de aparência rústica. Dado o quanto August e Ryker pareciam gostar de usar luvas, a roupa atenderia perfeitamente tanto à admiração de Dylan por um homem musculoso de uniforme quanto ao

prazer de August e Ryker em usar luvas durante o sexo.

Seria uma situação em que todos sairiam ganhando.

“Acho que vou para casa.”

Dylan ergueu a cabeça e olhou para Steve, perguntando-se mais uma vez o que estava acontecendo com ele. Ele estivera estranhamente quieto antes e depois do filme e, ao contrário de August e Ryker, não fizera muitos comentários sobre o realismo das várias acrobacias realizadas pelo personagem de Brock Heeler.

“Fique à vontade para ficar”, disse August, acariciando o ombro de Dylan com um toque distraído dos dedos, uma sensação muito agradável. “Podemos ligar o PlayStation ou algo assim.”

Steve se levantou, espreguiçou as costas e balançou a cabeça. "Obrigado, mas eu realmente preciso ir. Tenho um turno cedo amanhã e gostaria de dormir um pouco. Obrigado pelo convite, de qualquer forma. Eu me diverti."

Ele deu alguns passos para trás, erguendo a mão num pequeno aceno de despedida.

"A gente se vê por aí, beleza?" disse August. Steve hesitou, mas depois assentiu. Ele parecia melancólico.

Ryker se levantou de repente, o movimento brusco fazendo Dylan se desequilibrar quando o sofá ricocheteou ao suportar o peso do alfa musculoso. "Eu te acompanho até a porta."

“Até logo, Steve”, disse Dylan.

"Só se eu te vir primeiro", respondeu Steve, fazendo todos gemerem. O estômago de Dylan deu um nó ao ver como ele era fofo.

"Então, o que está acontecendo com a antiga matilha dele?", perguntou Dylan assim que Steve e Ryker saíram pela porta, mantendo a voz baixa e esperando ter esperado tempo suficiente para que eles estivessem fora do alcance da sua voz.

August ergueu o dedo, sinalizando que precisava esperar mais um pouco. Inclinou a cabeça e escutou, e após uma pausa silenciosa, respirou fundo e encontrou o olhar de Dylan.

“Lembra que te falamos sobre a mochila Alaska?”

Dylan assentiu com a cabeça. Ele ainda estava surpreso por ter crescido no território de uma das alcateias mais temidas do país. Ele nunca tinha visto um lobisomem até se mudar para a faculdade.

August passou a mão pelos cabelos, com uma expressão de leve incredulidade. Soltou uma risada incrédula. "Bem, o alfa deles é o pai do Steve. Steve brigou com ele sobre o que faria depois de se formar. Acabou se mudando para cá, mas acha que o pai espera que ele volte para casa eventualmente. Se ele se juntar a outra alcateia nesse meio tempo, o pai provavelmente levaria para o lado pessoal e viria buscá-lo."

Considerando o que August e Ryker lhe haviam contado sobre a matilha do Alasca, aquilo não parecia ser algo que eles desejassem que acontecesse.

"Que surpresa", disse Dylan, sem saber bem o que sentir. Isso significava que Steve era algum tipo de príncipe lobisomem? Ele perguntou, e August soltou uma gargalhada estrondosa.

“Não, mas ele é importante. Pelo que ouvi, o irmão dele é o principal

candidato a assumir a liderança do pelotão, e ele vai querer o Steve lá para ajudá-lo.”

Dylan sentiu pena de Steve. Ele parecia tão feliz quando lhe contou que August e Ryker queriam ser seus amigos.

Você acha que ele vai voltar para o Alasca?

Antes que August pudesse responder, Ryker voltou para a sala. Ele carregava três garrafas de cerveja em uma das mãos e, enquanto as colocava sobre a mesa e se sentava, respondeu à pergunta de Dylan.

“Sem dúvida. O pai dele está deixando ele se acalmar e se acostumar a viver sozinho, mas ele tem certeza absoluta de que o Steve vai ceder e voltar para casa.”

Dylan se perguntava como podia ter tanta certeza.

“Então, aquela história dele ter se masturbado enquanto estávamos no outro quarto, coisas desse tipo, está fora de questão?”

Ryker suspirou, com um olhar melancólico. "Completamente. Ainda queremos ser amigos dele, mas não podemos nos apegar demais sem correr o risco de ter problemas com o pai dele."

"Que pena", disse Dylan, assentindo quando Ryker ergueu uma das cervejas para ele, com uma expressão interrogativa.

“É isso mesmo”, concordou August. “Íamos deixar ele te dar umas palmadas, e depois nós dois faríamos 69 enquanto você ficava sentada no nó do Ryker assistindo.”

Dylan engasgou, cuspindo cerveja pelo nariz. August pegou um dos guardanapos que estavam sobre a mesa e entregou-o a ele com um sorriso irônico.

"Você não pode simplesmente dizer coisas assim!" Dylan exclamou, tossindo e enxugando o rosto com o guardanapo. Ele sentia como se seu rosto fosse explodir de tanta vergonha. "Você é a pior pessoa do mundo."

"Vou te dar umas palmadas", disse Ryker, puxando-o para debaixo do braço e quase fazendo-o derramar a cerveja que ainda segurava na mão. Ele pressionou a boca contra o cabelo de Dylan. "Se você quiser?"

"Talvez mais tarde", murmurou Dylan, ajeitando o corpo e tentando se acomodar. O braço de Ryker em volta de seu pescoço o apertava, e ele precisou se aconchegar quase no colo de Ryker para aliviar a pressão.

"Vem cá", disse Ryker, soltando-o apenas o suficiente para puxá-lo para o seu colo. Ele moveu as pernas de Dylan para cada lado de suas coxas, ajeitando-o de modo que ficassem peito com peito, e o abraçou forte. Ele roçou o nariz em sua garganta e rosnou: "Assim está melhor."

Dylan permaneceu imóvel, mole e submisso, deixando Ryker ajeitá-lo como bem entendesse. Era incrivelmente excitante a facilidade com que Ryker o levantava e o movia. Fazia-o sentir-se mais leve que o ar. Ele repousou o rosto na saliência do peitoral de Ryker e fechou os olhos.

Houve um movimento no sofá ao lado deles, e um segundo depois Dylan sentiu August agarrá-lo pela cintura e pressionar seu rosto contra a curvatura de suas costas. Ele virou o pescoço, olhando para baixo, e viu que August havia descido do sofá e agora estava ajoelhado no chão atrás dele.

"O que você está fazendo?", murmurou ele, enquanto August o empurrava

contra o corpo de Ryker.

"Nada", murmurou August, deslizando as mãos para baixo e contornando a bunda de Dylan. Ele o empurrou para cima, inclinando-o para a frente e expondo seu traseiro. Dylan agarrou a camisa de Ryker, puxando o algodão macio com os dedos, um gemido surpreso escapando de sua boca quando August pressionou o rosto contra sua bunda e soprou em sua fenda.

“Não é nada-”

O protesto de Dylan foi interrompido pela sensação das pontas dos dedos de August se afiando, garras cravando em suas bochechas e o fazendo congelar. August moveu os polegares, encontrando o topo da fenda de Dylan através de sua calça jeans, enquanto beijava a bunda de Dylan coberta pelo jeans.

Ele percebeu o que August estava prestes a fazer um segundo tarde demais para impedi-lo. O som de jeans rasgando ecoou pelo quarto, e Dylan soltou um gemido de protesto enquanto suas calças jeans mais confortáveis, que ainda pareciam apresentáveis o suficiente para usar em público, eram arruinadas.

A boca de August em seu orifício, a língua penetrando seu ânus com estocadas agressivas, transformou o gemido de Dylan em um suspiro de prazer. Ele pressionou o rosto contra o peitoral de Ryker, contorcendo-se e tentando mover o ânus de volta para a boca de August, mas os dois alfas o mantiveram imóvel entre eles. Não havia nada que ele pudesse fazer a não ser aceitar, o prazer aumentando à medida que as carícias de August se tornavam mais desleixadas.

Ryker agarrou-o pelos cabelos, puxando sua cabeça para trás e inclinando-se para beijá-lo. A língua de Ryker preencheu sua boca, ultrapassando seus dentes e reivindicando-a, roubando-lhe o fôlego e fazendo-o sentir-se invadido e dominado enquanto os dois lobisomens o devoravam com suas línguas.

As coisas só melhoraram quando August levantou uma das mãos e a desferiu com força na bochecha parcialmente exposta de Dylan. A dor contrastava fortemente com o prazer de ser estimulado oralmente, surgindo do nada e fazendo Dylan se sentir como uma prostituta devassa pela forma como gemeu e arqueou as costas, implorando por mais.

August cumpriu sua promessa, o som da palma da mão dele batendo na bunda de Dylan se misturando asperamente com os grunhidos e ruídos desleixados dos dois alfas lambendo sua bunda e boca.

O pau de Dylan estava duro como pedra, pressionando a parte inferior do estômago de Ryker, preso em suas calças jeans e pulsando a cada investida da língua de August em seu orifício.

"Garoto ganancioso", murmurou August, com um tom de apreciação na voz. Ele recuou e desferiu a palmada mais forte até então, fazendo Dylan gritar com a língua de Ryker ainda em sua boca. Em seguida, cuspiu com força, a saliva úmida atingindo a fenda entre as nádegas de Dylan e escorrendo até seu ânus, onde August a empurrou com a ponta do polegar.

A penetração provocou arrepios na espinha de Dylan, seu traseiro tremendo de excitação enquanto o polegar de August deslizava para dentro dele.

O polegar de August foi arrancado, e o alfa imediatamente o substituiu por outra bola de saliva e pelos dedos indicador e médio. Os dois dedos eram consideravelmente mais grossos que o polegar, e a penetração causou apenas um

leve incômodo.

Cuspiu novamente e August bombeou os dedos para dentro e para fora do orifício de Dylan até que a dor desapareceu e restou apenas prazer.

Dylan ficou incrivelmente aliviado por ter se limpado completamente antes de vir para cá. O desvio para casa depois de sair do laboratório valeu totalmente a pena.

August acrescentou um terceiro dedo, e o alongamento fez Dylan estremecer e quase morder a língua de Ryker que estava em sua boca. Ele virou a cabeça, afastando-se da boca de Ryker e prendendo a respiração enquanto tentava se acostumar com a largura maior.

“Olha só esse buraquinho bonitinho”, rosnou August, cuspindo de novo e curvando os dedos para esfregar na próstata de Dylan. Ele atacou a glândula sensível com a ponta dos dedos, e se continuasse, Dylan ia gozar nas calças. “Vamos, abre pra mim.”

August acrescentou um quarto dedo e, com nada além de saliva para facilitar o processo, o alongamento foi intenso. Dylan fechou os olhos com força e pressionou o rosto contra o peito de Ryker enquanto o alfa acariciava seus cabelos.

“Tem lubrificante no armário”, disse Ryker, fazendo das palavras uma ordem.

August tirou os dedos do cu de Dylan e pulou de pé, mas Dylan não teve descanso para o seu orifício. Ryker enfiou dois dedos no cu dele, bombeando-os para dentro e para fora e puxando a borda do ânus de Dylan com muito mais crueldade do que August tinha feito.

Doía, mas o prazer era tanto que Dylan não queria que ele parasse. Antes que ficasse insuportável, August voltou e deu um tapa na mão de Ryker. Dylan ouviu o som do lubrificante sendo destampado e, um segundo depois, foi surpreendido pela sensação do pênis lubrificado de August pressionando seu orifício.

Ele esperava dedos! Dylan não teve tempo de ajustar suas expectativas antes que August o penetrasse, seu pênis grosso forçando seu orifício a se abrir amplamente para aceitar a intrusão.

August enfiou o pênis de uma só vez, e quando pressionou a boca contra a nuca de Dylan, pôde sentir a sensação de dentes afiados raspando sua pele.

Movendo os quadris para trás, August se afastou alguns centímetros da bunda de Dylan antes de impulsioná-los para frente com força, a pressão empurrando Dylan contra o corpo de Ryker. Dylan tentou levar as mãos à virilha — para alcançar seu pênis preso — mas não havia espaço. Tudo o que conseguiu foi apalpar a cintura de Ryker.

Desistindo, Dylan tentou mover os quadris, mas também não havia espaço suficiente. Estava tudo bem. Cada vez que August o penetrava, a força da estocada empurrava Dylan contra o corpo de Ryker, e quando ele encontrava um ritmo, a estimulação era mais do que suficiente para a satisfação de Dylan.

"Ele é apertado?" perguntou Ryker, agarrando a bunda de Dylan e separando suas nádegas para que o pau de August tivesse acesso mais fácil.

"Tão apertado", grunhiu August, penetrando com mais força. "É uma sensação incrível."

August aumentou a velocidade das estocadas novamente, seu pênis

deslizando sobre a próstata de Dylan e o preenchendo perfeitamente, e então, no instante seguinte, Dylan se viu com os dois alfas se beijando sobre sua cabeça. Ele ficou preso entre eles, a cabeça presa entre os peitorais salientes, ignorado e usado na mesma medida enquanto os dois alfas se beijavam e grunhiam palavras de incentivo um para o outro.

"Porra, eu vou gozar", rosnou August, afastando-se da boca de Ryker e agarrando Dylan pela cintura.

Ryker recostou-se, segurando Dylan contra o peito e brincando com a concha da orelha dele enquanto as estocadas de August ficavam mais fortes, rápidas e erráticas.

"Vamos lá, dê o seu nó para ele", rosnou Ryker, pressionando o dedo na orelha de Dylan com mais força. Dylan inclinou a cabeça e olhou para cima, sentindo um frio na barriga ao ver as presas roçando o lábio inferior de Ryker.

Ver Ryker e August se soltando e deixando seus atributos lupinos transparecerem foi muito mais excitante do que Dylan esperava.

August grunhiu, o aperto na cintura de Dylan tornando-se doloroso, e empurrou os quadris para frente com força, de modo que todo o comprimento do seu pênis ficou enterrado no cu de Dylan. O nó do seu pau vinha roçando a entrada do ânus de Dylan há algum tempo, tornando cada estocada um pouco mais desconfortável que a anterior, mas quando ele gozou, expandiu-se e o preencheu de verdade.

Dylan nunca se acostumaria a ter o nó aplicado. Era uma sensação ao mesmo tempo avassaladora e maravilhosa, a pressão em seu interior e contra sua próstata era transcendental.

August aproximou a boca da junção entre o pescoço e o ombro de Dylan e, antes que Dylan pudesse protestar, mordeu com tanta força que Dylan se assustou e gritou de alarme e confusão.

Dylan tinha certeza de que havia rompido a pele.

Ser mordido com tanta força não deveria ser agradável, mas de alguma forma foi. A dor era tão aguda e intensa quanto orgásmica.

“August”, disse Ryker, exasperado e afetuoso. Ele acariciou o cabelo de August. “Não conversamos sobre isso.”

"O quê?" Dylan murmurou. Ele estava muito mais grogue do que imaginava. Sentia sono e, se não fosse pela vontade que tinha de vir, poderia ter adormecido.

Os músculos peitorais de Ryker formavam um ótimo travesseiro.

“Ele está reivindicando você”, disse Ryker, abaixando o queixo para poder fazer contato visual. “Tudo bem?”

Dylan não tinha ideia se aquilo era certo, mas estava gostando. A dor havia diminuído, e uma espécie de prazer estranho emanava do ponto onde os dentes de August o mordiam.

"Sim", murmurou ele, tentando empurrar sua virilha contra o corpo de Ryker. Ele estava tão perto de gozar!

“Posso te reivindicar também?”

A voz de Ryker era sombriamente séria, seu tom grave ainda mais baixo que o normal, fazendo com que os pelos da nuca de Dylan se arrepiassem.

Naquele momento, Dylan não poderia ter lhe negado nada. Ele assentiu. "Certo."

Ryker sentou-se de repente, o movimento abrupto que fez os três recuarem. Ele curvou o pescoço e as costas, colocando a boca do outro lado do pescoço de Dylan, onde August o lambia, e mordeu.

A dor era intensa, os dentes de Ryker afundando nele com uma violência muito pior do que a mordida cuidadosa de August.

Além da dor, Dylan sentiu um prazer melhor do que qualquer orgasmo que já tivesse experimentado. Seu corpo inteiro estava eletrizado, seus nervos fervilhando, cada centímetro de sua pele hipersensível e em chamas de prazer.

Dylan não sabia quando tinha começado a gozar, mas quando conseguiu se controlar, seu pênis jorrava em sua cueca com a força de um canhão d'água. Durou o que pareceu uma eternidade. Quando finalmente parou de ejacular, ele se deixou cair para trás e deixou que os dois lobisomens o sustentassem.

August foi o primeiro a soltar o pescoço dele. Ele levantou a cabeça e roçou o focinho na orelha de Dylan, parecendo muito feliz ao murmurar: "Você é nosso agora."

Dylan nunca tinha ouvido nada tão possessivo. August parecia convencido, como se tivesse ganhado alguma coisa, e Dylan não pôde deixar de se sentir satisfeito.

Ele desejava poder mordê-los de volta e reivindicá-los da mesma forma que eles o haviam reivindicado.

August continuou acariciando a orelha de Dylan e beijando seus cabelos até que Ryker soltou seu pescoço. Ryker recostou-se, sorrindo de canto enquanto levava as mãos para trás da cabeça e se apoiava no encosto do sofá. Ele parecia preguiçoso e indulgente, sua expressão satisfeita demonstrando um trabalho bem feito.

Era intimidante o quão bonito ele era.

"Você gozou nas calças", comentou Ryker, abaixando o braço e acariciando o lábio de Dylan. Seu polegar cutucou os dentes de Dylan, e Dylan abriu a boca como um convite para entrar.

“Sim, eu fiz”, confirmou Dylan.

“E o nó de agosto está no seu traseiro.”

Dylan assentiu novamente. Ele estava começando a entender onde Ryker queria chegar. Dos três, ele era o único que não tinha vindo.

"O que devemos fazer a respeito disso?" Ryker enfiou o polegar na boca de Dylan, deixando bem claro o que queria.

Antes que Dylan pudesse responder, August soltou uma risada alegre. Ele se levantou, com Dylan ainda preso ao seu nó e vindo junto, e se sentou de forma que ficou de cócoras.

A posição era de Dylan sentado no colo de August, sobre o nó do pênis dele, no chão entre as pernas de Ryker.

Ele encarou o volume na calça de Ryker, com água na boca.

August o contornou, alcançando o cós da calça jeans de Ryker, empurrando-o para frente e forçando-o a repousar as mãos nas coxas de Ryker. Os membros musculosos se contraíram em resposta ao toque de Dylan, e Dylan se maravilhou com a força contida nas coxas grossas de Ryker. Ele moveu as mãos para cima e para baixo, acariciando-as através do jeans justo enquanto August trabalhava para desabotoar o zíper da calça de Ryker.

"Você quer?" perguntou August, esfregando a grossa linha do pênis de Ryker através de suas calças jeans depois de ter aberto o zíper.

"Sim, por favor", disse Dylan, baixando o queixo até que seu rosto ficasse bem entre as coxas de Ryker. Ele se inclinou para a frente, roçando o rosto na protuberância de seu pênis.

"Você pode usá-lo quantas vezes quiser", prometeu Ryker, abaixando-se e libertando seu pênis.

Dylan olhou fixamente para aquilo e sentiu a boca salivar. Com veias saltadas, grande e lindo, Ryker tinha o tipo de pau que foi feito para ser chupado.

August agarrou o cabo grosso pela base e apontou-o para a boca de Dylan.

"Chupa", disse ele, pairando atrás de Dylan e guiando-o em direção ao pênis de Ryker com uma mão firme na nuca dele. Dylan abriu bem a boca, resistindo à pressão na nuca depois de deixar a glande bulbosa deslizar sobre sua língua.

Ele queria apreciar a glande do Ryker por um tempo, antes de tentar engoli-la por completo. Queria deslizar a língua pela coroa sob o prepúcio e explorar a fenda enquanto sua boca se enchia de líquido pré-ejaculatório.

A sucção entusiasmada dele fez August parar, ambos os alfas satisfeitos em deixá-lo aproveitar antes de partirem para a violência. E Dylan tinha certeza de que partiriam para a violência. Conhecendo seus alfas, eles o estariam imobilizando e penetrando-o profundamente em pouco tempo.

Isso também seria divertido.

“Porra”, rosnou Ryker, levando a mão à cabeça de Dylan e se enroscando em seus cabelos. Ele apertou o punho, puxando o couro cabeludo de Dylan e agarrando-o com firmeza. “Porra, isso é bom demais. Deslize sua língua por aí, assim mesmo. Entre aí embaixo.”

Dylan sorriu com o pau na boca, girando a língua sob o prepúcio de Ryker e empurrando-o para baixo com a língua para explorar a glande.

Sem qualquer aviso, Ryker o empurrou para baixo. Dylan engasgou, o pênis de Ryker parou na entrada de sua garganta, mas isso só fez com que Ryker ajustasse os quadris e o empurrasse com mais força.

Dylan se rendeu, deixando a mandíbula relaxar e se concentrando em respirar quando conseguia, enquanto Ryker começava a penetrá-lo pelo esôfago. Ele engasgou e babou, com Ryker movendo-o para cima e para baixo em seu pênis como se estivesse se masturbando com uma vagina artificial.

"Respire fundo", avisou Ryker, puxando Dylan para cima até que apenas a cabeça de seu pênis preenchesse sua boca. Dylan obedeceu, ofegando e enchendo os pulmões em preparação para o pênis de Ryker penetrá-lo profundamente.

Ryker o empurrou para baixo, forçando-o a engolir cada centímetro de seu enorme pênis, e então o manteve ali.

Dylan piscou, encarando a parte inferior do abdômen de Ryker. Sua camiseta havia subido, expondo seus músculos abdominais definidos.

Eles eram brilhantes, reluzentes de suor, e se ele não estivesse completamente satisfeito com o sexo, Dylan os teria lambido.

Com o nariz enterrado nos pelos pubianos de Ryker, o cheiro de suor e almíscar alfa preenchendo suas narinas, Dylan sobressaltou-se quando August estendeu a mão e a envolveu em sua garganta.

A princípio, Dylan pensou que ele apenas o seguraria ali, mas então August o apertou.

"Seu idiota", Ryker riu, empurrando Dylan para baixo e esfregando-o contra sua virilha. Dylan estava se engasgando violentamente, enquanto August o masturbava pela garganta, mas o engasgo só fazia Ryker grunhir e soltar um gemido de prazer.

Dylan não sabia quanto tempo ficou assim, com o nó de August preenchendo seu orifício e Ryker abusando de sua garganta, mas num minuto ele estava desmaiando e sentindo como se estivesse flutuando enquanto Ryker o empurrava para baixo sobre seu nó crescente, e no minuto seguinte ele estava sentado no colo de Ryker, com o sêmen escorrendo de seu orifício pulsante e sua mandíbula doendo terrivelmente.

"Você está conosco?" perguntou Ryker, acariciando suas costas.

Dylan apertou o ânus, tentando impedir que o sêmen de August vazasse dele.

Havia sêmen por todo o rosto dele e dentro da boca, e Dylan percebeu que tinha perdido o orgasmo de Ryker.

Quase lhe deu vontade de chorar. Ele queria ter visto Ryker gozar. Poucas coisas eram tão maravilhosas quanto ver Ryker ou August ejaculando seus enormes jatos, e a sensação dos poderosos jatos atingindo seu rosto era incomparável.

Ele não conseguia acreditar que tinha perdido aquilo.

"Sim", murmurou ele, sentindo-se exausto. Enxugou os olhos, sentindo um frio na barriga ao perceber que seus cílios estavam molhados com o sêmen de Ryker.

"Você desmaiou", disse August, agachando-se atrás dele. Ele esfregou as costas de Dylan, sua mão larga quente contra a pele úmida de Dylan.

Dylan respirou fundo, ainda se sentindo um pouco zonzo. Ele realmente deveria conversar com Ryker sobre o hábito dele de estrangulá-lo até que desmaiasse, mas, por outro lado, ele gostava muito disso.

"Você me mordeu", disse ele, suas próprias palavras o pegando de surpresa. Ele estendeu a mão e tocou o pescoço, sibilando com a sensação delicada.

Eles realmente o atacaram com todas as forças.

"Nós te reivindicamos", disse Ryker, com a voz num tom grave e satisfeito. "Você agora faz oficialmente parte da nossa matilha."

"Nossa", concordou August, beijando a marca que deixara no pescoço de Dylan, fazendo-o estremecer com a sensação terna e crua.

Dylan sabia que deveria estar um pouco assustado com o fato de estar basicamente casado com um lobisomem, mas se sentia tão vulnerável e satisfeito que não tinha motivos para se preocupar. Além disso, ele já estava ligado a August e Ryker como seu ômega. Ser reivindicado não o tornava mais dependente deles. Na verdade, ser reivindicado era melhor. Significava que ele era desejado.

August e Ryker continuaram a beijá-lo, mordiscando seu pescoço, passando a língua sobre suas respectivas marcas e fazendo o pênis já ereto de Dylan se contrair.

Ele estava prestes a sugerir que fossem dormir quando Ryker levantou a cabeça e sorriu para ele.

“Quer levar isso para a sala de jogos?”

A sala de jogos? Dylan estava exausto, com a mandíbula e o traseiro doendo, e mal conseguia se conter para não dormir.

"Estou cansado."

As palavras saíram mais petulantes do que ele pretendia, e o sorriso de Ryker se acentuou.

“Você não vai precisar fazer nada, meu bem.” Ele acariciou a bochecha de Dylan e segurou a lateral do seu rosto, passando o polegar sobre o queixo. “Nós faremos todo o trabalho.”

Dylan lançou-lhe um olhar que deixou claro o quanto acreditava nisso. Ryker riu, deslizando a mão para baixo e segurando o queixo de Dylan entre os dedos. O aperto era firme, os dedos de Ryker beliscando-o com força suficiente para causar uma pontada de dor, o que, para desgosto de Dylan, foi o que realmente o excitou.

“Quero te amarrar e brincar com seus testículos.”

Ryker parecia extremamente sério, apesar da curva arrogante em seus lábios, e os testículos de Dylan se contraíram em alarme.

Ele se lembrou de August lhe dizendo que Ryker tinha uma tara por tortura de pênis e testículos, e ele não estava em condições de lidar com isso naquela noite.

Dylan queria dizer a Ryker para ir se foder, mas em vez disso, as palavras que escaparam de seus lábios foram: "Brincar com elas como?"

Ryker mordeu o lábio inferior, as presas reluzindo e parecendo afiadas enquanto ele aproximava o rosto.

“Nada assustador. Quero puxá-los um pouquinho e talvez ver como você gosta quando eu os aperto ou dou um tapinha neles.”

Antes que Dylan pudesse responder que não haveria tapas ou apertos nos seus testículos, August afastou a boca do pescoço de Dylan e apoiou o queixo no ombro dele. Deu um beijo molhado na bochecha de Dylan e murmurou: "Quero te amarrar."

Dylan prendeu a respiração, seu pulso acelerou ao pensar em August o colocando em situação de servidão.

Ele gostava de bondage. Ao contrário da tortura de pênis e testículos, a bondage não doía nada, e a sensação de estar completamente indefeso e à mercê de August era fantástica.

"OK."

A capitulação foi fácil, mas foi só ao ver o olhar triunfante de Ryker que Dylan percebeu como a havia interpretado.

Ele tinha concordado com a prática de bondage, mas não com a tortura nos testículos!

“Eu quis dizer-”

Ryker o calou com um beijo, lambendo-o desajeitadamente, e no instante seguinte o alfa se levantou e jogou Dylan por cima do ombro.

"Eu quis dizer que estava tudo bem me amarrar, não com a parte da bola!" disse Dylan, olhando para a bunda redonda e gloriosa de Ryker.

"Se você diz", disse Ryker, carregando-o para fora da sala de estar. Dylan ergueu a cabeça, encontrando o olhar de August enquanto saía da sala atrás

deles.

August piscou o olho, mas Dylan não se sentiu tranquilizado.

É melhor Ryker não pensar que pode começar a bater nos próprios testículos, ou vai se arrepender amargamente.

A faísca de adrenalina da ameaça de Ryker aos seus testículos o despertou imediatamente, e ele não queria mais dormir. Olhando para a bunda de Ryker, ele se perguntou se, em vez de fazer coisas perversas com seus testículos, talvez Ryker concordasse em sentar no rosto de Dylan.

Ele decidiu perguntar quando estivessem na sala de jogos.

RYKER

Ryker estava de costas para a parede, acariciando a ponta de seu chicote favorito enquanto observava August atrás de seu pequeno companheiro, pairando sobre seu corpo esguio e sussurrando docemente em seu ouvido enquanto tentava convencer o garoto a deixá-los colocar uma focinheira nele.

Dylan encarava o couro macio nos dedos de August, logo abaixo do queixo, pronto para ser usado, com uma expressão tingida na medida certa de apreensão para fazer o pau de Ryker se contrair.

Ele não queria que Dylan ficasse com medo – ele deveria aproveitar tudo o que faziam juntos – mas um pouco de nervosismo era divertido.

“Você ainda poderá usar a palavra de segurança”, disse August, levantando a mordaça até o queixo de Dylan. Ela foi feita para envolver a parte inferior do rosto de Dylan, com tiras sob o queixo e ao redor da cabeça que a manteriam firme no lugar. August levantou a mão, acomodando o queixo de Dylan na mordaça e alisando-a sobre a boca e sob o queixo. Ele se inclinou e beijou a orelha de Dylan. “Não é uma sensação boa?”

Apesar do nervosismo aparente, o pau de Dylan estava duro como pedra, e seus olhos brilhavam de desejo.

"O que você diz, Dylan?" August beliscou o mamilo dele, brincando com ele e fazendo Dylan gemer.

Dylan jogou a cabeça para trás, August segurando o focinho sobre a parte inferior do seu rosto, expondo sua garganta e, inconscientemente, exibindo suas novas marcas de mordida. Ryker encarou a marca, que, apesar de ter apenas uma hora, já parecia quase totalmente cicatrizada.

A reivindicação dele – e a de August – tinha sido um sucesso absoluto. Dylan era indiscutivelmente e irrevogavelmente *um membro da máfia* .

Você vai gostar, eu prometo.

August continuava tentando convencer Dylan a usar a focinheira.

"Está bem", murmurou Dylan finalmente, com a voz abafada pela mordaça e pela mão de August que a segurava no lugar.

O pênis de Ryker pulsou ao ver a expressão de satisfação no rosto de August. Seu parceiro rapidamente colocou a mordaça no lugar, apertando as tiras e ajustando-as até que o couro macio e flexível envolvesse a parte inferior do rosto de Dylan com tanta firmeza que era possível ver o contorno de seus lábios.

Os olhos de Dylan se arregalaram quando August puxou a alça sob seu queixo com força, impedindo-o de abrir a boca, mas ele relaxou quando August se inclinou e o instruiu a praticar o uso de seu sinal de segurança.

“Ah-ah, ah-ah”, disse Dylan, balançando a cabeça para reforçar a ideia.

“Bom garoto.” August abraçou Dylan com força contra o peito e beliscou seus mamilos, rolando-os e puxando-os. “Se você fizer esse barulho, tudo para.”

Dylan murmurou em concordância, recostando-se no peito de August e fechando os olhos.

Enquanto massageava os mamilos de Dylan, August foi ficando cada vez mais bruto. Suas narinas se dilataram, seu olhar se ergueu para encontrar o de Ryker, buscando sua aprovação. Sabendo o que queria, Ryker assentiu.

"Vamos praticar", rosnou August, voltando sua atenção para Dylan. "Palavra

de segurança para quando você não gostar mais."

Dylan soltou um som confuso, que se transformou em um grito de susto quando August apertou seus mamilos com força e os torceu com uma torção violenta. Ryker observava, com o pênis pingando e os testículos pulsando, enquanto August esfregava, beliscava e torcia os mamilos de Dylan com crueldade deliberada.

Dylan não demorou muito para emitir seu sinal de segurança. O som irrompeu de sua boca, alto e insistente.

August parou imediatamente e o abraçou forte. Passou as mãos pela barriga de Dylan e aninhou o focinho em seu pescoço, beijando a mordida que o marcava e murmurando elogios.

“Isso mesmo, garoto”, disse ele, com a voz rouca e grave. “Sendo tão bom para o alfa e dizendo a ele quando é demais.”

Ele agarrou o pênis de Dylan, bombeando-o com movimentos lentos e provocantes enquanto acariciava sua barriga e continuava beijando seu pescoço. Dylan parecia estar no paraíso.

Ryker se afastou da parede, não se contentando mais em apenas observar. Ele parou em frente a Dylan, o garoto espremido entre ele e August, e arrastou a ponta do chicote pela lateral do menino até o quadril.

Dylan deu um pulo, surpreso ao encontrar Ryker de repente parado bem na sua frente, os músculos se tensionando a cada leve toque do chicote.

Ryker não ia pressioná-lo – Dylan estava cansado e não aguentaria mais do que uma cena curta – mas queria dar a Dylan uma pequena amostra de como era ter seus testículos manipulados.

"Abra as pernas", ordenou ele, agachando-se e passando o chicote pela parte interna da coxa de Dylan. Quando Dylan fez pouco mais do que afastar os pés um pouco, Ryker deu um tapa na parte interna da coxa dele. "Mais."

Dylan obedeceu prontamente, e Ryker estendeu a mão para admirar a marca vermelha que havia feito na pele de Dylan. Ele realmente sabia marcar muito bem.

“Isso sim”, disse Ryker. Ele olhou para August, que o observava por cima do ombro de Dylan. “O que você acha, algemas acolchoadas ou devemos usar corda?”

"Algemas", disse August. Ele soltou Dylan do abraço, afastando-se e deixando Dylan cambaleando. Ryker estendeu a mão e colocou-a na coxa do garoto.

"Você está se divertindo?" perguntou Ryker, passando o chicote pela parte interna das pernas de Dylan e cutucando levemente seus testículos.

Ao sentir a aba do chicote em seu saco escrotal, Dylan congelou.

"E então?" perguntou Ryker, cutucando os testículos de Dylan com o chicote e fazendo-os balançar para frente e para trás.

Dylan emitiu um som cauteloso de afirmação.

“Ótimo.” Ryker estendeu a mão para os testículos de Dylan, envolvendo a base do saco escrotal com o polegar e o indicador, e descendo até prendê-los, forçando o escroto a se contrair ao redor deles. Passou a aba do chicote sobre a pele lisa, acariciando os testículos de Dylan. “Quero que você se divirta.”

Ele deu um leve toque nos testículos de Dylan com a ponta do chicote, o

mais suavemente que conseguiu, mas Dylan ainda fez um som como se tivesse levado um soco no estômago.

Ryker esfregou o polegar nos testículos presos de Dylan, pressionando as esferas sensíveis e fazendo Dylan gemer.

"Isso mesmo, garoto", murmurou Ryker, levantando o polegar quando o pênis de Dylan começou a amolecer. Ele manteve a pegada nos testículos de Dylan, puxando-os para baixo e para fora do caminho enquanto se inclinava e abocanhava o pênis murcho de Dylan.

Não demorou muito para que Dylan estivesse com o pau duro e pingando, momento em que Ryker soltou seu pênis com um estalo molhado e bateu com o chicote em seus testículos com uma pancada. Ele repetiu o golpe antes que Dylan pudesse reagir e então se inclinou para levar seu pau à boca.

Dylan gritou, o som se transformando em um grunhido quando Ryker engoliu seu pênis até a base e o penetrou profundamente.

Ryker sorriu com o pau na boca. Ele adorava o monstro enorme de August, mas a vantagem do pênis menor de Dylan era que era muito mais fácil fazer um boquete nele.

"O Ryker está batendo nos seus testículos?" perguntou August, voltando para trás de Dylan e o abraçando contra o peito.

Dylan emitiu um som lamentável de confirmação.

Ryker deu uma risadinha. "Pelo que pude perceber, você pareceu gostar."

Dylan soltou um gemido de indignação, ao qual Ryker respondeu interrompendo a mamada para lhe dar outro tapa nos testículos presos.

"Ai", disse August, com voz zombeteira enquanto esfregava a mão com força no focinho de Dylan. "Ele é tão malvado."

Ryker esfregou o polegar nos testículos de Dylan, pressionando apenas o suficiente para causar dor antes de soltar completamente. Ele deslizou a mão por baixo do períneo de Dylan, empurrando a fenda e esfregando o ânus.

Ainda não tinha cicatrizado completamente desde que August o havia penetrado há algum tempo, e quando Ryker enfiou o dedo lá dentro, sentiu o som molhado do sêmen do seu parceiro. Acrescentou outro dedo, bombeando-os para dentro e para fora do orifício dolorido de Dylan antes de curvá-los e encontrar sua próstata.

Dylan gritou, e desta vez não havia nada além de êxtase e satisfação no som. Ryker sorriu, erguendo-se para poder se concentrar na cabeça do pênis de Dylan, estimulando a glande e a próstata com igual vigor até que Dylan estivesse tremendo de prazer e desejo acumulado.

Ryker decidiu que deixaria os testículos de Dylan em paz pelo resto da noite. Ele já havia lhe dado uma pequena amostra de tortura testicular, e isso era mais do que suficiente por enquanto. Não queria ir longe demais e fazer com que Dylan rejeitasse a ideia de explorar isso mais a fundo.

Continuando com a felatio desleixada e a estimulação agressiva da próstata de Dylan, Ryker retirou os dedos do ânus de Dylan e soltou o pênis quando sentiu que o garoto estava se aproximando do orgasmo.

“Ainda não, você não sabe”, disse ele, levantando-se e dando algumas puxadas no próprio pênis. Jogou o chicote fora, inclinando-se para beijá-lo no focinho. Lambeu o couro, traçando o contorno dos lábios de Dylan antes de

subir e dar uma lambida brincalhona no nariz dele.

Ele estava prestes a se inclinar para trás e cuspir na cara de Dylan quando se lembrou de que aquilo era proibido.

Em vez de cuspir na cara de Dylan, Ryker se virou para August. Seu amigo havia encontrado uma boa seleção de algemas para pulsos e tornozelos, e Ryker estava ansioso para vê-las em uso.

August não perdeu tempo. Agarrou os pulsos de Dylan e apertou as algemas, jogando as amarras restantes para Ryker, para que ele pudesse se abaixar e colocá-las nos tornozelos de Dylan. Ao se abaixar, Ryker deixou um rastro de beijos descendo pelo quadril e coxa de Dylan, ignorando seu pau pingando e soltando uma risada quando Dylan balançou o membro duro bem na sua cara.

"Você vai se arrepender disso."

Ele prendeu as algemas nos tornozelos de Dylan e então decidiu que, em vez de apenas trancá-las juntas, as prenderia a uma barra espaçadora. Levantando-se de um salto, pegou um par de barras espaçadoras no armário perto da parede e jogou uma para August.

“Boa ideia”, disse August, prendendo os pulsos de Dylan à barra. Ele olhou para baixo enquanto Ryker fazia o mesmo com os tornozelos dele. “Enforcá-lo no teto?”

Ryker assentiu com a cabeça, enquanto Dylan emitiu um som como se não conseguisse decidir se aquela era a melhor ou a pior ideia de sempre.

August agarrou a barra que ligava os pulsos de Dylan e, sem nenhum esforço, o levantou do chão, deixando-o pendurado. Balançou-o de um lado para o outro, rindo enquanto Dylan tentava chutar para recuperar o equilíbrio.

Ryker pegou dois pedaços de corda, fez algumas voltas e as passou por um dos ganchos no teto, prendendo-as no lugar. Ele fez um gesto para August trazer Dylan e, assim que o menino estava ao seu alcance, prendeu as cordas em cada lado da barra e as amarrou.

"Solte-o", ordenou Ryker, sorrindo quando August soltou a barra e Dylan ficou pendurado no teto, girando lentamente enquanto mexia as pernas e tentava se acostumar com a sensação.

"Devemos levantar as pernas dele?", perguntou August, demonstrando o que queria dizer ao se agachar, segurar a barra entre os pés de Dylan e levantar seus tornozelos até os pulsos.

Dylan gritou de surpresa, grunhindo enquanto August o dobrava ao meio e o tratava como um boneco de pano.

A posição deixava a bunda de Dylan totalmente à mostra, e com as pernas abertas, Ryker e August teriam acesso completo ao seu pau duro como pedra e à parte interna sensível de suas coxas.

“Boa ideia”, disse Ryker, pegando outro par de cordas e amarrando as pernas de Dylan. Ele acariciou a bunda de Dylan, contornando seu orifício pulsante e enfiando dois dedos dentro dele. A penetração repentina pegou Dylan de surpresa. Ele bombeou os dedos para dentro e para fora, adorando a forma como o interior de Dylan se agarrava aos seus dedos e os sons que o garoto fazia quando ele os separava.

“Ele ainda está muito tenso.”

Retirando os dedos, Ryker agarrou Dylan pelas bochechas e enfiou o rosto

dele na bunda do garoto, lambendo-a com lambidas ávidas e largas.

"Já volto", disse August, acariciando o cabelo de Dylan e beijando sua testa antes de sair do quarto.

Ryker estava curioso para saber aonde August estava indo, mas não a ponto de parar de lamber o cu de Dylan.

Poucos minutos depois, August voltou para a sala de jogos. Ryker afastou a boca do orifício de Dylan, contemplando seu companheiro, e sorriu.

Antes de irem para a sala de jogos, os três haviam se despido, mas August evidentemente não estava satisfeito com isso. Ele calçou um par de botas brilhantes até os joelhos, um cinto de couro no peito e um par de luvas de couro justas. O cinto abraçava e emoldurava os peitorais musculosos e os ombros largos de August, enquanto as luvas enfatizavam suas mãos grandes. A maneira como o couro se agarrava aos seus dedos e apertava sobre os nós dos dedos era praticamente obscena.

"Bom", disse Ryker, lambendo os lábios. Ele limpou o queixo, a mão ficando molhada com uma mistura de saliva, suor e o esperma de August.

"Eu sei, né?" disse August, flexionando o peito e parando ao lado dele. "As botas são novas."

August estendeu a mão e apalpou a bunda de Dylan, apertando-a com força antes de bater com a mão na mesa, fazendo Dylan soltar um grito de surpresa.

"Eu adoro a bunda dele", disse August, batendo com a mão na mesa novamente. "É tão *gostosa de foder* ."

Ryker riu. Ele estendeu a mão, acariciando e apertando a outra bochecha de Dylan.

“É incrível como ele ainda está em forma.”

August enfiou um dedo revestido de couro no buraco em questão, girando-o e puxando a borda.

“Parece bem solto.”

Dylan fez um ruído de protesto, com o olhar acusador, o que fez August rir.

"Claro, mas você acabou de foder com ele", disse Ryker. "Amanhã ele estará de volta ao normal."

“Você provavelmente tem razão.” August tirou o dedo da bunda de Dylan, limpando-o na coxa antes de se virar para Ryker com um sorriso. “Quer começar logo essa história?”

Ryker deu um tapinha nas costas dele e assentiu. "Estou pronto." Ele se virou para Dylan. "E você?"

Dylan olhou para os dois, com uma expressão incerta, mas intrigada, e assentiu com a cabeça.

August sorriu, e antes que Dylan terminasse de acenar com a cabeça, girou-o e agarrou-o pelos cabelos, puxando sua cabeça para trás e colocando-a debaixo do braço.

"Eu o seguro firme enquanto você se diverte aí do outro lado", disse August, mudando a posição da mão e pressionando o rosto de Dylan ainda mais contra a sua cavidade. Ele apertou o braço, prendendo a cabeça de Dylan contra o corpo, flexionando o bíceps e fazendo Dylan grunhir.

Ryker deu um passo para trás e, por um instante, apenas apreciou a visão de August obrigando Dylan a inalar o odor pungente de seu suor nas axilas. August

era como uma fera, seu corpo musculoso reluzindo com uma fina camada de suor, e Dylan parecia tão indefeso ao lado dele quanto um ser humano poderia ser.

Ambos eram perfeitos.

Como Dylan estava muito alto para Ryker alcançar seu traseiro com o pênis, Ryker decidiu que poderia muito bem continuar a lamber seu cu. Para tornar as coisas um pouco mais interessantes, no entanto, ele resolveu adicionar alguns brinquedos à brincadeira.

Ele queria ver o quão perto eles estavam de dobrar a quantidade de mulheres que transavam com Dylan, e aquele era um bom momento para avaliar o progresso deles nesse objetivo.

Enquanto juntava os brinquedos que achava que Dylan conseguiria manusear, Ryker foi novamente tomado pela constatação de que Dylan era seu companheiro.

Eles o reivindicaram. Parecia irreal, especialmente porque não haviam conversado sobre isso nem planejado nada antes de August essencialmente perder o controle e deixar seu lobo tomar a decisão por ele.

Uma vez que August fez sua reivindicação, era impossível para Ryker não fazer o mesmo.

Reunindo um pequeno vibrador, dois plugs anais e um colar de contas de borracha de tamanhos variados, desde uma bolinha de gude grande até uma bola de tênis, Ryker não conseguiu se arrepender do que havia acontecido.

Foi uma sensação maravilhosa ter seu lugar na vida de Dylan oficializado.

Voltando-se para seus companheiros, Ryker jogou os brinquedos na barriga de Dylan e esfregou seu flanco.

“Vou brincar com o seu buraco”, disse ele, traçando a borda do buraco de Dylan com o polegar. “E não quero que você entre sem permissão. Entendeu?”

Ryker empurrou o polegar para dentro do aro do celular de Dylan, mantendo-o ali imóvel até que Dylan emitiu um som de concordância por baixo do braço musculoso de August.

“É isso que eu gosto de ouvir.” Ryker se inclinou e beijou o ânus de Dylan, puxando o polegar para baixo para abri-lo e poder penetrá-lo com a língua. “Você é um bom menino.”

Ryker pegou o vibrador, apanhou um frasco de lubrificante do chão ao lado dele e o lubrificou antes de o enfiar no orifício de Dylan.

"Quer tirar a mordaça dele e deixar ele lamber sua axila?" perguntou Ryker, enfiando e tirando o vibrador algumas vezes antes de jogá-lo fora e pegar as contas.

Ele queria ver quantas coisas Dylan conseguia colocar dentro.

“Não, eu gosto dele com a focinheira”, disse August, abaixando-se e puxando o mamilo de Dylan. Ele o torceu, fazendo Dylan soltar um choro abafado no espaço sob seu braço. “Quero que ele continue com ela.”

Ryker soltou uma risada abafada, empurrando a próxima bolinha, ainda menor, para dentro do buraco de Dylan com apenas uma leve resistência.

“Faça como quiser.”

Ele enfiou outra bolinha no cu de Dylan, essa um pouco maior que uma bola de golfe, seu pau dando um pulo e liberando um jato de líquido pré-ejaculatório

quando o buraco de Dylan se esticou ao redor da borracha e a engoliu.

O anel anal de Dylan se contraiu, piscando para ele enquanto tentava manter a bolinha de borracha dentro.

Ryker se inclinou, beijando a borda do pênis de Dylan e examinando o fio de borracha que saía de seu ânus. Ele enfiou outra bolinha, se masturbando enquanto forçava o orifício de Dylan a aceitá-la.

Essa não era a celebração tradicional de conquistar um parceiro, pensou Ryker enquanto levantava a boca e dava um beijo desajeitado nos testículos de Dylan, sugando-os para dentro da boca e rolando-os sobre a língua, mas ele não conseguia imaginar uma maneira que lhes fosse mais adequada.

Foi uma pena que Steve não pudesse estar lá para compartilhar isso com eles.

DYLAN

Dylan encarava seu reflexo no espelho do banheiro. Ryker o segurava com um braço em volta do peito, mantendo-o suspenso e longe do chão, imobilizando-o enquanto o carregava em seu nó. Eles estavam em frente à pia, Ryker inclinado para a frente, pressionando Dylan contra a bancada enquanto pegava sua escova de dentes, os cabelos loiros grudados de suor e um sorriso fácil no rosto.

“Olha só para nós”, disse Ryker, dando um passo para trás e aliviando a pressão na barriga de Dylan. Ele inclinou o pescoço para beijar a cabeça de Dylan. “Somos um belo par!”

Dylan ainda usava a focinheira que August lhe havia colocado, o interior do couro liso escorregadio e úmido de suor, e ao encontrar seu próprio olhar no reflexo, Dylan foi atingido pela estranha reviravolta que sua vida havia tomado.

“Ele parece um pouco abatido”, disse August, entrando no banheiro e afastando Ryker da pia com o dedo. “Deveríamos tirar isso dele e prepará-lo para dormir.”

Dylan lançou um olhar de alívio para August, o cansaço começando a dominá-lo. Ele tinha gozado duas vezes desde que os dois alfas o levaram para a sala de jogos – primeiro quando Ryker estava alargando seu cu, enchendo-o até explodir, e uma vez quando finalmente o fodeu – deixando-o completamente exausto e com a sensação de que poderia dormir por pelo menos dez horas.

“Ele está bem”, disse Ryker, acariciando o rosto de Dylan com a mesma mão que segurava a escova de dentes. O dorso de seus dedos roçou a bochecha de Dylan, um toque suave e carinhoso. Ele encontrou o olhar de Dylan no espelho. “Não é, Dylan?”

Dylan não disse nada, embora se visse encostando na mão de Ryker e apreciando o toque.

“Ele já era”, disse August, cutucando Ryker para que se virasse e ficasse cara a cara com ele. A posição deixou Dylan preso entre os dois alfas, fazendo-o se sentir ainda mais sufocado e encurralado do que antes. August se aproximou ainda mais, estendendo a mão e desabotoando a mordaça que prendia o queixo de Dylan, deslizando-a para fora. “Pronto. Assim está melhor.”

Abrindo a boca, Dylan mexeu o maxilar e bocejou. August acariciou seus cabelos, sorrindo para ele e limpando seu queixo. Dylan pensara que a umidade pegajosa dentro do focinho fosse apenas suor, mas percebeu agora que também havia babado um pouco.

Sem a mordaça, Dylan sentiu como se o filtro de pornografia que August e Ryker às vezes pareciam capazes de gerar sobre a realidade tivesse desaparecido. A sensação incômoda e intensa do nó de Ryker, que antes era uma fonte de prazer contra sua próstata hipersensível, tornou-se simplesmente desconfortável, e seu estado geral de sujeira e suor passou de sexy para a sensação de que precisava de um banho.

Dylan já estava farto. Queria dormir – de preferência aconchegado entre August e Ryker – e queria que Ryker tirasse o nó do seu cu.

Percebendo a mudança de humor dele, Ryker se inclinou e murmurou em seu ouvido: "Relaxa, querido. Vou te tirar do meu nó, com cuidado, e aí você pode tomar um banho e escovar os dentes. Tá bom?"

"Ótimo", murmurou Dylan, tentando impedir que seu ânus dolorido apertasse a base do pênis de Ryker. Ele não conseguiu completamente, mas Ryker o levantou mesmo assim e o afastou do nó.

Dylan fez uma careta, com o sêmen escorrendo por suas coxas enquanto seu orifício extremamente dilatado se recusava a fechar. Ryker o deitou cuidadosamente no chão, levando-o até o chuveiro enquanto Dylan mantinha as coxas pressionadas uma contra a outra, tentando conter o vazamento.

"Acha que devíamos colocar um plugue nele?" perguntou August, fazendo Dylan virar a cabeça bruscamente para encará-lo com raiva. August tinha acabado de dizer que Dylan estava pronto e precisava descansar, e agora estava falando em enfiar outro brinquedo dentro dele?

Dylan não permitiria.

Diante do olhar furioso de Dylan, August riu e ergueu as mãos. "Deixa pra lá, eu só achei que seria excitante se garantíssemos que nosso esperma ficasse dentro de você."

Dylan quase hesitou, mas então se mexeu e lembrou-se de como seu traseiro doía. Ele precisava descansar, e ponto final.

"Está tudo bem", disse Ryker, esfregando o ombro dele e o levando para o canto do chuveiro, onde o jato inicial de água fria não o atingiria. "Você tem sido tão bom para nós. Estamos tão felizes com você."

Enquanto falava, Ryker acariciou a pele onde havia deixado sua mordida de reivindicação. Dylan estremeceu, sua pele arrepiada pela sensação da cicatriz em forma de dente quando Ryker a tocou. Ele não conseguia se lembrar de nada que tivesse sentido antes que se comparasse àquela sensação. A coisa mais próxima que conseguia comparar era o formigamento que sentia ao assistir vídeos de ASMR, mas mil vezes melhor.

Olhando para baixo, ele se maravilhou com a pele cicatrizada. Ele havia sido mordido apenas algumas horas antes, mas a pele onde Ryker o mordera parecia ter cicatrizado meses atrás.

Annie ia ter um ataque quando ele lhe mostrasse.

Ryker ligou o chuveiro, suas costas largas protegendo Dylan de ser respingado, exceto nos pés. Quando a água esquentou e o vapor preencheu o espaço fechado, Ryker empurrou Dylan para debaixo do jato e pegou o sabonete.

“Abram espaço”, disse August, juntando-se a eles no espaço fechado. O chuveiro era enorme, mas com os três lá dentro, não havia muito espaço sobrando. Dylan ficou espremido entre os dois lobisomens, seus peitorais musculosos e ombros largos bloqueando sua visão enquanto a água quente caía sobre sua cabeça.

Ele conseguia sentir os dois pênis, meio eretos e projetando-se entre as pernas, cutucando-o nas costas e na barriga. Olhou para baixo, contemplando o pênis monstruoso e insaciável de August.

Era irritantemente bonito. A cabeça bulbosa repousava contra a barriga de Dylan, bem em cima do umbigo, e o comprimento grosso implorava para que Dylan se ajoelhasse e o chupasse.

“Vamos te limpar”, disse Ryker, colocando uma grande quantidade de sabonete líquido na palma da mão e entregando o frasco para August. Ele juntou as mãos para espalhar o sabonete por todo o corpo delas. “Auguste, você fica na

frente dele.”

“Com prazer”, disse August, pegando a garrafa.

Dylan passou os dez minutos seguintes sendo apalpado e apertado languidamente por todo o corpo, as mãos de August e Ryker deslizando sobre sua pele ensaboada e fazendo-o sentir como se estivesse flutuando em uma nuvem de prazer sonolento. August segurou seu rosto entre as mãos, massageando sua mandíbula dolorida e beijando sua testa, enquanto Ryker se ajoelhava atrás dele e usava dois dedos ensaboados para limpar delicadamente a parte interna de seu ânus.

O sabonete líquido sem perfume causou ardência ao entrar em contato com seu orifício já bastante usado, mas quando Ryker terminou, Dylan se sentiu deliciosamente limpo.

Depois do banho, Ryker enxugou Dylan com uma toalha e o levou até a pia para que ele pudesse escovar os dentes.

"Você precisa acordar cedo amanhã?" perguntou August. Ele ainda estava nu, recém-saído do banho, com o pênis grosso e pesado entre as coxas.

Mesmo depois de o terem tocado e limpado, nem August nem Ryker conseguiram ter uma ereção completa.

Dylan precisou pensar antes de responder. O mundo real parecia muito distante, e era difícil lembrar o que ele estava fazendo pela manhã.

“Não, mas preciso trabalhar na minha tese.” Dylan tirou a escova de dentes da boca, enxaguou-a e cuspiu na pia. Ele olhou para August no espelho. “Precisa mesmo?”

Ryker respondeu por ele: "Nós dois queremos, mas você pode dormir até mais tarde."

August assentiu com a cabeça em concordância. "Sinta-se em casa."

Dylan corou. August e Ryker pareciam presumir que ele passaria a noite ali — o que fazia sentido, considerando o horário —, mas ele estava curioso para saber quais eram as intenções deles a longo prazo. Ele tocou a marca no pescoço onde August o havia mordido, imaginando se eles esperavam que ele fosse morar com eles.

Eles eram um casal de lobisomens, então certamente isso era o normal, não é?

Dylan não queria perguntar. Ele não tinha certeza se *queria* morar com eles. Era divertido estar com eles, e o sexo era incrível, mas eles davam *muito trabalho* . Dylan não sabia se conseguiria lidar com eles em tempo integral.

Por outro lado, talvez se acalmassem e se tornassem um pouco mais domésticos se de fato morassem juntos.

Quando todos terminaram de escovar os dentes, Ryker liderou o caminho de volta para o quarto. Ele puxou os lençóis e fez um gesto para que Dylan subisse no colchão. Ele subiu, sentindo o algodão macio como seda em sua pele recém-lavada.

"Se ficarmos muito grudentos, é só nos empurrar", disse August, dando a volta na cama e deitando-se ao lado dele.

“E não tenha medo de passar por cima da gente se precisar se levantar para ir ao banheiro”, acrescentou Ryker, entrando do outro lado. “Nós dormimos pesado, então você não precisa se preocupar em nos acordar.”

"Certo", disse Dylan, um pouco divertido. Não era a primeira noite que passavam juntos, mas Ryker e August pareciam estar tratando aquilo como algo especial.

Se essa era a versão deles da noite de núpcias, certamente a teriam tornado interessante.

Deitado de bruços, Dylan passou um minuto ajeitando o travesseiro enquanto August e Ryker se acomodavam ao seu redor. August parecia querer deitar em cima dele, mas, felizmente, Ryker o empurrou para trás e resmungou para que ele parasse.

August contentou-se em levantar a coxa sobre as pernas de Dylan e abraçá-lo de lado como um ursinho de pelúcia. Isso basicamente puxou Dylan para o seu lado, embora ele não se importasse de ser a conchinha menor enquanto August o abraçava de lado.

Ryker deitou-se de costas, seu braço roçando na mão de Dylan, sendo esse o único ponto de contato entre eles.

"Boa noite", murmurou Dylan, sabendo que no instante em que fechasse os olhos, adormeceria.

"Boa noite", murmuraram August e Ryker em resposta. Ambos pareciam tão cansados e prontos para dormir quanto Dylan.

Fechando os olhos, Dylan se aconchegou nos braços de August e deixou-se adormecer.



Na manhã seguinte, quando Dylan acordou, estava sozinho no apartamento. Havia uma mensagem de Ryker em seu celular dizendo que ele podia pegar o que quisesse na geladeira para o café da manhã e que podia ficar à vontade pelo tempo que precisasse.

Não era bem um convite para morar junto, mas chegou bem perto.

Pegando suas roupas, Dylan vestiu a camisa e a cueca, mas quando estendeu a mão para a calça jeans, viu um enorme buraco rasgado na parte de trás. Dylan examinou o rasgo, franzindo a testa ao ver o estrago em sua calça jeans favorita.

Não havia a mínima possibilidade de ele usá-los em público.

A menos que…

Dylan vestiu as calças jeans e abotoou-as, depois foi até o closet de Ryker e August em busca de algo que pudesse amarrar na cintura para cobrir o traseiro exposto. Ele remexeu nas gavetas e escolheu uma camiseta de compressão que parecia pequena demais para caber em qualquer um de seus lobisomens surpreendentemente grandes.

Ele amarrou a camisa na cintura e se olhou no espelho, virando-se para um lado e para o outro para garantir que sua bunda não estivesse à mostra.

Com a situação de suas calças jeans rasgadas um tanto resolvida – pelo menos a ponto de poder pegar um Uber para casa e vestir roupas limpas e sem danos – Dylan passou algum tempo bisbilhotando o armário de Ryker e August.

Não foi nem de longe tão interessante quanto ele esperava. Considerando algumas das roupas que vira os dois alfas usando, ele imaginara que as

prateleiras estariam cheias de couro e acessórios quase fetichistas, mas obviamente eles guardavam essas coisas em outro lugar.

Provavelmente estava guardado em algum lugar na sala de jogos, mas Dylan não estava disposto a explorar aquele lugar.

Ao sair do closet, Dylan pegou o celular, conferiu se as chaves estavam no bolso e foi em direção ao elevador. Ele não estava com muita fome, então decidiu pular o café da manhã e perguntar a Annie se ela queria se encontrar para um almoço mais cedo.

Uma hora depois — após uma rápida ida a casa para trocar de roupa e pegar o carregador do laptop — ele estava sentado em sua cafeteria favorita, trabalhando em sua tese e ouvindo suas músicas preferidas. Annie havia respondido à sua mensagem dizendo que se encontrariam para almoçar depois das aulas da manhã, então Dylan estava comendo um muffin de mirtilo para matar um pouco da fome enquanto esperava.

Estava um pouco seco, mas como ele havia pago seis dólares por aquilo, estava determinado a comer tudo e aproveitar.

Um pé grande, calçado com couro, cutucou sua canela, assustando Dylan e quase fazendo-o derramar seu café em cima do teclado do laptop. Ele pousou a xícara, tirou os fones de ouvido e olhou para cima.

Steve estava de pé ao lado de sua cadeira, com uma aparência incrivelmente atraente em seu uniforme policial justo e botas de couro até o joelho. Ele tinha o capacete debaixo do braço e a jaqueta de couro aberta, revelando seus peitorais volumosos e cintura fina.

"Desculpe por isso", disse Steve, com um sorriso irônico nos lábios. "Posso me sentar, ou você está ocupado?"

Dylan não se surpreendeu ao ver o policial lobisomem. A cafeteria ficava obviamente na área de atuação de Steve, e Dylan gostou quando ele apareceu para cumprimentá-lo.

“Não, estou apenas trabalhando na minha tese”, Dylan fechou a tampa do laptop, fazendo um gesto para que Steve se sentasse na cadeira à sua frente. “Você sabe como é. Está no seu intervalo?”

Steve sentou-se, colocando o capacete sobre a mesa ao lado da xícara de Dylan. Levantou o pé direito e o apoiou no joelho, exibindo a chuteira e fazendo Dylan se lembrar da última vez que estivera tão perto de uma das chuteiras de Steve.

Ele ficou com água na boca.

“Não, na verdade não. Eu só te vi pela janela de novo e queria te dar um oi.” Steve recostou-se, visivelmente relaxando na cadeira confortável. Ele sorriu, tirou as luvas e as jogou sobre a mesa. “Espero que não se importe? Só posso ficar alguns minutos.”

Dylan balançou a cabeça. "De jeito nenhum. Somos amigos, certo?"

Steve assentiu com a cabeça, seu sorriso se alargando. Seus dentes eram perfeitos. "Gostaria de pensar que sim."

"Eu também."

O que ficou subentendido foi o fato de que, antes da noite passada, eles poderiam ter sido mais do que amigos.

“Então, como está sendo o seu dia?”, perguntou Dylan.

Ele largou o laptop e pegou sua bebida.

Steve apoiou a palma da mão no joelho, tamborilando os dedos enquanto dava de ombros. "Está frio, mas até agora tudo bem. Ajudei um gatinho a descer de uma árvore esta manhã, então foi divertido."

"Como?" Dylan não tinha realmente imaginado Steve como o tipo de pessoa que resgata gatinhos.

“Eu subi. Ele se assustou um pouco e tentou pular, mas eu consegui pegá-lo.” Steve sorriu, arregaçando a manga. “Ele me arranhou bem. Viu? Ainda não sarou.”

Dylan olhou para a pele perfeitamente lisa do pulso de Steve e depois para o rosto do lobisomem. Steve olhou para o próprio braço e corou. "Bem, não tinha cicatrizado há trinta minutos. Mas você pode ver o sangue na minha camisa." Ele puxou a manga, tirando-a de debaixo da jaqueta de couro.

Dylan acenou com a cabeça para os pontinhos escuros na camisa de Steve, divertido com esse lado dele. Ele era realmente adorável – o que era uma façanha e tanto para um homem que parecia capaz de derrotar sozinho uma equipe inteira de lutadores profissionais.

“Eu acredito em você.” Dylan sorriu, dando um gole em seu café. “Então, o que você fez com o gato depois de resgatá-lo e se machucar?”

“Dei para o senhor que ligou. Aparentemente, era da irmã dele.” Steve puxou a manga para baixo e deu de ombros. Olhou para o cardápio no balcão, como se estivesse pensando em pedir uma bebida, mas então o rádio em seu quadril crepitou e o fez levantar.

“Preciso pegar isso”, disse ele, pegando as luvas e o capacete. Fechou o zíper do casaco antes de vesti-los. “Mas foi bom te ver.”

Ele estava prestes a se virar quando Dylan falou, fazendo-o parar abruptamente.

“Vou almoçar com minha amiga Annie às 13h, no café em frente à loja de bicicletas na Rua Humbert. Se você tiver horário de almoço por volta dessa hora, talvez queira se juntar a nós?”

Steve ergueu as mãos, alisando as luvas sobre os dedos enquanto suas sobrancelhas se erguiam em surpresa. Parecia um gesto nervoso, e Dylan sentiu vontade de tranquilizá-lo.

"Seu amigo não se importará?", perguntou Steve.

Dylan balançou a cabeça. "Não, eu já falei de você, e tenho certeza de que ela adoraria te conhecer pessoalmente."

Steve deixou as mãos caírem ao lado do corpo. "Se você tem certeza de que está tudo bem, sim. Posso fazer minha pausa às uma."

“Então, nos vemos lá?”

Steve assentiu com a cabeça, um sorriso lento surgindo em seus lábios. "Com certeza."

Dylan sorriu de volta. "Legal. Até mais."

Steve se virou, com Dylan encarando suas costas absurdamente largas, e saiu da cafeteria. Acenou para Dylan pela janela enquanto caminhava até sua motocicleta, ainda sorrindo. Dylan o observou subir na moto, olhando descaradamente para sua bunda enquanto ele montava na potente máquina.

Não era como se ele estivesse trapaceando. Se Ryker ou August estivessem

presentes, teriam ficado sentados lá, olhando fixamente junto com ele.

“Era seu namorado?”

Dylan deu um pulo, assustado com a proximidade da voz. Desviou o olhar da janela, virando a cabeça para ver uma mulher vestida com um blazer elegante e o tipo de joias vistosas que Dylan associava a pessoas que trabalhavam em galerias de arte, parada ao seu lado. Ela parecia ter a mesma idade que sua mãe, ou talvez alguns anos mais velha, e o observava com uma expressão de curiosidade evidente.

Dylan corou, olhando pela janela bem a tempo de ver Steve virando a esquina de moto. "Ah, não. Ele é só um amigo."

"Mas você gostaria que ele fosse mais do que isso?", perguntou a mulher.

Dylan piscou, a pergunta invasiva o pegou de surpresa. Ele balançou a cabeça, contendo um protesto quando a mulher se sentou no lugar que Steve acabara de desocupar.

“Não, ele é apenas um amigo”, disse Dylan, firmando a voz. “Estou muito feliz no meu relacionamento atual.”

A mulher inclinou-se para a frente, em tom conspiratório. "Tenho certeza de que é verdade. Mas, por outro lado, não é todo dia que um *lobisomem* olha para você desse jeito que aquele policial simpático acabou de olhar."

Dylan queria dizer algo como "talvez não para você" ou "você se surpreenderia", mas se conteve e deu de ombros.

“Como eu disse, ele é apenas um amigo.”

"Se você diz." A mulher pareceu não acreditar nele.

"Sim, eu sei", confirmou Dylan, irritado.

Quem essa mulher pensa que é?

“Então tenha um bom dia e parabéns pelo seu relacionamento. Deve ser ótimo deixar um homem como esse escapar por entre os dedos.”

"É sim", disse Dylan, rangendo os dentes. Quem era essa mulher, afinal?

A mulher se levantou e foi embora, deixando Dylan perplexo e irritado com a interação. Ele pegou o laptop na mochila, tentando esquecer o ocorrido enquanto retomava o trabalho em sua tese.

STEVE

Era pouco mais de uma da tarde quando Steve entrou no café onde se encontraria com Dylan e seu amigo. Ele havia tirado as luvas e o capacete, guardando as luvas dentro do capacete, e passou a mão rapidamente pelos cabelos, tentando domar os fios amassados pelo capacete. Olhou em volta e seu olhar pousou quase imediatamente em Dylan. O garoto estava sentado a uma pequena mesa, com uma jovem bonita ao lado, e os dois conversavam animadamente.

Dylan o avistou, sua expressão se iluminando enquanto ele levantava a mão e o chamava com um gesto.

"Oi, Steve, que bom que você pôde vir", disse Dylan, levantando-se e dando um abraço em Steve. Steve retribuiu o abraço com um aperto rápido antes de se sentar e tentar ignorar a forma como seu pau se contraiu com o contato.

Dylan não era dele para se entusiasmar, e ele precisava se lembrar disso.

“Annie, este é meu amigo Steve.” Dylan gesticulou na direção de Steve, apresentando-o à amiga. “E Steve, esta é minha amiga Annie. Já falei de vocês dois.”

"Só coisas boas", disse Annie, estendendo a mão por cima da mesa para cumprimentá-lo. "É um prazer conhecê-lo."

"Você também", disse Steve. Ele tirou o paletó e o jogou sobre o encosto da cadeira, tentando não notar o jeito como Dylan olhava para seus braços enquanto se remexia na cadeira.

“Então”, disse Dylan, com um leve rubor visível nas bochechas. “O que vocês querem comer? Posso ir lá e fazer o pedido para todos.”

Steve deu uma olhada no cardápio e escolheu um sanduíche de bife com batatas fritas, enquanto Annie optou por uma salada. Dylan se levantou para fazer o pedido, deixando Steve e Annie conversando.

“Então você é um lobisomem do Alasca, é?” disse Annie, num tom amigável. Ela olhou para Dylan. “Você também é de Anchorage?”

"Também?" perguntou Steve. "E não, eu sou de Fairbanks, embora tenha estudado em Anchorage."

“O Dylan não te disse que cresceu em Anchorage?”

Steve recostou-se, surpreso. Dylan *não tinha* mencionado isso. Pensar que ele poderia ter conhecido Dylan quando ambos eram adolescentes. Steve talvez não tivesse crescido em Anchorage, mas visitara a cidade muitas vezes.

Ele não conseguia acreditar que, mesmo tendo a vantagem de jogar em casa, havia perdido para dois lobos urbanos do Arizona.

“Não, ele nunca mencionou isso. Gostaria de tê-lo conhecido naquela época.”

Annie o observou atentamente. Era evidente que havia algo que ela queria perguntar, mas estava se contendo.

"Sim?", perguntou Steve.

"Estou me perguntando por que Dylan está recebendo tanta atenção dos lobisomens de repente?" Annie levantou a mão. "Fico feliz por ele, contanto que ele esteja feliz, mas é meio estranho."

"Ele tem um cheiro muito bom", disse Steve, contentando-se com a verdade. "Na primeira vez que o vi na rua, quase o peguei no colo e o levei para o meu

apartamento. Além disso, depois que você o conhece melhor, ele é muito simpático."

Annie mordeu o lábio. "Ele é muito legal. Contanto que ninguém se aproveite disso, sou totalmente a favor de qualquer coisa que o faça feliz."

Steve percebeu que aquilo era conversa de pá. Deu um sorriso irônico, com um toque de melancolia.

“August e Ryker parecem fazê-lo feliz”, disse Steve.

"Eles são legais?" perguntou Annie, enquanto ambas olhavam para Dylan, que ainda esperava na fila. Ele acenou para elas, e ambas sorriram e acenaram de volta.

"Agradáveis" não era exatamente como Steve descreveria August e Ryker. Eles eram dois alfas extremamente dominantes, acostumados a conseguir o que queriam. Havia um motivo para ele os desprezar tanto antes de ser convidado a entrar para o grupo.

“Eles são gentis com Dylan.”

Annie o observou atentamente, e Steve começou a suar com a intensidade de sua expressão.

"Bem, acho que então está tudo bem", disse Annie, suspirando. Sua expressão era preocupada. "Quando ele me contou sobre seu vício em feromônios, fiquei bastante preocupada, e não posso dizer que fiquei feliz em saber que eles o morderam. Mas ele parece feliz."

Steve concluiu que a história dos feromônios devia ser uma desculpa de Dylan para o vício em esperma. Já as mordidas eram novidade para ele.

"Eles o morderam?", perguntou ele, com o estômago embrulhado de desgosto.

Annie estreitou os olhos. "Ele não te contou?"

Steve balançou a cabeça negativamente.

“Ontem à noite, em ambos os lados do pescoço dele”, disse ela. “Embora pareça que aconteceu há meses.”

Reivindicando mordidas.

Steve franziu a testa, percebendo que Dylan estava definitivamente fora de alcance agora que August e Ryker haviam formalizado sua reivindicação. A única maneira de ele entrar na briga seria se juntando à matilha de August e Ryker, e isso era impossível.

“Então acho que é isso”, disse ele, soltando um suspiro. “August e Ryker vencem.”

"Você não é amiga deles?", perguntou Annie.

“Amigos de quem?” perguntou Dylan, aparecendo ao lado deles e colocando três latas de Coca-Cola Diet na mesa. Ele se sentou, fincando uma bandeirinha para indicar ao garçom onde trazer a comida.

“Eu estava perguntando se Steve era amigo de August e Ryker”, esclareceu Annie.

"Ele é!" disse Dylan, olhando para Steve e esperando que ele assentisse com a cabeça em afirmação. Steve assentiu.

“Sou sim”, confirmou Steve. “Embora tenha demorado um pouco. Quando os conheci, achei-os extremamente irritantes.”

"Porque...?" perguntou Annie.

Dylan baixou a voz, inclinando-se para a frente e fazendo uma imitação bastante imprecisa dos frequentes desabafos de Steve. "Eles monopolizaram a parte norte da reserva, mesmo sendo um território neutro onde todos têm permissão para correr!"

"Basicamente isso", disse Steve, rindo da carranca fingida no rosto de Dylan. Em vez de parecer intimidador, ele parecia adorável. "Mas agora que eles me convidaram para sair com eles, não me importo."

Annie assentiu com a cabeça. "Ah, então você é um hipócrita."

Steve franziu as sobrancelhas em sinal de ofensa, mas foi interrompido antes de responder pela risada de Dylan.

“Ah, com certeza. No minuto em que o convidaram para correr com eles, ele se esqueceu completamente de que era território neutro.”

Steve franziu a testa, sentindo o rosto corar. Era verdade. Assim que fora convidado para a mesa dos populares, deixara de se importar com o fato de que, tecnicamente, eles não estavam seguindo as regras. Se alguém tentasse invadir o território de August e Ryker agora, ele provavelmente estaria lá com eles, jogando o intruso no rio para lhe dar uma lição.

"Tanto faz", disse Steve, decidindo que podia ser hipócrita se quisesse. Não era da conta de ninguém além dele. Ele olhou para Annie. "Mas chega de falar de mim. E você? Está no mesmo mestrado que o Dylan?"

Annie estreitou os olhos para ele, mas permitiu que ele mudasse de assunto. Steve ouviu enquanto ela explicava que não estava cursando o mesmo mestrado que Dylan, mas que, mesmo assim, eles tinham várias aulas juntos.

Steve gostava dela. Ela não era alguém com quem ele faria amizade por conta própria, mas ele conseguia entender por que Dylan havia se aproximado dela.

A comida chegou e, enquanto comiam, Steve ficou sentado, ouvindo Dylan e Annie conversarem sobre a escola. Eles se esforçaram para incluí-lo na conversa, mas era óbvio que o dia a dia de Steve como policial tinha pouco em comum com a vida deles como estudantes.

"Você gosta de ser policial?", perguntou Annie. Eles já tinham terminado de comer e o intervalo de Steve estava quase no fim.

"Na verdade, não", disse Steve, sinceramente. "Quero ser detetive e preciso subir na carreira. O que estou fazendo agora é basicamente um trabalho chato e repetitivo."

Annie pareceu um pouco surpresa com a resposta dele. Ela apoiou o cotovelo na mesa e perguntou: "O fato de você ser um lobisomem ajuda nas suas perspectivas de carreira?"

“Aqui não, não, mas lá no Alasca teria sido uma grande ajuda.” Ao ver o olhar curioso de Dylan, Steve explicou: “Eu teria sido um representante da minha matilha. Isso é bem atraente para a maioria dos departamentos de polícia. Agora sou um agente livre, o que me torna politicamente inútil.”

O plano de Steve de se tornar detetive teria se concretizado muito mais rapidamente se ele estivesse em sua região.

"E se eu me juntasse à matilha de August e Ryker?", perguntou Annie. "Dylan mencionou algo sobre isso. Isso ajudaria?"

Steve riu. De todos os motivos pelos quais ele gostaria de ter se juntado ao

grupo de Ryker e August, suas perspectivas de carreira não haviam sido consideradas.

“Não, são só duas pessoas. Não teria adiantado nada.” Ele olhou para Dylan. “E mesmo que tivesse adiantado, não estou numa posição em que possa me juntar a uma nova matilha.”

Annie assentiu com a cabeça, parecendo curiosa, mas percebendo pelo tom dele que não era algo sobre o qual ele quisesse falar. Ela sorriu para ele. "Bem, nesse caso, boa sorte aguentando a monotonia até conseguir o que quer. Como estudante de pós-graduação, eu entendo."

Ela ergueu sua Coca-Cola Diet em um brinde.

Steve riu, erguendo sua lata para encontrar a dela e brindando com elas.

“À monotonia insuportável.” Steve olhou para o relógio, percebendo que seu intervalo havia terminado cinco minutos atrás. “E falando em monotonia, preciso voltar ao trabalho.”

Ele se levantou, pegou o casaco que estava no encosto da cadeira e o vestiu enquanto sorria para os dois humanos.

“Foi um prazer te conhecer, Annie.” Ele se virou para Dylan. “Obrigado pelo convite. A gente se vê por aí?”

Dylan assentiu com a cabeça. "Com certeza."

Steve sorriu, pegou o capacete e o colocou debaixo do braço enquanto acenava brevemente para os dois humanos em despedida e caminhava em direção à saída. Ele estava prestes a sair pela porta quando avistou um rosto familiar sentado a uma pequena mesa encostada na parede.

Essa era Betty Wiltshire, uma das pessoas que trabalhavam para o pai dele. Ela havia diminuído o uso de joias e deixado de lado seus cachos habituais, mas era inegavelmente ela.

Steve não teria visto o rosto dela se não tivesse captado seu reflexo no espelho ao lado do balcão quando ela virou a cabeça. Ela estava olhando para o celular, aparentemente cuidando da sua vida, mas Steve sabia que não era bem assim.

Não havia como a presença dela na mesma cidade para onde ele tinha fugido ser mera coincidência. Ele cogitou ir até ela e causar um escândalo, mas como ela não pareceu notar que ele a estava observando, decidiu não fazê-lo.

Além disso, confrontar Betty não lhe traria nenhum benefício. Ele sabia que ela estava ali para lhe dar notícias e contar tudo ao pai, e que, muito provavelmente, detestava a tarefa. Pelo que Steve se lembrava, ela era uma pessoa caseira. Administrava uma lojinha peculiar em Fairbanks, onde vendia artigos para tricô, cerâmica e suéteres que sua irmã fazia para a loja.

Ela era a última pessoa que Steve imaginaria se tornando espiã – provavelmente por isso seu pai a escolheu. Apesar de seu estilo peculiar, Betty passava facilmente despercebida na multidão.

Ele se perguntou quanto tempo ela estava na cidade e se ela era a única pessoa que seu pai havia enviado para ficar de olho nele.

Como lobisomem e policial, seria extremamente constrangedor para Steve se ele estivesse sendo observado e não percebesse. Se seu pai perguntasse, Steve insistiria que havia notado seu perseguidor – ou perseguidores – e simplesmente optou por ignorá-los. Se tivesse sorte, seu pai entraria na mentira e o deixaria

salvar um pouco de sua dignidade.

Ao sair da loja, Steve caminhou até a rua onde havia estacionado sua motocicleta. Olhou em volta, estudando os rostos das pessoas que passavam por ele para ver se reconhecia alguma delas.

Ele não fez isso.

Ao montar na bicicleta, Steve recostou-se e percebeu que, na verdade, não estava chateado. Estava irritado por não ter notado que estava sendo observado, mas não pela invasão de privacidade em si. Em vez disso, Steve sentiu-se até mais tranquilo. Essa era mais uma maneira pela qual seu pai lhe mostrava que, apesar das palavras duras e do ultimato que o fizera fugir, Steve ainda fazia parte da sua família, para ser protegido e cuidado.

É claro que isso não significava que Steve pretendia voltar para o Alasca. Os motivos do impasse com o pai permaneciam os mesmos e, até que ele cedesse — ou pelo menos fizesse um acordo —, Steve ficaria onde estava.

Ainda assim, saber que ele se importava o fazia sentir-se bem.

AGOSTO

Foi um dia agitado na clínica, mas apesar do estresse de quatro consultas inesperadas – uma delas uma visita domiciliar – August estava de ótimo humor.

Ele e Ryker haviam reivindicado Dylan. O pensamento rodopiava em sua mente, aquecendo seu peito e fazendo seu estômago vibrar com uma sensação de felicidade, fazendo-o sorrir para si mesmo toda vez que se lembrava das cicatrizes gêmeas em cada lado do pescoço de Dylan.

O menino era deles, e nenhuma autoridade humana ou lobisomem podia contestar essa afirmação.

Foi fantástico.

"Ok, por que você está sorrindo assim? É assustador."

August desviou o olhar da cafeteira na sala de descanso e se virou na direção da voz que vinha da porta. Mary estava parada ali, de braços cruzados, olhando para ele com desconfiança.

"Eu e o Ryker oficializamos o namoro com o rapaz com quem estamos saindo", disse August, ligando a cafeteira e se encostando no balcão. "Estou feliz."

A expressão de suspeita desapareceu do rosto de Mary. Ela entrou na sala. "Parabéns. É esse o cara em quem você andou desperdiçando todos os meus tubos de lavagem intestinal?"

August congelou, um rubor de constrangimento subindo ao seu rosto. Ele engoliu em seco, o som parecendo alto e perceptível na pequena sala de descanso.

"O que você está falando?"

Mary estreitou os olhos para ele. "Você sabe do que estou falando." Ela cutucou-o no peito, nada intimidada pelo fato de ele ser mais de trinta centímetros mais alto e cinquenta quilos mais pesado que ela. "E se você usar minha sala de exames para jogos sexuais pervertidos de novo, você vai pagar. Entendeu?"

August assentiu com a cabeça. Mary podia ser incrivelmente criativa quando se tratava de se vingar das pessoas que a prejudicavam. Elas tiveram um professor particularmente sexista no segundo ano da faculdade de medicina que lhe dissera que as mulheres não eram adequadas para uma carreira em cardiologia e que, por isso, baixara sua nota. Mary respondeu incriminando-o por ter feito trotes para o 911 contra o vizinho.

August não sabia como tinha conseguido, mas o professor deles tinha sido preso e acabou sendo demitido da universidade.

Ele não ia se meter com ela.

"Como você sabia?", perguntou ele, mantendo a voz baixa e certificando-se de que ninguém mais entrasse na sala de descanso.

Mary lançou-lhe um olhar de pena. "Você não tem peixe, August, e nunca teria. Não saberia o que fazer com eles." Ela fez uma careta. "E sério? Lavagem intestinal? Que diabos pode haver de atraente em ver o intestino de alguém sendo limpo?"

August sorriu, decidindo não se envergonhar mais. Ele evitaria a sala de exames de Mary no futuro, mas agora que o choque inicial de ser descoberto

havia passado, não estava inclinado a agir como se tivesse algo de que se envergonhar.

"Gosto de como ele se sente desconfortável quando sua barriga fica dura e ele começa a ter cólicas, e gosto que ele esteja disposto a suportar isso por mim."

Maria olhou para ele por um segundo e depois revirou os olhos. "Claro que sabe. Nossa, eu poderia ter vivido a vida inteira sem saber disso. Por que eu perguntei?"

“Porque você estava curioso”, disse August. “Mas usar sua sala de exames foi inapropriado. Não farei isso novamente.”

“Usar a *clínica* é inadequado”, corrigiu Mary.

"Não vou usar sua sala de exames nem seus equipamentos novamente", respondeu August. Ele não ia prometer que não traria Dylan de volta ao seu consultório para mais uma rodada de brincadeiras de médico.

“Tudo bem, mas nunca quando houver pacientes no prédio.”

“Posso concordar com isso.”

Mary balançou a cabeça. "Tenho uma consulta para a qual preciso me preparar."

Ela se virou e saiu da sala, completamente farta da conversa agora que já tinha dito o que tinha para dizer.

"Obrigado pela conversa!" August gritou atrás dela, rindo quando ela lhe mostrou o dedo do meio pelas costas.



Ao final do dia, August mandou uma mensagem para Dylan perguntando se ele gostaria de ir jantar no apartamento deles novamente. Ele e Ryker não tinham conversado oficialmente sobre convidar Dylan para morar com eles, mas tinham chegado a um acordo tácito de que Dylan passaria o máximo de noites possível na casa deles.

Se jogassem bem as suas cartas, Dylan nem notaria a mudança até chegar a hora de tratar do contrato de aluguel.

August estava finalizando um encaminhamento para uma consulta com um pneumologista quando Dylan lhe mandou uma mensagem dizendo que adoraria ir até lá, só precisava passar no apartamento dele primeiro para pegar o carregador do celular e do laptop.

August decidiu ligar para ele.

“Posso passar no seu campus e te buscar”, ofereceu ele, desligando o computador e se afastando da mesa. Deixou a mão repousar sobre o volume na calça, dando uma leve massageada enquanto pensava na noite que se aproximava. “Podemos passar no seu apartamento no caminho. Você pode levar seus produtos de higiene pessoal e talvez uma mala pequena com suas coisas.”

Dylan bufou, e August prendeu a respiração, esperando que sua oferta, nada em tom de brincadeira, para que Dylan se mudasse de seu apartamento fosse aceita. Ele deveria ter imaginado que bancar o descolado e convencer Dylan a se mudar sutilmente não era algo que ele pudesse fazer.

Ele queria que Dylan voltasse para casa com ele, e queria que fosse para

sempre.

Se Dylan dissesse não, Ryker o mataria.

“Você está me convidando para morar com você?”

August sorriu, o jeito alegre e brincalhão com que Dylan fez a pergunta era um bom presságio. Se a pergunta tivesse sido feita com pânico ou descrença, August teria recuado, mas como Dylan estava reagindo muito bem, ele prosseguiu.

“Eu e o Ryker te reivindicamos, Dylan. Isso é um compromisso maior do que casar com você.” August sorriu. “Sim, estou te convidando para morar com a gente.”

Dylan ficou em silêncio.

“Se eu estragar tudo e você disser não, o Ryker vai me trancar naquela gaiola na nossa sala de jogos e não me deixar sair por um mês.”

Dylan riu. "Bem, talvez não seja tão ruim. Acho que você ficaria bem todo enjaulado."

August teve uma imagem mental repentina de si mesmo amarrado e amordaçado, trancado na gaiola no canto da sala de jogos.

Ele estremeceu de desgosto.

“Não tão bom quanto você”, disse ele.

Dylan deu uma risadinha e depois ficou em silêncio. August estava prestes a quebrar o silêncio quando Dylan falou novamente.

"Você está falando sério mesmo?" Ele respirou fundo. "Sobre eu me mudar para cá?"

“Com certeza absoluta”, disse August.

“Vou pensar nisso.”

Agosto aceitaria isso. Ele decidiu dar continuidade à conversa.

“Então, isso significa que sim, certo? Posso te buscar e dar uma passada no seu apartamento?” Ele se levantou da cadeira e foi pegar o casaco no armário. Antes que Dylan pudesse responder que não, ele perguntou: “Onde devo te buscar?”

"Claro", disse Dylan, rindo da óbvia artimanha de August. "Você pode me buscar no lado norte da biblioteca? Eu te mando o endereço por mensagem."

Claro. Estou saindo agora. Nos encontramos lá em vinte minutos?

“Certo, parece ótimo”, disse Dylan. Ele parecia feliz, e August mal podia esperar para vê-lo. “Te vejo lá.”



August chegou primeiro ao ponto de encontro combinado e, enquanto esperava Dylan ao lado do carro, desejou ter feito como Steve e pegado a moto dele.

Estava um pouco frio para isso, mas teria valido a pena ter Dylan agarrado às suas costas e o abraçando forte enquanto dirigiam para casa. Ele poderia ter usado seu macacão de couro de corrida, que tinha certeza que Dylan teria apreciado muito.

Por outro lado, se tivesse levado a moto, Dylan não conseguiria trazer uma mala do estúdio até a casa de August e Ryker. August decidiu que as

desvantagens da moto, nesse caso, superavam as vantagens, e mudou de ideia sobre ter se arrependido de não tê-la levado naquela manhã. Teria que se contentar com um grande abraço quando Dylan aparecesse, e talvez Dylan quisesse lhe fazer um boquete quando passassem no apartamento dele.

August enfiou as mãos nos bolsos, o frio do inverno fazendo-o se arrepender de ter dispensado as luvas naquela manhã. Ele estava pensando em voltar para o carro e esperar ali quando viu Dylan correndo pela calçada em sua direção.

“Aqui está você”, disse August, puxando Dylan para um abraço apertado assim que o alcançou. Ele afundou o rosto no gorro de lã de Dylan e murmurou: “Senti sua falta”.

Dylan riu e retribuiu o abraço. "Eu também senti sua falta. Você está pronto para ir?"

August o soltou, passando um braço por cima do ombro dele enquanto o conduzia em direção ao banco do passageiro da frente.

“Com certeza.” Ele segurou a porta aberta para Dylan, depois deu a volta até a porta do motorista e sentou-se ao volante. “Cinto de segurança afivelado?”

Dylan assentiu com a cabeça, e August saiu da calçada e começou a dirigir até o apartamento de Dylan.

"Você teve um bom dia?", perguntou August, estendendo a mão e colocando-a na coxa de Dylan. Ele apertou, apreciando o tremor que Dylan sentiu ao seu toque.

“Sim, eu conheci”, disse Dylan. Ele se mexeu, e August deslizou a mão para cima, apertando a parte interna de sua coxa. “Conheci o Steve, e ele veio almoçar comigo e com a Annie em um café perto do campus. Foi ótimo.”

August sentiu uma pontada de irritação por o policial Puppy ter almoçado com Dylan sem sequer ter sido convidado. Ele poderia ter arranjado um tempo.

“Que bom. Como ele estava?”

Dylan deu de ombros. "Ele parecia bem. Talvez um pouco chateado por não poder se juntar à sua matilha."

“Nossa matilha”, corrigiu August. Ele mal conseguia esconder o quão convencido se sentia ao dizer isso.

“Nossa matilha”, concordou Dylan, sorrindo para si mesmo.

“Sinto muito por não termos podido estar aí esta manhã”, disse August. Ele se arrependeu de não ter ligado dizendo que estava doente. Ele era o chefe – ninguém o teria questionado sobre isso e seus compromissos poderiam ter sido remarcados ou repassados para Mary. “Você tomou café da manhã?”

“Não, eu não estava com fome.” Dylan se abaixou, pegou a mochila e a colocou no colo. Abriu-a e tirou um pedaço de spandex preto. “Mas eu roubei uma das suas camisetas de treino. Ou do Ryker, não tenho certeza. Precisava de algo para amarrar na cintura e esconder o buraco enorme que você fez na minha calça jeans favorita.” Ele lançou um olhar fulminante para August, como se tivesse acabado de se lembrar do que tinha feito. “Aliás, você me deve uma por isso.”

"Eu te levo para fazer compras", prometeu August. Ele não estava nem um pouco arrependido de ter rasgado as calças jeans de Dylan, e menos ainda se isso significasse que ele poderia dar sua opinião sobre o guarda-roupa de Dylan.

Ele ficaria incrível com calças chino bem justas, ou talvez até mesmo com

uma calça de couro.

“Você não precisa fazer isso. Eu já encomendei um par de substituição online.”

August franziu a testa, seu plano frustrado. Então, animou-se, lembrando-se de que não precisava de uma desculpa para levar Dylan às compras e mimá-lo. Ele simplesmente podia fazer isso.

“Tudo bem, eu te pago quando chegarmos em casa.” August tirou a mão da coxa de Dylan e bagunçou o cabelo dele. “Mas ainda vou te levar para fazer compras. Quero te arrumar para o nosso próximo encontro.”

Ele deslizou a mão até o pescoço de Dylan, apertando-o de forma sugestiva, o que fez Dylan abaixar a cabeça e corar intensamente.

“Você pode ligar para o Ryker e ver quando ele chega em casa?” perguntou August, decidindo ter piedade de Dylan e levantando a mão. Eles já estavam quase no apartamento do garoto. “Diga a ele que estamos a caminho de casa.”

Dylan assentiu com a cabeça, pegou o celular na mochila e fez a ligação. Ryker atendeu no segundo toque, e August ouviu em silêncio enquanto seus dois amigos conversavam.

Ryker ainda estava no trabalho, mas assim que soube que Dylan estava a caminho do apartamento, prometeu terminar o que estava fazendo e ir para casa.

August estacionou o carro na calçada em frente ao apartamento de Dylan.

"Já volto", disse Dylan, desapertando o cinto de segurança e estendendo a mão para a porta.

“Eu vou com você.” August desligou o motor e deu um sorriso para Dylan. “Posso te ajudar a arrumar as malas.”

Dylan revirou os olhos, mas não protestou quando August saiu do carro com ele e começou a caminhar ao seu lado enquanto subiam os degraus até a porta da frente.

"Não vou me mudar oficialmente para a casa de vocês antes que conheçam meus pais", disse Dylan, abrindo a porta do corredor deprimente e sombrio do segundo andar, onde ficava seu pequeno estúdio.

“Extraoficialmente, sim”, confirmou August, dando-lhe um tapinha nas costas.

A ideia de conhecer os pais de Dylan era mais intimidante do que August imaginava. Como ele conseguiria olhar nos olhos deles depois de tudo o que tinha feito ao filho deles?

Dylan destrancou a porta do seu apartamento, empurrando-a e parando abruptamente. August aproximou-se por trás e olhou por cima do ombro, fazendo uma careta ao ver o interior do pequeno estúdio de Dylan.

O teto havia desabado. August empurrou Dylan para o lado e entrou na sala, examinando os danos. Não era o teto inteiro, mas sim uma parte dele no canto acima da copa da cozinha. Pelo que ele pôde perceber, devia ter havido infiltração que enfraqueceu o gesso com o tempo, até que finalmente um pedaço inteiro desabou.

"Porra", disse Dylan, com a voz embargada, como se estivesse prestes a chorar.

August ficou aliviado por ele estar lá com ele. Se não estivesse, Dylan poderia ter tentado fazer alguma besteira, como vasculhar o local enquanto o teto

ameaçava desabar completamente, ou pior ainda, fazer um acordo para ficar com Annie ou algum outro amigo enquanto seu estúdio era consertado.

“Não entre”, disse August, erguendo a mão quando Dylan pareceu prestes a entrar no estúdio. “O resto do teto pode desabar a qualquer segundo.”

Dylan fez uma pausa, mas não parecia satisfeito. "Acho que não. É só a parte onde estava a mancha que desabou."

August sabia que era melhor não perguntar por que Dylan não havia relatado os danos causados pela água. Apostava que sim, e que seu zelador mesquinho não havia dado o devido seguimento ao assunto.

“Tenho um rolo de sacos de lixo extragrandes no porta-malas do meu carro. Vá buscá-los e depois podemos empacotar todas as suas coisas e trazê-las de volta para o apartamento para que não sejam danificadas enquanto o teto é consertado.” August viu a mala de Dylan debaixo da cama. Ele a pegou e a abriu no chão. “Vou começar com isso.”

Ele jogou as chaves do carro para Dylan.

"Tudo bem", disse Dylan, segurando as chaves. Ele se virou e correu pelo corredor, enquanto August começou a arrumar as malas.

Não demorou muito. Dylan não tinha muita coisa, e depois de guardar tudo o que estava na escrivaninha e as roupas no armário, não sobrou muita coisa.

“Parece que as únicas coisas danificadas foram os pratos que estavam na pia”, disse August quando Dylan voltou. Ele jogou os copos quebrados e a tigela rachada no lixo. “Todo o resto parece estar em bom estado.”

Ele colocou a mala no corredor, pegou um saco de lixo e enfiou o resto das roupas de Dylan e seu edredom de plumas no saco plástico preto.

“Acho que é isso”, disse ele, entregando a sacola para Dylan. “Estou esquecendo de alguma coisa?”

Dylan mordeu o lábio, olhando ao redor do cômodo de sua posição na porta. "Você pegou as coisas do banheiro?"

August não tinha feito isso. Ele pegou uma nova bolsa e foi ao banheiro, colocando a escova de dentes de Dylan em sua nécessaire e depois despejando tudo, exceto a escova de vaso sanitário e a cortina de chuveiro, na bolsa nova.

“Acho que é isso”, disse Dylan, pegando as sacolas enquanto August pegava a mala. “Obrigado pela ajuda.”

"Claro", disse August, apertando o pescoço dele. "Só fico feliz que você não estivesse em casa quando o teto desabou."

Dylan bufou. "Era só um pouco de gesso molhado. Na pior das hipóteses, eu teria sofrido uma concussão."

August conteve um rosnado. Dylan ter sofrido uma concussão era inaceitável. Ele e Ryker deveriam ter percebido que Dylan estava vivendo em uma armadilha mortal e não seriam tão descuidados com a segurança dele no futuro.

“Ryker e eu vamos garantir que nada parecido volte a acontecer.”

Era uma promessa que August pretendia cumprir.

RYKER

Ryker observou a crescente irritação no rosto de Dylan chegar ao ponto de ruptura.

"Tá bom, dá pra parar?", disse Dylan, interrompendo o discurso de Ryker. "Vocês estão agindo como se meu prédio tivesse desabado enquanto eu estava dentro. Foi só um pedaço de gesso que caiu do teto, agora parem com isso."

A voz de Dylan estava raivosa, mas Ryker não conseguiu se retratar do seu discurso de que processaria o dono do prédio de Dylan e depois o sequestraria para caçá-lo por esporte na lua cheia.

Sua companheira – sua companheira humana, muito frágil – poderia ter se ferido gravemente, e ele não estava levando isso a sério o suficiente.

“Desculpe”, disse August, sentando-se e puxando Dylan para o seu colo. Os três estavam na sala de estar, com August e Dylan no sofá, e Ryker andando de um lado para o outro, inquieto, enquanto tentava, sem sucesso, controlar seu temperamento. “Só estamos um pouco abalados. Nos dê um minuto para nos acalmarmos, está bem?”

Ele apertou Dylan contra si, beijando-lhe a bochecha e aninhando-se em seu pescoço.

Ryker conteve um rosnado. Ele não estava nem um pouco arrependido. Na verdade, tinha toda a intenção de garantir que Dylan nunca mais corresse o risco de se machucar daquela forma, mesmo que isso significasse que o garoto teria que ficar sob sua vigilância a cada hora do dia até que ambos estivessem velhos e grisalhos.

"Acho que precisamos relaxar", murmurou August, acariciando a barriga de Dylan. Ele havia enfiado uma das mãos entre as pernas de Dylan, apalpando-o casualmente e sentindo seu pênis através da calça jeans.

O pênis de Ryker se contraiu, e por um segundo ele se esqueceu de estar preocupado.

"Ryker precisa relaxar", murmurou Dylan.

Ryker se esforçou para fazer exatamente isso. Ele estava chateado, mas se afastar de Dylan só o deixaria mais chateado, então a primeira coisa que ele precisava fazer era se acalmar. Seu plano para manter Dylan em segurança não funcionaria se Dylan pensasse que ele estava agindo de forma desequilibrada.

"Que tal fazermos uma pequena encenação?", sugeriu August. Ele enfiou a mão por baixo da camisa de Dylan, acariciando sua barriga e beliscando seu mamilo. "Lembra daquele cenário que a gente conversou lá no começo, sobre um nerd esquisito indo pra academia e sendo fodido por dois personal trainers? A gente podia reservar a academia do terceiro andar hoje à noite e encenar isso."

O pau de Ryker deu um pulo, a ideia de suar bastante e depois foder Dylan até ele perder a consciência era extremamente atraente. Ele estava prestes a concordar com a sugestão quando percebeu a expressão de total perplexidade no rosto de Dylan.

"Você não gosta dessa ideia?", perguntou ele, sentando-se no sofá ao lado de August e colocando os pés sobre a mesa de centro.

Dylan umedeceu os lábios, ainda com a mesma expressão confusa. "Não, quer dizer, parece uma ideia divertida, só que... Como assim, nós conversamos

sobre isso? Eu nunca falei com você sobre fazer um jogo de interpretação de papéis na academia."

August, sem perceber que Dylan parecia genuinamente confuso, riu e o apertou.

“Sim, você fez”, disse ele. “Você não se lembra? Foi logo depois que eu te mandei aquela foto minha na academia mostrando minha axila suada.”

Dylan pulou do colo de August, levantou-se, virou-se e ficou de frente para eles.

“Você nunca me mandou uma foto assim.”

August deu uma risadinha, mas agora também parecia confuso. "Sim, eu fiz. Foi alguns dias depois de conversarmos sobre quais eram nossos maiores fetiches e preferências."

Dylan ficou olhando para ele, como se estivesse falando uma língua estrangeira. Depois de um tempo, respirou fundo e disse: "Você e eu nunca conversamos sobre nossas preferências ou fetiches. Você simplesmente me surpreende com essas coisas e presume que eu vou gostar."

August franziu a testa. Sentou-se ereto, inclinando-se para a frente de forma agressiva. "Isso não é verdade."

"É sim!" disse Dylan, elevando a voz. "Você e eu nunca tivemos uma conversa de verdade sobre nenhuma das coisas que fazemos no quarto."

"Nós temos!" August rosnou, levantando-se e pairando sobre Dylan. Dylan deu um passo para trás, batendo a parte de trás das pernas na mesa de centro, e se August não o tivesse segurado, ele teria caído.

“Nós preenchemos um questionário inteiro, caramba!” August rosnou. “Não é minha culpa que você tenha amarelado e apagado todo o nosso histórico de mensagens. Aquelas conversas ainda aconteceram.”

"Que histórico de mensagens, porra?" Dylan rosnou de volta, nada intimidado pela forma como August o segurava pela frente da camisa. "Eu não apaguei nada!"

"Você-"

Ryker percebeu que August estava prestes a perder a paciência, e nenhum deles queria isso. Ele se levantou e, antes que August pudesse dizer o que quer que fosse dizer, colocou a mão no ombro do companheiro e o puxou para trás.

“Dylan, conte-me como você e August se conheceram.”

Em certo momento, Ryker suspeitou que Dylan estivesse tentando enganá-lo e a August de alguma forma, e embora não acreditasse mais nisso, se perguntava se algo pior poderia ter acontecido.

“Ele sabe como nós-”

"Sente-se", ordenou Ryker, interrompendo August e dando-lhe um empurrãozinho para que se sentasse. "Não fale até que eu mande."

Não era frequente Ryker agir como o alfa de August, mas quando o fazia, August obedecia.

Dylan voltou a parecer confuso. Ele umedeceu os lábios, olhando alternadamente para August e Ryker, como se esperasse que eles fizessem sentido.

“Com suas próprias palavras”, instruiu Ryker, empurrando Dylan para que se sentasse na mesa de centro enquanto ele se sentava ao lado de August. Eles se

encararam e, quando Dylan hesitou, Ryker acenou com a cabeça para que ele falasse.

“Conheci August pela primeira vez em sua clínica. Eu-”

August o interrompeu. "Não onde nos conhecemos, mas como nos conhecemos..."

Ryker estendeu suas garras, deixando-as cravar na coxa de August através de sua calça jeans. August sibilou, mas entendeu o recado e se calou.

“Por favor, continue”, disse Ryker.

“Eu queria remover uma pinta, e a clínica da universidade marcou uma consulta para mim na clínica do August. Eu fui, e, bem… você sabe o resto. Nós transamos, e então eu te conheci e *nós* transamos de novo, e aí nós três começamos a namorar.”

Ryker assentiu com a cabeça, sua expressão calma mesmo com a mente a mil. "Posso ver o e-mail que você recebeu da escola? Aquele sobre sua consulta com August?"

Dylan franziu a testa, mas tirou o celular do bolso e passou um minuto procurando o e-mail. Mostrou-o a Ryker, estendendo o celular para que ele e August pudessem lê-lo.

“Essa não é a minha clínica”, disse August, finalmente entendendo. Sua voz estava monótona, embora Ryker soubesse que ele provavelmente estava prestes a ter um ataque de pânico.

"O quê?" Dylan virou o celular de volta e leu a mensagem. "Como assim, não é a sua clínica?"

“Estou no prédio 120. Sua consulta era no prédio 210. Você foi ao lugar errado.”

Dylan franziu a testa, encarando o celular como se os números pudessem mudar só de olhar para eles com atenção suficiente.

“Mas vocês tinham meu agendamento no sistema”, disse ele, ainda parecendo confuso. “Vocês tinham meu *nome* . Como pode ser a clínica errada?”

August esfregou a testa. "Eu não tinha seu nome. Eu tinha seu primeiro nome. E o motivo de eu ter você no meu sistema era porque eu tinha combinado um roleplay com um cara com quem eu estava conversando online e que me disse que se chamava Dylan *Lander* ."

Os olhos de Dylan se arregalaram, sua boca ficou aberta em choque.

"Eu interrompi seu cenário de RPG?", perguntou ele.

August inclinou-se para a frente e colocou a cabeça entre os joelhos. "Porra. Merda, porra, merda. Puta merda, você achou que era uma consulta normal para ver uma pinta. Porra!"

Ryker fez uma careta, colocando uma mão calma nas costas de August e acariciando-as.

"Quer dizer, eu me diverti muito?", disse Dylan, hesitante. Parecia que seus sentimentos ao descobrir que havia cometido fraude de identidade sexual involuntária estavam sendo ofuscados por sua reação ao surto de August.

August manteve a cabeça entre os joelhos, emitindo um som baixo e lamentoso na garganta. Ele abaixou ainda mais a cabeça e falou olhando para o chão: "Eu pedi para você fazer sexo comigo em troca de cuidados médicos."

As palavras eram de desânimo, como se ele fosse o pior tipo de vilão.

Dylan olhou nos olhos de Ryker, balançando a cabeça como se discordasse daquela avaliação do encontro deles.

“Não, você não fez isso. Você me assediou durante a minha consulta e, embora eu tenha achado extremamente inapropriado, aceitei de bom grado. Nunca imaginei que você se recusaria a me atender se eu não deixasse você transar comigo. Além disso, fui eu quem interrompeu o seu encontro. A culpa é minha-”

“Errar um endereço não significa que você deva esperar ser amarrado e fodido pelo seu médico!” August levantou a cabeça, os olhos vermelhos e prestes a lacrimejar. “Eu pensei que já tivéssemos conversado sobre isso! Eu andei te amarrando e *fazendo* coisas com você, e nem sei se você gosta.”

Ryker tinha quase certeza de que Dylan havia gostado de tudo o que fizeram juntos – embora ele e August pudessem tê-lo incentivado a descobrir algumas coisas sobre si mesmo que ele não teria descoberto de outra forma.

Com essas novas informações, muitas das reações cautelosas de Dylan às coisas passaram a fazer muito mais sentido.

“Sentei no seu rosto até você quase desmaiar. Eu te amordacei. Eu te dei palmadas no cu até você *chorar* .”

Dylan engoliu em seco, sua expressão se firmando em determinação. "Sim, e eu gostei de todas essas coisas, e quando você fazia coisas que eu não gostava, como cuspir na minha boca ou urinar em mim, você parava depois que eu pedia."

"Eu nunca urinei em você", disse August, franzindo a testa.

“Porque eu te disse que não ia gostar.” Dylan olhou para Ryker. “Certo? Você me disse para te avisar quando eu não gostasse de alguma coisa, e eu avisei.”

Ryker assentiu com a cabeça. Ele segurou a nuca de August e massageou suas costas. "Ele tem razão. Estávamos partindo de algumas premissas falsas, mas ele tem sido muito bom em nos avisar quando não gosta de alguma coisa."

“Exatamente”, disse Dylan, cruzando os braços. “Agora pare de surtar. É a minha vez.”

“Sua vez?” perguntou August. Ele já não parecia prestes a chorar.

"Você gosta de mim?" perguntou Dylan. A princípio, Ryker pensou que ele estivesse brincando – tentando aliviar a tensão – mas depois percebeu que ele estava falando sério.

“É claro que gostamos de você”, disse ele.

“Mas eu não sou quem você pensava que eu era”, disse Dylan, olhando entre eles. “Você pensava que eu era outra pessoa, e é bem óbvio que eu fui uma decepção em comparação com essa pessoa.”

“Você não fez isso”, disse Ryker.

“Você não fez isso”, concordou August. “Você é muito mais bonita que ele e é muito mais divertido conversar com você. Achei que você tinha me enganado.”

O elogio à sua aparência deixou Dylan corado, e Ryker aproveitou a oportunidade.

"Acredite em mim. O cara com quem August estava conversando era só para um encontro casual – algo em que eu nem estava envolvida. Só depois que te conhecemos pessoalmente é que realmente gostamos de você."

August assentiu com a cabeça. "É verdade. Não sei nada sobre Dylan Lander, exceto que ele gosta de conversar sobre sexo pervertido com lobisomens, mas não tem coragem de concretizar. Quando pensei que você fosse ele, fiquei surpreso com o quão melhor você era pessoalmente do que na internet."

Dylan engoliu em seco. "Você não está dizendo isso só porque me mordeu e agora está presa comigo?"

Ryker riu. "Dylan, nós nunca teríamos te mordido se não gostássemos de você. Você, a pessoa que conhecemos e que convidamos para passar a vida conosco. Você está longe de ser uma decepção."

Dylan ficou em silêncio por um instante, observando-os atentamente. Depois de um momento, perguntou: "Mesmo que eu não tenha fetiche por luvas de couro?"

August caiu na gargalhada. Ryker fechou os olhos, com um sorriso de divertimento dolorido.

"Será que eu realmente usei luvas na primeira vez que fizemos sexo sem motivo nenhum?", perguntou ele, recostando-se no sofá e balançando a cabeça negativamente.

"Acabei gostando", assegurou Dylan. Ele umedeceu os lábios, com uma expressão pensativa no rosto. "Ou talvez seja uma resposta pavloviana, porque agora associo você usando luvas e fazendo sexo."

Ryker soltou uma risada abafada. Então, com o clima um pouco mais leve, ele puxou Dylan da mesa de centro e o ajeitou entre ele e August. Passou o braço por cima do encosto do sofá e ficou de frente para seu pequeno companheiro.

“Então, Dylan *Landry* .” Ele sorriu, usando todo o seu charme. “Diga-me, do que você gosta, se não de luvas de couro?”

A pergunta tinha a intenção de aliviar o clima, mas também era séria. Ficou claro que os três precisavam ter uma conversa séria sobre fetiches, limites e o que gostavam na cama, e ele poderia muito bem começar essa conversa agora.

Se esperassem até mais tarde, as coisas poderiam ficar estranhas e a conversa nunca decolaria.

"Eu gosto de vocês", disse Dylan, ficando vermelho como um tomate. "Do jeito que vocês são, quero dizer. Gosto de como vocês são grandes e musculosos, e de como vocês me apertam e me manipulam."

"Como quando eu deixo você adorar meu corpo?", perguntou Ryker, fazendo o rosto de Dylan corar intensamente.

“Sim. Assim mesmo.”

"O que mais?" perguntou August. Ele ainda estava chateado por ter enganado Dylan para transar com ele no primeiro encontro — Ryker o conhecia bem o suficiente para saber que levaria muito tempo para ele superar isso —, mas estava se esforçando para fazer Dylan se sentir confortável e acolhido no relacionamento deles.

"Acho que tenho uma queda por vocês de jaqueta de couro?" Dylan não conseguiu encarar nenhum dos dois enquanto falava, e seu rosto estava tão vermelho que parecia que ia explodir.

"Sim?", perguntou August, acariciando a bochecha de Dylan. "Quais roupas? Seja específico."

Dylan cobriu o rosto com as mãos, como se tudo aquilo fosse demais para

ele, mas Ryker tinha quase certeza de que ele estava se divertindo.

“Vamos lá, conte-nos”, instruiu Ryker.

“O traje de motoqueiro”, disse Dylan, ainda escondendo o rosto. “E as calças que August usou no nosso primeiro encontro.”

August se pavoneava. Ele havia usado aquelas roupas especificamente porque achou que Dylan gostaria delas, e acabou tendo sorte.

"Conte-nos algo que você gostaria de experimentar e que ainda não fizemos", instruiu Ryker, decidindo que adicionaria algumas peças de couro ao seu próprio guarda-roupa no futuro.

"Como assim?" perguntou Dylan. Ele baixou as mãos e olhou para elas.

"Qualquer coisa", disse Ryker.

Dylan refletiu sobre o assunto.

"Talvez soando?", disse ele, deixando Ryker completamente perplexo. Ele franziu a testa, se perguntando se tinha entendido Dylan corretamente.

"Com licença?"

Dylan engoliu em seco. "Sabe, aquela coisa de enfiar uma haste de aço na uretra. Eu vi um vídeo uma vez em que eles fizeram isso, e pareceu interessante."

Se Ryker já não tivesse reivindicado Dylan, ele o teria mordido ali mesmo. Não era bem um pedido para levar um soco nos testículos – o que ele tinha quase certeza de que Dylan jamais desejaria – mas era quase tão ruim.

"Eu adoraria ajudar você a explorar a sonorização", prometeu Ryker.

August soltou um pequeno resmungo, mas Ryker o ignorou.

"E quanto a jogos de interpretação?", perguntou August. "Algum cenário que vocês sempre quiseram encenar com um casal de lobisomens?"

Dylan deu de ombros, cruzando as mãos sobre o colo e corando. "Talvez...", hesitou.

"O quê?" perguntou August.

"A ideia da academia pareceu interessante", disse Dylan, olhando para o colo como se lhe doesse verbalizar seus desejos. Tudo bem. Ryker e August o ajudariam a superar esse desconforto rapidinho.

"Mas?", perguntou August.

“Em vez de personal trainers, vocês poderiam ser jogadores de hóquei?”

Ryker estava dentro. Ele conseguia pensar em pelo menos oito coisas diferentes que poderia fazer com um taco de hóquei que deixariam Dylan gritando de prazer.

"Vamos alugar uma pista de patinação e fazer acontecer", prometeu Ryker.

Dylan sorriu, erguendo o olhar com um brilho de satisfação nos olhos que fez Ryker querer pegá-lo no colo e apertá-lo.

"Algo mais?"

"Talvez uma cena de invasão domiciliar?", sugeriu Dylan, destruindo qualquer noção de que ele tivesse um pingo de humanidade. "Vocês poderiam usar máscaras, se vestir de preto e invadir minha casa enquanto eu estivesse dormindo e fazer o que quisessem comigo?"

O pênis de Ryker se contraiu. Não havia muitas maneiras de uma cena de invasão domiciliar se desenrolar sem o uso da força, e ele não tinha certeza se Dylan estava pronto para explorar o não-consentimento consensual.

Jogadas desse tipo poderiam se tornar violentas rapidamente. Eles precisariam comunicar com muita clareza, com antecedência, o que iria acontecer.

“Parece que já estamos no caminho certo”, disse Ryker, apenas para verbalizar a situação como estava no momento. Eles poderiam discutir os detalhes mais tarde. “Ou estou enganado?”

Dylan balançou a cabeça. "Não, você não está errado."

"Então, chega de pânico?", perguntou Ryker aos seus dois companheiros, olhando de um para o outro. Ambos balançaram a cabeça negativamente.

“Ótimo. Então vamos pedir o jantar. Estou morrendo de fome, e quanto mais cedo comermos, mais cedo poderemos nos aconchegar e assistir a algo divertido na TV.”

Após as revelações do dia, Ryker achou que um pouco de carinho em um monte de filhotes faria bem a eles.

A julgar pela forma como os ombros de Dylan relaxaram, ele concordou plenamente.

DYLAN

Dylan estava no metrô, indo para o campus da universidade e ansioso para ter um dia agradável e normal, onde não precisasse pensar no fato de ter se intrometido na vida de August e Ryker ao sequestrar um cenário de RPG.

De repente, tudo fez sentido. O jeito como August o tocou e apalpou durante a consulta, as suposições sobre o que Dylan gostava na cama, e até as luvas que os dois alfas colocavam antes de transar com ele. Tudo isso baseado em uma lista de fetiches preenchida por um estranho na internet.

Dylan olhou fixamente para o celular e, pela milésima vez desde que Ryker lhe chamara a atenção na noite anterior, encarou o e-mail da universidade informando-o sobre o local de sua consulta gratuita.

Como ele não tinha percebido?

A vergonha fez suas mãos suarem e seu coração disparar. August tinha agido como um personagem de um filme pornô de baixo nível, e ele simplesmente entrou na onda.

Quem fez isso?

Dylan, obviamente.

Ao sair da mensagem, Dylan viu que tinha um novo e-mail de August na sua caixa de entrada. A mensagem consistia em um emoji piscando e um link com as palavras "lista de verificação de compatibilidade de fetiches" no endereço.

Dylan abriu o link, corou e inclinou o celular para cima para que as pessoas sentadas ao lado dele não pudessem ver a tela. Havia uma foto de um anjo de desenho animado segurando um chicote, com um sorriso diabólico no rosto, enquanto segurava a coleira de um diabo com uma expressão muito feliz.

O Dr. S e Alpha convidaram você a responder ao questionário KinkMatch. Para prosseguir, clique aqui .

Dylan clicou, principalmente para se livrar da imagem do anjo pervertido e seu demônio. Ele estava em público. Felizmente, a página seguinte não continha nenhuma imagem questionável. Pediram seu e-mail e o instruíram a criar um nome de usuário. Ele preencheu o campo com seu e-mail e seu nome de usuário e clicou em " *próximo"* .

O KinkMatch é um questionário que permite que você experimente todas as suas fantasias sexuais. Uma lista de perguntas e cenários será apresentada, às quais você responderá sim, não ou talvez. Seu(s) parceiro(s) fará(ão) o mesmo. Se suas preferências e fetiches coincidirem, isso ficará evidente ao final da sessão.

Aquilo soou… muito bom, na verdade. Dylan clicou no link para iniciar o questionário e passou as primeiras perguntas se sentindo como um kinkster experiente.

Ele estava marcando a opção "sim" ou "sim com certeza" em praticamente tudo.

À medida que o questionário avançava, porém, Dylan percebeu que talvez não estivesse tão imerso no universo do kink quanto pensava. Qualquer coisa envolvendo fluidos corporais além de sêmen e saliva era um não, e a única parte da seção de impacto que recebeu mais do que um "talvez" foi: *palmadas, com a mão .*

Agulhas, brincadeiras com facas, marcação a ferro e escarificação estavam fora de questão. Só a ideia de August ou Ryker vindo para cima dele com uma faca fazia seus testículos quererem voltar para dentro do corpo, e se algum dia eles sugerissem marcá-lo a ferro, ele sairia correndo e gritando para bem longe.

Algumas coisas que ele não havia considerado, no entanto, pareciam muito divertidas. Ser subjugado à força, ser pisoteado e praticamente todas as formas de brincadeiras com animais de estimação mencionadas no questionário fizeram com que Dylan marcasse um "sim" entusiasmadamente.

Ele adoraria que August e Ryker colocassem uma coleira nele e o levassem para passear na guia, o enchendo de elogios e carinhos, e depois, quando terminassem de ser gentis, talvez pudessem empurrá-lo para o chão e intimidá-lo com seus pés calçados com botas.

O pensamento fez o estômago de Dylan se revirar de nervosismo e excitação.

Quando terminou o questionário, Dylan olhou para cima e percebeu que havia perdido sua estação. Faltavam duas paradas para a universidade, e as portas estavam prestes a se fechar. Ele saltou do assento e correu para a saída, conseguindo escapar do vagão do metrô por pouco.

Ele atravessou para o outro lado da plataforma e olhou para a tela. O próximo trem chegaria em apenas dois minutos, então ele conseguiria chegar à aula sem se atrasar.

Enquanto esperava, Dylan abriu o questionário e encarou o botão de enviar. Ele havia terminado de preenchê-lo, mas não o enviara para que pudesse ser comparado aos resultados de August e Ryker. Cogitou esperar — pensando se deveria voltar e refletir mais sobre suas respostas — mas estava curioso demais para ver como seus resultados se comparavam aos de seus alfas.

Ele clicou em enviar.

Parabéns! Seus resultados serão visíveis assim que o Dr. S e Alpha concluírem o questionário.

Dylan soltou um grunhido de frustração. Como ele tinha sido o primeiro a terminar o formulário? Ele tirou uma captura de tela da mensagem e enviou para August e Ryker, depois guardou o celular no bolso. Imediatamente, o aparelho começou a vibrar, e Dylan se perguntou qual dos dois estava ligando.

Era o Ryker.

“Oi, Ryker”, respondeu Dylan. “Preenchi o formulário que August me enviou.”

"Eu vi isso", disse Ryker. Sua voz era severa, e o estômago de Dylan se contraiu de satisfação. "Tenho que dizer, enviar uma captura de tela sem mensagem parece um pouco passivo-agressivo."

Dylan engoliu em seco, mudando de posição. "Pensei que vocês já tivessem preenchido."

Ryker riu. "Vamos sim. Você marcou a palmada como sim, não ou talvez?"

"Sim", disse Dylan. Suas bochechas se contraíram, e uma onda de nervosismo percorreu seu estômago.

Ryker deu uma risadinha, um som sombriamente divertido e bastante maligno. " *Bom* ."

Um arrepio percorreu a espinha de Dylan.

"Te vejo hoje à noite", disse Ryker, desligando antes que Dylan pudesse

perguntar o que ele tinha planejado. Ele guardou o celular no bolso enquanto o trem chegava à estação. Subiu a bordo, pensando se não seria melhor voltar direto para a casa de August e Ryker.

Não havia a menor chance de ele conseguir se concentrar nas aulas sabendo que uma surra o aguardava no final do dia.



Algumas horas depois, Dylan estava sentado no movimentado refeitório dos alunos de graduação, dividindo uma mesa com Annie e a amiga delas, Coco. O irmão de Coco era aluno de graduação e tinha créditos sobrando no plano de refeições, que precisava usar ou perderia antes do fim do semestre. Ele os havia registrado na entrada e logo em seguida os abandonou.

Estar sentado no refeitório barulhento era estranhamente nostálgico. A comida era pior do que Dylan se lembrava dos tempos da faculdade, mas ele não ia reclamar. Afinal, estava comendo de graça.

“Então, a Annie disse que você ainda está se envolvendo com os lobisomens”, disse Coco, logo depois de pegarem a comida e encontrarem uma mesa. “Como está indo?”

Dylan estava orgulhoso de si mesmo por não ter corado. Ele cortou casualmente seu frango grelhado e disse: "Está indo bem. Estamos ficando bem sérios."

Annie bufou. "Ele foi morar com eles."

“Só porque o teto do meu estúdio desabou.” Dylan se virou para Coco. “Houve um vazamento no apartamento de cima e danificou o gesso do meu balcão da cozinha. Eu não estava em casa quando aconteceu.”

“Que alívio”, disse Coco. Ela se virou para Annie. “Você se certificou de que nada parecido está acontecendo na sua unidade?”

"Não há", disse Annie, parecendo aliviada. "Sabíamos que tinha havido um vazamento no apartamento acima do de Dylan, e ele havia relatado os danos causados pela água no teto."

"E eles não consertaram quando ele avisou?" perguntou Coco. "Típico. Então, o que você vai fazer, Dylan? Ficar com os lobisomens até eles consertarem o seu teto?"

“Provavelmente mais tempo”, admitiu Dylan.

Os olhos de Annie se arregalaram em surpresa. "Será que é por causa de...?"

Coco lançou-lhes um olhar intensamente curioso.

“Não. Não é por isso. Eu só… gosto deles. Quero morar com eles. É… bom.”

"Legal", riu Annie. "Essa é uma palavra que descreve bem. Eu também acho que ter dois caras assim, pendurados em cada palavra minha, foi legal."

"Posso ver uma foto de novo?", perguntou Coco, estendendo a mão. "Preciso ver se eles são tão bonitos quanto me lembro."

Dylan encontrou uma foto de August e Ryker no celular em que eles pareciam razoavelmente bem e mostrou para ela. Coco pegou a foto e começou a dar zoom.

"Não-"

“Role a tela, eu sei”, interrompeu Coco. “Respeitarei sua privacidade.” Ela devolveu o telefone para ele. “Você é um garoto de muita sorte.”

"Acho que sim", disse Dylan, corando. Ele guardou o celular no bolso.

Quando concordou em encontrar Annie para almoçar, sua intenção inicial era contar a ela sobre a confusão com a encenação, mas com a presença de Coco, essa conversa teria que ser adiada. Contudo, quanto mais pensava nisso, menos certeza Dylan tinha de que queria contar a ela.

Foi constrangedor e revelaria coisas sobre seu primeiro encontro com August que ele não se sentia à vontade para compartilhar.

“Então, como estão as coisas no laboratório?”, perguntou Coco, mudando de assunto. “Você conseguiu resolver aquele problema em que estava trabalhando da última vez?”

Dylan ficou feliz em conversar sobre algo que não fosse seu relacionamento. Ele contou a Coco sobre sua mais recente descoberta e depois perguntou a ela sobre o trabalho dela.

Uma hora depois, os três já estavam satisfeitos com a comida grátis e prontos para ir embora. Olhando a hora no celular, Dylan decidiu que, em vez de ir à biblioteca ou à cafeteria, voltaria para a casa de August e Ryker e trabalharia lá.

"Quero conhecer seus namorados", disse Annie, depois que elas se despediram de Coco com um aceno. "Oficialmente, quero dizer. Vocês deviam me convidar."

Dylan sorriu. Ele teria que se certificar de que a porta da sala de jogos estivesse trancada, mas, fora isso, gostaria que Annie conhecesse August e Ryker. Não tinha certeza se eles se dariam bem — Annie poderia achar August e Ryker um pouco entediantes —, mas ainda assim seria bom se eles se conhecessem.

O que o preocupava era apresentar os pais a eles.

"Vou falar com eles", prometeu ele, dando-lhe um rápido abraço de despedida.

"Vejo você em breve."

RYKER

Ryker tirou os sapatos e entrou no apartamento, deixando a pasta perto da porta do escritório antes de ir para o quarto trocar de roupa. August ainda estava no trabalho – ele havia mandado uma mensagem mais cedo dizendo que tinha um paciente com uma emergência e que chegaria atrasado – enquanto Dylan não dava notícias desde a conversa deles naquela manhã.

Ryker vestiu um short de náilon e uma regata folgada, calçou os tênis e foi até a cozinha preparar um shake de proteína. Ele não malhava há alguns dias e sentia falta da queimação muscular.

A caminho da cozinha, Ryker se surpreendeu ao ver Dylan na sala de estar. O jovem humano estava sentado em uma poltrona perto da janela. Ele estava com as pernas cruzadas, fones de ouvido e digitando no computador. Como estava de costas para a porta, não viu Ryker o observando.

"Dylan", chamou Ryker, sem obter resposta. Ele sorriu, caminhou até o garoto e tocou em seu ombro para chamar sua atenção.

Dylan deu um pulo, seu laptop caiu do colo no chão enquanto ele virava a cabeça e arrancava os fones de ouvido.

Ryker lhe lançou um sorriso. "Olá."

Dylan se deixou cair, esticando as pernas e pegando o laptop do chão. Ele riu. "Ryker, você me deu um susto danado." Levantou-se da cadeira e deu a volta para ficar de frente para Ryker, parecendo satisfeito em vê-lo. "Eu estava ouvindo música."

"Eu imaginei", disse Ryker. Ele ficou feliz em ver que Dylan estava levando suas palavras a sério e se sentindo em casa. "Eu ia preparar um shake de proteína. Você quer alguma coisa da cozinha?"

"Não, obrigado", disse Dylan. Ele acenou com a cabeça para o assento da cadeira. "Eu tenho minha garrafa de água."

Ryker olhou e, com certeza, lá estava uma garrafa de água azul ao lado da almofada.

“Tudo bem.” Ryker estendeu a mão e bagunçou o cabelo dele. “Você pretendia trabalhar por muito mais tempo?”

Dylan umedeceu os lábios e balançou a cabeça. "Na verdade, não. Estou nisso há horas."

“Nesse caso, você quer vir comigo até a academia para fazer um treino rápido?”

Dylan não pareceu muito entusiasmado com a proposta. Ele fez uma careta, como se fosse dizer não, então Ryker decidiu tornar a oferta mais atraente.

"Vou deixar você lamber meu abdômen e chupar meu pau antes de eu tomar banho."

Os olhos de Dylan escureceram, sua boca entreaberta por desejo. Ele umedeceu os lábios e engoliu em seco.

“Não sou muito bom nessa coisa de malhar.”

"Você pode correr na esteira e, se cansar, pode caminhar", disse Ryker, abraçando Dylan e acariciando suas costas. Como Dylan não pareceu convencido, Ryker pressionou o rosto dele contra o peitoral e o manteve ali.

Dylan sempre se tornava muito mais maleável depois de passar um ou dois

minutos sendo sufocado pelo peito musculoso de Ryker.

"Tá bom", murmurou Dylan, com a respiração quente contra a regata de Ryker.

“Ótimo!” Ryker soltou Dylan do seu abraço. “Se apresse, troque de roupa e me encontre perto do elevador. Vou preparar meu milkshake e te encontro lá.”

Dez minutos depois, Ryker encontrou Dylan perto do elevador, segurando seu shake de proteína em uma mão e seu cartão de acesso ao prédio e duas toalhas na outra. Dylan estava vestido com calça de moletom e camiseta, parecendo já estar arrependido de ter ido à academia com Ryker.

Ryker teria que garantir que fosse uma experiência que valesse a pena. Considerando todas as opções de adoração ao corpo que Dylan havia marcado como "sim" no questionário, Ryker tinha algumas ideias de como fazer isso acontecer.

"Pronto?" perguntou Ryker, apertando o botão para chamar o elevador.

"Acho que sim", disse Dylan. Quando as portas do elevador se abriram, ele deixou Ryker guiá-lo para dentro e passar um braço por cima de seus ombros.

Ryker manteve Dylan preso ao seu lado, apalpando seu peito com pequenos arranhões dos dedos que faziam a respiração de Dylan vir em pequenos suspiros rápidos.

Por sorte, quando chegaram à academia, eram os únicos lá. Isso não era incomum — a academia era criminosamente subutilizada pela maioria dos moradores do prédio — mas facilitou os planos de Ryker de se exibir enquanto suava a camisa.

“Vamos alongar antes de começar”, disse Ryker. Ele jogou as toalhas no banco de musculação, colocou o shake no chão e sentou-se em um dos colchonetes. Esticou as pernas à sua frente, acenando para Dylan fazer o mesmo.

Ele agarrou a ponta do tênis esquerdo, curvando o corpo para a frente e mantendo o alongamento por cinco segundos antes de soltar. Quando olhou para o lado, Dylan havia imitado sua posição, mas parecia nem ter sentido nada.

Ryker havia se esquecido de quão flexível ele era.

Ele continuou se alongando, seguindo sua rotina habitual enquanto mantinha um olho em Dylan. Quando terminou, seus músculos estavam preparados e prontos para o trabalho.

"Vou pegar nos pesos", disse ele, caminhando até o suporte de pesos junto à parede. "Precisa de ajuda para montar a esteira?"

Dylan balançou a cabeça. "Não, eu consigo me virar."

“Avise-me se precisar de ajuda.”

Ryker decidiu se concentrar nas pernas e nos ombros. Ele ficou de olho em Dylan enquanto este pegava o que precisava no suporte e depois foi até o banco para começar.

Dylan estava de costas para a parede, já em um leve trote, mas o espelho que ia do chão ao teto à sua frente lhe permitia ver claramente Ryker enquanto este pegava um par de halteres e começava a fazer elevações laterais.

Por ser um lobisomem, Ryker precisava de pesos significativamente mais pesados do que um humano usaria, mas essa era a única diferença entre sua rotina e a de um cara normal.

Ryker cumpriu sua rotina, esforçando-se mais do que de costume e sentindo

um enorme impulso no ego ao ver Dylan o observando. Ao final do treino, quando fazia os exercícios de relaxamento, seu corpo estava encharcado de suor e suas coxas e ombros doíam com uma agradável queimação.

Dylan diminuiu o passo para uma caminhada, e quando percebeu que Ryker o estava olhando no espelho, corou e desviou o olhar.

"Venha cá", ordenou Ryker, sentando-se com as pernas de cada lado do banco de exercícios e enxugando o rosto com a toalha. Quando Dylan não obedeceu imediatamente, ele ergueu a sobrancelha e o encarou, expectante.

Dylan desligou a esteira e correu até lá.

"Sim?" disse Dylan, parado à sua frente, inquieto. Ele olhava ao redor, com o olhar fixo em qualquer coisa, menos no corpo suado de Ryker.

“Eu te prometi que se você malhasse comigo, eu deixaria você lamber meu abdômen.” Ryker recostou-se e levantou a regata, revelando seu abdômen sarado e brilhante. “Então, mãos à obra.”

Dylan olhou para a porta, deu um pequeno passo em direção a ela e umedeceu os lábios.

“E se alguém entrar?”

Ryker sorriu. "Eu vou ouvi-los e te avisar, não se preocupe." Ele deu um tapinha na barriga. "Agora ajoelhe-se e lamba."

Dylan caiu de joelhos com um baque, rastejando entre as pernas abertas de Ryker e depositando um beijo cuidadoso em seu umbigo. Ele colocou as mãos nas coxas de Ryker, firmando-se, e então lambeu o caminho até o abdômen de Ryker, sentindo o gosto do seu suor e fazendo o pênis de Ryker pressionar insistentemente contra o tecido de sua cueca esportiva.

Dylan gemeu, descendo e lambendo o caminho de volta para cima sobre as saliências do abdômen de Ryker, sua língua cravando-se nas ranhuras entre os músculos rígidos enquanto o suor fresco de Ryker cobria sua língua.

"Isso mesmo", rosnou Ryker, acariciando a nuca de Dylan e pressionando-o contra seu abdômen. "Enfia essa língua aí, sua vadiazinha safada."

Dylan havia marcado "conversas picantes" como "sim" no questionário, e Ryker não poderia estar mais feliz com isso.

“Mostre para os meus músculos o quanto você os ama.” Ryker esfregou o rosto de Dylan em sua barriga. “Vamos lá, mantenha a língua para fora. Você sabe que adora.”

Dylan estremeceu, e Ryker sorriu. Ele o agarrou pelos cabelos e o levantou, fazendo-o gritar, e sem cerimônia enfiou seu rosto em sua axila suada.

Ele empurrou o rosto de Dylan para o espaço sob seu braço, sufocando-o, seu pau pulsando com a sensação da língua de Dylan saindo de sua boca e sentindo o gosto de sua axila suada. Depois de um minuto sem deixar Dylan respirar, Ryker o puxou para trás e se inclinou para capturar sua boca em um beijo. Ele sentiu o próprio gosto, o sabor do seu próprio suor preenchendo sua boca, Dylan entreabrindo os lábios e deixando a língua de Ryker explorar sua boca sem resistência.

"Você gosta de lamber meu corpo suado?" Ryker rosnou, afastando-se e segurando Dylan firmemente pelos cabelos.

Dylan respirou fundo, tremendo, e assentiu com a cabeça o máximo que a mão de Ryker em seu cabelo permitia.

“Eu gosto muito disso.”

"Onde mais você quer lamber?" perguntou Ryker, empurrando Dylan de volta para seu abdômen e o mantendo ali.

Ele esperava que Dylan fosse atrás de seus peitorais ou de seu pênis, então ficou surpreso quando Dylan gemeu dizendo que queria lamber suas coxas.

"Minhas coxas?" perguntou Ryker, empurrando Dylan para baixo sobre seu volume até que o queixo dele repousasse no banco entre suas pernas. Ele puxou o short para cima, expondo suas coxas musculosas e deixando Dylan admirar à vontade. "Você gosta delas?"

Ryker juntou as coxas, apertando a cabeça de Dylan entre elas até que ele ficasse vermelho e com dificuldade para respirar. Quando relaxou as pernas, Dylan se encostou na parte interna da coxa direita dele e a cobriu de beijos.

"Seu pervertidozinho", rosnou Ryker. "Gostou disso?"

“Tanto”, gemeu Dylan. “Por favor, faça de novo. Por favor, aperte-”

Ryker juntou as pernas, prendendo a cabeça de Dylan entre as coxas pela segunda vez e apertando ainda mais forte.

Após alguns segundos, Dylan estendeu a mão e deu um tapinha forte na parte externa da perna.

Ryker relaxou as coxas, deixando Dylan ofegante e sentado de volta no chão. Ele esfregou a garganta e, por um segundo, Ryker temeu ter sido bruto demais. Então Dylan riu, e o estômago de Ryker se descontraiu.

"Isso conta como luta livre?" perguntou Dylan, enxugando o rosto. Sua mão estava úmida com vestígios do suor de Ryker.

"Na verdade, não", disse Ryker. "Por quê? Você quer que eu lute com você?"

Dylan mordeu o lábio inferior, passando a mão pelos cabelos. "Quer dizer, eu marquei 'sim' para isso no questionário."

Ryker achava que Dylan não tinha muita noção do que estava pedindo, mas ficou feliz em mostrar a ele.

“Muito bem. Ajoelhe-se, virado para lá.”

Dylan se posicionou com dificuldade e olhou por cima do ombro. "Assim?"

“É isso aí”, disse Ryker. Ele se levantou do banco e caminhou até ficar atrás dele, ajoelhando-se sobre ele e o imobilizando com seu corpo muito maior. “Agora, quando você me der o sinal de que está pronto para começar, vou tentar te imobilizar.”

Dylan soltou uma risada nervosa. "Você vai *tentar* ?"

O sorriso de Ryker era predatório. "Ok, tudo bem. Vou te imobilizar, mas primeiro vou te jogar de um lado para o outro e te aplicar alguns golpes de luta livre diferentes. Desista se não aguentar."

“Certo, como-”

Ryker o agarrou pela cintura e o levantou, virando os dois de costas e aplicando um meio nelson nele.

"Você disse que quando eu desse o sinal!" Dylan choramingou, grunhindo enquanto Ryker apertava as coxas e a cintura de Dylan.

"Você disse que sim", provocou Ryker, divertindo-se com o desamparo de Dylan. "Agora tente se libertar."

Dylan se contorceu, mas mesmo que fosse um lutador habilidoso, não havia muito que alguém de sua categoria de peso pudesse fazer contra um lobisomem

de dois metros e três centímetros e mais de cento e quarenta e quatro quilos.

"Vamos lá, trabalhe para isso", rosnou Ryker, apertando o braço de Dylan e pressionando sua articulação. "Não seja um covarde."

Dylan gritou de dor, e Ryker o soltou. Empurrou-o para longe do peito e o deixou rolar até o chão, depois esperou o suficiente para que ele recuperasse o fôlego antes de montá-lo, levantá-lo e aplicá-lo uma chave de braço.

Sentado nas costas de Dylan, com os pés firmemente plantados em cada lado do corpo do garoto, Ryker puxou os braços de Dylan sobre suas coxas e segurou seu queixo. Ele se inclinou, encostando as bochechas um no outro enquanto forçava o torso de Dylan a se esticar.

A maioria dos humanos com quem Ryker havia dormido estaria gemendo de agonia, mas Dylan era elástico o suficiente para que ele apenas se sentisse desconfortável.

O pênis de Ryker pressionava o tecido da sua cueca suspensória, o volume considerável em seus shorts empurrando as costas de Dylan, a haste pressionando o algodão com tanta força que chegava a doer.

O som do elevador parando e das portas se abrindo fez Ryker congelar, esquecendo momentaneamente seu pau. Ele estava prestes a soltar Dylan quando reconheceu o som dos passos de August.

Isso pode ser divertido.

"Você acha que conseguiria chupar o pau do August assim, se ele estivesse aqui com a gente?", perguntou Ryker, enfiando dois dedos na boca de Dylan.

Ele ouviu August tropeçar no passo, para depois acelerar.

"Talvez", murmurou Dylan, a palavra distorcida pelos dedos de Ryker pressionando sua língua. "Seja desconfortável."

August entrou pela porta. Ele ainda estava com a roupa de trabalho, que consistia em calças sociais e uma camisa de botões, com a gola desabotoada e as mangas arregaçadas.

"Vamos testar", disse August, parecendo ansioso para participar da brincadeira. Ele tirou o pênis para fora da braguilha, junto com os testículos, deixando-o à mostra. Agachou-se na frente de Dylan e acariciou seus cabelos.

"Luta livre, é?" Ele acariciou a bochecha de Dylan, o polegar deslizando sobre seus lábios enquanto alcançava e bombeava seu pênis ereto com a mão. "É divertido?"

"Sim", disse Dylan, com a voz ainda adoravelmente abafada.

"Ótimo." August se levantou da posição agachada e abriu as pernas, dobrando os joelhos até que seu pênis estivesse na altura da boca de Dylan, com a glande pressionando seus lábios. Ele deslizou o dedo pela fenda úmida ao longo dos lábios de Dylan, passando por cima dos dedos de Ryker, que ainda cutucavam a boca de Dylan, deixando um rastro de líquido pré-ejaculatório em seus nós dos dedos.

Ryker abriu a boca de Dylan à força para que o pau de August pudesse deslizar para dentro. Seu próprio pau, preso e desesperado para se libertar, pulsava enquanto ele observava o grosso monstro do seu parceiro deslizar até o fundo da garganta de Dylan.

"Está gostando?" Ryker rosnou, tirando a mão do queixo de Dylan e deslizando-a até sua garganta. Ele mal podia esperar para sentir o pau de August

fazê-la inchar.

Dylan emitiu um som gutural que soou como concordância. August moveu os quadris e penetrou mais fundo, fazendo Dylan engasgar e se debater contra o aperto de Ryker enquanto deslizava por sua garganta.

"Porra, isso é bom demais", gemeu August, com as coxas tremendo de puro prazer ao sentir o esôfago de Dylan envolvendo seu pênis. "Aperta a garganta dele, amor. Me masturba quando eu estiver dentro dele."

Dylan soltou um som alarmado, mas Ryker riu e obedeceu às instruções do seu companheiro. Apertou a garganta de Dylan, sentindo o volume do pênis de August lá dentro e o estimulando suavemente.

A pressão na garganta de Dylan o fez engasgar, e se Ryker não o tivesse imobilizado em uma chave de braço, ele teria arrancado a boca do pau de August. Como estava, ele não podia fazer nada além de suportar a invasão e se submeter aos seus alfas.

"Foi bom", disse August, endireitando-se e deixando seu pênis deslizar para fora da boca de Dylan. Saiu pingando e molhado, e quando estava fora, Dylan estava ofegante e tossindo como um louco.

Ryker teve pena dele e soltou seus braços, deixando-o cair de costas no tatame. Permaneceu sentado nas costas de Dylan, estendendo a mão e massageando seus ombros em um movimento suave.

"Está se sentindo bem?", perguntou ele, esperando que eles não tivessem ido longe demais. Ele achava que não, mas precisava verificar.

"Foi intenso", disse Dylan, com o tom de alguém que acabara de descobrir as montanhas-russas.

“Então você pode pegar mais?”

Ryker precisava vir ou ia enlouquecer.

Dylan assentiu com a cabeça, e Ryker sentiu uma onda de satisfação. Ele virou Dylan de costas e se abaixou até que seu volume na calça ficasse bem na frente do garoto. Sem perder um segundo, Ryker abaixou as calças e libertou o pênis, segurando-o pela base e enfiando-o na boca de Dylan.

Quando Ryker alcançou o fundo da garganta de Dylan, Dylan tentou virar a cabeça para escapar do seu monstro de dez polegadas, mas Ryker acompanhou o movimento, empurrando sem esforço o palato mole e se enterrando no esôfago de Dylan. Ele continuou empurrando, enfiando o pênis garganta abaixo até que todo o seu membro estivesse dentro da garganta de Dylan e o nariz de Dylan estivesse enterrado em sua virilha.

"Brutal", comentou August, masturbando-se lentamente enquanto observava Ryker encher a garganta de Dylan.

"Ele gosta assim", disse Ryker, rebolando os quadris e pressionando seu peso contra o rosto de Dylan. "Ele gosta de ser dominado e usado."

"Eu sei", disse August, sorrindo e passando o polegar sobre a fenda. "Eu li os resultados no nosso KinkMatch."

Seus olhares se encontraram, um misto de alívio e preocupação. Ambos estavam nervosos com o resultado do teste, temendo que Dylan escolhesse "não" em algumas das questões às quais já o haviam submetido, mas ele não o fez.

Dylan se mostrou mais disposto a explorar sexo bruto e fetiches do que eles poderiam ter esperado. Foi um enorme alívio para eles.

O fato de os resultados de Dylan terem sido distorcidos pelo fato de já o terem coagido a experimentar bondage e dominação era algo em que Ryker decidira não pensar.

Dylan levantou a mão e deu um tapinha na coxa de Ryker, que então ergueu os quadris e puxou o pênis para fora da garganta de Dylan. Manteve a glande repousando na língua de Dylan, permitindo que ele respirasse ao redor e engolisse o fluxo constante de líquido pré-ejaculatório que escorria de sua fenda.

O som do elevador parando no andar deles fez com que August e Ryker congelassem por um segundo e, em seguida, corressem para guardar seus pênis de volta nos shorts.

"Alguém está vindo", explicou Ryker ao ver o olhar confuso de Dylan. O aviso fez Dylan se levantar rapidamente, limpando a boca enquanto se olhava no espelho.

“Parece a Sra. Sunderland”, disse August.

“Vamos subir para o apartamento”, disse Ryker. Ele pegou a toalha e a segurou de forma a cobrir o volume na sua calça, e depois recolheu do chão o recipiente vazio do seu shake. “Não queremos outra reclamação.”

Eles se dirigiram à porta, segurando-a aberta bem a tempo de a Sra. Sunderland entrar no ginásio. Cumprimentaram-na, e a Sra. Sunderland lançou-lhes olhares desconfiados, saindo do ginásio sem que ela pudesse ver muito bem o estado desarrumado em que se encontravam.

Quando estavam no elevador, Ryker percebeu que havia se esquecido de limpar os equipamentos. Ele havia guardado os pesos que usara, mas tinha quase certeza de que o banco de musculação tinha a marca suada de sua bunda.

O elevador parou e, depois que August e Dylan saíram, Ryker apertou o botão do terceiro andar.

“Preciso voltar lá embaixo e limpar o banco”, explicou ele. August assentiu, muito familiarizado com a confusão que a Sra. Sunderland causaria se eles não seguissem os procedimentos da academia.

"Vou ajudar o Dylan a se acomodar na sala de jogos", disse August, agarrando Dylan pela nuca e puxando-o para perto de si.

"A sala de jogos?" perguntou Dylan, com a voz rouca devido aos abusos que sofreu nas mãos de Ryker e do pênis de August.

As portas do elevador começaram a se fechar, e Ryker disse: "Eu te devo uma surra, lembra?"

A expressão no rosto de Dylan não tinha preço.

AGOSTO

“O que lhe passava pela cabeça quando nos conhecemos e eu a examinei?”

August fez a pergunta olhando para o cabelo de Dylan, o menino se acomodou em seu colo enquanto esperavam Ryker trazer as bebidas. Eles tinham acabado de sair da sala de jogos alguns minutos antes, onde Ryker havia dado umas palmadas na bunda de Dylan até que suas nádegas ficassem parecidas com dois tomates-cereja.

Dylan estava amarrado como um pretzel humano, posicionado na mesa de bondage com as pernas puxadas para trás das orelhas, sua bunda totalmente à mostra e disponível para a palma da mão de Ryker.

August tinha gostado muito de vê-lo choramingar e tentar se esquivar dos golpes implacáveis.

Depois que Ryker terminou de lhe dar palmadas, eles o desamarraram, o curvaram sobre o banco e se revezaram amarrando-o. Só então, depois de ambos o terem ejaculado até a borda, tiveram pena de seu pequeno pênis duro e o deixaram gozar.

"Não sei", murmurou Dylan, exausto após ser espancado, lutado e fodido por dois lobisomens alfa.

"Você não sabe?" August estava cético.

Dylan se remexeu no colo, envergonhado. "Fiquei pensando se não teria entrado numa dimensão pornô." Ele virou a cabeça, olhando para o rosto de August. "Na verdade, eu só achava você o cara mais gostoso que eu já tinha visto. Fiquei tão constrangido quando fiquei excitado."

August deu uma risadinha. "Bem, eu estava tentando ao máximo te excitar, então foi uma batalha perdida. Em que momento você percebeu que eu estava sendo inadequado?"

Dylan corou. "Só depois que você me pediu para fazer sexo."

"Sério?" August não conseguiu esconder sua incredulidade.

"Tá bom, talvez quando você me disse que eu era passivo. Achei isso estranho."

August riu. Ele se sentiu muito orgulhoso de si mesmo quando disse aquela frase. O jeito como Dylan corou e gaguejou foi adorável.

Sabendo o que sabia agora, ele ficou aliviado por Dylan ter gostado do seu comportamento inadequado em vez de denunciá-lo. Se Dylan tivesse reagido de forma diferente, August poderia ter acabado perdendo sua licença médica ou até mesmo ido para a prisão.

Só que ele teria percebido se Dylan não estivesse a fim dele, então, pensando bem, isso era improvável. Mas ainda assim poderia ter sido uma situação extremamente constrangedora.

“Suas bebidas, senhores”, anunciou Ryker, chamando a atenção de August e Dylan ao entrar na sala com uma bandeja de verdade equilibrada nos dedos. Ele caminhou até eles, fez uma pequena reverência, estendeu a bandeja e deixou que August e Dylan pegassem suas bebidas.

Ryker estava usando apenas seu short de treino – desta vez sem a cueca suspensória por baixo. O suor que ele havia produzido durante o treino secou, o que, somado ao sêmen seco que cobria seu pênis e sua virilha, o deixava com um

cheiro forte e desagradável. August gostava do cheiro um pouco almiscarado do seu parceiro, mas aquilo era demais.

"Obrigado", disse ele, pegando sua lata de cerveja da bandeja depois que Dylan se serviu de seu elegante copo de vodca com cranberry. "Agora, por favor, vá tomar banho. Você está machucando meu nariz."

Ryker bufou. "Dylan cheira tão mal quanto eu."

Era verdade, mas August não se importava, contanto que Dylan estivesse sentado em seu colo como se fosse o assento mais confortável do mundo.

"Talvez devêssemos todos tomar um banho rápido?", sugeriu Dylan.

August suspirou. Largou a cerveja e pegou o copo de vodka com cranberry da mão de Dylan para que Ryker pudesse tirá-lo do colo e levá-lo para ser limpo.

Assim que chegaram ao banheiro, Ryker colocou Dylan no chão, tirou os shorts, jogou-os no cesto de roupa suja e deixou o pênis à mostra.

August deu um sorriso irônico ao ver o olhar faminto de Dylan para o pedaço grosso de carne.

"Eu vou primeiro", disse Ryker, ligando o chuveiro e entrando debaixo do jato assim que a água esquentou. Ele lavou o corpo rapidamente, e August percebeu que Dylan estava decepcionado por não ter sido convidado a entrar.

Ele entendeu por que Ryker não começou nada. Eles já tinham se divertido o suficiente naquela noite, e o buraco e a garganta de Dylan deviam estar doendo. Agora que estavam morando juntos, precisavam ter cuidado para não esgotá-lo.

Assim que Ryker terminou o banho, August empurrou Dylan para debaixo do chuveiro e entregou uma toalha para Ryker.

Dylan foi ainda mais rápido que Ryker, parecendo constrangido por estar tomando banho com plateia. August poderia ter se virado e lhe dado privacidade, mas estava se divertindo demais observando-o.

Quando Dylan terminou, August tomou seu lugar e, enquanto Dylan se secava, fez questão de ensaboar os músculos, curvando-se e exibindo a bunda enquanto lavava os pés e ensaboava as coxas musculosas.

Ele não esperava que Ryker se aproximasse do chuveiro, estendesse a mão para dentro e desse um tapa na sua bunda. Ele deu um pulo, levantou-se e encarou o amigo enquanto Ryker gargalhava.

"Desculpe, não resisti", disse Ryker. Enquanto August e Dylan estavam no chuveiro, ele vestiu uma calça de moletom larga e uma camiseta justa, o algodão gasto esticado em seus bíceps e sobre seu peito musculoso.

"Sim, sim", disse August, pegando uma toalha e se secando antes de ir procurar roupas confortáveis para si.

Dylan o seguiu até o closet, dirigindo-se às prateleiras que haviam esvaziado para ele e pegando um pijama.

Quando os três estavam vestidos, voltaram para a sala de estar, onde suas bebidas os aguardavam.

"Assim está melhor", disse August. Ele recostou-se no sofá e tomou um longo gole de sua cerveja, apoiando as pernas na mesa de centro e passando o braço por cima do encosto do sofá. Ele olhou para Ryker, sorrindo por cima da cabeça de Dylan.

Dylan tomou um gole de sua vodka com cranberry, parecendo estar gostando do sabor. Como isso era possível, August não fazia ideia. Suco de cranberry era,

na opinião dele, absolutamente repugnante.

"Vocês querem assistir TV?" perguntou Ryker, estendendo a mão para pegar o controle remoto.

Dylan aconchegou-se no sofá, cruzou as pernas e apoiou o copo no joelho. "Parece ótimo para mim."

Ele se mexeu um pouco, fazendo uma careta.

"Você está bem?", perguntou August.

"Meu traseiro está dolorido", disse ele, sem parecer particularmente incomodado com a situação. Ele sorriu e se aconchegou ao lado de August. "Está tudo bem. É aquele tipo de dor gostosa."

"Sim?" August passou os dedos pelos cabelos de Dylan. Ainda estavam úmidos, e seus dedos ficaram molhados. Ele os enxugou na frente da camisa de Dylan.

“Sim”, concordou Dylan.

STEVE

Na manhã de quinta-feira, quando Steve saiu do apartamento para ir trabalhar, ficou atento a rostos familiares na multidão. Ele tinha visto Betty Wiltshire mais uma vez desde que a vira no café – ela estava lendo uma revista em frente à mercearia da esquina onde ele fizera suas compras semanais – mas até então, só isso.

Ao entrar na delegacia, Steve foi até o vestiário para trocar de roupa e vestir o uniforme. Ele acenou para algumas pessoas com quem havia trabalhado no caminho e até conversou um pouco com o cara cujo armário era ao lado do dele, mas ter feito amizade com Ryker e sua matilha deixou claro para ele o quanto suas interações sociais haviam sido escassas desde que se mudara para a cidade.

Ele não havia feito nenhum esforço para fazer amizade com nenhuma das pessoas com quem trabalhava e, por isso, desenvolveu uma reputação de ser distante e de se achar superior a todos os outros.

Após vestir seu uniforme, Steve dirigiu-se à sala de chamada e sentou-se em uma das carteiras comicamente minúsculas.

“Miller, precisamos de você de volta ao distrito financeiro. Houve um assalto ontem e o prefeito foi solicitado a aumentar a presença policial na região. Essa será a sua área de patrulha e a do policial Johnson por tempo indeterminado.”

Steve conteve um gemido de irritação. Ele detestava trabalhar no distrito financeiro. Nada acontecia por lá, e enquanto estivesse ali apenas para enfeitar a área, não seria chamado para nada, a menos que acontecesse a um quarteirão de distância.

Carl, o cara cujo armário ficava ao lado do dele, inclinou-se para frente e murmurou: "Que droga, cara."

Steve acenou rapidamente com a cabeça em sinal de solidariedade. Carl estava de serviço no trânsito, então a situação não era muito melhor, mas ele parecia satisfeito com o que tinha.

"Você faz o que tem que fazer, certo?", disse ele.

Carl sorriu, parecendo feliz por Steve ter respondido. Steve se perguntou se ele realmente tinha sido um babaca tão inacessível a ponto de uma simples conversa ser vista como algo novo.

Se fosse esse o caso, ele precisava se comportar.

Ao sair da sala, Steve dirigiu-se ao estacionamento para pegar sua bicicleta, parando no vestiário para pegar sua jaqueta, capacete e luvas no caminho.

O tempo tinha ficado mais frio nos últimos dias, mas ainda não tinha nevado e as ruas da cidade estavam livres de gelo.

"Tenha uma boa viagem", disse Carl, subindo na bicicleta ao lado de Steve e inclinando-se para trás para apertar a tira do capacete.

"Você também", disse Steve, inclinando-se para a frente e engatando a marcha da bicicleta. Ele saiu do estacionamento, acenando para Carl enquanto virava na rua.

Assim que chegou ao distrito financeiro, Steve estacionou sua bicicleta em um estacionamento particular atrás do prédio da Câmara de Comércio. Ele passou a manhã patrulhando o bairro a pé e, quando a hora do almoço se aproximava, já havia ajudado dois turistas perdidos com informações e impedido

que uma discussão em frente a uma barraquinha de cachorro-quente se transformasse em briga.

Enquanto patrulhava, Steve ficava atento a rostos familiares que seu pai pudesse ter enviado para espioná-lo. Ele havia decidido firmemente não confrontar ninguém que visse, mas ainda assim queria saber quando estava sendo observado.

Steve estava tão concentrado em encontrar rostos humanos familiares que, quando seu irmão mais novo apareceu de repente na calçada à sua frente, levou um segundo para seu cérebro processar o fato de que ver o irmão era algo incomum. Ele congelou, encarando William e catalogando tudo, desde a expressão esperançosa em seu rosto até a postura cuidadosa de seu corpo, e então correu em direção ao irmãozinho com uma explosão de energia, pegando-o no colo e o abraçando forte.

Se ele tivesse um rabo, estaria abanando sem parar. Steve sentiu que ia explodir de tanta felicidade.

"Ei, Steve", disse William, retribuindo o abraço. Ele então tentou se desvencilhar, mas Steve o apertou ainda mais.

Como William era ágil e Steve era corpulento, ele não tinha a menor chance de se soltar até que Steve o libertasse, e Steve não queria soltá-lo. Ele queria apertá-lo e abraçá-lo, inalar o cheiro de casa e da mochila até que seus braços estivessem cansados demais para sustentá-lo, e então queria se aconchegar no chão, formando um amontoado de dois, e dormir com o irmão ainda em seus braços.

Ele sentia muita falta dele.

"O que você está fazendo aqui?", perguntou Steve, ajudando William a se levantar com relutância quando seu irmão lhe deu um tapinha para que o soltasse.

“Vim te ver”, disse William, dando um tapinha no braço dele. “Aliás, você está com uma aparência péssima. Parou de ir à academia?”

Steve deu um soco no próprio braço. Ele vinha exagerando na academia, já que o exercício era seu único hobby desde que saira de casa, e isso era visível.

“Como assim, você veio me ver? Como conseguiu isso?”

William deu de ombros. "Estou importunando meu pai desde que você foi embora. Ele finalmente concordou em me deixar ir te visitar."

Steve ficou impressionado. O pai deles era indulgente em alguns aspectos, mas quando se tratava de assuntos da alcateia, ele era um verdadeiro durão. William devia ter lutado muito contra seus instintos se continuou importunando o pai quando ele estava no modo alfa e já tinha dito não.

“Que bom que você está aqui”, disse Steve. Ele olhou em volta, avaliando o local. “Como você me encontrou?”

William sorriu. "Liguei para a sua delegacia e me disseram que você estava patrulhando o distrito financeiro. Passei a manhã inteira andando por aí, procurando por você."

Steve sorriu, puxando William para mais um abraço. "Vamos para minha casa. Posso ligar dizendo que estou doente e a gente pode ficar de boa."

"Você é um lobisomem, você não fica doente", disse William.

“Eles não sabem disso.” Steve soltou William, passando o braço por cima do

ombro dele e puxando-o para perto de si. “Só preciso dar uma passada na estação para deixar minha bicicleta e uniforme de trabalho. Você alugou um carro?”

“Não.” William coçou a nuca. “Peguei um táxi no aeroporto.”

"Certo, meu apartamento fica a apenas quarenta minutos de caminhada daqui. Você pode pegar um táxi e me encontrar lá, ou pode vir a pé. Você decide."

“Qual é o endereço?” perguntou William, pegando o celular. Steve disse, e William digitou no aplicativo de mapas. “Vou pegar um táxi. É tão estranho estar fora do nosso território.”

William olhou em volta, parecendo desconfortável. Steve entendia exatamente como ele se sentia. Havia uma sensação de vulnerabilidade que vinha com o fato de estar fora do seu território. Steve havia se acostumado com isso, mas tinha sido horrível quando chegou e nem sequer tinha um apartamento para chamar de lar.

"Eu sei. Você pode pegar um táxi praticamente em qualquer lugar por aqui. Vou pegar minha bicicleta e te encontro em cerca de meia hora. Combinado?"

William assentiu com a cabeça. "Certo."

Steve o agarrou e o abraçou novamente, apertando-o até que perdesse o fôlego, e então o soltou. "Te vejo em breve, tá bom?"

Ele deu um passo para trás, esperando que William assentisse com a cabeça antes de se virar e correr de volta para onde havia estacionado a bicicleta. Olhou por cima do ombro antes de virar a esquina, vendo William levantar a mão e chamar um táxi. William percebeu o olhar e lhe lançou um sorriso e um aceno enquanto entrava no banco de trás do táxi.

Steve acelerou o passo, as botas fazendo barulho na calçada de concreto enquanto corria para pegar sua bicicleta. Quanto mais rápido a deixasse na estação, mais rápido poderia ver seu irmãozinho novamente.

William tinha vindo visitá-lo! Steve não conseguia parar de sorrir. Este era o melhor dia de todos.

~

Uma hora depois, Steve estava sentado no sofá com seu irmão, bebendo uma cerveja e sentindo-se tão feliz que parecia que ia explodir de felicidade.

"Você devia tê-lo reivindicado quando teve a chance", disse William, dando um soco no braço de Steve depois que ele terminou de lhe contar sobre Dylan.

"Era isso que você teria feito?", disse Steve, com um tom de deboche que falava por si só.

William bufou. "Não, mas eu não sou um alfa dominante como você."

Steve se vangloriou. Ele não se sentia muito alfa quando criança – não comparado ao pai e ao irmão mais velho – e essa sensação de inadequação só aumentou depois de conhecer e perder uma luta para Ryker e August. Era fácil esquecer que, comparado a noventa e nove por cento dos alfas por aí, ele era realmente muito durão.

Alfas tão dominantes quanto Ryker ou seu pai eram raros, e comparado à

maioria, Steve era uma fera dominante.

"Quem me dera ter feito isso", disse Steve, lembrando-se da primeira vez que sentiu o cheiro de Dylan. Ele ficou tão surpreso que não teve tempo de pensar ou bolar uma estratégia para convencer Dylan a sair com ele.

Mas isso não importava. Ele já havia sido levado.

“Mas agora vocês são amigos?”

William não pareceu acreditar nisso, e Steve riu.

“Sim, eu sou. Ele é um cara legal.”

“E você não quer mais fazer amor com ele?”

Steve deu um soco nele. William podia ser um pirralho muito irritante.

“Cala a boca. É claro que ainda quero ficar com ele, mas ele já tem dona. Essa oportunidade já passou.”

“Você não pensou em se juntar à matilha deles?”

A voz de William era enganosamente casual, e quando Steve olhou para ele, recusou-se a encará-lo. Steve o encarou incrédulo.

“Não, porque eu não sou idiota. Meu pai viria aqui e os massacaria se eu tentasse me juntar à matilha deles.”

William relaxou, e Steve estreitou os olhos.

“É por isso que você está aqui?”, acusou ele. “Os espiões do papai relataram que sou amigo deles, e por isso ele mandou você para garantir que eu não faça nenhuma besteira?”

O silêncio culpado de William foi resposta suficiente. Steve deixou a raiva fervilhar em seu estômago por um segundo, mas logo a reprimiu.

"Eu também queria ter certeza de que você estava bem", defendeu-se William. "Tenho pedido ao papai para te visitar desde que você se mudou. Você nem se despediu."

William parecia infeliz, e Steve o perdoou imediatamente. Não era culpa de William que o pai deles fosse um idiota autoritário.

Ele o puxou para um novo abraço e deu-lhe tapinhas nas costas.

"Eu sei", disse ele, soltando-o. "Fico feliz que você esteja aqui. E pode dizer ao papai que eu não vou me juntar a nenhuma alcateia."

Você voltaria para casa se ele lhe deixasse aceitar um emprego na Polícia de Fairbanks?

"É isso que ele está oferecendo?", perguntou Steve.

"Você teria que prometer se demitir quando Marcus assumir o posto de alfa da matilha, para que ele tenha alguém em quem possa confiar para ajudá-lo."

Steve queria trabalhar em Anchorage, mas podia se contentar com Fairbanks. Quando Marcus estava no controle, ele não o manteria longe do trabalho por mais tempo do que o necessário.

"Imagino que este seja um dos planos de Marcus?"

William assentiu com a cabeça.

“A ideia foi dele, e eu a sugeri ao meu pai, e então ele convenceu meu pai de que era uma boa ideia”, disse William, franzindo o nariz. “Eles têm brigado muito desde que você foi embora. Acho que você é a primeira coisa sobre a qual eles realmente discordaram.”

Steve franziu a testa, infeliz por ter causado atrito entre Marcus e o pai deles.

O pai deles era insuportável quando estava de mau humor.

"Obrigado", disse Steve, olhando para William e certificando-se de que ele entendesse o quão grato estava.

“É claro que queremos que você volte para casa.”

"Imagino que a mãe tenha ficado de fora disso?", perguntou Steve.

“Ela se ofereceu para ajudar, mas Marcus disse que seria melhor se ela não se envolvesse. Você sabe como o pai dela é.”

Steve assentiu com a cabeça, lembrando-se de todas as brigas que presenciou entre eles quando era pequeno. Embora seus pais estivessem divorciados desde que William era bebê, isso não os impedia de brigarem como cão e gato.

"Então você vai voltar para casa?", perguntou William, esperançoso.

Steve assentiu com a cabeça. Não havia outra resposta, e embora ele apreciasse suas novas amizades com Dylan, Ryker e August, ele não tinha futuro com eles.

“Sim, acho que vou sim.” Ele agarrou o ombro de William e o apertou. “Obrigado por ajudar o Marcus e por convencer o papai a ceder.”

William sorriu, desviou o olhar e murmurou: "De nada".

DYLAN

Dylan passou a quinta-feira no laboratório, consertando uma das impressoras 3D. Ela havia entupido, e agora Dylan precisava determinar se o problema estava na mistura de polímeros ou se a máquina simplesmente estava quebrada.

Ele só chegou em casa depois das oito, mas não se importou, já que havia descoberto o problema com a máquina. Um dos alunos de graduação a havia usado, e *algo* que fizeram estragou o mecanismo que derretia a resina, causando um problema na forma como a mistura derretida era depositada na plataforma de impressão.

Dylan ficou simplesmente aliviado por o problema não ter sido culpa dele e por não ter que descartar sua última mixagem.

“O jantar está na geladeira”, disse Ryker, cumprimentando-o na porta e puxando-o para dentro para um beijo. “August acabou de voltar da academia. Ele está no banho.”

Ryker segurou Dylan pela frente da camisa, levantando-o na ponta dos pés enquanto lhe dava outro beijo na boca.

Dylan agarrou seus braços musculosos, abrindo a boca enquanto Ryker o encostava na parede e aprofundava o beijo.

"Senti sua falta hoje", rosnou Ryker, deslizando Dylan pela parede até que ele estivesse fora do chão e Ryker pudesse beijá-lo sem precisar se abaixar. "Fiquei pensando em como seria bom se eu te tivesse amarrado debaixo da minha mesa, esquentando meu pau e esfregando a perna em mim como um bom cachorrinho."

O pau de Dylan pulsou, seu estômago esquentando com a imagem mental que Ryker pintou. Dylan conseguia visualizar tudo com clareza. Ele se sentaria aos pés de Ryker, entre suas coxas grossas como troncos de árvore e seus grandes sapatos sociais, lambendo seu pau e bebendo seu líquido pré-ejaculatório enquanto o abraçava pela perna.

Parecia o paraíso.

"Você está com fome?", perguntou Ryker, mantendo Dylan pressionado contra a parede, mas inclinando-se para trás para estudar seu rosto.

"Na verdade não", murmurou Dylan. Seu estômago roncou, revelando que ele era um mentiroso. Ele corou.

"Você pode comer meu pau depois que terminar", disse Ryker, como se estivesse fazendo uma oferta magnânima. "E depois você pode sentar no meu nó enquanto planejamos nosso fim de semana. August alugou uma pista de gelo para nós no sábado para realizarmos sua fantasia de hóquei."

Dylan riu. Ele não deveria ter esperado menos.

“Vocês vão se vestir como jogadores de hóquei?”, perguntou ele.

“Claro”, disse Ryker, dando um beijo no queixo dele. “O August foi às compras mais cedo. Ele comprou o uniforme completo para nós: patins, proteções e até fita para os nossos novos tacos de hóquei. Pensamos em jogar um pouco antes de nos divertirmos no vestiário. Já que você é do Alasca, presumo que saiba jogar?”

Dylan assentiu com a cabeça. Ele havia jogado hóquei por um tempo no ensino fundamental, mas não continuou praticando o esporte no ensino médio.

Ele ainda patinava por diversão, ocasionalmente, e sabia que não faria papel de bobo no gelo.

"Você pode?"

Ryker deu de ombros. "Um pouco. Tínhamos uma pista de gelo na nossa cidade, mas nunca joguei hóquei. Quem sabe, talvez a gente acabe entrando para um time amador aqui na cidade?"

Isso provavelmente causaria um grande alvoroço, imaginou Dylan. Lobisomens não podiam participar dos esportes escolares, mas tinham suas próprias ligas, que eram incrivelmente populares. Mesmo que fossem péssimos no hóquei, a novidade de ter dois lobisomens no time lhes renderia muitos convites.

O estômago de Dylan roncou novamente, e Ryker o ajudou a se levantar.

“Vou esquentar seu prato”, disse ele, saindo do corredor e deixando Dylan tirar os sapatos.

Dylan ficou ali parado, com os lábios formigando pelo jeito bruto como Ryker o havia beijado, sorrindo para si mesmo.

Chegar em casa e ser recebido com um lobisomem gostosão lhe dando um beijo de boas-vindas e o alimentando com o jantar? Dylan poderia se acostumar com isso.



“É uma sensação agradável?”

Dylan gemeu quando August torceu seus mamilos, o alfa perverso trabalhando os botões hipersensíveis entre seus dedos ásperos, fazendo-o sentir como se houvesse um fio elétrico ligando seu peito ao seu pobre pênis exausto.

Ele tinha gozado duas vezes na última hora, uma vez no nó do Ryker e outra quando August o fodeu, e agora estava sentado no nó do August, tentando não cair no jogo de August, contraindo os músculos cada vez que ele beliscava seu mamilo.

Ele não estava tendo muito sucesso. Cada vez que August rolava os mamilos entre os dedos, apertando e puxando como um gênio do mal, Dylan se contraía e apertava o nó de August antes que ele pudesse se controlar.

August gemeu, movendo os quadris e fazendo o aro de Dylan protestar com o movimento repentino, sentindo o estômago cheio até quase explodir.

"Você é tão malvado", choramingou Dylan, tentando afastar as mãos de August e se livrar delas do seu pobre peito. "Pare com isso."

"Devo brincar com isso?" perguntou August, soltando o mamilo direito de Dylan e alcançando seus testículos. Ele os girou na palma da mão, dando-lhes um leve aperto.

Dylan não estava preocupado. August não tinha a menor vontade de machucar seus testículos – isso era coisa do Ryker. No máximo, August o apertava um pouco, e não o suficiente para doer.

"Claro", disse Dylan, e August deu uma risadinha.

"Tá bom, você me pegou. Que tal o seguinte: se você desfizer meu nó sem que eu precise torcer seus mamilos, eu os deixo em paz. Combinado?"

Dylan ponderou. Apertar o nó de August dava muito trabalho, mas se August ia obrigá-lo a fazer isso de qualquer maneira, ele podia muito bem apertar sem ter seus mamilos ainda mais maltratados.

Por outro lado, a sensação dos dedos de August em seu peito era até agradável, de um jeito meio estranho.

"Deixa pra lá", disse August, torcendo os mamilos e puxando-os para longe do corpo. Dylan soltou um grito agudo, apertando o nó do pênis de August e fazendo-o ejacular novamente.

"Seja legal", disse Ryker, sentando-se na outra ponta do sofá. Dylan se perguntou por que ele estava sentado tão longe, ou pelo menos estava até Ryker levantar as pernas e colocá-las em seu colo. Ele mexeu os dedos dos pés.

"Devo fazer alguma coisa com isso?" perguntou Dylan, traçando o contorno da ponta do dedão do pé de Ryker. Ele realmente tinha pés enormes.

“Faça carinho neles, por favor, e August vai parar de ser malvado com você.”

"Eu vou?" perguntou August, demonstrando curiosidade.

"Você vai", disse Ryker, com voz calorosa e provocadora. "A menos que queira que eu seja malvado com você. Eu poderia te imobilizar e deixar Dylan se vingar dos seus mamilos."

"Vamos fazer isso", disse Dylan, adorando a ideia de brincar com o peito de August. August riu, deixando as mãos caírem ao lado do corpo, longe dos mamilos de Dylan.

"Estou bem."

Dylan fez beicinho, olhando para os pés enormes que repousavam em seu colo. Ele pegou o pé esquerdo de Ryker, cujo tamanho fazia a mão de Dylan parecer minúscula, e começou a massageá-lo.

Ryker soltou um suspiro, e Dylan aumentou a pressão. Ele adorava quando conseguia arrancar esses sons de seus alfas. Isso fazia seu estômago se revirar de borboletas e um arrepio percorrer sua espinha.

Depois de um tempo, os dedos de Dylan começaram a doer, e ele podia sentir o nó de August dentro dele diminuindo. Ainda bem que o sofá era de couro, porque ele estava ejaculando uma quantidade enorme. Tanto o colo de August quanto a almofada do assento ficariam encharcados quando August o tirasse de seu colo.

"Vamos lá, vamos te levar para o chuveiro", disse August, levantando-se e fazendo os pés de Ryker voarem de seu colo.

"Ele não tinha terminado", resmungou Ryker, colocando os pés no chão e endireitando-se. Ele não parecia muito insatisfeito, mas era evidente que gostaria que Dylan tivesse continuado a massagear seus pés por mais tempo.

Dylan não teria se importado. Seus dedos estavam doloridos, mas havia algo em tocar os pés enormes de Ryker que o excitava.

"Eu digo que sim", disse August. Seu pênis estava amolecendo e, enquanto ele erguia Dylan mais alto, deslizou para fora de seu orifício com um som úmido e molhado.

Dylan apertou o orifício, mas o sêmen ainda escorria pela abertura e descia por suas pernas. Ele nunca se acostumaria com aquela sensação.

August beijou sua bochecha e levou a mão entre suas pernas, os dedos penetrando seu orifício e o fechando temporariamente.

“Vamos tirar você daqui antes que você piore a situação.”

As bochechas de Dylan arderam de vergonha.

"Eu limpo o sofá", disse Ryker, ficando para trás enquanto August carregava Dylan para fora da sala de estar e pelo corredor até o banheiro.

Eles não viam a hora de chegar ao chuveiro.



Na manhã seguinte, Dylan acordou envolto em um casulo de músculos quentes. August estava atrás dele, com o braço e a perna em volta do corpo de Dylan, enquanto Ryker estava deitado à sua frente, dormindo de lado com os peitorais praticamente no rosto de Dylan.

Dylan levou um segundo para acordar, esticando as pernas e virando-se de costas.

Foi preciso algum esforço, mas depois de um minuto Dylan conseguiu se acomodar.

August e Ryker continuavam dormindo profundamente. Sua respiração era lenta e regular, seus corpos musculosos pesados de sono.

Dylan tentou afastar o braço de August de seu peito, mas não conseguiu movê-lo nem um centímetro. August nem sequer se mexeu, parecendo não notar os esforços de Dylan.

Olhando fixamente para o teto, Dylan se surpreendeu ao perceber que estava excitado.

Ou melhor, não estava exatamente surpreso. Ele estava na cama com dois dos espécimes masculinos mais impressionantes que já vira – um pouco de tesão era natural –, mas ficou surpreso com a intensidade de sua excitação.

Ele virou a cabeça, estudando o volume dos peitorais de Ryker e sentindo a boca salivar. Agindo por instinto, deslizou para baixo no colchão, movendo-se para debaixo das cobertas e parando ao alcançar seus pênis flácidos.

August e Ryker estavam dormindo de lado, virados um para o outro, permitindo que Dylan comparasse seus grossos membros lado a lado.

O pênis de Ryker era maior – com veias saltadas e lindo, a glande carnuda despontando por baixo do prepúcio – mas o de August era igualmente bonito.

Dylan levou a cabeça do pênis de August à boca, saboreando pele, suor e vestígios de sêmen que o fizeram gemer de prazer. Ele continuou chupando até que August estivesse duro e pulsante, forçando-o a mudar de posição para manter a boca ali, lambendo a fenda e bebendo o líquido pré-ejaculatório que escorria de seu pênis.

Sentindo falta de algo, não estando totalmente satisfeito, Dylan se remexeu e, em vez disso, abocanhou o pênis de Ryker.

Tinha um sabor ligeiramente diferente – mais salgado e com um toque almiscarado mais intenso – mas não era menos delicioso. Dylan o levou à boca, deslizando a língua por baixo do prepúcio e traçando os contornos da glande bulbosa.

Ryker ficou excitado mais rápido que August, seus quadris se movendo com estocadas inconscientes como se ele estivesse tentando foder a boca de Dylan

enquanto ele dormia.

Dylan chupou-o durante alguns minutos e, num acesso de insatisfação, virou-se e abocanhou o pénis pulsante de August.

"Dylan?" August murmurou, abaixando-se e acariciando seus cabelos.

"Bom dia", murmurou Dylan, com a boca cheia.

August deu uma risada, um som feliz. Ele agarrou o cabelo de Dylan com a mão e o empurrou para baixo, fazendo Dylan engasgar.

“Que bom”, disse ele, com voz sonolenta.

"O quê?" Ryker murmurou, despertando. Ele levou a mão até seu pênis ereto e o pressionou contra a nuca de Dylan.

Com seus alfas acordados, Dylan perdeu completamente o controle da situação. August o virou de costas, movendo-se junto com ele e penetrando sua garganta até fazê-lo engasgar com seu membro grosso. Ele bombeava seu pênis para dentro e para fora da garganta de Dylan com movimentos sonolentos, saboreando cada momento e apreciando o calor úmido da garganta de Dylan.

Quando ele gozou, Ryker imediatamente agarrou Dylan pelos cabelos e o empurrou para baixo, fazendo-o engolir todo o comprimento de uma vez e penetrando-o profundamente desde o início.

Dylan estava se divertindo – ele gostava da sensação de Ryker o segurando pelo pênis e fazendo as bordas de sua visão escurecerem – mas faltava alguma coisa.

Quando Ryker finalmente chegou, afastou os cobertores e levantou Dylan, de modo que ele ficasse sentado com as costas apoiadas na cabeceira. "Essa foi uma maneira divertida de acordar", disse ele, deslizando para baixo e esfregando o queixo na parte interna da coxa de Dylan. Ele lambeu os testículos dele antes de levar o pênis de Dylan à boca.

Dylan esqueceu completamente *daquilo que lhe faltava* ; a sensação da língua de Ryker explorando sua fenda dissipou todos os pensamentos, deixando-o flutuando em uma nuvem de êxtase. Ele gozou, cobrindo a língua de Ryker e enchendo sua boca com jatos de sêmen que pareciam inundar seu corpo inteiro de prazer.

Antes que pudesse agradecer a Ryker pelo orgasmo, o alfa se inclinou e o beijou na boca, fazendo-o ejacular de volta em sua boca.

Dylan gemeu durante o beijo, deixando Ryker sugar sua língua, penetrar sua boca e lamber seus dentes.

“Você deveria nos acordar assim todas as manhãs.”

Dylan sorriu, levantando a mão e passando os dedos pelos cabelos de Ryker.

“Não sei se minha garganta aguentaria isso.”

August sentou-se ao lado dele, puxando-o para debaixo do braço. Acariciou seus cabelos com o focinho. "Da próxima vez não seremos tão brutos."

"Você pode ditar o ritmo", concordou Ryker, inclinando-se para beijá-lo novamente.

Dylan não acreditou neles nem por um segundo, mas seria divertido tentar.

Ryker sentou-se ao lado dele, encostando-se na cabeceira e esticando as pernas sobre os cobertores. Seu pênis ainda estava úmido por ter estado na garganta de Dylan, a parte semi-ereta repousando contra seu quadril, e Dylan o encarou com uma sensação estranha no estômago.

Faltava alguma coisa. Dylan estava distraído porque Ryker estava lhe fazendo um boquete, mas agora que estavam descansando e aproveitando o momento pós-orgasmo, Dylan sentia isso com ainda mais intensidade.

Seu estômago roncou, e o som fez com que August e Ryker virassem a cabeça e olhassem para sua barriga.

"Gostariam de tomar café da manhã?" perguntou Ryker, descendo da cama. Ele coçou o abdômen, olhando para Dylan e August com um sorriso satisfeito no rosto. "Eu poderia fazer bagels com cream cheese e salmão defumado?"

"Sim, por favor", disse Dylan. Ele estava com fome, e talvez aquela sensação estranha passasse assim que comesse alguma coisa.

“Certo, um bagel com cream cheese e salmão defumado já vem.” Ryker pegou uma cueca e a vestiu. “Você gostaria de café?”

“Só se você estiver fazendo para si mesmo.”

Ryker assentiu com a cabeça e olhou para August. "Você?"

"Vou querer uns bagels e uma xícara de café", disse August, esticando as pernas e sorrindo. "E talvez um suco também."

Ryker revirou os olhos, mas estava sorrindo. "Tudo bem. Bagels, café e suco, já estão saindo."

Ele se virou e caminhou em direção à porta.

"Obrigado", disse Dylan, olhando para a própria bunda e costas largas enquanto saía da sala.

Tomara que, depois de comer alguma coisa e ingerir cafeína, ele pare de se sentir tão desequilibrado.

RYKER

Ryker estava no trabalho quando Dylan ligou.

Heidi o interrompeu em uma reunião para lhe dizer que havia uma emergência, e Ryker educadamente se desculpou e saiu da sala de conferências, correndo para seu escritório.

Heidi correu ao lado dele, sua saia apertada a obrigando a dar passos curtos e trôpegos.

“É o seu novo… namorado”, disse ela, hesitante, como se não tivesse certeza se aquele era o termo correto.

“Cara.” A voz de Ryker era seca. Ele havia lhe dito exatamente o que Dylan significava para ele. “Ele é meu amigo. Igual ao August.”

Heidi pareceu desconfiada, mas Ryker não estava com paciência para discutir o assunto. Ele precisava descobrir o que havia levado Dylan a ligar para seu escritório e dizer a Heidi que era uma emergência, e não tinha tempo para corrigir os mal-entendidos dela sobre como funcionavam os relacionamentos entre lobisomens.

“Vá buscar o Mark e peça para ele assumir a reunião.”

Deixando Heidi para trás, Ryker correu para seu escritório e pegou o telefone. Seu celular estava sobre a mesa, com uma notificação piscando na tela informando que ele tinha três chamadas perdidas de Dylan.

"Você está bem?" perguntou Ryker, com todo tipo de cenário horrível passando pela sua mente. "Aconteceu alguma coisa?"

Ele ouviu Dylan prender a respiração, e o estômago de Ryker se contraiu de preocupação.

“Dylan, fale comigo.”

"Estou me sentindo estranho", disse Dylan finalmente, com a voz denunciando seu desconforto.

"Estranho como?" perguntou Ryker, aliviado por, seja lá o que estivesse acontecendo com Dylan, ele não ter perdido um membro ou caído de um telhado.

Ele ainda estava preocupado.

“Como fiz no sábado passado, quando fazia um tempo que eu não via você e August.”

Ryker sentou-se atrás de sua mesa, com a testa franzida.

"Você está excitado?" Ao ouvir a respiração irritada de Dylan, ele rapidamente especificou: "No mau sentido, quero dizer?"

Ele conseguiu ouvir Dylan engolir em seco.

“Começou esta manhã, quando eu… você sabe.” Dylan esperou, e quando Ryker fez um som de compreensão, ele continuou: “Eu só… preciso de alguma coisa. É como se eu estivesse vazio, e as mamadas que eu te fiz não ajudaram em nada.”

Ryker repentinamente teve uma lembrança vívida de Dylan de joelhos, lambendo o esperma de Steve de sua bota a seu pedido.

Aquela pequena amostra não teria sido suficiente para que Dylan se envolvesse com Steve, teria?

Isso seria um desastre. Steve não tinha condições de se vincular a Dylan – e,

por meio dele, a Ryker e August.

"Acho que você precisa me foder", disse Dylan, apressando-se em falar quando Ryker não disse nada. "Me sinto vazio. Já experimentei alguns dos vibradores na sua sala de jogos, mas não estão funcionando."

Ryker conseguia sentir a frustração de Dylan pelo telefone.

“Já volto para casa, tá bom?” disse Ryker. “Você ligou para o August?”

"Ele não atendeu." Dylan parecia incrivelmente traído.

"Eu vou buscá-lo. Nós dois voltaremos para casa e resolveremos isso. Prometo, está bem?"

Dylan respirou fundo. "Você está voltando para casa agora?"

“Neste momento”, confirmou Ryker. “Apenas aguarde e espere por nós. Você consegue fazer isso?”

Dylan suspirou. "Sim, posso esperar."

“Ótimo. Chegaremos em breve.”

Ryker desligou o telefone, pegou o casaco, vestiu-o e saiu do escritório, acenando para Heidi do outro lado da sala. Ela correu até ele e o encontrou no caminho para o elevador.

“Preciso ir para casa. Remarque o restante dos meus compromissos ou peça para o Mark cuidar deles.”

Claro. Há mais alguma coisa que eu possa fazer por você?

“Não, chega. Eu te ligo amanhã.”

Ryker apertou o botão para chamar o elevador e levou a mão ao bolso para pegar o celular, apenas para perceber que o havia esquecido no escritório. Ele se virou e correu de volta, pegando o celular e chegando ao elevador bem a tempo de ver as portas se abrirem.

Ao entrar, ele chamou Steve.

Se Dylan era viciado no esperma de Steve, só havia uma maneira de lidar com isso. Eles tinham que alimentar o vício. Seria uma bagunça, mas esperava-se que conseguissem resolver a situação.

"E aí, Ryker, tudo bem?" Steve atendeu depois de dois toques. Ele parecia feliz, e alguém ria ao fundo.

"Preciso de um favor", disse Ryker, indo direto ao ponto. "Você pode se masturbar dentro de um recipiente e me encontrar na porta do seu apartamento daqui a quinze minutos para me entregar?"

Alguém ao fundo disse: "Que porra é essa? Que tipo de amigos você arrumou aqui, Steve?"

Ryker ouviu Steve se afastando da pessoa misteriosa enquanto perguntava: "Quer dizer, acho que sim? Mas é um pedido meio estranho. Por que você precisa disso?"

"O Dylan lambeu o seu esperma da sua bota no domingo passado e agora está sentindo sintomas de abstinência, mesmo eu e o August transando com ele todos os dias. Tire suas próprias conclusões."

"Caramba", disse Steve, parecendo chocado. "Você acha que isso foi o suficiente para viciá-lo? Foram só algumas gotas."

"Não sei", disse Ryker. "Eu e August vamos para casa para ver se transar com ele de novo resolve o problema, mas se não resolver, quero dar a ele o seu esperma para ver se ajuda."

“Sim, claro. Vou deixar tudo pronto para você. Me mande uma mensagem quando chegar e me mantenha informado.”

As portas do elevador se abriram e Ryker saiu para a garagem subterrânea. Ele correu até seu carro, entrou e respondeu: "Vou sim. Estou saindo do trabalho agora e devo chegar em breve."

Ao abaixar o telefone para desligar, ele flagrou a pessoa misteriosa e Steve exclamou: "Cara, você conhece um ômega? Que porra é essa?"

Ryker estava extremamente curioso para saber com quem Steve estava. Levando em conta o conhecimento que tinham sobre ômegas, devia ser outro lobisomem, mas Ryker não conseguia se lembrar de nenhum outro lobisomem na cidade que tivesse uma voz parecida.

Ele teria que satisfazer sua curiosidade mais tarde. Saindo da garagem e indo para a rua, usou o assistente de voz do celular para ligar para August. Como a ligação não completou, ligou para a recepção da clínica.

Cynthia, a recepcionista da clínica, atendeu. Ryker disse que era uma emergência, e ela prometeu que August retornaria a ligação assim que possível. Ele desligou e, cinco minutos depois, August ligou para ele.

"O que é?"

August parecia preocupada, o que era uma reação normal ao telefonema de Ryker dizendo que era uma emergência. Ryker explicou o que estava acontecendo e August concordou em voltar para casa imediatamente.

Antes de desligar, August perguntou: "Você acha mesmo que ele criou um vínculo com Steve?"

Ryker apertou o volante com mais força, cerrando os dentes. Antes de saber sobre o pai de Steve e a impossibilidade de Steve se juntar à matilha, isso não teria sido um problema, mas se Steve não pudesse estar com eles, então eles estavam diante de um impasse logístico que Ryker não sabia como resolver.

Ele e August tinham mordido Dylan e o reivindicado, mas se Dylan era o ômega de Steve – independentemente do fato de também ser ômega de Ryker e August – então isso significava que Steve tinha direito a ele.

"Talvez", respondeu ele. "Vamos descobrir. Se for ele mesmo, lidaremos com a situação."

Eles se despediram e Ryker voltou a se concentrar na estrada. Chegou ao prédio de Steve alguns minutos depois; o alfa mais jovem o esperava na calçada com um recipiente de plástico nas mãos. Ao lado dele, havia um lobisomem que, apesar da compleição mais esguia e dos cabelos mais claros, era inegavelmente parente de Steve.

Parecia ser uma complicação desnecessária para Ryker naquele momento.

Ele parou ao lado de Steve e abaixou o vidro.

"É só isso?" perguntou ele, acenando com a cabeça para o recipiente na mão de Steve. Ele tinha sido rápido. Ryker não sabia se conseguiria ter vindo sob comando em menos de quinze minutos, especialmente se estivesse estressado.

“Sim, aqui está”, disse Steve, entregando-lhe. “Você acha que eu deveria ir com você? Caso precise de mais alguma coisa?”

Ryker balançou a cabeça. "Não, eu ligo se precisar de mais alguma coisa."

Steve esfregou a nuca e assentiu. "Certo." Ele olhou para o estranho lobisomem ao seu lado. "Este é meu irmão, aliás. William."

"Entrarei em contato", disse Ryker, acenando com a cabeça para o homem mais jovem. Ele colocou o recipiente com o vinho de Steve no banco ao lado e saiu da calçada, fechando o vidro e olhando para os dois homens pelo retrovisor.

O aparecimento repentino de um irmão da matilha com quem Steve não estava falando só podia significar uma coisa: Steve tinha recebido uma proposta para voltar para casa. Só de pensar em como isso funcionaria, caso precisassem da volta de Steve para buscar Dylan, Ryker já estava com uma dor de cabeça insuportável.

Ele afastou o pensamento da mente, decidindo que esperaria para ver se havia algum problema antes de se preocupar em como resolvê-lo. Se tivessem sorte, Dylan estaria apenas sentindo tesão de uma forma completamente normal e entrando em pânico porque estava com medo.

Ryker não acreditava realmente que fosse esse o caso, mas podia ter esperança.

Quinze minutos depois, Ryker estava em casa. Ele pegou o recipiente com o esperma de Steve no banco do passageiro e correu para o elevador, avisando August e Dylan que havia chegado.

O elevador parou no térreo e, quando as portas se abriram, Ryker ficou aliviado ao ver August parado ali. Ele devia ter vindo de táxi e entrado pelo saguão.

“Então, quão ferrados estamos?” perguntou August, entrando no elevador e apertando o botão para fechar as portas.

"Depende se precisamos disso ou não", respondeu Ryker, erguendo o recipiente com o sêmen de Steve. O líquido espesso dentro balançava de um lado para o outro enquanto ele o movia, o aroma da ejaculação de Steve preenchendo o pequeno espaço.

Quando as portas do elevador se abriram e o corredor externo que dava acesso ao apartamento ficou à vista, Ryker tirou os sapatos, despiu o casaco e colocou o recipiente com o esperma de Steve na prateleira mais alta do armário do corredor.

Ele voltaria mais tarde para buscá-lo, se precisasse.

"Vocês estão aqui!" exclamou Dylan, surgindo de repente correndo e ofegante, e esbarrando neles. Ele pressionou o rosto contra o peito de Ryker, afundando o nariz no espaço entre os botões da camisa social enquanto o abraçava pela cintura e gemia.

Ele não usava calças nem cueca, seu pênis ereto cutucando a coxa de Ryker enquanto, inconscientemente, movia os quadris.

Ryker passou a mão pelos cabelos de Dylan, segurando-o pelos braços e levantando-o quando ele tentou se ajoelhar para pressionar o rosto contra a virilha de Ryker.

"Você está mesmo sentindo isso, hein?" disse August, se aproximando por trás dele e fazendo dele o recheio de um sanduíche de lobisomem.

Dylan tremia de desejo reprimido, suas mãos agarrando a cintura de Ryker e tentando deslizar por baixo de sua camisa.

"Eu preciso disso", disse Dylan, parecendo mais assustado do que excitado. "Sinto como se houvesse um buraco dentro de mim."

Ryker suspirou. Aquilo era a típica crise de abstinência de ômega, o que,

considerando que ambos tinham ejaculado dentro dele menos de seis horas antes, significava que eles tinham um problema. Mesmo que transar com ele fosse a solução e Steve pudesse ser mantido fora da equação, isso só significava que Dylan precisava de muito mais sexo do que eles imaginavam.

"Vamos te satisfazer", prometeu Ryker. Ele ergueu Dylan mais alto, colocando uma mão em sua bunda e o carregando para a cobertura. Levou-o para o quarto, deitou-o no colchão, virou-o de bruços e enfiou um travesseiro sob suas nádegas.

Dylan não estava mentindo sobre os vibradores. Seu orifício estava frouxo e escancarado, seu anel anal brilhando com lubrificante.

Ryker enfiou dois dedos dentro dele e os girou, enquanto a outra mão alcançava seu pênis. Apesar da preocupação, Ryker não teve dificuldade em ficar excitado. O orifício de Dylan o deixou com água na boca, o som molhado e necessitado enquanto ele deslizava os dedos no espaço úmido fazendo seu estômago se contrair de excitação.

“Você está pronto?”, perguntou ele, decidindo que iria primeiro.

"Por favor", murmurou Dylan, rebolando e arqueando as costas. Em qualquer outra situação, a lascívia absoluta daquele movimento teria feito Ryker grunhir de desejo e aprovação. "Me penetre."

Ryker se ergueu e mirou seu pênis no orifício de Dylan, pressionando a glande bulbosa contra a borda quente e penetrando com uma estocada forte. Dylan soltou um gemido, suas coxas tremendo enquanto ele empurrava a bunda para trás para encontrar a estocada de Ryker.

"Foda-me", exigiu Dylan, movendo os quadris e se masturbando no pau de Ryker.

Ryker não precisou ouvir duas vezes. Ele agarrou Dylan pelos quadris, levantando-o e o mantendo imóvel enquanto movia os quadris como uma britadeira. Ele penetrou Dylan com força e rapidez, seu único objetivo era gozar o mais rápido possível e preencher Dylan com seu nó.

“Agosto”, exigiu Dylan entre dentes cerrados, estendendo a mão às cegas para o terceiro. “Deixa eu chupar, por favor.”

Ryker olhou para August e balançou a cabeça. Eles tinham ejaculado na barriga de Dylan naquela manhã, então uma mamada não ia resolver isso.

"Eu não vou gozar", disse August, inclinando-se para frente e falando baixo. Ele tirou as calças, subiu na cama, ajoelhando-se na frente de Dylan e o agarrando pelos cabelos. Enquanto Ryker o fodia, August segurava a cabeça de Dylan firme enquanto esfregava a ponta do seu pênis no rosto do garoto, provocando-o com a ereção e deixando um rastro de líquido pré-ejaculatório brilhante em seu nariz e lábios.

Quando Ryker grunhiu e começou a gozar, o calor líquido jorrando por seu pênis e preenchendo o orifício ávido de Dylan, August enfiou o pau na boca de Dylan e o segurou sobre o seu. O nó de Ryker preencheu o reto de Dylan, obstruindo-o firmemente e garantindo que cada jato de esperma que Ryker ejaculava dentro dele permanecesse ali.

Com os dois pênis presos um no outro, Dylan se acalmou quando teve um nó no ânus e a cabeça do pênis de August na boca, mas depois de um minuto começou a se contorcer de insatisfação.

"Você ainda se sente vazio?" perguntou August, tirando o pênis da boca de Dylan e deixando Ryker levantá-lo e abraçá-lo contra o peito. Ryker segurou Dylan contra si, empalado em seu pênis, acariciando sua barriga e sentindo o volume do seu pênis pressionando a parte interna do abdômen de Dylan.

“Isso não está ajudando”, confirmou Dylan, se contorcendo e apertando o nó de Ryker.

"Vamos ver se tirar o nó de agosto ajuda, ok?" disse Ryker, abaixando Dylan de volta para o colchão e puxando seus quadris para trás para remover o nó do orifício de Dylan.

Ele ainda estava inflado, o aro do pneu de Dylan foi forçado a esticar para liberar o nó grande, mas Dylan aguentou o esticamento.

Assim que se livrou do buraco de Dylan, Ryker deu um passo para o lado e deixou August tomar seu lugar. Seu companheiro foi rápido, passando a perna por cima do corpo de Dylan e penetrando-o antes mesmo que Dylan pudesse respirar.

Enquanto Ryker segurava Dylan e o penetrava enquanto ele estava de pé atrás da cama, August abaixou seu corpo sobre a estrutura menor de Dylan e o penetrou com força como se estivesse tentando torná-lo parte do colchão.

August veio com um grunhido, seus glúteos se contraindo enquanto ele enfiava seu nó no buraco de Dylan e o preenchia.

Ryker limpou o pênis e subiu na cama, sentando-se com as costas apoiadas na cabeceira e as pernas abertas, uma de cada lado de Dylan e August.

August se apoiou no cotovelo, aliviando a pressão esmagadora sobre o corpo de Dylan e permitindo que ele recuperasse o fôlego.

"É disso que você precisa?", perguntou August, com a voz quase num rosnado.

Dylan hesitou, avaliando como se sentia, e então soltou um gemido.

“Ainda me sinto vazio.”

Ele parecia abatido.

Ryker não disse nada, apenas encarou August e se levantou da cama. Pegou o celular de Steve no armário, tirou a tampa e o levou de volta para o quarto.

O cheiro da ejaculação de Steve invadiu suas narinas; um cheiro forte, mas nada desagradável.

"Tenho algo que pode ajudar", disse Ryker, fazendo Dylan virar a cabeça numa tentativa de olhar por cima do ombro e ver do que Ryker estava falando. "August, cubra os olhos dele."

August colocou a mão sobre os olhos de Dylan, bloqueando sua visão. Dylan emitiu um som confuso, que se transformou em um gemido de prazer quando Ryker mergulhou os dedos no sêmen de Steve e os enfiou em sua boca.

Dylan chupou os dedos de Ryker, lambendo-os com gemidos de satisfação e choramingando quando Ryker tirou os dedos de sua boca.

"Tenho mais para você", prometeu Ryker, pegando um punhado de sêmen e deixando-o escorrer para a boca de Dylan.

Dylan engoliu em seco, sua garganta se movendo antes de voltar a chupar os dedos de Ryker como se fossem a melhor coisa que ele já havia provado.

"Mais", murmurou ele, com a voz sonolenta e relaxada. Ryker atendeu ao seu pedido, mergulhando os dedos novamente no sêmen de Steve e limpando-os

na língua de Dylan.

Ryker já havia usado cerca de metade do sêmen fornecido quando tirou os dedos da boca de Dylan e acariciou seus cabelos, perguntando: "Você se sente melhor agora?"

August retirou a mão dos olhos de Dylan, deixando o menino piscando contra a luz e olhando para Ryker com admiração. Ele assentiu, abaixando o rosto até o colchão e emitindo um som de contentamento.

“Muito melhor.”

August, com o nó ainda preenchendo a bunda de Dylan, encarou Ryker com uma expressão preocupada.

Isso ia ser um problema.

DYLAN

Após um banho rápido, Dylan se vestiu e foi para a sala de estar. August estava no sofá, enquanto Ryker se acomodava na poltrona ao lado. Ambos estavam recostados, com os pés apoiados na mesa de centro e no apoio para os pés, respectivamente, com semblantes pensativos.

Dylan esperava finalmente obter algumas respostas. Mais especificamente, ele queria saber o que era aquele líquido pegajoso com gosto de sêmen que Ryker lhe dera para saciar sua fome.

"Ainda está se sentindo bem?" perguntou August, levantando-se do sofá e caminhando até encontrá-lo no meio do chão. Ele passou os dedos pelos cabelos molhados de Dylan e o aconchegou debaixo do braço.

"Eu me sinto normal", disse Dylan, deixando August guiá-lo até o sofá. Eles se sentaram, August o puxando para perto, e enquanto ele encostava a cabeça no peito musculoso de August, ele se permitiu relaxar.

Ryker levantou-se da cadeira e foi até o sofá, ocupando o espaço do outro lado.

"Então, vocês vão me contar o que está acontecendo?", perguntou ele, depois de um minuto sem que nenhum dos lobisomens dissesse nada.

"Lembra quando você lambeu o esperma do Steve da bota dele?" perguntou Ryker, com a voz monótona.

O pênis de Dylan se contraiu, a lembrança ainda o excitava e perturbava, mas então ele percebeu o que Ryker estava dizendo.

Porra .

Então era isso que aquela mistura viscosa era. O esperma do Steve. Ryker deve ter percebido por que estava com sintomas de abstinência e recolheu o esperma do Steve no caminho para casa depois do trabalho.

Dupla foda.

"Então agora estou viciado em três lobisomens", disse Dylan, tentando não se deixar dominar pela ideia. "Que divertido."

Ao menos provaram que ele não precisava obter a informação diretamente da fonte. O método tradicional de compra era igualmente eficaz.

"Desculpe", disse Ryker, colocando a mão na coxa de Dylan e acariciando-a suavemente. "Fui eu quem mandou você se ajoelhar e lamber a bota dele. Eu não deveria tê-lo envolvido nisso sem falar com você primeiro."

Dylan suspirou, colocando a mão sobre a de Ryker e acariciando seus nós dos dedos. Era cômico o quão maior era a mão dele do que a de Ryker.

“Não é como se eu fosse dizer não”, disse ele. Steve era um homem incrivelmente atraente, e Dylan não era imune aos seus encantos.

“Talvez não, mas-”

“E nós não sabíamos nada sobre o lance do ômega naquela época”, Dylan o interrompeu. “Não tínhamos motivo nenhum para pensar que algo disso fosse acontecer.”

August rosnou. "Ele podia ter nos avisado desde o início que estava fora dos limites."

Dylan esperou que Ryker defendesse Steve, mas ele não o fez. Suspirou e assentiu. "Teria sido bom se soubéssemos sobre a matilha dele."

Dylan engoliu em seco, desapontado por Ryker concordar com August. Não era como se Steve tivesse planejado isso. Ele estava tão feliz por fazer amigos. Não era culpa dele não poder se juntar à matilha.

“E agora, o que acontece?”, perguntou Dylan. “Você vai contar para o Steve que você estava certo sobre o motivo de eu estar me sentindo tão mal?”

“Eu já fiz isso”, disse Ryker. “Enviei uma mensagem para ele. Ele ainda não respondeu.”

O estômago de Dylan revirou. Ele mordeu o lábio, imaginando se Steve estava chateado por Dylan agora depender dele.

E se ele decidisse que não queria mais nada com ele? Dylan mordeu a parte interna da bochecha, sua preocupação aumentando.

"Calma", disse August, abraçando-o com mais força e pressionando o rosto dele contra a lateral do seu peitoral. Ele afundou o rosto nos cabelos de Dylan. "Vamos dar um jeito nisso."

Ryker levantou-se do sofá e foi até o bar no armário para preparar uma bebida. Olhou por cima do ombro e perguntou: "Vocês querem alguma coisa?"

Dylan e August balançaram a cabeça negativamente. Ryker se serviu de um uísque e levou a garrafa de volta para o sofá. Depois de se sentar, tomou um gole e disse: "O irmão do Steve está visitando-o."

Dylan não entendeu o significado da declaração, mas August franziu a testa.

“Bem, isso é simplesmente perfeito”, disse ele.

"Por quê?", perguntou Dylan.

“É muito provável que estejam fazendo uma proposta para ele voltar para casa. O irmão dele não era um alfa, o que significa que não há como ele estar aqui sem a permissão do pai.”

Dylan olhou fixamente para o colo, imaginando o que faria se Steve o deixasse. Na melhor das hipóteses, Steve se masturbaria duas vezes por semana e lhe enviaria o sêmen.

Como era essa a vida dele?

“Do jeito que você se sentiu hoje, não vamos deixar você se sentir assim de novo”, disse Ryker, pousando a bebida e olhando Dylan nos olhos. “Vamos chegar a um acordo com o Steve, e tudo ficará bem. Eu prometo.”

Dylan assentiu com a cabeça, a força da convicção de Ryker o tranquilizando. Esse era o problema dele, sim, mas não era um problema que ele deveria resolver. Ryker e August eram seus alfas, e para um par de lobisomens, isso significava alguma coisa.

Foi um enorme alívio.

"Eu acredito em você", disse Dylan. Ele recostou-se e fechou os olhos, avaliando como estava se sentindo.

Ele ficou surpreso ao perceber que se sentia muito bem. Seu orifício estava dolorido, mas de um jeito bom, e o leve sabor de sêmen que persistia em sua boca contrastava agradavelmente com a sensação de limpeza que sentia após o banho.

Mas ele estava com fome. Abrindo os olhos, Dylan olhou para August e perguntou: "Você pode fazer o almoço para mim?"

A pergunta pareceu surpreender August, mas então ele sorriu e pegou o celular. "Vou fazer melhor. Vou pedir o almoço. Do que você quer?"

Dylan disse a primeira coisa que lhe veio à mente: "Tacos".
“Então vamos comer tacos.”

STEVE

Steve andava de um lado para o outro na sala de estar, tentando decidir o que fazer. Seu lobo estava despertando, ronronando no fundo de sua mente, impulsionando-o a reivindicar o que era seu.

Ele queria caçar Dylan e mordê-lo – para reivindicar sua parte do ômega.

"Então, o que você vai fazer?", perguntou William, observando-o do sofá. Ele só tinha vislumbrado Ryker rapidamente, mas foi o suficiente para perceber que Ryker era dominante o bastante para ser o alfa da matilha.

"Não sei", admitiu Steve.

Deixar Ryker, August e Dylan voltarem para sua matilha teria sido decepcionante – a possibilidade do que eles poderiam ter tido sempre o assombrava – mas agora seria intolerável. Dylan era seu *ômega* . Steve tinha a responsabilidade, como alfa do garoto, de garantir que ele fosse feliz e saudável, e uma parte vital disso era alimentá-lo com uma dieta constante de sêmen.

Steve olhou de relance para o irmão mais novo, curioso para saber o que ele estaria pensando sobre tudo aquilo. Ele não tinha dito nada, apenas feito perguntas e tentando entender a situação como um todo.

“O que você acha que eu deveria fazer?”

William parecia pensativo, tamborilando os dedos na perna antes de responder.

“Papai não vai deixar você sair da matilha – não de verdade. Isso só te deixa com uma opção.”

“E o que é isso?”

“Peça permissão ao papai para trazê-los para a nossa casa.”

Steve teve que admitir que havia pensado nisso, mas pedir a Ryker e August que largassem suas vidas e se mudassem para o Alasca era um pedido muito grande. Eles já haviam deixado a matilha com a qual cresceram porque queriam ser independentes e não ter que prestar contas a ninguém além de si mesmos, e o pai de Steve era muito mais controlador com sua matilha do que o alfa do Arizona.

Mas talvez eles considerassem a possibilidade? Pelo menos pelo bem de Dylan.

Steve nem se permitiu ter esperança. Era muito mais provável que lhe pedissem para se masturbar e enviar o esperma para Dylan pelo correio. Seu sêmen provavelmente acabaria voando nos mesmos aviões que transportavam salmão e caranguejo-rei recém-pescados.

“Eles jamais aceitariam isso.”

"Tem certeza?", perguntou William, franzindo a testa. "Seria a melhor opção."

Steve bufou. "O melhor para o papai, com certeza. Mas não para August e Ryker. Eles construíram suas vidas inteiras aqui."

“Você ainda deveria perguntar a eles.”

"Você acha que o papai toparia? O Ryker é bem dominante. Ele daria trabalho para o Marcus."

William torceu o nariz, relutante em acreditar que alguém pudesse derrotar seu irmão mais velho. Marcus era uma fera absoluta, comparável ao pai deles, e,

para ser sincero, Steve não achava que Ryker tivesse a menor chance contra ele.

Seria uma luta mais difícil do que Marcus estava acostumado, mas ele ainda sairia vitorioso.

"Gostaria que eu falasse com ele?", perguntou William, mantendo uma postura cuidadosamente neutra.

Steve refletiu sobre o assunto e então balançou a cabeça. "Não, não antes de perguntar a eles. Não quero arriscar que ele faça alguma besteira."

"Tipo o quê?" perguntou William. Ele parecia confuso, e Steve se perguntou se ele entendia o quão desequilibrado o pai deles podia ser, ou se o pai simplesmente nunca lhe mostrava esse lado de si.

“Como se eu reivindicasse esta área como seu território e ordenasse que eles se mudassem para minha casa em Fairbanks.”

William riu. "Ele não faria isso. A câmara municipal não o deixaria."

“Eles não lhe dariam a bênção, não, mas se ele simplesmente decidisse reivindicar esta terra para si, não arriscariam uma guerra para impedi-lo.” Steve balançou a cabeça. “Não por um território neutro com menos de dez lobisomens vivendo dentro de suas fronteiras.”

William ainda não parecia acreditar que o pai deles fosse capaz de chegar a esse ponto.

“Então você vai falar com eles primeiro, esse é o plano?”, disse William.

Steve se jogou no sofá ao lado dele.

“Sim. Mesmo que eles não venham ao Alasca, precisamos descobrir a logística de como vamos evitar que Dylan entre em abstinência.” Steve balançou a perna, levantando-se tão abruptamente quanto se sentara. “Vou pegar uma cerveja. Você quer uma cerveja?”

William assentiu com a cabeça, parecendo incomodado com o estado de espírito de Steve.

"Claro."

"Perfeito." Steve pegou o celular e, antes que pudesse pensar demais, mandou uma mensagem para Ryker dizendo que queria se encontrar para conversar. Em seguida, jogou o celular na mesa de centro, foi até a cozinha, pegou duas cervejas e voltou para se sentar ao lado de William.

"Obrigado", murmurou William.

"De nada."

AGOSTO

“Você vai trabalhar?”

August olhou para o reflexo de Ryker no espelho, apertou o cinto na cintura e se virou.

“Eu disse à Cynthia que ela poderia remarcar algumas das minhas consultas mais urgentes para esta manhã. Voltarei em breve.”

Ele caminhou até Ryker e o puxou para um beijo, cutucando o pênis do amigo com as costas da mão e sentindo-o se contrair de interesse.

"Você vai voltar a tempo de encontrar o Steve?" perguntou Ryker, encostando o nariz na linha da bochecha dele.

"Vou sim", disse August. Ele empurrou Ryker para o lado, levando-o de volta para o quarto. "Se você voltar a dormir, posso até voltar antes de você acordar."

Ryker bocejou, puxando-o para mais um beijo sonolento antes de voltar para debaixo das cobertas e abraçar Dylan. Dylan murmurou um protesto meio adormecido com o movimento repentino, mas logo se acalmou.

Ao observá-los, o coração de August se encheu de um instinto protetor feroz e uma determinação de fazer o que fosse preciso para vê-los felizes. Ele saiu do apartamento, vestiu o casaco, pegou o elevador até o térreo e chamou um táxi. Sentado no banco de trás, leu seu histórico de mensagens com Dylan, rindo da própria ingenuidade ao perceber como suas referências às conversas que tivera com o Dylan falso online haviam sido recebidas com total perplexidade.

Ele deveria ter percebido isso antes.

Ao chegar ao trabalho, August ficou surpreso ao ver Cynthia sentada na recepção.

“Eu disse que você não precisava entrar”, disse ele, tirando o paletó e colocando-o sobre o braço. “O que você está fazendo aqui?”

Cynthia deu de ombros. "É só por algumas horas. Está tudo bem em casa?"

August não conseguiu conter o suspiro. "É complicado."

Você vai ficar bem?

Ela parecia genuinamente preocupada. August não havia tirado muitos dias de folga desde que começara a trabalhar na clínica, e tirar um dia sem avisar era algo muito incomum para ele.

Não estamos mal. Você se lembra daquele cara de quem te falei, o lobisomem, Steve?"

Cynthia assentiu com a cabeça.

"Bem, ele formou um laço místico de lobisomem com Dylan. É uma bagunça, e desfazer isso vai ser um pesadelo."

Cynthia apertou os olhos, como se não tivesse certeza se acreditava nele. "Um laço místico de lobisomem?"

August assentiu com a cabeça. "É basicamente isso. Não sabemos exatamente como funciona, exceto pelo fato de que Dylan agora não consegue ficar mais de uma semana sem vê-lo."

“Como você pode não saber como funciona?”

August deu de ombros. Ele não estava mentindo – eles realmente não sabiam como funcionavam os vícios dos ômegas – embora talvez estivesse exagerando na sua ignorância.

“Nós simplesmente não sabemos, da mesma forma que não sabemos como eu posso fazer isso.” Ele ergueu a mão e estalou as garras, fazendo Cynthia recuar assustada. Ela colocou a mão no peito, respirando rápido enquanto balançava a cabeça.

"Eu tinha me esquecido disso. Nossa. Ok, então, vínculo místico de lobisomem. Entendi. Você também tem um com ele?"

Agosto assentiu com a cabeça.

“Então é como se você, o Ryker e esse cara tivessem sido magicamente fundidos em um só ser humano.” Cynthia esfregou a testa. “Que intenso.”

“É sim”, concordou August.

“Então, o que são-”

O telefone tocou e Cynthia interrompeu-se para atender.

“A Sra. Levitt está a caminho. Precisa de algum tempo para se preparar?”, perguntou Cynthia, já demonstrando seriedade agora que tinham uma paciente para atender.

August caminhou em direção à porta, balançando a cabeça. "Não, eu só preciso ligar meu computador. Todo o resto já deve estar pronto. Pode deixar ela entrar."

~

Três horas depois, August já havia atendido os cinco pacientes que Cynthia havia remarcado para aquela manhã e estava quase pronto para ir para casa. Ele só precisava terminar de redigir um encaminhamento e um relatório para o seguro.

“Boa sorte com o seu problema místico de conexão com lobisomens”, disse Cynthia, fechando o zíper do casaco enquanto enfiava a cabeça pela porta para avisá-lo de que estava saindo.

"Obrigado", disse August. Ele ergueu os olhos do computador e lhe lançou um sorriso. "Tenha um bom fim de semana."

Cynthia saiu e, dez minutos depois, August a seguiu. Era sempre um pouco estranho estar sozinho na clínica, e ele ficou contente por Cynthia ter vindo em seu dia de folga. Sem dúvida, ela havia registrado seu próprio horário para horas extras, mas August já esperava por isso. Ele estava feliz em pagar-lhe o que ela merecia.

Enquanto descia de elevador para o saguão, ele ligou para Ryker.

“Estou a caminho de casa”, disse ele, acenando com a cabeça para o segurança ao passar pelo portão. “Devo chegar em cerca de vinte minutos.”

“Quer tomar um brunch?” perguntou Ryker. “Seria só nós dois. Dylan foi para o campus trabalhar no laboratório, mas prometeu terminar a tempo para nossa reunião com Steve.”

"Ele vem?" perguntou August. Ele não se importava, mas eles poderiam ser um pouco mais francos se ele não estivesse presente. Basicamente, estavam negociando a custódia, e esse tipo de coisa podia fazer um humano se sentir muito próximo de ser um animal de estimação.

Ele saiu, abaixando o queixo para se proteger do vento frio que lhe batia no

rosto, e procurou um táxi na rua. Avistou um um pouco mais adiante e fez sinal com a mão.

“Ele deveria estar lá”, disse Ryker.

“Concordo”, disse August. O taxista o tinha visto e estava mudando de faixa para chegar até ele. “Desde que ele se sinta incluído. Não faz sentido trazê-lo se não o fizermos participar do processo de tomada de decisão.”

“É claro que vamos incluí-lo no processo.”

August entrou no táxi, abaixou o telefone e deu seu endereço ao motorista. Em seguida, levou o telefone de volta ao ouvido.

“Certo, então estamos de acordo.” August mudou o telefone de orelha. “E sim, aliás. Gostaria de comer alguma coisa. Sobrou alguma coisa de ontem?”

Ryker disse que sim. August estava prestes a pedir que ele fizesse mais frango quando seu telefone vibrou, o padrão característico indicando que ele tinha uma mensagem de Dylan no grupo de bate-papo.

August abaixou o celular e abriu a mensagem, encarando-a por alguns segundos e tentando entendê-la.

"Isso é uma piada?", perguntou Ryker, tirando August de seu susto. A mensagem de Dylan foi curta e direta.

Oi, pessoal, minha mãe ligou e disse que meu pai está no hospital. Ela não sabe o que ele tem, mas me mandou uma passagem para visitá-lo. Ela disse que é sério. Estou a caminho do aeroporto agora.

“Você quer ligar para ele ou eu ligo?” perguntou August.

"Vou ligar para ele", rosnou Ryker.

Ele claramente estava pensando a mesma coisa que August. Qualquer coisa que levasse Dylan a desaparecer para o Alasca um dia depois de Steve descobrir que Dylan era seu ômega era extremamente suspeita. Se o pai de Dylan realmente estivesse doente, é claro que eles moveriam céus e terras para que Dylan pudesse vê-lo, mas precisavam de mais confirmação do que um telefonema rápido da mãe dele e uma passagem enviada às pressas por e-mail.

"Seja gentil", alertou August. "Não o faça se sentir estúpido."

"Serei gentil." Ryker respirou fundo para se acalmar. "Já te ligo."

DYLAN

Dylan tinha chegado ao terminal quando Ryker ligou para ele. Ele não queria falar com ninguém depois da ligação da mãe. Ela parecia apressada e preocupada – e havia todo tipo de barulho assustador de hospital ao fundo. Ela disse que não podia falar, mas que ele precisava chegar lá o mais rápido possível.

Ouvir a voz da mãe tão diferente da habitual deixou Dylan extremamente perturbado.

"Ela não disse o que estava errado?", perguntou Ryker, inquisitivo e sentindo a frustração crescer dentro dele.

Dylan não sabia de nada. Ele só sabia que sua mãe precisava que ele voltasse para casa o mais rápido possível, o que significava que, qualquer que fosse o problema, era sério.

“Ele desmaiou no teatro”, disse Dylan, repetindo as poucas informações que sua mãe lhe havia dado. “Levaram-no para o hospital, mas ele não acordou e estão fazendo exames.”

Ryker estava quieto, e Dylan conseguia sentir sua preocupação através da linha. Isso não o acalmou, mas o deixou um pouco menos frustrado por ser interrogado.

Ele sabia que Ryker tinha boas intenções.

“Você sabe em qual hospital ele está internado?”

“Não, eu não sei”, disse Dylan. “Minha mãe não disse nada. Ela não podia estar usando o celular, então teve que ser rápida.”

Como não tinha bagagem, Dylan pôde ir direto para a segurança. Ele olhou para o relógio e depois para a fila, com uma expressão preocupada. O embarque do seu voo começaria em cinco minutos e havia cerca de dez pessoas à sua frente.

“A que horas é o seu voo?”, perguntou Ryker.

“O embarque começa em cinco minutos”, disse Dylan. Ele torceu para que os agentes da TSA verificassem os documentos de identidade das pessoas mais rapidamente. “Estou na fila da segurança.”

Agora só havia seis pessoas à sua frente, e Dylan relaxou um pouco. Nesse ritmo, ele terminaria em um ou dois minutos.

“Há mais alguém que você possa contatar que talvez tenha mais informações?”, perguntou Ryker. “Amigos ou vizinhos, talvez?”

Dylan balançou a cabeça e então lembrou-se de que Ryker não podia vê-lo. "Não, não que eu me lembre."

Ele não conseguia imaginar que existisse alguém mais bem informado do que sua mãe.

Você poderia me dar o contato de alguns amigos deles, talvez? Eu poderia tentar descobrir o que está acontecendo.

Dylan chegou à frente da fila e um dos agentes da TSA acenou para que ele avançasse.

"Preciso ir, mas falo com você assim que souber mais", disse Dylan, desligando o telefone e abrindo o cartão de embarque no celular. Ele o passou no leitor e entregou sua carteira de habilitação ao agente.

“Tenha um bom dia”, disse ela, acenando para a próxima pessoa passar. A

próxima parada de Dylan era a máquina de raio-X e o detector de metais, mas havia apenas duas pessoas à sua frente. Ele colocou a mochila e o celular em uma bandeja, tirou o laptop e os sapatos antes de passar pelo detector de metais.

Quando pegou a mochila e o celular na bandeja, Ryker estava ligando para ele. Recusou a chamada, olhou para o painel de partidas, confirmou o número do portão e começou a correr levemente para chegar lá.

Quinze minutos depois, Dylan estava em seu assento perto da parte de trás do avião, ouvindo o capitão anunciar o horário do voo e instruí-los a prestar atenção às demonstrações de segurança.

Ele expirou, aliviado por ter conseguido, mas ainda tomado pela ansiedade em relação ao estado de saúde do pai. Pegou o celular, procurando por mensagens da mãe com notícias. Tentou ligar, mas a ligação caiu direto na caixa postal.

Enquanto ouvia a mensagem automática, Ryker ligou para ele.

“Consegui entrar no avião”, disse Dylan, atendendo a ligação e indo direto ao assunto. “Cheguei ao portão com oito minutos de sobra.”

"Você teve notícias da sua mãe ou do seu pai?" Ryker parecia estressado.

Dylan olhou fixamente para a placa que indicava para apertar os cintos de segurança e, em seguida, virou a cabeça para esconder o celular quando a aeromoça pediu a todos que colocassem seus telefones no modo avião.

“Não, ainda não”, disse ele, mantendo a voz baixa. “Acabei de tentar ligar para minha mãe de novo, mas foi direto para a caixa postal. Acho que o celular dela está desligado. Ela não costuma carregá-lo à noite, então pode ser que a bateria esteja descarregada.”

“O nome dele é Christopher Landry, certo?” perguntou Ryker. “Ou Chris significa outra coisa?”

Dylan mordeu o lábio, tentando se lembrar de quando havia contado a Ryker o nome de seu pai. Foi então que percebeu que era um lobisomem casado com um alfa sobre quem nem sequer havia falado aos pais. Arrependimento e vergonha lhe encheram o estômago, e um temor crescente de que talvez fosse tarde demais para contar ao pai sobre seus companheiros se instalou em seu peito.

“Não, significa Christopher. Por quê?”

“August tem ligado para todos os hospitais de Anchorage para saber o que está acontecendo, mas ele não conseguiu ser internado em nenhum deles. Existe alguma clínica particular ou algo parecido que vocês utilizem?”

“Não, eles só têm um plano de saúde normal. Eles iriam para onde a ambulância o levasse.” Dylan inclinou-se para a frente, apoiando a cabeça no banco da frente. “Eles podem divulgar informações sobre ele? Quer dizer, não existem regras?”

“August diz que não”, disse Ryker. Dylan ouviu a voz de August ao fundo, num tom irritado, mas não conseguiu entender o que ele dizia. Depois de uma pausa, Ryker perguntou: “Você tem alguma ideia de onde seu pai possa ter sido internado?”

Dylan fechou os olhos e tentou pensar, mas não conseguia se lembrar nem do nome de nenhum hospital em Anchorage, muito menos de um em que seu pai pudesse ter sido internado.

“Não. Não faço a mínima ideia.”

Dylan ergueu a cabeça e recostou-se, olhando para a fileira vazia e para fora da janela. O avião estava em movimento, e Dylan podia ver um pequeno exército de limpa-neves limpando a pista ao lado deles.

“Tem certeza de que estava falando com sua mãe?”

A voz de Ryker era direta, como se ele estivesse arrancando um Band-Aid. A princípio, Dylan ficou confuso com a insinuação de Ryker, mas depois, quando percebeu, ficou indignado.

Ele sabia como era a voz da sua própria mãe.

"Sim." Dylan estava furioso. Estava extremamente preocupado com o pai, e agora Ryker ia sugerir que aquilo era algum tipo de golpe? Que merda. Não fazia o menor sentido. "Quem mais poderia ter sido?"

“Poderia-”

"Por que um golpista me compraria uma passagem de última hora para Anchorage? Do que você está falando?"

Ryker respirou fundo, esperando até que Dylan parasse de falar antes de finalmente se pronunciar.

“Não estou sugerindo que seja um golpe, estou preocupado que o pai do Steve esteja aprontando alguma coisa. Por favor, você pode desembarcar do avião e esperar até que tenhamos notícias da sua mãe antes de ir embora?”

Dylan desligou. Colocou o celular no modo avião e o guardou no bolso do assento à sua frente.

Ele estava tão furioso que tremia. O que Ryker achava que estava acontecendo? Que o pai de Steve tinha, de alguma forma, arranjado para que a mãe de Dylan o atraísse para casa com falsos pretextos para que ele pudesse... o quê? Sequestrá-lo e mantê-lo no Alasca?

Foi ridículo.

Dylan estava sentado com os punhos cerrados, fervendo de raiva, olhando fixamente pela janela enquanto o avião terminava de taxiar até a pista.

Assim que o avião começou a acelerar, Dylan pegou o celular e ligou os dados móveis novamente. Ele esperou a conexão ser estabelecida, olhando fixamente para o aplicativo de mensagens e torcendo para receber notícias da mãe antes de perder o sinal.

O avião decolou, causando um frio na barriga em Dylan. Ryker ligou de novo, e depois August, mas Dylan recusou as duas ligações. Poucos minutos depois da decolagem, o celular dele perdeu a conexão e Dylan desabou.

O voo não tinha Wi-Fi, o que significava que, até aterrissarem em Anchorage, ele ficaria sem comunicação.

Foi uma sensação terrível.

~

A viagem até Anchorage levou quatro horas. Assim que iniciaram a descida, Dylan desativou o modo avião do celular e esperou conseguir conexão.

Quando estavam quase em terra firme e ele ainda não tinha sinal, ativou o modo avião e prendeu a respiração enquanto esperava o celular conectar.

Eles tocaram o solo, o avião tremendo com o impacto da aterrissagem, mas mesmo assim, Dylan não conseguiu conexão. A notificação de "sem sinal" na tela inicial o atormentava, recusando-se a desaparecer mesmo depois de ele desligar e reiniciar o telefone.

Sentindo-se ansioso, Dylan tentava constantemente obter sinal enquanto o avião taxiava em direção ao portão de embarque e quando as portas se abriram e as pessoas puderam desembarcar. Como estava sentado bem no fundo da aeronave, Dylan foi um dos últimos a sair, e a essa altura já estava impaciente para chegar ao Wi-Fi do aeroporto.

Ele jogou a mochila sobre o ombro e caminhou pelo corredor, tentando não se aproximar demais da senhora idosa à sua frente enquanto ligava e desligava o Wi-Fi, procurando desesperadamente pela internet gratuita do aeroporto.

Dylan estava tão concentrado em conseguir uma conexão com a internet que não percebeu os dois homens parados no final da ponte de embarque até praticamente esbarrar neles.

“Com licença”, disse Dylan, com os olhos fixos no celular enquanto tentava contornar o obstáculo que surgira repentinamente à sua frente.

“Sr. Landry?”

Dylan ergueu os olhos e, em seguida, esticou o pescoço para olhar ainda mais para cima, ao se deparar com o que só podiam ser dois lobisomens. Ambos tinham quase dois metros e dez de altura, eram robustos como touro, com uma estrutura óssea tão definida que faria inveja a qualquer modelo.

Dois lobisomens, no Alasca, e ambos sabiam o nome dele e estavam à sua espera.

"Sim?", disse Dylan, cauteloso. Talvez Ryker tivesse contado a Steve o que estava acontecendo, e então Steve ligou para alguém para levá-lo direto ao pai?

Dylan podia ter esperança.

O lobisomem, em cujo peito ele quase se chocou, falou.

“Seu pai está bem. Não há nada de errado com ele e ele não está doente.”

As pernas de Dylan pareciam gelatina, a notícia era como se um peso tivesse sido tirado de seus ombros. Ele estava muito aliviado.

"Posso vê-lo?" Dylan não se importou que sua voz parecesse prestes a chorar. "Posso usar seu telefone? Estou sem sinal e preciso ligar para minha mãe."

Ele ergueu o celular, mas gritou de surpresa quando o segundo lobisomem o arrancou de suas mãos.

"Esse é meu", disse Dylan, perplexo.

Quem pegou o celular de alguém?

“Você poderá tê-lo de volta mais tarde”, disse o primeiro lobisomem. “Meu nome é Bruce, e este é Caim. Devemos levá-lo para Fairbanks. Nosso alfa explicará tudo.”

Dylan deu um passo para trás, olhando em volta com os olhos arregalados. Não havia mais ninguém na ponte de embarque, e quando olhou para trás, a porta do avião estava fechada.

"Eu não quero ir com você", disse Dylan, dando mais um passo para trás. "Você não pode me obrigar."

O primeiro lobisomem interrompeu o que ia dizer, olhou-o de cima a baixo e

depois ergueu uma sobrancelha.

O segundo lobisomem enfiou a mão no bolso interno do paletó e tirou um distintivo.

“Podemos. Você é membro da matilha Sterling-Schaffer e sua presença no território Noroeste não foi autorizada nem pelo seu alfa nem pelo alfa do território Noroeste. Você está sujeito à nossa jurisdição e temos o direito de detê-lo. Estamos exercendo esse direito.”

Dylan piscou. Ele sabia que, como membro da matilha de Ryker e August, estava sujeito às leis dos lobisomens, mas eles lhe disseram que essas leis não se aplicavam aos membros humanos da matilha.

“Você me enganou para vir aqui”, disse ele, engolindo em seco. “O que você fez com a minha mãe? Ela não teria concordado em mentir para mim desse jeito.”

O primeiro lobisomem pareceu compreensivo. "Não falamos com sua mãe. Falsificamos o número dela e usamos uma amostra de voz de um vídeo que ela postou no Facebook para copiar a voz dela."

Dylan não conseguia acreditar. Ele não sabia que isso era possível. Parecia exatamente com a voz da mãe dele, e se ela não estivesse falando como ela mesma, bem, por que estaria se o pai dele tivesse desmaiado e estivesse no hospital?

“Por que ela não está atendendo o telefone?”

Dylan ficou aliviado por seus pais estarem bem, mas, quanto a si mesmo, o medo crescia cada vez mais.

Isso foi uma loucura.

“Desconectamos temporariamente a internet banda larga e o serviço de celular deles. É por isso que você também está sem conexão.”

Dylan sentia como se estivesse em um pesadelo. Ele beliscou o próprio braço, na esperança de acordar e se encontrar espremido entre os corpos musculosos de August e Ryker.

A beliscada doeu, mas Dylan não acordou.

O segundo lobisomem guardou seu distintivo. “Você não está em apuros e nenhum mal lhe acontecerá. Nosso alfa nos disse para deixar isso bem claro para você. Ele também nos pediu para nos desculparmos em nome dele pelo engano. Dito isso, por favor, venha conosco. Estamos ocupando a ponte de embarque.”

“Eu não quero-”

“Vou algemá-lo e levá-lo daqui. É isso que você quer?”

Dylan engoliu em seco, a ameaça de algemas e agressão física tendo o efeito completamente oposto ao que teria se viesse de August ou Ryker.

"Não."

“Você vai ficar bem”, disse o primeiro lobisomem, dando um passo para o lado para que Dylan tivesse espaço para passar entre eles. “Você gosta da Marvel? Temos todos os filmes da Marvel na TV do carro.”

Dylan olhou para ele, imaginando se ele achava que tinha algum tipo de dano cerebral. A Marvel não ia fazê-lo se sentir diferente, de forma alguma, por ter sido *sequestrado* .

"Não?" disse o primeiro lobisomem, como se tivesse percebido a estupidez daquilo. "Também temos outros filmes e séries."

Dylan permaneceu imóvel, mas deu um salto para a frente e começou a andar quando o segundo lobisomem levou a mão ao cinto e tirou um par de algemas.

"Estou andando", disse Dylan, com o estômago embrulhado só de pensar em ser algemado. "Você não precisa disso."

Os dois lobisomens o conduziram até a ponte de embarque, e as portas automáticas se abriram para a área do portão, onde uma multidão de pessoas aguardava.

Eles se moveram pela multidão, os dois lobisomens atraindo muitos olhares curiosos enquanto passavam pela segurança e entravam no saguão de desembarque.

Antes que percebesse, Dylan estava sendo conduzido para dentro de uma van preta. Ele subiu e sentou-se em um banco no fundo da van, e o primeiro lobisomem entrou logo em seguida, ocupando o banco ao seu lado. A van tinha assentos individuais, mas o joelho e o pé do homem ainda invadiram o espaço de Dylan.

Dylan recuou, sem querer ter qualquer contato com seu sequestrador.

Ele olhou em volta, procurando alguma rota de fuga, mas o esforço foi em vão. Não havia como escapar de dois lobisomens a menos que os incapacitasse, e ele nem sequer saberia por onde começar a tentar fazer isso.

“Eu sou Bruce”, disse o lobisomem sentado ao lado dele. Percebendo como Dylan estava se afastando, ele puxou o pé de volta para o seu lado da van. “E aquele ali em cima é Caim. Espero que você não nos leve a mal por isso.”

Dylan olhou para ele, tentando transmitir o quão estúpida era aquela afirmação.

Bruce suspirou, como se Dylan estivesse sendo difícil, e recostou-se.

Dylan apertou o cinto de segurança e olhou fixamente para o colo. Ele deu um pulo quando Bruce, de repente, estendeu a mão por cima do espaço entre eles, tocando o monitor embutido no encosto do banco da frente. O braço musculoso do homem, coberto pelo terno, fez Dylan se sentir enjaulado.

“Filmes, viu?” disse Bruce, tocando na tela. “Tem fones de ouvido no compartimento ao seu lado. É uma longa viagem.”

Dylan não disse nada, e Bruce retirou o braço lentamente.

Caim ligou o motor e olhou para eles pelo retrovisor. "Estão prontos?"

Bruce olhou para Dylan, mas ele se recusou a interagir. Voltou sua atenção para seu cúmplice.

“Estamos prontos.” Ele enfiou a mão no bolso e tirou o celular. “Vou mandar uma mensagem para o alfa avisando que estamos a caminho.”

RYKER

Ryker e August estavam abraçados, debruçados sobre a ilha da cozinha, encarando a tela do computador de Ryker. Eles estavam rastreando o voo de Dylan, esperando poder contatá-lo, mas ele já havia pousado há mais de meia hora e ainda não tinha entrado em contato. Todas as tentativas de ligar para ele estavam indo direto para a caixa postal.

August ainda não havia encontrado nenhum registro da internação do pai de Dylan no hospital. Ele ligou para todas as clínicas em Anchorage, bem como para o centro de tratamento da base militar e para a clínica reservada para indígenas, mas nenhuma delas tinha um paciente chamado Christopher Landry internado.

Ryker tinha quase certeza de que Dylan havia sido enganado – que havia sido *levado* . Seu lobo era uma presença ameaçadora no fundo de sua mente, uma raiva impotente que minava sua concentração e tornava quase impossível manter o controle.

Ele nem sequer tentou conter os dentes ou as garras.

"Será que devemos ligar para o Steve de novo?", perguntou August, levantando-se e esfregando os olhos. Eles já tinham tentado ligar para ele, mas ele não atendia nem respondia às mensagens. "Ou devemos ir até a casa dele?"

Ryker queria. Ele queria arrombar a porta de Steve e arrancar-lhe a garganta.

Ele e August tinham feito todas as investidas de amizade, acolhendo Steve em suas vidas e em sua matilha de braços abertos, e o desgraçado os retribuiu roubando *sua* companheira.

"Não tenho certeza se isso é uma boa ideia", disse Ryker. "Se ele aprontou alguma coisa, eu posso simplesmente matá-lo."

"Isso seria ruim", disse August, como se estivesse lembrando a si mesmo e ao seu lobo por que eles não podiam ir lá espancar Steve e obrigá-lo a devolver Dylan.

Ryker tentou ligar para Dylan novamente, resmungando quando a ligação foi direto para a caixa postal. Ele largou o telefone para não quebrá-lo acidentalmente.

August passou a mão pelos cabelos. "Não é como se eles pudessem mantê-lo longe de nós", disse ele, andando de um lado para o outro. "Ele *precisa* de nós."

"Ele é uma moeda de troca", rosnou Ryker.

“Não sabemos se Steve e sua turma realmente fizeram alguma coisa”, disse August, virando-se para Ryker com um olhar intenso. “Dylan pode ter encontrado a mãe dele assim que desembarcou do voo e esquecido de desligar o modo avião do celular. Não devemos entrar em pânico.”

Ryker queria poder acreditar nisso, mas não conseguia. Era uma coincidência grande demais, e o fato de não terem encontrado o pai de Dylan em nenhuma das clínicas ou hospitais para onde ele teria ido se tivesse sido levado de ambulância só reforçava a certeza de que Dylan havia sido enganado.

“Vamos falar com o Steve”, disse Ryker. Foi uma decisão repentina. Ele entrou no corredor, agindo como se estivesse à caça, deixando August correndo atrás dele.

Ele pegou as chaves e apertou o botão para chamar o elevador, uma calma

furiosa se instalando sobre ele agora que havia decidido agir.

Um segundo depois, August se juntou a ele, entregando-lhe uma jaqueta e apontando com a cabeça para suas botas. Ryker percebeu que estava prestes a sair do apartamento apenas de meias.

"Certo", murmurou ele, pegando as botas e calçando-as.

Eles desceram de elevador até a garagem subterrânea do prédio. O elevador parou uma vez, mas a Sra. Patrick, do oitavo andar, olhou para eles e murmurou, apreensiva: "Eu pego o próximo".

Ryker sabia que aquilo ia acabar se voltando contra ele. Mas não conseguia se importar.

O trajeto até o prédio do Steve foi um borrão. Ryker estava à procura, seu foco preciso transformando o tempo em uma névoa comprimida. Num minuto ele estava saindo da garagem e entrando na rua, e no minuto seguinte estava parando na faixa de incêndio em frente ao prédio do Steve e saltando do carro com o motor ainda ligado.

August desligou o motor e correu atrás dele, alcançando-o na porta da frente. A porta tinha uma moldura de metal, pintada de preto, que envolvia um grande painel de vidro reforçado. A porta estava trancada, obrigando Ryker a apertar o botão de chamada para o apartamento de Steve.

Como ninguém respondeu em três segundos, Ryker apertou o botão novamente. Ele continuou apertando o botão até que a luz do interfone ficou verde.

"Alô?" respondeu uma voz que lembrava um pouco a de Steve. Só podia ser William, o irmão mais novo de Steve.

"Quero falar com o Steve", rosnou Ryker, se contendo para não arrombar a porta e invadir o prédio.

“Ele está no trabalho”, disse William. Ele parecia nervoso. “Ele estará em casa mais tarde.”

Ryker chutou a porta da frente, fazendo-a tremer.

“Liguei para a delegacia dele e disseram que ele não estava escalado para trabalhar hoje.” A voz de Ryker era um rosnado grave e ameaçador. “Agora destranque a porta e me deixe entrar.”

“Não. O Steve está substituindo alguém que ligou dizendo que está doente. Ele chega em casa mais tarde. Você pode vir então.”

Ryker socou a porta, o vidro reforçado rachando com o impacto. Ele socou novamente, quebrando o vidro e cortando os nós dos dedos no processo. Estendeu a mão para dentro, abriu a porta, invadiu o saguão e subiu correndo as escadas para chegar ao apartamento de Steve.

August vinha logo atrás, quase colidindo com ele quando Ryker parou.

Ele não tinha ideia de qual apartamento pertencia a Steve. Levantou o nariz, captando o cheiro do outro alfa, diminuindo o passo enquanto o seguia escada acima, virando à direita ao sair da escada para o corredor e seguindo o cheiro de Steve até a segunda porta à esquerda.

Ele arrombou a porta, e um grito assustado veio de dentro do apartamento. Ele entrou sem cerimônia, com August logo atrás, e olhou ao redor do interior aconchegante com um olhar frio.

Se ainda restasse alguma dúvida sobre o apego contínuo de Steve à sua

matilha, ela foi dissipada por sua situação de moradia. Um policial novato morando sozinho jamais conseguiria, nem em um milhão de anos, pagar o aluguel de um apartamento de um quarto neste bairro.

"O Steve não está aqui!" gritou o irmão mais novo de Steve de trás de uma porta à direita da sala de estar. Ryker marchou até lá e a chutou, avançando sobre o irmão de Steve enquanto este se encolhia contra a parede.

Ryker sabia que Steve não estava lá – ele teria sentido o cheiro dele se estivesse – mas William saberia tão bem quanto Steve o que estava acontecendo.

Ele também seria muito mais fácil de espancar para obter informações.

"Onde está Dylan?" Ryker rosnou. Ele agarrou William pela frente da camisa, levantou-o, jogou-o contra a parede e socou-o no estômago. Ele teria lhe dado um soco no queixo, mas August o segurou e o puxou para trás.

“Eu não sei, eu-”

Ryker o chutou, derrubando-o no quadril. Ele tentou agarrá-lo para golpeá-lo na cabeça, mas William se esquivou por baixo do braço e fugiu.

August o alcançou, mas quando Ryker avançou com os punhos cerrados, puxou o lobisomem mais jovem para fora de seu alcance.

Ryker rosnou para seu companheiro, avisando-o para parar de lutar contra ele. Ele estava se controlando para não usar os dentes ou as garras, e William se recuperaria rapidamente de alguns golpes e hematomas.

“Sabe de uma coisa?”, disse August, segurando William contra o peito. Ele tinha os braços do rapaz torcidos para trás e as garras em sua garganta. “Não vamos machucá-lo – não queremos briga com sua matilha – mas sabemos que você o levou. Agora nos diga como recuperá-lo.”

William desabou, estremecendo quando Ryker se aproximou dele, prendendo-o entre seu corpo e o de August e agarrando-o pelo queixo.

“Você o ouviu”, rosnou ele, cravando as garras na bochecha de William. “Conte-nos.”

"Eu não sei!", disse William, com a voz embargada pelo choro. "Eu contei para o meu pai que o Dylan era o ômega do Steve, e tudo mais, e ele só disse que ia resolver tudo e trazer o Steve de volta para casa. Ele não me contou qual era o plano dele."

Ryker apertou o aperto, fazendo com que pequenos pontos de sangue escorressem e fazendo William gemer.

“Eu disse a ele que Dylan era seu companheiro e que também era seu ômega. Ele disse que isso era um pequeno problema.”

"Um probleminha?" Ryker rosnou, inclinando-se para frente e pressionando o rosto contra o de William. "Que porra isso significa?"

"Não sei!"

William parecia prestes a se mijar nas calças.

"Onde está Steve?", exigiu Ryker, soltando o rosto de William e dando um passo para trás. Ele não estava chegando a lugar nenhum e, por mais que doesse, acreditava em William quando este dizia que não sabia o que seu pai estava planejando.

"Ele está no trabalho." William fungou. "Eu já te disse isso."

Ryker apertou a ponte do nariz. "August, deixe-o ir."

August soltou William, fazendo-o se afastar rapidamente e esfregar o rosto,

onde os cortes das garras de Ryker já estavam cicatrizando. Ele encostou as costas na parede, o mais longe possível de August e dele.

"O que você acha que seu pai está planejando?", perguntou August. De alguma forma, ele conseguiu não parecer furioso, embora Ryker soubesse que ele estava.

Seu tom calmo pareceu tranquilizar William. Ele não conhecia August o suficiente para perceber o potencial para violência.

"Ele quer que Steve volte para casa, é tudo o que sei. Como Dylan se encaixa nos planos dele, não faço a mínima ideia – ele não me conta esse tipo de coisa."

“Bem, se você não sabe, acho que deveríamos ligar para o seu pai.”

As palavras de Ryker foram recebidas com uma mão em seu braço, August se aproximando dele e murmurando: "Isso é uma boa ideia?"

"Ele levou o Dylan!", rosnou Ryker.

“E se ligarmos para ele agora, ele vai pensar que estamos mantendo o filho dele como refém para recuperá-lo.”

Ryker cerrou os dentes, mas August tinha razão. Se eles contatassem o alfa da matilha do Noroeste e insinuassem que estavam mantendo seu filho como refém, estariam mortos em menos de uma semana.

William pigarreou, chamando a atenção deles. Recuou um pouco, mas logo reuniu coragem e perguntou: "Vocês são?"

"Nós somos o quê?" perguntou Ryker.

"Estão me mantendo como refém para trazer Dylan de volta?"

Ryker mostrou os dentes e rosnou: "Não".

William assentiu com a cabeça. "Ah, que bom então. Eu só imaginei que, com os socos e chutes, talvez devesse ficar um pouco preocupado. Mas fico feliz que tenhamos esclarecido isso."

Ryker tremia de fúria. "Isso te diverte?"

"Não!" William balançou a cabeça furiosamente. "Estou apenas estressado. Esta é uma situação muito estressante, só isso. Ainda bem que não fui feito refém. Tenho certeza de que quando Steve chegar, vocês poderão ligar para o meu pai e resolver tudo. Meu pai é meio doido, mas não é . Ele não vai impedir vocês de verem seu ômega."

Ryker não tinha tanta certeza, e pela expressão no rosto de August, ele também não.

"Posso ligar para o supervisor do Steve, dizer que houve uma emergência e que o Steve precisa voltar para casa", sugeriu William.

Ryker assentiu com a cabeça. Steve seria muito melhor para lidar. Ele se virou para William com um olhar desconfiado. "Steve sabe que você contou tudo sobre ele para o seu pai?"

Os olhos de William se contraíram, sua culpa evidente. "Talvez?"

Apesar de tudo, isso na verdade fez Ryker se sentir um pouco melhor. Se Steve desconhecia os planos do pai, então ele não os havia traído. Era um pequeno consolo, mas ainda assim um consolo.

"Certo. Ligue para o supervisor do Steve e diga que ele precisa mandar o Steve para casa. Nós vamos esperá-lo aqui."

STEVE

Steve estava dirigindo o trânsito em um cruzamento onde os semáforos estavam com defeito quando recebeu a ligação informando que precisava ir para casa.

"Disseram por quê?", perguntou ele ao policial que a central havia enviado para substituí-lo. Entregou-lhe o colete e a placa de pare, e o policial mais velho lançou-lhe um olhar de irritação enquanto ele vestia o colete e assumia, com desenvoltura, o controle do trânsito.

“Não, só me disseram para vir aqui e assumir o controle, e para dizer a você para ir para casa.”

Com o cenho franzido, Steve montou em sua motocicleta policial e dirigiu direto de volta para seu apartamento. Ele poderia voltar à delegacia para trocar de uniforme e pegar sua moto pessoal depois de descobrir o que estava errado.

Ele chegou ao prédio bem a tempo de ver o carro de Ryker sendo rebocado por ter sido estacionado na faixa de incêndio.

Resistindo ao impulso de correr atrás do guincho para ver por que o carro de Ryker estava sendo rebocado, ele subiu correndo os degraus até a porta da frente, franzindo a testa ao ver a porta quebrada e se perguntando o que diabos estava acontecendo. Ele subiu as escadas correndo até seu apartamento, as botas batendo com força e fazendo barulho, o peito apertando quando chegou à porta da frente e viu que ela havia sido arrombada. A fechadura estava em frangalhos, a madeira ao redor da maçaneta completamente rachada.

Os aromas de Ryker e August pairavam no ar, tão fortes que indicavam que eles estavam presentes ou haviam partido há poucos segundos.

"William?" Steve chamou, entrando correndo em seu apartamento. "Ryker, August, vocês estão aí?"

"Aqui dentro", gritou Ryker da sala de estar. Sua voz era gélida, e Steve se perguntou o que estava acontecendo.

Assim que entrou na sala de estar, William saltou para trás dele, usando Steve como escudo entre ele, Ryker e August.

Steve sentiu um leve cheiro de sangue, o que, junto com a maneira como William buscava sua proteção, o fez mostrar os dentes e rosnar para Ryker.

"Você sabe onde Dylan está?" perguntou Ryker, a pergunta pegando Steve de surpresa. Seu rosnado morreu na garganta e, depois de estudar a expressão de Ryker para tentar entender o que estava acontecendo, ele balançou a cabeça negativamente.

“Não, devo?”

“Ele está no Alasca, e eu acho que seu pai o enganou e o levou para lá com base em informações que seu irmãozinho lhe deu.”

Steve se virou e olhou para William, que recuou nervoso. "Meu pai me mandou aqui especificamente para descobrir o que estava acontecendo. Eu não ia *mentir* para ele."

Diante do olhar fulminante de Steve, ele recuou ainda mais. Então, empinou o queixo, desafiando a situação. "Se eu tiver que escolher entre irritar você ou o papai, escolho você sempre. Sem ofensas."

"Você não podia ter me avisado?" perguntou Steve. Ele sabia que era estúpido se sentir traído – William era um beta, ele jamais desobedeceria ao seu

alfa – e, no entanto, ele se sentia assim.

“Ele ligou, e depois que eu contei tudo, ele me disse para não te contar que eu tinha contado para ele.”

Steve esfregou os olhos. "Claro que sim."

"Então você não teve nada a ver com isso?", perguntou Ryker, em tom acusatório.

Steve rosnou para ele, mostrando os dentes novamente. "Não, eu não fiz isso."

“Você consegue descobrir o que realmente está acontecendo?”

Steve assentiu com a cabeça. Sentou-se no sofá e pegou o celular. Estava no silencioso enquanto trabalhava e, considerando o que sabia agora, não se surpreendeu ao ver que tinha cerca de uma dúzia de chamadas perdidas e uma enxurrada de mensagens raivosas.

Ignorando tudo isso, Steve foi até seus contatos e encontrou o número do pai. A última ligação entre eles tinha sido no verão, antes de tudo o que aconteceu e de Steve se mudar. Ele não se lembrava do que tinham conversado, apenas que tinha sido algo banal e fácil.

Olhando fixamente para o número do pai, Steve foi tomado pela saudade que sentia dele. Ele podia ser um alfa poderoso e insano que assustava todo mundo, mas para Steve, ele sempre fora apenas o pai.

Ele não se surpreenderia nem um pouco se seu pai tivesse ordenado que alguém sequestrasse Dylan, caso achasse que isso o ajudaria a fazer Steve voltar para casa.

Ao pressionar o ícone de chamada, Steve levou o telefone ao ouvido e ouviu o toque. Ele se preparou para ouvir a voz do pai novamente – se fortalecendo para enfrentar seu alfa e exigir o retorno de Dylan.

A chamada foi para a caixa postal. Em pânico, sem querer deixar recado, Steve desligou antes do bip e ficou olhando para o telefone.

Ele olhou para August e Ryker, que pareciam tão contrariados quanto ele.

“Bem, isso foi anticlimático”, murmurou William, atraindo olhares furiosos de todos os alfas na sala. Ele recuou. “Bem, foi mesmo . ”

Steve respirou fundo. "Vou tentar de novo daqui a pouco. Ele provavelmente está ocupado com alguma coisa."

DYLAN

Já se aproximava da meia-noite quando os sequestradores de Dylan viraram a van para uma estrada particular a cerca de uma hora de Fairbanks. A noite estava completamente escura, a lua escondida atrás de uma camada de nuvens carregadas, e era impossível para Dylan ver para onde estavam indo.

O único motivo pelo qual ele sabia que eles estavam perto de Fairbanks era porque Bruce lhe havia contado.

A van diminuiu a velocidade e Dylan inclinou-se para o lado para poder ver além do para-brisa. Estavam parando em frente a um portão de aço, com uma cerca de arame farpado de três metros de altura estendendo-se de cada lado.

Caim abaixou o vidro da van e um guarda armado se aproximou para verificar o interior antes de permitir sua passagem. O guarda vestia um uniforme militar, com uma metralhadora presa ao peito, e, a julgar pelos dentes afiados e pelo fato de ter pelo menos dois metros e dez de altura, era obviamente um lobisomem.

“Alpha está esperando por você”, disse o guarda, com voz rouca. Ele olhou para Dylan no banco de trás, as narinas dilatando enquanto inalava seu cheiro. Se não estivesse tão intimidado, Dylan teria se sentido ofendido pela forma como ele franziu o nariz em sinal de desagrado.

Dylan obviamente não era o tipo dele.

“Você vai avisá-lo pelo rádio que estamos a caminho?”, perguntou Cain, com voz respeitosa. Era o completo oposto da maneira como ele falava com Dylan.

O guarda assentiu com a cabeça e deu um passo para trás, fazendo o portão se abrir. Caim acenou em despedida para o guarda e passou dirigindo.

Dylan não sabia o que esperar – talvez algum tipo de instalação militar – mas não era um condomínio fechado com verdadeiras mansões enfileiradas nas ruas. Cada casa ficava em seu próprio terreno, longe dos vizinhos, e projetada em um estilo único.

Apesar de estarmos quase no meio do inverno, cada entrada de garagem estava completamente livre de neve. O sistema de aquecimento de piso para tantas entradas de garagem — e todas tão grandes — devia custar uma fortuna.

Ao contrário do longo trecho de rodovia que saía de Anchorage e da estrada particular que eles haviam usado para chegar ao condomínio fechado, a rua em que estavam agora era bem iluminada por postes de luz antigos, permitindo que Dylan observasse bem os arredores.

Uma coisa era perfeitamente clara: as pessoas daquele bairro eram *ricas* .

“É bonito, não é?” disse Bruce. Ele apontou para a janela. “Minha família mora na casa atrás daquela.”

Dylan, como fizera durante toda a viagem, ignorou-o deliberadamente.

Eles continuaram dirigindo, atravessando o subúrbio e entrando em uma área central. Havia lojas, um correio, cafés e até uma escola. Era uma cidade inteira, Dylan percebeu.

Ele se perguntou quantos lobisomens viviam ali.

Depois de atravessar o pequeno centro da cidade, a van os levou por uma longa estrada ladeada apenas por árvores, com uma enorme casa surgindo à frente.

Parecia um cruzamento entre a Casa Branca e uma cabana de madeira. Tinha três andares, com uma varanda elevada que circundava a casa e várias sacadas com balaustradas de madeira no segundo e terceiro andares. Do lado de fora, na entrada da casa, havia uma rotatória para carros, no centro da qual se erguia uma estátua de bronze de um lobo rugindo.

Caim parou o carro na entrada, desligou o motor e saiu da van.

“Seja respeitoso, ok?” disse Bruce, chamando a atenção de Dylan. Ele estava encarando a estátua, imaginando se era em tamanho real. Como ele não disse nada, Bruce acrescentou: “Estou falando sério. Não ignore o alfa e não seja grosseiro. Ele não vai aceitar isso.”

Dylan se irritou. Ele não seria gentil e educado com o homem que havia organizado seu sequestro.

“Preciso ir ao banheiro.”

“Você pode ir depois de se encontrar com o alfa.”

Dylan fez uma careta. "Não fui ao banheiro desde antes de entrar no avião. Preciso fazer xixi."

Bruce suspirou. Abriu a porta e olhou para Cain. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, Dylan se inclinou para a frente e ameaçou: "Se eu não fizer xixi agora, vou fazer xixi nas calças na frente do seu precioso alfa."

Dylan não bebia nada havia mais de dez horas, então, em vez de precisar urinar, ele estava desesperadamente com sede, mas precisava de um momento para si mesmo para organizar os pensamentos, e se pudesse adiar o encontro com o pai de Steve, talvez conseguisse formular um plano.

Caim revirou os olhos. "Tem um banheiro logo ali dentro da casa. Pode ir lá. Agora saia. Não temos a noite toda."

Dylan desatou o cinto de segurança e saiu do carro, sentindo-se rígido pela longa viagem. Bruce e Cain se posicionaram de cada lado dele, o envolvendo e o conduzindo até a casa.

Eles entraram, e Dylan olhou em volta com o olhar curioso de alguém tentando bolar um plano de fuga. A porta da frente dava para um grande hall de entrada, com uma escadaria imponente ocupando o centro, e dois amplos corredores de cada lado que levavam ao interior da casa.

A porta se fechou atrás deles com um baque surdo, e Dylan sentiu uma onda de desespero o atingir. Mesmo que conseguisse sair da casa, teria que escapar de toda uma cidade de lobisomens, e se conseguisse , ainda teria que pular a cerca de três metros ou passar pelo portão com seus guardas lobisomens armados, e se conseguisse isso, estaria no meio do nada.

Era impossível. Dylan não era astuto nem ardiloso por natureza, e a última vez que tentara escapar de alguém fora quando brincava de esconde-esconde com seu primo de seis anos. Uma brincadeira na qual ele fora vergonhosamente ruim.

Na realidade, escapar não era uma opção.

Ele continuou olhando ao redor, na esperança de ter um lampejo de inspiração, mas foi sem muita convicção.

“Por aqui”, disse Cain, passando pela escada e virando à esquerda no corredor. Ele parou alguns passos adiante e apontou para uma porta que dava para o espaço embaixo da escada. “Você pode usar o banheiro ali.”

Dylan abriu a porta e entrou no banheiro, fechando-a e trancando-a o mais rápido que pôde. Ele não queria correr o risco de Bruce ou Cain tentarem entrar para supervisioná-lo. Com a porta trancada, Dylan se virou e examinou o cômodo em que estava. O banheiro era espaçoso, com uma pia do outro lado da parede e um vaso sanitário e um mictório à sua esquerda.

Dylan caminhou até a pia e fez uma careta ao ver seu reflexo. Ele estava com uma aparência péssima. Cansado, com olheiras, ele parecia exatamente tão mal quanto se sentia. Olhando para baixo, evitando seu reflexo, Dylan abriu a torneira e se abaixou para beber água.

Água fresca e limpa encheu sua boca, e Dylan percebeu que estava com ainda mais sede do que imaginava. Ele bebeu gole após gole, engolindo água até sentir o estômago cheio. Quando terminou, levantou-se e limpou a boca com as costas da mão, sentindo-se pelo menos um pouco melhor.

Ele olhou de relance para o mictório, mas como não estava com muita vontade de urinar, decidiu apenas lavar as mãos.

Depois de secar as mãos, Dylan ficou parado em frente à pia, hesitante, até que uma batida forte na porta o fez agir. Ele caminhou até a porta e, com muita relutância, a destrancou e voltou para o corredor.

"Então, você realmente precisava urinar, hein?" disse Caim, com voz irritada.

“Tínhamos garrafas de água no carro”, disse Bruce, com um tom de desânimo. “Eu te ofereci uma.”

Dylan olhou para o chão, ignorando-os. Não era da conta deles o que ele fazia no banheiro.

“Tanto faz, venha conosco.”

Caim agarrou seu braço, puxando-o de volta para o lugar entre ele e Bruce e conduzindo-o mais adiante pelo corredor. Passaram por um amplo arco que dava para uma sala de estar aconchegante, após a qual os dois corredores do hall de entrada se fundiam em um só. Continuaram caminhando, virando à esquerda e seguindo por outro corredor, até pararem em frente a um conjunto de portas duplas.

Caim bateu na porta, um toque respeitoso com os nós dos dedos, e um homem que parecia um clone de Steve abriu a porta. Então Dylan olhou mais atentamente e percebeu que o homem não era tão parecido quanto pensara. Ele tinha o mesmo queixo e maçãs do rosto que Steve, e o formato do nariz era idêntico, mas o homem à sua frente tinha sobrancelhas mais grossas e era alguns centímetros mais alto.

“Você deve ser o Dylan”, disse ele, lançando a Dylan um sorriso irônico. Estendeu a mão. “Meu nome é Marcus. Sou o irmão mais velho do Steve.”

"Oi", disse Dylan, sentindo-se sem jeito. Ele apertou a mão de Marcus.

“Sinto muito que tenhamos que nos encontrar assim”, disse Marcus. “Mas, por favor, não tenha medo. Você é importante para o Steve, então nada de ruim vai acontecer com você, ok?”

Dylan assentiu com a cabeça. Marcus parecia sincero, mas Dylan não se sentiu nem um pouco à vontade.

“Não o façam esperar na porta, pelo amor de Deus!”, bradou uma voz grave e jovial do outro lado da porta. “Tragam-no para dentro. Bruce e Cain, vocês podem ir para casa. Vocês se saíram bem.”

Bruce e Cain recuaram, acenando com a cabeça para Marcus antes de se virarem e deixarem Dylan à sua própria sorte.

“Entre”, disse Marcus, abrindo mais a porta e fazendo um gesto para que Dylan entrasse. “Tire os sapatos, por favor.”

Dylan hesitou, olhando pela porta e espiando o que parecia ser um apartamento. Ele não conseguia ver a origem da voz jovial de barítono, e de alguma forma isso era mais intimidante do que se ele estivesse à vista de todos.

“Por aqui”, disse Marcus, com um pouco mais de firmeza. Dylan cruzou a soleira, apoiando a mão na porta enquanto tirava os sapatos. Marcus segurou seu ombro para lhe dar firmeza, mas retirou a mão ao sentir Dylan estremecer.

"Meu irmão falou de mim?" perguntou Marcus, dando um passo para trás. Dylan balançou a cabeça, tão atordoado que não conseguia se lembrar se Steve havia mencionado alguém da família além do pai.

Um irmão mais novo, talvez?

— Ah. — Marcus pareceu desapontado, e Dylan quase se sentiu mal. — Tem sido uma época estranha para ele, eu acho. Me acompanhe até a sala de estar. Meu pai quer falar com você.

Dylan caminhou com ele pelo curto corredor, virando à direita para uma sala de estar ampla onde um homem os esperava no sofá. Ele tinha uma perna apoiada na mesa de centro à sua frente, um laptop equilibrado na coxa, e sua atenção estava totalmente voltada para a tela.

Ele ergueu a mão. "Só um segundo, pessoal, já estou quase terminando."

Dylan e Marcus ficaram parados perto da porta, esperando, dando a Dylan a oportunidade de estudar o homem que devia ser o alfa da matilha do Noroeste.

Ele não parecia ter idade suficiente para ser pai de Steve ou Marcus. Havia alguns fios grisalhos em seu cabelo e na barba, que era curta para realçar o formato do queixo, e as rugas nos cantos dos olhos e na testa eram profundas demais para que ele aparentasse ter vinte e poucos anos, mas Dylan jamais imaginaria que ele fosse mais velho do que trinta e poucos.

Ele não parecia muito mais velho que Ryker, o que fez Dylan se perguntar quantos anos Ryker e August realmente tinham.

Ele nunca tinha perguntado. Simplesmente presumia que eles estivessem na casa dos trinta.

“Só mais três segundos”, disse o homem, digitando com uma mão e parecendo muito concentrado. Então, com um largo sorriso, fechou o laptop com força e o jogou no sofá ao lado, levantando-se e avançando em direção a Dylan como se fosse um velho amigo. Seu sorriso era amplo, seus braços abertos em sinal de boas-vindas, e ele tinha toda a pinta de um anfitrião acolhedor. “Pronto. Agora, deixe-me dar uma olhada em você.”

Ele agarrou Dylan pelos ombros, ignorando seu sobressalto e mantendo-o à distância enquanto o olhava de cima a baixo.

Assim como seus filhos, o pai de Steve era alto – com pelo menos dois metros e meio de altura – e tinha uma constituição física imponente. Ele vestia jeans e uma camisa de botões, e Dylan teve que desviar o olhar para não encarar o volume prodigioso que serpenteava por sua coxa.

“Você é simplesmente adorável, não é?” disse o pai de Steve, entusiasmado e assustadoramente sincero. Ele bagunçou o cabelo de Dylan. “Eu entendo por que

Steve quer ficar com você.”

Dylan fez uma careta, embora tentasse disfarçar, e o pai de Steve suspirou.

“Eu sei, eu te enganei para vir aqui.” Ele acariciou o ombro de Dylan, colocando a mão em suas costas e o guiando até uma poltrona ao lado do sofá. Empurrou-o para baixo, fazendo-o sentar. “E eu sinto muito por isso, de verdade. Quando William me contou que Steve tinha um ômega – e um ômega que ele compartilhava com dois alfas que não são da minha matilha – eu sabia que precisava agir rápido.”

“Você poderia ter agido um pouco mais devagar”, disse Marcus, com um tom irritado. Ele lançou a Dylan um sorriso dolorido. “Dylan, este é meu pai, John Miller. Ele é o alfa da matilha Northwestern. Pai, este é Dylan, o estudante de pós-graduação que você mandou Bruce e Cain sequestrarem.”

John franziu a testa. "Eu fui negligente, não é? Nem sequer me apresentei." Ele estendeu a mão e sorriu. "É um prazer conhecê-lo, Dylan."

Dylan olhou fixamente para a luva oferecida, estendendo os dedos com relutância e colocando-os na mão de John. A mão de John era enorme, envolvendo os dedos de Dylan e apertando-os suavemente.

"Posso ir para casa, por favor?" perguntou Dylan, a pergunta escapando antes que ele pudesse pensar melhor.

John sorriu. "Claro que pode, assim que resolvermos tudo entre Steve e seus outros dois alfas. Ryker Sterling e August Schaffer, certo?"

Dylan assentiu com a cabeça.

“Eles formam uma dupla impressionante. Aliás, fiquei bastante surpreso ao saber que a alcateia Fênix deixou escapar um alfa como esses. Ele teria sido um forte candidato a assumir o posto de alfa da alcateia. Você sabe por que ele decidiu ir embora em vez de ficar e tentar assumir o controle?”

Dylan balançou a cabeça. Ryker e August não tinham falado muito sobre a matilha deles, mas não pareciam nutrir nenhum sentimento negativo em relação a ela.

“Não, eles nunca mencionaram.”

“Bem, fiz uma pequena investigação e me garantiram que não há nenhum escândalo. É uma situação estranha.”

Dylan não sabia o que dizer, então permaneceu em silêncio.

"Deixa eu te perguntar uma coisa, Dylan. Você sabe por que os ômegas são criados?" John se inclinou para frente, sua presença imponente fazendo Dylan se encolher na cadeira.

"Achei que fosse aleatório", disse Dylan. Sua resposta fez John rir. O alfa recostou-se, levantando o pé até apoiá-lo no joelho. Dylan encarou a bota enorme, se perguntando por que lhe parecia familiar, e então percebeu que Steve tinha um par igualzinho.

Quando ele ergueu os olhos para o rosto do alfa, o homem havia levantado uma sobrancelha, com uma expressão de desprezo.

“É magia de lobo”, disse John, colocando a palma da mão sobre o joelho. “Não tem nada de aleatório nisso. Os ômegas são criados para unir alfas que, de outra forma, talvez nem soubessem que eram feitos um para o outro. Eles são uma ferramenta para fortalecer a alcateia.”

Isso era muito semelhante à hipótese de Annie, embora o fato de o foco da

teoria estar inteiramente nos alfas e o ômega parecer incidental fosse um pouco ofensivo.

"A matilha do Ryker?" perguntou Dylan, sem pensar muito antes de lançar a provocação. Ele não esperava que John saltasse da cadeira, o agarrasse pela frente da camisa e o arremessasse violentamente para o ar como um saco de batatas. Antes que Dylan pudesse entender o que estava acontecendo, ele estava pendurado no ar com a boca rosnada de John a centímetros do seu rosto.

"Desculpe!" gritou ele, agarrando os braços de John e debatendo as pernas. Ele não entendia o que tinha feito para merecer uma reação tão extrema.

“Se você não fosse importante para o meu filho, eu te jogaria contra aquela parede com tanta força que seu crânio afundaria.” John o sacudiu, rasgando sua camisa e o segurando pelos braços quando ele estava prestes a cair. Virou-o e mostrou-lhe a parede à direita. “Entendeu, seu merdinha?”

Dylan assentiu com a cabeça, o coração acelerado e a adrenalina o deixando hiperconsciente do próprio corpo. Havia umidade escorrendo pela sua perna, e Dylan percebeu que sua ameaça anterior de urinar na frente do alfa de Steve havia se concretizado.

John o jogou de volta na cadeira com um rosnado de nojo, o impacto tirando o ar de seus pulmões. Enquanto ele tentava respirar novamente, com a mente em um estado de pânico absoluto, John sentou-se, levantou a bota até o joelho e sorriu.

“Não seja espertinho, tá bom?”, disse ele, voltando a ter um tom amigável. “Eu não gosto disso.”

Dylan olhou para ele, com os olhos arregalados, e percebeu que Bruce só estava tentando ajudar quando o avisou para ser educado e respeitoso. Se esse era o tipo de coisa que a matilha de John tinha que enfrentar, Dylan sentia pena deles. Não importava o quão boa fosse sua casa ou vizinhança se você fosse governado por um tirano insano.

"Está bem", murmurou ele, com a voz trêmula. Estava segurando as lágrimas, e seu coração acelerado parecia bater ainda mais rápido quanto mais tempo John permanecia ali sentado, sorrindo.

“Ryker Sterling e August Schaffer têm ligações com meu filho.” John falava como se estivesse enumerando fatos. “Admito que agi de forma imprudente ao dar o ultimato ao meu filho, mas mandá-lo embora por um tempo foi o melhor a se fazer. Deu a todos nós tempo para pensar e nos acalmar.”

John olhou para Dylan como se esperasse algum tipo de resposta. Dylan assentiu. Suas calças jeans e cueca molhadas grudavam em sua pele, o jeans ficando cada vez mais frio e desconfortável a cada segundo.

John continuou como se estivessem tendo uma conversa normal. “E é aí que você entra. Não vou julgá-lo por ter dormido com todos os alfas que conseguiu encontrar – tenho certeza de que você é um rapaz muito bom – mas o resultado do seu comportamento promíscuo é que tenho dois alfas obstinados que preciso incorporar à minha matilha, ambos com hierarquia superior à do meu filho. Você entende o que isso significa?”

"Não, senhor", disse Dylan. Ele não tinha a mínima ideia do que estava acontecendo.

John sorriu, com uma expressão encantadora, mas acompanhada por um

olhar vazio que deixou Dylan arrepiado.

"Alfa."

"O quê?" perguntou Dylan, confuso.

“Você não me chama *de senhor* , você me chama de alfa.”

Dylan quase se mijou de novo.

“Sim, alfa.”

“Bom garoto. Agora, vou te dizer o que isso significa. Significa que Ryker Sterling pode tentar assumir o comando da minha matilha.” O sorriso fácil de John deu lugar a uma expressão fria e dura. “Eu não quero Ryker Sterling no comando da minha matilha.”

Dylan recostou-se na cadeira, o olhar de John o perfurando e fazendo-o desejar que a terra se abrisse e o engolisse.

“William diz que Sterling é consideravelmente menos dominante do que eu”, disse Marcus, com a voz cuidadosamente neutra. “Ele está algures entre mim e Steve.”

Dylan ficou aliviado quando a atenção de John foi desviada para seu filho.

“Ó William, apesar de eu o amar muito, é um beta. Ele não sabe dessas coisas. Não dá para saber quem vai sair vitorioso até que a luta comece de verdade”, zombou John.

Dylan não achava que Ryker quisesse assumir o comando de uma matilha, muito menos da matilha do Alasca. No entanto, após seu último comentário ter gerado uma reação tão extrema, ele decidiu não expressar mais sua opinião.

Marcus cruzou os braços e encarou o pai de frente. "Você está sendo hipócrita."

"Sério?" John olhou para o filho, o ar entre eles tenso. Ele estava sorrindo com o mesmo sorriso que havia dado a Dylan depois de sacudi-lo e dizer que queria esmagar seu cérebro. "Como assim?"

“Você não tem esse problema porque Dylan dormiu com Steve. Você tem esse problema porque fez birra quando ele não quis o que você tinha planejado para ele. Você não confiou em si mesma o suficiente para não descontar sua raiva nele e machucá-lo por desafiá-la, então o mandou embora. Se você tivesse ao menos um pouco de autocontrole, nada disso teria acontecido. Steve estaria aqui, nós nem saberíamos que Dylan existia, e não teríamos dois alfas para convidar para a nossa matilha.” Ele apontou o dedo acusador para o pai. “E você nem está um pouco preocupada que Ryker Sterling seja mais dominante do que eu – você sabe que ele não é – você está preocupada que Steve tente deixar a nossa matilha e se juntar à dele.”

John ficou paralisado, encarando o filho com raiva. Dylan se perguntou se estava imaginando coisas ou se os dentes de John estavam ficando mais afiados.

“Ele não faria isso.”

"Talvez ele queira."

Um rugido ensurdecedor irrompeu do peito de John, sua fúria explodindo quando ele saltou da cadeira e atacou o filho.

Dylan observou, horrorizado e incrédulo, a transformação do corpo de John. Do momento em que saiu do sofá até ficar de pé, seu rosto se distorceu e seu corpo inchou a proporções monstruosas. Suas calças jeans e camisa se romperam nas costuras – suas coxas, braços e ombros se esticaram e engrossaram –

enquanto suas botas foram rasgadas por seus pés repentinamente enormes, semelhantes aos de um lobo.

Dylan prendeu a respiração. Recostou-se na poltrona, tentando se tornar invisível, e observou, em choque, o corpo de Marcus sofrer uma transformação semelhante, bem a tempo de receber o ataque do pai.

Os dois lobisomens se encontraram num choque feroz de dentes e garras, a violência desenfreada, sangue jorrando enquanto se dilaceravam com brutalidade pura. A parte do antigo cérebro reptiliano de Dylan que se lembrava do que era ser presa despertou, gritando para que ele congelasse e permanecesse escondido a qualquer custo.

Após um minuto que pareceu durar uma eternidade, a luta terminou com os dois alfas rolando no chão, seus rosnados raivosos se transformando em grunhidos esforçados enquanto cada um lutava para levar a melhor.

Dylan ficou paralisado de medo, sem sequer respirar.

John finalmente conseguiu virar Marcus de bruços. Por um segundo, pareceu que Marcus conseguiria virá-los novamente e voltar a ficar por cima, mas então John o empurrou para baixo com um rugido de força e cravou os dentes na nuca dele, imobilizando-o.

Por um instante, Dylan pensou que o havia matado. Seu coração disparou, o som de sua pulsação ecoando em seus ouvidos, a visão da besta horrenda mordendo o pescoço de Marcus ficou gravada em sua mente, certamente lhe causando pesadelos pelo resto da vida.

Mas Marcus não estava morto. Ele soltou um grunhido irritado, o som fazendo Dylan se encolher de alívio, e John o soltou. O alfa vencedor se levantou, limpando a boca com o dorso da mão com garras, olhando para o corpo de Marcus com um sorriso de desprezo.

“Você precisa trabalhar na sua velocidade.”

Marcus colocou a palma da mão no chão e se impulsionou para ficar de pé, sacudindo a poeira da frente da camisa.

“Você também”, disse ele, com desdém. Olhou o pai de cima a baixo. “Você é um desastre. Por que não me impediu quando fui pegar seu rim?”

Marcus tinha razão, Dylan percebeu. Apesar de ter vencido a luta, John estava em condições muito piores do que seu filho. Seu lado estava dilacerado, expondo suas costelas, e seu bíceps direito parecia ter sido partido ao meio.

Dylan teve que fechar os olhos para não vomitar.

"Eu ganhei", rosnou John, na defensiva.

"Desta vez."

Os dois lobisomens transformados se encararam, com dois metros e meio de altura e parecendo exatamente os monstros sobre os quais os humanos costumavam alertar seus filhos em histórias para dormir e contos de fadas, e Dylan se preparou para que a luta recomeçasse.

Não aconteceu. Em vez disso, Dylan observou as horríveis feridas de John cicatrizarem em tempo real e sua pele se regenerar. Seu corpo encolheu, as proporções monstruosas dando lugar a algo mais humano, e seu rosto voltou ao normal.

Depois que seu pai voltou à forma humana, Marcus fez o mesmo, embora sua transformação tenha sido muito mais rápida. Parecia haver algum significado

nisso, a julgar pela careta que John fez.

"Você estava se segurando?", rosnou John, acusando-o.

“Eu estava lutando com inteligência”, disse Marcus. Ele se virou para Dylan, dando as costas para o pai. “Tem um banheiro no fim do corredor. Vá tomar um banho rápido e eu deixo uma muda de roupa esperando por você lá fora. Quando terminar, a gente dá um jeito de te levar para casa antes que isso vire uma confusão ainda maior do que já está.”

Dylan piscou. "Nós vamos?"

“Não. Ele vai-”

Marcus se virou para o pai e ergueu a mão, interrompendo-o. "Pai, você não está em condições de lidar com isso. Deixe que eu resolva. Por favor?"

As narinas de John dilataram-se, seus braços ficaram tensos ao lado do corpo enquanto ele encarava o filho.

"Não vou deixar ninguém mais ficar com o Steve, você sabe disso. Ele é meu irmãozinho. Confie em mim, eu sei o que estou fazendo."

As palavras pareceram surtir efeito em John. Ele relaxou os ombros e parou de encarar, parecendo apenas descontente.

“Tudo bem. Contanto que Steve volte para casa e se comporte, podemos fazer do seu jeito.” Ele caminhou a passos largos em direção à porta que dava para fora do apartamento. Antes de virar a esquina, olhou por cima do ombro e estreitou os olhos. “Se ele não se comportar, faremos do meu jeito.”

Marcus assentiu com a cabeça, e John desapareceu na esquina. Quando ouviram a porta do apartamento abrir e fechar, Marcus e Dylan relaxaram.

Com a partida de John, a sala de estar de repente pareceu duas vezes maior, e Dylan achou muito mais fácil respirar. Ele nunca havia conhecido ninguém com uma aura tão ameaçadoramente opressiva.

“O chuveiro é lá embaixo”, disse Marcus, com uma voz cansada que não demonstrava quando conversava com o pai. Ele apontou para um corredor que levava para o interior do apartamento, passando por uma pequena cozinha.

Dylan hesitou. "Será que eu posso mesmo ir para casa?"

“Provavelmente.” Marcus deu de ombros. “Depende do Steve e dos seus alfas.”

“Mas você disse-”

“Eu sei o que eu disse.” Marcus sentou-se no sofá e cruzou os braços, suas calças jeans rasgadas expondo suas coxas e parte de seu grosso pênis. “E acho que posso fazer isso acontecer, mas se seus alfas fizeram alguma besteira, as coisas podem ficar um pouco complicadas.”

Dylan manteve o olhar fixo acima do peito de Marcus quando perguntou: "Estúpido como?"

“Para começar, vou fazer meus irmãos de reféns para te resgatar, ou envolver o conselho alfa.” Marcus recostou-se, movendo a cabeça de um lado para o outro como se estivesse aliviando uma tensão no pescoço. Abriu as pernas, sobressaltando-se ao olhar para baixo e perceber que estava se expondo. Agindo com naturalidade, pegou um travesseiro e o colocou no colo. “Caso contrário, devemos conseguir negociar alguma solução para essa confusão.”

“Podemos ligar para eles?”

“Sim.” Marcus olhou para as calças jeans sujas de Dylan. “Esse é o plano.

Quer tomar um banho primeiro?”

Dylan não concordou. Ele podia ficar sentado na própria urina se isso significasse poder ir para casa mais cedo. Ele balançou a cabeça negativamente.

“Tudo bem. Vamos ligar para o Steve primeiro.” Marcus lançou-lhe um olhar severo. “Você estaria disposto a deixar o Steve reivindicá-lo?”

Dylan pensou por um minuto, sem querer simplesmente dizer sim, mas depois de um tempo, assentiu. Ele já era o ômega de Steve. Esse era um vínculo muito mais forte do que ser reivindicado, pelo menos da parte dele.

Além disso, ele gostava do Steve e sabia que o Ryker e o August também gostavam dele.

“Ótimo.” Marcus enfiou a mão no bolso da calça jeans e tirou um celular, fazendo uma careta ao ver que estava torto em um ângulo de trinta graus e que a tela estava estilhaçada. Tentou ligá-lo, mas nada aconteceu. “Celular de uso militar, uma ova”, resmungou, jogando-o para o outro lado do sofá. Estendeu a mão. “Me dá o seu.”

Dylan estendeu a mão para pegar o objeto, mas logo se lembrou de que Bruce o havia levado. Ele estava prestes a se explicar quando Marcus o dispensou com um gesto de mão.

“Eu sei, eu sei, eles pegaram seu celular quando te buscaram no aeroporto.” Ele se levantou do sofá com um grunhido irritado. “Vá tomar banho enquanto eu procuro um novo.”

Dylan observou Marcus sair da sala, deixando-o sozinho pela primeira vez desde o sequestro. Seu coração começou a disparar e, mais uma vez, a certeza de que deveria tentar escapar o invadiu.

Ele reprimiu o sentimento. Não havia para onde ir, e mesmo que houvesse, tinha certeza de que seria caçado em minutos e levado de volta nas mandíbulas de algum monstro de quase três metros.

Dylan nem cogitaria fugir, decidiu. Não até ouvir o que Steve tinha a dizer. Em vez disso, faria como Marcus havia instruído e tomaria um banho. Levantou-se, com as pernas bambas, e caminhou pelo corredor. Contornou a parte ensanguentada do chão onde a briga havia acontecido, o cheiro de cobre lhe causando ânsia de vômito, e correu o último trecho até o banheiro.

Ele bateu a porta com força e trancou a fechadura.

Tentando não pensar em nada, Dylan tirou a roupa e entrou no chuveiro. Enquanto se lavava, não conseguia parar de pensar na briga que presenciara. A imagem do momento em que John mordeu o pescoço de Marcus voltava à sua mente, gravada em seu cérebro. Pelo jeito que os dentes de John cravaram na carne do filho, Dylan teve certeza de que seria uma mordida fatal.

Ele nunca havia sentido tanto medo em toda a sua vida.

Uma batida na porta o despertou de seus pensamentos. Ele se virou e escorregou, batendo com o cotovelo na parede e caindo de bunda no chão.

“Trouxe roupas para você”, disse Marcus do outro lado da porta. Como não obteve resposta, perguntou: “Você está bem aí dentro?”

Dylan parou um instante para avaliar o próprio corpo. Seu cotovelo estava roxo, mas ele não estava ferido. Levantou-se e desligou o chuveiro.

"Estou bem", ele respondeu.

“Suas roupas estão bem ao lado da porta. Conversaremos na cozinha quando

você terminar.”

Dylan saiu do chuveiro e se secou. Enrolou a toalha na cintura e abriu a porta, agachando-se para pegar as roupas que haviam sido deixadas ali para ele.

Para sua surpresa, a camiseta e a calça de moletom eram do seu tamanho. Ele as vestiu e então passou um minuto se preparando para sair do banheiro. Seu coração ainda estava acelerado, e a ideia de deixar a relativa segurança do banheiro quente e úmido o encheu de pavor.

Dizendo a si mesmo para se recompor, Dylan empurrou a porta e saiu do banheiro. O corredor estava frio em comparação com o banheiro quente, e Dylan estremeceu. Ele cruzou os braços e voltou para a cozinha.

Marcus estava em frente à geladeira, de costas para Dylan, enquanto se inclinava para procurar algo na prateleira de baixo. Ele havia trocado de roupa, vestindo uma calça de moletom e uma regata; o algodão macio da calça apertava suas nádegas musculosas, revelando a parte inferior do volume em sua calça.

Ele usava meias de lã que pareciam ter sido tricotadas à mão.

"Tenho suco, se você quiser?", disse Marcus, levantando-se e se virando. Ele estendeu uma caixa com um logotipo familiar.

"Estou bem", disse Dylan. Ele permaneceu perto da porta, observando os dedos de Marcus enquanto eles seguravam a caixa de papelão.

Havia sangue debaixo de suas unhas.

Marcus deu de ombros. "Como quiser." Ele levou a jarra à boca e a bebeu de uma vez. Quando terminou, soltou um suspiro de satisfação e limpou o fundo da boca. Colocou a caixa no balcão e se virou para Dylan.

“Vamos ligar para o meu irmãozinho e resolver isso.”

Dylan assentiu com a cabeça, permanecendo no mesmo lugar enquanto Marcus se sentava à pequena mesa ao lado da janela. Ele observou o alfa pegar um iPhone e discar um número. Depois de levar o telefone ao ouvido, Marcus olhou para Dylan e o chamou com um gesto de mão.

“Venha, sente-se”, disse ele, usando o pé para empurrar a cadeira à sua frente para longe da mesa.

Dylan aproximou-se e sentou-se assim que a chamada foi completada. Mesmo sem o viva-voz ligado, ele conseguiu ouvir a voz de Steve quando este atendeu.

"Olá?"

Uma expressão complexa se instalou no rosto de Marcus.

“Olá, sou eu. Podemos conversar?”

Do outro lado da linha, Steve prendeu a respiração visivelmente. Um segundo se passou sem resposta, e Dylan viu Marcus abrir a boca para dizer algo quando Steve finalmente falou.

“Oi.” Steve parecia cauteloso, com a voz rouca. “Sim, claro. O que houve?”

Marcus bufou, encarando Dylan e revirando os olhos. "Qual é? Você é engraçado. Sterling e Schaffer estão aí com você?"

Steve suspirou, e Dylan desejou poder vê-lo para saber que tipo de expressão ele estava fazendo.

“Sim, eles estão aqui. Estão bastante irritados.”

O estômago de Dylan esquentou. Ele sabia que Ryker e August estariam trabalhando para trazê-lo de volta, e ficou satisfeito por ter razão.

"Nós sequestramos o parceiro deles", disse Marcus, sarcasticamente. "É claro que eles estão furiosos."

"O que o papai estava pensando?", perguntou Steve, a pergunta escapando de repente. Ele parecia mais confuso do que zangado, como se realmente não entendesse.

“Ele está pensando que não quer correr o risco de você decidir que gosta mais do Sterling do que dele”, disse Marcus. “Mas não se preocupe. Nós conversamos e ele decidiu deixar que eu resolva isso. Eles fizeram alguma besteira que possa complicar as coisas para mim?”

"Como assim, você conversou?", perguntou Steve, com um tom de suspeita justificado.

“Nós conversamos”, Marcus repetiu. “Ele admitiu que está um pouco emocionado demais em relação a você para pensar racionalmente, então está me deixando liderar o processo para te trazer de volta e resolver essa confusão com seu ômega.”

Dylan achou que descrever o que Marcus e John tinham feito como *uma simples conversa* era a coisa mais ridícula que ele já tinha ouvido.

“Não, Ryker e August não fizeram nada. Eles só vieram ver se eu sabia o que estava acontecendo. Tenho tentado entrar em contato com meu pai.”

Marcus suspirou. "Ele não tem usado o telefone. Diz que só quer se comunicar pessoalmente."

"Bem, isso é estúpido", disse Steve.

“Eu sei, mas você sabe como ele é.” Marcus tamborilou os dedos na superfície da mesa da cozinha, com uma expressão séria. “Ele não tem estado muito bem desde que você foi embora. Ficou abalado quando você o desafiou.”

“Ele não deveria ter feito isso-”

"Eu sei", disse Marcus, interrompendo a resposta irritada de Steve. "Mas ele não achou que você escolheria ir embora."

"Ele não cancelou meu fundo fiduciário", disse Steve, hesitante. "Achei que era assim que ele estava me mostrando que eu poderia voltar, se quisesse."

Marcus esfregou os olhos, recostando-se na cadeira com uma expressão de quem não conseguia acreditar que seu irmãozinho fosse tão lerdo. "Steve, duvido que ele sequer se lembre que você tem um fundo fiduciário. Posso garantir que ele não estava te mandando mensagens secretas através das suas finanças."

"Ah." Steve parecia arrasado. "Isso significa que eu não posso voltar para casa?"

Marcus soltou um suspiro lento.

“Steve, você nunca deveria ter ido embora. É claro que você pode voltar para casa.”

“Mas papai disse para não fazer isso.”

Marcus olhou para o teto como se estivesse rezando por paciência.

“Steve, esqueça o ultimato do papai, tá bom? Você tem noção de quão perto você chegou de brigar de verdade com ele?”

A pergunta não teria significado muito para Dylan algumas horas atrás, mas agora o enchia de pavor.

“Meu pai não *brigaria* comigo”, disse Steve, com voz desdenhosa. “Não é sério. Ele sabe que eu não tenho perfil de líder da matilha.”

“Você foi contra ele”, disse Marcus, e Dylan recuou ao perceber a fúria repentina em sua voz. “Ele lhe deu uma ordem como seu alfa, e você se opôs. Você tem sorte de ele não ter arrancado sua garganta.”

"Ele não faria isso!" exclamou Steve.

“Naquele momento, quando você questionou a decisão dele, ele quis. Eu não o via tão perto de perder o controle desde que ele e a mamãe se separaram. Eu sei que você não se lembra disso, mas foi muito ruim, Steve. Nosso pai não é uma pessoa estável e sã. Que diabos você estava pensando ao dizer a ele que ia deixar a matilha?”

"Ele me mandou fazer isso!", exclamou Steve, explodindo.

Marcus rosnou, e Dylan empurrou a cadeira para mais longe da mesa. Marcus não era tão assustador quanto o pai, mas ainda assim era aterrorizante quando rosnava. O som era tão profundo que Dylan podia senti-lo nos ossos.

“Ele não fez por mal”, disse Marcus, como se estivesse dando uma bronca em uma criança pequena. “Você tem ideia de quantas vezes eu tive que provocá-lo nos últimos quatro meses, só para que ele redirecionasse sua energia de te caçar para lidar comigo?”

“Você não precisava fazer isso-”

"Sim, eu fiz, seu idiota!" Marcus bateu com o punho na mesa, rachando-a ao meio. Uma metade atingiu o pé de Dylan, mas ele conteve o grito de dor. Marcus rosnava alto agora. "Eu tive que fazer isso, ou ele teria te caçado e te arrastado para casa. Você não consegue lidar com ele como eu consigo."

“Se ele não queria que eu trabalhasse, por que me deixou ir à escola?”, perguntou Steve, agressivo e se recusando a desistir. “Qual era o sentido?”

“A questão é que você deveria ter vindo falar comigo”, disse Marcus, com a voz baixa e furiosa. “Eu teria resolvido tudo com o papai e conseguido o que você queria. Que diabos te fez pensar que você podia entrar em confronto com ele sobre o seu papel na matilha? Ele é o nosso *alfa* , seu imbecil. Você não o desafia. Você se adapta a ele, ou melhor ainda, deixa que eu resolva. Se você tivesse vindo falar comigo, eu teria resolvido tudo, como fiz quando você quis ir para a escola.”

O silêncio de Steve em resposta era obstinado.

Marcus respirou fundo e se obrigou a se acalmar. "Eu ainda posso consertar isso, se você me deixar."

"Certo", disse Steve, com um tom de repreensão. "O que eu tenho que fazer?"

Os ombros de Marcus relaxaram. Ele parecia aliviado por Steve finalmente ter entendido a gravidade do erro que havia cometido.

“Sterling e Schaffer se juntam à nossa matilha, e reivindicamos a terra entre o território deles e o nosso. Instalamos Sterling como vice-alfa da nova parte do nosso território e mantemos você lá para monitorá-lo.”

Ouvia-se um ruído vindo da outra extremidade da linha, e então, de repente, Dylan ouviu a voz de Ryker.

"Você está louco?" Ryker sibilou, furioso. "Você quer reivindicar metade de Montana?"

Marcus parecia cansado e presunçoso. "Sim."

“A matilha de Chicago considerará isso um ato de guerra.”

“Já conversei com eles sobre isso. O chefe deles me deve um favor, e essa foi a minha forma de cobrar. Além disso, eles sabem que não temos interesse em Chicago. Ninguém está contestando as fronteiras originais.”

"Você está louco." Ryker parecia estar à beira de um ataque de pânico. "Este é território neutro!"

“E continuará sendo assim, exceto pela parte que você já reivindicou e tudo ao norte dela.” Marcus umedeceu os lábios. “E onde estava essa obsessão por território neutro quando você simplesmente declarou toda a parte norte da reserva como sua?”

“Eu não…” Ryker se interrompeu, constrangido com a contestação de suas ações. “Aquilo foi só para a lua cheia! E eu não reivindiquei oficialmente. É natural que…”

“É natural que os alfas reivindiquem território, sim, concordo”, interrompeu Marcus. “Então, eis o que quero que aconteça. Você virá para cá, para Fairbanks, onde você e seu companheiro se juntarão oficialmente à nossa matilha. Você e Schaffer se compararão à nossa hierarquia e verão onde se encaixam. Pelo que minhas fontes me dizem, você terá uma posição alta o suficiente para merecer o cargo de vice-alfa de um território externo. Como você também será o companheiro do meu irmão mais novo, ninguém questionará por que lhe demos uma posição tão favorável. Assim que você e seu companheiro forem integrados à nossa matilha e se unirem a Steve, os três poderão voltar para casa com seu ômega e viver felizes para sempre. Isso lhe parece aceitável?”

"Não!"

“Então eu fico com o ômega do Steve aqui, o Steve volta para casa, e vocês quatro podem chegar a um acordo que não envolva você ou seu parceiro violando as fronteiras da minha alcateia.”

Ryker não disse nada, mas Dylan sabia que ele ainda estava na linha pelo som de sua respiração ofegante.

"Eu me esforcei muito, Sterling", disse Marcus, com voz severa. "Muito *mesmo* . Assim, todos conseguem o que querem."

Ryker fez um som de desprezo. "Você mais do que ninguém. Há quanto tempo você está planejando isso?"

Dylan piscou, olhando para Marcus com surpresa. Ryker estava dando a entender que aquilo era algum tipo de plano.

“Já que você o convidou para correr com você na lua cheia e ele aceitou.” Marcus parecia cansado. “Isso não é nenhum plano para expandir meu território, Sterling. Se quiséssemos a metade norte de Montana, já teríamos tomado. Eu só quero que Steve seja feliz, e se for preciso para vivermos juntos, então é isso que eu vou fazer acontecer.”

“E se eu disser não, e mantiver William e Steve aqui até você devolver Dylan?”

Mesmo para o ouvido inexperiente de Dylan, parecia que Ryker estava blefando. Marcus riu.

“Você não vai fazer isso.”

"Não vou?" Ryker estava hesitante.

“Não, e já que em breve seremos família, terei a cortesia de não listar todos os motivos pelos quais você não quer me testar. Agora, temos um acordo?”

Marcus olhou para Dylan, dando-lhe um sorriso como se tudo fosse ficar bem. Observando-o detalhar seu plano, Dylan se viu inclinado a acreditar nele.

Marcus talvez não esperasse que seu pai sequestrasse Dylan, mas ele havia elaborado um plano que resolveu todos os seus problemas.

Dylan se perguntou por que não havia contado ao pai sobre aquilo.

“Preciso falar com o Steve. Você terá minha resposta em alguns minutos.”

“Quero sua resposta agora”, disse Marcus, com a voz endurecida.

“Você pode me dar dez minutos. Agora, por favor, passe o telefone para Dylan, August quer falar com ele.”

Marcus ponderou o pedido e, em seguida, soltou uma risadinha.

“Gosto de você, Sterling. Acho que vamos trabalhar muito bem juntos. Vou passar o telefone para o seu rapaz.”

Ele entregou o telefone para Dylan.

"Alô?", disse Dylan, com a voz trêmula.

"Eles te trataram bem?", perguntou Ryker, com a voz rouca e carregada de emoção.

"Sim", disse Dylan, fazendo Marcus acenar com a cabeça em aprovação. "Eles simplesmente levaram meu celular."

“O que você acha do plano de Marcus?”

Marcus estreitou os olhos para ele e Dylan engoliu em seco.

"Gosto do Steve", disse ele, a única parte do plano que lhe importava. Ele não entendia o suficiente de política de lobisomens para saber se o resto era uma boa ideia ou uma grande confusão.

“Essa é a parte importante”, disse Ryker. “Espere um pouco, vou deixar você falar com August.”

Dylan não conseguiu dizer uma palavra antes que o telefone passasse de mão em mão e a voz de August estivesse em seu ouvido.

“E aí, Dylan. Como você está?”

A pergunta fez Dylan sentir vontade de chorar, mas ele se conteve. "Estou bem", disse ele, desejando que August e Ryker estivessem ali com ele. Marcus parecia ter boas intenções, mas era assustador demais.

Ele queria seus alfas.

"Você estará em casa rapidinho", disse August. "Só precisa aguentar mais um pouquinho enquanto Ryker e o irmão do Steve acertam os detalhes."

"Eu consigo fazer isso", disse Dylan, sentindo-se mais calmo. Ele respirou fundo, buscando se fortalecer. "Como você e Ryker estão?"

August deu uma risada, mas era um som de exaustão, sem qualquer humor. "Estávamos bastante preocupados com você, mas Steve nos garantiu que Marcus não deixaria nada acontecer com você."

A maneira como August pronunciou as palavras transformou-as em uma pergunta.

“Ele não fez isso”, confirmou Dylan.

O pai de Marcus o agarrou e o ameaçou para que se submetesse, mas não o machucou.

“Que bom.” August murmurou e então voltou com uma pergunta. “Ryker quer saber, com que frequência teremos que participar de corridas em grupo?”

“Duas vezes por ano”, disse Marcus. Ele se levantou, abaixou-se, pegou a

mesa quebrada e empilhou os pedaços uns sobre os outros. “Temos jatos particulares, então não é tão complicado quanto você imagina. Além disso, nossas luas cheias são muito mais confortáveis que as suas, como tenho certeza que Steve já lhe disse.”

August bufou com desdém. "Ele pode ter mencionado algo sobre cabanas aquecidas e trazer carne do supermercado."

O comentário fez Marcus rir. "É verdade. Gostamos do nosso conforto."

"Seu bando é muito rico?" perguntou Dylan, recuando os pés quando Marcus pegou um pedaço da mesa ao lado de sua cadeira. Ele não associava lobisomens a jatos particulares, embora a casa e a cidade em que se encontravam agora demonstrassem uma grande riqueza. Esperava que a pergunta não fosse inadequada.

Marcus deu um sorriso irônico, levantou-se e colocou as peças da mesa no balcão antes de se virar para encará-lo.

“Somos donos de várias empresas, incluindo a que financia seu mestrado.” Dylan franziu a testa, surpreso. “Também temos uma carteira de ações avaliada em quase um bilhão de dólares. E, para responder à outra pergunta de Ryker, não, ele e August não precisariam abrir mão de seus consultórios e investimentos, embora devessem contribuir com 20% de sua renda para o fundo de investimentos do grupo.”

"Isso é normal", disse August, defendendo a contragosto a mochila de Steve para Dylan, como se tivesse questionado o número. "Um pouco acima da média, mas nada absurdo."

“Somos muito razoáveis”, concordou Marcus.

Dylan ouviu Ryker conversando com August ao fundo, mas não conseguiu entender o que ele estava dizendo.

“Dylan, você pode passar o Marcus de volta para a linha?” disse August, parecendo distraído. “Ryker quer falar com ele.”

"Certo", disse Dylan. Ele devolveu o telefone para Marcus, que o levou ao ouvido com uma expressão expectante no rosto.

"E então?", disse Marcus.

"Aceitamos", disse Ryker, com sua voz fina e seca. A expressão de Marcus se iluminou com um ar de alívio e satisfação.

“São ótimas notícias, Ryker. Estou ansioso para receber você e seu companheiro em nossa matilha e para enfrentá-los para determinar seu lugar na hierarquia. Tenho certeza de que vocês serão um desafio à altura.”

"Pode me enviar o roteiro da expedição?" perguntou Ryker. "Não quero nenhuma surpresa quando chegar lá."

"Claro, mais alguma coisa?" perguntou Marcus, pegando um bloco de notas na geladeira e caminhando até a bancada da cozinha. Ele se inclinou, pronto para fazer anotações.

Dylan o viu escrever mais algumas coisas, mas não conseguiu entender o que Ryker estava dizendo quando Marcus estava tão longe dele.

“Tudo parece razoável. Vou mandar o jato vir buscá-lo amanhã de manhã, ou isso é muito cedo?”

É melhor que não seja, pensou Dylan com uma pontada de raiva feroz.

“Ótimo. Entrarei em contato e nos vemos amanhã.” Marcus se levantou e se

virou. “Vou te passar para o Dylan.”

Ele abaixou o telefone, mas antes de entregá-lo, apertou o botão de silenciar. Dylan ficou imediatamente em alerta.

“Você quer que eu te hospede em um hotel esta noite?”

Não era isso que Dylan esperava. "O quê?"

"Pensei que você talvez quisesse ficar em algum lugar neutro até meu irmão e seus amigos chegarem, ou estou enganado?"

Dylan balançou a cabeça. A ideia de se livrar dos lobisomens assustadores por uma noite parecia um sonho. "Não, eu gostaria disso. Obrigado."

Marcus assentiu com a cabeça. "Vou pedir para o Bruce te levar até a cidade e te deixar lá. Você pode ficar por lá e depois o Steve e os outros podem te buscar no caminho do aeroporto."

"Seu pai vai concordar com esse plano?" perguntou Dylan, repentinamente preocupado. Um segundo depois, ele se deu conta de que, se deixasse Steve reivindicá-lo, John Miller seria seu sogro lobisomem.

O pensamento era horrível.

Marcus hesitou, mas depois assentiu. "Ele vai entender, assim que eu conversar com ele e o fizer perceber que este é o melhor caminho a seguir."

Dylan apertou os olhos, na esperança de que, quando Marcus dissesse "conversar", ele realmente quisesse dizer "conversar" e não uma repetição da carnificina da sala de estar. Marcus deve ter percebido seu desconforto, porque sorriu. "Não se preocupe. Eu sei lidar com meu pai."

Dylan esperava estar certo.

AGOSTO

Você ainda está bravo(a) comigo?

August olhou para a pergunta de William ao irmão, observando uma mistura de sentimentos passar pelo rosto de Steve enquanto ele ponderava a questão. Eles estavam a caminho de Fairbanks, os quatro sentados no luxuoso interior de um jato particular pertencente à alcateia Northwestern, e o clima era tenso.

August não tinha conseguido dormir muito no pouco tempo que tiveram de volta ao apartamento antes de partirem para pegar o voo. Conversar com Dylan depois que ele chegou ao quarto do hotel e ver que ele estava bem foi o que finalmente permitiu que ele e Ryker descansassem por algumas horas.

"Estou desapontado com a situação", disse Steve finalmente. Ele olhava pela janela, contemplando as montanhas lá embaixo. Virou-se para William. "Eu sei que você não queria me enganar."

William estremeceu como se tivesse levado um soco.

"Você *está* bravo comigo", reclamou ele, fazendo Steve franzir a boca em um gesto de desagrado.

August queria dar um tapa nos dois. Em Steve, por tê-los arrastado para o seu drama pessoal e por fazer August se importar com ele, contrariando seu bom senso, e em William, porque ele era um pirralho irritante.

“Estou com raiva da situação. Não estou com raiva de você.”

William não parecia acreditar nele, mas, pensando bem, August também não. Steve podia achar que *não deveria* estar zangado com o irmão, mas era óbvio que se sentia traído e que estava furioso por causa disso.

William abriu a boca para dizer algo mais, mas fechou-a quando Ryker se levantou repentinamente e caminhou pelo corredor.

"Aonde você vai?" perguntou August, mantendo a voz neutra. Desde que Ryker concordara em se juntar à matilha de Steve e lutar por seu lugar na hierarquia, um foco preciso o dominara. Era intimidante, e se August não estivesse tão estressado com Dylan, teria achado incrivelmente atraente.

"Em lugar nenhum", disse Ryker, girando os ombros e esticando os braços. Ele olhou para Steve. "As lutas vão acontecer hoje?"

Steve pareceu pego de surpresa ao ser interpelado. Ele se remexeu sob o olhar intenso de Ryker, acabando por dar de ombros, impotente.

"Não sei", disse ele, engolindo em seco quando Ryker estreitou os olhos. "Acho que todos os alfas distritais precisam estar lá, então isso pode levar um ou dois dias, e nada pode acontecer até que meu pai tenha reivindicado você e August e os aceitado na matilha."

O nariz de Ryker se enrugou em desagrado com a ideia de ser reivindicado, embora August soubesse que, no fim, ambos ficariam bem com isso. Nenhum dos dois tinha ambições de ser um verdadeiro alfa da matilha – apesar de Ryker tecnicamente liderar sua pequena matilha de dois indivíduos – e, contanto que pudessem ficar juntos, não haveria problema em pertencerem a outra matilha.

Quando eram mais jovens, Ryker se incomodava com a ideia de se submeter a um alfa que pudesse ser mais fraco do que ele, mas ao mesmo tempo não queria desafiar ninguém pela liderança. Isso, somado ao fato de seus pais serem contra o relacionamento, tornou mais fácil simplesmente ir embora.

Com a matilha do Noroeste, as coisas seriam diferentes. Não haveria dúvidas de que o alfa a quem se submetiam era mais fraco e, embora ele pudesse ter a reputação de ser completamente desequilibrado ao lidar com o mundo exterior, todos concordavam que ele tratava bem sua matilha.

"Poderei me transformar?" perguntou Ryker, flexionando os dedos.

“Se você é capaz de mudar de forma, espera-se que o faça.” Steve mordeu o lábio. “Você é capaz, não é?”

Em vez de se ofender, Ryker deixou um sorriso presunçoso surgir em seus lábios. "Eu posso, sim."

Steve pareceu aliviado. "Ótimo. Eu também consigo, mas meu pai me ajudou a aprender quando eu era adolescente. Ele era bem rigoroso com isso."

Ryker sentou-se novamente, batendo o pé inquieto no chão. Ele olhou para August, seu olhar suavizando-se.

"Isso é inesperado, né?" Ryker cutucou o tornozelo de August com a bota. "A gente queria que o Steve entrasse na nossa matilha, e agora a gente vai entrar na dele. Que loucura."

August assentiu com a cabeça, sem ter certeza de onde Ryker queria chegar com aquilo. "Bem louco", concordou. Ele olhou para Steve, que estava olhando pela janela e corando violentamente. William, sentado ao lado dele, parecia que ia vomitar.

“Você está bem com isso?”

August inclinou a cabeça, dando à pergunta a atenção que ela merecia. Eles não tiveram muito tempo para pensar na proposta de Marcus, e não seria irracional que qualquer um dos dois estivesse com receio.

Ao analisar seus sentimentos, August percebeu que estava surpreendentemente satisfeito com o desfecho dos eventos do dia anterior. Ele estava furioso por Dylan ter sido enganado e levado a deixar a segurança do território deles, sendo feito refém pelo pai de Steve, mas o irmão mais velho de Steve havia encontrado uma solução que parecia satisfazer a todos.

O resto do mundo dos lobisomens não ficaria nada contente com a expansão da alcatéia do Noroeste para além de suas fronteiras originais, mas ninguém arriscaria uma guerra por um pedaço de território neutro e pelas terras não reclamadas que se estendiam entre ele e as fronteiras da alcatéia do Noroeste.

“Sim”, disse ele. “Mas me sentirei melhor quando tudo for oficializado e estivermos de volta em casa.”

Ryker estendeu a mão e apertou a dele antes de se recostar na cadeira e fechar os olhos. Steve pigarreou, fazendo-o abrir os olhos novamente.

"Tem algo a dizer?", perguntou August, examinando seu futuro companheiro. Ele parecia nervoso.

“Sim. Só que… eu sei que tudo isso foi imposto a você, e mesmo que você tenha que me reivindicar, não espero que você realmente me inclua em…”

"Cala a boca", interrompeu August o cachorrinho ridículo, chutando-o com a perna. "Você não vai escapar da gente tão fácil."

Steve pareceu surpreso, com os olhos arregalados.

"Você é nossa", concordou Ryker, ainda de olhos fechados, com a voz rouca e satisfeita.

Steve estremeceu, e August sabia exatamente como ele se sentia. Ouvir

Ryker falar com você naquele tom grave que ele usava quando estava sendo particularmente sincero era inebriante.

“Nós te queríamos desde o começo”, disse August, levantando-se da cadeira e ficando de pé para poder apoiar as mãos nos braços da poltrona de Steve e se inclinar sobre ele. Ao ver a sobrancelha arqueada de Steve, ele deu um sorriso de canto. “Bem, quase desde o começo. É irritantemente fácil se apegar a você.”

O rosto de Steve ficou vermelho ao ser forçado a encarar o olhar penetrante de August.

"Ah", disse Steve, engolindo em seco. "Eu só queria confirmar."

“A comunicação é importante”, concordou Ryker.

As palavras de Ryker fizeram August se lembrar de toda a confusão com Dylan, o que o fez rir baixinho. Diante do olhar interrogativo de Steve, ele se sentou novamente e pegou o celular. O Wi-Fi do avião era péssimo, mas ele conseguiu acessar o site do KinkMatch e encontrar o link para o questionário que ele, Ryker e Dylan haviam preenchido.

“Ainda não te contamos sobre o nosso mal-entendido com o Dylan, não é?”, perguntou ele, enviando o link para Steve.

Seria interessante ver como ele se sairia em comparação com eles.

"Não?", disse Steve, mexendo-se um pouco na cadeira. "Que mal-entendido?"

“Você se lembra de quando te contamos que conheci o Dylan online e conversei com ele por semanas antes de nos encontrarmos pessoalmente para fazer nosso roleplay?”

Steve assentiu com a cabeça.

"Bem, acontece que a pessoa com quem eu estava conversando não era o Dylan."

August explicou então como Dylan havia cometido um erro e ido à clínica errada para sua consulta, inadvertidamente ocupando o lugar do cara que havia deixado August esperando e se vendo, sem saber, participando de uma encenação médica.

Steve e William pareceram incrédulos.

"E ele não percebeu que você estava apenas fingindo examiná-lo?", perguntou William, franzindo o nariz em descrença.

“Eu o examinei, sim. Só que fui inadequado da parte dele.” O pênis de August pulsou ao se lembrar de ter pressionado Dylan contra seu peito enquanto auscultava seus pulmões. Quando o deixou respirar, Dylan parecia completamente embriagado. “E mesmo que estivesse confuso, ele estava ansioso para que eu fizesse o que quisesse com ele.”

"Tem certeza de que ele estava bem?", perguntou Steve, com o rosto contraído de preocupação.

“Sim”, disse August, optando por não se ofender com a pergunta. “O Dylan pode parecer todo fofo e inocente, mas ele adora ser dominado e testado. É exatamente sobre isso que trata o link que acabei de te enviar. É um questionário para vermos como nossos fetiches combinam e como não combinam. Depois de respondê-lo, você receberá uma lista de todas as coisas em que você e o Dylan têm em comum.”

Steve pegou o celular e abriu as mensagens.

“Está demorando um minuto para carregar”, disse ele, franzindo a testa para o celular. Ele olhou para cima. “Só mostra meus matches com o Dylan?”

August balançou a cabeça negativamente.

“Não, isso mostrará quaisquer pontos em comum entre você e eu, ou entre você e Ryker, e lhe dará uma lista de todas as coisas que temos em comum.”

William soltou um som de frustração e, quando todos olharam para ele, exclamou: "Podemos falar sobre isso mais tarde? Não preciso saber nada sobre o quão pervertido meu irmão é!"

Steve ficou vermelho, e quando o site do KinkMatch finalmente carregou em seu celular, ele virou a tela para longe do irmão e olhou para August.

“Ele tem razão, isso deveria ser uma conversa privada.”

"Claro", disse August, sem se importar com o que William sabia sobre sua vida sexual. "Você pode responder ao questionário quando tiver tempo."

Steve assentiu com a cabeça e passou os vinte minutos seguintes com o nariz enfiado no celular, claramente fazendo o teste. William lançou-lhe olhares de nojo de vez em quando, e quando Steve abriu a boca e começou a respirar um pouco ofegante, o jovem beta levantou-se e foi ao banheiro em sinal de protesto.

"O quê?" perguntou Steve, percebendo que August estava sorrindo para ele.

Ryker estava olhando pela janela, preparando-se mentalmente para suas próximas lutas e ignorando ambos.

"Nada", disse August, com um sorriso que se alargou. "Você fica uma gracinha quando se concentra."

Steve baixou a cabeça, corando e parecendo satisfeito. Continuou preenchendo o questionário, olhando para cima de vez em quando para ver se August ainda o observava. Cada vez que flagrava August olhando, corava.

Foi adorável.

Pouco tempo depois, William voltou do banheiro e Steve guardou o celular. August sentiu o celular vibrar e, ao checar seu e-mail, viu uma nova mensagem do KinkMatch pedindo que aceitasse o pedido de Steve para encontrar um par. Ele aceitou alegremente, olhou para seu futuro parceiro e abriu o link com os resultados.

Eles tinham muito em comum. Ao ler a lista, August ficou um pouco surpreso ao ver que Steve era meio sádico. Enquanto August havia demonstrado apenas um leve interesse em coisas como cera quente, prendedores de roupa e eletricidade, Steve havia marcado essas como um "sim" categórico. Coisas que August havia marcado como um "não" definitivo, como marcação a ferro e escarificação, Steve havia indicado como um leve interesse.

Aparentemente, Steve também tinha uma queda por jogos de asfixia. August nunca tinha entendido o apelo desse fetiche em particular, embora soubesse que Ryker ficava extremamente excitado sempre que estrangulava alguém, então não lhe era totalmente estranho.

"Nós nos damos bem", disse August, erguendo os olhos do celular assim que terminou de ler os resultados. "Embora eu não tenha certeza se Dylan algum dia deixará você marcá-lo."

"Que porra é essa?" disse William, as palavras explodindo de sua boca enquanto se virava para o irmão. "Você quer *marcar* as pessoas? Como se fossem vacas?"

Steve se contorceu, lançando um olhar de traição para August enquanto seu irmão fazia sons exagerados de ânsia de vômito.

“Não é uma marca grande”, defendeu-se Steve. “Só uma pequena, com as minhas iniciais ou algo assim.”

William se levantou de um pulo e voltou marchando para o banheiro. "Não, eu não ouvi isso. Me recuso a ter essa informação na minha cabeça. Vejo vocês quando aterrissarmos. Se algum de vocês precisar usar o banheiro, pode urinar no Steve. Tenho certeza de que ele vai gostar."

William bateu a porta do pequeno banheiro, e August caiu na gargalhada.

"Não tem graça!", sibilou Steve. Ele cruzou os braços, parecendo envergonhado.

“É um pouco engraçado”, disse Ryker, entrando na conversa. Ele lançou um olhar severo para Steve. “Você não faz nada disso com o Dylan sem a minha permissão, entendeu?”

Steve assentiu com a cabeça. "Claro."

De trás da porta do banheiro, William gritou: "Meu Deus, parem de falar disso!"

O celular de August vibrou novamente em seu bolso e, dessa vez, quando ele o tirou, viu que Dylan também havia aceitado o pedido de Steve para combinar com ele.

Ele recostou-se e observou Steve abrir nervosamente os resultados, apreciando o brilho nos olhos do alfa mais jovem e o pênis dele endurecer contra sua coxa ao perceber o quão pervertido seu novo ômega realmente era.

Quando ele terminou, as pupilas de Steve estavam completamente dilatadas e ele respirava com dificuldade.

"Alguma surpresa?" perguntou August, sorrindo ao ver o estado de excitação de Steve. Ele olhou para o lado e viu que Ryker também estava apreciando a vista, dando uma pausa na obsessão com suas próximas lutas.

"Pisando forte", disse Steve, lambendo os lábios. "Com botas."

O pênis de August se contraiu, lembrando-se de como era bom sentir Dylan sob seus pés. Ele tinha sido muito gentil – nada que se pudesse chamar de pisoteio – e ele se perguntou como seria ver Steve calçar suas botas de policial e esmagar Dylan contra o chão.

“Legal.” August colocou a mão sobre o volume na calça, apertando-o levemente. Ele não ia se masturbar com William na cabine com eles, mas se permitiria umas apalpadas rápidas. “Mais alguma coisa?”

Steve franziu a testa, olhando para o celular e rolando a tela. Depois de um minuto, ele olhou para cima com um bico confuso. "Não combinamos nos esportes aquáticos?"

August suspirou. "É, ele não curte fluidos corporais além de esperma. É uma droga, mas não há muito o que possamos fazer."

"Talvez se mostrarmos a ele como é divertido, ele mude de ideia?", sugeriu Steve.

“Não vamos fazer isso”, disse Ryker, lançando um olhar severo para Steve. “Vamos respeitar os resultados.”

Steve se encolheu, intimidado pela firmeza do tom de Ryker.

"Poderíamos-"

A porta do banheiro se abriu de repente e William, com o rosto vermelho, invadiu o corredor. "Jesus Cristo, você pode parar de falar disso? Steve, por favor, eu imploro!"

Ryker estreitou os olhos para o jovem beta, fazendo-o fechar a boca com um estalo da mandíbula e dar um passo para trás.

“Desculpe, mas isso está me deixando muito desconfortável.”

Ryker assentiu com a cabeça e olhou para Steve. "Seu irmãozinho tem razão. Não é apropriado discutir essas coisas na presença dele. Temos todo o tempo do mundo para resolver nossa vida sexual depois que Dylan voltar para casa."

"Certo", disse Steve. Ele se virou para William. "Desculpe."

William assentiu com a cabeça e voltou para o banheiro.

“Vamos falar de outra coisa”, disse August. O clima tenso entre Steve e William, que antes era engraçado, agora era desconfortável. “Conte para o Ryker sobre os alfas do distrito. Quem são eles e o que podemos esperar quando lutarmos contra eles?”

Ryker endireitou-se na cadeira e acenou com a cabeça para Steve, indicando que ele falasse.

“Bem, existem cinco distritos, e cada um tem um alfa que comanda tudo para o meu pai. O alfa de Vancouver, Odin, é provavelmente quem vai te dar mais trabalho. Ele é quase tão dominante quanto o Marcus.”

"Como ele luta?" perguntou Ryker. Ele se inclinou para frente, sua aura irradiando uma sede de violência que August raramente vira em seu companheiro.

Estava um calor infernal.

"Marcus diz que usa os dentes mais do que qualquer outro adversário que já enfrentou, mas seu lado esquerdo está fraco desde a luta contra meu pai, na qual teve o baço arrancado."

August fez uma careta, mas Ryker apenas se inclinou mais para frente.

“Fraco como?”

August recostou-se e observou Ryker interrogar Steve. Após alguns instantes, William saiu do banheiro e juntou-se ao irmão para responder às perguntas.

Foi interessante ter uma visão interna do que seria sua nova matilha. August não tinha se dado conta de quão independentes eram os alfas distritais, ou quantos lobisomens viviam nos distritos.

Perceber que quatro dos cinco alfas distritais eram mais dominantes do que o antigo alfa da sua matilha em Phoenix não foi exatamente uma surpresa, mas mostrou por que ninguém se metia com a matilha do Noroeste, mesmo quando agiam de maneiras que levariam outras matilhas à censura.

Marcus teria que ser um verdadeiro monstro para manter tudo funcionando depois de assumir o lugar do pai.

Agosto não sentia inveja dele.

RYKER

Ryker manteve a calma ao sair da van, passando pelo atendente ansioso que queria levá-lo ao balcão de check-in e seguindo direto o rastro do cheiro de seu ômega. Era como um fio dourado puxando-o do centro do peito, guiando-o pelas escadas até um corredor no terceiro andar.

August estava logo atrás dele, seguindo a mesma linha de raciocínio, mas deixando Ryker assumir a liderança.

Ao saírem da escadaria, a calma de Ryker evaporou-se. Dylan espreitava por trás da porta no final do corredor, seu topete e olhos arregalados lembrando Ryker da primeira vez que se conheceram. Só que desta vez, em vez de ficar nervoso, Dylan abriu a porta com um estrondo e correu em direção aos seus alfas com um grande grito de alívio.

Ryker o pegou, erguendo-o no ar e apertando-o contra o peito. Ele se virou para que August pudesse se juntar ao abraço, os dois apertando Dylan entre eles e o abraçando forte enquanto sussurravam palavras suaves em seu ouvido.

"Você está bem?" perguntou Ryker quando finalmente o soltaram, colocando as mãos nos ombros de Dylan e olhando em seus olhos. August permaneceu onde estava, segurando os braços de Dylan e puxando-o para trás para que pudesse se encostar em seu corpo.

Dylan não parecia ter sido ferido, mas Ryker sabia que existiam maneiras de machucar um ser humano sem deixar marcas óbvias.

"Estou bem", disse Dylan, com os olhos marejados. "Mas o pai do Steve é um tremendo idiota."

Ryker assentiu com a cabeça, enxugando as lágrimas de Dylan com os polegares e acariciando seu rosto.

“Ele é”, concordou. “Você concorda com o nosso plano de nos juntarmos à matilha dele? Porque, se não concordar, podemos fugir e pensar em outra coisa.”

Dylan se recompôs e parou de chorar. Levou a mão ao rosto e enxugou os olhos.

“Mas e o Steve?”, perguntou ele.

“Ele provavelmente teria que ficar para trás”, admitiu Ryker.

Dylan engoliu em seco e balançou a cabeça. "Eu não quero isso. Não me importo de entrar para a matilha *do Steve* , e não é como se o John fosse ser o alfa para sempre. O Marcus é bem legal."

"Ele parece decente", disse August. Ele se abaixou, encostou o nariz no cabelo de Dylan, respirou fundo e acrescentou: "Steve diz que ele é um cara legal".

“Então ficaremos”, disse Ryker. “Agora vamos sair do corredor e entrar no seu quarto. Temos algumas horas antes de termos que ir para o complexo e quero que cada um de nós venha pelo menos duas vezes antes de termos que sair.”

Ao ver os olhos de Dylan brilharem de desejo, Ryker sorriu, enfiou o polegar na boca do garoto e acariciou a parte interna de sua bochecha.

“Ele gostou da ideia”, disse August, segurando o queixo de Dylan e deslizando a mão até repousá-la sobre o pomo de Adão.

"Sim", concordou Dylan, as palavras distorcidas pelo polegar de Ryker em sua boca.

Ryker ergueu os olhos do rosto de Dylan, encontrando a expressão faminta de August com um sorriso expectante. "Nesse caso, vamos dar ao nosso ômega o que ele quer."

Ryker levou as mãos até a cintura de Dylan, ergueu-o no ar e o jogou por cima do ombro. Dylan grunhiu quando seu abdômen se chocou contra o ombro musculoso de Ryker, chutando brevemente as pernas antes que Ryker as agarrasse e as prendesse contra o peito.

"Submeta-se", rosnou Ryker, pouco antes de desferir um tapa forte na bunda de Dylan. Ele sorriu ao ver o suspiro de choque que o golpe doloroso provocou.

"Você respondeu 'sim' com toda a certeza, não foi?", perguntou ele, esfregando a bunda de Dylan onde acabara de lhe dar um tapa. Ele carregou o garoto para o quarto do hotel, apalpando-lhe a bunda enquanto esperava por uma resposta.

"Acho que sim", murmurou Dylan, parecendo nervoso.

"Você fez isso mesmo", confirmou Ryker, dando-lhe outra palmada. Ele teve o cuidado de não bater muito forte, mantendo a palmada mais brincalhona do que a anterior.

Dylan gemeu, e Ryker o deitou no chão. O volume na calça de moletom de Dylan revelava exatamente o quanto ele gostava de levar palmadas e ser manipulado.

"Você é uma vadiazinha", disse August, com voz carinhosa enquanto se abaixava e bagunçava o cabelo de Dylan. Ele o puxou para debaixo do braço e o apertou contra si. "Quer fazer um 69 comigo enquanto o Ryker enfia o dedo no seu cu?"

Dylan ficou vermelho como um tomate, virou o rosto e o pressionou contra a lateral de August antes de assentir com entusiasmo.

August encontrou o olhar de Ryker com um sorriso de lobo.

“Parece-lhe bem?”

Ryker bufou, divertido e excitado. "Claro que sim."

August soltou Dylan e abriu o zíper do casaco. Tirou-o de ombros e jogou-o no chão, chutando as botas e tirando o suéter. Quando Ryker e Dylan ficaram parados observando-o, ele revirou os olhos.

“Tirem a roupa, pessoal, vamos transar.”

Ryker riu, chutando as botas e tirando o casaco.

"Tire a roupa", disse August quando Dylan não se mexeu rápido o suficiente. Ele o agarrou pela parte de trás da camisa, puxando-o para o lado e tirando-a completamente. Em seguida, agachou-se e puxou a calça de moletom de Dylan até os pés. Deu um tapa na bunda nua dele. "Isso sim!"

August se levantou e desabotoou as calças jeans, puxando-as para baixo até as coxas e deixando seu pau duro como pedra balançar graciosamente no ar à sua frente. Ele balançou os quadris para frente e para trás, fazendo o pau bater contra a lateral das coxas com estalos secos, sorrindo ao ver como os olhos de Dylan acompanhavam o movimento do seu pau.

Ryker terminou de se despir e caminhou até a cama. Pegou a colcha e a jogou de lado, deixando apenas os lençóis limpos com um cheiro que indicava que haviam sido lavados recentemente por alguém que sabia usar água sanitária.

"Como vocês querem fazer isso?", perguntou ele, virando-se e vendo que

August e Dylan estavam completamente nus. August tinha as mãos nos ombros de Dylan e, ao ouvir a pergunta de Ryker, conduziu Dylan até a cama.

"Eu vou te mostrar", disse August, empurrando Dylan para baixo no colchão e depois o posicionando à força de modo que ele ficasse de costas, com as pernas penduradas para fora da borda do colchão, apontando para Ryker.

August pulou na cama e ficou de quatro sobre a cabeça de Dylan, deslizando para trás até que Dylan estivesse aninhado entre suas coxas, olhando para seu pênis. Ele pegou um travesseiro de trás e o empurrou sob a lombar de Dylan, levantando sua bunda, e bateu com o pênis na cara dele.

“Era exatamente isso que eu estava pensando”, disse August, agarrando as pernas de Dylan e puxando-as para cima, de modo que seus joelhos repousassem sobre o peito dele. Em seguida, ele segurou as pernas de Dylan sob os braços e se inclinou para a frente, curvando as costas para alcançar o pênis de Dylan com a boca. Ele lambeu o membro pulsante de Dylan antes de olhar para cima e sorrir para Ryker. “Viu?”

"Sim, eu aceito", disse Ryker, divertido. A bunda de Dylan estava totalmente à mostra, seu orifício se contraindo como se estivesse convidando Ryker para brincar com ele.

"Bom", disse August, fazendo uma careta enquanto levava a mão ao pênis e a apontava para os lábios de Dylan. "Abra a boca, Dylan. Colabore comigo."

Dylan ergueu o queixo, dando acesso ao pênis de August à sua boca e deixando-o deslizar por entre seus lábios.

August gemeu, com as nádegas tremendo enquanto empurrava os quadris para baixo e forçava o comprimento de seu pênis contra o fundo da garganta de Dylan.

Dylan engasgou, puxando a cabeça para longe para escapar da intrusão, mas August o perseguiu com seu pênis, alcançando-o e empurrando sua cabeça de volta para a posição antes de deslizar para dentro de sua boca novamente.

"Engole tudo", rosnou August, mantendo o pênis dentro da boca de Dylan quando ele tentou se afastar novamente. "Eu sei que o ângulo não é dos melhores, mas você aguenta."

Dylan engasgou, mas August conseguiu vencer a resistência e enfiou o pênis na garganta de Dylan. Ele abaixou o corpo, suspirando de prazer enquanto prendia a cabeça de Dylan ao colchão com o pênis. Então, com um movimento de quadril que fez Dylan soltar um som abafado de pânico, ele abocanhou o membro gotejante de Dylan e o chupou.

Ryker observava August lamber o pênis do ômega, saboreando-o e sendo propositalmente desleixado, enquanto seus quadris bombeavam o comprimento de seu membro para dentro e para fora do esôfago do garoto com pequenas estocadas bruscas que mantinham a maior parte de seu pênis enterrado e impossibilitavam Dylan de respirar.

"Você vai deixá-lo subir para respirar logo?" perguntou Ryker, agachando-se na ponta do colchão e colocando as mãos na linda bunda de Dylan. Ele apertou as nádegas, adorando o jeito como o pequeno orifício rosado piscava para ele. Acariciando o orifício com o polegar, Ryker explorou a pequena abertura e se maravilhou com o fato de algo tão pequeno poder acomodar todo o seu pênis ali dentro.

"Só um segundo", disse August, tirando a boca do pênis de Dylan e lambendo seus testículos. "Isso é tão bom."

Ryker inclinou-se e olhou para o pênis de August, que esticava os lábios de Dylan, abrindo-os bem, e não se surpreendeu ao ver o início de um nó.

Foi um milagre que August não tivesse mostrado as presas ou as garras, dado o quão agitado ele estava.

"Temos lubrificante?" perguntou Ryker, pressionando o polegar seco contra o orifício de Dylan.

"Eu não trouxe nenhum", disse August, levantando os quadris e deixando seu pênis deslizar para fora da boca de Dylan. Dylan ofegou, um fio grosso de saliva escorrendo do pênis de August e atingindo a parte interna de seu lábio.

"Dylan, você tem algum lubrificante?" perguntou August.

“Claro que não”, disse Ryker, ao mesmo tempo que Dylan balançava a cabeça negativamente. “Mas tenho uma ideia. Continue assim.”

Ryker moveu-se para o lado da cama, ficando de pé ao lado da cabeça de Dylan, o garoto ainda ofegante após ter deixado August foder sua garganta.

"Isso vai funcionar muito bem", disse Ryker, estendendo a mão e agarrando o pênis de August. Estava molhado e escorregadio com a saliva da garganta de Dylan, cobrindo a palma da mão dele com uma espessa camada de lubrificante natural. Ele enfiou os dedos da outra mão na boca de Dylan, fazendo-o engasgar e cobrindo os dedos com mais saliva.

Com as duas mãos pingando lubrificante, Ryker tinha mais do que o suficiente para começar a dedilhar o buraco de Dylan. Ele voltou à posição atrás dele, cobrindo os dedos com o lubrificante da garganta de Dylan e enfiando o indicador, o dedo médio e o anelar dentro dele.

Dylan estremeceu – três dedos era mais do que Ryker costumava usar para começar – e suas coxas tremeram quando Ryker curvou os dedos e massageou sua próstata.

"Ele se abre com tanta facilidade", refletiu Ryker, abrindo os dedos e colocando uma gota de saliva naquele orifício adorável. "Ele começa tão fechado, e depois simplesmente *cede* ."

"Ele é perfeito", concordou August, empurrando o pênis de volta para a garganta de Dylan. "Como se tivesse sido feito para nós."

August baixou a cabeça e abocanhou o pênis de Dylan, deixando sua saliva escorrer pelo períneo do garoto e cair nos dedos de Ryker, que trabalhavam para abri-lo.

"Mal posso esperar para ver o Steve acabar com ele", murmurou Ryker, puxando os dedos quase completamente para fora e depois acrescentando o mindinho quando o empurrou de volta. Com quatro dedos dentro dele, Dylan se contraiu, quase conseguindo expelir o pênis de August de sua garganta.

"Não, você não vai", rosnou August, pressionando os quadris contra o colchão e prendendo a cabeça de Dylan. Ele manteve o pênis enterrado, o nariz de Dylan aninhado em seus testículos, segurando-o e esfregando o pênis nele.

"Acho que já chega de alongamento", anunciou Ryker, levantando-se e bombeando o pênis. Estava duro como pedra, as veias saltando ao longo da haste em nítido contraste com a pele. "Gire-o para que eu possa lubrificá-lo."

August recuou, seu pênis escorregando dos lábios de Dylan com um estalo

molhado, e juntos ele e Ryker giraram Dylan até que sua cabeça estivesse pendurada na beira do colchão, bem em frente ao pênis pulsante de Ryker.

Dylan olhou para Ryker, piscando os olhos, com os olhos marejados e os lábios inchados, parecendo um anjo depravado.

Segurando a base do pênis, Ryker dobrou os joelhos e apontou-o para os lábios de Dylan. Dylan abriu a boca por instinto, a língua projetando-se para fora como um tapete de boas-vindas para facilitar a entrada do membro de Ryker.

"Vadia", Ryker resmungou, a pura submissão dos instintos de Dylan o deixando perplexo.

Ele deslizou a fenda na ponta do seu pênis sobre os lábios inchados de Dylan, cobrindo-os com uma camada brilhante de líquido pré-ejaculatório, e então o empurrou para dentro, em direção ao fundo da garganta dele.

Ele não encontrou resistência, seu pênis deslizando pela curva do palato mole de Dylan e penetrando seu esôfago como se estivesse transando com uma manga peniana.

"Puta merda", rosnou Ryker, seus quadris tremendo enquanto seus testículos batiam nos olhos e na testa de Dylan. "Que delícia, sua vadia."

August sorriu, recostando-se e acariciando o pênis com movimentos lânguidos enquanto observava Ryker foder a garganta de Dylan.

Dylan levou a mão até a coxa de Ryker, e Ryker não conseguiu distinguir se ele estava pressionando para que ele parasse ou se apenas queria tocá-lo. Ele congelou, seu pênis preenchendo a garganta de Dylan e fazendo-a inchar, e traçou o contorno de sua haste sob o pomo de Adão de Dylan.

"Mostre-me o que você faz se precisar desistir", ordenou ele, lembrando a ambos que Dylan sempre tinha uma saída caso as coisas ficassem muito difíceis.

Isso o assustou um pouco, a facilidade com que ele poderia se entregar e simplesmente *tomar* tudo o que queria de seu ômega confiante.

Dylan congelou, com a mão repousando no quadril de Ryker, e então, após um breve segundo, fez um sinal de desistência bem ensaiado.

"Isso mesmo, garoto", rosnou Ryker, colocando a mão na garganta de Dylan e apertando seu pênis, fazendo a garganta de Dylan inchar. "Faça de novo se quiser que a gente pegue mais leve com você."

Dylan moveu a mão de volta para o estômago, deixando-a repousar logo acima do seu pênis que estava vazando.

"Bom garoto." Ryker se afastou o suficiente para deixar Dylan respirar, dando-lhe a chance de encher os pulmões algumas vezes, e então procedeu a foder sua garganta de verdade.

As bolas de Ryker batiam no rosto de Dylan toda vez que ele chegava ao fundo, com tanta força que produziam um som abafado, e a sensação era incrível.

Enquanto penetrava o rosto de Dylan com força, Ryker esqueceu completamente o motivo inicial de querer enfiar o pau na boca dele. Em vez disso, observou August se deitar de bruços sobre o peito de Dylan, cobrindo-o com o corpo e imobilizando-o, e começou a lamber e chupar seu pescoço com a língua ávida.

Dylan estremeceu de repente e soltou um som abafado, levando a mão aos cabelos de August enquanto o alfa mordia sua cicatriz de acasalamento. Os

quadris de Ryker tremeram, seus dentes coçando para encontrar a cicatriz do outro lado do pescoço de Dylan e mordê-la.

Se seu pau não estivesse tão gostoso, Ryker teria deixado seus dentes fazerem o que quisessem, mas por enquanto eles teriam que esperar. Ele acelerou as estocadas, a boca de Dylan um buraco úmido para seu pau enquanto ele o penetrava na garganta como uma britadeira.

Foi só quando o nó de Ryker começou a inflar que ele se lembrou de que o motivo de querer foder a garganta de Dylan era para molhar o pau e poder dar um nó no cu dele.

"Porra, vira ele", rosnou, puxando o pênis da garganta de Dylan e fazendo o garoto engasgar em busca de ar e começar a tossir. Como August não se moveu rápido o suficiente, Ryker o empurrou para longe do peito de Dylan, virou o garoto, levantando-o e posicionando-o de forma que ficasse de joelhos, com as costas arqueadas e o ânus à mostra.

Com o pênis encharcado pelos fluidos da garganta de Dylan, Ryker mirou a glande em forma de cogumelo na entrada do ânus de Dylan e enfiou seu membro lá dentro.

Dylan gritou e tentou rastejar para longe, mas Ryker agarrou seus quadris e o levantou de volta, segurando-o no ar enquanto enfiava seu pau com força.

Bastaram algumas estocadas para que seu nó estivesse meio inflado, seu orgasmo contido pela pura força de vontade, e quando o buraco de Dylan começou a ter dificuldade em acomodar seu nó semi-formado, Ryker enfiou seu pau com força e gozou com um grunhido de satisfação.

"Toma", rosnou ele, empurrando Dylan para baixo no colchão e deitando-se sobre ele. Envolveu o pescoço de Dylan com o braço, apertando sua cabeça contra seus peitorais musculosos enquanto pressionava seu nó contra o orifício de seu ômega, preenchendo-o com jatos espessos e sucessivos de sêmen. Sussurrou em seu ouvido: "Gosta disso, querido?"

"É tão grande", gemeu Dylan, com o corpo mole e submisso.

Enquanto Ryker pressionava seu nó contra o buraco de Dylan, August rastejou até a cabeceira da cama e sentou-se à sua frente. Recostou-se na cabeceira, com o pênis pingando, e esticou as pernas de cada lado de onde Ryker e Dylan estavam deitados.

Ryker e Dylan observavam August se masturbar, e a posição deles entre as coxas de August lhes dava uma visão privilegiada enquanto ele trabalhava seu membro lubrificado.

"Porra!" August rosnou, surpreendendo Ryker e ejaculando em seu peito e estômago. Não parecia um acidente, e Ryker se perguntou por que August se masturbaria até gozar quando Dylan estava bem ali.

O pênis de August continuava jorrando grossos jatos de esperma que deixavam seus peitorais e abdômen completamente encharcados.

Dylan tentou esticar o pescoço para alcançar o pênis de August, fazendo sons de angústia porque August estava desperdiçando seu sêmen, mas com Ryker o imobilizando, não havia como ele chegar perto o suficiente para provar o esperma de August.

Ryker estava curioso para saber qual era o plano de August.

Ele obteve uma resposta quando August soltou seu pênis com uma risada,

sensível demais para continuar se masturbando, e começou a espalhar o sêmen que havia ejaculado em sua pele. Ele massageou o sêmen no peito e no abdômen como se estivesse passando hidratante, deslizando as mãos encharcadas de esperma por todo o peito e debaixo dos braços, descendo até o abdômen e cobrindo os testículos e o períneo com uma camada viscosa de sêmen.

Dylan continuava se esforçando para alcançar. Rindo baixinho, August terminou de esfregar seu sêmen na pele dele e enfiou dois dedos sujos na boca de Dylan.

Dylan gemeu, chupando a mistura de esperma e suor dos dedos de August com uma expressão de puro êxtase no rosto.

"Levante-o, por favor?" pediu August, inclinando-se para trás e cruzando as mãos atrás da cabeça. Seus bíceps saltavam, seus peitorais e axilas encharcados de sêmen à mostra.

Ryker grunhiu, irritado e excitado. O pequeno plano de August exigia que ele fizesse todo o trabalho enquanto August apenas ficaria sentado ali, deixando-se ser adorado.

"Você quer lamber ele?" perguntou Ryker, esfregando o queixo na lateral do rosto de Dylan.

"Sim, por favor", gemeu Dylan, esticando o pescoço para alcançar o corpo de August.

"Muito bem", grunhiu Ryker, divertido. Ele se ergueu até os joelhos, segurando Dylan no lugar pelo nó, e deslizou para a frente para que Dylan pudesse cair e ter acesso a toda a extensão da parte superior do corpo de August. "Pronto. Ele é todo seu."

Dylan enterrou o rosto nos peitorais de August, enfiando-o entre os músculos e lambendo-os com um gemido de puro prazer. Enquanto lambia, ele estendeu a mão e apalpou os peitorais de August, apertando os músculos carnudos com evidente deleite.

August encarou Ryker com um sorrisinho presunçoso. Ele parecia extremamente satisfeito consigo mesmo.

"Você está com tanta vontade disso", disse August, fazendo Dylan gemer de vergonha e parar de lamber. August riu. "Eu não mandei você parar." Ele empurrou a cabeça de Dylan para debaixo do braço, mergulhando-o na mistura pungente de suor e sêmen, e o segurando no lugar para que ele não pudesse escapar.

"Lamba até ficar limpo", rosnou ele, esfregando o rosto de Dylan em sua axila.

Dylan gemeu e continuou lambendo, e quando August finalmente o soltou e fez um gesto para que ele se movesse para o outro lado, seu rosto e cabelo estavam uma bagunça. Ele parecia ter tomado um banho no suor e no sêmen de August.

O nó de Ryker ainda estava firme quando Dylan terminou de lamber o peito e as axilas de August. Enquanto Dylan inclinava o pescoço para lamber o máximo de esperma possível do abdômen de August, Ryker sentiu que ainda tinha uns bons dez minutos antes de começar a murchar.

Em seus esforços para alcançar a parte inferior da barriga de August – provavelmente tentando atingir seus pelos pubianos bem aparados – Dylan

estava puxando desconfortavelmente o nó de Ryker.

“Ok, chega disso”, declarou Ryker, agarrando Dylan pelo ombro e levantando-o até o peito, afastando-o do torso de August. “Vamos te colocar numa posição melhor. Quer lamber a bunda do August?”

Dylan parou abruptamente, sem mais tentar voltar a agosto, e então começou a acenar com a cabeça freneticamente.

Ryker riu. "Vamos te girar e te colocar de costas."

Ryker voltou para a cama e virou Dylan, de modo que ficassem peito a peito. O atrito em seu nó enquanto ele o posicionava era delicioso, mas, a julgar pelo grunhido de dor que Dylan soltou, ele não estava gostando nem um pouco.

“Deita aí”, disse Ryker, inclinando-se para a frente e abaixando Dylan até o colchão, de modo que ele ficasse de costas. Assim que a nuca de Dylan tocou a cama, August se aproximou e sentou com a bunda nua no rosto dele. Ele se agachou com os pés de cada lado da cabeça de Dylan, ficando de cócoras sobre ele, a posição fazendo com que suas nádegas se abrissem e permitindo que ele colocasse seu orifício na boca de Dylan.

Dylan foi interrompido no meio da respiração, com a bunda de August o sufocando completamente.

August esfregou o traseiro com um grunhido de prazer, pressionando a cabeça de Dylan contra o colchão e deixando que ela suportasse todo o peso do seu corpo. Quando terminou, lambeu os lábios e sorriu para Ryker.

"Se divertindo?" perguntou Ryker, traçando o contorno do pênis de Dylan, onde ele segurava o nó. Dylan se mexeu, mas com August sentado em cima dele, não havia nada que pudesse fazer.

"Isso é muito bom", disse August. Ele se inclinou para a frente, e Ryker não precisou perguntar o que ele queria. Ele se inclinou para a frente também, encontrando August em um beijo apaixonado que fez seu nó latejar.

Eles se beijaram por uns bons vinte segundos, depois disso Dylan começou a dar tapinhas na coxa de August, indicando que ele precisava respirar.

"Devo deixá-lo respirar", disse August, afastando-se da boca de Ryker.

Ryker assentiu com a cabeça, inclinando-se para frente para beijá-lo novamente enquanto August levantava o quadril e deixava Dylan respirar fundo, desesperado.

Ele só conseguiu uma, e então August jogou a bunda dele de volta no rosto dele.

"Que maldade", comentou Ryker, rindo e se afastando ofegante. Ele estendeu a mão e acariciou o pênis de Dylan, o comprimento rígido pulsando contra sua palma enquanto seus dedos o envolviam. "Ele gozou enquanto você o chupava?"

August assentiu com a cabeça. "Ele fez isso."

Ryker não tinha percebido. Ele deu um tapinha na lateral de Dylan para sinalizar que queria sua atenção. August levantou o quadril, deixando Dylan encher os pulmões e recuperar o fôlego.

"Vou te masturbar enquanto o August senta no seu rosto. Ele não vai te deixar respirar até você gozar, mas você ainda pode desistir se ficar demais. Entendeu?"

Dylan ergueu o polegar, ainda respirando com dificuldade, mas demonstrando entusiasmo.

“Agosto, quando você estiver pronto.”

August sentou-se, mantendo os movimentos lentos enquanto rebolava seu traseiro musculoso de um lado para o outro e empurrava a cabeça de Dylan contra o colchão com a bunda.

"Estou pronto", disse August. Ele estendeu a mão para os mamilos de Dylan, dando-lhes um beliscão que fez Dylan apertar o nó de Ryker com mais força.

Ryker cuspiu na palma da mão e pegou o pênis de Dylan entre os dedos. Ele o masturbou lentamente, usando o polegar para esfregar a glande sensível e a veia que percorria a parte inferior da haste.

Ele adorava como conseguia enfiar todo o pau do Dylan na mão.

Após cerca de quarenta segundos, os músculos de Dylan se contraíram com a iminência do orgasmo. Sorrindo, Ryker soltou o pênis, o que resultou em uma série de movimentos bruscos que fizeram tanto ele quanto August rirem.

Dylan cerrou os punhos, apertando o nó de Ryker com força, como se estivesse tentando se vingar.

"Ok, ok, não se empolgue tanto", disse Ryker, pegando o pênis de Dylan entre os dedos. Ele girou a glande do pênis de Dylan entre eles como se estivesse tentando acender uma fogueira.

Dylan estremeceu, seus músculos abdominais se contraindo enquanto ejaculava. O primeiro jato atingiu a barriga de Dylan, mas o resto escorreu e cobriu os dedos de Ryker com uma camada pegajosa de sêmen.

Ryker continuava esfregando a cabeça do pênis de Dylan entre os dedos, rindo quando Dylan tentava chutar suas pernas e afastar sua mão.

Ele não era páreo para dois lobisomens.

August tirou o peso do rosto de Dylan, deixando-o respirar, no mesmo instante em que Ryker parou de torturar a glande sensível do seu pênis. August recuou, sentando-se e esticando as pernas novamente de cada lado do corpo de Dylan.

"Você é um tremendo idiota", resmungou Dylan assim que recuperou o fôlego. Ele encostou a testa na parte interna da coxa de August, com o pênis semi-ereto de August pendendo sobre a sua nuca.

O nó de Ryker estava começando a murchar, vazando pelo buraco de Dylan e molhando os lençóis embaixo deles.

"Eu sei", disse Ryker, puxando o nó do seu pênis para fora do buraco de Dylan. O estiramento repentino da borda fez Dylan gritar e estremecer de desconforto. "Mas você adora, não é?"

Sem demonstrar qualquer sinal de infelicidade, Dylan revirou os olhos e assentiu com a cabeça.

"Ótimo." Ryker se inclinou e o beijou, depois depositou um beijo na parte interna da coxa de August. "Porque tudo o que queremos é que você seja feliz conosco."

"Feliz e cheio de energia", concordou August, estragando o momento, mas fazendo Dylan rir.

"Eu estava sendo sincero", reclamou Ryker, deitando-se e juntando-se a Dylan entre as pernas de August. Ele agarrou Dylan, rolando-o sobre seu peito e o abraçando com força. Olhou para August, desviando o olhar de seu enorme pênis e admirando a linha impressionante de seu queixo.

"Tire um cochilo, tá bom?" disse August, inclinando-se e pegando os lençóis. Ele os colocou sobre si e Dylan, aconchegando-os. "Vocês precisam descansar. Vou ficar de guarda e acordo vocês se alguma coisa acontecer."

August tinha razão: Ryker precisava descansar para estar no seu melhor, e não havia lugar onde Ryker se sentiria mais seguro em território inimigo do que com seu companheiro. Ele fechou os olhos, tentando adormecer.

"Eu também tenho que ficar deitado aqui?" perguntou Dylan, se remexendo e fazendo Ryker apertar seus braços com mais força.

"Sim", responderam August e Ryker ao mesmo tempo.

STEVE

Após aterrissarem em Fairbanks, Steve e William se separaram de Ryker e August e seguiram em direção ao complexo da alcateia para se encontrarem com seu irmão mais velho.

Quando Steve viu Marcus, ficou paralisado de choque. Havia um enorme ferimento que percorria o lado direito do rosto do irmão, começando na testa e descendo até abaixo do queixo, com as bordas em carne viva e inflamadas.

Seu rosto devia estar dilacerado até os ossos.

"Não é tão ruim assim, né?" disse Marcus, sorrindo para eles. Ele caminhou até eles e os envolveu em um abraço apertado.

Eles estavam no apartamento particular de Marcus, na casa principal, e Steve agora entendia por que ele não estava lá para recebê-los no aeroporto.

"Você está igualzinho ao *Scar* !" exclamou William, afastando-se e parecendo perturbado. "O que aconteceu?"

Marcus deu de ombros, fazendo uma careta quando o movimento puxou uma ferida invisível em seu ombro.

“Meu pai se empolgou um pouco quando estávamos discutindo alguns detalhes sobre a anexação do novo território, mas já está tudo resolvido. Estarei recuperado amanhã.”

"Foi o papai que fez isso?", perguntou Steve, olhando para o rosto de Marcus com choque e consternação.

“Tenho lutado muito contra ele ultimamente”, disse Marcus, com indiferença. “Isso cria tensão. Brigamos, ele demonstra que ainda é dominante e me deixa fazer do meu jeito.”

Essa foi a pior coisa que Steve já tinha ouvido. Era disfuncional a ponto de ser assustador.

“Você não deveria-”

“Meu pai é instável e sabe disso. Quando chegar a hora de eu fazer algo a respeito, estarei pronto, mas essa hora não é agora. Ele ainda está no controle o suficiente para comandar a matilha.”

Steve se lembrou do que Marcus havia dito sobre como o pai deles havia reagido à partida de Steve. "Brigando mais do que o normal", foram as palavras que ele usou.

Isso significava que Marcus precisava se colocar em perigo por causa de Steve? O pensamento o deixou enjoado.

“Não me olhe assim”, disse Marcus, sorrindo e puxando Steve para outro abraço apertado. “A culpa não é sua. Quero substituir o papai, e isso significa testá-lo e ultrapassar meus limites.”

Só que, em sua raiva, Marcus admitiu que estava fazendo isso dez anos antes do planejado. Se não fosse por Steve, Marcus não estaria testando os limites e se metendo em brigas *agora* , ele estaria fazendo isso daqui a dez anos, quando estivesse mais forte e o pai deles mais fraco.

Steve sentiu o peso de suas decisões o atingir em cheio, a vergonha se acumulando em seu estômago.

"Ei, pare com isso", disse Marcus, agarrando-o pela nuca e apertando-o com força. "Eu poderia ter te arrastado para casa e evitado tudo isso a qualquer

momento. Não estou bravo com você."

Isso só piorou a situação. Steve conteve as lágrimas, não querendo chorar na frente do irmão mais velho. Depois de um instante, conseguiu se recompor.

"Eu queria que você tivesse me dito para voltar para casa", murmurou Steve. Ele não teria ido embora se tivesse percebido o que isso significaria para Marcus.

"Só se meus espiões me dissessem que você não estava bem, e você parecia estar bem", disse Marcus, soltando Steve do abraço. "Acho que foi bom para você se afastar um pouco da matilha, e papai ficará feliz quando tudo isso passar e ele tiver um território maior e um alfa como Ryker Sterling sob seu comando. No fim, tudo deu certo."

Steve baixou a cabeça e olhou para o chão, sentindo-se um idiota, quando Marcus mencionou espiões. Ele ergueu o olhar.

“Foi você quem mandou espionar a mim?”

Ele tinha certeza de que era o pai deles, mas pensando bem, aquele não era o estilo do pai. Por outro lado, como o pai deles saberia que ele estava se aproximando de Ryker se não havia ninguém o vigiando?

“Claro que era”, disse Marcus, estendendo a mão e bagunçando o cabelo dele. “Você achou que era o papai?”

Steve assentiu com a cabeça, e Marcus deu uma risadinha.

“Não, ele só enviou uma. Foi aí que eu soube que tínhamos que agir, antes que ele começasse a ficar paranoico e fizesse alguma besteira.”

“Betty Wiltshire?” perguntou Steve.

Marcus assentiu com a cabeça. "Sim, ela trabalhava para o papai. Patricia, Colin e Jonathan trabalhavam para mim."

Steve não tinha visto nem sinal de Patricia, Colin ou Jonathan. Eles deviam ser incrivelmente sorrateiros.

“Só reparei na Betty”, admitiu ele.

Marcus riu. "Meu pai nunca foi bom em recrutar espiões."

“Não como você?”

“Eu não tinha permissão para entrar em contato com você, mas precisava saber se você estava se metendo em encrenca.” Marcus inclinou a cabeça e o encarou. “Quase intervi quando você começou com esse seu hábito estranho de invadir o território do Sterling. Eu estava louco para te perguntar: o que diabos você estava pensando?”

"O que você quer dizer?", perguntou Steve, na defensiva. Ele cruzou os braços. "Toda a reserva era território neutro."

Marcus olhou para ele, arqueando a sobrancelha daquele jeito irritante que tinha quando achava que Steve estava sendo idiota.

"Foi sim!", insistiu Steve. Ele estava farto daquela discussão.

“Era um território reivindicado por dois alfas que você não tinha a menor chance de enfrentar”, disse Marcus, falando devagar como se estivesse falando com uma criança. Ele colocou a mão no ombro de Steve. “Se fosse eu, teria arrancado sua cabeça e a teria empalado na fronteira como um aviso para todos os outros lobos da reserva. Com certeza eu não teria te jogado no rio e encerrado o assunto por aí.”

Steve jamais imaginara que Ryker e August pudessem machucá-lo por

invadir a propriedade.

"Você nem pensou nisso, né?" perguntou Marcus, parecendo mais curioso do que chateado. Ele bufou e deu um tapa nas costas de Steve. "Você tem instintos de chihuahua."

William riu, e Steve recuou em sinal de ataque. Ele não tinha os instintos de um chihuahua. Ele era um *lobisomem* .

"Ele tem um pouco de razão", disse William, o pequeno traidor. "A gente nem sempre percebe quando está em uma situação que não consegue lidar."

“Eu fiz isso depois que lutei com eles!”

William apertou os olhos, com uma expressão duvidosa. "Você não percebeu desde o início que Ryker era superior a você? Ele é assustador."

"Ele não é", argumentou Steve. Ele se virou para Marcus em busca de apoio e então percebeu o quão tolo aquilo havia sido.

"Ainda não o conheci", disse Marcus, com um sorriso de expectativa nos lábios. "Mas estou ansioso para ver o que ele tem a oferecer."

O brilho de violência nos olhos de Marcus assustou Steve. Ele estava acostumado a ver o pai deles com aquela aparência, mas não Marcus.

Ele havia mudado durante os meses em que Steve esteve ausente.

"Não o machuque muito, tá bom?" Steve deixou escapar, preocupado com seu futuro companheiro.

A expressão de Marcus suavizou-se e ele puxou Steve para mais um abraço.

"Não vou", prometeu ele. Acariciou as costas de Steve, apertando-o. "Só se ele mexer com meu irmãozinho."

Steve resmungou, mas não conseguiu conter o sorriso que surgiu em seus lábios.

“Conheci seu ômega”, disse Marcus, afastando-se. “Ele é bem bonitinho. Parabéns.”

Steve corou. Dylan não se sentia realmente como seu ômega. Ele nem sequer tinha transado com ele, e todas as interações deles até então tinham sido influenciadas pela reivindicação anterior de Ryker e August.

O fato de Dylan ter permanecido completamente em silêncio no primeiro encontro de Steve o incomodou profundamente. Se Steve tivesse sido um pouco mais persistente, poderia ter conquistado Dylan para si.

Por outro lado, Steve não tinha certeza se esse teria sido o melhor resultado. Ele gostava muito de Ryker e August – mesmo quando August se comportava como um completo idiota – e, ao analisar seus sentimentos, ficou animado com a ideia de se juntar ao relacionamento dos dois alfas e compartilhar Dylan entre os três.

“Obrigado”, disse Steve.

“Mas preciso te avisar”, disse Marcus, baixando a voz. “Papai o assustou bastante.”

"O quê?" O peito de Steve apertou de preocupação.

“O Dylan fez uma piadinha sobre você se juntar à matilha do Sterling, e o papai explodiu com ele. Não o machucou, mas o deixou apavorado.” Marcus fez uma careta. “Aí ele viu eu e o papai brigando.”

Steve piscou. Seu pai era assustador quando brigava.

"Você mudou de posição?" perguntou Steve, esperando que Marcus estivesse

sendo generoso demais ao usar a palavra "luta".

Marcus assentiu com a cabeça.

"Ele está bem?" perguntou Steve, desejando poder falar com Dylan. O fato de ele estar com Ryker e August era um alívio.

“Acho que sim”, disse Marcus. “Ele parece bastante resiliente.”

William pigarreou de repente, chamando a atenção de Steve e Marcus. Ele segurava o celular, com uma expressão tensa.

"O quê?" perguntou Marcus.

“Papai está se perguntando por que ainda não entramos em contato com ele. Ele está nos esperando lá em cima.”

Marcus suspirou e o estômago de Steve se revirou de ansiedade. Ele nunca tinha tido medo do pai antes, mas ao ver o rosto de Marcus, ficou perturbado.

“Deveríamos ir falar com ele”, disse Marcus, sem demonstrar qualquer preocupação. Ele se virou para Steve. “Peça desculpas e deixe por isso mesmo. Ele não está feliz com a sua volta para Fort Plainslac, mas já aceitou. Não crie problemas.”

Steve assentiu com a cabeça. "Não vou."

“Ótimo. Então vamos dar um oi para o papai.”

Conhecer o pai foi ao mesmo tempo melhor e pior do que Steve temia. O pai parecia o mesmo de sempre – com um largo sorriso no rosto, aproximou-se de Steve e o abraçou com força – e quando se separaram e Steve pediu desculpas, o pai dispensou o pedido de desculpas com um gesto de mão, dizendo que estava tudo bem.

“Não posso ficar com raiva quando há magia de lobo em ação”, disse o pai, balançando a cabeça como se tivesse sido tolo em tentar. “Você estava destinada a ficar com o garoto Sterling e seu companheiro, caso contrário, a magia de lobo nunca teria ligado vocês três a um ômega.” O pai franziu a testa, virando-se para Marcus. “A propósito, onde ele está?”

Marcus deu de ombros. "Eu o guardei até precisarmos dele. Sterling e Schaffer chegarão em cerca de uma hora para solicitar formalmente a entrada na matilha, e então pensei que poderíamos deixá-los a sós com Steve e o garoto para que eles resolvessem as coisas entre si."

“Um plano sólido”, disse o pai de Steve, virando-se para Steve. Se ele percebeu que Marcus havia sido vago sobre onde escondera Dylan, não comentou nada. “Marcus me disse que você recusou a oferta de Sterling para se juntar à matilha dele?”

O tom do pai dele era enganosamente casual.

“Claro que sim. Eu jamais conseguiria me juntar a outra matilha”, disse Steve, com toda a sinceridade. “Você é o meu alfa.”

O pai sorriu, seus ombros relaxando uma tensão que Steve nem percebera que carregava. Ele puxou Steve para outro abraço, acariciando suas costas e fazendo Steve se sentir como se tivesse sete anos de novo.

"Você será feliz em Fort Plainslac?", perguntou seu pai, com voz baixa e

sincera.

Steve acenou com a cabeça, apoiando o rosto no ombro dele.

“Então, eu concordo com o plano do Marcus.” O pai o soltou, virando-se para Marcus com um sorriso. Ele franziu a testa ao parecer notar o rosto de Marcus pela primeira vez desde que entraram na sala. “Isso ainda não sarou?”

“Está quase lá.” Marcus deu de ombros.

O pai franziu a testa, estendendo a mão e traçando o contorno do ferimento. No tempo que Steve passara desde que o vira pela primeira vez, menos de meia hora atrás, a umidade na parte mais profunda do ferimento havia desaparecido e as bordas estavam menos inchadas, mas ainda parecia ruim.

"Vocês deviam ter me bloqueado", disse o pai deles, em tom de desaprovação.

Marcus bufou. "Eu tentei, mas você foi mais rápido do que eu esperava. Serei mais rápido da próxima vez."

O pai deles assentiu com a cabeça e sorriu como se tudo fosse uma grande brincadeira. "Você está ficando *muito* bom. Ainda consigo sentir seu lobo se contendo, mas acho que você será ainda mais jovem do que eu quando assumir o controle. Estou muito orgulhoso de você."

Steve manteve o rosto inexpressivo, perturbado pela atitude indiferente do pai ao mutilar Marcus.

Marcus sorriu, sem parecer desconfortável, mas Steve se lembrou com clareza cristalina de como havia gritado com ele ao telefone que não queria desafiar o pai deles dessa forma ainda.

Marcus tinha feito isso por ele, e Steve nem sequer tinha percebido que precisava disso. Ele esperava não ser um fardo para Ryker.

Steve decidiu prestar mais atenção em como suas ações afetavam as pessoas ao seu redor.

"Você acha que estará pronto para enfrentar Sterling e Schaffer logo depois que eu os reivindicar?", perguntou o pai deles. "Quero deixar claro desde o início que você está acima deles na hierarquia."

Steve queria protestar, mas a instrução de Marcus para não causar problemas o impediu.

“Isso não deve ser um problema”, disse Marcus, girando o ombro e fazendo uma leve careta quando a ferida invisível sob sua camisa ofereceu resistência ao movimento. Ele esticou o pescoço, testando sua amplitude de movimento e parecendo estar satisfeito. “Ainda tenho uma hora ou mais para descansar.”

“Vão fazer isso”, ordenou o pai. “William, quero que você coordene a acomodação dos nossos alfas distritais. Eles chegam hoje ou amanhã de manhã, certo?”

“Sim, estão”, confirmou William. “Todos estarão aqui esta noite. Preparei apartamentos para cada um deles na casa de hóspedes.”

“Bom garoto. É só isso.” O pai se virou para Steve. “Você devia ir visitar sua mãe. Ela está ainda mais insuportável desde que você foi embora e isso está me enlouquecendo.”

Steve odiava quando seu pai chamava sua mãe de vadia. Ele rangeu os dentes, não querendo começar outra briga, mas ainda sentindo ressentimento.

Seu pai percebeu seus esforços para ficar em silêncio e suspirou.

“Desculpe, isso foi desnecessário. Eu não deveria ter te colocado no meio da minha relação com a sua mãe. Ela está preocupada com você. Eu agradeceria se você fosse conversar com ela.”

Steve assentiu com a cabeça, agradecendo o pedido de desculpas, mas sem o aceitar completamente.

"Eu vou."

Steve nunca fora próximo da mãe – ela se divorciara do pai dele quando ele era pequeno e não demonstrara interesse em criar os filhos –, mas mesmo assim a amava. William sempre dizia que ela era mais uma tia legal do que uma mãe, e Steve concordava plenamente com a descrição.

Ele não sentia tanta falta dela quanto sentia do pai e dos irmãos.

Mesmo assim, ele ainda ansiava por vê-la.

DYLAN

Dylan não conseguia se mexer. Estava deitado no colchão pecaminosamente confortável do hotel, os lençóis empurrados para o chão, espremido entre os corpos musculosos de August e Ryker enquanto os três se deleitavam no êxtase residual de muitos, muitos orgasmos.

"Meu traseiro dói", murmurou Dylan, fazendo uma careta quando um leve movimento para se ajeitar um pouco mais provocou pontadas de dor em seu ânus.

Ele não imaginava que August e Ryker tivessem sido tão brutos com ele. Os dois alfas estavam selvagens, quase fora de si, passando-o de um para o outro, fodendo seu cu e sua garganta como se pensassem que ele fosse feito de borracha indestrutível.

"Eu poderia dar um beijinho e sarar?", sugeriu August, estendendo a mão e segurando a bochecha esquerda de Dylan.

"Eu vou te matar se você tocar no meu buraco agora", avisou Dylan.

August sorriu e estendeu a mão para a abertura, sentando-se como se pretendesse virar Dylan de costas e lamber seu orifício.

Dylan rosnou para ele, sem paciência para mais brincadeiras. "Não. Palavra de segurança. Pare com isso."

August ficou paralisado, sentando-se e olhando para ele com olhos arregalados e magoados.

“Fomos muito rudes?”

Dylan cobriu os olhos com o braço e riu. August e Ryker eram a definição de brutalidade excessiva. O problema era que Dylan adorava. O tratamento brutal o fazia gozar com mais intensidade e frequência do que jamais sonhara ser possível antes de conhecer os alfas musculosos. Ele adorava quando o manipulavam e o forçavam a engolir seus enormes pênis e seus nós incrivelmente grandes. Só depois ele se perguntava se o prazer compensava a dor.

“Não, mas se você vai me usar assim, tem que ser legal comigo depois.”

"Sou eu!" exclamou August. "Eu ia fazer seu buraco dolorido se sentir melhor."

Dylan estreitou os olhos, fazendo com que a expressão de August se tornasse culpada enquanto ele refletia sobre o que pretendia fazer.

"Será que eu poderia comprar um creme anestésico na farmácia?", ele ofereceu.

Dylan nunca tinha gostado tanto de uma ideia. "Essa é a melhor ideia que você já teve", disse ele. "Aliás, compre um pacote com várias unidades."

August saltou da cama e puxou as calças jeans. O jeito como ele teve que esconder o pênis depois de levantar o jeans até os quadris foi a coisa mais excitante que Dylan já tinha visto.

"Vi uma farmácia ali perto", disse August, olhando para Ryker. "Já volto."

“Compre analgésicos para ele também”, disse Ryker, dando sua aprovação para a tarefa. “E compre água e lanches. Precisamos nos hidratar.”

August assentiu com a cabeça, vestindo a camisa e o casaco e calçando as botas. "Serei rápido", prometeu, dirigindo-se à porta e saindo correndo do

quarto.

Quando a porta se fechou atrás dele, Dylan se virou para Ryker. O alfa estava deitado ao lado dele, apoiado no cotovelo com a cabeça no punho, olhando para ele.

"Deveríamos ter parado na primeira rodada, né?", disse Ryker, com um sorriso irônico no rosto. Ele estendeu a mão e beliscou o queixo de Dylan entre os dedos.

“Provavelmente”, concordou Dylan.

"Desculpe", disse Ryker, acariciando a bochecha de Dylan.

"Está tudo bem", disse Dylan, pegando a mão de Ryker e segurando-a sobre o peito. Ele adorou o tamanho dela. "Eu gostei muito, muito mesmo."

“Que bom.” Ryker afastou a mão e deitou-se de costas, acomodando-se. “Preciso descansar um pouco. Não sei quantas vezes terei que lutar hoje e quero estar no meu melhor.”

"Você vai ficar bem?" perguntou Dylan, repentinamente preocupado. Ele se virou e olhou para o perfil de Ryker, admirando seu nariz bonito e a barba por fazer bem cuidada que cobria seu queixo.

"Vou ficar bem", disse Ryker. Ele estendeu a mão e puxou Dylan para perto de si. "Consegui tirar um cochilo, e assim que eu comer alguma coisa, estarei como novo."

Dylan se contorceu, seu orifício protestando enquanto Ryker o levantava e o colocava em seu peito. Dylan aninhou o rosto no peitoral de Ryker, pressionando a orelha contra o músculo firme e ouvindo as batidas constantes de seu coração.

Ryker acariciou seus cabelos, e por um instante Dylan se esqueceu de como estava dolorido.

"Você está tão confortável", comentou ele, comparando o jeito como Ryker gostava de abraçá-lo com o método preferido de August. Ryker gostava que Dylan ficasse por cima, usando-o como um cobertor humano, enquanto August era o completo oposto. August gostava de sufocar Dylan embaixo dele, usando o peso do seu corpo para pressioná-lo contra qualquer superfície em que estivessem deitados.

Ambas as posições eram boas, mas a de Ryker era muito mais relaxante.

"Gosto de ser seu travesseiro", disse Ryker, levantando a cabeça para poder dar um beijo nos cabelos de Dylan. "Você é tão leve."

Dylan se perguntava que tipo de pessoa Steve gostava de abraços. Era estranho pensar que, em breve, esses momentos entre ele, Ryker e August também incluiriam o alfa mais jovem.

“Os resultados do Steve no KinkMatch foram bem intimidantes”, disse Dylan, com a bunda dolorida lembrando-o da inclinação mais sádica de algumas das respostas de Steve no questionário. Era mais fácil expressar a preocupação estando nessa posição, com o rosto pressionado contra o peitoral de Ryker e sem conseguir ver seu rosto.

"Você acha mesmo?" perguntou Ryker. "E quanto a eles?"

Dylan estendeu a mão, acariciando distraidamente o contorno arredondado do peitoral de Ryker, próximo ao nariz.

“Todas aquelas coisas de chicote e palmatória”, disse ele, estremecendo ao se lembrar dos instrumentos pendurados na parede da sala de jogos no apartamento

de Ryker e August. “Ele riscou tudo isso como um ‘sim’ categórico.”

Dylan havia mencionado o impacto no jogo apenas como uma possibilidade.

“Eu também, e August”, disse Ryker. “Isso é intimidante?”

Dylan deu de ombros. Era um pouco, mas ele sentia que conseguia prever como seria uma cena envolvendo chicotes e palmatórias com August e Ryker. Pelo que sabia, Steve poderia simplesmente pegar um chicote na parede e começar a bater nele assim que entrassem na sala de jogos.

Assim que pensou nisso, Dylan percebeu o quão tolo estava sendo. Não era como se August e Ryker fossem deixar Steve machucá-lo, e ele realmente não achava que Steve quisesse machucá-lo também – não de maneiras com as quais ele não concordasse.

O fato de Steve ter marcado "sim" para as perguntas sobre marcação a ferro e escarificação era algo em que ele nem ia pensar.

“Você não precisa fazer nada que não queira”, assegurou Ryker, algo que Dylan já sabia. “Steve não vai usar o choque elétrico antes que você esteja pronto.”

O estômago de Dylan se contraiu. Ele se imaginou no chão, com a barriga pressionada contra a madeira fria enquanto Steve se erguia sobre ele. Na fantasia, Steve estava vestido com seu uniforme pecaminosamente justo, o pé calçado com a bota apoiado casualmente na lombar de Dylan, pressionando-o contra o chão enquanto deslizava a ponta de um bastão de choque ao longo de suas costas, ameaçando eletrocutá-lo.

“Acho que isso é bom.”

Dylan se perguntou como seria a sensação de levar um choque elétrico em gado. A única coisa com que ele tinha que comparar era o choque estático, mas duvidava que fossem parecidos.

Dylan e Ryker continuaram abraçados por mais alguns minutos, o silêncio quebrado quando August irrompeu no quarto com várias sacolas plásticas penduradas nos dedos e um fardo de vinte e quatro garrafas de água debaixo do braço.

“Comprei um creme antisséptico anestésico”, disse August, tirando os sapatos e colocando os sacos plásticos no chão. Ele tirou o casaco e o jogou sobre a cadeira ao lado da escrivaninha, pegou um tubo de um dos sacos e subiu na cama. “A parte antisséptica não é realmente necessária, com todo esse sêmen, mas a ação anestésica deve ajudar você a se sentir melhor.”

Dylan levantou a cabeça e olhou para trás bem a tempo de ver August passar dois dedos cobertos de creme sobre o seu orifício. No início, ardeu um pouco, mas logo uma sensação fria e anestesiante atenuou a dor e Dylan expirou.

"Faz efeito rápido", disse August, colocando mais creme anestésico nos dedos e inserindo-os delicadamente no orifício de Dylan. "Tudo bem?"

Dylan cerrou os dentes enquanto August dedilhava seu ânus, forçando seu orifício sensível a se esticar, mas em poucos segundos a dor desapareceu e Dylan relaxou aliviado.

August retirou os dedos, saiu da cama rastejando, foi ao banheiro e lavou as mãos.

"Como assim eu não preciso de antisséptico?" perguntou Dylan, finalmente assimilando o comentário de August. Sem a dor incômoda no traseiro, ele se

sentia muito melhor.

“Não temos cura”, disse Ryker, acariciando os cabelos. “Mas é bem parecido. Humanos que têm relações sexuais regulares com lobisomens geralmente não contraem infecções – ou ficam doentes, na verdade – e se curam de ferimentos muito mais rápido do que o normal.”

Dylan umedeceu os lábios, assimilando a nova informação. Era bom saber que a substância da qual era viciado também tinha efeitos positivos, e considerando seu histórico sexual recente, a informação fazia sentido. Ele costumava ficar dolorido na manhã seguinte e no dia seguinte ao sexo com August e Ryker, mas seu traseiro sempre se recuperava muito mais rápido do que ele esperava.

“Tem mais alguma coisa sobre lobisomens que eu deva saber?” perguntou Dylan, curioso. Antes que Ryker ou August pudessem responder, ele se ergueu, sentando-se no colo de Ryker e olhando para o alfa. “Dá para mudar mais do que os dentes e as unhas?” perguntou, percebendo que se o pai e o irmão de Steve conseguiam se transformar em monstros assustadores de quase três metros de altura, talvez August e Ryker também conseguissem. “Tipo o corpo inteiro?”

"Você quer dizer minha mudança para o nível alfa?" perguntou Ryker. Ele olhou para August, como se estivesse se perguntando onde Dylan tinha aprendido sobre isso.

"É aí que a gente cresce sessenta centímetros e fica todo peludo?", perguntou Dylan.

Ryker ergueu uma sobrancelha. "É mais ou menos meio metro, e eu não fico com *tanto* pelo assim, mas sim. Por quê? Você viu alguém em sua transformação alfa?" Ele parecia preocupado.

Dylan assentiu com a cabeça. "O pai do Steve e o irmão dele. Os dois se transformaram e brigaram."

Ryker e August se entreolharam, com as sobrancelhas franzidas e os lábios cerrados.

"Isso deve ter sido assustador", disse August, sentando-se na beira da cama e colocando a mão nas costas de Dylan. Ele acariciou as costas dele. "Você está bem?"

"Eu estava bem", disse Dylan, inclinando-se para o toque. "Você pode me mostrar?"

"Mostrar o quê?" perguntou Ryker. Ele estendeu a mão e a colocou na coxa de Dylan.

“Sua mudança alfa.”

Dylan estava nervoso, mas queria saber tudo sobre Ryker e August, inclusive sobre os assustadores lobisomens.

“Agora não. Precisamos conservar nossas energias”, disse Ryker. Então, ele se sentou, segurando o braço de Dylan para que o movimento não o derrubasse, e o puxou para a frente, acomodando-o em seu colo, de modo que ficassem peito a peito. “Te mostraremos quando chegarmos em casa, ok?”

Dylan ficou desapontado, mas entendeu.

"Você estará em sua forma alfa quando lutar contra os outros alfas da matilha de Steve?" Ele estendeu a mão e deslizou os dedos pela parte superior do abdômen de Ryker. O músculo se contraiu e Dylan puxou o dedo de volta,

surpreso.

“Muito provavelmente”, disse Ryker. Ele sorriu para a mão de Dylan. “Mas você não precisará assistir a isso.”

"Posso?" perguntou Dylan. Ele olhou para cima por entre os cílios. "Se eu quiser?"

Ryker franziu a testa, movendo a cabeça de Dylan para trás para que pudesse olhar para o seu rosto. Sua expressão era séria.

“Você quer?”

Dylan assentiu com a cabeça. Ele não havia decidido até aquele exato momento, mas quando a pergunta lhe foi feita, não precisou pensar na resposta.

“Não sei ao certo. Depende do John Miller e de como ele faz as coisas.” Ryker segurou o queixo de Dylan, acariciando-o com o polegar. “Tem certeza de que quer assistir? Do ponto de vista de um humano, vai parecer bem brutal.”

Dylan não queria se esquivar da parte lobisomem de seus novos parceiros. Se ele criasse esse hábito agora, poderia causar problemas mais tarde. Ele precisava manter os olhos abertos e não se esconder da realidade de sua nova vida.

"Eu faço."

Ryker sorriu. "Então, assistir ou não é uma decisão sua — e do John."

Ele se inclinou e o beijou.

"Deveríamos tomar um banho", disse August, olhando para o celular. "Steve vai nos buscar em vinte minutos."

"Você conseguiu comer alguma coisa?" perguntou Ryker, tirando Dylan do colo e descendo da cama. Dylan olhou fixamente para o seu pênis mole, que balançava entre as pernas, e o comprimento cheio de veias fez sua boca salivar.

"Quer mais uma rodada?" perguntou August, fazendo Dylan pular. Ele não tinha percebido que August o estava observando.

"Não!" exclamou ele, percebendo de repente a dor na garganta e na mandíbula. Mordeu o lábio. "Eu só estava olhando."

“Ele pode olhar sem que a gente interprete como um convite”, disse Ryker. Ele pegou um pacote de carne seca de uma das sacolas de compras e o abriu, movendo os quadris e fazendo o pênis balançar de um lado para o outro. O sorriso no rosto dele enquanto devorava a carne seca e exibia o pênis era o mais brincalhão que Dylan já tinha visto.

“Você está muito relaxado”, comentou August, pegando um pacote de carne seca para si. Ele ofereceu um para Dylan, e quando Dylan assentiu, jogou o pacote para ele junto com uma garrafa de água. Ele se virou para Ryker. “Você estava tão concentrado mais cedo.”

“Continuo concentrado”, prometeu Ryker. Ele parou de mastigar e deu de ombros. “Só não estou tão ansioso agora que Dylan voltou para nós.”

Dylan sentiu uma onda de arrependimento por não ter escutado Ryker e August quando eles lhe disseram para sair do avião.

“Contanto que você mantenha a cabeça no jogo”, disse August.

“É sim.” Ryker enfiou o resto do pedaço de carne seca na boca e pegou outro. Ele olhou para August. “Não se preocupe. Não é como se eu tivesse que derrotar o John ou o filho dele – o outro filho, você sabe o que eu quero dizer. Eu consigo.”

Duas horas depois, Dylan estava sentado na varanda dos fundos da casa do pai de Steve, agasalhado com um grosso casaco de inverno, luvas e calças de neve acolchoadas, com o coração palpitando de preocupação enquanto observava Ryker e Marcus se encararem.

Os dois alfas estavam sem camisa e descalços, vestidos com shorts pretos iguais, e nenhum dos dois parecia notar o frio cortante ou o barulho da neve rangendo sob seus pés.

Ryker ainda sangrava pelo ferimento no ombro, onde o pai de Steve o havia atacado – a pele se cicatrizando lentamente diante dos olhos de Dylan –, enquanto Marcus tinha um enorme corte nas costas e uma fina cicatriz que percorria todo o rosto, cicatriz que não estava lá da última vez que Dylan o vira.

"Gosto de você", disse Marcus, com as presas brilhando em um sorriso ameaçador. Dylan teve que aguçar os ouvidos para ouvi-lo. "Mas você é bom o suficiente para o meu irmãozinho?"

Ryker deu de ombros, relaxando os ombros e balançando os braços. Ele estava sorrindo, suas presas brilhando perigosamente à luz da tarde.

"Gostaria de pensar que sim", disse Ryker. Ele flexionou os dedos, deixando suas garras à mostra. "Mas vamos descobrir."

Dylan não estava nada preparado para a explosão de violência que se seguiu. Ambos os alfas avançaram como se alguém tivesse gritado " *vão!"* , transformando-se em suas formas alfa e atacando um ao outro com rosnados e grunhidos.

Ryker era um ou dois centímetros mais baixo que Marcus quando se transformou, mas seus ombros eram mais largos e ele não parecia menos impressionante. Dylan encarou suas costas largas, braços enormes e coxas grossas como troncos de árvore, seu olhar atraído pela forma como o short preto curto de Ryker agora abraçava sua bunda com firmeza. Então Marcus agarrou Ryker com uma garra na coxa e o ergueu no ar, arremessando-o pelo quintal e se lançando contra ele com uma velocidade sobre-humana, e Dylan se esqueceu completamente de como a bunda de Ryker era bonita.

Ele conteve um grito, observando Ryker rolar para o lado para evitar o ataque de Marcus, agarrando-o e puxando-o para si, de modo que pudesse tentar rolar por cima dele.

"Ele é bom", disse o pai de Steve, sentando-se um pouco mais adiante na varanda e observando a briga com uma expressão carrancuda.

"O Marcus dá conta dele", respondeu Steve, com voz confiante. Dylan olhou para August, observando seu maxilar tenso e percebendo que, apesar da tensão, ele não parecia preocupado.

Dylan relaxou e voltou a se concentrar na luta, estremecendo quando Ryker usou suas garras para abrir um corte em Marcus, da coxa até o quadril. Marcus retaliou agarrando Ryker pela orelha e subindo em cima dele, jogando-o no chão enquanto mordia a lateral de seu pescoço.

Ryker acertou um soco na cabeça de Marcus, mas o ângulo estava completamente errado e até Dylan percebeu que ele não estava conseguindo

aplicar força suficiente nos golpes para causar qualquer efeito. Depois de alguns segundos com Marcus apertando seu pescoço, Ryker ficou imóvel.

Marcus soltou-o, saltando com um largo sorriso cheio de dentes no rosto e limpando a boca com as costas da mão antes de se abaixar para ajudar Ryker a se levantar. Havia sangue escorrendo de suas garras, e Dylan estremeceu de nojo com a visão horripilante.

Ryker aceitou a luva oferecida e se levantou. Sacudiu-se, limpando o pescoço onde Marcus o havia mordido, parecendo perfeitamente satisfeito por ter perdido a luta enquanto jogava as gotas de sangue da mão na neve.

Ele se virou para Marcus e disse algo, fazendo o sorriso de Marcus se alargar, mas as palavras foram ditas tão baixo que Dylan não conseguiu ouvir. Então, tão repentinamente quanto haviam se transformado em suas formas alfa, Marcus e Ryker voltaram aos seus corpos normais.

"Excelente!" Dylan conteve um grito de surpresa quando o pai de Steve se levantou e bateu palmas, parecendo radiante. John se virou para o filho. "Você viu isso? Aquela sim foi uma luta. Você se saiu bem, garoto. Um alfa como esse será um trunfo para a matilha."

Steve sorriu, mas não parecia tão entusiasmado quanto o pai. "Obrigado, pai."

John acenou com a cabeça, dando um tapinha nas costas de Steve antes de descer os degraus para cumprimentar Marcus e Ryker no gramado coberto de neve.

“Ótimo trabalho, rapazes. Acho que esse plano de vocês vai funcionar.” Ele se virou para Ryker. “Os alfas do distrito já chegaram. Vamos resolver as brigas hoje à noite e amanhã celebraremos a expansão do nosso território e o vínculo de acasalamento entre você, sua companheira e meu filho. Lave-se, descanse um pouco e volte aqui em cerca de trinta minutos.”

Ryker inclinou o queixo num aceno de cabeça rápido, passando por John e subindo correndo os degraus até onde Dylan, Steve e August o esperavam. Dylan ficou para trás enquanto August se aproximava e examinava o ferimento na lateral do seu pescoço.

“Bem em cima da mordida de reivindicação do pai dele”, disse August, bufando. “Ele não é nada discreto, né?”

Ryker se afastou das provocações de August com um sorriso irônico. "Ele lutou limpo e não brincou comigo quando estava em vantagem. É só com isso que me importo."

"Você está bem?" perguntou Dylan, olhando para os vários cortes e hematomas que cobriam o corpo de Ryker. Era bizarro ver como eles cicatrizavam em questão de minutos.

"Estou gastando muita energia", disse Ryker, passando a mão pelos cabelos. "Deveríamos comer alguma coisa."

"Eu posso te levar", ofereceu-se Steve.

Ryker assentiu com a cabeça, e Dylan ficou surpreso quando Steve começou a corar.

Então ele se lembrou do que John havia dito sobre celebrar o vínculo de acasalamento de Steve, e tudo fez sentido. O pai de Steve basicamente ordenou que Ryker reivindicasse Steve *esta noite* .

Dylan ainda não entendia todas as nuances da cultura dos lobisomens, mas sabia que os laços de acasalamento eram algo tão profundo e significativo quanto possível. Ele se perguntava se Steve se ressentia da maneira casual como seu pai havia ordenado que tudo acontecesse, ou se estava aliviado por o plano de Marcus estar funcionando.

“Podemos ficar juntos e ter um pouco de privacidade no meu apartamento”, disse Steve. “William disse que abasteceu minha geladeira hoje de manhã, e eu tenho-”

Steve foi interrompido por Ryker, que o agarrou pela frente da camisa e o puxou para perto.

"Você quer ser meu?" Ryker rosnou, e as palavras fizeram Steve estremecer.

Dylan olhou em volta, dando um passo em direção a August quando percebeu que John e Marcus observavam a cena com atenção absoluta.

“Claro”, disse Steve, com a voz uma oitava acima do normal. “Sim, quer dizer. Eu quero-”

Ryker se inclinou e o mordeu, os dentes afundando no pescoço de Steve e fazendo-o gemer. Ele agarrou os cabelos de Steve com uma das mãos, inclinando sua cabeça para baixo para ter melhor acesso, enquanto usava a outra mão para alcançar e apalpar a bunda carnuda de Steve.

August puxou Dylan para perto e curvou seu pescoço, sussurrando em seu ouvido: "Ryker fica um pouco selvagem depois que se transforma em sua forma alfa. Ele é bom em esconder isso, mas às vezes seus instintos falam mais alto."

Dylan engoliu em seco, sentindo o estômago revirar. A cena era estranhamente sensual. O contraste entre Steve, com seu casaco de inverno volumoso e botas acolchoadas, e Ryker, com a pele manchada de sangue e os shorts rasgados, parecia algo saído de um conto de fadas.

Quando Ryker finalmente soltou o pescoço de Steve de suas mandíbulas, ele moveu a cabeça para a posição de um beijo e então passou um tempo obscenamente longo se agarrando com ele.

“Vou deixar vocês com isso”, disse Marcus, dando um tapinha nas costas de Steve enquanto passava por ele. “Parabéns. Se ele te machucar, eu o mato.”

Steve afastou a boca de Ryker bruscamente e se virou para o irmão. Seu sorriso era radiante. "Obrigado!"

"Te vejo aqui fora em meia hora", disse John, seguindo Marcus para dentro de casa.

Ryker ainda segurava Steve contra o peito. Ele piscou e, de repente, pareceu envergonhado e pesaroso.

“Estou começando a sentir frio. Que tal continuarmos lá dentro?”

August e Steve riram, mas Dylan achou a ideia excelente. Mesmo com suas roupas de inverno, ele estava começando a sentir frio. Não fazia ideia de como Ryker não estava congelando até os ossos.

Steve caminhou até a porta da casa e a abriu. "Vamos, eu te mostro o caminho."

AGOSTO

Após a mordida espontânea de Ryker, August se sentiu um pouco constrangido enquanto estava sentado ao lado de Steve no sofá do apartamento do alfa mais jovem. Ambos sabiam que ele precisava morder Steve primeiro, mas sem a energia frenética que caracterizava as ações de Ryker, ele não sabia como começar.

Será que ele deveria simplesmente perguntar?

“Se você quiser-”

"Posso-"

August e Steve falaram ao mesmo tempo. Coraram e permaneceram em silêncio, aguardando a vez do outro.

Ryker os observava da poltrona em frente à mesa de centro, recém-banhado e equilibrando um prato na coxa, sorrindo para eles como se fossem a coisa mais fofa que já vira. "Steve, August quer mesmo te assumir. Tudo bem para você?"

August lançou-lhe um olhar irritado. Ele não precisava de ajuda para reivindicar a nova companheira. Ele conseguiria fazer isso muito bem sozinho.

"Eu gostaria disso", disse Steve, seu entusiasmo sincero fazendo August esquecer completamente de sua irritação. O alfa mais jovem olhou para ele com um entusiasmo contagiante, e August sentiu-se derreter.

Era irritante o quão adorável Steve era, considerando que ele era mais alto e mais musculoso do que ele. Ele não deveria poder ser forte *e* fofo ao mesmo tempo.

"Onde você quer?" perguntou August, diminuindo a distância entre eles. Ele se inclinou e beijou o pescoço de Steve, roçando o queixo no ombro dele e colocando a boca bem perto da mordida de Ryker. "Aqui?" Ele desceu mais, lambendo a clavícula de Steve até chegar ao pomo de Adão, conduzindo a boca até a parte inferior da mandíbula. "Ou aqui?"

“Existe algo bom”, disse Steve, com a voz embargada. “Em qualquer lugar que você quiser.”

August sugou um pedaço da pele de Steve entre os dentes. Ele trabalhou nisso por um tempo, lambendo e beijando a pele sensível, e quando Steve começou a choramingar em protesto, ele estendeu seus caninos e mordeu.

Steve gemeu, seu corpo se contraindo e depois cedendo em prazer enquanto a posse de August surtia efeito. August podia sentir o lobo de Steve fazendo contato com o seu próprio, testando a ligação e vibrando de satisfação com o que encontrou.

“Sua vez”, disse August, afastando-se e depositando um beijo na mordida que o marcava. Sentou-se novamente, expondo o pescoço, e repousou a mão sobre a virilha, massageando o pênis semi-ereto enquanto esperava que Steve se recompusesse e o reivindicasse de volta.

Steve era *dele* . Era uma sensação inebriante.

Steve não perdeu tempo. Sentou-se no colo de August, pairando sobre ele, e mordeu seu pescoço.

Faíscas percorreram a espinha de August. Seu corpo inteiro foi inundado por um calor formigante, seus dedos dos pés se curvando contra o chão enquanto ele arqueava as costas em prazer.

Steve gemeu em seu pescoço, o som fazendo os dentes cravados na carne de August vibrarem enquanto a ligação entre eles se estalava. Ele se esfregou contra o peito de August com pequenas e preguiçosas investidas de seus quadris, os ruídos que saíam de seu peito soando quase como um ronronar.

August sentiu seu lobo se esticar ao longo do vínculo recém-formado, testando-o e considerando-o aceitável.

"Meu", murmurou Steve, soltando August depois de um minuto inteiro com os dentes cravados no pescoço dele. Ele parecia bêbado.

"O seu", concordou August. Ele acariciou a lateral de Steve, fazendo o músculo se contrair sob a ponta dos seus dedos.

Eles ficaram sentados por um instante, olhando nos olhos um do outro e se deleitando com o brilho de sua ligação, aproveitando o momento.

"Minha vez", rosnou Ryker de repente, impaciente. Ele colocou o prato na mesa de centro e endireitou-se, dando um tapinha na coxa num gesto claro para Steve se apressar.

"Com certeza!", disse Steve, saltando sobre a mesa de centro com um sorriso ansioso e se posicionando entre as pernas de Ryker. Ele permaneceu imóvel enquanto Ryker o olhava, praticamente vibrando, e quando Ryker inclinou a cabeça para o lado, o convite claro, ele se abaixou e cravou os dentes em seu pescoço com a velocidade de uma víbora.

"Tantas mordidas", murmurou Dylan, o tom quase crítico de sua voz fazendo August rir de surpresa.

Ele quase tinha se esquecido que Dylan estava ali. O garoto estava sentado na outra ponta do sofá, com as mãos no colo, encarando Steve, que se agarrava ao pescoço de Ryker com uma expressão complexa no rosto.

Devia parecer muito estranho para um humano, pensou August. Dylan obviamente sentia algo em suas mordidas de reivindicação – a maneira como reagiu quando as tocaram era prova suficiente disso – mas ele não sentia o que August ou outro lobisomem sentiriam. Não havia lobo dentro dele para completar sua parte do vínculo, o que, enquanto examinava seu novo vínculo de acasalamento com Steve, pareceu bastante triste para August.

“Você é o próximo”, disse August, estendendo o braço pelo sofá até onde Dylan estava sentado e puxando-o para perto de si. Ele o aconchegou debaixo do braço. “Acha que conseguiria lidar com o nó dele e deixar que ele o reivindicasse também?”

"Agora?" perguntou Dylan, franzindo as sobrancelhas.

August assentiu com a cabeça e Dylan olhou para ele como se ele tivesse sugerido mergulhar com tubarões brancos.

“Não, de jeito nenhum”, disse Dylan, com voz firme. “Preciso de mais pomada anestésica, não do nó do Steve.”

"Posso esperar", disse Steve, soltando o pescoço de Ryker e se ajoelhando no chão entre os pés dele, virando-se para o sofá e encostando a bochecha na parte interna da coxa de Ryker. Ele usou o pé para chutar a mesa de centro para o lado, fazendo contato visual com Dylan. "Não há pressa. Quero que nossa primeira vez juntos seja *incrível* ."

August conteve um resmungo. Steve estava usando todo o seu charme, e era irritantemente bom nisso. August quase podia sentir Dylan se derretendo com o

tom sedutor e reconfortante de suas palavras.

“De qualquer forma, não temos tempo para isso”, disse Ryker. Ele curvou-se e beijou o topo da cabeça de Steve, acariciando com os dedos a mordida que havia deixado em seu pescoço. Steve estremeceu com o toque, gemendo e virando o rosto para a coxa de Ryker. Ryker sorriu e olhou nos olhos de Dylan. “Steve pode te reivindicar quando voltarmos para casa, em Fort Plainslac.”

Dylan relaxou, e August o encarou com uma expressão de desagrado.

“Você achou que nós iríamos pressioná-la a transar quando você não queria?”

Com três contra um, August percebeu, com um certo constrangimento, que precisavam se esforçar mais para evitar pressionar Dylan a assumir mais do que podia suportar. Já era fácil demais se deixar levar — como o buraco dormente de Dylan podia comprovar — e, com três pessoas, o estrago que poderiam causar era considerável.

"Não", disse Dylan, com um tom de voz que demonstrava sinceridade. Ele se aproximou ainda mais de August, aconchegando-se sob seu braço em busca do calor do seu corpo. "Eu sei que você não vai me obrigar a fazer nada que eu não queira."

“Também não queremos pressioná-los sem querer a fazer nada”, disse August. “Às vezes podemos ser entusiasmados, mas isso não significa que ficaríamos bravos com vocês por dizerem não. Vocês sabem disso, não é?”

“Eu sei”, disse Dylan.

“Ótimo. É importante que você sinta que pode nos dizer não”, disse August. “Mesmo quando for só sexo casual.”

"Eu sei", repetiu Dylan, com um tom indulgente.

August bufou e decidiu deixar para lá. Ele poderia conversar com Ryker e Steve sobre isso mais tarde. "Quanto tempo até termos que voltar lá?", perguntou ele.

“Uns vinte minutos”, disse Steve, checando o celular. “Você quer mais comida?”

August estava quase morrendo de fome, mas preferia comer depois que as lutas terminassem, para descobrir a posição deles no bando, do que antes.

“Não, obrigado, estou bem.”

Ele virou o rosto e apoiou o queixo no topo da cabeça de Dylan, massageando suavemente o couro cabeludo dele.

“Como você se sentiu ao ver a transformação alfa de Ryker?”, ele perguntou.

Dylan se animou, com uma expressão ansiosa. "Foi meio sexy. Os ombros dele eram tão largos, e o jeito que as coxas dele ficavam naquele shortinho deveria ser ilegal."

August piscou, virando-se para Ryker, que o observava com uma expressão igualmente confusa. De todas as reações que ele havia previsto, a admiração lasciva pelas coxas de Ryker não era uma delas.

"É algo que você gostaria de explorar?", perguntou Ryker, com a voz cuidadosamente neutra. "No quarto, quero dizer?"

Dylan lambeu os lábios, encarando a coxa de August e dando de ombros discretamente.

"Talvez?"

Steve riu, encantado.

"É estranho?", perguntou Dylan, preocupado.

"Não, está um calor infernal", disse Steve, falando por todos os três. "Eu adoraria me transformar na minha forma alfa e deixar você lamber meus músculos enquanto você quica no meu pau. Tudo o que você precisa fazer é dizer quando, e eu me transformo para você."

“Eu também”, disse Ryker.

“E eu também”, concordou August. “Mas teríamos que ir com calma antes de transar com você. Nossos músculos não são a única coisa que cresce quando mudamos de forma.”

"Eu não quis dizer sexo", disse Dylan, escandalizado. Ele se afastou para poder olhar para o rosto de August. "Eu só quis dizer que eu poderia sentir seus músculos peitorais, ou que você poderia apertar minha cabeça entre suas coxas ou algo assim. Coisas desse tipo."

"Então você quer fazer uma adoração aos músculos quando estivermos todos grandes e musculosos, é isso?", perguntou August.

Dylan assentiu com a cabeça.

“Que divertido”, disse August. Ele puxou Dylan de volta para debaixo do braço, apertando-o contra si. “Vamos fazer isso acontecer assim que voltarmos.”

“E vamos progredir até chegar à penetração completa”, acrescentou Ryker. Ele sorriu para Dylan. “Quando você conseguir lidar com a dupla penetração, o sexo com posições diferentes não deve ser muito difícil. Nós vamos te ajudar a chegar lá.”

Dylan engoliu em seco, mas seu olhar de apreensão estava misturado com uma excitação intrigada suficiente para que August não se preocupasse.

"Vamos com calma", prometeu August, beijando o topo da cabeça dele. "E não faremos nada que você não queira."

Ele se perguntou se Dylan o deixaria sentar em seu rosto quando fosse transformado.

"Eu sei", disse Dylan, e a lembrança pareceu lhe trazer um pouco de conforto desta vez.

Quinze minutos depois, o alarme do celular de Steve os avisou que era hora de se vestirem para voltar para fora.

August tirou a roupa e vestiu os shorts elásticos que pareciam ser o uniforme oficial das lutas de dominância da matilha. Os shorts estavam folgados nos quadris, mas ele sabia que, assim que assumisse sua forma alfa, ficariam tão justos quanto shorts de compressão.

"Pronto?" perguntou Ryker, o brilho de expectativa em seus olhos fazendo o pau de August se revirar. Ele adorava ver Ryker quando ele estava no modo alfa supremo.

"Tão preparado quanto jamais estarei", disse August, esperando não levar uma surra. "E você?"

Ryker havia se recuperado completamente tanto da luta com Marcus quanto

da mordida de Steve, restando apenas a última cicatriz. A cicatriz permaneceria por alguns meses antes de desaparecer, mas a pele no local da mordida permaneceria sempre sensível.

“Acho que sim”, disse Ryker. Ele puxou o short para cima. “Agora, só quero que isso acabe logo.” Ele se virou para Dylan, que estava agasalhado com um casaco grosso, calças acolchoadas e luvas grossas. Ele segurava um gorro forrado de pele nas mãos. “Quer assistir?”

Dylan assentiu com a cabeça.

“Muito bem, então.” Ryker acenou com a cabeça para Steve e August. “Vamos lá e mostrar a eles do que somos capazes.”

Steve ia na frente, Ryker logo atrás, deixando August fechando o grupo com Dylan. Ele pegou a mão do garoto, envolvendo-a com os dedos e apertando-a levemente enquanto começavam a caminhar.

Quando chegaram à porta que dava para a varanda, Dylan soltou a mão de August e colocou o chapéu.

"Boa sorte", disse Dylan, olhando para ele. Ele estava adorável, o chapéu forrado de pele emoldurando seu rosto e fazendo August querer apertar suas bochechas.

"Obrigado", disse August, com a adrenalina a mil enquanto se preparava mentalmente para enfrentar os alfas de sua nova matilha. Ele olhou para Ryker, acenando com a cabeça e compartilhando um momento de compreensão.

"Prontos?" perguntou Steve, com a mão na maçaneta. Ryker e August assentiram com a cabeça.

Steve abriu a porta de repente. Uma lufada de ar frio atingiu o corpo quase nu de August, fazendo sua pele arrepiar. Ele se preparou para o frio e saiu, dando de cara com seu novo alfa e irmão de Steve. Atrás deles, dispostos em semicírculo, estavam cinco rostos novos. Os recém-chegados tinham entre trinta e poucos e cinquenta e poucos anos, mas cada um deles parecia um alfa no auge de sua forma.

Só de olhar para eles, August percebeu que todos eram mais dominantes do que ele.

“Ryker, quero que você conheça os outros alfas do distrito.” Miller se virou e gesticulou para os homens atrás dele. “Blaine, Zack, Henry, David e Odin. Pessoal, estes são Ryker e August. Ryker ficará responsável pelo território que acabamos de anexar em Montana.”

“É um prazer conhecê-lo”, disse Odin, com uma expressão cuidadosamente neutra. Ele estendeu a mão para cumprimentar Ryker. “Espero trabalhar com você.”

“Você também”, disse Ryker, apertando a mão dele e repetindo o gesto com os outros quatro alfas. August os observava atentamente e, embora cada um dos alfas distritais parecesse reservado, nenhum deles demonstrou hostilidade ao se dirigir ao seu companheiro.

“Vamos lá”, disse John, batendo palmas quando as apresentações terminaram. “Blaine, você e August vão primeiro, só para acabar logo com isso.”

Blaine era um homem robusto, com coxas enormes e um abdômen compacto, aparentando ter pouco mais de quarenta anos. Era bonito, de um jeito rústico e imponente, e, seguindo as instruções de seu alfa, assentiu e deu um

passo à frente.

August nem teve a chance de descer os degraus até o gramado coberto de neve. Sem dizer uma palavra, Blaine o agarrou pelo braço e, com um movimento brusco do ombro, o colocou de joelhos.

"Eu desisto", resmungou August, inclinando-se para a frente para não deslocar o ombro. Blaine o soltou, dando-lhe um tapinha amigável nas costas.

“Bem, isso foi rápido”, disse Miller, como se já se esperasse. “Marcus, ligue para Kayden, Peter e Anastasia e diga para eles virem aqui. Acho que August vai acabar ficando em algum lugar entre os três. August, você pode ir se vestir de novo.”

August voltou para dentro de casa para se vestir. Ele não estava envergonhado pela rapidez com que Blaine o havia colocado de joelhos – não quando se tratava de um alfa dominante o suficiente para ser o alfa da matilha – mas desejava ter feito uma apresentação mais impressionante para Dylan.

Quando voltou para fora, Ryker e Henry estavam circulando um ao outro na neve salpicada de sangue sob a varanda. Eles ainda estavam em forma humana, mas August percebeu que estavam a segundos de se transformarem e atacarem um ao outro.

Blaine e Zack estavam de lado, vestindo macacões de neve grossos e acolchoados. Os dois alfas pareciam relaxados, conversando baixinho entre si enquanto observavam Ryker e Henry se encararem.

August se perguntava o que estava acontecendo.

Ao ver a expressão confusa dele, Steve se aproximou e explicou: "Ryker já lutou com eles. Ele simplesmente os agarrou e os colocou de joelhos, do mesmo jeito que Blaine fez com você. Meu pai está radiante."

August suspirou aliviado. Isso significava que, independentemente do desempenho de Ryker nas próximas três lutas, ele já havia provado que tinha o que era preciso para ser um alfa distrital.

“Que bom.” August pegou a mão de Steve e o puxou para perto, passando o braço em volta da cintura do rapaz. “O plano de Marcus funcionou.”

“Claro que sim”, disse Marcus, aproximando-se para se juntar a eles. Dylan veio com ele, e August quase caiu na gargalhada ao ver o olhar de ciúme que o garoto lançou à mão de August, que envolvia a cintura de Steve. Ele agarrou o menino pela gola da jaqueta e o puxou para perto, colocando-o entre si e Steve para que pudessem compartilhá-lo.

Marcus sorriu.

“Parabéns pelo seu novo vínculo de acasalamento”, disse ele, dando um tapinha no ombro de Steve. Ele olhou para Dylan. “E pelo seu novo ômega. Ele é adorável.”

"Obrigado." Steve sorriu, com uma expressão feliz, enquanto puxava Dylan de volta para perto de si. Dylan corou, baixando o olhar enquanto Marcus estendia a mão e bagunçava seus cabelos.

Um rugido vindo do gramado fez com que os quatro voltassem sua atenção para os alfas que circulavam. Ryker e Henry haviam se transformado e trocavam uma série de golpes que pareciam mais uma tentativa de se conhecerem do que uma luta de fato.

Eles ainda circulavam um ao redor do outro, agachados e com as garras em

posição de ataque, revezando-se nos ataques e avaliando as defesas um do outro.

Então Henry se lançou contra Ryker, com os dentes à mostra e sem parar, mas Ryker se esquivou, agarrou-o pela coxa e o derrubou. Henry tentou se levantar enquanto ainda estava no ar, mas Ryker acertou um soco em seu ombro e o derrubou no chão. Em seguida, Ryker o envolveu em um abraço de urso, prendendo seus braços ao corpo e o imobilizando.

Henry tentou usar as pernas para virá-los, mas quando parecia que ia conseguir, Ryker cravou os dentes em seu pescoço e o sacudiu com um puxão violento.

Henrique ficou inerte em sinal de submissão.

“Aquele garoto nasceu para ser o alfa da matilha”, comentou o pai de Steve, aproximando-se e cruzando os braços. “Não entendo o que ele anda fazendo em Fort Plainslac.”

"Evitar as responsabilidades de gerir uma matilha grande enquanto reivindica um território e o povoa apenas com pessoas de quem gosta", disse Marcus, perplexo.

August não tinha pensado nisso nesses termos, mas era exatamente o que eles estavam fazendo. Steve foi a primeira pessoa que eles quiseram adicionar ao grupo, mas se as coisas não tivessem corrido como correram, ele provavelmente não teria sido a última.

John franziu a testa, mas assentiu com um gesto de compreensão relutante. Ele assobiou para David, o mais velho dos alfas do distrito, e disse: "David, é a sua vez."

David desceu as escadas correndo, dando um tapinha no ombro de Henry quando os dois se cruzaram.

August percebeu desde o início que Ryker teria muito trabalho pela frente. A forma alfa de David era enorme, cerca de quinze centímetros mais alta que Ryker, e ele atacou com brutal agressividade.

Ryker conseguiu se esquivar do primeiro golpe e, depois disso, a luta pareceu ficar bastante equilibrada. David usou seu porte físico e peso a seu favor, mas, conforme o combate avançava, ficou evidente que Ryker sairia vitorioso. Ele finalmente conseguiu garantir a vitória agarrando David por trás, segurando o adversário maior e o apertando em um abraço de urso implacável.

David chutou e lutou para se libertar, mas não conseguiu se livrar de Ryker que estava em suas costas. Após cerca de dois minutos, ele desistiu em um gesto desesperado.

Ryker soltou David, ambos ofegantes e com aparência exausta.

"Odin, você é o próximo", disse John, com voz ansiosa.

Dylan fez um ruído de protesto, mas August tapou-lhe a boca com a mão antes que ele pudesse dizer algo que o metesse em apuros.

Pode parecer injusto que Ryker tivesse que continuar lutando, especialmente do ponto de vista de um humano, mas não era. Ryker não estava cansado o suficiente para que isso afetasse seu desempenho. O lobo mais dominante venceria.

"Ele está bem", disse August, mantendo a mão sobre a boca de Dylan até ter certeza de que ele havia entendido que precisava ficar quieto.

Odin desceu os degraus, assumindo sua forma alfa e parando a cerca de três

metros de onde Ryker recuperava o fôlego. Com sua aproximação, Ryker saltou e encarou seu novo oponente.

August tirou a mão da boca de Dylan, esfregando o peito em sinal de desculpas enquanto observavam Ryker e Odin se encararem.

"Isso vai ser interessante", disse Marcus, com o pai concordando com a cabeça.

A luta começou, e Dylan gritou de medo quando Ryker levou o primeiro golpe. Odin fingiu um golpe com a mão direita, um movimento padrão, apenas para atacar Ryker por baixo com as garras da mão esquerda. Ele abriu um profundo corte na lateral de Ryker, jorrando sangue, e em seguida desferiu um chute violento bem no flanco que acabara de ferir.

Ryker reagiu, esquivando-se e ficando fora do alcance do lobo maior antes de se lançar com os dentes à mostra, agarrando-o pelo torso e derrubando-o no chão.

Eles estavam em pé de igualdade, mas era evidente que Odin venceria.

August prendeu a respiração, observando Odin se esforçar para se livrar do abraço de urso característico de Ryker.

Por um momento, pareceu que Odin estava em apuros, mas então ele conseguiu a vitória ao derrubar Ryker de costas e acertar uma joelhada na parte inferior das costas dele, tirando o ar de seus pulmões, e em seguida desferir um soco na nuca.

Ryker arquejou, sua cabeça se erguendo do chão enquanto ele cerrava os dentes de dor, e antes que pudesse se recompor, Odin estava sobre ele e cravou os dentes em seu pescoço.

Ryker parou de se mexer, desistindo, e August soltou um suspiro de alívio por tudo ter acabado.

Foi o melhor a se fazer, pensou August, fazendo uma careta ao ver Ryker se levantar e cambalear. Ryker tinha se saído bem o suficiente para mostrar que era um dos quatro alfas mais importantes da matilha, mas que não estava em posição de desafiar a hierarquia ou causar problemas.

"Você acha que ele toparia uma briga comigo?", perguntou John, com um desejo ardente de violência transparecendo em sua voz. Ele encarava Ryker como um cachorro encara um possível novo brinquedo para roer.

"Nem um pouco", disse Marcus, balançando a cabeça. "Mas ele diria que sim se você perguntasse."

"Então não pergunte?", resmungou John, contrariado.

Marcus assentiu com a cabeça e tirou o celular do bolso. Assentiu para si mesmo e se virou para August.

“Os alfas que convoquei para lutar contra você chegaram. Você está pronto?”

O pulso de August acelerou, a adrenalina percorrendo suas veias enquanto ele se preparava mentalmente para lutar contra alguém que ele tinha alguma chance de vencer. Ele assentiu. "Estou pronto."

Marcus guardou o celular no bolso e se virou para o pai. "Pai, você quer assistir?"

Miller balançou a cabeça. "Não, confio que você saberá lidar com isso."

“Nesse caso, vamos terminar lá dentro, onde está quentinho”, disse Marcus. “Steve, imagino que você queira vir assistir?”

Steve assentiu com a cabeça.

“Ryker, você também?” Marcus se virou para onde Ryker estava parado embaixo da varanda, absorto em uma conversa com Odin. Ambos os alfas ainda estavam transformados, embora agora sua linguagem corporal fosse amigável e relaxada.

Ryker olhou para eles e assentiu, voltando à sua forma humana e correndo ao encontro deles. Seu queixo estava coberto de sangue, que secava e descamava, e seus olhos brilhavam com a satisfação de ter provado seu valor ao seu alfa.

Dylan olhou para ele com os olhos arregalados, absorvendo sua aparência selvagem com um suspiro de intimidação.

"Posso tomar banho depois que você terminar", disse Ryker, olhando para o lado e cutucando o ferimento onde Odin o havia atacado com suas garras. O corte estava cicatrizando, mas ainda havia um fio de sangue escorrendo da parte mais profunda da ferida. "É melhor esperar até que o sangramento pare."

“Nesse caso, vamos entrar”, disse Marcus, abrindo caminho.

Ele os conduziu até a frente da enorme casa, entrando em uma sala que dava para um cômodo no corredor principal. Assim que entraram, ele parou e estendeu a mão para apresentar as três pessoas que esperavam na sala.

“August, quero que você conheça Peter, Kayden e Anastacia”, disse ele, gesticulando para os alfas um a um. “Pessoal, este é o nosso novo membro da matilha, vindo de Montana.”

“É um prazer conhecê-los”, disse August, acenando com a cabeça para cada um deles. Eles retribuíram o cumprimento, avaliando-o de cima a baixo.

August olhou em volta, imaginando se tinham sido eles que tinham afastado todos os móveis para o lado da sala ou se Marcus tinha pedido a alguém que o fizesse antes de eles chegarem.

“Peter, acho que você vai primeiro”, disse Marcus, sentando-se no sofá. “Só com dentes e garras. Vocês podem começar quando estiverem prontos.”

August olhou para o homem chamado Peter, estudando seus braços musculosos e peito largo. Ele era bonito, mas nada comparado a Ryker ou Steve.

Peter girou os ombros e assumiu uma postura de luta, e August fez o mesmo.

“Ryker, certifique-se de que Dylan não atrapalhe”, disse ele.

Ryker puxou Dylan para perto e recuou até o sofá onde Marcus estava sentado. Ele permaneceu de pé, mas cutucou Dylan para que se sentasse ao lado de Marcus.

Ele provavelmente não queria sujar o sofá.

Steve, percebendo que Dylan estava momentaneamente sem dono, aproveitou a oportunidade para se sentar e colocá-lo em seu colo. Dylan soltou um gritinho surpreso com o manuseio repentino, mas assim que entendeu o que Steve queria, rapidamente se acomodou.

August desviou o olhar, voltando sua atenção para o oponente. Sua mente fervilhava com a energia de seu lobo, e ele sabia, só de olhar para o outro alfa, que sairia vitorioso.

Peter atacou primeiro. Ele era rápido, mas não rápido o suficiente para levar vantagem. Eles trocaram alguns golpes, com os punhos cerrados e sem usar as garras, antes de August aproveitar um momento de distração e jogar Peter no chão.

August subiu em cima dele, imobilizando-o com um braço preso na nuca.

"Eu me rendo", rosnou Peter, e August o deixou levantar.

Ambos se levantaram.

"Puta merda, apostei vinte dólares com a Anastacia que eu conseguiria te derrotar", reclamou Peter, seguido de um largo sorriso. "Você é mais durão do que o William disse que seria."

August sorriu de volta. "Você precisa trabalhar no seu bloqueio."

"Sim, sim, eu sei", disse Peter, claramente sem intenção de fazer tal coisa.

“Ele tem razão.” Marcus se levantou e caminhou até Peter. Observou-o atentamente, o segurou e o girou no ar, certificando-se de que estava bem antes de mandá-lo de volta para assistir à próxima luta. “Você precisa trabalhar na sua defesa. Vou agendar algumas sessões de treinamento.”

“Sim, Marcus”, disse Peter, obediente ao seu futuro alfa. Ele não parecia muito incomodado com a ideia de treinamento extra.

“Muito bem, Anastacia, se você conseguir lidar com ele, saberemos qual é a posição dele no ranking”, disse Marcus, gesticulando para que Anastacia desse um passo à frente.

Afastando o cabelo do rosto, August observou a alfa enquanto ela se movia para tomar o lugar de Peter. Ela era uma mulher de porte atlético, com braços fortes e quadris largos, e o sorriso em seu rosto enquanto assumia uma postura de luta era impressionantemente intimidador.

"Vem pra cima, bonitão", provocou ela, assumindo uma posição defensiva. August olhou para Marcus, que assentiu.

"O prazer é meu."

August atacou, mas percebeu imediatamente que estava em desvantagem. Assim que se aproximou, Anastacia conseguiu derrubá-lo com um toque inesperado na parte de trás do joelho e, uma vez no chão, Anastacia já estava sobre ele com os dentes cravados em seu pescoço antes mesmo que ele pudesse entender como tinha chegado ali.

"Eu me rendo", disse ele, ficando mole. Depois de ter acabado de levar uma mordida de acasalamento, os dentes de Anastacia em seu pescoço eram uma sensação indesejável e ele queria que fossem retirados o mais rápido possível.

“Excelente!” disse Marcus, batendo palmas. “Obrigado, Anastacia. Nossos dois novos alfas estão definidos.”

Anastacia soltou o pescoço de August e desceu de suas costas. Ele se levantou e retribuiu o sorriso dela com um aceno respeitoso.

“Boa luta”, disse ela, apertando a mão dele. “William te subestimou.”

"Você é rápida", elogiou August.

"Então é isso?" perguntou Dylan, falando baixo e olhando para Steve. Ele parecia ter esquecido que todas as outras pessoas na sala eram lobisomens que conseguiam ouvir até o murmúrio mais baixo. "Chega de brigas?"

“Chega de brigas”, confirmou Steve, olhando para Marcus e acrescentando: “Certo?”

Marcus assentiu com a cabeça. "Isso mesmo." Ele se virou para Ryker. "Esperamos que vocês voltem aqui nas próximas luas cheias, mas os quatro podem retornar ao Forte Plainslac depois da festa de amanhã."

August sentiu todo o seu corpo relaxar. A parte difícil havia passado. Eles

haviam se juntado à matilha e encontrado seu lugar nela. John era o alfa agora, e August confiava que ele seria um bom alfa. Todos os rumores sobre ele concordavam que ele era um inimigo terrível, mas que cuidava do seu povo.

"Tudo bem se eu, August e Dylan formos para o meu apartamento com o Ryker?" perguntou Steve, tirando Dylan do colo e se levantando. Ele o abraçou forte, apertando a cabeça dele contra o peito.

“Claro. Divirta-se com seus amigos.” Marcus se aproximou e deu um tapinha no ombro dele. “Te vejo amanhã.”

August se virou para Peter, Kayden e Anastacia, acenando com a cabeça e agradecendo-lhes pelo tempo, enquanto Ryker se virou para Marcus.

“Obrigado por tudo”, disse Ryker, inclinando a cabeça respeitosamente. “August e eu agradecemos muito por toda a ajuda que você nos deu.”

"Claro", disse Marcus, agarrando o ombro de Ryker e apertando-o. Ele acenou com a cabeça para o irmão mais novo. "Vai ser bom ter ajuda para manter este aqui longe de problemas."

Steve soltou um som indignado, recuando em sinal de ofensa. "Eu não me meto em encrenca!"

Marcus apenas olhou para ele, erguendo uma sobrancelha e deixando que seu silêncio falasse por si só.

Steve corou e revirou os olhos. "Tanto faz."

Ryker sorriu. "Vamos cuidar bem dele. Prometo."

August concordou com a cabeça. Steve podia ser um filhote irritante de um alfa, mas era o filhote irritante deles. Eles dariam um jeito de fazê-lo feliz.

RYKER

Após um banho rápido, Ryker vestiu roupas limpas e saiu do banheiro de Steve. Ele caminhou pelo quarto do alfa mais jovem, parando por um minuto para observar os pôsteres que ele tinha na parede. Havia uma bela mistura de pôsteres de filmes clássicos, fotos de pin-ups e imagens da natureza, e Ryker se perguntou quantos anos Steve teria quando os colocou ali.

As modelos pin-up eram todas humanas, uma mistura de mulheres com seios fartos e quadris largos e jovens bonitos e delicados, deixando óbvio que Steve não havia se desviado muito do seu tipo ideal ao cortejar Dylan.

Junto com os pôsteres, o quarto de Steve tinha todos os troféus que se esperaria de um jovem alfa que cresceu em uma grande alcateia. Olhando mais de perto, Ryker pôde ver que Steve havia jogado futebol americano e lutado durante todo o ensino médio, e se saído muito bem.

Ele tinha uma foto dele mesmo com o uniforme de futebol americano, e Ryker ficou tentado a mostrá-la para August e Dylan. O jovem Steve era adorável.

Deixando o quadro na prateleira, Ryker se virou e saiu para encontrar seus amigos.

Ele não demorou muito para encontrá-los.

Em agosto, Steve e Dylan estavam na sala de estar, bebendo cerveja no sofá e conversando sobre o que esperar da festa no dia seguinte. Dylan estava sentado no meio, August com a mão na coxa e Steve com o braço em volta dos ombros dele, parecendo bem à vontade entre seus amigos bem maiores.

"Onde devo me sentar?" perguntou Ryker, prendendo os polegares no cós da calça jeans e olhando para os três.

August ergueu os olhos para a pergunta, sorrindo e cruzando as pernas que estavam apoiadas na mesa de centro, enquanto Steve começava a se levantar como se pretendesse ceder seu lugar a Ryker.

“Não, fique aí”, disse Ryker, rindo e fazendo um gesto para Steve se sentar novamente. “Eu posso ficar no lugar do Dylan.”

"O quê?" disse Dylan, olhando para cima com uma expressão ofendida. "Eu cheguei aqui primeiro!"

“Eu sei, mas sou maior e mais forte que você, então não há nada que você possa fazer para me impedir de tomar o seu lugar.”

Ryker caminhou entre o sofá e a mesa de centro, abaixou-se e levantou Dylan, tirando-o da cadeira. Segurou-o no ar, apreciando o jeito como suas pernas balançavam, e o aproximou para lhe dar um beijo molhado na bochecha.

“Você pode sentar no chão”, disse ele, virando-se para poder sentar entre August e Steve, enquanto ajeitava Dylan até os joelhos entre as pernas.

Dylan deixou-se manipular, sentando-se sobre os calcanhares e lançando-lhe um olhar estreito que não escondia em nada o quanto gostava de ser erguido e mandado.

"Devo ficar aqui sentado?", perguntou ele, cruzando os braços e fazendo o possível para encará-lo com um olhar fulminante. O esforço foi arruinado pelo fato de que ele não conseguia esconder o sorriso do rosto.

Ryker recostou-se, olhando para ele de cima e dando-lhe uma leve cutucada

na lateral com a ponta do pé.

Você gostaria de simplesmente ficar sentado aí?

Dylan ponderou sobre o assunto, mas desistiu de fingir estar ofendido e deu de ombros.

"Você podia sentar no meu colo", ofereceu Steve, afastando-se um pouco e dando um tapinha na coxa musculosa. Dylan olhou para ele e depois para Ryker para ver o que ele achava da proposta.

“Essa é uma opção”, disse Ryker.

“Quais são as minhas outras opções?”

Ryker levantou o pé e o colocou na coxa de Dylan, deixando-o ali enquanto fingia estar pensando na questão.

"Você poderia fazer massagens nos pés", Ryker começou a listar as coisas, contando-as nos dedos. "Você poderia empurrar a mesa de centro para trás e servir de apoio para os nossos pés, poderia fingir ser um cachorrinho e esfregar-se nas nossas pernas e gozar nas calças, poderia chupar nossos paus... as possibilidades são infinitas, na verdade."

Dylan engoliu em seco, seus olhos escurecendo enquanto considerava a lista de Ryker.

"Se eu esfregar a minha perna na sua, você vai falar comigo como se eu fosse um cachorrinho?", perguntou ele. "E você vai calçar suas botas?"

Ryker esfregou o queixo, fingindo ponderar. Dylan começou a corar, e quanto mais tempo Ryker demorava a responder, mais vermelho ficava.

“Você não precisa colocar-”

"Só estou te fazendo suar", interrompeu Ryker, sorrindo e se inclinando para bagunçar o cabelo dele. Ele o puxou para perto, entre as pernas, pressionando o rosto dele contra o espaço entre elas e olhando para Steve.

O alfa mais jovem respirava com dificuldade, observando Dylan com uma expressão faminta que lembrou Ryker de que Steve ainda não tinha transado com Dylan.

Ele decidiu ser generoso.

"Steve, você tem um par de botas bonitas que o Dylan possa usar como um cachorrinho travesso?"

Dylan emitiu um som entre um gemido e um grunhido de constrangimento, enquanto Steve se levantou tão rápido que quase caiu.

"Tenho sim", disse ele, entusiasmado e exibindo um volume enorme na frente das calças jeans. "Tenho botas de cowboy, botas táticas, botas de snowboard e botas de montaria. Quais devo comprar?"

Ryker empurrou o rosto de Dylan contra a dobra de sua coxa, pressionando-o contra o espaço ao lado de seu pênis.

“Botas de montaria”, disse Ryker, virando-se para August. “Certo?”

“Sempre uma boa escolha”, concordou August. Ele colocou a mão na virilha, apertando lentamente o volume. “Você não concorda, Dylan?”

Dylan assentiu com a cabeça, o movimento arrastando seu nariz para cima e para baixo na lateral do volume na calça de Ryker, fazendo-o grunhir de prazer.

"Vou lá colocar", disse Steve, saindo correndo do quarto. Ele parou na porta e se virou. "Devo tirar a calça jeans?"

"Sim, por favor", disse Dylan, fazendo-se entender em voz alta, apesar das

palavras estarem abafadas por estarem sendo ditas contra a coxa de Ryker.

Ryker riu. "Você o ouviu."

Steve saiu correndo do quarto, e Ryker acariciou o cabelo de Dylan enquanto esperavam que ele se trocasse.

A respiração de Dylan aquecia seu volume na calça, e Ryker acariciava seus cabelos, apreciando a sensação de tê-lo entre as pernas.

Um dia ele levaria Dylan para o trabalho e o manteria debaixo da mesa, exatamente assim.

"Que bom", disse August, olhando para Dylan com um sorriso afetuoso.

Ryker inclinou-se e capturou seus lábios em um beijo. Os lábios de August se entreabriram em sinal de aceitação, e Ryker sugou seu lábio inferior entre os dentes, dando-lhe uma mordidinha suave. August prendeu a respiração, e Ryker soltou seu lábio e lambeu sua boca com uma lambida ávida.

"Tem algo que você queira ver acontecer esta noite?", perguntou ele, afastando-se um pouco e acariciando o queixo de August. "Além de ver o Dylan brincando de cachorrinho, é claro?"

August deu uma risadinha. "Não, acho que podemos deixar o Steve se divertir um pouco esta noite." Ele interrompeu a esfregada de Ryker com um aceno de queixo. "Você está bem?"

Ryker recostou-se e ergueu a sobrancelha, perguntando-se de onde viera aquela pergunta.

“Eu sou ótimo, por quê?”

August acariciou seus cabelos, e Ryker estremeceu ao sentir as pontas dos dedos de August coçando atrás de sua orelha.

“Você travou algumas batalhas bem difíceis hoje.”

Ryker balançou a cabeça e se deixou levar pelo toque de August. As lutas tinham sido difíceis, no sentido de que exigiam que ele desse tudo de si, mas tinham sido limpas, respeitosas e quase amistosas. Ele teve que provar seu valor, mas o fez diante de um público muito receptivo.

“Ainda estou sentindo um pouco a adrenalina, e meu lobo interior está se sentindo muito bem, mas estou bem. Estou menos afetado do que costumo ficar na lua cheia.”

Pareceu ser a coisa certa a dizer. August relaxou, inclinando-se para outro beijo.

"E você?" perguntou Ryker, recostando-se e de repente se perguntando se August estava projetando seus próprios sentimentos.

“Eu também estou bem”, disse August. “Foi bem amigável, e meu lobo não está muito agitado. Ele gosta da nossa nova matilha.”

"Bom."

Um segundo depois, Steve voltou correndo para o quarto, suas botas fazendo barulho no chão de madeira, seu pênis ereto e pingando à frente enquanto ele se dirigia ao sofá e fazia uma pose na frente de Ryker para ser inspecionado.

Ryker mudou de assunto, interrompendo sua conversa bastante séria com August, e sorriu para seu novo companheiro.

Quando Steve disse botas de montaria, Ryker presumiu que ele se referia ao tipo usado para andar a cavalo, mas Steve obviamente estava falando de botas para andar de moto. As botas eram pretas com detalhes em vermelho, o couro

coberto por seções de plástico reforçado que protegeriam seus pés e tornozelos em caso de acidente, e o cano robusto chegava até a metade do joelho.

Eram o tipo de botas que se usavam com um fato de motociclista a condizer.

"Estão boas?" perguntou Steve, colocando um pé sobre a mesa de centro e inclinando a bota em direção ao sofá. O movimento exibiu sua coxa musculosa e chamou mais atenção para seu pênis enorme do que para a bota apoiada na mesa.

"Dylan?" perguntou Ryker, soltando a cabeça de Dylan e deixando-o se virar para olhar. Foi ele quem pediu as botas, então Ryker achou que deveria deixá-lo dar o veredito.

Dylan engasgou, a boca entreaberta em choque ao se deparar com a virilidade de Steve. Ele nem pareceu notar o pé de Steve ou a bota que ele estava exibindo, toda a sua atenção estava focada no que havia entre as pernas de Steve.

"A bota, Dylan", disse Ryker, inclinando-se e apertando o pescoço de Dylan. Ele virou a cabeça de Dylan na direção do pé de Steve.

“Ah, é uma bota de motociclista”, disse Dylan, parecendo surpreso, mas satisfeito. Ele umedeceu os lábios e inclinou a cabeça. “Essas não são as que você usa para andar de moto em Fort Plainslac, né?”

Steve balançou a cabeça, tirando o pé da mesa e sentando-se. Colocou um pé sobre a mesa de centro e acariciou a ponta do pênis, puxando o prepúcio para baixo e expondo a glande em forma de cogumelo.

“Não são”, concordou ele, traçando o contorno da sua uretra com a ponta do polegar. O movimento cativou Dylan, suas pupilas dilatadas enquanto observava os dedos de Steve movendo seu prepúcio para cima e para baixo. “Essas são Alpinestars e estas são Dainese. Por quê? Você gostou mais daquelas?”

Steve soltou o pênis, deixando-o cair de volta contra o estômago, ergueu os braços e colocou as mãos atrás da cabeça. Apoiou o pé que não estava usando na mesa de centro no chão, inclinando-o em direção a Dylan e posicionando-o de forma que pudesse se deitar sobre ele e começar a se esfregar no couro sempre que quisesse.

Dylan olhou para baixo e balançou a cabeça. "Não, eu só notei que eles eram diferentes." Ele ergueu os olhos por entre os cílios, mordendo o lábio e encarando o pênis de Steve como se estivesse tentando descobrir como poderia levá-lo à boca.

"Como está sua garganta?" perguntou Ryker, acariciando o cabelo de Dylan e roçando o nariz na bochecha do garoto. "Você quer fazer um boquete no Steve enquanto você esfrega a perna dele?"

Ryker estava começando a ter a impressão de que Dylan havia perdido o interesse na bota de Steve, com sua atenção totalmente voltada para o pau do jovem alfa, mas Ryker ainda queria vê-lo montá-lo.

"Sim, por favor", disse Dylan, arrastando os pés de joelhos para se aproximar de Steve. Ryker o agarrou pelos cabelos e o deteve com um puxão suave.

“Não é assim que os filhotes falam”, disse ele, mantendo o punho cerrado nos cabelos de Dylan e puxando-o firmemente pelo couro cabeludo. “É?”

"Não?", disse Dylan, prolongando a palavra e transformando-a em uma pergunta.

“Mostre-me como os filhotes falam, Dylan.”

“Au au?”

August soltou uma risada abafada ao lado deles, e Dylan ficou vermelho na hora. Ele fechou os olhos, encolhendo-se e parecendo humilhado, mas o volume em sua calça de moletom se mexeu, e quando Ryker balançou levemente a cabeça, ele gemeu.

"Faça melhor", instruiu Ryker.

Dylan latiu, e desta vez conseguiu fazer algo quase convincente.

“Bom cachorrinho. É tudo o que quero ouvir de você.” Ryker se inclinou e deu um beijo molhado na têmpora de Dylan. Soltou o cabelo dele e o empurrou em direção ao pé de Steve, que o esperava. “Agora mostre para todos nós o cachorrinho tarado que você é e monte na bota do Steve.”

Dylan correu até a perna que Steve lhe ofereceu, montou nela, se aconchegou sobre a perna de Steve e pressionou o rosto contra a parte interna da coxa do alfa.

Steve segurou o pênis pela base e bateu com o membro grosso na nuca de Dylan, pressionando-o com a palma da mão e inclinando a cabeça para trás com um grunhido de prazer.

"O cachorrinho quer um osso?" perguntou August, levantando-se e contornando a mesa de centro para poder se agachar ao lado de Dylan e acariciar seus cabelos. "Vamos lá, faça barulho se quiser o osso do Steve."

Dylan estremeceu, com o rosto ainda enterrado na coxa de Steve, mas então soltou um pequeno gemido seguido de um latido necessitado.

August olhou para Ryker, e Ryker não conseguiu conter um resmungo de divertimento ao ver a alegria no rosto de seu companheiro.

"Bom cachorrinho", rosnou Steve, soltando o pênis e agarrando Dylan pela nuca. Empurrou-o para o espaço ao lado de seus testículos, mostrando os dentes em uma careta de prazer, e pressionou o pênis contra a lateral da cabeça de Dylan. "Lamba meus testículos, cachorrinho."

Dylan gemeu e começou a lamber, claramente apreciando o sabor almiscarado da virilha de Steve, e o pau de Ryker pulsou de inveja enquanto ele observava Steve empurrar a cabeça de Dylan para trás e esfregar a ponta do seu pau por todo o rosto dele.

Dylan abriu a boca, tentando abocanhar a glande bulbosa de Steve, mas Steve parecia determinado a pintar todo o seu rosto com líquido pré-ejaculatório antes de deixá-lo provar seu membro.

"Você quer?" Steve provocou, pressionando seu membro contra o nariz de Dylan. Dylan soltou um gemido impaciente, arqueando os quadris e esfregando a virilha no cano da bota de Steve enquanto tentava levar a ponta do pênis de Steve à boca.

"Acho que sim", disse August, dando um tapa na bunda de Dylan, que recuou assustado e ergueu a cabeça. "Ele é um cachorrinho ganancioso."

August deu-lhe outra palmada, e Dylan estremeceu. Ele não foi o único afetado. Steve encarava a mão de August com uma expressão intensa, os lábios entreabertos e a respiração ofegante.

"Faça isso de novo", disse ele, lambendo os lábios.

"O quê, isso?" August deu mais um tapa na bunda de Dylan. O som da sua mão larga atingindo a bunda de Dylan ecoou pelo quarto, mais um baque do que um tapa propriamente dito, por causa do algodão grosso da calça de moletom de

Dylan atrapalhando o som.

"É isso aí", disse Steve, lambendo os lábios novamente. "Dá umas palmadas na bunda dele."

Dylan se deixou cair sobre a coxa de Steve, abraçando o membro musculoso como se estivesse abraçando o galho de uma árvore, tentando não cair, e pressionou o rosto contra o períneo de Steve enquanto August começava a dar palmadas cada vez mais fortes em sua bunda.

"Vamos nos livrar disso", rosnou August, puxando a calça de moletom de Dylan para baixo até as coxas, expondo sua bunda vermelha e deixando seu pau saltar para fora.

Dylan levantou os quadris para posicionar seu pênis contra a bota de Steve, esfregando-se na perna de Steve como um cachorrinho de verdade enquanto August continuava a dar palmadas em sua bunda.

“Calma aí”, disse Ryker, gesticulando para August parar. Ele se inclinou e afastou as nádegas de Dylan, verificando o orifício. Ainda estava inflamado e vermelho, com aparência de ter sido maltratado e dolorido, e Ryker resistiu ao impulso de acariciar a abertura sensível com a ponta do dedo. “Ele ainda está bem dolorido, então tenha cuidado.”

“Claro”, disse August, apalpando as bochechas de Dylan e apertando-as. “Dylan, você já levou palmadas o suficiente?”

Dylan hesitou, mas depois de uma pausa, assentiu com a cabeça.

“Tudo bem, vamos parar por aqui.” August soltou as bochechas dele, dando-lhes um tapinha carinhoso. “Você está se comportando tão bem conosco.”

Ryker sorriu, dando um tapinha no ombro de Steve para chamar sua atenção. "Deixa ele chupar seu pau. Acho que você já o fez esperar tempo suficiente."

Dylan emitiu um som de concordância entusiasmado, levantando a cabeça e olhando para Steve com um desejo tímido que era tão adorável quanto sexy.

"Claro", disse Steve, sorrindo e estendendo o pênis para que Dylan pudesse se inclinar e levá-lo à boca. "Quão perto você está de gozar?"

Dylan abriu a boca para responder, mas então pareceu se lembrar de que não devia falar.

Steve sorriu. "Use suas palavras. Você está perto?"

Dylan assentiu com a cabeça e depois soltou um suspiro de espanto quando Steve levantou o pé e esfregou a ponta da bota na virilha do garoto.

“Você pode vir quando quiser, mas se vier na minha bota, vai ter que lamber tudo. Entendeu?”

Dylan assentiu com a cabeça, movendo os quadris e esfregando o pênis na perna de Steve como se pretendesse gozar o mais rápido possível.

“Então me mostre o que você tem.”

Steve esperou até que Dylan tivesse a cabeça do seu pênis na boca, seu corpo inteiro estremecendo quando Dylan fechou os lábios em torno da haste, e então ele a soltou. Recostou-se na cadeira, levando as mãos atrás da cabeça, e se acomodou confortavelmente enquanto observava Dylan esfregar a perna em sua boca e chupar seu pênis.

Ryker estava curioso com a falta de agressividade. Sempre que tinha o pau na boca de Dylan, achava quase impossível não agarrar a cabeça dele e começar a foder seu crânio. Era preciso um esforço consciente para ser gentil e deixar

Dylan ditar o ritmo, e mesmo assim, não era tão satisfatório quanto dominá-lo completamente.

Steve parecia estar curtindo as coisas de um jeito diferente. Ele parecia perfeitamente feliz em ficar sentado ali e deixar Dylan se servir à vontade enquanto babava por todo o seu comprimento, usando a língua e as mãos de maneiras que nem August nem Ryker tinham paciência para permitir.

"Bom?" perguntou Ryker, observando Dylan lamber a veia que percorria a parte inferior do pênis de Steve.

"Muito bom", concordou Steve. "Ele está tão entusiasmado. É incrível."

Ryker encontrou o olhar de August, e ambos compartilharam a admiração pela atitude mais relaxada de Steve em relação a receber sexo oral.

Dylan, por outro lado, parecia extasiado por ter total liberdade para tocar, lamber e chupar o enorme pênis de Steve como bem entendesse. Tudo o que fazia Steve se contorcer, ele repetia, e quando enfiou a língua sob o prepúcio de Steve e lambeu a glande, fazendo Steve gemer alto, ele soltou um som de prazer e passou cinco minutos inteiros explorando o prepúcio de Steve, tentando fazê-lo gemer novamente.

Ele conseguiu duas vezes.

Ryker se pegou pensando se talvez não devesse ter sido tão impaciente na hora de fazer sexo oral com Dylan.

"Aperta meu nó", rosnou Steve, agarrando Dylan pelos cabelos de repente e curvando o torso para a frente. Ele tinha apenas a cabeça do pênis dentro da boca do garoto, o corpo coberto de saliva, e quando Dylan apertou o nó com as duas mãos, cerrou os dentes e ejaculou.

Ryker teve que libertar o pênis da calça jeans, a visão de Steve enchendo a boca de Dylan com esperma fazendo seus testículos parecerem que iam explodir. A boca de Dylan estava transbordando, o sêmen de Steve escorrendo pelos cantos da boca e descendo pelo queixo, sua garganta trabalhando sem parar para engolir o máximo possível daquele precioso esperma de Steve.

Ele era lindo.

Enquanto engolia o esperma de Steve, Dylan acelerava o movimento dos quadris, pressionando o pênis contra o couro da bota de Steve e inclinando o corpo de forma que a ponta da bota pressionasse seu períneo.

"Vem pra cima de nós, cachorrinho", rosnou August, ainda agachado ao lado de Dylan, esfregando suas costas e coxa com toques possessivos da mão. "Goza em cima da bota do Steve."

Dylan contraiu os glúteos e afastou a boca do pau de Steve, pressionando o rosto contra a dobra da coxa interna de Steve enquanto gozava na perna dele como um cachorrinho travesso.

"Isso mesmo", disse August, com uma voz que misturava carinho e deboche, "Faça uma bagunça na bota do Steve. Mostre pra gente o cachorrinho sujo que você é."

Dylan gemeu, seus quadris parando de se mover enquanto ele atingia o ápice do orgasmo, apenas para August alcançar entre suas pernas e masturbá-lo.

Dylan deu um gritinho e se afastou bruscamente, a estimulação inesperada de sua glande sensível o fez reagir como um gato assustado.

“Não seja tão malvado”, repreendeu Steve, levantando Dylan e salvando-o

dos dedos de August. “Ele está se comportando bem.”

Steve apertou Dylan contra o peito, prendendo seu pênis ainda ereto entre seus estômagos, e o envolveu com os braços.

"Eles são sempre tão malvados com você?", perguntou Steve, esfregando o rosto nos cabelos de Dylan.

"Sempre", disse Dylan, exagerando na atuação e soando ainda mais patético.

"Ele adora", rosnou August, dando um tapinha forte na bunda de Dylan. "Ele fica todo molenga quando você o manipula e o trata com brutalidade."

"Quero ser gentil com ele", disse Steve, acariciando as costas de Dylan.

"Sério?" disse Ryker, sorrindo e acariciando o próprio pênis. "Seu encontro no KinkMatch disse que você queria marcá-lo a ferro e rasgar suas costas com um único chicote. Isso não parece nada agradável."

Dylan tentou se inclinar para trás, repentinamente cauteloso, mas Steve o segurou perto. Ele continuou acariciando seus cabelos.

"Quero ser legal agora", acrescentou Steve. "E depois ser malvado mais tarde, quando ele estiver com vontade de sofrer um pouco."

"Você viu que eu disse não à marca e ao chicote, né?" Dylan finalmente se pronunciou, parecendo preocupado.

Steve riu. "Eu sei, e tudo bem. Você não precisa se esforçar. Tudo o que fazemos deve ser divertido para todos nós. Não é isso que o Ryker diz?"

“É sim”, concordou Dylan.

“E ele é o chefe, então essa é a regra”, disse Steve. “Todos nós temos que nos divertir, senão não fazemos nada.”

Dylan relaxou, encostando-se no peito de Steve e apoiando a bochecha na protuberância do seu peitoral.

August se levantou, parando ao lado da perna que Steve ainda tinha apoiada na mesa de centro. Ele apalpou o volume em sua calça.

"Posso subir nas suas costas?", perguntou ele, dando uma cutucada em Dylan enquanto fazia a pergunta.

"Claro", disse Dylan, virando a cabeça para olhá-lo novamente.

August libertou o pênis da calça jeans e começou a se masturbar por cerca de trinta segundos antes de respirar fundo e soltar o esperma, com as narinas dilatadas, espalhando seu sêmen pelas costas de Dylan.

Dylan estremeceu, soltando um gemido de prazer quando Steve estendeu a mão por trás e começou a espalhar o sêmen em sua pele, ocasionalmente levando os dedos cobertos de esperma até a boca de Dylan para que ele os lamber.

August espremeu o resto do seu sêmen da ponta do seu pênis e então passou por cima da perna de Steve para poder se mover e sentar-se novamente ao lado de Ryker.

"Marcando território?" Ryker provocou, puxando-o para debaixo do braço. Seu próprio pau estava saliente por baixo da calça jeans, mas ele estava se segurando para não se masturbar de um jeito que o fizesse gozar. Ele queria saborear o momento e se manter no limite por mais um tempo.

“Um pouco”, concordou August.

"Estou todo grudento", comentou Dylan, sem parecer nada incomodado com a situação. "E estou cheirando a esperma."

"Você é mesmo", concordou Steve, estendendo a palma da mão para que

Dylan a lambesse. "Você é um cachorrinho muito fofo."

Ryker engoliu em seco, decidindo que queria vir e que, além disso, queria um espetáculo.

"Dylan", disse Ryker, chamando a atenção de Dylan.

"Sim?" O rosto de Dylan estava uma bagunça, mas seus olhos brilhavam e ele parecia feliz. "O que foi?"

"Você fez uma bagunça", lembrou Ryker, apontando com a cabeça para a bota de Steve. "Lamba até limpar."

Dylan estremeceu, o tom imponente da voz de Ryker obviamente o afetando, e se impulsionou do colo de Steve para o chão. Ele se ajoelhou entre os pés de Steve e, com um olhar por entre os cílios, começou a lamber o couro da bota de Steve, saboreando sua pequena ejaculação.

Ryker afastou os lábios dos dentes, inspirou profundamente e se masturbou com movimentos furiosos.

Ele não estava nada preparado para o momento em que August se inclinou repentinamente e levou a cabeça do seu pênis à boca, chupando-o com movimentos precisos da língua enquanto apertava o nó que começava a se formar, na medida certa.

O orgasmo de Ryker o atingiu como um soco no estômago, seu sêmen quente jorrando na boca de August e inundando sua língua com esperma. Ele agarrou August pelos cabelos, soltando-o rapidamente quando August soltou um rosnado de aviso e deixou seus dentes roçarem a glande sensível de seu pênis.

"Desculpe", disse Ryker, rindo enquanto mantinha as mãos cerradas ao lado do corpo e deixava August controlar seu orgasmo.

Dylan sentou-se de volta sobre os joelhos, terminou de lamber o próprio esperma e observou August chupar o pau de Ryker. Seus olhos estavam arregalados e ele parecia estar tendo uma experiência religiosa.

Quando August finalmente tirou o pênis de Ryker da boca, percebeu que Dylan o observava. Com a boca cheia de esperma, Dylan sorriu e se inclinou para cuspir na bota de Steve.

“Aqui tem mais para você”, disse August, com um largo sorriso e limpando a boca com as costas da mão. “Comece a limpar.”

"Você não precisa", lembrou Ryker, recordando a aversão de Dylan a cuspe. Ele não tinha certeza se isso se aplicava também neste caso, mas não queria que Dylan fizesse algo de que não gostasse.

Ele não precisava ter se preocupado. Dylan se inclinou e atacou a bota de Steve com muito mais prazer do que quando estava lambendo seu próprio sêmen, passando a língua sobre o couro e bebendo os filetes de esperma com uma apreciação gananciosa.

Quando finalmente terminou, ele se virou e se encostou na perna de Steve, apoiando a cabeça na coxa dele e fechando os olhos com um pequeno sorriso feliz no rosto.

Ele umedeceu os lábios, olhou por cima do ombro e perguntou: "Podemos tirar uma soneca?"

Ryker olhou para August e Steve, que assentiram com a cabeça em sinal de aprovação, e concordou com a cabeça. Ele estendeu a mão e passou os dedos pelos cabelos suados de Dylan, dando um leve puxão.

“Acho que essa é uma ideia fantástica.”

Ryker duvidava que Steve ou August estivessem mais cansados do que ele, mas um momento a dois com seu ômega era algo que nenhum deles queria perder.

STEVE

Steve acordou com a cabeça confortavelmente apoiada no bíceps de Ryker. Ryker o abraçava por trás, com um braço firmemente sobre sua cintura, respirando suavemente na nuca dele.

Dylan e August estavam deitados de frente para eles, e Steve soltou um suspiro divertido ao ver a posição deles. Dylan estava de bruços, com o rosto apoiado no braço, e August estava meio deitado sobre ele, abraçando-o possessivamente e praticamente o prendendo ao colchão com o peso do corpo.

Eles estavam tão próximos que Steve conseguia sentir a respiração suave de Dylan e August em seu braço.

Steve fechou os olhos e apreciou o momento. Fazia muito tempo que não acordava tão tranquilo, com seu lobo calmo e satisfeito por saber que tudo estava como deveria estar e que não havia nada com que se preocupar.

Após alguns minutos, o motivo pelo qual Steve havia acordado tornou-se urgente demais para ser ignorado. Sua bexiga doía, os músculos da virilha se contraíam para conter o xixi, uma situação que era culpa dele, já que não havia ido ao banheiro antes de dormir.

Ele havia esquecido, sua ânsia de voltar a abraçar seus companheiros afastando qualquer tipo de raciocínio lógico de sua mente.

Afastando o braço de Ryker de seu abdômen, Steve saiu de debaixo das cobertas e rastejou por cima de Ryker para chegar à beira da cama.

"Já é de manhã?", murmurou Dylan, ainda com a voz meio sonolenta.

"Só preciso ir ao banheiro", sussurrou Steve, estendendo a mão e dando um tapinha no braço dele. "Volte a dormir."

Dylan fechou os olhos e, alguns segundos depois, sua respiração se acalmou e ele voltou a dormir.

Steve saiu silenciosamente do quarto, dirigindo-se ao quarto de hóspedes, onde o som da descarga do vaso sanitário não acordaria Dylan novamente.

Depois de urinar e lavar as mãos, Steve foi até a cozinha pegar um copo d'água. Ele parou junto ao balcão e bebeu tudo de uma vez, olhando pela janela escura para a entrada de carros lá embaixo.

Quando um carro conhecido parou na entrada da garagem, ele se animou, pousou o copo e foi se vestir.

Era a mãe dele.

Steve tinha planejado vê-la no dia anterior, logo depois de falar com o pai, mas ela não estava em casa. Depois de tudo o que aconteceu com Ryker, August e Dylan, ele estava ocupado demais para sequer pensar nela.

Ao ver o carro dela, porém, ele foi tomado por um forte desejo de vê-la e contar-lhe tudo o que havia acontecido.

Vestido com jeans e uma camisa de botões, Steve estava indo em direção à porta quando viu suas botas de motociclista, limpas com saliva, no chão ao lado do sofá. Ele ficou tentado a calçá-las – o cheiro de couro e esperma lhe dava água na boca – e se ele fosse conversar com alguém além de sua mãe, ele as teria calçado.

Ele continuou pelo corredor, calçou suas botas e vestiu sua jaqueta de sempre, saiu apressado do apartamento e correu para baixo para encontrar sua

mãe quando ela entrasse em casa.

"Steve!" disse sua mãe, parando na porta da garagem e lhe lançando um largo sorriso. "Como você sabia que eu voltaria para casa tão cedo?"

Ela caminhou para a frente, envolvendo-o num abraço e levantando-o do chão. Era uma mulher alta, cerca de quinze centímetros mais baixa que ele, com ombros largos e pernas musculosas que eram sua principal arma em lutas por dominância.

Steve sabia que seu pai havia escolhido sua mãe unicamente por sua capacidade de lhe dar filhos alfas fortes, e que isso havia resultado em um casamento miserável do qual ambos ficaram felizes em escapar.

"Não fiz isso", disse Steve, suportando o abraço apertado com um sorriso. "Eu estava pegando um copo d'água quando vi seu carro. Onde você estava?"

Sua mãe o colocou no chão, segurando-o à distância e olhando-o de cima a baixo.

“Eu estava em Anchorage. Tinha uma inauguração de galeria para ir, mas quando Marcus me ligou e disse que você estava voltando para casa, eu voltei imediatamente.”

Steve tinha quase certeza de que, quando sua mãe disse que voltou imediatamente, o que ela realmente quis dizer foi que havia comparecido à inauguração da galeria, depois à festa posterior e, em seguida, voltado direto para casa, em vez de ficar em Anchorage como costumava fazer.

"Papai achou que você estava em casa", disse Steve, brincando com ela. "Eu fui ao seu apartamento ontem para te ver, mas você não estava lá."

"Você poderia ter me ligado a qualquer hora, Steve", disse a mãe dele. "Eu teria te dito onde eu estava."

O fato de ela também não ter ligado para ele não era algo que ele fosse mencionar.

"Eu queria", disse ele, sem querer iniciar uma briga.

“Eu sei”, disse ela. “Não quis dizer nada com isso. Me desculpe. Vamos tomar um café e você me conta tudo.” Ela parou, segurando o queixo dele e inclinando sua cabeça. “Isso é uma mordida *de acasalamento* ?”

Steve riu. "É mesmo. Vou te contar tudo sobre eles."

“Eles, no sentido de pessoas não conformes com o gênero, ou eles no sentido de várias pessoas?”

Steve inclinou a cabeça para o outro lado, mostrando também a marca de agosto. Sua mãe deu um suspiro de espanto.

“Parabéns. Vamos esquecer o café, tenho uma garrafa de conhaque que guardei para uma ocasião especial. Vamos abri-la, comer uns biscoitos, e você pode me contar tudo o que eu perdi.”



“Sabe, seu pai e eu tivemos um ômega.”

De todas as coisas que Steve esperava que sua mãe dissesse depois que ele lhe contasse tudo, essa era a última delas.

"O que?"

Sua mãe assentiu com a cabeça, olhando pela janela e tomando um gole de seu conhaque. “Foi assim que nos casamos. O nome dele era Corey. Ele era um homem absolutamente incrível que trabalhava como lenhador em Ketchikan. As pessoas sempre pensavam que ele era um lobisomem, porque ele tinha um metro e noventa e cinco de altura e era forte como um touro, e isso sempre o deixava muito tímido quando tinha que explicar que era apenas um humano comum.”

Steve engoliu em seco, pensando em como seus pais poderiam ter tido um ômega sem que ninguém jamais lhe contasse.

Marcus sabia disso?

"O que aconteceu com ele?", perguntou Steve.

“Ele se matou.”

Steve olhou para sua mãe. Ela estava olhando pela janela, com a postura rígida e infeliz.

"Por quê?" Steve quase não queria fazer a pergunta, mas precisava saber. Se houvesse alguma maneira de ele estragar tudo e fazer Dylan querer fazer... algo assim, então ele precisava saber.

“Seu pai tinha essa ideia de que negar sexo era uma boa maneira de treinar o Corey para ser mais obediente. O Corey era humano, então nem sempre obedecia como seu pai esperava. Isso o deixava louco quando ele mandava o Corey fazer alguma coisa e ele simplesmente balançava a cabeça negativamente e seguia com o dia. Depois que ele começou a negar sexo toda vez que o Corey se comportava mal, as coisas melhoraram por um tempo.” A mãe dele estalou a mandíbula e balançou a cabeça. “Não, não melhoraram. O Corey estava infeliz, e eu estava tentando fazer seu pai entender as coisas, e era horrível. Seu pai era o único que estava feliz. Aí um dia, o Corey simplesmente não aguentou mais e saiu de casa, foi dormir na neve, e seu pai o encontrou de manhã. Nos divorciamos alguns dias depois.”

Steve engoliu em seco, pensando em como pôde ter vivido a vida inteira sem saber disso sobre seus pais.

Ele relembrou a manhã em que Ryker percebeu que Dylan era um ômega, recordando a expressão no rosto de Dylan enquanto ele concordava desesperadamente em beber urina, apesar de o pensamento lhe causar repulsa, e tentou imaginar usar esse desespero contra ele para torná-lo mais obediente.

Para quebrá-lo.

Ele não conseguia imaginar.

“Obviamente, ninguém pode falar sobre Corey”, disse sua mãe, respirando fundo e virando o resto do conhaque. “Ele não precisou arrancar mais do que algumas gargantas para que todos entendessem o recado.”

"Você o amava?", perguntou Steve.

"Quem?" perguntou a mãe, franzindo as bochechas e fazendo uma careta. "Corey, ou seu pai?"

“Corey.”

A mãe dele balançou a cabeça. "Não, mas eu gostava muito dele. Ele era decente, de um jeito que poucas pessoas são. Seu pai o amava, pelo menos eu acho que sim. Ele é estranho quando se trata de amor. Ele não o demonstra direito."

Steve teve o pensamento nada caridoso de que ela também não pensava

assim, mas não disse isso em voz alta nem deixou transparecer qualquer indício disso em sua expressão.

"Será que Marcus sabe disso?"

A mãe dele deu de ombros. "Ele sabe que tínhamos um ômega chamado Corey que morava conosco, mas não sei se ele sabe os detalhes de como ou por que ele morreu. Eles não eram próximos. Corey não gostava de crianças."

Steve encarou sua bebida, angustiado por não estar tendo mais dificuldade em acreditar na história de sua mãe. Ela era uma fonte tendenciosa – ele sabia que ela apresentaria seu pai da pior maneira possível – mas a acusação básica, de que seu pai usaria o sofrimento de seu ômega para controlá-lo, não era algo que ele achasse difícil de acreditar.

“Ryker jamais deixaria algo assim acontecer com Dylan.”

Steve tinha certeza disso. Ele sentira o lobo de Ryker em sua mente quando formaram seu vínculo de acasalamento, e sabia que Ryker jamais deixaria alguém sob sua proteção sofrer se houvesse algo que ele pudesse fazer para ajudá-lo – e jamais se permitiria ser a causa desse sofrimento.

“Ótimo, mas você deveria criar o hábito de desidratar uma mistura do seu sêmen e armazená-la em cápsulas para emergências. Não é preciso muito para aliviar os sintomas da separação, e alguns orgasmos podem produzir cápsulas suficientes para durar semanas. Armazenadas em um recipiente hermético no congelador, elas devem durar praticamente por tempo indeterminado.”

Steve fez uma anotação mental para comprar um desidratador industrial e começar a estocar cápsulas suficientes para durar o resto da vida de Dylan.

"Sim, eu vou", prometeu ele. Sua mãe assentiu, voltando o olhar para a janela escura e servindo-se de outra bebida.

Steve ficou se perguntando o que ela estaria pensando.

DYLAN

Dylan acordou sentindo-se revigorado, e quando esticou as pernas debaixo das cobertas e se virou para se aconchegar no peito de August, a dor que iluminara seu orifício cada vez que ele se mexia na noite anterior havia desaparecido.

Sêmen de lobisomem. Realmente servia para alguma coisa.

“Bom dia”, murmurou August, meio adormecido e aconchegando-se em seus cabelos. “Onde estão os outros?”

Dylan deu de ombros, passando os dedos pelo abdômen de August. "Não sei ao certo."

Quando ele acordou, Ryker e Steve não estavam mais na cama.

O estômago de August roncou, as vibrações fazendo cócegas nos dedos de Dylan. Ele riu e afastou a mão.

“Deveríamos tomar o café da manhã.”

August suspirou e o apertou com força, emitindo um som de protesto na garganta. "Mas estou tão confortável."

"Podemos ficar assim por um tempo", ofereceu Dylan, feliz por ficar deitado na cama com August e aproveitar sua companhia por alguns instantes. Era bom ter um tempo juntos em que pudessem ter intimidade física sem que o sexo estivesse em questão.

“Não, preciso adiantar algumas coisas do trabalho antes da festa hoje. A Mary provavelmente está louca para me matar por ter faltado ao trabalho sem dizer o motivo, e preciso avisar a Cynthia que volto depois de amanhã para que ela não remarque mais compromissos do que o necessário.”

August parecia incomodada, mas não como se isso fosse causar problemas. Essa era a vantagem de ter o próprio negócio.

Dylan havia perdido uma reunião com seu orientador e duas sessões no laboratório de impressão 3D, mas tinha certeza de que seu orientador entenderia. Ele estava mais preocupado com a possibilidade da empresa que o patrocinava ficar irritada por ter que pagar pelo tempo no laboratório, mas então se lembrou de que a matilha de Steve era dona da empresa e que provavelmente conseguiria convencer Steve a encontrar alguém para justificar sua ausência.

"Devo ligar para a Annie", disse Dylan, esperando que ela não estivesse preocupada. Ele havia lhe enviado uma mensagem assim que recuperou o celular, avisando que estava bem, mas eles não tinham tido a chance de conversar.

Ele se sentou, esticando as costas e coçando a coxa enquanto olhava ao redor do quarto de Steve. Estava olhando para uma foto de Steve com o uniforme de futebol americano do ensino médio quando percebeu que não sentia nenhuma dor no ânus.

Mesmo quando se sentou diretamente sobre o traseiro, não sentiu nem um leve incômodo.

Ele se perguntou se o efeito da transformação em lobisomem na cura era cumulativo, ou se havia um limite para o bem que ela poderia trazer.

"O que você está fazendo?" perguntou August, e Dylan percebeu que estava se remexendo, esfregando o traseiro no colchão numa tentativa de provocar algum tipo de dor. Ele devia estar parecendo um lunático.

"Nada", mentiu ele, preocupado que August quisesse começar alguma coisa se admitisse que se sentia melhor. Ele não estava com vontade de transar. Então, imediatamente, mudou de ideia e disparou: "Na verdade, eu estava testando para ver se meu cu ainda dói, mas está ótimo."

Dylan não queria criar o hábito de mentir para evitar sexo. Ele precisava se sentir confortável em estabelecer limites e praticar dizer não. Ryker, August e Steve *queriam* que ele se sentisse confortável em estabelecer limites e dizer não.

Inesperadamente, August não interpretou suas palavras como um convite para seduzi-lo. Ele bagunçou o cabelo de Dylan com um carinhoso franzir da pele ao redor dos olhos, inclinou-se e beijou sua bochecha, dizendo simplesmente: "Bom. Não gosto de te ver com dor." Em seguida, passou as pernas para fora da cama, vestiu sua cueca boxer, levantou-se e colocou a calça jeans com um sorriso bobo no rosto.

Ele parecia muito desperto para alguém que estava dormindo apenas cinco minutos antes.

Dylan franziu o nariz, encarando August enquanto ele vestia uma camisa Henley e um suéter. Ele se sentia roubado da chance de se impor e estabelecer um limite sexual.

"O quê?" perguntou August, ajeitando o suéter no lugar, enfiando a mão por dentro e ajustando a blusa Henley.

"Nada", disse Dylan, encostando-se na cabeceira da cama. Ele não estava realmente chateado – isso seria ridículo – mas estava tão orgulhoso de si mesmo que resistiria ao charme francamente ridículo de August e diria não à transa pela primeira vez.

“Então, o que há de errado com o rosto?”

"Não é nada", insistiu Dylan, corando. Não havia como ele dizer a August que estava desapontado por não ter tido a chance de rejeitar suas investidas.

"Você queria mais do que um beijo na bochecha?" August sorriu, subindo na cama e avançando sobre Dylan como um lobo à espreita. Ele colocou as mãos em cada lado do colo de Dylan e se inclinou para poder roçar os lábios na boca dele. Ele traçou o contorno do lábio de Dylan com a ponta da língua, explorando delicadamente o interior, e então mordeu suavemente o lábio inferior. "Era isso que você queria?"

Dylan gemeu, e August lambeu sua boca com uma lambida agressiva. Dylan agarrou a frente do suéter, agarrando-se ao tecido tricotado e inclinando a cabeça para trás enquanto deixava August se inclinar sobre ele e lamber sua boca. Quando August finalmente se afastou, Dylan estava ofegante, e levou alguns segundos para perceber que precisava soltar a camisa de August.

"Melhor?" perguntou August, com um sorriso satisfeito nos lábios.

Dylan assentiu com a cabeça e, embora isso o irritasse, ele sabia que se August lhe pedisse para se virar e mostrar a bunda, naquele instante ele o faria, sem questionar.

“Ótimo.” August pulou da cama e sentou-se para calçar as meias. “Estou morrendo de fome. Você vai vir tomar café da manhã comigo?” Ele terminou de calçar as meias e se levantou. “Ou eu posso trazer algo para você na cama?”

Com as pernas longas envoltas em calças jeans justas, o suéter de tricô realçando seus peitorais e ombros largos, August parecia confortável e

aconchegante, mas também como se Dylan quisesse escalá-lo como se fosse uma árvore.

"Eu vou com vocês", disse Dylan, afastando os cobertores e saindo da cama. Ele vestiu uma cueca limpa e uma calça jeans, agradecido por Ryker e August terem se lembrado de trazer uma mala com suas roupas e artigos de higiene pessoal para o Alasca.

“Que tipo de festa vai ser?”, perguntou ele, acompanhando August para fora do quarto. Ele imaginava balões e comida compartilhada, mas algo lhe dizia que não era isso que a matilha de Steve havia planejado.

"Não faço ideia", disse August, passando o braço pelas costas dos ombros de Dylan e puxando-o para perto de si. "Acho que vamos descobrir."

A cozinha estava vazia, então August e Dylan foram para a sala de estar. Encontraram Ryker sentado no sofá, com um prato cheio de sanduíches de rosbife no colo e a TV sintonizada no canal do tempo.

Ele estava vestido de forma semelhante a August, usando calça jeans e um suéter de tricô, embora seu suéter lhe caísse muito mais folgado do que o de August.

“Bom dia”, disse Ryker, tirando os pés da mesa de centro e abaixando o volume da TV. “Vocês querem um sanduíche? Tenho o suficiente para compartilhar.”

“Claro”, disse August. “Você fez café?”

Ryker balançou a cabeça negativamente.

“Vou preparar alguns. Dylan, você quer alguma coisa?”

"Aceito um café, se você estiver preparando", disse Dylan, caminhando até Ryker e sentando-se ao seu lado.

"Eu também", disse Ryker, entregando a Dylan um sanduíche recheado com rosbife, alface e tomate.

"Então, onde está o Steve?", perguntou Dylan, dando uma mordida no sanduíche e tentando segurá-lo para não derramar fatias de tomate no colo.

"Não tenho certeza", disse Ryker. "Ele tinha ido embora quando acordei. Eu ia procurá-lo se ele não tivesse voltado até eu terminar de comer."

"Talvez ele tenha ido visitar os irmãos?", sugeriu Dylan, dando outra mordida.

“Pode ser isso.” Ryker lambeu um pouco de maionese do dedo e o olhou de cima a baixo, avaliando-o. “Como você está se sentindo esta manhã?”

"Eu me sinto bem", disse Dylan. Ele corou. "Meu bumbum não dói mais."

"Não?" Ryker sorriu e deu um empurrãozinho no ombro dele. "Isso significa que o Steve vai poder te reivindicar antes de irmos para casa?"

"Talvez?" Dylan deu de ombros, sentindo seu orifício se contrair com a ideia de receber o pau de Steve. Era quase da mesma grossura que o de Ryker, mas um pouco mais comprido e com a glande mais grossa, e Dylan estava extremamente intimidado. "Vamos ver como vai ser."

“Claro.” Ryker pegou o controle remoto e apontou para a TV. “Você se importa se assistirmos ao noticiário?”

"De jeito nenhum."

Dylan comeu seu sanduíche, assistindo à TV, mas sem prestar muita atenção ao que eles estavam conversando. Alguns minutos depois, August voltou com o

café. Ele havia preparado seu próprio prato de sanduíches e, ao se sentar, ofereceu um a Dylan.

“São peru e presunto.”

“Não, obrigado, estou satisfeito”, disse Dylan, embora tenha aceitado de bom grado uma caneca de café. Ele se virou para Ryker. “Você já tentou ligar para o Steve?”

Ryker assentiu com a cabeça. "Ele não atendeu." Inclinou a cabeça para o lado. "Você está preocupado com ele?"

Dylan não estava exatamente preocupado, mas achou estranho que Steve não estivesse lá com eles. Era a manhã seguinte ao casamento de Steve com a pequena alcateia de Ryker, e Dylan imaginava que ele gostaria de estar com eles naquela manhã.

"Vou procurá-lo", anunciou Ryker. Ele se levantou do sofá, sacudindo algumas migalhas da camisa, e colocou o prato na mesa de centro. "Só vou escovar os dentes primeiro."

Ele nem tinha chegado ao corredor quando ouviram a porta da frente abrir e passos vindo da entrada. Um segundo depois, Steve virou a esquina para a sala de estar e parou. Ele parecia cansado, e havia uma postura abatida em seus ombros que fez Dylan sentir um aperto no estômago de preocupação.

"Ei", disse Ryker, aproximando-se dele. "Você está bem?"

Steve esfregou a nuca, com uma expressão de desagrado. "Estou bem."

Ryker agarrou seu braço, esfregando-o antes de puxá-lo para um abraço.

Você está triste.

Dylan ficou paralisado, sem saber o que fazer. Ryker estava consolando Steve, mas será que ele também deveria ir até lá? Ou isso só o deixaria sobrecarregado e seria demais para ele?

Ele permaneceu onde estava.

“Conversei com minha mãe e ela me contou algumas coisas sobre ela e meu pai. Contarei a vocês mais tarde, depois de conversar com Marcus e ouvir o que ele tem a dizer sobre isso.”

"Há algo que possamos fazer para ajudar?", perguntou August. Ele se levantou, caminhou até Steve e colocou a mão em suas costas.

“Não, são coisas que aconteceram quando éramos crianças. Preciso conversar com o Marcus e ouvir o que ele tem a dizer sobre isso.”

Ele se desvencilhou do abraço de Ryker e passou a mão pelos cabelos.

"Vocês querem tomar café da manhã?" perguntou Dylan, levantando-se e caminhando até o trio. Ele não sentia que tinha nada a oferecer que pudesse confortá-los, mas também não queria ficar sentado no sofá como se não se importasse. "Posso preparar algo para vocês."

"Isso seria ótimo", disse Steve, sorrindo para ele. "Estou morrendo de fome."

Dylan se animou, o calor na expressão de Steve subindo até seu peito, fazendo-o palpitar.

“O que você gostaria? Sou muito bom em fazer rabanada, se você tiver pão, ou posso fazer panquecas.”

Você sabe fazer ovos mexidos?

Dylan assentiu com a cabeça. Às vezes, ele acabava cozinhando-os por tempo demais e eles ficavam secos, mas isso só acontecia quando ele não

prestava atenção.

“Então é isso que eu gostaria.”

Steve sentou-se no sofá com Ryker, enquanto Dylan foi para a cozinha. August o seguiu, parado na porta com os braços cruzados, observando-o enquanto começava a cozinhar.

"Você vai ficar aí parado?" perguntou Dylan, procurando uma tigela para misturar os ovos.

August deu um sorriso irônico e assentiu com a cabeça, cruzando os tornozelos e encostando-se no batente da porta. "Isso é um problema?"

“Você poderia ajudar”, disse Dylan, acenando com a cabeça para o pão que estava na tábua de cortar. “Talvez cortar algumas fatias de pão?”

"Claro."

August caminhou até o balcão e pegou a faca. Era enorme, com cabo de madeira e uma lâmina extremamente afiada, e Dylan se perguntou por que August não havia escolhido uma faca de pão comum.

“Muito bom”, disse August, erguendo a faca e verificando o fio. “É um trabalho de qualidade.”

Dylan começou a quebrar os ovos na tigela que encontrara, adicionando sal e pimenta e ponderando se deveria acrescentar leite ou queijo. Ele olhou de relance para August, que admirava a faca.

“Não é um pouco grande só para cortar pão?”

August deu de ombros, jogando a faca de uma mão para a outra antes de começar a cortar fatias grossas de pão.

Dylan terminou de misturar os ovos, pegou uma frigideira no armário ao lado do forno e a colocou no fogão.

"Manteiga?" perguntou August, fazendo Dylan franzir a testa. August não estava olhando para ele e, depois de um segundo, pegou a manteiga da bancada e começou a espalhá-la no pão.

"Você consegue ouvi-los daqui de dentro?", perguntou Dylan, mantendo a voz baixa e acenando na direção da sala de estar enquanto mexia os ovos na frigideira.

"Ele pode", Ryker exclamou imediatamente da sala de estar, elevando a voz para que todos ouvissem. August sorriu, encostando-se no balcão com um aceno divertido, e Dylan corou.

"Isso é tão injusto", murmurou ele.

“Eles estão falando sobre a festa de hoje”, disse August. “Vai ser uma corrida em grupo seguida de uma fogueira um pouco afastada da casa principal.”

“Uma corrida em grupo?”

August franziu a testa. "Provavelmente é melhor você ficar aqui para isso e depois se juntar a nós para a fogueira. As corridas em grupo podem ficar bem agitadas."

Dylan não se importou. Ele poderia ligar para seu orientador de tese e explicar por que havia faltado à reunião, tentar adiantar algum trabalho e, claro, conversar com Annie. Ele tinha muita coisa para fazer.

“Poderíamos te carregar, se você quisesse vir correndo”, disse August, interpretando erroneamente o silêncio de Dylan como sinal de irritação. “Poderíamos usar uma tipoia ou algo assim para garantir que você ficasse

seguro.”

“Não, tudo bem”, disse Dylan, imaginando-se pendurado na frente do August como se estivesse num canguru para bebês e rejeitando imediatamente a ideia. Ele sorriu, tirando a frigideira de ovos do fogão e colocando-os sobre as fatias de pão que August havia passado manteiga e arrumado no prato de Steve. “A fogueira parece que vai ser divertida.”

“Com certeza”, disse August. “Vai ter muita comida e bebida, e todo mundo vai estar de bom humor.”

"Você quer alguma coisa para beber, Steve?", perguntou Dylan, mantendo a voz em um tom normal e se perguntando se Steve conseguia ouvi-lo.

"Café, por favor", respondeu Steve, fazendo Dylan franzir o nariz.

Como ele conseguiria ir ao banheiro de novo, sabendo que seus amigos ouviriam cada ruído?

Dylan talvez precise manter seu estúdio só para ter um lugar reservado para ir ao banheiro.

August pegou a garrafa térmica da cafeteira e serviu uma xícara de café para Steve, e juntos ele e Dylan foram para a sala de estar.

A expressão triste e abatida nos ombros de Steve havia desaparecido, mas quando ele olhou para Dylan, houve um sobressalto quase imperceptível.

Dylan ficou se perguntando o que era aquilo.

"Me avisa se precisar de mais sal, tá bom?", disse Dylan, entregando-lhe o prato. "Às vezes eu não coloco o suficiente."

Steve deu uma grande mordida em uma fatia de pão com ovos e, depois de mastigar por alguns segundos, fez um sinal de positivo para Dylan. Engoliu em seco e levou o pão de volta à boca, sorrindo. "Está bom. Os ovos estão exatamente como eu gosto."

August pousou a xícara de café na mesa de centro e sentou-se. Como o sofá só comportava três pessoas, Dylan não tinha outro lugar para sentar a não ser no colo de alguém.

Ryker deu um tapinha na coxa, abriu as pernas e indicou que Dylan deveria sentar entre elas. Sentindo-se apenas um pouco envergonhado, Dylan caminhou até lá e sentou-se.

Ryker imediatamente o puxou para seus braços, abraçando-o contra o peito e apoiando seu queixo em seu ombro.

“Minha mãe sugeriu que comprássemos um desidratador e começássemos a fazer cápsulas com leite em pó para o Dylan.”

Steve transmitiu o conselho da mãe como se ela tivesse sugerido que experimentassem uma nova padaria na cidade. Dylan ficou vermelho, sentindo o rosto queimar ao pensar na mãe de Steve falando sobre ele e como garantir que ele consumisse esperma suficiente.

"Deveríamos experimentar", concordou Ryker, parecendo pensativo. "Se funcionar, será melhor do que congelar um monte de preservativos para emergências."

Dylan ficou constrangido com a obscenidade do assunto, mas se houvesse uma maneira de fabricar pílulas que ele pudesse tomar para nunca mais ter que sentir o vazio horrível da abstinência de ômega, ele estaria mais do que disposto a suportar a discussão.

“Se funcionar, será ótimo”, disse ele.

Ryker beijou sua bochecha, apertando-o com força e mantendo o rosto pressionado contra sua têmpora.

“Então está decidido”, disse August. Ele colocou as pernas sobre a mesa de centro e cruzou os pés. “Vamos comprar um desidratador e fazer um experimento assim que chegarmos em casa.”

"Espere", disse Dylan, inclinando-se para a frente para poder virar a cabeça e olhar para August. "Isso significa que não podemos fazer sexo enquanto estivermos realizando o experimento?"

August assentiu com a cabeça. "Precisamos garantir que funcione, caso algum dia precisemos recorrer a isso. Mas existem muitas maneiras de nos divertirmos sem precisar colocar nossos pênis dentro de você."

“Sim”, concordou Steve, mastigando devagar. Suas narinas se dilataram e ele pareceu ter *algumas ideias* . “Consigo pensar em algumas.”

Steve olhou para ele, com os olhos escuros, e Dylan estremeceu com o peso calculado por trás do olhar. Ele estava desesperadamente curioso para saber o que Steve estava pensando, mas também se sentia intimidado pra caramba.

"Quanto tempo falta para nos encontrarmos para a corrida em grupo?" perguntou Ryker, deslizando a mão entre as pernas de Dylan e apalpando casualmente sua virilha. Dylan deu um pulo, surpreso com o toque repentino, e soltou um gemido quando Ryker começou a massagear sua virilha.

A mão grande de Ryker desceu mais, as pontas dos dedos encontrando o períneo de Dylan e subindo, massageando sua próstata por fora do corpo.

“Talvez algumas horas”, disse Steve, pousando o prato agora vazio. Ele engoliu em seco, o olhar se voltando para a mão de Ryker e observando como Ryker tocava Dylan entre as pernas. “Por quê?”

“Dylan parecia preocupado por não poder aproveitar nossos pênis enquanto realizávamos o experimento. Pensei que ele talvez quisesse se divertir um pouco com eles agora, enquanto ainda tem a chance.”

"Boa ideia", disse Steve, baixando a voz para um tom mais grave que o fazia parecer estar imitando o Batman.

"Você acha que é uma boa ideia?", perguntou Ryker, pressionando a boca contra o rosto de Dylan enquanto fazia a pergunta. "Você gostaria de se ajoelhar e chupar um pau?"

Dylan fechou os olhos e engoliu em seco, sentindo-se sobrecarregado pela atenção repentina que os três alfas estavam lhe dedicando, e estendeu a mão para segurar o antebraço de Ryker.

Ryker parou de apalpá-lo, com a mão entre as pernas, pressionando o volume do seu pênis, dando a Dylan tempo para responder.

"Isso parece ótimo", disse Dylan finalmente, enquanto a palma da mão de Ryker pressionava seu pênis com a pressão exata que o estava enlouquecendo.

"Só bom?" perguntou Ryker, encontrando o membro de Dylan através das calças e apertando-o. "O que poderíamos fazer para torná-lo mais do que bom?"

Dylan abriu os olhos e olhou para a enorme mão de Ryker, prendendo a respiração ao perceber o quão grande ela parecia em comparação com suas pernas.

"Você poderia me algemar?", disse Dylan, formulando a sugestão como uma

pergunta.

“Isso é divertido”, disse Ryker. Ele estendeu a mão que não estava massageando o volume na calça de Dylan e beliscou seu mamilo, rolando-o para baixo do algodão da camisa. “O que mais?”

"Vocês poderiam—" Dylan conteve um gemido de dor quando Ryker torceu seu mamilo com tanta força que chegou a machucar. "Vocês poderiam se pegar enquanto eu chupava seus paus."

"Gostei da ideia", resmungou August, fazendo Dylan olhar para ele. "Você não gosta, Steve?"

Steve assentiu com a cabeça, e Dylan observou, com a respiração suspensa, enquanto os dois alfas se inclinavam um para o outro e se beijavam. Eles se lambiam como se estivessem tentando se devorar.

"Assim?" perguntou Ryker, puxando o pênis de Dylan e sorrindo em seu ouvido.

"É", concordou Dylan. Ver Steve e August se beijando era como assistir a um filme pornô. Era tão quente que parecia que deveria ser ilegal, e no entanto, tudo o que eles estavam fazendo era se beijar.

"O que mais?" perguntou Ryker, e Dylan não sabia como responder. Só de estar sentado entre as coxas musculosas de Ryker enquanto o alfa o apalpava e tocava, já era excitante o suficiente para que ele sentisse que ia explodir. Ele não precisava de mais nada.

Mas talvez mais do que isso pudesse ser divertido.

"É estranho eu sentir um pouco de falta das luvas?", perguntou Dylan, olhando para a mão de Ryker e fazendo a pergunta antes que pudesse hesitar.

Ryker riu e beijou sua bochecha. "De jeito nenhum. Gostaria que um de nós colocasse um par para você?"

"Talvez?" Dylan deu de ombros, desejando isso de repente com muita vontade.

“Tenho certeza de que Steve tem algo que atenderá às suas necessidades.”

Steve se afastou da boca de August com um suspiro e assentiu. "Tenho sim. Tenho luvas de couro normais, luvas de montaria, luvas de trabalho e acho que tenho umas luvas de couro por aí. Posso ir buscá-las e você escolhe a que mais gostar."

Antes que Dylan pudesse mudar de ideia e insistir que aquilo não era necessário, Steve se levantou de um salto e saiu correndo da sala, em uma correria ansiosa.

Ryker tirou a mão do colo de Dylan e o segurou por baixo dos braços. Ele o puxou para a frente, levantando-o do sofá e colocando-o de joelhos entre as suas pernas.

Dylan se virou, engolindo em seco ao ver o jeito exibicionista como Ryker se inclinou para trás e abriu as pernas.

"Quero ir primeiro", disse Ryker, apalpando-se. "Quero que você me faça um oral como fez com o Steve ontem à noite. Você estava tão ansioso, e isso me fez sentir como se eu tivesse perdido alguma coisa. Acha que consegue fazer isso?"

Dylan olhou fixamente para o volume na calça jeans de Ryker e assentiu. Ele adoraria o pênis magnífico de Ryker por horas, se tivesse a chance, lambendo, chupando e cheirando-o como um animal no cio.

Ryker era quem sempre partia direto para a foda no crânio.

“Então sou toda sua.”

Dylan inclinou-se e esfregou o queixo no volume nas calças de Ryker, roçando o nariz nele e inalando o aroma de almíscar. Ele estava começando a pensar em como tiraria aquilo de dentro das calças de Ryker quando Steve irrompeu de volta no quarto e exclamou: "Achei as luvas!"

Dylan afundou o rosto na virilha de Ryker enquanto a situação ridícula em que Steve estava lhe pedindo aquilo o fazia rir. Ele se virou, encarando o maço de luvas de couro que Steve lhe apresentava como se fosse o buquê mais estranho do mundo.

“Os pretos normais”, disse Dylan quando ficou claro que os três lobisomens estavam esperando sua opinião.

Steve descartou todas as luvas, exceto as luvas básicas de couro preto, jogando-as no chão onde estava parado, e as calçou.

"Você pode se agachar atrás de mim e me tocar enquanto eu faço um boquete no Ryker?" perguntou Dylan, querendo sentir as mãos de Steve, cobertas de couro, percorrendo todo o seu corpo.

"Tipo uma revista?", perguntou Steve, agarrando a mesa de centro e puxando-a para trás para poder se posicionar.

"Claro", concordou Dylan. Ele não se importava com a forma como Steve o tocava, ele só queria ser tocado.

"Eu consigo fazer isso", disse Steve. Ele se abaixou, com as coxas envolvendo o corpo de Dylan e o prendendo entre as pernas de Ryker, e o segurou firmemente pela cintura. "Assim?"

Ele apertou, massageando as laterais do peito de Dylan com seus dedos fortes e fazendo Dylan sentir como se fosse gozar ali mesmo.

“Sim, assim.” Dylan se apoiou nas pernas de Ryker, esfregando o rosto na protuberância do grosso pênis dele. Ele adorava a sensação de roçar a bochecha ali. “Me toque assim.”

Ele alcançou o botão da calça jeans de Ryker, rasgando-o e puxando o zíper para baixo. Em seguida, pressionou a boca contra a parte do pênis de Ryker que estava exposta.

“Então somos os parceiros de pegação”, disse August, se ajeitando para sentar ao lado de Ryker. “Que sorte a minha.”

Steve começou a apertar as laterais do corpo de Dylan, apalpando-o com dedos firmes, e Dylan sentiu como se fosse explodir de tanta excitação. O pau de Ryker era grosso e pesado, cheirando a almíscar e suor limpo enquanto ele o libertava da calça jeans apertada do alfa, e ele podia ouvir Ryker e August se beijando como dois adolescentes que acabaram de descobrir o beijo francês.

Com o pênis de Ryker na boca, puxando o prepúcio para baixo para poder explorar a fenda da glande com a ponta da língua, Dylan nunca se sentira tão realizado.

AGOSTO

August saiu do chuveiro e pegou uma das toalhas macias no suporte ao lado da porta, com o pênis meio ereto balançando entre as coxas, ainda sensível depois da fantástica mamada que Dylan lhe fizera.

Ele se secou, usando o desodorante de Steve e um pouco do produto que ele tinha para o cabelo, e se vestiu.

Ele tinha muitas coisas na cabeça.

Depois de ver Ryker se conter e deixar Dylan adorar seu pau e seus testículos como bem entendesse, August ficou curioso e excitado. Quando chegou a sua vez de ter a boca de Dylan nele, ele se obrigou a manter as mãos ao lado do corpo e deixou Dylan fazer o que quisesse.

August não tinha se dado conta de o quanto Dylan gostava de pênis. Ele sabia que o garoto gostava do seu membro, mas o puro prazer que sentia por poder lamber, cheirar e tocar sem impedimentos foi uma revelação.

Ele não ia parar de pressionar a cabeça de Dylan contra o colchão e de penetrar sua garganta quando faziam sexo, algo que Dylan também parecia gostar, mas decidiu que iria variar de vez em quando e deixar Dylan adorá-lo.

“Ei, achei um macacão de neve para você, se quiser”, disse Steve, esperando por ele no corredor depois que August saiu do banheiro. Ele estendeu o macacão acolchoado. “O sol vai se pôr logo e vai ficar muito frio.”

“Obrigado.” August pegou o traje. Era impermeável, com a parte externa de textura cerosa e acolchoado com uma espessa camada de penas isolantes.

“Eu digo que encontrei para você, mas na verdade foi o William quem encontrou”, admitiu Steve. “Ele também encontrou umas botas e luvas para você. Estão na sala de estar. Está pronto?”

August foi o último a tomar banho e teve que se apressar. Eles partiriam para a corrida em grupo em menos de meia hora.

“Estou pronto”, disse August.

"Você deveria secar o cabelo", disse Steve, franzindo a testa para os próprios cabelos úmidos. "Você não quer que ele esteja molhado quando sairmos. Eu posso te ajudar."

“Obrigado”, disse August, voltando para o banheiro. Ele deixou a porta aberta para permitir que o vapor que ainda pairava no ar escapasse. “Sou todo seu.”

A mordida de acasalamento de August formigou enquanto ele observava Steve morder o lábio e passar o secador de cabelo metodicamente em cada mecha do seu cabelo.

Não fazia muitas luas cheias que ele e Ryker haviam flagrado Steve invadindo seu território e o jogaram nas águas geladas do rio para lhe dar uma lição, e agora o jovem alfa era seu companheiro.

"Você está se sentindo melhor?", perguntou August, encarando Steve pelo espelho.

"Acho que sim." Steve passou os dedos pelos cabelos de August, levantando-os para secar as mechas ainda molhadas. Ele voltou sua atenção para a nuca de August. "Descobri que meus pais tinham um ômega quando eu era pequeno."

"Realmente?"

August não tinha ouvido nenhum rumor de que o alfa da matilha do Alasca já tivesse tido um ômega, mas considerando o quão isolados eles podiam ser, isso não era realmente tão surpreendente.

Steve manteve o olhar fixo no cabelo de August enquanto acrescentava: "Terminou mal."

August teve uma sensação ruim no estômago.

"Mal como?"

“Minha mãe diz que meu pai estava tentando treiná-lo para ser mais obediente, fazendo-o entrar em abstinência, e que ele se matou, mas ela não é exatamente uma fonte confiável.” O rosto de Steve era uma máscara inexpressiva, mas August percebeu que ele estava chateado. “Quero falar com Marcus e ver o que ele diz.”

August sentiu um enjoo terrível. Usar o vício de um ômega contra ele era uma traição ao seu dever como alfa, e deixar a situação chegar a esse ponto, a ponto de o ômega tirar a própria vida, era doentio.

Ele esperava que o pai de Steve não tivesse realmente feito algo tão horrível.

“Conversar com Marcus parece uma boa ideia”, concordou August.

“Pelo menos nunca faremos nada parecido com o Dylan”, disse Steve, desligando o secador de cabelo e guardando-o. Ele falou como se estivesse fazendo uma promessa.

"Claro que não", disse August. Ele se virou e agarrou o ombro de Steve. "Jamais faríamos isso."

Steve assentiu com a cabeça e, em seguida, como sinal de que havia terminado de falar sobre seu pai, acenou com a cabeça para o cabelo de August.

“Seu cabelo já deve estar em condições de ficar ao ar livre.”

August ajeitou o macacão de neve que carregava debaixo do braço e levou a mão aos cabelos. Estavam todos volumosos por causa do secador, mas assim que colocasse o gorro, voltariam ao normal. Estavam secos, e isso era tudo o que importava.

"Obrigado."

“Precisamos nos apressar”, disse Steve, olhando para o relógio e parecendo querer se distanciar da conversa que acabavam de ter. “Deveríamos estar na garagem, prontos para sair, em dez minutos.”

August seguiu Steve do banheiro até a sala de estar. Ele desenrolou o macacão de neve e começou a vesti-lo enquanto caminhava, lutando um pouco para encaixar os braços, e fechou o zíper até o queixo.

Ryker os esperava no sofá, já vestido com seu traje de inverno e botas de neve pesadas, com o gorro e as luvas no colo.

“Não se esqueça de calçar as meias de lã”, aconselhou ele, apontando com a cabeça para as meias enroladas que estavam em cima das botas que Steve havia separado para ele. “Está quase vinte graus abaixo de zero lá fora.”

August sentou-se no sofá e calçou as meias, a lã com um leve cheiro de Steve, e depois calçou as botas e amarrou os cadarços. Estavam um pouco apertadas, mas não a ponto de incomodarem. Ele bateu os pés no chão algumas vezes, sem dar muita importância até ver Dylan parado perto da janela, observando-o com um olhar penetrante. Deu um sorriso de canto, piscou para Dylan e lamentou o fato de não terem tempo para se divertir.

Ele olhou para Steve, que estava com dificuldade para colocar a mão na manga esquerda do paletó.

“Espera aí, eu ajudo”, disse Dylan, apressando-se para ajudar Steve a encontrar a cava da manga do terno e a vesti-lo. Ele olhou para August para ver se ele ainda o observava e, ao perceber que sim, corou e desviou o olhar. Ajudou Steve a vestir o terno, que estava sobre seus ombros largos. “Pronto.”

"Obrigado."

Steve girou os ombros, ajeitando o terno no lugar certo, e fechou o zíper enquanto lançava um sorriso de gratidão para Dylan. Sentou-se no chão e calçou as botas.

"Vocês vão se agasalhar bem?", perguntou Dylan, observando-os enquanto todos se levantavam e colocavam seus gorros.

Ele caminhou até lá e apalpou a parte externa do traje de Steve, bem em cima do abdômen.

Steve assentiu com a cabeça. "Vamos nos movimentar tanto que é mais provável que sintamos calor do que frio." Ele colocou a mão sobre a de Dylan, umedecendo os lábios. "Você não precisa se preocupar."

August passou a mão pela frente do terno, desejando ser ele quem Dylan estava tocando. Ele se mexeu, abrindo o zíper da frente do terno até o peito. Estava começando a sentir muito calor e precisava sair ou tirar alguma peça de roupa.

"Vamos embora?", perguntou ele, percebendo seu cabelo volumoso refletido na TV e tentando ajeitá-lo. "Estou começando a suar."

“Sim, estamos”, disse Ryker. Ele agarrou Dylan pelo pescoço e o puxou para um beijo rápido. “A gente se vê depois. Se comporte e não arrume encrenca.”

"Não vou", prometeu Dylan.

Ryker o soltou, e Steve e August se aproximaram para se despedir. Eles o cercaram em dupla, vindo de cada lado com sorrisos idênticos, beijando suas bochechas e depois se revezando para lamber sua boca. Quando se afastaram, Dylan estava com os olhos vidrados e sem fôlego.

"Tem certeza de que precisam ir?", perguntou ele, torturando-os com grandes olhos suplicantes. O tom de sua voz prometia todo tipo de diversão depravada, caso eles apenas ficassem e lhe fizessem companhia.

“Infelizmente”, disse Ryker, agarrando August e Steve pela parte de trás dos ternos e os empurrando para fora da porta. “Mas nos veremos em breve.”

Ele seguiu August e Steve para fora do apartamento, deixando Dylan parado no corredor com a aparência de um cachorro observando seu dono sair de casa para o trabalho.

"Nada de masturbação!" August advertiu, saboreando com prazer a expressão de Dylan enquanto Ryker fechava a porta. Ele se virou para Steve. "Você viu a cara dele?"

"Ele é muito fofo", disse Steve, apertando os lábios num sorriso afetuoso.

Antes que August pudesse responder, a porta do apartamento em frente ao de Steve se abriu e Marcus entrou no corredor. Ele estava vestido com o mesmo macacão de neve que os outros, embora já tivesse colocado seu gorro e luvas.

"Pronto para correr?", perguntou ele, batendo palmas e esfregando as mãos.

“Com certeza”, disse Ryker, caminhando ao lado de Marcus enquanto

seguiam pelo corredor em direção às escadas. “Existe algum plano?”

“Um plano bem vago”, disse Marcus, olhando para Steve com um sorriso. “Vamos dar uma volta no perímetro interno e depois pensei que poderíamos brincar de pega-pega.”

August reparou como o rosto de Steve se iluminou com a perspectiva de brincar de pega-pega e se perguntou se Steve não teria gostado mais do que deveria de ser perseguido pelo território dele e de Ryker antes de se tornarem amigos.

Isso explicaria por que ele continuava voltando para mais. Isso, e o fato de que ele estava se sentindo sozinho e com saudades da companhia de sua matilha.

Eles desceram as escadas e deram de cara com William e um grupo de lobos desconhecidos no saguão principal. August teve um momento de desorientação, em que seu faro e instinto de lobo lhe diziam que estava na presença de sua matilha, mas sua mente consciente registrava as pessoas presentes como estranhas.

Eram todos betas, todos eles agrupados atrás de William, olhando para ele e para August com expressões curiosas.

Houve apresentações um tanto constrangedoras, e August fez o possível para causar uma boa impressão nos betas de sua nova matilha.

"Olá", disse August, depois que Steve o apresentou a Ryker. "É um prazer conhecê-lo."

"Você também", disseram em coro. Uma delas — Mary, se August se lembrava corretamente — correu até Steve e o abraçou com tanta força que parecia não conseguir se conter por mais um segundo.

“Que bom que você voltou!”

Steve sorriu, levantando-a num abraço de urso brincalhão antes de colocá-la de volta no chão. "É bom estar de volta. Senti saudades de vocês."

"O Marcus te contou que vamos brincar de pega-pega?", perguntou o rapaz ao lado de William, com voz ansiosa.

Ele não podia ter mais de dezesseis anos.

"Sim, ele fez", disse Steve. Ele olhou para Mary. "Seu irmão está aqui?"

Ela assentiu com a cabeça, e Steve sorriu. Era uma expressão que prometia muita violência, e se estivessem falando de qualquer outra coisa que não fosse pega-pega, August teria se preocupado com a possibilidade de haver alguma briga na matilha.

O irmão de Mary deve ser um alfa.

De repente, o entusiasmo de Steve diminuiu. Ele se virou para Marcus. "Você acha que o papai vai participar?"

Marcus balançou a cabeça negativamente.

"O pai não vai participar dessa", disse ele, fazendo com que Steve e William franzissem a testa.

"Ele é?" perguntou William. "Por quê?"

“Ele disse que seria um bom treino para mim”, disse Marcus. Deu de ombros, como se também não entendesse. “Ele vai supervisionar os preparativos para a fogueira mais tarde.”

"Que droga", resmungou William, embora Steve parecesse secretamente aliviado por não ter que lidar com o pai.

“É o que é”, disse Marcus. “Mas chega de ficar aqui parado. Vamos lá fora.”

Ele abriu a porta, uma lufada de ar frio invadiu o hall de entrada, e saiu. August fechou o zíper do paletó, colocou o chapéu e as luvas, caminhando atrás de William e seguindo Marcus até a entrada da garagem.

Um grupo de cerca de cinquenta pessoas já estava aglomerado em volta da estátua de bronze do lobo, e todas se viraram para olhar para ele, Ryker e Steve enquanto saíam da casa.

Depois de passar uma década em uma matilha apenas com ele e Ryker, a atenção era um pouco avassaladora.

“Pessoal, gostaria de apresentar os amiguinhos do meu irmãozinho”, anunciou Marcus, com a voz ecoando pela entrada da garagem. Ele caminhou até Ryker e o segurou pelo ombro. “Ryker Sterling e August Schaffer. Hoje, vamos recebê-los em nossa matilha e celebrar o laço que eles formaram com meu irmãozinho.”

Todos começaram a aplaudir e a vibrar, e August ficou surpreso com o quanto se comoveu com a alegria genuína e o bom humor deles.

Marcus olhou para Ryker, sua expressão expectante indicando que Ryker deveria dizer algo.

“Obrigado pela calorosa recepção”, disse Ryker, acenando para a multidão com um sorriso encantador. “August e eu estamos ansiosos para conhecer todos vocês.”

Como ele não disse mais nada, Marcus revirou os olhos de forma bem-humorada e voltou-se para a multidão.

“Todos estão prontos?”

A multidão começou a bater os pés e gritar, o barulho alto e a energia contagiante. Era algo completamente diferente de tudo que August já tinha vivenciado. Ele se virou para Ryker e o viu igualmente encantado com o entusiasmo da nova matilha.

“Então corremos!”

Marcus entrou em movimento bruscamente, virando à direita e desaparecendo entre as árvores, com toda a multidão correndo para segui-lo.

Ele se viu correndo, com Ryker e Steve de cada lado, antes mesmo de ter tomado a decisão consciente de se mover.

“Você deveria falar com o Marcus depois que tivermos contornado o perímetro”, disse Ryker, mantendo a voz baixa e inclinando a cabeça na direção de Steve enquanto corriam pela vegetação rasteira coberta de neve. Marcus e os alfas da frente estavam fazendo o trabalho pesado de abrir caminho na neve, deixando um rastro para que todos pudessem seguir. “Pode ser muito mais complicado do que sua mãe fez parecer, e Marcus já é velho o suficiente para se lembrar do que aconteceu.”

Não foi nenhuma surpresa que Ryker tivesse escutado a conversa de August e Steve no banheiro. Ao falar com August enquanto Ryker estava no apartamento com eles, ele estava, na essência, falando com os dois.

"Estou com medo do que ele vai dizer", admitiu Steve, em um sussurro. August acariciou suas costas, perdendo o contato quando um arbusto surgiu em seu caminho e Steve teve que pular por cima dele.

“Eu sei”, disse Ryker.

DYLAN

Dylan não tinha planejado se masturbar, mas depois que August colocou a ideia na cabeça dele e disse que ele não podia, foi tudo em que ele conseguiu pensar durante a primeira hora depois que os três alfas saíram.

Foi irritante.

Ele ligou para Annie para se distrair. Ela atendeu ao primeiro toque e imediatamente perguntou o que estava acontecendo.

“Isso é uma loucura. Você percebe isso, não é?”, disse ela, depois que ele terminou de explicar a sequência de eventos que o levaram ao Alasca e a se juntar à matilha de Steve. “Isso é síndrome de Estocolmo? Pode acontecer tão rápido assim?”

Dylan deu uma risadinha. "O pai do Steve é o pior de todos, mas o irmão dele, Marcus, é ótimo, e é ele quem vai ser o alfa da matilha no futuro."

“Mas ele não é o alfa *agora* ”, rebateu Annie.

"Eu sei." Dylan caminhou até a janela e olhou para a estátua brega de lobo na entrada da garagem. "Mas Ryker, August e Steve disseram que essa era a melhor opção."

“Melhor opção para quem?”

"Para nós", disse Dylan, começando a ficar irritado. "Você sabe que estou ligado a eles por meio daquela coisa mística e confusa de feromônios, e eles me reivindicaram como seu parceiro. O que é bom para eles é bom para mim."

O silêncio de Annie demonstrava sua dúvida, mas, assim como Dylan, ela não sabia o suficiente sobre lobisomens ou a política dos lobisomens para saber se o que ele estava dizendo era verdade.

Dylan teve que admitir que ela tinha motivos para se preocupar. Se os papéis fossem invertidos, ele também estaria desesperado com a segurança e o bem-estar dela.

"Preciso confiar neles", disse Dylan. Ele caminhou até o sofá, sentou-se, encostou a cabeça no teto e olhou para cima. "Quero confiar neles."

Ele mexeu na barra da camisa, esfregando o tecido entre os dedos e esperando não estar sendo tolo por confiar que Ryker e August queriam o seu bem.

Ele não se sentia como se estivesse sendo um tolo, e seu instinto lhe dizia que não havia lugar mais seguro do que estar com seus alfas.

"Você volta para casa amanhã?", perguntou Annie, insistindo.

“Esse é o plano.”

"Ótimo." Annie respirou fundo. "Vou me sentir melhor quando você sair daquela maldita casa e voltar para cá, para o seu lugar."

Dylan riu. "Eu também."

Eles conversaram por mais alguns minutos, evitando o assunto dos lobisomens, e encerraram a conversa quando Annie teve que ir para a aula da tarde.

Depois de conversar com Annie, Dylan ligou para sua orientadora de tese e se desculpou por ter faltado à reunião. A Dra. Coldbine disse que não havia problema e remarcaram para o final daquela semana. Ela também lhe contou que havia recebido uma ligação da empresa que patrocinava sua pesquisa,

informando que seu orçamento para tempo de laboratório e materiais havia sido triplicado e que, se ele precisasse de qualquer coisa, deveria entrar em contato com o chefe de pesquisa e desenvolvimento.

"Sei que sua mais recente mistura de polímeros tem um bom potencial, mas estou preocupado que eles pensem que você teve uma descoberta maior do que realmente teve. Você poderia me enviar seu último relatório para que eu possa analisá-lo?"

Dylan percebeu que Marcus devia ter usado de alguma influência. Ele se remexeu, o nepotismo descarado lhe causando um certo desconforto. Até então, ele havia trabalhado duro e conquistado cada bolsa e patrocínio com muito esforço. Receber mais dinheiro de bandeja por causa de sua relação com Steve lhe deixou uma sensação ruim.

Por outro lado, havia muito que ele poderia fazer com o triplo do orçamento anterior.

“Ainda não enviei”, admitiu Dylan. “Mas descobri que conheço um dos donos da empresa, e acho que ele pode ter usado de alguma influência quando percebeu que eles estavam me patrocinando.”

"Sério?", perguntou o Dr. Coldbine, parecendo entusiasmado. "Quem? Talvez você pudesse conversar com eles sobre ampliar a parceria com a universidade?"

“Marcus Miller”, disse Dylan, sem se surpreender que o Dr. Coldbine visse isso apenas como mais uma oportunidade para arrecadar fundos. “E talvez?”

“Isso não me soa familiar”, disse a Dra. Coldbine. Ela começou a digitar no teclado. “Nossa, ele é um lobisomem! Certo, sim, estou vendo. Ele faz parte do conselho administrativo do NWP Investment Group, que é dono da LupiMed. Não sei quanta influência isso lhe dá nas operações diárias, mas não custa nada aproveitar nossa vantagem. Vou enviar uma proposta para você entregar a ele, a menos que ache que seria constrangedor?”

O tom de sua voz indicava que era melhor que a situação não ficasse constrangedora.

“Eu consigo fazer isso”, prometeu Dylan.

“Excelente.” O Dr. Coldbine pareceu satisfeito. “O Sr. Miller é tão intimidador pessoalmente quanto na foto profissional que usa?”

"Provavelmente mais", disse Dylan. Ele não tinha visto a foto de Marcus, mas duvidava que fosse mais intimidadora do que a realidade.

“Você sabia que temos alguns lobisomens morando aqui em Fort Plainslac?”, disse a Dra. Coldbine, baixando a voz como sempre fazia quando estava fofocando. “A esposa do reitor tem um como médico principal. Aparentemente, ele administra uma clínica particular no distrito financeiro. Consegue imaginar ir a um lobisomem para fazer seus exames de rotina?”

“O nome dele é August Schaffer”, disse Dylan, pensando se deveria contar ao Dr. Coldbine que o lobisomem em questão era seu namorado. “Eu o conheço.”

“Você faz isso?”

"Estamos namorando", disse Dylan. O suspiro de espanto do Dr. Coldbine o fez sorrir, divertido. "Ele é muito legal."

“É assim que você conhece o Sr. Miller?”

"Mais ou menos", disse Dylan. "Conheço o irmão mais novo dele. Ele é policial em Fort Plainslac."

Dylan decidiu não revelar que também estava namorando com ele.

“Ah, eu o vi!” disse o Dr. Coldbine, animado. “Ele estava dirigindo o trânsito a alguns quarteirões do campus numa certa manhã. Parecia muito aborrecido. Lembro-me de ter me perguntado se era porque o uniforme estava pequeno demais e ele estava desconfortável.”

Dylan riu. "Ele odeia dirigir o trânsito. Isso o deixa absurdamente mal-humorado."

“Eu percebi.”

"Ele é bem legal", disse Dylan. "Quando não está irritado com o trabalho."

“Acredito na sua palavra”, disse ela, num tom que indicava que estava prestes a encerrar a conversa. “Tenho uma reunião agendada, então preciso ir. Vou enviar a proposta para o Sr. Miller e você poderá apresentar a ele sua melhor proposta de vendas. Até logo.”

"Você também", disse Dylan, desligando o telefone.

Curioso sobre a foto de Marcus, ele pesquisou o nome dele no Google e clicou no link para o diretório de funcionários do NWP Investment Group.

Marcus foi a segunda foto, depois de John, e dos dois, Marcus não era quem Dylan achava intimidante. Ele encarava a câmera com uma expressão neutra, o maxilar quadrado cerrado, mas havia algo em seu olhar que parecia quase brincalhão.

John, por outro lado, estava sorrindo na foto e parecia assustador. O olhar dele era de deleite, mas de uma forma predatória, como um lobo que avistou um cordeiro perdido do rebanho.

Dylan saiu da página, guardou o celular no bolso e foi até a cozinha pegar algo para beber. Agora que havia ligado para Annie e para o Dr. Coldbine, suas tarefas mais urgentes estavam concluídas e ele poderia dedicar algum tempo à sua tese.

Revirando os armários da cozinha, Dylan encontrou um recipiente de café instantâneo que parecia perfeito. Ele colocou uma caneca de água no micro-ondas e esperou esquentar, agachado, observando a caneca girar no prato de vidro.

Enquanto esperava, ele ponderou se deveria ligar para os pais. Queria conversar com eles depois do susto que o pai de Steve e seus capangas lhe deram, mas aí teria que dizer que estava em Fairbanks e eles fariam um monte de perguntas que ele não queria responder.

Dylan sabia que eventualmente teria que contar aos pais sobre Ryker, August e Steve, mas essa não era uma conversa que ele estivesse ansioso para ter, nem sabia como a teria.

Ele teria que introduzi-los a isso com muita delicadeza.

A água começou a borbulhar e Dylan desligou o micro-ondas e pegou a xícara cuidadosamente pela alça.

"Cuidado com isso", disse uma voz grave atrás dele, assustando-o tanto que ele quase derramou água fervente sobre os pés.

Dylan pousou a xícara no balcão e se virou, sentindo um aperto no estômago ao ver o pai de Steve parado na porta da cozinha.

"Olá", disse ele, a palavra saindo como um guincho assustado. Ele olhou por cima do ombro de John para ver se havia mais alguém com ele.

Não havia.

“Dylan.” John encostou-se no batente da porta, bloqueando a saída e cruzando os braços. Mordeu o lábio inferior e o segurou, fazendo um som de desaprovação. “Você não queria ir correr com os outros?”

Dylan balançou a cabeça, levando as mãos ao estômago em um gesto defensivo e desejando que seu coração parasse de dar a sensação de que ia saltar do peito.

Ele conseguia sentir a pulsação na garganta.

“Eles acharam melhor que eu ficasse aqui e me juntasse à fogueira.”

John esfregou o queixo, olhando-o de cima a baixo.

“Entendo a lógica”, disse ele, baixando as mãos e segurando a fivela do cinto. Ele se afastou do batente da porta e entrou na sala. “Mas é uma pena. As corridas em grupo servem para criar laços, e você está perdendo isso.”

"Tudo bem", disse Dylan, afastando-se quando John se aproximou. "Não me importo."

"Não?" John estava ao lado do balcão, pegando a caneca de água que Dylan havia aquecido e passando o dedo na borda. "Nesse caso, eu te faço companhia. Podemos ter nosso próprio momento de união da matilha, só nós dois."

Dylan engoliu em seco, sentindo o peito apertar e dificultando a respiração. Deu mais um passo para trás, olhando para a porta e pensando se conseguiria sair de fininho sem ser notado.

“Na verdade, tenho um pouco de trabalho atrasado para fazer”, disse ele, começando a se mover. John se afastou do balcão e se colocou entre Dylan e a porta, ficando ali com as pernas afastadas na largura dos ombros e segurando a fivela do cinto como um personagem de filme de faroeste. Dylan deu um passo para o lado e continuou andando, tentando passar por ele enquanto balbuciava: “Eu ia fazer isso no sábado, mas aí eu…”.

“Então eu te sequestrei e atrapalhei seus planos”, John o interrompeu. Ele estendeu a mão e impediu a fuga de Dylan, agarrando sua camisa, puxando-o para perto até que ficassem frente a frente e colocando a mão em seu ombro. Apertou-o, e depois de um momento de pânico, Dylan percebeu que ele estava tentando confortá-lo.

"No fim deu tudo certo", murmurou Dylan, reprimindo toda a sua fúria por ter sido sequestrado e fingindo submissão.

“Ainda sinto muito por ter te assustado. Você faz parte da minha matilha agora e não deve ter medo de mim. Entendeu?”

Dylan assentiu com a cabeça, e quando John levantou a mão e lhe deu um tapinha na bochecha, ele mal conseguiu conter o sobressalto.

“E você tem razão, as coisas acabaram dando certo para você.” John deu um passo para trás. Cruzou os braços, olhando para Dylan e estreitando os olhos. “Marcus fez o que tinha que fazer, e de repente as peças do quebra-cabeça se encaixaram exatamente onde ele queria. É engraçado como isso sempre parece acontecer ultimamente.”

Dylan não sabia o que dizer, então não disse nada.

"Devo ficar satisfeito", refletiu John, caminhando até a janela. Ele olhou para

a entrada da garagem, batendo no vidro com o dedo antes de olhar por cima do ombro. "Ele vai ser um alfa de matilha magnífico."

“Vou para o meu quarto”, disse Dylan, caminhando em direção à porta agora que John não estava mais no caminho. “Te vejo na fogueira mais tarde…”

Num piscar de olhos, John estava entre ele e a porta, bloqueando a passagem e segurando Dylan pelos ombros, conduzindo-o de volta para o balcão.

Seu aperto era muito forte, e Dylan conteve um gemido de dor.

“Não seja mal-educado”, disse John, encostando-o no balcão e o examinando. Dylan sentiu as garras afiadas cravando em seus ombros, penetrando fundo o suficiente para sangrar. John inclinou a cabeça, um sorriso de escárnio repuxando seu lábio superior. “Precisamos mesmo trabalhar nos seus modos.”

Dylan não disse nada e, após um momento tenso, John o soltou e deu um passo para trás. Dylan se encolheu ainda mais ao longo da bancada, se retraindo e desejando poder se esconder no armário embaixo da pia e se manter longe do pai assustador de Steve.

“Fui manipulado com maestria”, disse John, caminhando até a geladeira e pegando uma garrafa de água. “Não me importo de ser controlado – é um bom treino para o Marcus – mas desta vez acho que ele foi longe demais.”

Dylan engoliu em seco, sem entender o que John queria dizer. "Como assim?"

“Marcus não é o alfa desta matilha. Eu sou.” A declaração calma foi seguida por uma explosão de violência. John atirou a garrafa de água contra a parede acima da pia, onde Dylan estava, rachando o azulejo e espalhando água por toda parte. Ele apontou para Dylan, com os lábios repuxados em um rosnado, enquanto caminhava a passos largos em sua direção. “Não serei controlado como uma criança mimada e instável!”

Dylan se jogou para fora do caminho de John, caindo de quatro e tentando se levantar para fugir. Antes que pudesse se erguer, John o agarrou pela gola da camisa e o levantou do chão.

"Eu não vou te machucar", disse John, com voz desdenhosa. Ele ajudou Dylan a se levantar e o segurou até ter certeza de que ele estava firme, depois o sacudiu levemente. "Pare de ser tão infantil."

Ele enxugou uma gota de água da testa de Dylan, com as mãos ásperas.

"Você está me assustando", disse Dylan, afastando-se e ficando fora de alcance assim que John tirou as mãos. Ele olhou para o chão, estremecendo quando John se aproximou e suas botas ficaram à vista.

“Eu te disse para não ter medo de mim”, rosnou John, diminuindo a distância que Dylan havia criado entre eles. Dylan encarou as botas e então desviou o olhar para não ter que encarar o volume intimidantemente grande que de repente estava bem em seu campo de visão. John o agarrou pela lateral do pescoço, apertando e esfregando o polegar na clavícula de Dylan. “Eu posso ser um pouco temperamental, mas não machuco membros da minha matilha. Nunca machuquei e nunca vou machucar.”

Dylan queria que John parasse de tocá-lo, mas seu desejo não foi atendido. Em vez disso, o alfa terrível o puxou para perto e o envolveu em um abraço brusco, apertando-o contra o peito e fazendo com que cada músculo do corpo de

Dylan se contraísse de medo.

Era como uma versão maligna e distorcida de ser abraçado pelos amigos. O aperto forte dos braços de John era opressivo e sufocante, e se Dylan passasse o resto da vida sem saber como era sentir o volume de John pressionando seu estômago, poderia morrer feliz.

"Relaxa", disse John, rindo e esfregando as costas dele. "Você está muito tenso."

Dylan não ia relaxar de jeito nenhum.

“Não posso deixar a matilha pensar que o Marcus consegue me controlar”, disse John, quase como um pedido de desculpas. Ele deu um passo para trás, segurando Dylan pelos ombros e olhando para o seu rosto. “Eu entendo por que ele sente a necessidade de tentar, mas preciso me impor. Você entende, não é?”

Dylan não entendeu.

"O que você quer dizer?" perguntou Dylan, a voz quase num sussurro. Ele fechou os olhos para não ter que olhar para os músculos peitorais de John ou para o contorno definido do seu queixo.

John acariciou a bochecha dele, segurando a lateral do rosto de Dylan com a mão e passando o polegar sobre o queixo.

“Vou manter você e seus companheiros aqui, no território principal, e mandar outra pessoa para administrar Fort Plainslac”, disse John, movendo o polegar até quase tocar o lábio inferior de Dylan. “Sterling será um bom segundo, e será bom para Marcus ter seus irmãos aqui. Ele precisa deles.”

"Talvez você pudesse conversar com Marcus e Ryker sobre isso?", disse Dylan, abrindo os olhos e estremecendo com o olhar furioso que John lhe lançava. "Acho que não sou a pessoa certa para você conversar sobre isso."

John inclinou a cabeça, e seus lábios se abriram num sorriso que Dylan tinha certeza que algumas pessoas considerariam encantador.

"Acho que preciso dar uma lição em Marcus e Sterling." Ele levou o polegar até a boca de Dylan. "Não acha?"

Dylan balançou a cabeça, virando o rosto para o lado quando John tentou enfiar o polegar em sua boca.

Que diabos ele estava fazendo?

As pernas de Dylan tremiam, e se ele não estivesse encostado no balcão, tinha certeza de que teria desabado no chão de puro medo e ansiedade.

"Você gosta de caras alfa, né?", disse John, passando o polegar e forçando os lábios de Dylan a se separarem, esfregando os dentes cerrados dele.

Dylan empurrou a barriga de John com toda a sua força, numa tentativa desesperada e totalmente impulsiva de escapar, mas John nem se mexeu. Ele riu e então deu um passo à frente para poder pressionar seu volume contra a barriga de Dylan, prendendo-o entre seu corpo e o balcão.

"Me solta!" exigiu Dylan, empurrando o peito de John e tentando movê-lo. "Eu não quero isso!"

"Não vou te machucar", disse John, tentando separar os dentes de Dylan. "Mas acho que fazer de você meu ômega será uma punição apropriada para Marcus e Sterling por tentarem me manipular."

"Isso é insano", resmungou Dylan, levantando a perna e tentando acertar John com uma joelhada nos testículos. Ele conseguiu acertá-lo na lateral da

coxa, mas John agiu como se nem tivesse percebido.

“Não é loucura”, disse John, pressionando seu volume contra o estômago de Dylan. “Você vai gostar de ser meu ômega. Vou te ensinar todo tipo de truque.”

“Isso não tem graça”, disse Dylan, virando a cabeça e tentando se desvencilhar do corpo de John. “Você é o pai do Steve!”

“O Steve sempre foi bom em compartilhar seus brinquedos”, disse John. Ele se abaixou e desabotoou o cinto, e Dylan entrou em pânico total. Ele se inclinou para trás, tentando subir no balcão caso não conseguisse escapar se movendo para o lado, quando viu seu copo de água do micro-ondas.

Sem se dar tempo para pensar, Dylan pegou a xícara e atirou o líquido, que ele esperava ainda estar quase fervendo, na cara de John.

"Porra!" John rugiu, esfregando os olhos e dando um passo para trás. Assim que Dylan se libertou, saiu correndo.

Ele deu dois passos antes de seu pé atingir uma poça d'água, fazendo sua perna voar para o ar e Dylan cair sentado no chão.

"Seu merdinha!" rosnou John, as palavras acompanhadas pelo som de tecido rasgando e um rugido. Dylan se virou para olhar e imediatamente congelou de horror ao ver John transformado em sua forma alfa.

Dylan deu um salto, escapando a tempo de evitar um golpe das enormes garras de John.

Ele agarrou-se ao balcão e se levantou, ficando cara a cara com a tábua de corte de madeira e a faca grande que August havia usado para fatiar o pão para o café da manhã naquela manhã.

Um rosnado vindo de trás dele fez os pelos da nuca de Dylan se arrepiarem. Ele agarrou a faca e se virou, ofegando ao se deparar com a barriga peluda de John.

O alfa pairava sobre ele, de uma altura desumana, olhando-o com desdém e encurralando-o contra o balcão.

"Eu ia ser tão legal com você", rosnou John, agarrando o queixo de Dylan com sua mão enorme e inclinando sua cabeça para cima. "Mas agora acho que você precisa aprender uma lição."

Dylan sentiu algo enorme pressionando seu peito, a ponta úmida roçando seu mamilo, e após um momento de horror e confusão, percebeu que era o pênis ereto de John.

"Você sente isso?" John perguntou, com a voz rouca. "Eu vou te despedaçar..."

Dylan levou a faca até o estômago, depois a girou e a ergueu com toda a força que conseguiu reunir, cortando o pênis de John.

A faca encontrou resistência na carne, o sangue jorrou e cobriu suas mãos, e Dylan conseguiu cortar vários centímetros de profundidade antes que ela ficasse presa e ele a arrancasse.

John rugiu de dor, desferindo um soco com tanta força no ombro de Dylan que o arremessou vários metros para a esquerda. Dylan caiu de costas, ainda segurando a faca, e soltou um grito de terror quando John avançou sobre ele.

Tudo o que Dylan conseguia ver eram os dentes enormes de John se aproximando de seu rosto, afiados e sedentos de sangue, suas garras afiadas como navalhas estendidas e prontas para rasgar a carne de Dylan e despedaçá-lo.

Ele tentou rolar para o lado, mas mal conseguiu levantar o ombro antes que John o atingisse.

John caiu sobre ele, e embora Dylan tenha erguido a faca para enfrentá-lo, foi inútil. Os dentes de John rasgaram seu pescoço, a dor cegante, e Dylan ficou mole enquanto John começava a sacudi-lo como um cachorro sacode seu brinquedo de morder favorito.

O tremor doía mais do que a mordida inicial. Dylan sentia os dentes de John em seu pescoço e ficou surpreso com a semelhança com as mordidas de August e Ryker. Doía mais, com certeza, e não havia nenhuma daquelas maravilhosas endorfinas que seus amigos sempre lhe davam para amenizar a dor, mas a sensação dos dentes cravando em seu pescoço era essencialmente a mesma.

John destravou a mandíbula, apoiando-se nos joelhos e encarando Dylan com uma expressão de ódio. Dylan levou a mão ao pescoço sangrando, pressionando a ferida enquanto se olhavam.

John cambaleou, e quando Dylan baixou o olhar, ficou chocado ao ver a faca que segurava cravada no estômago do alfa. Estava angulada para cima, entrando abaixo das costelas e penetrando em seu peito, até o cabo.

“Seu merdinha”, disse John, com a voz rouca. Ele abaixou a mão, arrancou a faca do estômago e a jogou de lado, cambaleando. “Ômega maldito.”

Ele caiu para o lado, e Dylan se desvencilhou rapidamente de baixo dele e tentou fugir. Quase imediatamente, tropeçou, escorregando em uma poça de sangue e caindo dolorosamente de joelhos e cotovelos. A dor irradiava pelos braços até os ombros, quase competindo com a latejante dor que emanava de seu pescoço.

Ele se virou e tentou voltar correndo, mas parou abruptamente ao ver John ainda deitado no chão onde o havia deixado, com os olhos abertos e o olhar perdido fixo no teto.

Pressionando a mão contra o ferimento no pescoço, Dylan rastejou até John, que permanecia anormalmente imóvel, e, movendo-se o mais rápido que pôde, pegou a faca do chão onde John a havia deixado cair e a cravou no pescoço do alfa.

Ele atingiu o osso, a palma escorregadia quase o fazendo perder a firmeza, e ergueu a faca e o esfaqueou novamente. Dylan continuou esfaqueando até ficar exausto, e percebeu que havia se esquecido de manter a pressão sobre o ferimento no pescoço. Ele ainda sangrava e começava a sentir tonturas.

Levantando-se com dificuldade, Dylan percebeu que estava muito além de tonto. O quarto girou e as bordas de sua visão começaram a escurecer. Ele cambaleou até a bancada e se firmou, pegando um pano de prato e pressionando-o contra o pescoço com toda a força que tinha.

Ele encarou o corpo mutilado de John. O alfa ainda estava transfigurado, seu corpo enorme parecendo algo saído de um filme de terror, e de repente Dylan percebeu que havia assassinado o alfa da matilha do Noroeste.

Ele estava em grandes apuros.

Caminhando até a geladeira, Dylan tentou bolar algum plano. Ele precisava fugir, mas para conseguir fazer isso, a tontura precisava passar. Precisava de líquidos para repor o sangue que havia perdido, e água não seria suficiente.

Deixando marcas de sangue por toda a maçaneta da geladeira, Dylan enfiou

a mão lá dentro e pegou uma caixa de leite. Colocou-a sobre a bancada, destampou a tampa e levou-a à boca para começar a beber.

“Jesus Cristo.”

Dylan deixou cair a caixa de leite, o líquido branco espirrando no chão e se misturando de forma grotesca com as poças escuras de sangue, e se virou em pânico. Ele se viu encarando uma mulher desconhecida parada na porta da cozinha, olhando para a carnificina e para o corpo sem vida de John com uma expressão de absoluto choque no rosto.

“Eu não…”

Dylan não fazia ideia do que dizer para se defender. Ele começou a cambalear, o quarto girando cada vez mais rápido, e ele teria caído de cara no chão se a estranha mulher não tivesse se apressado para frente e o segurado.

"Você está bem, eu estou aqui com você", disse a mulher, confirmando que era uma lobisomem ao carregá-lo no colo e levá-lo para fora do quarto. "Vamos dar uma olhada nessa mordida e te limpar, depois você me conta o que aconteceu e podemos bolar um plano para resolver isso."

Dylan estava muito confuso. Não era assim que ele esperava que alguém reagisse ao encontrar seu alfa morto e o humano que o havia assassinado.

"Quem é você?", perguntou Dylan, embora o que ele realmente conseguiu dizer tenha sido mais um amontoado de palavras que ele esperava que fizessem sentido.

“Sou Freia, a mãe do Steve”, disse a mulher, levando-o para o banheiro e colocando-o sobre a bancada ao lado da pia. Ela abriu o armário de remédios e franziu a testa. “Eu estava procurando meu ex-marido quando ouvi uma confusão vinda do apartamento do Steve. Ah, olá, fique comigo!”

Dylan deu um pulo, surpreso ao se ver amparado e firme graças a um par de mãos seguras em seu braço. Piscou, percebendo que estava prestes a desmaiar e cair na pia quando Freia o segurou.

“O Steve não tem nenhum material de primeiros socorros, então vamos continuar pressionando a mordida até que comece a cicatrizar.”

Dylan franziu a testa. "Eu não sou um lobisomem", murmurou, levando a mão ao pescoço e colocando-a sobre o pano de prato.

“Não, mas John estava, e mordidas de lobisomem cicatrizam muito rápido. Já deve estar fechando.”

Dylan pensava que isso só acontecia com mordidas de acasalamento. Será que isso significa que todas as mordidas de lobisomem cicatrizam rapidamente?

Ele se perguntou se alguém já havia estudado as propriedades curativas da saliva de lobisomem e verificado se ela poderia ser usada na medicina humana, e se a substância presente na saliva de lobisomem era a mesma que tornava o esperma deles tão benéfico para a saúde humana.

“Acreditamos que sim, mas não temos certeza”, disse Freia, sorrindo para ele. “Houve várias tentativas de identificar o que poderia ser o fator de cura, mas até agora ninguém encontrou nada.”

Dylan não tinha se dado conta de que estava verbalizando suas reflexões sobre a natureza do sêmen e da saliva dos lobisomens.

“Pode me dizer o que aconteceu?” perguntou Freia, tirando a mão dele do pano de prato e guiando-a até o colo. Ela removeu o pano e pegou uma toalha de

rosto da gaveta, que umedeceu com água quente e usou para limpar o sangue do pescoço dele.

“Ele disse que queria que eu fosse seu ômega.” Dylan olhou por cima do ombro de Freia, com o olhar desfocado. Ele se sentia como se estivesse se observando de cima da pia, encarando a si mesmo e à mãe de Steve com uma estranha sensação de distanciamento.

"Ele conseguiu?" perguntou Freia, com voz suave. Dylan levou um segundo para entender o que ela queria dizer.

A lembrança do volume na calça de John pressionando seu estômago veio à tona na mente de Dylan, seguida pela sensação do pênis de John roçando em seu peito, deixando-o escorregadio e nojento com o líquido pré-ejaculatório.

"Acho que não", disse Dylan, estremecendo quando Freia passou a toalha diretamente sobre a mordida em seu pescoço. "Ele esfregou o pênis no meu peito quando estava deitado e deixou cair um pouco de líquido pré-ejaculatório na minha pele. Isso seria suficiente?"

“Não.” Freia enxaguou a toalha e a colocou de lado. “Mas acho que você deveria tomar um banho, só por precaução. Topa?”

Dylan assentiu com a cabeça. Ele ainda estava tonto e a sala girava, mas ele podia ficar no chuveiro por alguns minutos se isso significasse se livrar de qualquer vestígio dos fluidos corporais de John.

"Eu vou te ajudar", disse Freia. "Vamos te limpar e garantir que todo o sangue seja removido, e eu vou dizer a todos que o peguei no flagra tentando te transformar em ômega contra a sua vontade e consegui esfaqueá-lo."

"Primeiro cortei o pênis dele", disse Dylan, deixando Freia ajudá-lo a descer do balcão. "Ele ficou muito bravo."

Freia assentiu com a cabeça. "Vou incluir isso na história."

"Você não vai se meter em encrenca?" perguntou Dylan, apoiando-se no braço de Freia enquanto ela o guiava para o chuveiro.

“Não.” Freia o ajudou a se encostar na parede e então, assim que teve certeza de que ele não cairia, abriu a torneira. “Marcus vai saber que estou mentindo, mas vai entrar na onda oficial. Você precisa de ajuda para tirar a roupa ou prefere fazer isso sozinho?”

Dylan não tinha pensado nas suas roupas, mas é claro que não podia tomar banho vestido. Ele teria preferido que a mãe de Steve nunca o visse nu, mas sabia que precisava da ajuda dela e não ia ser teimoso quanto a isso.

“Eu gostaria de alguma ajuda, por favor.”

"Claro."

Freia ajudou Steve a tirar a roupa, levando-a embora e entregando-lhe uma toalha de rosto já ensaboada.

Dylan agradeceu e pegou o pano, mas teve dificuldade em limpar mais do que a parte da frente do corpo. Toda vez que tentava alcançar as costas ou descer pelas pernas, o box do chuveiro começava a girar e ele precisava se apoiar na parede para não cair.

"Eu te ajudo", disse Freia, pegando uma toalha nova e começando a esfregá-lo com uma limpeza clínica que pareceu maravilhosamente impessoal e distante.

"Obrigado", disse Dylan, observando a água entre seus pés, que corria vermelha com coágulos de sangue. Freia enxaguou a toalha e pegou uma nova,

começando novamente pela cabeça e esfregando-o pela segunda vez. Desta vez, a água saiu limpa desde o início.

"Não é nada", disse Freia. "Eu faria o mesmo por qualquer um dos amigos dos meus filhos se meu ex-marido tentasse transformá-los em seus parceiros sexuais."

Dylan riu, o tom pragmático da voz de Freia rompendo seu choque e destacando o completo absurdo da situação em que se encontrava.

Ele sentia falta da época em que um médico lobisomem gostoso querendo transar com ele era a coisa mais estranha que já lhe tinha acontecido.

O riso se transformou em soluço, e Dylan levantou o braço para cobrir o rosto e esconder as lágrimas.

Freia parou de esfregar a toalha na perna dele, levantou-se e deu um tapinha no ombro dele numa tentativa um tanto desajeitada de confortá-lo.

Quando ele parou de chorar, Freia desligou o chuveiro e o enrolou em uma toalha.

"Você já está com uma aparência melhor", disse ela, mostrando-lhe o pescoço no espelho. "Precisamos administrar alguns fluidos, mas fisicamente você deve estar bem amanhã de manhã."

Dylan encarou a mordida em seu pescoço. Ela dividia ao meio a mordida de August, estendendo-se até o queixo, e Dylan se perguntou como explicaria às pessoas por que seu pescoço parecia ter sido atacado por um urso pardo.

John havia sido deslocado quando o mordeu, e a marca que deixou era duas vezes maior que as mordidas de August e Ryker ao reivindicarem território.

Foi um milagre ele ainda estar vivo. John não havia danificado nenhuma de suas veias ou artérias, e embora a mordida parecesse horrível, era essencialmente um ferimento superficial.

John não estava tentando matá-lo. A ficha caiu para Dylan como um raio. Ele o mordeu para reivindicá-lo, com a intenção de imobilizá-lo e forçá-lo a ter relações sexuais assim que seu pênis se recuperasse do ataque de faca de Dylan.

Considerando a rapidez com que Dylan o viu se recuperar após a luta com Marcus, Dylan sabia que não demoraria muito.

A constatação tirou o fôlego de Dylan, a gravidade do que quase lhe acontecera o atingindo de uma só vez.

"Você está bem", disse Freia, correndo para ampará-lo quando parecia que ele ia cair. "Respire comigo. Inspire e expire. Você consegue."

Dylan sincronizou sua respiração com a de Freia e, após alguns minutos parado ali com os olhos cerrados e se forçando a respirar, conseguiu se acalmar.

Ele queria ir para casa.

"Vou pegar algumas roupas e um Gatorade para você, e depois você pode ir se deitar no quarto até Steve e os outros chegarem. Eu cuido do corpo do John e converso com Marcus e o resto da matilha quando eles voltarem, então não se preocupe com isso. Tudo bem para você?"

Dylan assentiu com a cabeça. De repente, ele só queria uma sessão de carinhos com August – daquelas em que o alfa se deitava em cima dele e o esmagava contra o colchão – e esperava que não demorasse muito para que eles voltassem.

Se Steve e Ryker também estivessem lá, aconchegados ao lado de August

enquanto ele estivesse deitado em cima de Dylan, seria ainda melhor.

“Então vamos levá-lo para o quarto e pegar algumas roupas para você.”

"Será que o Steve vai ficar bravo comigo?", perguntou Dylan, percebendo que havia matado o pai de Steve. Ele sabia que Steve tinha uma relação complicada com o pai, mas o amava e o admirava.

“Não”, disse Freia, acariciando suas costas. “Ele vai ficar arrasado por seu pai ter tentado machucar sua companheira, mas não vai culpá-la por se proteger.”

Dylan não se sentiu mal por ter matado John. Ele só conseguiu porque John não o considerou uma ameaça. Ele tinha uma faca, e John nem sequer cogitou a possibilidade de Dylan usá-la para feri-lo.

Se ele não tivesse acidentalmente posicionado a faca no ângulo certo quando John se lançou sobre ele para mordê-lo, empurrando-a para baixo das costelas e apunhalando-o no coração, ele não teria tido a menor chance.

"Não teria funcionado, sabe?", disse Freia, deixando-o se apoiar nela enquanto o conduzia para fora do banheiro.

"O quê?" perguntou Dylan, sentindo um arrepio ao sentir o ar frio no corredor.

“Fazendo de você seu ômega.”

Dylan tropeçou, e Freia o segurou pelos braços e o ajudou a se levantar para que ele ficasse firme.

"Não faria isso?"

Freia balançou a cabeça, soltando-o o suficiente para abrir a porta do quarto e, em seguida, amparando-o novamente enquanto o conduzia para dentro.

“Não.” Freia o sentou na cama e foi até a mala dele para pegar algo para ele vestir. “Seu cheiro teria sido irresistível para ele se vocês fossem compatíveis o suficiente para se tornarem ômegas. Pelo que Steve me contou, ele mal lhe deu atenção até que decidiu que ia usá-la para punir Marcus e impedir que Steve fosse embora.”

Ela escolheu uma camiseta, uma cueca boxer e uma calça de pijama nova que August havia comprado para ele, mas que ele nunca tinha usado, e trouxe para ele.

"Obrigado", murmurou Dylan, vestindo a camiseta. Ele colocou a cueca e o pijama na cama ao lado dele, sem querer tirar a toalha e vesti-los até estar sozinho.

A mãe de Steve já tinha visto o suficiente do seu corpo nu para uma vida inteira. Ele era grato por ela tê-lo ajudado, mas não queria se expor mais do que já tinha feito. Se isso era irracional, Dylan não se importava.

“Já volto com seu Gatorade.”

Freia saiu do quarto sem fazer barulho, e Dylan aproveitou a oportunidade para desenrolar a toalha da cintura e vestir a cueca. Ele estava lento, com os dedos desajeitados, e sentia uma dor latejante na nuca que, de alguma forma, só percebeu quando se abaixou para vestir a cueca.

John não apenas o mordeu. Ele o sacudiu como um cachorro sacode um brinquedo de morder, e a cabeça de Dylan bateu violentamente no chão tantas vezes que ele provavelmente sofreu uma concussão. Ele levou a mão à nuca e apalpou o couro cabeludo, encontrando um caroço sensível na parte de trás da cabeça.

A tontura que ele sentia no quarto talvez não fosse apenas por causa da perda de sangue. Ele teria que dizer a August que havia batido a cabeça. August era médico, então saberia o que observar.

Dylan tinha acabado de vestir a calça do pijama quando Freia bateu na porta.

“Entre”, disse Dylan.

“Aqui está sua bebida”, disse Freia, entrando no quarto enquanto desenroscava a tampa de uma garrafa azul de Gatorade e a entregava a ele. Dylan não costumava beber bebidas esportivas ou energéticas, então não fazia ideia de que sabor era aquele azul. Ele levou a garrafa aos lábios e tomou um gole.

Ele havia se esquecido de como o Gatorade era aguado. O sabor aguado não era algo que ele normalmente apreciasse, mas naquele momento parecia divino. Ele tomou outro gole, inclinando a garrafa e bebendo o mais rápido que pôde.

“Vou buscar outra para você”, disse Freia, acenando com a cabeça em aprovação ao modo como ele estava bebendo a garrafa. “Já volto.”

Dessa vez ela voltou muito mais rápido, e Dylan percebeu que da última vez ela havia esperado que ele se vestisse antes de bater na porta.

"Obrigado", disse Dylan, pegando a segunda garrafa. Ele não estava mais com sede, mas provavelmente deveria tentar beber.

Você vai ficar bem sozinho?

Dylan assentiu com a cabeça.

“Vou cuidar do corpo do meu ex-marido e depois vou esperar no saguão até Marcus e a turma voltarem. Quer que eu explique para Steve e seus amigos o que aconteceu, ou prefere fazer isso você mesmo?”

Dylan engoliu em seco. "Você pode contar para eles?"

Freia assentiu com a cabeça. "Vou tentar." Ela caminhou até a cama e ajeitou os travesseiros. "Tente descansar um pouco. Eu sei que parece horrível agora, mas vai ficar tudo bem. Prometo."

Dylan assentiu com a cabeça, sem confiar em si mesmo para falar por causa do nó que de repente se formou em sua garganta.

Freia acariciou as costas dele e, como ele não teve um colapso, assentiu para si mesma e saiu do quarto.

Dylan sentou-se na beirada do colchão, curvado para a frente e agarrando sua garrafa de Gatorade, esperando que seus amigos chegassem em casa.

STEVE

A brincadeira de pega-pega estava chegando ao fim quando Steve finalmente encontrou um momento a sós com seu irmão. Marcus havia subido em um penhasco, de onde tinha uma boa vista do lago onde os alfas mais jovens começavam a construir um enorme boneco de neve. Eles eram liderados pelo primo Brock, e Steve se lembrou de apresentar Dylan ao astro de cinema antes de partirem. Não compensaria o sequestro e a obrigação de se juntar à matilha de Steve, mas esperava que ele achasse legal.

"Você está se divertindo?", perguntou Marcus, movendo-se para o lado para que Steve pudesse compartilhar o trecho plano de chão onde ele estava.

“Eu sou”, disse Steve, caminhando para a frente e olhando para baixo. Era um precipício de nove metros. “Acho que Ryker e August também são.”

Marcus olhou para ele, e quando Steve não disse nada, ele o provocou: "Mas?"

“Conversei com a mamãe hoje de manhã.” Steve engoliu em seco, controlando os nervos. “Ela me contou sobre o Corey.”

Marcus não disse nada, mas quando Steve olhou para o seu rosto, ele estava franzindo a testa.

"Papai realmente o obrigava a entrar em abstinência como castigo por mau comportamento?", perguntou Steve.

Durante muito tempo, Marcus não respondeu.

“Não é tão simples assim”, disse Marcus finalmente, fazendo uma careta como se tivesse provado algo azedo. “A mãe e o pai eram horríveis com ele. Toda vez que brigavam, colocavam o Corey no meio. A mãe o pressionava para desafiar o pai e provar que a amava, aí o pai reagia de forma exagerada e ela usava isso para parecer a calma e sensata, mesmo sendo ela quem o provocava a perder a cabeça. Ela sabia que o Corey era quem ia sofrer as consequências da raiva dele, mas nunca se importou.”

Steve conseguia facilmente imaginar seus pais agindo daquela maneira. Ele não pensava nisso há anos, mas houve algumas vezes, quando era pequeno, em que sua mãe tentou fazê-lo desobedecer ao pai.

Marcus tinha posto um fim nisso. Steve não sabia o que tinha dito à mãe deles, mas depois que Marcus conversou com ela, ela nunca mais tentou instigar conflitos entre Steve e o pai.

"Ele realmente se matou?"

Marcus fez uma careta e desviou o olhar. "Ele fez."

“Porque o pai o fez entrar em abstinência?”

Marcus assentiu com a cabeça.

Steve cerrou os dentes e olhou para o chão, uma sensação esmagadora de decepção crescendo dentro dele.

“Não pergunte a ele sobre isso, ok?” disse Marcus.

Steve cruzou os braços e permaneceu em silêncio. Olhou para o lago lá embaixo, observando seu primo e dois dos alfas mais jovens da matilha colocarem a cabeça do boneco de neve no lugar. Eles estavam sorrindo, e Steve desejou estar lá embaixo com eles, despreocupado e sem ter que pensar em seu pai sendo um monstro para seu ômega.

“Estou falando sério”, disse Marcus. Ele estendeu a mão e agarrou o ombro de Steve. “Ele tem o péssimo hábito de reagir violentamente a qualquer menção ao Corey. Ele pode te machucar sem querer.”

"Não vou mencionar isso", prometeu Steve, embora a ideia de seu pai o machucar parecesse ridícula até mesmo de se cogitar.

Steve nunca sentiu que estava em perigo perto do pai.

Marcus soltou o ombro dele e deu um tapinha nas costas dele. "Obrigado."

"Vou procurar o Ryker e o August", disse Steve. Ele tinha conseguido a resposta que procurava e agora queria que seus amigos o consolassem.

“Claro. Eu vi o Ryker há alguns minutos perto da pedra grande ao lado do-”

Marcus recuou subitamente, interrompendo a frase no meio e fechando a mandíbula com um estalo audível enquanto olhava ao redor com os olhos arregalados.

“O que está acontecendo-”

Steve se calou quando Marcus ergueu a mão para silenciá-lo. Marcus se virou bruscamente, examinando a área ao redor com um olhar como se esperasse que lobos inimigos surgissem de repente das árvores e atacassem a matilha em massa.

"Aconteceu alguma coisa com o papai", rosnou Marcus, virando-se novamente e procurando a origem da ameaça.

"Como você sabe?", perguntou Steve.

“O manto de alfa da matilha está disponível.” Marcus estremeceu, seus ombros se tensionando enquanto ele rangia os dentes: “Sinto que ele está tentando se apoderar de mim.”

Steve olhou fixamente para ele, com a mente em branco, recusando-se a processar a implicação do que Marcus estava dizendo.

"Papai divulgou?" perguntou Steve, imaginando se era por isso que o pai deles não tinha ido fugir com eles.

Ele estava renunciando ao posto de alfa da matilha?

Steve não conseguia imaginar seu pai fazendo algo assim.

"Preciso reivindicar isso", disse Marcus, com a voz embargada. "Droga. Espera aí."

Marcus agarrou a mão de Steve, apertando com tanta força que chegou a estalar os ossos dos dedos, antes de jogar a cabeça para trás e soltar um uivo tão alto que pôde ser ouvido a quilômetros de distância.

Os pelos da nuca de Steve se eriçaram como cerdas rígidas, seus ouvidos zumbiram, e o mundo inteiro pareceu congelar quando ele sentiu seu lobo interior se erguer ao som do uivo de seu irmão.

Sem pensar ou agir conscientemente, Steve ergueu a cabeça para o céu e uivou de volta, reconhecendo o chamado de seu alfa.

Ele não era o único. A floresta ao redor deles irrompeu em uma cacofonia de ruídos, cabeças erguidas para o céu enquanto o instinto assumia o controle, toda a matilha reconhecendo a reivindicação de Marcus sobre sua obediência e lealdade.

Quando tudo acabou, o silêncio que permeava a floresta era absoluto. Ninguém sequer respirava, todos paralisados, assimilando o fato de que Marcus agora era o líder da matilha.

"De volta para casa!", gritou Marcus, saltando do penhasco e saindo correndo.

Steve conteve um palavrão e seguiu o irmão, segurando um grito enquanto caía no ar, tentando aterrissar de um jeito que não terminasse com as duas pernas quebradas.

Ele caiu de pé no chão, a neve profunda proporcionando uma superfície amortecida que lhe permitiu se encolher em posição fetal e rolar para a frente sem se machucar muito, e começou a correr.

Olhando para a esquerda, Steve viu seu primo Brock reunindo os alfas mais jovens e instruindo-os a permanecerem juntos e segui-lo. Atrás dele, os alfas mais fortes se posicionavam à frente e atrás do grupo, mantendo os betas no meio enquanto todos corriam de volta para a casa.

Não demorou mais do que alguns minutos para que o grupo se reunisse e disparasse pela mata, a energia confusa e cautelosa da multidão contrastando fortemente com o clima de poucas horas atrás, quando eles estavam prestes a percorrer o perímetro interno de seu território e brincar de pega-pega.

Steve corria na frente do grupo quando, de repente, Ryker e August apareceram correndo ao seu lado. Eles não disseram nada, apenas se posicionaram um de cada lado dele, e Steve quase chorou de alívio por tê-los ali.

Levou quase uma hora para correr todo o caminho de volta até a casa principal.

Quando invadiram a garagem, Marcus estava parado no topo da escada que levava à porta da frente com uma expressão sombria no rosto. Steve parou abruptamente, ficando na base da escada, com o resto do grupo reunido atrás dele.

Marcus estava evitando contato visual, e Steve não conseguia decifrar o que a expressão em seu rosto realmente significava.

Todos ficaram em silêncio, olhando fixamente para Marcus, esperando que ele explicasse o que estava acontecendo.

“Há cerca de uma hora, meu pai, John Miller, sofreu um acidente e faleceu.” Marcus olhou para a multidão com um olhar severo. “Agora eu sou o alfa de vocês.”

Steve olhou fixamente para o irmão, o choque e a tristeza fazendo-o sentir-se tonto. Ele tinha acabado de se reconciliar com o pai. Não fazia sentido que ele tivesse ido embora.

Que tipo de acidente poderia matar o alfa da matilha do Noroeste?

“Todos, vão para casa. Vocês receberão mais informações amanhã.”

A multidão se dispersou, as pessoas se entreolhando, mas então Marcus soltou um rugido que fez todos se apressarem em obedecer.

A última vez que Steve ouvira um rugido como aquele fora quando ele era pequeno e seu pai teve que separar uma briga entre dois alfas do distrito.

Em menos de um minuto, a entrada de carros estava vazia. Os moradores dos apartamentos na casa principal deram a volta para entrar pela porta dos fundos, não querendo se aproximar de Marcus entrando pela porta da frente, deixando apenas os três.

"O que aconteceu?" perguntou Steve, subindo as escadas. Ao observá-lo mais atentamente, Marcus parecia quase frágil, como se fosse desabar a qualquer

momento. Steve o abraçou forte.

"Papai tentou fazer algo terrível", disse Marcus, afastando-se e visivelmente reprimindo suas emoções.

"O que você quer dizer?" perguntou Steve, preparando-se para o pior. Devia ser algo sério para Marcus estar com essa cara.

“Papai decidiu que queria nos punir por tê-lo manipulado, fazendo de Dylan seu ômega”, disse Marcus, com uma expressão de profunda tristeza. “Dylan o esfaqueou no coração antes que ele pudesse conseguir. Mamãe o encontrou, limpou o corpo e se ofereceu para assumir a culpa.”

Um som estrondoso encheu a cabeça de Steve. Seu coração batia forte, tão rápido que doía, e ele sentia um gosto metálico no fundo da boca.

"O Dylan está bem?" perguntou Ryker, subindo as escadas correndo e parando ao lado de Steve. "Onde ele está?"

“Nosso pai o mordeu, mas não foi além disso antes de Dylan o esfaquear.” A voz de Marcus era monótona. “Ele está no apartamento do Steve, no quarto. Ele está bem.”

"Então ele não fez...?" Steve não conseguiu se obrigar a fazer a pergunta, mas Marcus sabia o que ele estava perguntando e balançou a cabeça negativamente.

“Não. Ele ia fazer isso, mas Dylan o matou primeiro.” Marcus fechou os olhos. “Vou fazer parecer que ele morreu em um acidente. Mamãe se ofereceu para assumir a culpa, mas não quero que ninguém saiba que Dylan teve algo a ver com a morte dele, nem mesmo como vítima. A menos que você se oponha?”

Marcus olhou para Ryker em busca de sua opinião.

"Não sei", disse Ryker. "Mas vamos levá-lo para casa hoje à noite."

“Amanhã”, respondeu Marcus. “Você precisa estar aqui para o funeral, ou as pessoas vão desconfiar. Vamos realizá-lo pela manhã. Como os alfas do distrito já estão aqui, não precisamos esperar.”

Ryker cerrou os dentes, mas depois de um segundo assentiu com um aceno de cabeça firme.

“Vamos ficar no hotel esta noite. Não vou deixar o Dylan dormir nesta casa.”

Marcus assentiu com a cabeça.

Steve ainda estava atordoado, recusando-se a acreditar que o que Marcus dizia pudesse ser verdade. Dylan era seu ômega. Como seu pai poderia sequer pensar em fazer algo tão horrível? E que tipo de pessoa queria compartilhar um ômega com o próprio filho?

Foi repugnante em todos os sentidos.

“Deve haver algum tipo de mal-entendido!” Steve murmurou, sentindo o gosto de cobre na boca ficar mais forte. “Papai não faria isso-”

"Ele deu uma mordida de reivindicação no Dylan enquanto estava em sua transformação alfa", interrompeu Marcus. "Não há como negar o que ele estava tentando fazer."

Ryker e August rosnaram, e Steve de repente se sentiu muito pequeno. Ele tentou pensar em um motivo para seu pai ter dado uma mordida de reivindicação em Dylan, mas não havia nada que justificasse ou exigisse algo assim.

Ele se curvou e vomitou.

August colocou a mão nas costas dele, e Steve recuou. Ele não merecia

consolo.

“Isso não é culpa sua”, disse August, com a voz seca e dura. “Não te culpamos. A responsabilidade não é sua.”

O que não foi dito foi que ele culpava Marcus. Steve queria protestar, dizendo que aquilo era injusto – que ninguém poderia ter previsto que o pai deles perderia a cabeça daquele jeito – mas permaneceu em silêncio.

Ele não sabia o que dizer.

“Eu cuido disso aqui”, disse Marcus, olhando para Ryker. “Vocês três podem pegar o carro do Steve e levar o Dylan de volta para o hotel. Só você e o Steve precisam estar aqui para o funeral amanhã.”

“Vamos buscá-lo”, disse August, passando por Marcus e caminhando em direção à porta. Ele se virou para Ryker. “Você vem?”

Ele parecia furioso e impaciente, e Steve desejou poder se encolher em uma bolinha e desaparecer.

Ryker assentiu com a cabeça, o corpo tenso pela raiva reprimida. Parecia que ele queria matar alguém, mas em vez disso, estendeu a mão e apertou o braço de Steve. "Precisa de um momento?"

Steve balançou a cabeça negativamente, embora fosse mentira.

“Talvez eu devesse simplesmente ir buscar o carro e-”

“Ele quer vocês três”, interrompeu Marcus. “E se vocês não forem até ele agora, ele vai pensar que vocês estão com raiva dele por ter matado o papai.”

Steve ficou boquiaberto, sem entender nada. Em que universo Steve ficaria com raiva de *Dylan* depois do que seu pai tentara fazer?

“Ele matou seu pai”, disse Marcus, com voz direta. “Não importa o que o papai estivesse tentando fazer, Dylan foi quem saiu vivo da briga. Você precisa dizer a ele que ele fez a coisa certa e que você não o culpa por se proteger.”

“Claro que não!”

“Ótimo. Diga isso a ele. Eu cuido da mamãe e organizo o funeral enquanto você e seus companheiros cuidam do seu ômega.” Marcus se virou para Ryker, e os dois alfas assentiram um para o outro.

"Vamos lá", disse Ryker, entrando na casa. Steve o seguiu, com August e Ryker caminhando lado a lado à sua frente. Ele olhou por cima do ombro antes da porta se fechar, bem a tempo de ver a expressão de desgosto no rosto de Marcus.

Engolindo em seco, com as pernas pesadas de pavor, Steve seguiu seus colegas até as escadas e até a porta da frente de seu apartamento.

Sua mãe estava no corredor, do lado de fora da porta, carregando dois baldes, um esfregão e vários trapos, com o cheiro de sangue impregnado nela, como se tivesse acabado de voltar do matadouro.

Steve ficou paralisado, olhando para ela com uma expressão de incredulidade contida.

“Limpei o sangue e tirei o corpo do lugar”, disse ela, colocando um dos baldes no chão e enxugando a testa. “Se alguém comentar sobre o cheiro, diga que Marcus e seu pai brigaram na sua cozinha. Ninguém vai questionar, considerando o jeito que os dois andam se desentendendo ultimamente.”

Steve cerrou os dentes. Sua mãe parecia cansada, mas havia uma satisfação na postura de seus ombros que lhe dava vontade de gritar.

Ryker assentiu com a cabeça e, sem dizer nada, entrou no apartamento. Steve e August o seguiram.

Enquanto estavam no corredor, o cheiro de sangue vindo de dentro do apartamento estava abafado. Se Steve não o conhecesse melhor, a desculpa de que seu pai havia se envolvido em uma briga teria parecido uma explicação perfeitamente lógica para o odor metálico.

“Ele está no quarto”, disse Ryker, parando no final do corredor. “August, você quer ir primeiro?”

"Eu?" perguntou August, parecendo surpreso. "Por quê?"

“Você é médico”, disse Ryker, cerrando os punhos e visivelmente se esforçando para manter a calma. “Você sabe como lidar com… coisas assim.”

August fechou os olhos e assentiu. "Claro. Eu vou primeiro."

Ryker deu um passo para o lado, deixando August liderar a entrada no apartamento. O cheiro de sangue ficou mais forte à medida que se aproximavam da sala de estar, e Steve prendeu a respiração para não vomitar.

Ao chegarem à porta do quarto, August bateu e esperou em silêncio.

"Alô?" Dylan chamou de dentro do quarto, com a voz rouca como se tivesse estado chorando.

“Somos nós”, disse August, com voz suave. “Podemos entrar?”

Houve uma pausa, e Steve prendeu a respiração.

"Certo", respondeu Dylan.

August abriu a porta e entrou no quarto, com Ryker e Steve logo atrás.

Dylan estava sentado na ponta da cama, precariamente equilibrado na beirada do colchão. Ele abraçava um travesseiro sobre o colo.

O lado direito do pescoço dele estava marcado por um ferimento horrível, com crostas sobre perfurações que formavam a marca perfeita da boca do pai de Steve quando ele estava em sua transformação alfa.

Foi a coisa mais horrível que Steve já tinha visto, e ele precisou de toda a sua força de vontade para não cair em lágrimas.

Isso era real. O pai dele havia atacado seu ômega.

“Ei”, disse August, caminhando para frente e se agachando na frente de Dylan. Ele tirou o travesseiro dos braços e o colocou na cama ao lado dele. “Você teve um dia bem ruim, né?”

Dylan assentiu com a cabeça, com lágrimas nos olhos.

"Você tem algum outro ferimento?", perguntou August, apontando com a cabeça para a mordida no pescoço de Dylan.

"Bati a cabeça", disse Dylan, levantando a mão para apontar para a parte de trás do crânio. "Mas só isso."

Você se lembra se desmaiou?

Dylan franziu a testa, pensativo. "Acho que não."

Você pode me dizer a hora e a data, e onde estamos agora?

Dylan respondeu sem problemas, e August começou a fazer uma série de perguntas que Steve reconheceu de seu treinamento de primeiros socorros para casos de possível concussão. August prosseguiu com a avaliação, observando os olhos de Dylan com a lanterna do celular, examinando sua reação à luz e ao movimento e, em seguida, pedindo que ele seguisse seu dedo e repetisse alguns movimentos.

"Não acho que você tenha sofrido uma concussão", disse August quando terminou, levantando-se e dando um tapinha no ombro de Dylan.

“Que bom.” Dylan ergueu os olhos, olhando para ele e para Ryker, e abaixando a cabeça assim que fez contato visual.

"Que bom que você está bem", disse Steve, lembrando-se do que Marcus havia dito e se forçando a falar, apesar da vontade de esconder o rosto nas mãos. "Sinto muito que meu pai tenha tentado te machucar."

“Não é sua culpa”, disse Dylan, relaxando os ombros por uma fração de centímetro.

Ele estava realmente preocupado que Steve ficasse zangado com ele. Só de pensar nisso, Steve sentiu vontade de vomitar de novo.

“Eu estava pensando que poderíamos voltar para o hotel e, se você estiver disposto, sair de Fairbanks amanhã de manhã e voltar para Fort Plainslac”, disse Ryker, recorrendo a um planejamento pragmático diante da angústia de Dylan. “Isso parece bom, ou você prefere ficar aqui esta noite?”

“O hotel.” A resposta de Dylan foi imediata. “Podemos ir embora agora?”

“Claro”, disse Ryker. Ele se virou para Steve. “Você pode pegar seu carro e parar em frente à casa?”

Steve assentiu com a cabeça, aliviado por ter algo para fazer. Mordeu o lábio, olhando para Dylan e pensando se deveria dizer algo, mas nada lhe veio à mente. Em vez disso, virou-se para Ryker. "Estarei lá fora em três minutos."

Ele não via a hora de sair daquele quarto.

RYKER

Ryker encostou-se na parede junto à janela, observando a porta do banheiro e ouvindo o som de Dylan tomando banho. Dylan insistira em entrar no banheiro sozinho, o que deixou Ryker, August e Steve parados sem jeito, à espera de qualquer sinal de que ele precisasse de ajuda.

“O cabelo dele estava molhado quando saímos de casa”, disse Steve, aproximando-se de Ryker.

Ryker estava ciente disso.

“Ele ainda está em choque”, disse August. Sentou-se na beira da cama, batendo o pé no carpete com inquietação.

“Precisamos trocar de roupa”, disse Ryker, afastando-se da parede. Todos ainda vestiam seus macacões de neve e botas de inverno pesadas, e mesmo tendo tirado a parte de cima, estavam suando no quarto de hotel com temperatura confortável de vinte e um graus Celsius. Ele tirou as botas uma de cada vez e empurrou o macacão de neve até os tornozelos, tirando-o completamente.

“Boa ideia”, disse August, levantando-se e seguindo o exemplo dele.

Steve não disse nada, mas ele também começou a tirar as botas e a se despir do terno.

Os três tinham estado a correr pela floresta durante horas e, embora não estivessem encharcados de suor, as suas ceroulas de lã e as grossas meias de lã tinham um cheiro almiscarado bem característico.

Ryker tirou a cueca de lã, jogando-a na mochila, e vestiu uma calça de moletom limpa e uma camiseta larga. Passou os dedos pelos cabelos, indeciso se deveria ou não colocar meias, quando o som do chuveiro desligando fez com que os três se virassem para a porta com uma concentração absoluta.

"Você precisa de alguma coisa aí dentro?" perguntou August. Ele caminhou até a porta do banheiro, pronto para entrar e oferecer qualquer ajuda que fosse necessária.

"Estou bem", respondeu Dylan. "Só um minutinho."

Ryker sentou-se na cama, August sentou-se ao lado dele e Steve permaneceu de pé junto à parede. Passou-se um minuto, os três ouvindo os sons de Dylan se secando e se vestindo, e então Dylan saiu do banheiro em uma nuvem de vapor. Sua pele estava rosada e seu cabelo ainda pingava, mas ele parecia muito melhor do que antes do banho.

"Está se sentindo melhor?" perguntou Ryker, levantando-se e dando um passo em sua direção.

Dylan assentiu com a cabeça.

"Você gostaria de comer alguma coisa?" perguntou August. Ele também se levantou, ficando ao lado de Ryker. "Ou algo para beber?"

Dylan mordeu a bochecha e ficou olhando para o chão.

"O que você quer, Dylan?", perguntou Ryker. Seu instinto lhe dizia para agarrar Dylan e envolvê-lo em um abraço, mas ele não sabia se agarrá-lo era uma boa ideia, considerando o que quase lhe acontecera.

Dylan olhou para ele por entre os cílios. "Talvez a gente pudesse só se abraçar um pouquinho?"

Os ombros de Ryker relaxaram. Ele estendeu a mão, agarrou o ombro de

Dylan, caminhou para frente e o puxou para um abraço. Acariciou suas costas e o apertou contra si. "Claro. É uma cama grande. Cabemos todos e podemos fazer uma bela pilha de cachorros."

Dylan se entregou ao abraço, fechando os olhos e afundando o rosto no peito de Ryker como se tentasse bloquear o resto do mundo.

"Quero que August se deite em cima de mim", murmurou ele.

Ryker encontrou o olhar de August, um olhar de alívio passando entre eles. Nenhum dos dois havia dito isso, mas ambos estavam preocupados que Dylan se recusasse a ser tocado e abraçado, um medo que aumentou quando Dylan insistiu em tomar banho sozinho.

"Eu consigo fazer isso", disse August, caminhando de forma a ficar atrás de Dylan, aproximando-se até que ele e Ryker estivessem formando um sanduíche apertado com Dylan.

"Vocês podem tirar as camisas?" perguntou Dylan, levando as mãos delicadamente aos quadris de Ryker. O toque era hesitante, e Ryker percebeu que a necessidade de contato físico de Dylan não tinha nenhuma conotação sexual. Dylan não queria sexo, ele só precisava de intimidade e proximidade.

Eles poderiam dar isso a ele.

"Claro", disse Ryker. Ele soltou Dylan de seus braços, deu um passo para trás e tirou a camisa. Jogou-a na mochila, e August tirou a camisa e fez o mesmo. Steve manteve a camisa até que Dylan o olhou expectante.

"Eu não quero..." Dylan parou de falar, engolindo em seco.

“Não se trata de sexo”, disse Ryker, envolvendo-o em outro abraço. “Nós sabemos. Vamos apenas ficar juntinhos e aproveitar o fato de estarmos todos aqui e de você estar bem.”

Dylan relaxou, afundando o rosto na fenda entre os peitorais de Ryker e respirando fundo, com um tremor. Depois de um minuto, ele afastou o rosto e olhou para Steve.

“Por que você está tão longe?”

Steve engoliu em seco, com um olhar incerto e miserável. Ryker estava furioso com o que seu pai havia feito — e ainda mais com o que tentara fazer — e não conseguia imaginar o que Steve devia estar sentindo. Os sentimentos de traição e perda deviam ser terrivelmente confusos.

“Vem cá”, disse Ryker, abrindo o braço e gesticulando para que Steve se juntasse ao abraço. “Entra nessa.”

Steve não tirou a camisa, mas deu um passo à frente e deixou Ryker puxá-lo para um abraço. Ryker passou os braços em volta da cintura dele, abraçando-o de forma que ficassem colados do quadril ao ombro, colocando Dylan entre eles.

August completou o triângulo, os três cercando Dylan de tal forma que, não importa para que lado ele virasse a cabeça, a única coisa em seu campo de visão eram os peitorais de seus alfas.

Eles ficaram assim por um tempo, os três com o pescoço inclinado, observando o topo da cabeça de Dylan enquanto ele se aconchegava em seus peitos.

"Vamos levar isso para a cama?", perguntou August, abaixando o queixo e inclinando o pescoço para beijar o topo da cabeça de Dylan.

Dylan assentiu com a cabeça.

Ryker se afastou e caminhou até a cama. Ele puxou o cobertor para baixo, abrindo espaço para que Dylan pudesse subir no colchão.

"Você ainda quer que eu deite em cima de você?", perguntou August, subindo no colchão atrás dele.

Dylan deitou-se de costas, levantando os quadris para ajeitar a camisa antes de se acomodar no meio do colchão. Mordeu o lábio, encarando os três um a um antes de assentir.

"Eu faço."

"Me avise se quiser mudar de posição", disse August, engatinhando até ficar por cima de Dylan. Ele se posicionou, olhando para o rosto de Dylan, e se abaixou.

Dylan soltou um suspiro quando o corpo de August repousou sobre ele. August se posicionou de forma que ficassem peito a peito, com as cabeças próximas, permitindo que August encostasse o rosto no lado ileso do pescoço de Dylan e inalasse o aroma de seu ômega.

August emitiu um som necessitado no fundo da garganta, quase como um rosnado, e enfiou os braços entre o corpo de Dylan e o colchão, abraçando-o contra o peito e apertando-o ainda mais.

Como o abraço apertado não diminuiu, Dylan deu um leve tapinha na lateral de August para que ele soubesse que precisava pegar mais leve.

August relaxou os braços, retirando-os e deixando-os repousar sobre o colchão para que Dylan pudesse respirar novamente.

“Você pode ficar daquele lado”, disse Ryker, olhando para Steve e apontando com a cabeça para o outro lado da cama. Ele subiu no colchão e deitou-se ao lado de August, posição que lhe dava uma visão clara da mordida recente no pescoço de Dylan.

Somente a confirmação da morte do pai de Steve impediu que o lobo de Ryker entrasse em fúria novamente.

Steve subiu na cama do outro lado de Dylan, hesitante a princípio, mas relaxando quando August estendeu a mão, o agarrou pela cintura e o puxou para perto, de modo que quase compartilhavam o espaço em cima de Dylan.

O movimento afastou Ryker um pouco, mas ele não se importou. Levantou-se e rastejou até a cabeceira da cama, sentando-se e colocando as pernas de cada lado de onde seus amigos estavam abraçados. Ele estendeu a mão e acariciou o topo da cabeça de Steve e Dylan, passando os dedos pelos cabelos deles e sorrindo suavemente ao ouvir os sons de contentamento que seu carinho produzia.

“Se você quiser conversar sobre o que aconteceu, estamos aqui para você”, disse ele.

Dylan ficou rígido, com a respiração presa na garganta.

“Ou eu poderia recomendar um psiquiatra”, acrescentou August, com a voz abafada por estar pressionado contra o pescoço de Dylan. “Conheço alguns muito bons.”

Dylan não disse nada, mas seus músculos relaxaram e ele expirou.

“Talvez seja uma boa ideia”, disse Ryker. Ele passou os dedos pela testa de Dylan. “Mas não é algo que você precise decidir agora.”

"Talvez o Steve também devesse ver um?", sugeriu Dylan depois de um

instante. Ele olhou para Ryker, com os olhos arregalados e confiantes.

"Estou bem", protestou Steve, levantando a cabeça e franzindo a testa.

“Você não vai”, disse Ryker, estendendo a mão e acariciando seus cabelos, acalmando sua indignação. “Mas você vai ir. Estaremos aqui para você sempre que precisar.”

“Podemos falar sobre terapia quando chegarmos em casa”, disse August, interrompendo o que parecia ser mais um protesto de Steve. “Embora, na minha opinião médica, vocês dois se beneficiariam conversando com um profissional.”

"Certo", murmuraram Dylan e Steve em uníssono.

Ryker continuava acariciando os cabelos de Steve e Dylan, passando os dedos pelos fios sedosos e coçando seus couro cabeludos. De vez em quando, ele se aproximava e fazia um carinho em August, mas não era ele quem precisava de consolo.

"Não tem problema se você estiver bravo comigo", disse Steve depois de um tempo, com a voz baixa.

"Não sou!", insistiu Dylan. Ele levantou o rosto para poder olhar para Steve. "Isso não é culpa sua."

“Não é bem assim”, concordou Ryker.

“Mas ele era meu pai”, disse Steve, com a voz embargada. “O Marcus disse que ele ficou mais instável quando eu fui embora. Se eu tivesse simplesmente escutado o Marcus e deixado ele conversar com meu pai quando eu quis ir trabalhar em Anchorage, ele poderia ter resolvido tudo e nada disso teria acontecido.”

Ryker não podia dizer que estava realmente feliz com o rumo que as coisas tomaram – isso seria mentira –, mas não se arrependia de Steve ter feito parte de suas vidas. Respirou fundo, ponderando cuidadosamente as palavras.

“Você não é responsável pelas escolhas que seu pai fez”, disse ele. “Não havia motivo para você pensar que algo ruim aconteceria só porque você decidiu se mudar por conta própria por um tempo.”

"Por mais que valha a pena, fico feliz por ter te conhecido e por poder te considerar meu companheiro", disse August. "Mesmo você sendo um cachorrinho irritante."

“Também estou feliz por ter te conhecido”, acrescentou Dylan.

Steve engoliu em seco, visivelmente emocionado. "Obrigado, pessoal. Também estou feliz por ter conhecido vocês. Só lamento que meu pai tenha perdido a cabeça e te machucado, Dylan."

“Não foi sua culpa”, repetiu Dylan.

O estômago de August interrompeu o momento emocionante com um ronco alto. Ryker sorriu quando August levantou o rosto do pescoço de Dylan, com uma expressão envergonhada no rosto.

"Desculpe por isso."

Nenhum deles havia comido desde o café da manhã. Não era de admirar que o estômago de August estivesse reclamando.

"Que tal vocês ficarem aqui enquanto eu vou procurar umas pizzas?", sugeriu Ryker. Ele vinha ignorando o fato de estar com fome, mas agora que o estômago de August o havia lembrado, a necessidade de comer algo se tornou urgente.

“Pepperoni e almôndegas”, disse August. “E cogumelos. Muitos cogumelos.”

“Pizza parece uma boa ideia”, acrescentou Dylan.

"Steve?", perguntou Ryker.

"Eu poderia comer", disse Steve. Ele olhava para Dylan com uma expressão como se não pudesse acreditar que ele fosse real.

"Já volto." Ryker desceu da cama, pegando o celular para ver onde ficava a pizzaria mais próxima. Calçou as botas enquanto procurava nos resultados, encontrando um lugar ali perto com boas avaliações. Pegou o casaco e as chaves de Steve e saiu, parando na porta para observar os amigos abraçados na cama.

As coisas estavam bem complicadas agora, mas vendo como Steve e Dylan estavam se unindo na preocupação um pelo outro, ambos mais preocupados com os sentimentos um do outro do que com os seus próprios, Ryker tinha certeza de que tudo ficaria bem no final.

Ele se certificaria disso.

AGOSTO

Ryker e Steve foram ao funeral do pai de Steve, deixando August e Dylan esperando no quarto do hotel antes de os quatro voltarem para Fort Plainslac no jato particular da matilha.

"Vocês querem um pouco da pizza que sobrou?", perguntou August, agachando-se em frente à mini geladeira na pequena cozinha. Eles ainda tinham metade de uma pizza da noite anterior, e nenhum dos dois havia tomado café da manhã.

“Claro”, disse Dylan, saindo do banheiro e sentando-se na cama. Ele juntou todos os travesseiros e os usou para construir um assento semelhante a um trono ao lado da cabeceira. “Ainda tem Coca-Cola Diet?”

August olhou debaixo da pizza e encontrou a única lata de Coca-Cola Diet que restava. Ele a pegou e fez uma Coca-Cola normal para si, depois se levantou e levou a pizza e as latas de refrigerante para a cama. Ele sorriu.

“O café da manhã está servido.”

Dylan endireitou-se um pouco na cadeira e cruzou as pernas, olhando para a caixa de pizza com uma expressão faminta. August colocou a caixa na cama, subiu no colchão e sentou-se em frente a Dylan, acomodando-se confortavelmente.

Ele entregou a lata de Coca-Cola Diet para Dylan, reprimindo um sorriso ao ver a pura felicidade no rosto do rapaz enquanto ele a abria e tomava um gole generoso.

"Tudo bem?", perguntou ele, fazendo Dylan corar.

“Muito.” Dylan pousou a lata no colo e pegou a pizza.

August o observava, avaliando por um instante como Dylan realmente estava e examinando a mordida em seu pescoço. O humor equilibrado de Dylan não parecia fingido e, tirando um momento constrangedor quando Ryker e Steve estavam saindo para o funeral, ele parecia muito melhor do que na noite anterior.

Não havia sinais de concussão.

A mordida no pescoço dele também havia cicatrizado inesperadamente bem. Em vez da cicatriz inflamada e saliente com a qual Dylan tinha ido dormir, a marca dos dentes de John havia desaparecido, restando apenas pequenas manchas brancas na pele, quase imperceptíveis e completamente lisas ao toque.

Já nem parecia uma marca de mordida.

August olhou para as marcas dele e de Ryker, uma sensação de satisfação presunçosa crescendo dentro dele. Sua marca ainda estava bem visível e era muito óbvio que tinha sido feita pelos dentes de um lobisomem alfa.

“Como você está se sentindo?”, perguntou August, pegando uma fatia de pizza.

Dylan tomou um gole de sua Coca-Cola Diet, pensando por um minuto na resposta.

"Melhor?" Ele parecia quase confuso. "É estranho eu sentir que deveria estar me sentindo pior?"

"Como assim?", perguntou August.

Dylan franziu a testa. "Eu matei o pai do Steve. Mesmo que ele estivesse tentando me machucar, eu deveria me sentir mal por isso, certo?"

“Acho que não”, disse August. “Você fez o que tinha que fazer para se proteger. Não há motivo para se sentir culpado.”

Dylan fez uma careta, arrancando um pedaço de pepperoni da fatia de pizza e brincando com ele.

“Acho que você tem razão”, disse ele, comendo o pedaço de pepperoni.

“Sim, sou”, disse August.

"Estou feliz que ele esteja morto", confessou Dylan, mordendo a bochecha e lançando um olhar para August por entre os cílios. "Ele era um tremendo idiota. Isso me torna uma pessoa ruim?"

“De jeito nenhum”, disse August. “Ele era um idiota.”

Ele se lembrou do olhar de John quando quis lutar com Ryker. Ele sabia que venceria, mas mesmo assim quis lutar com ele, sem outro motivo além de se deleitar com o derramamento de sangue.

"Você quer a última fatia?", perguntou Dylan, mudando de assunto de forma bem clara.

“Pode ficar com ele.”

O estômago de August roncou.

“Não estou com fome.” Dylan colocou o que sobrou da fatia de volta na caixa e a empurrou em sua direção, o papelão batendo em sua coxa. “Pode ficar com ela.”

"Obrigado", disse August, pegando os dois pedaços e devorando-os em poucas mordidas. Ele mastigou, com a boca estufada, e sorriu para o olhar brincalhão e julgador que Dylan lhe lançou.

Dylan se levantou, passou por cima das pernas de August, pegou a caixa de pizza agora vazia, dobrou-a e a jogou no lixo junto com sua lata vazia de Coca-Cola Diet.

"O que você quer fazer agora?", perguntou August. Ele jogou a lata de Coca-Cola vazia no lixo e limpou as mãos na camisa. Um olhar para o relógio lhe disse que eles tinham algumas horas antes de Ryker e Steve voltarem para o hotel.

O corpo de John seria cremado, como era tradição, e esperava-se que Steve permanecesse por perto até que as chamas se apagassem.

Marcus havia dito a todos que John morrera por envenenamento por monóxido de carbono, o que fazia com que queimá-lo parecesse uma cruel ironia.

"Poderíamos assistir a outro filme?", sugeriu Dylan.

Na noite anterior, depois da festa com os filhotes e da pizza, os quatro se reuniram na cama e assistiram aos dois primeiros filmes de Jurassic Park.

Eles estavam disponíveis gratuitamente no sistema sob demanda do hotel.

“Podemos fazer isso”, concordou August.

“E eu estava pensando…” Dylan mordeu o lábio inferior e desviou o olhar, sem terminar a frase.

"Sim?"

"Eu estava pensando que talvez você pudesse mudar para o seu modo alfa?"

A pergunta pairou no ar entre eles, o pedido pegando August de surpresa.

"Tem certeza?" August analisou atentamente a expressão de Dylan. Ele parecia nervoso, mas determinado.

Dylan assentiu com a cabeça. "Eu sei que não vou ter medo, porque é *você* , mas acho que seria melhor ver você mudar agora do que esperar até mais tarde. A menos que você ache que seja uma má ideia?"

August saiu da cama e foi ficar de pé na frente de Dylan. Ele segurou os ombros dele com as mãos, esfregando os polegares na clavícula.

"Você está preocupada que ver nossas mudanças de ritmo alfa a faça lembrar de John?", perguntou ele, cautelosamente.

Dylan assentiu com a cabeça.

“Não acho que seja uma má ideia”, disse August. Ele deu um passo para trás, soltando os ombros de Dylan. “Quer que eu me troque agora?”

"Se não for incômodo?", disse ele. "E se não te deixar muito cansado?"

August sorriu. "Eu ficarei bem, contanto que eu tenha um almoço reforçado. Como você quer que eu fique?" Ele olhou em volta. "Você quer se sentar na cama e eu fico aqui em pé?"

Ele foi até a frente da TV e ficou parado ali.

"Isso funciona", disse Dylan. Ele subiu de volta na cama e se acomodou em seu ninho de travesseiros junto à cabeceira.

"Vou tirar a roupa para não rasgar", disse August, tirando a camisa e a calça jeans. Ele manteve a cueca. Era daquele tipo elástico, então mesmo que rasgasse um pouco, deveria manter tudo no lugar depois que ele se mexesse.

"Preparar?"

Dylan assentiu com a cabeça.

"Eu volto ao normal quando você quiser. Tudo o que você precisa fazer é me dizer que já chega, ou pode simplesmente balançar a cabeça negativamente. Ok?"

Dylan assentiu novamente. "Estou pronto." Ele cruzou as pernas, sentou-se ereto, inclinando-se para a frente e encarando August com intensa concentração.

August o observou por um segundo, certificando-se de que ele não iria retirar seu pedido, e então voltou sua atenção para si mesmo.

Transformar-se em alfa foi tão fácil quanto respirar. Tudo o que August precisava fazer era estender a mão para seu lobo e se entregar. A transformação se propagou do centro do seu peito, uma onda quente de sensações que formigavam como eletricidade, percorrendo seus ombros e braços, chegando às pontas dos dedos e ricocheteando de volta para o peito, alcançando os dedos dos pés tão rápido que ele quase não conseguia distinguir o caminho percorrido pela magia.

Era diferente a cada vez.

Quando eram mais jovens, Ryker e August conversaram sobre comprar uma câmera de alta qualidade para filmar a mudança, para ver se ela era realmente tão instantânea quanto parecia a olho nu. O tio de Ryker ouviu a conversa e riu da ideia. Aparentemente, isso já havia sido feito, e ninguém conseguiu capturar nada interessante.

August manteve o corpo relaxado, consciente de que Dylan o observava, afastando um pouco mais os pés e deixando os braços pendurados frouxamente ao lado do corpo, numa tentativa de parecer o menos ameaçador possível.

Geralmente, quando August mudava de idade, ele entrava em ação imediatamente, energizado e com vontade de correr, caçar ou lutar, mas ele já era

velho o suficiente para não ter problemas em manter a calma e suprimir seu instinto de se mover.

Dylan o observava, sua respiração um pouco mais acelerada do que antes, e August teve que resistir ao impulso de ir até ele e oferecer conforto. Era *ele* quem estava deixando Dylan nervoso, embora seu lobo lutasse para que ele aceitasse a ideia.

Antes que August pudesse pensar em algo para acalmar Dylan, a respiração de Dylan se acalmou e ele se inclinou para a frente. Seu olhar percorreu o corpo de August, absorvendo-o por completo. Por um instante, sua atenção se deteve na virilha de August, seus olhos se arregalando com o volume na calça, mas ele não deixou o olhar se demorar ali.

Em vez disso, pousou nos pés de August. August olhou para baixo, flexionando os dedos dos pés e saltitando na ponta dos pés.

Seus pés eram a parte menos humana dele quando se transformava. Eram alongados, com dedos caninos e arqueados, e garras afiadas como adagas que danificariam o piso de madeira se ele não tomasse cuidado.

“Você rasgou sua cueca”, comentou Dylan, quebrando o silêncio e erguendo o olhar para o rosto de August.

August olhou para sua roupa íntima e, com certeza, a cueca havia rasgado em sua coxa esquerda.

"Sim, eu fiz", concordou ele, lambendo os dentes e provocando o canino direito. Ele estendeu a mão e ajeitou o volume na calça, movendo o pênis para que não aparecesse acidentalmente pelo buraco.

Dylan observava a própria mão com atenção absorta.

"Você quer se aproximar?", perguntou August, colocando as mãos atrás das costas e certificando-se de manter o corpo relaxado e sem demonstrar qualquer ameaça.

Dylan deslizou até a ponta da cama, sentando-se na beirada do colchão e cruzando as mãos sobre o colo. Ele olhou para August e mordeu o lábio. "Você é muito alto."

August deu um pequeno passo à frente, obrigando Dylan a esticar o pescoço para manter o contato visual.

“Sou sim”, concordou ele. Levantou a mão, com a palma virada para fora. “Sou maior em todos os sentidos.”

Dylan respirou fundo e se levantou, atravessando a curta distância entre eles. August o observou se aproximar, permanecendo imóvel e esperando que ele fizesse o primeiro movimento.

"Posso...?" Dylan levantou a mão e a segurou a poucos centímetros da palma de August, olhando para o rosto dele em busca de permissão para tocá-lo.

Não havia nada de nervoso ou assustado em sua expressão.

"Claro", disse August, com a voz rouca de desejo.

Dylan estremeceu ao ouvir o tom grave da voz de August, engolindo em seco antes de pressionar a mão contra a palma da mão de August.

O toque provocou uma onda de prazer elétrico que percorreu o braço de August.

“Sua mão é umas três vezes maior que a minha”, disse Dylan, traçando o contorno da palma da mão de August com a ponta dos dedos.

Quando se transformou, as almofadas das palmas das mãos de August ficaram mais firmes do que em sua forma humana. Não era uma mudança tão perceptível quanto as garras afiadas como navalhas nas pontas dos dedos, mas eram diferentes o suficiente ao toque para que August temesse que Dylan achasse estranho.

Dylan parecia fascinado. Ele deslizou os dedos mais para cima na mão de August, traçando o comprimento dos dedos, sentindo até as pontas das garras e pressionando as pontas afiadas para testar a sensação.

August fechou os olhos enquanto Dylan explorava sua mão e seus dedos, incapaz de resistir a cada toque curioso e roçar dos dedos de Dylan, que fazia seu pau se contrair e inchar contra o quadril. Ele engoliu em seco, seus músculos abdominais tremendo de tensão enquanto seu pau se erguia, marcando o tecido da cueca e puxando-a para longe do corpo.

Dylan, com a atenção voltada para a mão de August, levou um segundo para perceber. Ele olhou para baixo, sem notar nada, e então olhou duas vezes, surpreso, ao puxar a mão de volta da palma de August.

"Desculpe", disse August, com a voz tão rouca que quase soava como um rosnado. "Você pode simplesmente ignorar."

Ele abaixou a mão para ajeitar a ereção, tentando fazer com que o volume em sua cueca parecesse menos exagerado.

"Certo", disse Dylan, com a mão tremendo como se quisesse tocar no volume.

“Ou você pode tocar”, disse August, lambendo o lábio inferior. “O que você quiser. Eu só vou ficar aqui parado.”

Dylan respirava pesadamente, com o olhar fixo no enorme volume na cueca de August. Ele ergueu a mão e a manteve a poucos centímetros da virilha de August, os dedos tremendo enquanto diminuía a distância entre sua mão e o pênis de August, acariciando-o através do algodão esticado da cueca.

As coxas de August se contraíram com força, a sensação da mão de Dylan em seu pênis fazendo seu estômago se contrair e seus testículos se erguerem. O movimento repentino fez Dylan arfar e retirar a mão, levando-a ao peito e segurando-a como se tivesse sido queimado.

"Desculpe", resmungou August. Ele cerrou os punhos, com uma vontade irresistível de alcançar e libertar seu pênis.

"Está tudo bem", disse Dylan. Ele levantou a mão novamente e acariciou os testículos de August, sentindo-os onde preenchiam o espaço da cueca e apertando-os suavemente.

Agosto chegou quase instantaneamente.

"Você quer assistir ao filme agora?" perguntou Dylan, soltando os testículos de August e dando um passo para trás.

August levou um segundo para entender a pergunta, sua atenção focada unicamente no que ele poderia fazer para que Dylan o tocasse *mais* .

"Claro", disse August, reprimindo a decepção e a vontade de prensar Dylan contra o colchão e esfregar o rosto nele até que ele gozasse. "Quer que eu volte ao normal?"

Dylan mordeu o lábio, sentindo um rubor nas bochechas. "Você talvez queira ficar assim?", perguntou, olhando para August por entre os cílios. "A gente podia

assistir ao filme e ficar de conchinha?"

August adorou a ideia. Além de transar, ele não conseguia imaginar nada melhor do que abraçar Dylan com força, sentindo o corpo dele pressionado contra o seu enquanto inalava o aroma tentador do seu ômega.

"Eu adoraria."

Ele deu um tapinha no ombro de Dylan, apertando a lateral do pescoço dele do lado oposto ao da mordida de Miller, e passou por ele. Subindo na cama, August caminhou até a cabeceira, virou-se, sentou-se de bunda no chão e se inclinou para frente, abrindo as pernas.

"Quer sentar aqui?" August deu um tapinha no espaço entre as coxas. Seu pau ainda marcava a cueca, esticando o algodão e revelando o formato da glande, e se Dylan se sentasse no lugar onde ele estava dando tapinhas, ficaria encostado bem na protuberância de August.

"Certo", disse Dylan, encarando as coxas musculosas e o volume na calça de August com uma mistura de nervosismo e desejo evidente. Ele subiu na cama e se posicionou entre as pernas de August. "Assim?"

Ele se virou, roçando a parte interna das coxas enormes de August, esperando o aceno de cabeça de August antes de se sentar entre eles.

"É isso aí", disse August, com o pênis pulsando enquanto Dylan se encostava nele.

Ele fechou os olhos enquanto dizia ao seu pênis traiçoeiro para não ficar muito excitado. Só porque estava pressionado contra as costas de Dylan não significava que algo fosse acontecer.

"Isso é tão estranho", disse Dylan, colocando a mão na coxa de August. Ele acariciou o músculo grosso, fazendo-o se contrair em resposta.

"Ruim, estranho?" perguntou August, massageando os ombros de Dylan.

Dylan balançou a cabeça, a massagem de August o fazendo relaxar contra ele, pressionando a protuberância na calça de August e fazendo-o prender a respiração. Dylan olhou por cima do ombro, alheio ao quão *bem* estava fazendo August se sentir. "Não, só *estranho* , estranho. Você é tão grande. Está me deixando todo esquisito."

August deslizou os braços para baixo e colocou as mãos sobre a barriga de Dylan. Ele esfregou a camiseta de Dylan, empurrando-o sutilmente contra o volume antes de deixar as mãos repousarem nas laterais do corpo do garoto. Eram quase grandes o suficiente para envolver completamente a cintura dele.

Se ele apertasse, talvez conseguisse fazer com que seus dedos se tocassem.

"Engraçado, mas no bom sentido, né?"

Dylan assentiu com a cabeça, e August teve que engolir em seco para não babar. Ele conseguia ver a expressão de Dylan refletida na TV, e estava visivelmente excitado.

August sentiu-se tentado a aproveitar a evidente excitação de Dylan – a estender a mão e agarrar sua virilha enquanto ele esfregava seu volume nas costas dele – mas se conteve. Dylan não estava em condições de fazer sexo.

Também não seria bom para Steve voltar ao hotel e descobrir que August e Dylan passaram a manhã transando enquanto ele enterrava o pai.

Pensar em Steve e no funeral abalou o bom humor de August. Ele ficou feliz por Ryker ter ido com ele. Steve não estava apenas enterrando o pai, mas

também confrontando o fato de que seu pai não era o homem que ele pensava. Era uma perda dupla e, por mais que John merecesse seu destino, Steve merecia tempo para lamentar ambas as perdas.

"Você consegue achar o filme?", perguntou August, pegando o controle remoto na mesa de cabeceira e entregando-o a Dylan.

Se ele não estivesse assistindo ao reflexo de Dylan na TV, teria perdido o lampejo de decepção que cruzou o rosto do garoto.

“Claro”, disse Dylan, pegando o controle remoto e ligando a TV. Ele acessou o menu de filmes sob demanda e selecionou o terceiro filme de Jurassic Park, apertando o play. Olhou para August. “Não me lembro desse de jeito nenhum. Você se lembra?”

August balançou a cabeça. "Nem um pouco."

Dylan voltou sua atenção para a TV, relaxando ainda mais e deixando seu corpo se entregar aos braços de August. Ele estendeu a mão até a mão de August sobre sua barriga, colocando as suas sobre ela e acariciando distraidamente os dedos de August. Ele deslizou as pontas dos dedos sobre as juntas de August, pressionando a ponta do indicador contra a ponta das garras de August, explorando-as uma a uma.

Os toques suaves fizeram o pau de August se contrair. Dylan congelou, sentindo o movimento contra suas costas, e então soltou uma risadinha. Ele parou de tocar os dedos de August, deixando suas mãos repousarem sobre o colo.

August respirou fundo pelo nariz, o cheiro do seu ômega potente e doce, e tentou ignorar o seu pau pulsante. Ele começara a liberar líquido pré-ejaculatório, e não demoraria muito para que a frente da sua cueca e as costas de Dylan estivessem encharcadas.

Dylan apertou o botão de pausa e virou o pescoço para olhar para ele.

"Você quer apertar minha cabeça entre suas coxas e se masturbar enquanto eu lamber seus testículos?"

O cérebro de August parou de funcionar abruptamente; o pedido descarado o pegou de surpresa e fez seu pênis pulsar de desejo.

"Você quer que eu aperte sua cabeça entre minhas coxas?", perguntou ele.

Dylan assentiu rapidamente com a cabeça. Estava corando muito, mas parecia determinado.

"Enquanto eu estiver assim?" August acenou com a cabeça, observando a mudança em seu corpo. Dylan engoliu em seco e assentiu novamente.

August estava em conflito consigo mesmo. Ele não queria transar com Dylan enquanto Steve e Ryker estivessem no funeral, mas, por outro lado, se masturbar não contava como sexo, contava?

Dylan ainda o encarava, com uma expressão esperançosa, como se lamber os testículos de August enquanto o apertava entre as coxas fosse um prazer que ele almejava, contra todas as expectativas, poder desfrutar.

Agosto estava impotente diante daquele olhar. "Certo. Mostre-me como você quer."

Dylan se virou e deitou de bruços no colchão entre as pernas de August, e antes que August pudesse se preparar para a sensação, Dylan se ajeitou até que seu rosto estivesse pressionando firmemente o volume da cueca de August.

Ele ficou ali deitado, com o rosto enterrado no monte do pênis de August, inalando o cheiro da virilha de August e esfregando-se sobre os testículos dele.

August enfiou a mão na cueca e libertou sua ereção, deixando os testículos no bolso da cueca, onde pressionavam o rosto de Dylan.

"É isso que você quer?", perguntou ele, juntando as coxas de cada lado do rosto de Dylan, prendendo-o entre os membros musculosos e imobilizando-o contra seus testículos.

Dylan fez um ruído de concordância.

August apertou um pouco mais, levantando as pernas sobre o corpo de Dylan e cruzando os tornozelos. Quando olhou para baixo, tudo o que conseguiu ver foi seu pênis e o topo da cabeça de Dylan entre suas pernas.

"Desista se precisar de uma pausa", lembrou August. Ele podia sentir a boca de Dylan contra seus testículos, os lábios entreabertos, a língua para fora, lambendo os glúteos pesados através do algodão elástico.

August o observou por um momento, seu pênis pulsando e vazando, o líquido pré-ejaculatório escorrendo por toda a extensão da haste até onde o rosto de Dylan estava preso contra o volume em sua calça.

Apertando as coxas, contraindo os músculos, August observou a cabeça de Dylan entre suas pernas com uma satisfação profunda e visceral. Apertou com mais força, fazendo Dylan grunhir com a pressão; a sensação da cabeça de Dylan presa entre suas pernas o fazia sentir-se no topo do mundo.

"Você gosta disso?" perguntou August, a voz baixando para um rosnado enquanto aliviava um pouco a pressão na cabeça de Dylan. Em vez de responder com palavras, Dylan pressionou o rosto com mais força contra os testículos de August, tentando sugar um deles para dentro da boca antes de desistir e descer para roçar o nariz em seu períneo.

A sensação do nariz de Dylan cutucando por baixo de seus testículos era mais do que August podia suportar. Ele envolveu o pênis com as mãos, bombeando-o com movimentos firmes enquanto apertava a cabeça de Dylan para mantê-lo no lugar. Inclinou-se para trás, levantando a bunda para que Dylan pudesse penetrar mais fundo, alcançando e empurrando a cabeça do pênis para guiá-lo até a fenda, onde queria.

August sentia como se estivesse sendo arrastado em direção ao orgasmo por uma tropa de cavalos a galope. Ele era impotente para impedi-lo, seus testículos se contraindo e seu pênis pulsando no ritmo do seu pulso enquanto ele se masturbava com abandono.

Dylan enfiou o nariz na fenda de August, cravando-o no espaço entre suas nádegas musculosas, e quando August levantou os quadris e relaxou as pernas o suficiente para poder empurrar a cabeça de Dylan contra seu ânus, Dylan esticou a língua e lambeu o orifício de August por cima da cueca.

August nunca odiou tanto suas cuecas. Ele estendeu a mão, agarrou a barra da cueca, enquanto a outra mão ainda mantinha o rosto de Dylan preso entre suas nádegas, e a arrancou do corpo.

Dylan soltou um som de susto, mas quando percebeu que agora tinha acesso direto ao orifício de August, estendeu a língua e começou a lamber.

A sensação da língua de Dylan pressionando seu ânus, deslizando sobre sua bunda firme e lambendo sua fenda, levou August ao ápice do orgasmo. Seu

estômago se contraiu, seus músculos abdominais se apertaram e, com a força de um gêiser, o sêmen jorrou de seus testículos para o ar, atingindo a parte inferior de seu queixo e espalhando-se por todo o seu peito. Ele pressionou a mão contra a glande para o segundo jato, o poderoso fluxo de esperma atingindo sua palma e escorrendo pelo pênis até entre suas pernas, onde a cabeça de Dylan ainda estava presa.

Recostando-se na cabeceira da cama, August puxou a cabeça de Dylan até seu pênis, agarrando-o pelos cabelos e posicionando sua boca na glande.

Dylan se ajoelhou, agarrou o pênis de August com as duas mãos, apertou o nó e o masturbou até ele gozar, enquanto chupava a glande e bebia cada jato grosso de esperma como se estivesse tomando maná diretamente do céu.

Quando August finalmente parou de atirar, com os testículos vazios e sem energia, Dylan sentou-se de cócoras com uma expressão de profunda satisfação no rosto.

Ele piscou, encarando o pênis de August, agora deslocado, com um olhar pensativo.

"O que é isso?" perguntou August. Ele recolheu um pouco do sêmen que estava em seu peito, juntando-o na palma da mão e oferecendo a Dylan, caso ele quisesse.

Dylan lambeu os lábios e inclinou-se para a frente, abaixando-se para lamber o sêmen que escorria da mão de August.

August o encarou, a visão de seu ômega lambendo-o como se fosse um animal de estimação lhe dando várias ideias de outras maneiras pelas quais ele poderia fazer Dylan agir como seu pequeno animal de estimação.

Quando Dylan se afastou, limpando a boca e lambendo os lábios, ele acenou com a cabeça para o pênis de August.

“Se você tentar colocar essa coisa dentro de mim, eu termino com você.”

August riu, com o pau pulsando só de pensar em chegar perto do cu apertado de Dylan.

“Prometo que não vou tentar colocar dentro de você até que você me peça.” August se inclinou para a frente, olhando para Dylan com um sorriso. Ele se inclinou e lhe deu um beijo nos lábios. “Que tal?”

“Não vou te pedir”, disse Dylan, beijando-o novamente. Ele ergueu a mão e segurou o rosto de August, traçando com os polegares as novas rugas em sua pele. “Estou falando sério. Aquilo deve ter uns 35 centímetros.”

“Treze”, corrigiu August. Ele lambeu a boca de Dylan, sua língua quase fazendo Dylan engasgar quando lambeu fundo demais. Ele recuou. “E está tudo bem. Não precisa pressionar.”

Dylan sorriu.

“Vamos, a gente devia tomar banho antes que os outros voltem”, disse Dylan. Ele passou por cima da coxa de August e saiu da cama, indo em direção ao banheiro. “Quer tomar banho comigo?”

"Vou ter que voltar ao normal", alertou August.

Dylan assentiu com a cabeça. "Eu sei, mas tudo bem. Acho que provamos de forma bastante decisiva que não tenho medo de você quando está transformado."

August sorriu. "Acho que sim." Ele desceu da cama, voltando à forma humana antes mesmo de seus pés tocarem o chão. Caminhou até Dylan e

acariciou seu rosto com a palma da mão. "Você ainda está se sentindo bem?"

Dylan aconchegou-se na palma da mão dele, assentindo com a cabeça. "Ainda acho que *deveria me* sentir mal, mas não me sinto. Só tenho pena do Steve por ele ter que passar por isso."

Ele olhou para August, ergueu a mão e a colocou no quadril de August.

August o abraçou. Ele sabia que Dylan ainda não estava fora de perigo no que diz respeito a uma reação adversa ao seu sofrimento – que, uma vez em casa, onde se sentisse seguro, ele poderia ter um colapso – mas, se isso acontecesse, eles estariam lá para apoiá-lo e lidar com a situação.

"Você vai ficar bem", disse ele, apertando-o. "Todos nós vamos ficar."

Dylan assentiu com a cabeça, esfregando o rosto no peitoral de August.

"Eu sei." Ele se afastou do abraço. "Mas vamos tomar banho. Eu ainda não gozei, e você me deve um orgasmo. Você pode me prensar contra a parede e me masturbar enquanto eu chupo seus mamilos."

August riu, achando graça da tentativa desajeitada de Dylan de mudar de assunto. Ainda parecia errado transar enquanto Steve estava sofrendo, mas se era disso que Dylan precisava para se distrair, August não ia dizer não.

"Claro." August estendeu a mão e beliscou o mamilo de Dylan, dando-lhe um puxão. "Mostre o caminho. Sou todo seu."

STEVE

O céu estava nublado, com nuvens baixas e carregadas, e a penumbra prometia uma nova camada de neve ao anoitecer.

Steve encarava as chamas da pira funerária de seu pai, o fogo afastando o frio e umedecendo a gola de sua camisa com o suor. Ele segurava um cavalo de brinquedo que havia esculpido aos nove anos, a madeira lisa e fria sob seus dedos.

Era tradição oferecer ao falecido algo para levar consigo para a próxima vida, e Steve pegou o cavalo da prateleira sem pensar muito. Seu pai o ajudara a esculpi-lo, e Steve ficou muito orgulhoso quando o pai elogiou seu trabalho.

Ele jogou-o nas chamas.

O vento mudou de direção, a fumaça entrando em seus olhos e fazendo-os lacrimejar, mas Steve não se moveu. Ele ficou parado ali, sentindo como se estivesse se observando de cima enquanto tentava reconciliar o homem de suas memórias de infância com a pessoa que havia atacado seu ômega.

Ele sempre ficava aquém.

Seu pai sempre fora volátil – propenso a explodir quando desafiado – mas, durante sua infância, Steve sempre se sentiu seguro longe desse temperamento explosivo. Seu pai nunca o machucou, nem a seus irmãos, por mais violento que fosse seu acesso de raiva, e Steve nunca teve medo dele.

A furiosa advertência de Marcus, de que se Steve o tivesse deixado lidar com o pai deles, ele poderia ter conseguido o resultado desejado no trabalho e evitado todos aqueles problemas, repetia-se incessantemente em sua mente.

Ele estremeceu ao sentir a mão de Ryker pousar em suas costas. Piscou para afastar a fumaça dos olhos e se entregou ao toque.

Parecia que todos estavam olhando para eles. A maioria dos olhares era de compaixão – todos sabiam que Steve e seu pai tinham acabado de se reconciliar – mas também havia muita curiosidade direcionada a Ryker como o novo alfa do distrito.

"Não tem problema ficar triste", disse Ryker, inclinando-se e dando um beijo em sua têmpora. Sua voz era baixa, quase inaudível por causa do crepitar da lareira. "Não importa como as coisas terminaram, ele ainda era seu pai."

Steve cerrou os dentes. Estava triste. Estava com o coração partido. E também furioso.

"Eu sei", murmurou ele, virando-se para Ryker e deixando-se envolver por um abraço. Enterrou o rosto no ombro de Ryker, estremecendo enquanto este acariciava suas costas. "Estou tão irritado. Queria que ele estivesse vivo para que eu pudesse gritar com ele."

"Não é sua culpa", disse Ryker. Parecia ser seu mantra para a ocasião. Ele já havia repetido isso pelo menos sete vezes desde que chegaram.

"Sinto que a culpa é minha", admitiu Steve. Sua rebeldia desencadeou a espiral descendente de seu pai, culminando em Marcus sendo forçado a evoluir uma década antes de estar pronto para isso e transformando seu pai em um monstro.

“Não é”, repetiu Ryker.

Marcus provavelmente discordou. A lembrança do rosto do irmão mais velho

se contorcendo de tristeza quando ele pensava que ninguém estava olhando ficou gravada na memória de Steve.

“Não é”, repetiu Ryker, com voz firme. Ele se afastou, acariciando o rosto de Steve e olhando-o nos olhos. “Nada que você tenha feito deu ao seu pai o direito de fazer o que ele fez. As escolhas dele são apenas isso. Escolhas dele.”

Steve olhou em volta, verificando se ninguém tinha ouvido as palavras veementes de Ryker, mas todos estavam dando a Steve bastante espaço para fazer sua oferenda em paz.

Steve se sentiu uma fraude. Ele se afastou do abraço de Ryker e o puxou para longe do fogo. Ele avistou seus irmãos, ambos olhando para ele com expressões severas.

Steve fez uma careta. Ele precisava falar com eles antes de ir embora. Virou-se para Ryker: "Já volto."

Ryker percebeu o que havia chamado sua atenção e deu-lhe um tapinha nas costas. "Boa sorte. Vou conversar com Odin e os outros alfas de distrito. Me procure quando terminar."

Steve assentiu com a cabeça e eles se separaram, Steve se afastando da multidão e Ryker se misturando a ela.

Marcus e William o observaram se aproximar. Ele caminhou até eles e parou, cruzando os braços. Seu instinto lhe dizia para abraçar os irmãos, mas ele se conteve.

“Como você está se sentindo?”, perguntou Marcus, com a voz cautelosa.

"Estou bem", disse Steve. Ele olhou para os dois, analisando suas expressões e linguagem corporal para ver se estavam zangados com ele. "E vocês?"

“Estou furioso e deprimido”, disse William, franzindo o nariz e cruzando os braços. Algo lhe chamou a atenção e sua expressão endureceu. “Mamãe nem se dá ao trabalho de esconder o quão feliz está.”

Steve se virou para ver o que William estava olhando e, sem surpresa, era a mãe deles. Ela estava conversando com os capangas do pai, Bruce e Cain, e os dois pareceram profundamente desconfortáveis com a expressão alegre dela.

De Marcus "Agentes da lei" , corrigiu Steve mentalmente.

A mãe deles percebeu que William e Steve a estavam olhando, e sua expressão alegre deu lugar a algo mais sombrio e apropriado. Ela levantou a mão e acenou, mas não fez menção de se aproximar. Depois de um segundo, virou o corpo de forma que eles não pudessem ver seu rosto.

Steve concluiu que não faria nenhum esforço para falar com ela antes de ir embora.

"E você?" perguntou Steve, olhando para Marcus. "Você está bem?"

Marcus cerrou os dentes e assentiu. "Meu lugar está seguro. Ninguém vai me desafiar tão cedo."

Não era isso que Steve tinha perguntado. Ele franziu a testa, tentando pensar no que poderia dizer para fazer seu irmão mais velho se sentir melhor, mas nada lhe veio à mente. Decidiu então pedir desculpas.

“Sinto muito por não ter deixado você cuidar do papai quando terminei a escola.”

Marcus suspirou. "Eu não devia ter dito isso. Eu estava frustrado e não foi justo com você."

"Ainda sinto muito", disse Steve.

"Eu queria que você não estivesse." Marcus estendeu a mão e apertou o ombro de Steve. "Eu não pensei que ele faria uma coisa dessas. Subestimei o quão desequilibrado ele estava."

Steve assentiu com a cabeça, engolindo em seco e sem dizer nada.

"Dylan está bem?", perguntou Marcus, parecendo temer a resposta.

“Ele parecia bem esta manhã”, disse Steve, com o humor melhorando um pouco. Ele havia se preparado para ataques de pânico e choque tardio, mas quando acordou, Dylan parecia bem. Estava um pouco quieto, com uma expressão cautelosa sempre que se olhavam, mas nem de longe tão traumatizado quanto Steve esperava. A mordida no pescoço havia cicatrizado mais rápido do que Steve poderia ter imaginado. “Acho que a mordida do papai não vai deixar muita cicatriz.”

"O pedido do papai não foi aceito?", disse Marcus, com um tom de alívio. "Pelo menos isso é bom."

“É sim”, concordou Steve.

Os três ficaram ali parados, sem saber ao certo o que dizer. A pira funerária ainda ardia forte, aquecendo a clareira e espantando o frio, e por um tempo eles observaram as pessoas se aproximarem das chamas, lançando pequenas oferendas ao fogo para desejar ao seu alfa falecido uma boa jornada para a próxima vida.

"O que vocês ofereceram?" perguntou Steve, olhando para os irmãos. "Eu só peguei algo que fiz quando era criança."

“Uma pedra da lua”, disse Marcus.

Aquela foi uma oferta valiosa, embora impessoal a ponto de ser inadequada. Steve e Marcus olharam para William em busca de uma resposta. O irmão mais novo deu de ombros.

“Um livro de autoajuda para controle da raiva.” Marcus franziu a testa, demonstrando desagrado, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, William se apressou em se defender. “Eu embrulhei! Ninguém viu o que era. E não é como se ele não precisasse, onde quer que ele vá parar.”

Se Steve não estivesse se sentindo tão mal, teria rido. Ele estendeu a mão, puxou William para debaixo do braço e o abraçou.

"Isso é bem engraçado", disse ele, esfregando o braço. Ele olhou para Marcus, que suspirou e então esboçou um pequeno sorriso.

“Acho que não foi totalmente inapropriado.”

“Então, o que vai acontecer agora?” perguntou William, olhando para Steve. “Vocês vão ficar para o encontro hoje à noite?”

“Não, estamos voltando para Fort Plainslac.” Steve engoliu em seco, olhando para os irmãos. “Vocês deviam nos visitar quando tiverem a oportunidade.”

“Claro”, disse Marcus. “Provavelmente farei um tour pelo território depois da próxima lua cheia. William pode vir comigo quando eu for visitá-los.”

“Sim”, concordou William. “Eu gostaria disso.”

"E eu estarei de volta aqui para a lua cheia", garantiu Steve. "Não será como antes, quando não nos víamos."

Marcus e William pareceram discretamente satisfeitos com isso.

“Ryker parece popular”, comentou William, mudando de assunto e acenando

com a cabeça em direção à multidão. Steve se virou. Ryker estava conversando com Odin e os outros alfas do distrito. Pela linguagem corporal deles, parecia que estavam se dando bem.

“Ele se encaixou perfeitamente”, concordou Marcus.

O peito de Steve se encheu de orgulho, uma sensação de formigamento percorrendo sua espinha enquanto seus irmãos olhavam para seu amigo com aprovação.

“Ele é muito bom”, disse Steve.

Marcus e William olharam para ele, com expressões afetuosas e um tanto divertidas.

"Você *gosta* dele", provocou William, fazendo Steve dar um tapa no próprio braço.

"Obviamente."

"Ótimo", disse Marcus, com uma expressão constrangedoramente sincera. "Queremos que você seja feliz."

"Eu sei." Um sorriso surgiu no canto dos lábios de Steve. "E vocês? Já começaram a sair com alguém?"

"Estou saindo com alguém", disse William, estranhamente tímido. "A filha da Betty, Cora. Estamos namorando há três meses. Ela é super legal."

Steve sorriu e pediu a William que lhe contasse sobre ela. William se iluminou e começou a falar, e Steve se sentiu mal por não ter perguntado antes. Era óbvio que William estava completamente apaixonado.

Ouvir o que ele dizia era uma boa distração do ambiente sombrio e da constante lembrança de que o pai deles não merecia a despedida respeitosa que estavam lhe dando.

“Provavelmente vamos morar juntos, se—” William interrompeu-se no meio do que ia dizer, sua expressão escurecendo. Ele olhou para Marcus. “Se Marcus disser que tudo bem.”

Ele ia dizer: " *Se o papai disser que tudo bem* ..."

“Claro que pode”, disse Marcus. Ele agarrou William pela nuca e apertou. “Você gostaria de um apartamento fora da casa principal?”

William deu de ombros. "Talvez? Não conversamos sobre isso. Vou perguntar a ela."

Marcus assentiu com a cabeça e William pareceu feliz – ou tão feliz quanto se pode parecer no funeral do próprio pai. Os três formavam um grupo bastante sombrio, apesar do entusiasmo de William ao falar de Cora.

"Acho que vou procurar o Ryker e me despedir", disse Steve, esfregando a nuca. Os olhares tristes e os murmúrios sobre o grande homem que seu pai havia sido começavam a afetá-lo. "Vejo vocês daqui a pouco, certo?"

“Você vai”, disse Marcus.

William concordou com a cabeça. "Talvez eu e a Cora possamos descer e visitar vocês antes da lua cheia, e depois voltar?"

"Você faria isso?", perguntou Steve, animando-se.

William assentiu com a cabeça.

“E posso fazer de Fort Plainslac a primeira parte da minha excursão depois da lua cheia”, disse Marcus. “Posso viajar com você quando você voltar para casa.”

Steve sentiu algo dentro de si se libertar. Seus irmãos estariam lá por ele, e ele por eles, mesmo que não morassem mais na mesma cidade. Eles ainda eram uma matilha.

“Isso parece ótimo.”

De repente, Steve sentiu vontade de chorar. Ele engoliu o choro e se recompôs mentalmente.

"Até logo, irmãozinho", disse Marcus, abraçando-o. "Cuide-se."

"Você também", disse Steve. Em seguida, ele abraçou William.

“Estou ansioso para conhecer sua namorada.”

"Você vai gostar dela", prometeu William. E se afastou.

Steve assentiu com a cabeça e deu um passo para trás, acenando levemente para os dois antes de voltar para a multidão para encontrar Ryker.

A julgar pelo jeito como todos o olhavam, com compaixão e tristeza estampadas em seus rostos, Steve estava se saindo bem em demonstrar o impacto do funeral do pai. Enquanto observava a multidão, ele se perguntava quantas pessoas estavam secretamente aliviadas com a morte do pai e com a chegada de Marcus como o novo alfa. Devia ser mais do que algumas pessoas, mas, assim como Steve, elas estavam disfarçando muito bem.

Ryker ainda estava conversando com Odin e os outros alfas do distrito.

“Ei”, disse Ryker, interrompendo David no meio da frase em tom de desculpas e dando um passo em sua direção. “Como você está?”

"Estou bem", disse Steve, acenando com a cabeça para os alfas do distrito. Todos acenaram de volta, com expressões de compaixão. Odin ofereceu suas condolências, após o que Blaine, Zack, Henry e David fizeram o mesmo.

Steve não pôde deixar de notar que nenhum deles parecia particularmente triste, considerando que estavam comparecendo ao funeral de seu alfa. Sua atitude era quase profissional.

Se o pai dele não tivesse morrido daquela forma – magoando Dylan e se revelando um monstro – Steve tinha quase certeza de que se sentiria ofendido.

Agora ele finalmente entendeu.

Ryker passou o braço em volta da cintura dele, percebendo a repentina piora em seu humor, e o abraçou forte.

"Você quer ir embora?" perguntou Ryker.

Steve assentiu com a cabeça. "Já me despedi de Marcus e William."

“Muito bem.” Ryker se virou para Odin e os outros alfas do distrito. “Desculpem, acho que vamos indo. Foi bom conversar com vocês. Espero nos encontrarmos em circunstâncias mais felizes.”

"Eu também", disse Odin. "Nos veremos na lua cheia, certo? Mostraremos a vocês como nós, lobos civilizados, fazemos as coisas."

Steve franziu a testa antes de entender. Ryker e os outros alfas deviam estar comparando como lidavam com as luas cheias.

“Viver na natureza não é tão ruim assim”, disse Steve, defendendo seu companheiro. Então, franziu a testa. “Embora eu ache que a população animal aqui não suporte o tipo de caça que Ryker e August praticam na reserva em Fort Plainslac.”

"Tudo bem", disse Ryker, divertido. "Eu e August fazemos assim porque somos preguiçosos demais para planejar e fazer disso um grande evento. Do seu

jeito vai ser divertido."

Ryker estendeu a mão, despedindo-se dos outros alfas do distrito antes de conduzir Steve para longe.

A casa principal onde tinham estacionado o carro ficava a uma curta caminhada da clareira. Quando se dirigiram para o caminho, Steve avistou a mãe. Ela começou a caminhar na direção dele e Steve acelerou o passo para que não se cruzassem.

Ele conversava com ela na lua cheia, quando tinha tido tempo para processar tudo o que havia acontecido.

"Você está bem?" perguntou Ryker, com a voz baixa.

"Estou bem", disse Steve. Ele olhou para a mãe, que havia parado de andar e o encarava com um olhar triste. "Falarei com ela mais tarde. Agora, só quero ir para casa."

Ryker assentiu com a cabeça. "Claro."

DYLAN

Dylan desceu as escadas e entrou na cabine, sentindo-se completamente deslocado enquanto caminhava pelo corredor estreito e se sentava em uma das elegantes poltronas de couro. Havia doze assentos no total, seis de cada lado do corredor, dispostos alternadamente voltados para a frente e para trás, criando três áreas de estar distintas dentro da cabine.

August e Ryker sentaram-se ao lado dele, deixando o assento em frente para Steve.

"Está tudo bem?" perguntou Steve, hesitante ao lado do assento.

“Claro”, disse Dylan, puxando as pernas para trás. Os assentos eram espaçosos – semelhantes aos da primeira classe em aviões normais – e havia espaço suficiente entre eles para que nenhum dos dois se sentisse apertado.

Steve sentou-se, apoiando os pés firmemente no chão e apertando o cinto de segurança. Ele ainda vestia o terno que usara no funeral, com flocos de neve grudados nos sapatos, e cheirava a fumaça.

Ele parecia deprimido.

Dylan cruzou as mãos no colo, sem saber o que dizer. Ele estava acostumado com Steve sendo arrogante e autoconfiante – sorrindo e brincando enquanto tentava convencê-lo a sair com ele em vez de August e Ryker – e vê-lo tão diferente de si mesmo era angustiante.

O capitão subiu na aeronave e desceu para falar com eles, informando-os sobre a duração do voo e avisando que não haveria comissários de bordo para atendê-los durante o voo.

"Tudo bem, Jennifer", disse Steve, lançando-lhe um sorriso forçado. "Não precisamos de sinal. Só queremos chegar em casa."

“Claro, senhor”, disse a Capitã Jennifer, acenando com a cabeça. “E posso dizer que sinto muito pela sua perda. O senhor e sua família estão em minhas orações.”

O sorriso forçado de Steve se transformou em uma careta, mas ele rapidamente disfarçou a expressão.

“Obrigado. Agradeço muito.”

“O Barney é meu co-capitão hoje. Se precisar de alguma coisa, venha nos avisar”, disse Jennifer. Ela acenou com a cabeça para Steve com um gesto de compreensão, virou-se, caminhou até a cabine de comando e fechou a porta atrás de si.

Steve inclinou a cabeça para trás e suspirou. Fechou os olhos, a posição deixando à mostra a linha nítida de seu maxilar e seu pomo de Adão proeminente, juntamente com as cicatrizes das mordidas de acasalamento de August e Ryker.

Dylan levou a mão ao pescoço e tocou no lugar onde John o havia mordido, apalpando a fina cicatriz que era tudo o que restava do ataque brutal.

Foi pura mágica, simplesmente mágica, a rapidez com que ele se curou. Ele mal conseguia acreditar quando acordou e a mordida parecia ter anos e estava desbotada, e tinha desbotado ainda mais nas horas em que estivera acordado.

Dylan estava convencido de que desapareceria completamente em poucos dias, enquanto as marcas de August e Ryker permaneceriam em sua pele até o

dia de sua morte.

Ele flagrou Ryker olhando para ele, a expressão do alfa contraída enquanto observava Dylan apalpar a pele onde John o havia mordido. Dylan rapidamente deixou a mão cair no colo.

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, os alto-falantes ganharam vida e a voz de Jennifer preencheu a cabine. "Senhores, por favor, apertem os cintos de segurança e preparem-se para a decolagem. Estamos autorizados a decolar."

Dylan percebeu que não havia afivelado o cinto de segurança e rapidamente o colocou em seu assento. Olhou pela janela, observando o avião taxiar até a pista, e então se agarrou aos apoios de braço enquanto a aeronave acelerava e decolava.

Voar em um pequeno jato particular era muito diferente de voar em um grande avião comercial, percebeu Dylan. Havia muito mais movimento do que ele estava acostumado, e Dylan esperava não passar mal.

"Você está bem?", perguntou Steve, cutucando o tornozelo de Dylan com o sapato. Um pedaço de neve se desprendeu e pousou ao lado do tênis de Dylan.

"Estou bem", disse Dylan, relaxando os músculos tensos. "Só não estou acostumado a tanto movimento."

"Vai acalmar quando atingirmos a altitude", garantiu Steve.

Dylan assentiu com a cabeça, voltando sua atenção para fora da janela e observando-os subir em direção às nuvens.

“Então, como foi o funeral?” perguntou August, fazendo Dylan estremecer e olhar para ele incrédulo. August percebeu seu olhar e lhe lançou um sorriso forçado. “Às vezes é melhor conversar sobre essas coisas. Se Steve quiser, claro. Estamos dispostos a ouvir, não é?”

Dylan assentiu com a cabeça. Se Steve quisesse falar sobre isso, é claro que ele ouviria.

"Se Dylan não quiser falar sobre isso, nós não falaremos", disse Steve, deixando claro o seu ponto de vista.

“Não me importo”, disse Dylan.

Foi estranho. Logo depois que John o atacou, enquanto ele estava sentado ali esperando seus alfas, sentiu como se o mundo estivesse acabando. Depois que eles chegaram e o abraçaram, no entanto, os sentimentos ruins diminuíram, como se alguém tivesse abaixado o nível de trauma emocional ao máximo.

Dylan suspeitava que fosse magia de lobisomem em ação. Algo em seu vínculo com seus alfas o estava protegendo da gravidade da experiência. Ou isso, ou ele ainda estava se dissociando – embora não acreditasse que fosse o caso.

"Foi horrível pra caralho", suspirou Steve, soltando o ar pelo nariz. "Ele fez uma coisa terrível, e eu tive que fingir tristeza quando tudo o que eu queria era gritar. E eu ficava pensando: que outras coisas horríveis ele fez que eu não sei? Quer dizer, quantas pessoas no funeral ficaram secretamente aliviadas por ele estar morto? E como ele pôde ser assim e eu não percebi?"

“Ele era seu pai e você o amava”, disse August.

"Bem, ele me prejudicou e eu gostaria de não ter feito isso."

“Pelo que Marcus disse, as únicas coisas terríveis que ele fez foram com seu ômega e com Dylan”, disse Ryker. “Fora isso, ninguém com quem conversei

tinha nada de ruim a dizer sobre ele.”

Steve assentiu com a cabeça e olhou para o colo, com uma expressão de quem estava prestes a chorar.

Dylan engoliu em seco, sentindo-se impotente diante da tristeza de Steve. Ele desejava poder fazer algo para melhorar a situação, mas não havia nada que pudesse fazer.

O sistema de intercomunicação do avião voltou a funcionar e a voz de Jennifer soou pelo alto-falante: “Senhores, atingimos a altitude de cruzeiro. Podem retirar os cintos de segurança, embora eu recomende que os mantenham afivelados quando estiverem sentados. Por favor, nos avisem se precisarem de alguma coisa.”

"Dylan, talvez o Steve se sentisse melhor se você fosse sentar no colo dele um pouco", sugeriu Ryker, olhando entre os dois.

"Ele não precisa fazer isso", objetou Steve.

"Ele quer", disse Ryker, sentando-se e inclinando-se para a frente. "Você não quer, Dylan?"

“Não, se ele não quiser.”

"Eu quero que você faça isso, mas não se você não quiser", disse Steve.

Ryker sorriu. "Viu?"

Dylan hesitou, sentindo-se sem jeito, mas Ryker resolveu isso prontamente levantando-se do assento, abaixando-se para desabotoar o cinto de segurança de Dylan, levantando-o e colocando-o no colo de Steve.

O estômago de Dylan deu um nó quando ele foi erguido no ar, com Ryker o segurando pelos braços. Suas mãos, por iniciativa própria, se agarraram aos bíceps de Ryker enquanto o alfa o posicionava.

“Pronto”, disse Ryker, dando um tapinha no ombro dele antes de voltar para o seu lugar.

Dylan ficou paralisado por um segundo, sentindo um formigamento na virilha devido ao manuseio abrupto. Steve estava igualmente rígido e paralisado embaixo dele, com as mãos ao lado do corpo, sem tocar em Dylan. Dylan olhou por cima do ombro. "Não precisamos—"

Steve o abraçou forte, afundando o rosto nos cabelos de Dylan e inalando seu perfume com respirações profundas e trêmulas.

"Eu quero", murmurou ele.

Dylan relaxou no abraço, com as pernas penduradas de cada lado das coxas de Steve, o alfa o segurando tão forte que ele quase não conseguia respirar.

Ele colocou a mão sobre o braço de Steve, traçando o contorno da manga da camisa social onde ela aparecia por baixo do paletó. Movendo os dedos para baixo, ele apalpou o dorso da mão de Steve, fazendo o alfa estremecer.

Algo se mexeu debaixo da bunda de Dylan, e o movimento fez com que tanto Dylan quanto Steve congelassem.

"Desculpe por isso", disse Steve, com a voz rouca.

"Está tudo bem", disse Dylan, se remexendo um pouco para ficar mais confortável. Steve soltou um grunhido e Dylan congelou novamente, percebendo o que tinha feito e como aquilo poderia ser interpretado.

“Desculpe, eu não estava tentando-”

"Não estava tentando fazer o quê?" Ryker o interrompeu. "Dylan, o que você

está fazendo?"

"Ele está se contorcendo", disse Steve, com a voz rouca. "Bem em cima do meu pau."

Ele afundou o rosto nos cabelos de Dylan e inspirou profundamente, seu pênis se contraindo contra a bunda de Dylan, embora Dylan definitivamente não estivesse se mexendo agora.

"Eu não me importaria se vocês dois quisessem dar um show", disse August. Dylan olhou para ele e fez contato visual, e August respondeu com um sorriso malicioso, abrindo as pernas, recostando-se na cadeira e esfregando a virilha com a palma da mão.

O estômago de Dylan se contraiu de excitação.

"Que tipo de programa?", perguntou Steve, demonstrando interesse, mas sem se convencer.

“Qualquer tipo que você quiser”, disse August.

"Você quer?" perguntou Steve, apoiando o queixo no ombro de Dylan e falando baixinho em seu ouvido. Dylan sabia que August e Ryker também tinham ouvido a pergunta, mas a ilusão de privacidade era bem-vinda.

“Só se você quiser”, disse Dylan.

"Estou perguntando se *você* quer", disse Steve.

"Eu sempre quero", admitiu Dylan. Exceto quando sentia que seu buraco estava em chamas e não conseguia se mexer de tanto cansaço, ele estava sempre disposto a chupar, sentar ou esfregar os pênis de seus alfas quando eles quisessem.

“Você quer *agora* ?”

"Não quero te pressionar", disse Dylan, preocupado que Steve estivesse sendo coagido a se apresentar quando não estava emocionalmente preparado para isso.

Steve, em vez de aceitar as palavras sinceras como deveriam ser interpretadas, riu.

“Você é adorável. Você realmente não está bravo comigo?”

Dylan balançou a cabeça. "Não."

“E você quer fazer sexo comigo?”

Dylan assentiu com a cabeça. "Sim, concordo."

“Então eu adoraria fazer um espetáculo para os nossos idosos.”

"Ei!" August protestou, fazendo Dylan rir. Ele parecia tão ofendido que era hilário.

"Você não precisa assistir se não quiser", disse Steve, deslizando a mão entre as pernas de Dylan e apertando seu pênis. "Se você precisar tirar um cochilo, não vamos nos ofender."

Dylan teria rido se não estivesse tão ocupado ofegando com a sensação de Steve o apalpando por cima da calça jeans. Steve acariciava sua glande por cima da calça e da cueca, usando a ponta do polegar e do indicador, e Dylan estava completamente excitado e quase gozando com aquele simples toque.

"Você acha que aguenta tempo suficiente para eu tirar um cochilo?", provocou August, fazendo Steve congelar.

O estômago de Dylan deu um nó. Aquilo era um desafio, e Dylan seria quem sofreria as consequências se Steve o cumprisse. Ele estava tão animado que

quase gozou ali mesmo.

"Dylan, algum pedido?" perguntou Steve, endireitando um pouco a postura e colocando a mão casualmente entre as pernas de Dylan.

“Que tipo de pedidos?”, perguntou Dylan.

“Por agora”, disse Steve. “O que você quer que eu faça com você?”

Dylan engoliu em seco. "O que você quiser."

Steve deu uma risadinha, e os pelinhos na nuca de Dylan se eriçaram.

"Acho que você não está falando sério", disse Steve, em tom de advertência. "Seja mais específico."

Dylan parecia não conseguir respirar direito. Mordeu o lábio e fechou os olhos, sentindo os olhares de August e Ryker sobre ele enquanto Steve, casualmente, começava a apalpar sua virilha novamente.

"Quero que você aperte meus mamilos", disse Dylan, ofegando quando Steve imediatamente enfiou a mão por baixo de sua camisa e agarrou seu mamilo esquerdo, torcendo-o com mais força do que August ou Ryker jamais haviam feito.

"Assim?" perguntou Steve, apertando com a ponta das unhas enquanto espremia o pênis de Dylan por cima da calça jeans. "Ou está muito mole?"

"Não, não muito mole", Dylan se apressou em dizer, sentindo como se houvesse um fio ligando seu mamilo à virilha. Cada vez que Steve apertava, o fio se esticava e puxava seu pênis. "Assim mesmo."

"O que mais?" Steve continuou torcendo e beliscando o mamilo dele, ficando mais agressivo e fazendo Dylan gritar.

"Quero chupar seu pau", disse Dylan, a dor em seu mamilo aumentando até se tornar quase insuportável. "E seus ovos!"

Ele gritava, se contorcendo no colo de Steve, como se o volume e o movimento pudessem atenuar a dor. Steve riu e soltou o toco machucado, esfregando-o com força antes de tirar a mão da camisa de Dylan. Ele agarrou a camisa pela barra e a levantou por cima da cabeça de Dylan, tirando-a antes que ele pudesse realmente processar como aquilo tinha acontecido.

“Você não precisa disso”, explicou Steve, dando um tapinha no peito e fazendo um som de tapa. Ele esfregou a barriga. “Então você quer chupar meu pau e esfregar o focinho nos meus testículos. As duas coisas parecem boas. O que você acha de levar uns tapas enquanto isso acontece?”

Dylan hesitou. Apesar de August e Ryker brincarem de forma bruta, eles não o esbofetearam, além de darem umas palmadas na bunda algumas vezes. Era disso que Steve estava falando?

"O que você quer dizer?"

"Quero te dar um tapa na cara", esclareceu Steve. "Posso?"

"Talvez?", disse Dylan. Ele havia respondido que sim para tapas na cara no questionário do KinkMatch, mas apenas demonstrando um interesse moderado.

A ideia de Steve usar sua mão enorme para dar um tapa na cara dele era, honestamente, um pouco assustadora.

"Não é muito difícil", assegurou Steve. "Não muito mais difícil do que isso."

Ele deu um tapa na bochecha de Dylan, pegando-o de surpresa e fazendo-o gritar. Não foi um tapa forte – mais como um toque – mas a bochecha de Dylan ainda ardia e a humilhação de levar um tapa na cara persistia, deixando todo o

seu corpo com uma sensação estranha.

Ele gostou.

"Está bem", disse Dylan, lambendo os lábios.

"Tem certeza?" perguntou Ryker, parecendo um pouco preocupado. "Não precisa."

“Não, tenho certeza”, disse Dylan. “Acho que gostei.”

Steve deu-lhe outro tapa, um pouco mais forte, e Dylan foi pego tão de surpresa quanto da primeira vez. Ele recostou-se, encarando o assento vazio e respirando rápido enquanto processava a dor e a estranha e deliciosa sensação de humilhação.

Ele não conseguia acreditar que *tinha gostado* daquilo.

"Gostou ?" , perguntou Steve, com a voz baixa e exigente.

"É", disse Dylan, a palavra saindo num sopro de ar como se tivesse sido arrancada dele à força. "Caramba, isso é estranho."

Steve deu-lhe outro tapa. "Não fale palavrões."

A cabeça de Dylan zumbia e ele sentia como se estivesse flutuando. Sua bochecha ardia, sua pele estava quente, e quando olhou para baixo, encarou a mão enorme de Steve como se nunca a tivesse visto antes.

Steve acariciou a barriga, a ternura do gesto contrastando com os tapas anteriores e fazendo Dylan sentir como se fosse derreter.

"Ele desiste tão fácil assim?" perguntou Steve, com um tom de espanto na voz. Dylan estava prestando atenção apenas pela metade, mas ficou feliz em ouvir que ele não parecia mais triste.

“É muito fácil derrubá-lo”, disse Ryker, com voz séria. Dylan franziu a testa e tentou prestar atenção. “Temos que ter cuidado. Ele não vai nos dizer quando for demais.”

"Eu entendo", disse Steve, com a voz igualmente séria. Ele se inclinou e beijou a bochecha de Dylan, apertando-o contra o peito. "Você é um bom menino, Dylan. Um menino muito bom."

Dylan sentiu arrepios por todo o corpo, a espinha formigando. Seu pau pulsava, o elogio quase insuportável. Ele se contorceu, desejando poder se virar e enterrar o rosto nos peitorais grandes e musculosos de Steve. Queria senti-los sufocando seu rosto.

"De joelhos", disse Steve, deslizando Dylan para entre as pernas e virando-o. Dylan sentou-se sobre os calcanhares, olhando para Steve com os olhos arregalados.

Ele encarou o volume na calça de Steve, com água na boca. Mal podia esperar para ver o enorme pênis de Steve novamente. Inclinando-se para a frente, tentou alcançar o cós da calça de Steve, mas teve a mão bruscamente afastada com um tapa.

Steve agarrou-o pelos cabelos e puxou sua cabeça para trás, inclinando-se para a frente e estreitando os olhos.

“Eu te dei permissão para desabotoar minhas calças?”

Sua voz era perfeitamente calma e serena, mas o tom de advertência nela atingiu o pau de Dylan em cheio.

“Não, alfa”, disse ele.

Steve fechou os olhos e estremeceu, enquanto à sua esquerda, Ryker e

August riram baixinho.

"É uma sensação boa, não é?" perguntou August. Sua voz estava rouca.

"Sim", concordou Steve, lambendo os lábios. "Muito bom."

"Você quer meu pau?" perguntou Steve, usando o punho nos cabelos de Dylan para guiar seu rosto mais perto do volume em seu terno. Seu pau estava pressionado contra a perna, duro e pulsante, perfeitamente visível ao lado de sua coxa musculosa.

"Sim, por favor", disse Dylan, com a mente um pouco mais clareada. Ele não conseguia acreditar o quanto havia sido afetado por apenas alguns toques em sua bochecha.

Steve deu-lhe um tapa, e embora ele tivesse acabado de pensar nisso, o tapa o pegou tão de surpresa quanto nas três vezes anteriores.

“Quero que você cheire primeiro.”

Steve empurrou o rosto de Dylan entre as pernas, pressionando-o contra sua virilha e segurando-o contra o volume em sua calça.

Dylan inspirou profundamente, o cheiro do corpo de Steve se misturando com o aroma de seu terno de lã e o odor persistente de fumaça.

Aquele último aroma teve um efeito negativo na libido de Dylan, então ele fez o possível para ignorá-lo.

Ele desejou que Steve e Ryker tivessem se trocado antes de embarcar no avião. Por um segundo, cogitou perguntar se eles tinham calças de couro que pudessem vestir, mas mesmo com a sensação de leveza dissipando seu constrangimento, não conseguiu fazer a pergunta.

"Você gosta disso?", perguntou Steve, passando o nariz de Dylan para cima e para baixo ao longo de seu pênis.

"Sim, alfa", gemeu Dylan. O pau de Steve era enorme e a sensação era ótima perto do seu nariz.

"Bom garoto", disse Steve, acariciando a bochecha de Dylan. Dylan estava preparado para um tapa, então o carinho brusco o pegou de surpresa. Steve se aproximou e cuspiu em sua boca. "Agora você pode abrir meu terno e tirar meu pau para fora."

"Ele não gosta de cuspir", interrompeu August, estendendo a mão e dando um tapinha nas costas de Dylan.

Steve paralisou, com a testa franzida em preocupação.

“Isso foi só no restaurante”, disse Dylan, engolindo em seco e lambendo os lábios. Ele olhou para August, sentindo-se reconfortado pela preocupação quase canina do rapaz. “Eu gosto quando estamos fazendo sexo.”

"Tem certeza?", perguntou August, ainda massageando as costas dele.

Dylan assentiu com a cabeça.

“Muito bem, então.” August recuou e relaxou na cadeira. Ele deu um sorriso de canto. “Manda ver.”

Steve sorriu, passando o polegar pelo canto dos lábios de Dylan e esfregando-o em sua língua.

"Você gostaria de esfregar a minha perna enquanto liberta meu pau?"

Ele esticou a perna, passando-a entre as pernas de Dylan e levantando-a de forma que Dylan ficasse sentado logo abaixo do seu joelho.

"Sim, por favor, alfa", gemeu Dylan, sentando-se sobre a perna de Steve

enquanto tentava alcançar a calça do alfa. Steve ainda o segurava pelos cabelos, mas a sensação de puxão era boa, e Dylan gostava da sensação de ser controlado.

"Eu não mandei você fazer isso", disse Steve, dando-lhe um tapa leve antes de apertar seu volume na calça. "Agora implore pelo meu pau."

Dylan estremeceu, a humilhação o atingindo como um peso enorme. Ele estremeceu, mordendo os lábios antes de olhar para seu alfa surpreendentemente rigoroso e dizer: "Posso, por favor, ter seu pau?"

Steve riu, empurrando o polegar de volta para a boca e passando-o pela frente dos dentes e sobre a gengiva.

"É só isso que você consegue fazer?" Seu tom era zombeteiro, e Dylan fechou os olhos e quase gozou. Seus testículos estavam cheios e pesados, e cada movimento da perna de Steve enviava ondas de prazer percorrendo seu pênis.

"Por favor, deixe-me chupar seu pau, alfa. Eu preciso do seu pauzão. Quero prová-lo, lamber e esfregá-lo no meu rosto enquanto chupo seus testículos. Por favor, por favor, por favor!"

Steve deu uma risadinha, parecendo satisfeito. "Isso sim! Pode continuar."

Ele soltou a cabeça de Dylan – soltando seus cabelos e tirando o polegar de sua boca – e recostou-se na cadeira.

Dylan hesitou, subitamente nervoso. O volume do pênis de Steve estava ali, tão perto que ele podia se inclinar e lamber – e era *grande* .

Da última vez que fizeram isso, Steve foi muito gentil e deixou Dylan ditar o ritmo, mas aquilo era uma brincadeira de faz de conta em que Dylan era um cachorrinho fofo. O jogo atual parecia ter um tom mais bruto.

Foi uma constatação assustadora.

"Você mudou de ideia?", perguntou Steve, inclinando a cabeça.

Se Dylan quisesse mudar as regras do jogo, Steve o faria num instante. Todos os seus alfas fariam o mesmo. Essa constatação tranquilizou Dylan.

"Não." Ele sorriu e correu para abrir as calças de Steve.

Desabotoando e abaixando o zíper do terno de Steve, ele expôs a cueca dele. A mão de Dylan tremeu enquanto ele a enfiava na cueca e deslizava a mão até o grosso membro.

As pontas dos dedos de Dylan deslizaram pela pele macia e sedosa, a suavidade contrastando com a dureza irregular por baixo e as veias que ele podia sentir percorrendo o pênis. Sua primeira tentativa de puxar o pau de Steve para fora da calça falhou. Havia pouco espaço para se mover, e Steve não ajudava, sentado curvado, observando-o como se fosse um rei em seu trono.

O som do motor a jato se misturava com o zumbido nos ouvidos de Dylan, seus dedos tremendo de desejo e necessidade.

"Tente de novo", instruiu Steve, com voz suave e paciente. Em seguida, deu um leve tapa na bochecha de Dylan, pegando-o de surpresa mais uma vez. Deu um sorriso irônico. "Pare de ser preguiçoso."

Dylan agarrou o pênis de Steve com firmeza. Desta vez, foi menos cuidadoso, conseguindo libertá-lo do tecido do terno de Steve e deixá-lo quicar contra sua barriga, antes de o membro parar no ar diante de seu rosto.

Era ainda maior do que ele se lembrava.

"Não se esqueça dos meus testículos", disse Steve, pegando no próprio pênis e dando algumas bombadas. "O que foi que você disse, que queria chupá-los

enquanto enfiava o rosto no meu pau? Vamos começar por aí."

Ele balançou a perna, fazendo o corpo inteiro de Dylan estremecer, enquanto o movimento estimulava seu pênis, que estava pressionado contra a perna do alfa.

“Sim, alfa.”

Dylan tirou os testículos de Steve da cueca, abaixando-os e deixando-os pendurados entre as coxas. Eram enormes – redondos como ameixas e igualmente atraentes – pesados e soltos no saco escrotal.

Dylan queria-os na boca.

Antes que pudesse hesitar, ele enfiou o rosto entre as pernas de Steve e abocanhou um dos seus testículos. O gosto de pele salgada e almíscar explodiu em sua língua, e junto com o cheiro da virilha de Steve que invadia seu nariz, Dylan estava no paraíso sensorial. Ele pressionou a testa contra o grosso membro que se erguia sobre seu rosto, o comprimento quente como uma marca em sua testa.

Ele fechou os olhos, chupando o testículo de Steve e esfregando-o na língua com abandono.

A sensação foi tão boa quanto ele imaginara. Steve sentiu um aperto no estômago, seu corpo se curvou para a frente e ele agarrou Dylan pela nuca para mantê-lo no lugar.

"Porra!" ele grunhiu, usando a outra mão para pressionar a base do seu pênis contra a testa de Dylan. "É, usa a língua assim. Porra, isso é tão bom!"

Uma onda de calor surgiu no estômago de Dylan, as palavras de Steve fazendo seu pênis preso se contrair de prazer.

Steve fez Dylan chupar seus testículos por um tempo, deixando-o alternar entre eles enquanto balançava a perna. Depois de um tempo, Dylan sentiu como se estivesse em transe. Ele se esqueceu de que estavam em um avião ou que algo horrível havia acontecido menos de 24 horas antes. As únicas coisas que existiam eram Steve e seus grandes testículos.

"Muito bem, agora é hora de chupar", disse Steve, agarrando Dylan pelos cabelos e puxando-o para longe do seu testículo. Ele se soltou com um estalo, caindo de volta entre as coxas de Steve e parando ao lado do outro. Ambos os testículos brilhavam com saliva e líquido pré-ejaculatório, e Dylan nunca tinha visto nada mais bonito.

"Você pode apertar suas coxas em volta da minha cabeça enquanto eu as chupo?", perguntou ele, precisando sentir as coxas de Steve o esmagando enquanto os testículos do alfa estavam em sua boca, como se ele precisasse respirar.

Steve riu.

“Talvez mais tarde. Vou foder sua boca agora. Tudo bem para você?”

Dylan assentiu com a cabeça e Steve lhe deu um tapa.

“Use suas palavras.”

“Sim, alfa.”

Steve inclinou-se para a frente, pegando-o de surpresa com um beijo nos lábios. Passou a língua suavemente sobre a boca de Dylan, saboreando seus lábios, antes de mergulhar nela como se estivesse tentando fazer sexo oral profundo em sua garganta.

Quando ele se afastou, Dylan estava sem fôlego, ofegante e tão perto do clímax que um pequeno movimento o levaria ao ápice.

“Se precisar de uma pausa, desista, ok?”

Dylan assentiu com a cabeça e então se lembrou. "Sim, alfa."

“Bom garoto.”

Steve agarrou-o pelos cabelos e levou a boca de Dylan até seu pênis, empurrando-o para dentro com uma pressão firme na nuca. Assim que a glande entrou, ele parou de empurrar.

"Coloque sua língua debaixo do meu prepúcio", ordenou ele. Como Dylan não agiu rápido o suficiente para atender ao pedido, ele deu um tapinha leve em sua bochecha. "Agora, Dylan."

Dylan passou a língua pela glande de Steve, lutando para movê-la sob o prepúcio. O pênis de Steve era grande e ocupava quase todo o espaço na boca de Dylan. Não era fácil fazer nada com a língua quando ele mal conseguia movê-la.

"Vou ter que começar a levar um chicote comigo quando sair com você, não é?" disse Steve, com um tom de decepção. Ele afastou Dylan um pouco do seu pênis, e de repente Dylan teve espaço para obedecer às suas instruções.

Ele enfiou a língua por baixo do prepúcio de Steve, lambendo ao redor da glande e sentindo-se grato pela meticulosidade de Steve ao se lavar. O gosto de pênis era mais intenso sob o prepúcio, mas estava limpo.

A imagem mental de Steve segurando um chicote, batendo casualmente na bunda de Dylan sempre que ele não obedecia rápido ou bem o suficiente, fez os testículos de Dylan latejarem. Foi o empurrão final que ele precisava para chegar ao clímax, e antes que percebesse, estava gemendo e esfregando-se na perna de Steve enquanto gozava por dentro da cueca dele.

Acabou muito rápido.

"Você gozou?" perguntou Steve, inclinando-se para a bunda de Dylan e agarrando-o entre as pernas. Ele enfiou os dedos por baixo do períneo, as pontas dos dedos encontrando o ponto úmido na virilha de Dylan. "Seu safado. Você gozou!"

Steve deu três tapas rápidos na bunda de Dylan, cada golpe pressionando o pênis de Dylan contra a perna de Steve.

"Eu te disse que você podia vir?" Ele deu uma palmada em Dylan pela quarta, quinta e sexta vez. "Não me lembro disso. Você se lembra, Ryker?"

“Não”, disse Ryker. “Agosto?”

“Não, não posso dizer que sim.”

"Meninos maus levam palmadas", rosnou Steve, batendo repetidamente na bunda de Dylan, cada vez mais forte. No décimo quinto golpe, Dylan começou a choramingar.

“Mais quatro”, rosnou Steve, com o pau ficando ainda mais duro onde encostava na língua de Dylan. “E mantenha meu pau na sua boca ou eu vou te colocar no meu colo e aí você vai se arrepender de verdade.”

Dylan agarrou-se à perna de Steve, pressionando-se ainda mais contra o pênis dele e fazendo-se engasgar no processo.

Steve o ignorou e começou a lhe dar palmadas, e Dylan percebeu que todas as outras palmadas tinham sido apenas tapinhas de brincadeira.

O som da palma da mão de Steve atingindo sua bunda coberta pela calça

jeans ecoou pela cabine como um tiro, alto até mesmo acima do barulho do motor, e Dylan gritou com o pau grosso cutucando o fundo de sua garganta.

"Lembre-se de desistir se precisar", lembrou Ryker, parecendo um pouco preocupado. "E talvez pegue mais leve, Steve. Ele é iniciante."

"Ele está usando calça jeans", disse Steve, se defendendo. "Ele aguenta."

Apesar disso, seu golpe seguinte não foi tão ruim quanto o primeiro.

“Toque se quiser que eu continue.”

Dylan parou abruptamente, não gostando da ideia de ter que ser cúmplice da própria destruição. Irritado, deu um tapinha na coxa de Steve.

Sua atitude deve ter transparecido no tapa, porque Steve imediatamente desferiu o terceiro golpe, e desta vez sem se conter. O terceiro golpe foi seguido por um quarto, não dando a Dylan tempo para recuperar o fôlego ou processar a dor antes que, de repente, tudo acabasse.

Steve o puxou de cima do seu pau e o levantou, de modo que ficassem nariz com nariz. Dylan encarou os olhos do seu alfa, e estaria mentindo se dissesse que o prazer sádico que conseguia ver escondido no olhar dele não o deixava nervoso.

“Você e eu vamos nos divertir muito na sala de jogos do Ryker e do August, Dylan. Estou ansioso por isso.”

"Eu também", disse Dylan, encarando-o de frente apesar do nervosismo.

Era verdade. Dylan estava extremamente nervoso para gravar uma cena com Steve, mas também tinha certeza absoluta de que seria incrível.

Steve não permitiria que fosse nada além disso.

“Volta pro meu pau, vadia.”

Steve empurrou Dylan de volta para baixo, sobre seu pênis, empalando sua boca e penetrando sua garganta com uma brutalidade semelhante à de Ryker.

Dylan relaxou a garganta e aceitou a invasão, a sensação de sua garganta se dilatando o fazendo se perguntar como ele estaria parecendo. A julgar pelo que podia ver da expressão de August pelo canto do olho, ele pensou que provavelmente muito bem.

"Você acha que merece meu esperma?" Steve provocou. Ele segurava Dylan no lugar, levantando os quadris para penetrá-lo na garganta em vez de movê-lo para cima e para baixo em seu pênis. "Talvez eu devesse ejacular nos meus sapatos e fazer você lamber tudo?"

Dylan não se importava de qualquer maneira. Ele gostava da sensação de estar de joelhos, lambendo a bota do seu alfa, e gostava da sensação de quando eles ejaculavam em sua boca e jorravam tanto sêmen em sua garganta que saía pelas suas narinas porque ele não conseguia acompanhar e engolir rápido o suficiente.

"Vamos limitar essa coisa de fetiche por botas e sapatos a calçados limpos que não tenham sido usados na rua, ok?", disse August, imitando sua voz de médico.

"Está bem", disse Steve, com um tom de repreensão.

Dylan ficou um pouco desapontado. Ele não se importava de lamber a bota suja de Steve antes, embora imaginasse que August estivesse certo e que eles deveriam ser mais higiênicos.

"Estou quase lá", avisou Steve, acelerando o ritmo da penetração no rosto de

Dylan. Seus quadris se moviam para cima e para baixo como uma britadeira, e Dylan ficaria impressionado com sua resistência se não tivesse visto August e Ryker fazerem o mesmo muitas vezes antes.

Ainda estava bastante quente, no entanto.

"Porra, eu vou gozar", avisou Steve. Dylan decidiu ajudá-lo, cantarolando, as vibrações em sua garganta estimulando o pênis de Steve enquanto ele penetrava seu esôfago.

A ajuda de Dylan funcionou, e Steve veio com um grunhido, apenas uma fração de segundo antes do que ele esperava. Sua respiração ficou ofegante, e seu aperto no cabelo de Dylan se intensificou enquanto ele o empurrava para baixo até o topo do coque e o mantinha ali.

"Não dê um nó na boca dele", avisou Ryker, levantando-se e verificando se Steve não estava enfiando o nó na boca de Dylan e ficando preso.

"Não estou", disse Steve, ofegante e rangendo os dentes. "Droga. Estou chegando!"

Dylan não conseguiu sentir o gosto do sêmen de Steve enquanto o alfa o ejaculava diretamente em seu esôfago, mas ele podia sentir o pênis de Steve se expandindo a cada jato de esperma e sentindo-o encher seu estômago.

Com Steve ocupando sua garganta, Dylan também não conseguia respirar, e sem as pausas intermitentes para respirar que tinha quando Steve o estava penetrando com força, ele rapidamente começou a ficar sem oxigênio nos pulmões. Sua cabeça começou a girar e, em pouco tempo, a escuridão começou a tomar conta de sua visão.

Ele viu um movimento ao seu lado e, um segundo depois, Ryker estava estendendo a mão em frente ao seu rosto. Por um instante, ele pensou que Ryker fosse ajudá-lo a respirar, mas logo se provou que não era o caso.

"Deixa eu te dar uma mãozinha", disse Ryker, agarrando o nó do pau de Steve e apertando-o. Dylan sentiu o efeito que aquilo teve no pau de Steve, que endureceu ainda mais enquanto Ryker ordenhava mais esperma de seus testículos para dentro do estômago de Dylan.

Dylan estava quase desmaiando quando Steve o puxou para cima, ejaculando em seu rosto um último jato de esperma enquanto ele se recostava na cadeira com um suspiro de satisfação.

"Você está bem?", perguntou ele, puxando Dylan para o seu colo e sentando-o em sua coxa. Ele puxou Dylan para baixo, de modo que ele ficasse deitado em seu peito, massageando suas costas enquanto ele recuperava o fôlego.

"Muito bom", disse Dylan, com a barriga roncando e a sensação de estar satisfeito.

Steve tinha vindo *muitas vezes* .

“Ótimo. Obrigado por isso.” Steve beijou o topo da cabeça dele. “Da próxima vez, você quer que eu seja mais grosseiro, mais gentil ou que mantenha a mesma coisa?”

Dylan fechou os olhos e deixou sua bochecha repousar no músculo peitoral rígido de Steve.

“Me surpreenda.”

Os três alfas riram baixinho, fazendo Dylan se sentir todo aquecido e com um arrepio por dentro.

"Tudo bem." Steve beijou o topo da cabeça dele. "Temos um acordo."

RYKER

No dia seguinte, Ryker pretendia ficar em casa com Dylan para se certificar de que ele estava bem, mas quando se sentaram para tomar o café da manhã, Dylan informou que iria para a aula e que tinha planos com seus amigos Annie, Coco e Caleb depois.

"Volto para o jantar", disse ele, dando um tapa na mão de August quando este tentou roubar um de seus morangos.

"Certo", disse Ryker, reorganizando mentalmente seus planos. Ele iria para o escritório e resolveria qualquer coisa que precisasse fazer após sua pausa inesperada.

“E vocês?” perguntou Ryker.

"Trabalho", disse August, dando de ombros e lambendo uma porção de chantilly do dedo. "Eu disse à Cynthia que voltaria hoje, então minha agenda está bem cheia."

Ryker se virou para Steve.

“Preciso ir à delegacia e falar com meu sargento sobre os turnos que perdi”, disse Steve. “Também estava pensando em arrumar minhas coisas no apartamento e trazer tudo para cá.”

“Parece ótimo”, disse Ryker. “Dylan, isso me lembra de algo. Tenho alguns documentos que preciso que você assine para rescindir seu contrato de aluguel e receber uma indenização pelo teto que desabou sobre você. Vou enviá-los para o seu e-mail. Se você pudesse imprimi-los, assiná-los e me enviar uma foto, seria ótimo.”

Dylan franziu a testa. "Mas eu estou sublocando."

Ryker assentiu com a cabeça. "Eu sei. Já está tudo resolvido."

“O cara de quem estou sublocando não está em apuros, está?”

“Ele está bem. Seu contrato de sublocação era perfeitamente legal, mas a empresa proprietária do prédio tentou fazer com que vocês dois arcassem com a conta do conserto do teto. Pedi a um dos meus advogados que os convencesse a desistir disso e negociasse um acordo para compensar o transtorno.”

Dylan se animou. "Que bom. Eles são tão depravados."

Eles terminaram o café da manhã, com Steve se oferecendo para lavar a louça. Ryker tomou seu café, aproveitando a luz do sol da manhã e a companhia dos amigos.

August foi o primeiro a sair, depois disso Dylan percebeu que estava atrasado e teve que se apressar para ir embora.

Steve se ofereceu para levá-lo de carro até a escola, o que ele aceitou com um suspiro de alívio.

“Obrigado, você me salvou.”

"Não tem problema." Steve o beijou, e o pau de Ryker se contraiu enquanto ele observava seus dois companheiros mais novos se lambendo como se tivessem acabado de descobrir o beijo francês. Steve agarrou Dylan pela cintura e o levantou, fazendo com que Dylan envolvesse as pernas em volta dele e se agarrasse a ele com um gemido. Steve lambeu o caminho até o pescoço de Dylan, apertando sua bunda e começou a chupar a pele ao lado da marca de August.

Era ali que ele o morderia, pensou Ryker com um misto de carinho e diversão. Ele mal podia esperar para ver acontecer.

Enquanto Steve e Dylan esqueciam completamente o atraso, Ryker examinou o pescoço de Dylan pela décima vez naquela manhã, tão surpreso quanto estivera ao acordar.

A mordida de John praticamente desapareceu.

Restavam apenas alguns pontinhos minúsculos de tecido cicatricial, mas Ryker tinha quase certeza de que eles também desapareceriam em poucos dias.

A teoria de Ryker era que algo relacionado ao status ômega de Dylan o havia feito rejeitar completamente a mordida. Não havia outra explicação para o fato de as marcas de dente de August e Ryker ainda estarem claramente visíveis como manchas brancas no pescoço de Dylan, enquanto o ferimento mais brutal de John quase não apresentava vestígios.

Ryker pigarreou. "Pensei que você estivesse atrasado, Dylan."

Dylan estava esfregando-se na cintura de Steve, pressionando-o contra si enquanto Steve apertava sua bunda com as duas mãos e sugava o que parecia ser um enorme chupão em seu pescoço.

"Porra", Dylan ofegou, voltando a si. Ele tocou no braço de Steve para que ele descesse, abaixando-se e apoiando-se em Steve para recuperar o fôlego.

O volume na calça jeans de Steve era obsceno, e a situação de Dylan não era muito melhor.

"Só preciso pegar minha mochila", disse Dylan, correndo de volta para o quarto.

"Você acha que ele vai me deixar reivindicá-lo esta noite?", perguntou Steve, limpando a boca com as costas da mão e ajeitando a virilha.

"Provavelmente", disse Ryker, sorrindo e se levantando. Ele caminhou até Steve e colocou a mão sobre o volume na calça jeans, sentindo seu membro rígido e apertando-o. Inclinou-se para frente, enquanto Steve o observava com olhos ardentes. "Ele não é tão difícil de excitar."

Steve bufou e aconchegou o rosto no pescoço de Ryker.

“Ele não é mesmo, né?”

“Temos muita sorte”, concordou Ryker.

“Estou pronto para ir”, disse Dylan, entrando correndo na sala e parando abruptamente. “Mas não parem por minha causa. Jesus. Vocês são demais.”

Steve riu e se afastou de Ryker, virando-se para Dylan.

“Obrigado. Eu também estou pronto para ir.”

Ryker acompanhou-os até o elevador e despediu-se deles, depois voltou ao quarto para se trocar e vestir um terno para poder ir também. Dirigiu-se ao trabalho, pegando seu carro e ouvindo rádio, e quando chegou ao escritório, foi imediatamente chamado para uma reunião sobre algo que havia acontecido enquanto ele estava fora.

Depois disso, Ryker teve mais algumas reuniões, incluindo um almoço de trabalho, após o qual passou cinco horas lendo e respondendo a e-mails.

Antes que ele percebesse, já passava das seis e August estava ligando para ele perguntando a que horas ele queria jantar.

Sua secretária tinha ido para casa uma hora antes, assim como a maior parte do escritório, mas Ryker conseguiu se atualizar sobre tudo o que precisava.

“Estou indo para casa agora”, disse ele.

"Perfeito", disse August. "Eu também. Vou comprar massa no caminho. Nosso pedido de sempre."

“E quanto a Steve e Dylan?”

“Eles já estão em casa.” August parecia satisfeito. “Falei com o Steve mais cedo. Ele já mudou todas as coisas dele, mas vamos precisar alugar um espaço para a bicicleta dele. Você pode cuidar disso?”

“Claro.” Ryker anotou para entrar em contato com a administração do prédio para ver se havia algo disponível. “Mais alguma coisa?”

“Não, a menos que você queira comprar vinho para o jantar?”

"Farei isso." Ryker levantou-se da cadeira, pegou o casaco, despediu-se e desligou o telefone. Pegou as chaves e saiu do escritório, ansioso pela noite que se aproximava.

Se tudo corresse como ele imaginava, Steve reivindicaria Dylan, e o pequeno bando deles estaria completo.

Ryker mal podia esperar.

Ao chegar em casa, Ryker pegou o elevador até a cobertura. A vaga de estacionamento de August estava vazia, então Ryker sabia que tinha chegado primeiro. Tirou os sapatos, guardou o casaco e caminhou pelo corredor com um passo animado e saltitante.

Depois de toda a merda que eles passaram durante o fim de semana, voltar para sua cobertura e saber que todos os seus amigos estavam seguros e bem foi uma ótima sensação.

Enquanto caminhava pelo corredor, Ryker podia ouvir movimento e o som abafado de vozes vindo de dentro do apartamento. O som não vinha da cozinha nem da sala de estar, o que significava que Steve e Dylan estavam em algum lugar atrás de portas fechadas.

Guiado por um palpite, Ryker dirigiu-se à sala de jogos e abriu a porta sem bater. Como previsto, Dylan e Steve estavam lá dentro, ambos lançando-lhe olhares surpresos quando ele entrou.

“Ryker!” disse Steve, lambendo os lábios e olhando entre Dylan e seu alfa. Ele estava sem camisa, vestindo calças de couro que Ryker tinha certeza que eram suas, e segurando uma pá de madeira. “Você está em casa. Dylan e eu estávamos apenas… dando uma olhada na sala de jogos.”

Ryker sorriu, seu pau ficando duro e pressionando contra a frente do terno. Steve tinha Dylan no pelourinho, despido, com as mãos e o pescoço firmemente presos entre duas placas de madeira polida.

Ele tinha uma mordaça enorme na boca que o fazia parecer um esquilo.

"Se divertindo?" perguntou Ryker, entrando na sala. Dylan e Steve o observaram, parecendo envergonhados por terem sido pegos brincando. Ryker não sabia por quê. Era natural que seus dois amigos mais novos quisessem se divertir juntos.

Dylan foi poupado de ter que responder pela mordaça grossa que preenchia sua boca, mas mesmo assim assentiu com a cabeça. Ele disse algo, embora Ryker não conseguisse entender o quê.

“O que foi isso, Dylan?”, perguntou ele.

Steve estendeu a mão e tirou a mordaça da boca do menino. Dylan engoliu

em seco, mexendo a mandíbula, e disse: "Estamos testando que tipo de brincadeira de impacto eu gosto. É um experimento!"

“E por que você está investindo em ações?”

"Ele não parava de se esquivar", disse Steve, com sua voz rouca fazendo Dylan estremecer.

"Não foi de propósito!" Dylan se defendeu. Ele tinha aquele tom de voz mimado que deixava Ryker ciente de que ele estava em um estado de profunda introspecção.

“Eu sei, você é um bom menino”, disse Ryker, agachando-se à sua frente e acariciando seus cabelos. Ele afagou sua bochecha, apreciando a expressão de felicidade que o simples toque provocou. “Qual é o seu favorito até agora?”

“O chicote”, respondeu Dylan, sem hesitar. “É *quente* .”

Ele disse isso como se fosse uma revelação.

"O que mais?" perguntou Ryker, olhando para Steve e percebendo que ele corou. Ele olhou para baixo e notou que Steve estava usando suas luvas de couro de motociclista. Será que Dylan tinha pedido? Se sim, isso era um desenvolvimento interessante.

“A colheita, mas eu já sabia disso”, disse Dylan. “E a mão dele. Isso é incrível.”

Ryker traçou o contorno dos lábios de Dylan. "Qual era o seu favorito?"

“A chicotada de uma só cauda”, disse Dylan, lançando um olhar furioso para Steve. “Doía muito, mesmo quando ele disse que ia ser cuidadoso e me deixar sentir primeiro.”

“A ideia é que a ponta única cause dor”, disse Ryker, sem se surpreender que Dylan não tivesse gostado. “O que mais?”

“Essa serve”, disse Dylan, acenando com a cabeça para a raquete na mão de Steve. “Mas não aquela de plástico com os furinhos.”

"E se fosse um cinto normal?", perguntou Ryker.

“Ainda não testamos isso”, disse Dylan. Ele mordeu os lábios, com o olhar fixo no cinto de Ryker.

“Então vamos testar agora”, disse Ryker, levantando-se. Ele tirou o cinto, dobrou-o ao meio e o fechou com um estalo, fazendo um barulho seco. Dylan deu um pulo, fazendo o mecanismo de trava que mantinha o cepo fechado chacoalhar.

"Pronto?" perguntou Ryker, enrolando a fivela do cinto em volta da mão.

“Eu sou, mas você é-”

Ryker não teve tempo de ouvir o resto do que Dylan ia dizer. Ele desferiu um golpe com o cinto na bunda de Dylan, já vermelha pelos vários instrumentos que Steve havia testado, o couro atingindo sua pele com um estalo violento.

Dylan estremeceu, gritando de dor ao cair de joelhos para escapar de outro golpe.

"Viu?", disse Steve, cutucando o pé de Dylan com a bota. "Ele não para de se mexer."

Dylan respirava com dificuldade, mas seu pau estava duro como pedra entre as pernas. Na verdade, estava mais duro agora do que antes de Ryker o atingir.

"E aí, como foi?", perguntou ele, agachando-se e esfregando a bunda de Dylan. A pele estava quente, e ele podia sentir as marcas do chicote e da

chicotada de uma única tira.

"Bom", disse Dylan, ofegante. Ryker levou a mão entre as pernas dele e começou a bombear o pênis, fazendo Dylan gemer de puro prazer. "Mas ainda não é o meu favorito. Seria divertido se estivéssemos fazendo uma espécie de jogo de papéis de pai e mulher no mundo dos negócios."

Ryker congelou, soltando o pênis de Dylan. Ele tinha acabado de dizer as palavras " *roleplay de papai de negócios* "?

Ele olhou para Steve, que parecia encantado. Ao ver a expressão de Ryker, ele ergueu as sobrancelhas. "O quê? Você seria perfeito para um roleplay de 'papai empresário'."

Ryker bufou. Ele nunca havia considerado sua profissão como base para jogos de interpretação de papéis, mas aparentemente Dylan sim. Ele teria que explorar isso mais a fundo, decidiu, e descobrir exatamente o que um " *papai de negócios"* fazia que exigia que ele usasse seu cinto como chicote.

“O cinto do meu uniforme é mais grosso”, disse Steve, aproximando-se de Dylan e parando de modo que seu volume ficasse bem na frente do rosto do garoto. Ele passou um dedo enluvado pelos cabelos dele. “Dóiria muito mais do que o do Ryker.”

Dylan parecia não estar ouvindo. Ele se inclinou e lambeu a virilha de Steve, passando a língua sobre o volume na calça e sentindo o gosto do couro.

“Muito bem, pessoal”, disse Ryker, destravando a trava lateral do pelourinho e levantando o bloco de madeira. Ele deu um empurrãozinho em Steve, fazendo-o recuar alguns passos. “Experimento encerrado. August chegará a qualquer minuto com o jantar, e vamos comer na sala de jantar como pessoas civilizadas.”

Dylan se levantou do cepo, esfregando a nuca e alongando as costas. Ele se abaixou, pegou suas roupas, vestindo a cueca e a calça jeans e escondendo o pênis ereto.

"Essas calças são minhas?", perguntou Ryker finalmente, observando Steve enquanto ele também vestia uma camisa.

Steve corou e tirou as luvas. "Encontrei-as no armário da sua sala de brinquedos. Posso tê-las pegado emprestado?"

Ryker sorriu e o puxou para um beijo. "Claro. Você fica bem neles."

Steve sorriu para a boca de Ryker, e os dois passaram um minuto lambendo preguiçosamente a boca um do outro.

Quando se separaram, encontraram Dylan observando-os com olhos escuros, as pupilas tão dilatadas que seus olhos estavam quase negros.

"As luvas foram ideia dele?", perguntou Ryker, acenando com a cabeça para o ômega.

Steve assentiu com a cabeça. "Ele disse que fazia parte do experimento. Por quê? Qual é a história?"

Ryker explicou como luvas eram o maior fetiche do bagre de August, e como eles haviam envolvido luvas em quase todas as suas primeiras brincadeiras com Dylan.

"Então ele foi treinado para se excitar com seus alfas usando luvas?" Steve mordeu o lábio inferior e sorriu. "Isso é hilário."

“Não fui *condicionado* a gostar delas”, objetou Dylan. “Simplesmente comecei… a associá-las ao sexo. E elas ficam bem. Fazem as mãos parecerem

ainda maiores do que são.”

Ryker sorriu para Steve. "Ele gosta de *coisas grandes* . Isso o excita."

Dylan ficou vermelho como um pimentão, mas não negou a declaração de Ryker.

"Podemos falar de outra coisa?", disse Dylan, com uma expressão de quem ia bater o pé no chão, mas desistiu no último segundo. "Mais alguma coisa?"

"Tipo o quê?" perguntou Ryker, olhando ao redor da sala de jogos.

"Eu estava pensando que o Steve poderia me morder hoje à noite", disse Dylan, apagando o sorriso do rosto de Steve e fazendo-o parecer faminto. "Tudo bem?"

Ryker não riu, mas por pouco não riu. Ele vinha pensando em maneiras de abordar o assunto de Steve reivindicando Dylan como seu pai, mas aparentemente Dylan já tinha se antecipado a isso.

"Acho que o Steve ia adorar", disse Ryker. Ele deu um tapinha nas costas de Steve. "Você não ia?"

Steve assentiu com a cabeça, engolindo em seco ruidosamente. "Sim. Eu aceitaria."

Dylan parecia nervoso com o olhar intenso de Steve – como se estivesse planejando rotas de fuga – mas também parecia excitado.

“Certo. Então pode. Você tem minha permissão para me dar uma mordida de reconhecimento.”

Steve fechou os olhos e estremeceu, parecendo prestes a sucumbir à angústia.

“Olá, o jantar está pronto, se quiserem comer.”

Os três sobressaltaram-se ao ouvir a voz de August vinda da porta. Ryker virou-se, perguntando-se como não tinha ouvido o elevador e August entrar na cobertura.

Ele devia estar mais focado em Dylan e Steve do que imaginava.

“Você está em casa”, disse ele, aproximando-se e dando um beijo em August. Parou ao lado dele e apalpou sua bunda. “Dylan e Steve têm testado que tipo de brincadeira de impacto Dylan gosta. Até agora, o chicote, a vara e a palmatória foram um sucesso.”

“E a mão dele”, acrescentou Dylan, corando quando todos olharam para ele.

“E a mão dele”, acrescentou Ryker. “Dylan também sugeriu que deixará Steve reivindicá-lo esta noite. Não é gentil da parte dele?”

August umedeceu os lábios, observando Steve e Dylan com um olhar expectante. "Muito bom."

Ele deu uma leve sacudida em si mesmo, afastou-se de Ryker e saiu da sala.

“Mas falando sério, o jantar está pronto. Já arrumei a mesa e tudo mais.”

“Já vamos”, prometeu Ryker. Ele fez um gesto para que Steve e Dylan o seguissem pelo corredor, e os três foram atrás de August até a sala de estar.

A afirmação de August de que ele havia arrumado a mesa era uma interpretação generosa da expressão. Ele trouxe uma pilha de quatro pratos, com garfos e facas equilibrados em cima, juntamente com quatro taças de vinho e alguns guardanapos. As embalagens de comida para viagem foram colocadas no centro da mesa, sobre a toalha de mesa decorativa que o designer de interiores havia escolhido para eles quando mobiliaram o local, com as colheres de servir

dispostas ao lado.

Não havia jogos americanos.

"Está tão bonito", provocou Steve em tom de brincadeira, fazendo August dar um soco no seu braço.

"Cala a boca antes que eu te faça comer do chão como um cachorrinho", rosnou August, no mesmo tom brincalhão.

"Acho que isso combina mais com o Dylan", disse Steve, fazendo Dylan levantar os olhos de onde estava sentado e piscar.

"O que?"

Steve riu. "Nada. Aqui, fique com um prato." Ele entregou um prato para Dylan, junto com uma faca e um garfo. Olhou para as embalagens de comida para viagem. "Isso cheira bem."

“É do nosso restaurante italiano favorito”, disse August, distribuindo guardanapos e taças de vinho. Ele sentou-se ao lado de Dylan, deixando Ryker e Steve do outro lado da mesa. “Espere, esqueci o vinho. Ryker, onde está?”

Ryker piscou, percebendo que havia se esquecido completamente de passar na loja a caminho de casa.

"Eu esqueci." August revirou os olhos, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, Ryker acrescentou: "Mas ainda temos a garrafa que o Dylan trouxe. Podemos beber essa. Está na adega climatizada."

Não era um rótulo que eles tivessem experimentado antes, mas não podia ser tão ruim.

"Claro", disse August, virando-se para ir buscar. "Vou pegar um pouco de água também."

“Sirvam-se”, disse Ryker, acenando para Steve e Dylan, indicando que eles deveriam começar a se servir. “Não queremos que a comida esfrie.”

"Obrigado", disse Dylan, inclinando-se para a frente e abrindo o recipiente mais próximo. "Ah! Lasanha, eu adoro lasanha!"

Ryker recostou-se e sorriu. "Ótimo."

August voltou com o vinho, quatro taças e uma jarra de água.

“Estou com tanta fome”, disse ele, servindo uma taça de vinho para todos. “A Cynthia remarcou cinco das consultas que precisavam ser reagendadas para hoje, e foi uma correria danada. Como foi com vocês?”

"Coloquei tudo em dia", disse Ryker. "Fora isso, foi um dia bem normal."

Ele e August olharam para Steve e Dylan.

Steve engoliu um grande bocado de linguine e disse: "Conversei com meu sargento e expliquei por que estive ausente. Ele não ficou contente, mas tudo bem. Volto ao meu horário normal amanhã. Além disso, transferi todas as minhas coisas do meu antigo apartamento. Não sabia onde guardar minhas roupas, então, por enquanto, elas estão em um dos quartos de hóspedes, junto com as coisas do Dylan."

“Vamos dar um jeito no closet”, prometeu Ryker, já planejando a solução em sua mente. Havia um closet no quarto de hóspedes ao lado do deles. Eles poderiam derrubar a parede que dava para aquele closet e conectá-lo ao quarto deles, e então simplesmente fechar a porta do quarto de hóspedes. Não era como se eles tivessem hóspedes que ficassem tempo suficiente para precisar de um closet quando se hospedavam. “Contratarei um empreiteiro na próxima semana.”

Steve assentiu com a cabeça, como se aquilo fosse razoável, mas Dylan parecia um pouco perplexo. Era a mesma expressão que ele tivera quando viu a cabine do avião particular – como se não conseguisse acreditar que aquele era o mundo em que vivia agora.

"E você, Dylan?", perguntou August. "Como foi seu dia?"

Dylan se animou. "Eu fui para a aula e depois encontrei a Annie e nossos amigos. Foi divertido. A Annie quer conhecer todos vocês."

"Você contou a ela o que aconteceu?", perguntou Ryker.

Dylan franziu o nariz e balançou a cabeça. "Não, mas provavelmente farei isso quando tivermos a chance de passar um tempo só nós dois. Tudo bem?"

"Desde que ela saiba que não deve espalhar a doença, sim", disse Ryker.

Annie não era membro da alcatéia, então tecnicamente não deveria saber dos assuntos internos da alcatéia, mas era a melhor amiga de Dylan. Se ele confiasse nela, Ryker retribuiria a confiança, e se ela traísse a confiança de Dylan, ele tomaria as devidas providências.

"Obrigado", disse Dylan. Ele deu uma mordida na lasanha e mastigou devagar. Depois de um segundo, olhou ao redor da mesa. "Acho que tem algo estranho acontecendo comigo."

"Estranho, ômega?" Ryker esclareceu, com o coração batendo um pouco mais forte.

Dylan deu de ombros. "Talvez?"

"Como assim?" perguntou Ryker.

Dylan tinha a atenção total da mesa, a ponto de todos se esquecerem da comida e do vinho.

“Eu não estou…” Dylan mordeu o lábio, parecendo estar lutando para encontrar as palavras certas para expressar o que estava sentindo. Ele soltou um suspiro de frustração. “Não estou reagindo a tudo o que aconteceu da maneira que deveria. Eu deveria estar pensando nisso o tempo todo – deveria estar tendo flashbacks, sentindo ansiedade ou até mesmo tendo ataques de pânico – mas não estou. Me sinto triste e culpado pelo Steve, mas só isso.”

Ryker inclinou a cabeça, as palavras de Dylan confirmando o que ele suspeitava. Algo sobre o vínculo de acasalamento deles – aquilo que ligava Dylan a eles como seu ômega – o estava protegendo das repercussões do que ele havia passado.

"Ou talvez eu seja apenas uma pessoa horrível", murmurou Dylan, dando um grande gole em seu vinho.

“Não, acho que você tem razão”, disse Ryker, com August e Steve concordando com a cabeça.

“Acho que é o mesmo motivo pelo qual a mordida de John cicatrizou dessa forma”, acrescentou August.

Dylan estendeu a mão e tocou o pescoço. A mordida de John praticamente desaparecera. Os tênues vestígios da cicatriz que estavam presentes naquela manhã haviam sumido a olho nu.

“Você não é uma pessoa horrível”, acrescentou Steve. “Se o fato de estar ligada a August e Ryker ou de ser nossa ômega a protegeu, então fico feliz.”

“Mas vocês dois ainda deveriam fazer terapia”, disse August. Ele olhou para Steve. “Os dois.”

Dylan assentiu com a cabeça, enquanto Steve não parecia tão entusiasmado com a perspectiva.

“Muito bem, chega de tristeza.” Ryker ergueu seu copo para um brinde. “Estamos em casa, estamos seguros, e esta noite Steve vai reivindicar Dylan e nossa pequena matilha estará oficialmente completa.”

Steve e Dylan coraram, trocando olhares satisfeitos enquanto erguiam seus copos e brindavam.

Observando-os, Ryker sentiu-se satisfeito.

Ele nunca quisera ser o alfa de uma matilha. Sempre soube que poderia ser – se realmente quisesse e se esforçasse – mas nunca entendera o fascínio de ser o alfa de um bando de pessoas com quem não sentia nenhum afeto além dos laços básicos da matilha.

August, Dylan e Steve, no entanto, eram *dele* . Ser o alfa deles era uma satisfação que ele sentia até a alma.

"À nossa matilha", disse August, enquanto Steve e Dylan sorriam, levavam os copos aos lábios e tomavam um gole.

“Para a nossa matilha”, repetiu Dylan, soletrando as palavras para si mesmo e sorrindo suavemente.

STEVE

Steve não havia pensado muito em como se vestiria na primeira vez que se unisse ao seu companheiro, mas se tivesse pensado, jamais imaginaria que estaria usando as calças de couro de outro alfa. Ao se ver no espelho, porém, teve que admitir que estava com uma boa aparência.

Do outro lado da sala, August bateu na porta onde Dylan estava tomando banho e se limpando para se preparar para ser fodido.

"Tem certeza de que não quer ajuda?", perguntou August através da porta.

"Não, obrigado", respondeu Dylan, fazendo August franzir a testa em desapontamento. "Agora afaste-se da porta e pare de ouvir!"

August obedeceu, dando um pequeno passo para longe da porta e lançando um olhar melancólico para Ryker.

"Podemos fazer a brincadeira com enema em outra noite", disse Ryker, divertido com a decepção de August.

Steve não entendia o apelo. Ele queria o resultado final de Dylan estar limpo por dentro, mas não queria participar do processo para que isso acontecesse.

"Vou me arrumar", anunciou August, olhando para a camisa social e a calça do terno. Ele acariciou a barriga lisa. "Quero usar algo intimidador."

“Não exagerem”, alertou Ryker. “Esta é uma noite especial.”

"Não vou", prometeu August. Ele saiu da sala, deixando Steve sozinho com Ryker.

“Você fica bem com as minhas roupas”, disse Ryker, aproximando-se dele. Steve engoliu em seco, olhando ao redor do quarto pouco iluminado enquanto Ryker se aproximava, seu pulso acelerando à medida que o alfa chegava mais perto.

"Obrigado", disse ele, inquieto enquanto Ryker parava à sua frente. Estava tão perto que Steve podia sentir o calor do seu corpo contra a sua pele. Ryker o observou, inclinando a cabeça e olhando para ele com um olhar afetuoso.

"Você também ficaria bem sem as minhas roupas", disse Ryker. Ele estendeu a mão e enfiou o dedo no cós da calça de Steve, sentindo o couro e roçando a parte de trás do dedo na virilha dele. Deu um passo à frente, inclinando-se para que seus lábios ficassem bem em frente à boca de Steve. "Que alfa bonito."

Ryker diminuiu a distância entre eles, lambendo suavemente o lábio inferior de Steve, sua respiração quente contra a boca dele. Ele podia sentir o cheiro, um aroma almiscarado delicioso e o cheiro picante de um alfa, e sabia que se se ajoelhasse e pressionasse o rosto contra a virilha de Ryker, o cheiro delicioso ficaria ainda mais intenso.

Ryker enfiou outro dedo na calça de Steve, empurrando para baixo e roçando a base do seu pênis. Steve arquejou, sentindo um aperto no estômago enquanto uma onda de calor percorria sua virilha e subia pela espinha.

"Está pronto para reivindicar nosso ômega?" perguntou Ryker, ainda lambendo a boca de Steve. Ele mordeu o lábio inferior de Steve, apertando-o suavemente antes de soltá-lo e enfiar a língua na boca dele.

"Sim", Steve ofegou, agarrando a cintura de Ryker e apertando as mãos com força em sua camisa.

"Você vai fazer valer a pena para ele?" Ryker inclinou o pescoço e roçou os

dentes no queixo de Steve, mordendo-lhe a mandíbula de forma brincalhona. "Você vai mostrar para mim e para o August o quão bem você transa?"

Steve estremeceu, sentindo que ia se desfazer quando Ryker enfiou mais fundo em suas calças e envolveu seu pênis com a mão, continuando a lamber e morder seu maxilar.

"Sim, alfa", disse Steve, impulsionando os quadris numa tentativa de fazer com que a mão de Ryker em seu pênis o apertasse com um pouco mais de firmeza.

Teve o efeito contrário. Ryker soltou-o, tirando a mão da calça de Steve e agarrando-o pelo queixo.

“Guarde isso para o nosso ômega, ok?”

Steve fechou os olhos e assentiu com a cabeça. Ryker o beijou novamente, um beijo terno e lento, e então o soltou.

“August, você está bonita”, disse Ryker.

Steve abriu os olhos, olhando em direção à porta onde August estava parado. Ele vestia uma calça de couro quase idêntica à que Steve usava, o couro colado às coxas e realçando seu volume, e um par de botas até o joelho que brilhavam sob a luz fraca que vinha do teto.

Ele estava sem camisa, e Steve se perguntou se ele havia passado óleo no peito, porque estava *brilhando* .

"Muito bom", concordou Steve, pensando se também deveria passar óleo no peito.

Isso não mancharia os lençóis?

“Dois mestres do couro e um pai empreendedor”, disse Ryker, arregaçando as mangas da camisa e desabotoando mais um botão no peito. “Dylan vai gostar disso.”

"Papai empreendedor?" perguntou August, caminhando em direção a eles.

“Aparentemente, é isso que eu sou”, disse Ryker, sem parecer muito incomodado com o apelido. “Ou pelo menos é o que Dylan diz.”

“Ele tem razão”, concordou August. “Você tem toda essa coisa de dominatrix de escritório a seu favor. É excitante.”

Ryker o beijou, e Steve sentiu uma pontada de ciúme à medida que o beijo se aprofundava. Então o ciúme se dissipou e ele ficou apenas apreciando o espetáculo.

A porta do banheiro se abriu, fazendo com que Ryker e August se separassem, e os três se viraram para ver Dylan sair do banheiro.

Ele estava nu, com uma toalha enrolada na cintura, e o cabelo ainda molhado do banho.

“Estou pronto”, disse ele, umedecendo os lábios e parecendo um pouco sem jeito. Seus olhos se arregalaram ao ver a roupa nova de August. “Devo deitar na cama ou devo…?”

Steve atravessou o quarto em três passos, agarrou Dylan pela cintura, ergueu-o no ar, carregou-o até a cama e o jogou no colchão.

A toalha caiu assim que Dylan estava no ar, e enquanto ele quicava na cama depois de Steve tê-lo jogado, ele jogou a cabeça para trás e riu.

Steve subiu na cama, rastejou por cima dele e se abaixou até que ficassem peito com peito.

Dylan olhou fixamente nos olhos dele, as pupilas dilatadas e a respiração curta e ofegante, fruto da excitação.

"Você quer ser minha?", perguntou Steve, com a voz baixa e rouca.

Dylan umedeceu os lábios e assentiu. "Sim, aceito."

"Vou te morder", avisou Steve, com o olhar fixo no local exato onde havia decidido que ficaria sua marca. "Vai doer."

"Eu sei", disse Dylan, sorrindo. "Mas também vai ser uma sensação boa."

Steve assentiu com a cabeça. Ele quase havia se esquecido de que Dylan tinha mais experiência do que a maioria em ser reivindicado. Em vez de deixá-lo com ciúmes, o pensamento era reconfortante.

"Estou com um nó enorme", disse Steve, baixando ainda mais a voz. Era um aviso e uma promessa, embora o efeito tenha sido um tanto prejudicado pela risadinha que August soltou ao fundo.

"Seu pau é maior que o do August", disse Dylan, e a afirmação fez Steve estufar o peito e seu pênis se pressionar contra o interior de suas calças de couro.

Atrás dele, August soltou um resmungo: "Ei, isso não é legal."

Dylan sorriu, e Steve sentiu tanta ternura que se perguntou se já não estava completamente apaixonado.

Dylan era perfeito.

"Como você quer fazer isso?", perguntou Steve, pressionando seu volume contra as pernas de Dylan. Seus testículos pareciam que iam explodir, pesados e presos dentro de suas calças de couro apertadas.

Ele conseguia sentir a ereção de Dylan cutucando seu estômago, tremendo e vazando líquido pré-ejaculatório por todo o seu abdômen.

"O que você quer dizer?"

“Meu pau”, esclareceu Steve. “Como você quer?”

"Dentro de mim", disse Dylan, fazendo Steve sorrir e beijar sua bochecha.

“Eu consigo fazer isso. Você quer ficar de costas?” Ele beijou a outra bochecha de Dylan. “De bruços.” Ele beijou o queixo dele. “Ou você quer me montar?”

Steve estendeu a mão e beliscou o mamilo de Dylan, fazendo-o gemer.

“E quanto a Ryker e August? Você quer que eles assistam, ou gostaria que eles fizessem mais do que isso?”

Dylan tentou pressionar seu pênis contra o abdômen de Steve, penetrando o espaço apertado entre eles e usando as saliências do abdômen de Steve para gozar.

Steve deixou cair mais peso sobre Dylan, obrigando-o a ficar imóvel.

"Quero ficar deitado de costas para poder olhar para você", disse Dylan, enterrando o rosto no pescoço de Steve.

"E?" perguntou Steve.

"Quero estar com a cabeça no colo de August, e quero que Ryker se sente ao meu lado para que ele possa brincar com meu pau e meus testículos enquanto você me fode."

Steve sorriu. Aquilo era muito mais específico do que ele esperava, mas ele ficaria mais do que feliz em atender ao pedido. Ele se levantou e saiu de cima do corpo de Dylan, deixando a cama e passando a mão pelos cabelos enquanto se virava para seus dois co-alfas.

“Isso lhe parece bom?”, perguntou ele.

“Com certeza”, respondeu Ryker.

“Parece-me ótimo”, acrescentou August.

August pulou na cama, as botas fazendo o colchão afundar a cada passo, e sentou-se ao lado de onde Dylan estava deitado. Ele se sentou com as pernas abertas, as botas penduradas na beirada do colchão.

“Vamos lá”, disse ele, agarrando Dylan e arrastando-o entre as pernas. Segurou Dylan pelos cabelos e levantou sua cabeça, dobrando seu pescoço e posicionando-o de modo que a parte de trás de sua cabeça repousasse sobre seu volume. “Isso mesmo.”

A visão do belo rosto de Dylan emoldurado pelas coxas de August cobertas de couro fez o pau de Steve se contrair.

August então agarrou os braços de Dylan e os levantou, empurrando-os para debaixo de suas coxas e para fora do seu caminho.

Ryker sentou-se na cama ao lado da perna de August, apoiando a mão no joelho dele enquanto observava o pênis de Dylan.

“Legal”, disse ele, estendendo a mão e dando um leve toque na ponta do pênis ereto de Dylan com o dedo. Ele se virou para Steve. “Tem lubrificante no criado-mudo.”

Steve correu até o criado-mudo e pegou o lubrificante. Voltou para perto de Dylan, passando entre suas pernas e o agarrando por baixo dos joelhos. Levantou as pernas dele e as empurrou para cima, dobrando-o ao meio e expondo sua bunda.

“August, você poderia segurar os pés dele?”

"Seria um prazer", disse August, segurando Dylan pelos tornozelos e puxando suas pernas para baixo mais do que Steve imaginaria ser possível.

Dylan estava completamente dobrado ao meio, com a bunda empinada como um convite, o pau duro pulsando contra o estômago enquanto ele estava deitado com as pernas enfiadas até as orelhas.

"Ele ficou muito flexível porque queria chupar o próprio pau", explicou Ryker, acariciando os testículos de Dylan.

“Eu era adolescente”, disse Dylan, como forma de explicar.

Steve se agachou na frente da bunda dele, agarrou-a e apertou. "Impressionante."

A bunda de Dylan ainda estava um pouco vermelha por causa das experiências anteriores, mas como ele não pareceu ter nenhum problema em se sentar em uma cadeira de madeira dura durante o jantar, Steve tinha certeza de que ele não havia chegado nem perto de ultrapassar nenhum limite.

"Avise-nos se precisar de uma pausa", avisou ele, destampando o lubrificante e despejando uma quantidade generosa sobre os dedos. Em seguida, ergueu o frasco sobre a bunda de Dylan e espremeu um pouco diretamente em seu orifício.

"Vou sim", prometeu Dylan, soltando um chiado quando o lubrificante atingiu seu esfíncter. "Está tão gelado!"

Steve deu um sorriso irônico. "Eu esquento para você."

Ele enfiou um dedo no buraco de Dylan, fazendo-o arfar, e depois acrescentou um segundo antes que Dylan terminasse de respirar.

“Bom, não é?” disse August, deslizando as mãos até a parte de trás dos joelhos de Dylan e pressionando as pernas dele ainda mais para baixo. “Ele é tão tenso, mas depois simplesmente se solta.”

Steve acrescentou um terceiro dedo, querendo sentir a abertura que August estava descrevendo.

Dylan soltou um grunhido, rebolando a bunda, mas, como August havia dito, seu buraco cedeu e se abriu para a invasão.

Steve o penetrou um pouco, adicionando mais lubrificante, antes de acrescentar um quarto dedo.

Dylan soltou um gemido, seu orifício resistindo aos dedos em forma de espiral de Steve, mas depois de um segundo ele relaxou e Steve conseguiu enfiar os quatro dedos até o fundo, passando da terceira articulação.

"Acho que consigo enfiar meu punho inteiro aí dentro", disse ele, e a ideia fez seu pênis liberar um novo jato de líquido pré-ejaculatório em suas calças.

“Ele está quase lá”, concordou Ryker. “Estamos treinando o ânus dele para que ele consiga lidar com a dupla penetração.”

Dylan soltou um gemido, e Ryker piscou para Steve. Ficou claro que o uso da palavra "treinamento" — como se Dylan fosse um animal ou um bichinho de estimação — estava mexendo diretamente com o pequeno pênis tenso de Dylan.

"Acho que vamos conseguir levá-lo até lá em breve", disse Steve, entrando na brincadeira, mas falando completamente sério. "Ele só precisa de pulso firme."

Dylan gemeu, e um jato de líquido pré-ejaculatório saiu de seu pênis.

Steve continuou a acariciá-lo, dizendo-lhe como ia treinar o seu orifício, e quando finalmente se afastou, tinha quase a certeza de que também conseguiria enfiar uma boa parte do polegar lá dentro.

Mas esta noite não era para ensinar Dylan a aguentar um soco – era para reivindicá-lo. Steve se ergueu em toda a sua altura e, sob o olhar atento e intenso de Dylan, tirou o pênis da calça de couro.

Ele estava com o pau duro como pedra, pegajoso e brilhando com o líquido pré-ejaculatório, e enquanto se masturbava algumas vezes, Dylan o observava com tanta atenção que nem respirava.

“Diga que você quer meu nó”, disse Steve, dobrando os joelhos e esfregando a ponta do seu pau no buraco de Dylan. Ele já estava bem aberto, seu orifício rosado piscando e se recusando a fechar após a preparação minuciosa de Steve. “Implore por ele.”

Dylan começou a implorar. "Por favor, me dê seu nó, alfa. Eu quero senti-lo dentro de mim. Por favor, deixe-me tê-lo..."

Enquanto Steve provocava o buraco de Dylan, os apelos de Dylan se transformaram em uma confusão incoerente de gemidos ruidosos intercalados com a palavra "por favor".

"Pode ficar com ele", disse Steve, e com um sorriso de seus companheiros alfas, ele impulsionou os quadris e enfiou seu pau até o fundo do buraco receptivo de Dylan.

Dylan gemeu, erguendo a cabeça enquanto cerrava os dentes e lutava para aceitar todo o comprimento do pênis de Steve dentro de si.

Steve deu-lhe um segundo para se acostumar com a sensação, arqueando as

costas e inclinando-se para abafar seus gemidos com um beijo desajeitado, mas depois de um momento não conseguiu mais se conter. Ainda pressionando os dentes contra a boca de Dylan, Steve ergueu os quadris, a sensação das paredes internas de Dylan tentando se agarrar ao seu pênis e mantê-lo dentro enviando estremecimentos por toda a sua espinha.

Ele retirou o pênis do cu de Dylan até que apenas a glande bulbosa permanecesse lá dentro, então impulsionou os quadris para baixo e enterrou todo o comprimento de seu membro dentro do corpo de Dylan.

Foi como voltar para casa. O corpo de Dylan estava onde ele deveria estar. Steve se levantou, agarrando as pernas de Dylan e puxando-as de volta das garras de August. Ele as prendeu contra o peito, segurando-as com força, e então começou a foder Dylan como um ômega deveria ser fodido.

"Você aguenta", disse August, acariciando as bochechas de Dylan e colocando dois dedos em sua boca quando ele gritou.

“Relaxe e se abra”, acrescentou Ryker, estendendo a mão e acariciando o pênis ereto de Dylan. “August tem razão. Você aguenta isso.”

Dylan respirava com dificuldade, cada estocada brusca do pau de Steve o fazia soltar um gemido abafado. Steve fechou os olhos, o prazer intenso fazendo seu lobo interior querer se libertar como se fosse um adolescente fora de controle.

"Você pode se transformar em lobo", disse August. "Mostre seus dentes, querida. Deixe Dylan ver como você vai reivindicá-lo."

A lembrança de que ele iria reivindicar Dylan estourou qualquer resquício de autocontrole que Steve ainda tivesse. Ele abriu as mãos para não perfurar as pernas de Dylan com as garras, pressionando-as contra o peito com a palma das mãos, enquanto seus caninos se alongavam e se afiavam.

"Isso mesmo, me dá o seu esperma", disse Ryker, fazendo Steve piscar confuso. Ele ainda não tinha gozado. Ele podia aguentar muito mais tempo. Estava prestes a defender sua virilidade com raiva quando sentiu Dylan apertar seu pau com força.

Dylan estava chegando. A constatação só o fez transá-lo com mais força.

"Vamos lá, me dê tudo", disse Ryker, estimulando Dylan até o orgasmo e além. Steve percebeu quando a estimulação passou de prazer para dor intensa, porque Dylan começou a apertar seu pênis com muito mais força.

Foi uma sensação incrível.

Quando Ryker finalmente levantou a mão, Steve fez um ruído de protesto.

"Continue a ordenhá-lo", rosnou ele, sorrindo ao ver o olhar arregalado que Dylan lhe lançou. Ele não estava com ânimo para ter misericórdia.

"Você o ouviu", disse Ryker, suspirando como se não tivesse escolha, enquanto pegava a ponta do pênis agora flácido de Dylan entre os dedos e o esfregava.

Dylan jogou a cabeça para trás no colo de August, gemendo alto até que August enfiou três dedos em sua boca, silenciando-o e fazendo-o engasgar.

“Não faça tanto barulho”, repreendeu August.

Steve sorriu, seu ritmo brutal nunca vacilando. Dylan gemia e choramingava, preso entre seus três alfas impiedosos, mas Steve sabia, no fundo do seu ser, o quanto estava se divertindo.

Dylan nasceu para isso. Ele nasceu para *eles* .

De repente, Steve sentiu o orgasmo se aproximando como um trem desgovernado. Seu nó começou a inchar, cada movimento de seus quadris o fazia se sentir como um deus, o prazer percorrendo suas veias como ouro líquido.

Ele gozou, jorrando no buraco de Dylan como uma mangueira de incêndio, a sensação de volume e força enquanto continuava a despejar seu pau no corpo de Dylan melhor do que qualquer coisa que ele já tivesse experimentado. Seu nó inchou, e enquanto ele o empurrava através das paredes anais de Dylan, que protestavam, e o travava no lugar, ele se perguntou como havia vivido a vida inteira sem sentir aquilo.

A bunda do Dylan era *perfeita* . Apertava o nó dele como se tivesse sido feita para dar prazer aos alfas.

Arqueando as costas e soltando as pernas de Dylan, tomado pela emoção de finalmente estar dentro de seu ômega, Steve se abaixou e pressionou seus lábios contra os de Dylan com tanta força que seus dentes doeram.

Dylan riu, abrindo a boca e deixando Steve lamber com toda a força que desejasse.

Steve passou um minuto inteiro beijando Dylan com paixão, balançando os quadris para frente e para trás e gemendo cada vez que Dylan apertava seu nó e extraía mais um jato de esperma de seu pênis. Ele olhou para cima, encontrando o olhar de August acima dele. O alfa sorriu, acariciando os cabelos suados de Steve e fazendo-o estremecer.

Steve voltou sua atenção para Dylan, lambendo e beijando seu queixo e pescoço, procurando o lugar onde havia deixado sua marca.

"Meu", rosnou ele.

Ele lambeu a pele, acalmando-a e pedindo desculpas pelo que estava prestes a fazer, antes de entreabrir os dentes e afundá-los cuidadosamente no pescoço de Dylan.

Faíscas explodiram atrás de seus olhos, seu lobo em êxtase a ponto de se sentir drogado, todo o mundo de Steve reduzido à sensação de Dylan aceitando sua reivindicação.

E Dylan estava aceitando sua reivindicação. Steve podia sentir. Seu lobo estava se aproximando, vibrante e ansioso, e algo em Dylan o estava ancorando de volta e permitindo que o vínculo se fortalecesse.

Era quase como se Dylan tivesse um lobo, ou algo parecido com o eco de um, mas fosse o que fosse, parecia satisfeito com o vínculo que se formava entre eles.

Depois do que pareceu uma eternidade se passar em um segundo, Steve soltou o pescoço de Dylan de seus dentes e começou a lamber o ferimento para que cicatrizasse mais rápido.

Ele sabia, sem sombra de dúvida, que sua reivindicação não desapareceria como a de seu pai.

Quando ele levantou o rosto, Dylan estava sorrindo para ele.

"Desculpe", disse Steve, olhando para a mordida recente no pescoço de Dylan. O sangramento havia parado, mas a pele perfurada ainda parecia bastante feia.

Steve sentiu-se culpado por ter gostado tanto da visão daquilo.

“Nem doeu”, disse Dylan, estendendo a mão e traçando o contorno da mordida. Ele estremeceu e apertou o nódulo de Steve, e Steve teve que fechar os olhos enquanto um arrepio percorria sua espinha. Dylan estendeu a mão e tocou a protuberância arredondada do ombro de Steve acima dele. “Senti alguma coisa.”

Steve engoliu em seco. "Eu também", disse ele, inclinando-se e lambendo a mordida novamente, incapaz de resistir. "Você me aceitou."

"Sim, eu fiz", concordou Dylan. Ele virou a cabeça, dando a Steve melhor acesso ao seu pescoço.

“Acho que todos nós sentimos isso”, acrescentou Ryker, fazendo Steve abrir os olhos e levantar a cabeça. Ryker o encarava, com as pupilas dilatadas e uma expressão orgulhosa e acalorada.

"Com certeza", acrescentou August. Ele acariciou a bochecha de Dylan, deslizando os dedos para baixo e roçando a mordida de Steve.

Steve estremeceu, com a pele arrepiada percorrendo seus braços enquanto observava August acariciar a marca.

"Sem querer estragar o momento, mas posso ejacular no seu rosto, por favor?", perguntou August, em vez de dizer algo sentimental.

Steve riu, enquanto Dylan assentiu com a cabeça e pareceu ansioso com a ideia de ficar encharcado de esperma.

"Obrigado." August recuou um pouco e se ajoelhou, abrindo o zíper da calça de couro e tirando o pênis para fora. Ele o bateu algumas vezes no rosto de Dylan, fazendo-o virar a cabeça para tentar pegar a ponta com a boca, e no quarto tapa, ele o manteve pressionado contra o rosto de Dylan e o enfiou em sua boca.

Em vez de penetrar a garganta de Dylan, August deixou a cabeça do seu pênis repousar na língua de Dylan enquanto se masturbava, e em poucas estocadas ele estava rangendo os dentes e ejaculando.

Steve o observava, acompanhando o inchaço do nó na garganta e o alargamento das narinas, desejando ter uma câmera à mão para registrar o momento.

Agosto foi um garanhão.

A boca de Dylan encheu-se de esperma, suas bochechas estufaram, e embora ele tenha tentado engolir o sêmen de August, bastaram alguns segundos para que sua boca transbordasse.

"Ok, você se esforçou ao máximo", disse August, tirando o pênis para fora e se masturbando até atingir o orgasmo. Grossas gotas de sêmen caíram no rosto de Dylan, cobrindo sua pele e escorrendo pelo pescoço e pela mordida de Steve.

Ver a mordida que marcava sua posse, pingando com o sêmen de outro alfa, foi mais excitante do que deveria ser.

Steve não hesitou nem por um segundo em se abaixar, lamber a mordida até ficar limpa e depois cuspir o esperma de August no rosto de Dylan.

“Obrigado”, disse Dylan, engolindo em seco.

“De nada”, disse Steve, endireitando-se e sorrindo para August. Ele se virou para Ryker. “Você quer vir?”

O volume na roupa de Ryker era obsceno.

Ryker balançou a cabeça e sorriu, apalpando-se e lambendo os lábios. "Não,

acho que vou esperar até que a bunda dele esteja disponível."

Dylan mordeu o lábio, lançando um olhar nervoso para Ryker. Ele já tinha sido fodido com bastante força, e Steve entendia a cautela em relação a mais uma rodada.

"Vou pegar leve com você", disse Ryker, acariciando a barriga de Dylan e dando um rápido aperto em seu pênis. "Não se preocupe."

Steve não tinha percebido que Dylan estava excitado novamente.

"Meu nó costuma durar um bom tempo", avisou Steve. Ele não tinha muita experiência em dar nós em humanos, mas da última vez que fez sexo, ficou amarrado por quase quarenta minutos.

“Não tem problema”, disse Ryker. “Mas, nesse caso, fique à vontade.”

Steve olhou para Dylan, retraindo suas garras e fazendo com que seus caninos afiados voltassem ao normal enquanto esperava que seu ômega se pronunciasse.

Transformar-se em lobisomem era divertido, mas agora que ele havia se acalmado, isso o fazia se sentir um pouco bobo.

"Quero sentar no seu colo", disse Dylan, dando sua opinião sem ser questionado.

"Vou ter que te virar." Steve deu um puxão experimental no próprio pênis. Ele estava completamente imóvel. "Pode ser desconfortável."

“Não é tão ruim assim”, disse Dylan, obviamente falando por experiência própria. “Mas você tem que fazer. Estou muito cansado para me mexer.”

Steve deu uma risadinha e se abaixou, agarrando a cintura de Dylan e o levantando, girando-o desajeitadamente no ar até que Dylan estivesse de costas para ele e pudesse segurá-lo contra o peito.

“Essa é uma maneira de fazer”, disse August, fazendo Steve franzir a testa. Ele reprimiu o impulso de perguntar como mais ele deveria ter feito. Ele não queria que August pensasse que ele não sabia.

"Ele é tão forte", concordou Dylan, parecendo impressionado. Steve sorriu, lançando um olhar convencido para August.

"Sou sim", concordou ele, fazendo August bufar e revirar os olhos. O sorriso que ele lhe lançou em seguida, porém, foi afetuoso, e Steve retribuiu o gesto.

August era um babaca, mas era o babaca dele. Ele gostava muito dele.

“Vamos lá, vamos sentar perto da cabeceira”, disse Steve, carregando Dylan ao redor do colchão até o topo da cama. Ele se sentou, esticou as pernas à sua frente e aconchegou Dylan contra o peito.

Dylan se remexeu, ajeitando-se em seu nó.

"Vou pegar algo para todos nós bebermos", disse Ryker, dirigindo-se para a porta.

"Obrigado", disse August. Ele subiu na cama e sentou-se ao lado de Steve, seus braços e ombros se tocando. Steve virou a cabeça e olhou para ele, corando com o olhar abertamente afetuoso que August lhe dirigia.

"Ei", disse Steve, apertando Dylan contra o peito como se fosse um ursinho de pelúcia.

“Você deu uma surra impressionante aí.”

Dylan bufou, fazendo Steve soltar uma risada abafada. "Obrigado."

"Deveríamos fazer uma competição qualquer dia desses", disse August.

"Para ver qual de nós aguenta mais tempo."

"Caras", exclamou Dylan, virando o pescoço para encará-los. "Nada legal."

Ryker voltou para o quarto antes que Steve pudesse responder. Ele acariciou a barriga de Dylan e beijou a nuca dele em sinal de desculpas.

“Eu trago refrescos”, disse Ryker, sentando-se do outro lado de Steve. Ele tinha quatro garrafas de Gatorade, duas em cada mão. “Quem quer azul e quem quer vermelho?”

"Vermelho", disse Dylan, com muita convicção.

Ryker entregou-lhe uma garrafa vermelha, sem fazer perguntas.

"Qualquer uma", disse August, estendendo a mão. Ryker entregou-lhe uma garrafa azul.

"Igualmente", acrescentou Steve, aceitando a garrafa vermelha que Ryker lhe entregou e desenroscando a tampa. Ele tomou um gole e continuou bebendo ao perceber quanta sede estava sentindo.

Ele pousou a tampa e olhou para Dylan enquanto este bebia metade da garrafa. Então, olhou duas vezes. Dylan ainda estava coberto com o sêmen de August, parecendo que tinha começado a passar hidratante e esquecido de espalhar.

August o viu olhando para a bagunça no rosto de Dylan e deu um sorriso irônico. Ele tomou outro gole de seu Gatorade, fechou a garrafa e a colocou no colchão ao lado dele.

“Dylan, você é um pouco desorganizado”, disse August.

"O quê?" perguntou Dylan, terminando sua bebida e colocando a tampa de volta na garrafa vazia. "Onde?"

"Seu rosto", disse Ryker, lançando-lhe um sorriso suave. "Você ainda está meio encharcado de esperma."

Dylan levou a mão à bochecha, limpando uma gota de sêmen e olhando para a própria mão. Encarou os dedos molhados por um segundo e então os levou à boca, lambendo-os até ficarem limpos. Repetiu o processo, limpando-se com o sêmen de August, lambendo-os aos poucos.

Steve, August e Ryker o observavam, nenhum deles dizendo uma palavra.

"Talvez eu queira gozar na cara dele também", murmurou Ryker, fazendo Dylan congelar e olhar para ele.

Ele estava vivendo em seu próprio mundinho.

"O que?"

“Nada.” Ryker bagunçou o cabelo dele. “Como você está se sentindo?”

Dylan recostou-se no peito de Steve, colocando as mãos sobre os braços dele, que envolviam seu abdômen. Ele deslizou os dedos pelas veias que percorriam a lateral do antebraço de Steve.

“Muito bom”, disse ele.

"Está sentindo alguma dor?", perguntou August. Ele se inclinou para a frente, examinando Dylan de cima a baixo.

Dylan rebolou, testando e fazendo Steve grunhir com a estimulação repentina.

"Um pouco dolorido, mas nada demais", disse Dylan. Ele sorriu para August. "Mas estou cansado. Dormir vai ser uma delícia hoje à noite."

Steve concordou. Dormir abraçado com os amigos, como na noite anterior,

em que todos dormiam profundamente uns ao lado dos outros, enroscados nos braços uns dos outros, era a melhor coisa do mundo.

“Vamos descansar um pouco agora antes da segunda rodada, e depois disso vamos nos preparar para dormir.”

"Vou tirar essas calças e minhas botas", disse August, balançando as pernas para fora da cama. "Está muito quente."

“Você poderia-”

Dylan interrompeu-se sozinho, mas Steve, August e Ryker o observavam com expressões curiosas.

"Será que eu poderia fazer o quê?" perguntou August.

"Você poderia, por favor, pressionar meu pau um pouquinho com o pé?" perguntou Dylan, com a voz demonstrando que sentia dor ao fazer o pedido. "Com a bota, quero dizer – e não muito forte! Só pisando bem de leve?"

Em um segundo, August voltou para a cama. Levantou-se, imponente sobre Steve, Dylan e Ryker, com um sorriso delicioso e um tanto malicioso no rosto.

Se tivesse sido Steve quem fez o pedido, aquele sorriso o teria feito voltar atrás. Dylan, no entanto, pareceu ter a reação oposta. Sua respiração acelerou e seu pênis passou de meio duro para completamente ereto em um segundo.

"Assim?" perguntou August, colocando a bota entre as pernas de Dylan e pisando levemente em seu pênis. Steve sentiu Dylan sendo empurrado para trás, pressionando seu nó.

Dylan agarrou o cano da bota de August, inclinou-se para a frente e pressionou a testa contra a coxa de August enquanto soltava um gemido.

“É, é assim que você gosta”, disse August, com a voz rouca enquanto pressionava a bota contra o pênis e os testículos de Dylan, sem, no entanto, apertá-la o suficiente para machucá-lo. Ele levantou o pé, empurrando o pênis de Dylan contra seu estômago e pisando nele. Olhando por cima do ombro de Dylan, Steve pôde ver a glande do ômega despontando sob a sola de couro liso.

Parecia pequena e vulnerável em comparação com a enorme bota de agosto.

August pressionou o pé para baixo, empurrando o pênis de Dylan contra seu estômago e esfregando-o contra seus músculos abdominais quase imperceptíveis.

Dylan gemeu, abraçando a perna de August e estremecendo enquanto August apertava seu pênis.

"Era isso que você queria?", perguntou August, tirando o pé e dando um passo para trás. Sentou-se e agarrou o calcanhar do pé direito, segurando firme enquanto arrancava a bota e a jogava para fora da cama. Repetiu a ação com o outro pé e então se levantou para tirar as calças.

Dylan olhou para ele como se fosse o artista de burlesco mais talentoso do mundo.

"Se você quiser, podemos nos divertir um pouco na próxima vez que eu estiver de uniforme", sugeriu Steve, com ciúmes do intenso interesse que Dylan demonstrava por August. "Eu poderia te algemar e te pisotear o quanto você quisesse."

Dylan se virou para olhá-lo, com a boca entreaberta em uma excitação contida.

"Você pode?"

Steve assentiu com a cabeça. "Eu poderia até usar minhas luvas e trazer aquele chicote que você gostou hoje."

Dylan estremeceu e fechou os olhos, virando-se e encostando-se no peito dele. Steve o abraçou e o apertou contra si.

“Isso parece ótimo”, disse Dylan.

"Sim, faz sentido", concordou Ryker. Ele cutucou Steve com o ombro. "Não se esqueça de me convidar para assistir."

"Sim, eu vou", prometeu Steve. Ele gostou da ideia de Ryker observá-lo treinar Dylan.

“E August”, acrescentou Dylan. “Ele também tem que estar lá.”

August soltou um pequeno som de satisfação ao voltar para sua posição e sentar-se ao lado de Steve. Suas pernas estavam suadas, o cheiro pungente de homem e alfa emanava dele, e Steve levou um segundo para desejar ter tirado as próprias calças antes de se acomodar.

Ele não ia se incomodar agora.

“Obrigado, Dylan”, disse August. “É um encontro.”

Steve encostou a cabeça na cabeceira da cama, relaxando e se permitindo aproveitar a companhia dos amigos e a sensação do orifício perfeito de Dylan apertando seu nó na medida certa. Ele havia parado de ejacular, seu sêmen preenchendo a barriga de Dylan e fazendo seu estômago inchar visivelmente, mas ainda levaria um tempo até que seu nó diminuísse o suficiente para que ele pudesse retirá-lo.

Para Steve, podia levar o tempo que fosse necessário. Ele nunca se sentira tão à vontade ou tão satisfeito, apesar das calças de couro suadas, e estava determinado a saborear cada momento da sua primeira vez a dar um nó no seu ômega.

Ele estendeu a mão e beliscou o mamilo de Dylan, torcendo-o suavemente e fazendo-o contrair o nó. A sensação era tão boa que ele não resistiu e beliscou com mais força, torcendo o mamilo de Dylan e dando-lhe um puxão, levantando a outra mão também e encontrando o outro mamilo de Dylan, fazendo o mesmo.

"Steve", Dylan choramingou, apertando o nó com força e tentando se livrar dos dedos dele.

"Ele está sendo malvado com você?", perguntou Ryker, passando a mão entre as pernas de Dylan e beliscando a cabeça do seu pênis.

Dylan não disse nada, rangendo os dentes enquanto Steve puxava seus mamilos para longe do corpo, esticando-os, beliscando-os e fazendo-o se contrair com mais força do que nunca.

"Não estou sendo maldoso", disse Steve, soltando os mamilos de Dylan e esfregando-os. "Ele adora isso."

Dylan se deixou cair, respirando com dificuldade, e levou as mãos para segurar os dedos de Steve onde repousavam sobre seu peito.

"Sim", concordou ele. "É tão estranho. Eu não tinha nenhuma tara antes de conhecer vocês."

Ryker e August riram baixinho, enquanto Steve sorria. Ele não conseguia imaginar uma versão "vanilla" de seu pequeno ômega. A ideia era simplesmente errada – como sorvete salgado.

"Você se arrepende?", perguntou August, acariciando a coxa de Dylan com a

ponta dos dedos.

"O quê?" Dylan se afastou de Ryker e olhou para ele.

"Vamos nos encontrar?", esclareceu August.

Steve prendeu a respiração enquanto aguardava a resposta.

Dylan bufou. "Não. De jeito nenhum."

Steve soltou um suspiro, enquanto August e Ryker, ao seu lado, fizeram o mesmo.

Eles ficaram sentados em silêncio por mais alguns instantes, o silêncio confortável, e depois de um tempo Steve sentiu seu nó começar a diminuir. Dylan tentou reter o sêmen que Steve havia ejaculado dentro dele, mas seu orifício castigado não dava conta do recado. Não demorou muito para que ele começasse a ejacular, sujando os testículos de Steve e a frente de suas calças.

Steve o empurrou para a frente, levantando-o e se arrastando para frente para que pudesse abaixar Dylan até sua barriga.

Quando Dylan estava na posição, Steve o segurou pela cintura e puxou seu pênis para fora. O ânus de Dylan protestou contra a passagem do nó – seu anel anal resistindo à largura da ainda considerável circunferência de Steve – mas, após um instante, Steve se libertou com um estalo obsceno.

Sentado de cócoras, com o pau molhado e pingando na coxa, Steve olhou fixamente para o buraco de Dylan.

Foi lindo. Vermelho e em carne viva, o esfíncter de Dylan estava escancarado, exibindo seu interior encharcado de sêmen e se recusando a fechar.

A abertura tinha o tamanho de uma moeda de vinte e cinco centavos, e Steve não resistiu à tentação de enfiar dois dedos lá dentro e girá-los.

Dylan soltou um grunhido, apertando involuntariamente os dedos de Steve. Ele sentia o interior quente e deliciosamente úmido.

“O cu dele fica tão bonito depois de ser fodido”, disse August, sentando-se ao lado de Steve. Ele agarrou a bochecha de Dylan com um punho carnudo e deu um tapa. “Lindo.”

Ryker desceu da cama, tirou a roupa, jogou-a num canto e pegou o lubrificante.

"Vamos dormir?" perguntou Dylan, apoiando o queixo na dobra do braço e olhando para ele.

Ryker sorriu, erguendo o lubrificante.

“Dormir? Não, não vamos dormir. É hora da segunda rodada.” Ryker colocou uma grande quantidade de lubrificante na palma da mão e lubrificou o pênis. Subiu na cama, empurrando Steve para o lado e tomando seu lugar. “Está pronto?”

Steve deslizou para o lado, observando Ryker puxar Dylan para cima, colocando-o sobre as mãos e os joelhos, e posicioná-lo corretamente.

“Só um segundo”, disse Dylan, mudando de posição. Ryker permaneceu imóvel, com a ponta do seu pênis repousando na parte inferior das costas de Dylan, aguardando permissão para começar. “Ok, estou pronto.”

Ryker deslizou seu pênis pela fenda de Dylan, mirando a glande carnuda no orifício dilatado de Dylan, deixando-a repousar contra a borda aberta. Ele mudou a pegada para a cintura de Dylan, o orifício de Dylan se abrindo ao redor de sua glande, e mudou um pouco de posição. Então, puxou Dylan para trás,

penetrando-o lentamente, centímetro por centímetro.

Dylan gemeu, suas coxas tremendo enquanto Ryker preenchia seu orifício com seu pênis. Quando estava completamente dentro, Ryker empurrou Dylan para baixo na cama, deitando-se sobre ele e envolvendo seu pescoço com o braço.

Em comparação com a estrutura esguia de Dylan, Ryker parecia enorme. Como uma besta descomunal.

“Você é tão gostosa”, disse Ryker, com a voz num rosnado baixo. Ele apertou o braço, a garganta de Dylan presa na dobra do seu cotovelo. “Está pronta para mostrar ao Steve como você gosta de ser fodida?”

Dylan ergueu as mãos e agarrou o braço de Ryker, segurando seu antebraço musculoso e respirando com dificuldade.

Steve se moveu mais para o lado na cama para poder observar seu rosto, com August seguindo-o do outro lado de Dylan.

"Estou pronto", Dylan ofegou, já com a voz rouca. Ryker ergueu os quadris e puxou o pênis até a metade. Olhou para cima, encontrando os rostos de Steve e August com um sorriso malicioso, e empurrou os quadris para baixo com força.

Steve observava, boquiaberto, enquanto Ryker penetrava Dylan com seu pênis, estabelecendo um ritmo implacável desde o início, fodendo-o como uma britadeira.

Ryker apertou a garganta de Dylan, cortando sua respiração a cada três ou quatro tentativas, fazendo-o engasgar e agarrar o braço que lhe sufocava com os dedos cerrados.

O som dos quadris de Ryker batendo na bunda de Dylan ecoava pelo quarto, misturando-se aos suspiros de Dylan e aos pequenos grunhidos de prazer de Ryker a cada vez que ele chegava ao fundo. Steve observava com a respiração suspensa, seu pênis, que antes estava amolecido, voltando à ereção completa enquanto via seu alfa destruir seu ômega.

Depois de um tempo, Ryker empurrou os quadris com força e parou, ejaculando dentro do ânus de Dylan. Ele apertou o braço em volta do pescoço de Dylan, cortando sua respiração enquanto deixava todo o peso do seu corpo cair sobre o ômega, girando o pênis e pressionando o nó contra o ânus de Dylan.

Ele estava tremendo, com as nádegas contraídas, o braço em volta do pescoço de Dylan, mantendo-o pressionado até que o rosto de Dylan ficasse vermelho e Steve começasse a se preocupar. Ele estava prestes a intervir quando Ryker soltou o braço de Dylan da dobra do seu cotovelo, deixando a cabeça cair no colchão enquanto ele impulsionava os quadris para frente e para trás.

Dylan desmaiou. Ficou deitado, boquiaberto e alheio ao mundo, por um ou dois segundos, antes de se contrair como se tivesse levado um choque e levantar a cabeça com um olhar selvagem nos olhos.

"Você está bem", disse Ryker, arqueando as costas e se levantando para poder beijar sua bochecha. Ele lambeu até a boca dele, engolindo o murmúrio confuso. "Você se saiu muito bem."

Dylan se deixou cair, abrindo a boca e permitindo que Ryker o beijasse. Ryker manteve os olhos abertos, lançando um olhar presunçoso para August e Steve, como se estivesse orgulhoso do estado deplorável e acabado em que havia transformado Dylan.

Eles permaneceram assim por cerca de meia hora, Ryker cobrindo Dylan com seu corpo, enquanto August e Steve se deitavam ao lado dele, aproveitando as consequências de seus orgasmos.

"Que bom", disse Dylan, do fundo da pilha de filhotes. Ele parecia exausto e prestes a adormecer, mas satisfeito.

“Muito bom”, concordou Ryker. Ele moveu os quadris. “Acho que meu nó diminuiu o suficiente para sair. Quer que eu tire agora, ou devemos fazer isso no chuveiro?”

"Tome um banho", respondeu Dylan. "Você pode me lavar e escovar meus dentes."

"Posso?" perguntou Ryker, com um tom divertido e demonstrando muito carinho.

“Você vai”, corrigiu Dylan. “Eu mereço.”

"Pode deixar", concordou Ryker. "Não se preocupe. Nós faremos todo o trabalho. Não é, pessoal?"

“Sim, nós vamos”, disse August.

"Sim", acrescentou Steve, sentindo um arrepio na barriga só de pensar em mimar seu ômega.

“Muito bem”, disse Ryker, ajoelhando-se e levantando Dylan consigo. Ele se levantou, carregando Dylan para fora da cama. “Vamos nos preparar para dormir.”

"Eu troco os lençóis", ofereceu-se August. Ele sorriu para Steve. "Você pode se juntar a Ryker e Dylan no chuveiro."

Essa era uma oferta que Steve não ia recusar. Ele pulou da cama e seguiu Ryker até o banheiro.

"Leve-o, quer?" disse Ryker, entrando no chuveiro e tirando Dylan de cima do nó. Dylan sibilou quando o pênis de Ryker se libertou, jorrando sêmen por suas pernas. Ryker o segurou pelos braços até que Steve pudesse ampará-lo.

Ryker agarrou o chuveiro e abriu a água, direcionando o jato contra a parede até que a água ficasse morna. Dylan se esquivou das gotas frias que respingavam na parede e Steve se posicionou para protegê-lo.

Steve estendeu a mão e acariciou sua mordida de reivindicação, fazendo Dylan estremecer.

"É delicado", disse Dylan, colocando a mão sobre a de Steve.

Ryker ligou o chuveiro acima deles, movendo-se de forma a ficar bem atrás de Dylan, com a água caindo em cascata do teto.

"Você pode cuidar da parte da frente dele", ofereceu Ryker, ensaboando as mãos e passando a barra de sabão para Steve. Ele colocou as mãos ensaboadas nos ombros de Dylan e começou a esfregar, ensaboando-o e limpando toda a extensão de suas costas.

Pegando uma toalha, Steve se juntou a ele, limpando o peito e as axilas de Dylan.

Dylan permaneceu imóvel, com os olhos semicerrados, enquanto deixava seus alfas limparem seu corpo sonolentamente. Quando Ryker se agachou e começou a lavar seu orifício, ele sibilou.

"Você está bem", disse Ryker, pegando um sabonete líquido e passando dois dedos pela borda do ânus de Dylan, limpando-o por dentro. "Você estará de volta

ao normal amanhã de manhã."

"Está doendo", protestou Dylan, embora não parecesse estar sentindo muita dor.

Ryker apertou a bunda dele, beijando sua nádega esquerda. "Eu sei. Você está sendo tão bom para nós."

Steve terminou de limpar o torso de Dylan, depois se abaixou e limpou suas pernas antes de voltar a lavar seu pênis e testículos.

Dylan era ainda mais sensível ali. Ele sibilou e tentou afastar a mão de Steve quando este a passou sobre sua glande, mas com Ryker atrás dele, não havia para onde ir.

Um minuto depois, August entrou vindo do quarto e juntou-se a eles no chuveiro.

Era um espaço incrivelmente apertado. Steve, Ryker e August cercaram Dylan, prendendo-o em uma prisão de músculos alfa, com as costas de Steve pressionadas desconfortavelmente contra a parede de azulejos atrás dele.

Por estar no centro, a maior parte da água que caía do teto atingia o topo da cabeça de Dylan.

“Precisamos de um chuveiro maior”, disse Ryker, dando um passo para trás para abrir espaço. “Vou pedir aos empreiteiros que o resolvam quando vierem fazer o novo closet.”

Steve pegou uma toalha limpa e a ensaboou, lavando as axilas e descendo para limpar o pênis.

"Não sei", disse August, avançando e pressionando Dylan contra o peitoral de Ryker. "Isso é até que bom."

Steve estendeu a mão para trás e lavou suas costas, observando Dylan sendo intimidado pelos outros dois alfas. Ele só conseguia ver o topo da cabeça do rapaz, o rosto completamente sufocado pelo peito de Ryker.

"Bom, mas impraticável", disse Steve.

Steve enxaguou a toalha, ensaboou-a novamente e lavou o peito e o abdômen. Enquanto esfregava o tecido de algodão na pele, olhou para os amigos. Ryker e August brincavam, jogando Dylan de um para o outro, apertando-o entre os corpos, o que o fazia rir e protestar, dizendo que estava cansado demais para tanta brincadeira. Observando-os, Steve sentiu-se mais feliz do que se lembrava de ter se sentido em muito tempo.

Essas eram as pessoas dele, pensou ele com um misto de admiração e espanto . *amigos* . Parecia algo tão grandioso e maravilhoso que ele não conseguia compreender totalmente.

"O quê?" disse August, dando um passo para trás e deixando Dylan respirar enquanto lançava um pequeno sorriso para Steve. "Por que você está olhando para nós desse jeito?"

"Estou simplesmente feliz", disse Steve, fazendo os olhos de August e Ryker se enrugarem. Dylan se virou para ele com um sorriso bobo.

“Eu também estou feliz.”

O peito de Steve se encheu de amor. Ele sentiu como se fosse transbordar devido à imensa quantidade de amor que brotava dentro dele.

“Vamos lá”, disse Ryker, pegando no chuveiro. “Vamos nos enxaguar e nos secar. Quero ir para a cama e abraçar vocês.”

"Vamos fazer isso", concordou Dylan, com August assentindo. Todos olharam para Steve, que sorriu.

“Parece um bom plano.”

Ele jamais recusaria um plano que envolvesse abraçar seus amigos.

EPÍLOGO

August encostou-se na parede do elevador, exausto e ansioso para voltar para casa e estar com seus amigos.

Ele estava voltando para casa após sua segunda lua cheia desde que se juntou à matilha de Steve, mas em vez de passar o tempo no Alasca com Ryker e Steve, como havia planejado originalmente, teve que voltar ao Arizona para lidar com seus pais em pânico.

O irmãozinho de August, Spencer, decidiu que, se August ia mudar de alcateia, ele também queria mudar. Ele voltou para as férias de Natal e anunciou aos pais que queria se candidatar para entrar na alcateia Northwestern, e os pais ficaram apavorados.

August passou quatro dias acalmando-os e convencendo-os de que a matilha Northwestern não era comandada pelo próprio diabo.

Marcus ajudou, enviando convites formais para as famílias de August e Ryker visitarem Fort Plainslac quando quisessem, e até disse a Ryker que a entrada de Spencer no grupo dependia dele, como alfa do distrito do território para onde Spencer queria se mudar.

Ryker, aquele maldito troll, estava deixando a decisão para August. Tudo bem, exceto pelo fato de que ele havia dito aos pais de August que a decisão cabia a August, e agora eles estavam exigindo que ele negasse o pedido do irmão.

Ele finalmente conseguiu convencê-los de que Spencer deveria ter permissão para tomar sua própria decisão.

Como Spencer estava decidido a se juntar à alcatéia, seus pais mudaram completamente de ideia e decidiram que também queriam trocar de alcatéia. Eles não tinham onde morar em Fort Plainslac, mas disseram alegremente a ele que poderiam ficar na cobertura até encontrarem um lugar próprio.

Dizer que August não gostou da ideia seria um eufemismo. Ele amava seus pais, mas não queria morar com eles nem passar todas as luas cheias correndo com eles. Era demais.

No fim, August havia apontado que eles sentiriam falta do clima do Arizona, dos amigos e da vida que haviam construído em Phoenix. Depois de refletirem um pouco, concordaram e desistiram da decisão de trocar de grupo.

O resultado final foi que Spence iria com eles para Fairbanks na próxima lua cheia para se comprometer oficialmente com Marcus, enquanto seus pais reservaram quatro visitas de uma semana ao longo do ano seguinte para garantir que eles não 'perdessem o contato'.

Foi um resultado razoável, mas agosto foi exaustivo.

As portas do elevador se abriram e August sorriu ao ver os tênis de Dylan bloqueando a passagem.

Ryker e Steve deveriam ter chegado em casa antes dele, e ele apostaria cem dólares que Dylan tinha deixado seus tênis lá como uma provocação para fazer Steve lhe dar uma surra.

Ele passou por cima dos sapatos, tirou as botas e pendurou o casaco, deixando a mala no corredor enquanto ia procurar os amigos.

Já fazia cinco dias que ele não os via, e sentia falta deles.

Ele encontrou Dylan sentado na sala de estar, digitando furiosamente no teclado. Ao ver August aparecer na porta, ele olhou para cima e sorriu.

“August! Você chegou cedo em casa.” Dylan fechou o laptop e pulou de pé, correndo pelo chão e se jogando nos braços de August. Ele passou os dedos pelos cabelos de August e se agarrou enquanto August o beijava. Quando se afastou, estava sem fôlego e seus lábios estavam vermelhos por causa da barba por fazer de August. Ele sorriu. “Como foi a viagem?”

“Foi bom”, disse August, carregando Dylan até o sofá e sentando-se. Ele manteve Dylan no colo, peito a peito, com as mãos repousando na bunda bem apalpável do garoto. “Não tão bom quanto os jatos particulares, mas consegui um upgrade para a primeira classe, então foi divertido. Ryker e Steve ainda não chegaram?”

Dylan roçou o focinho no queixo dele. "Eles estão no carro a caminho do aeroporto. Devem chegar a qualquer minuto."

"Eu guardei seus tênis", mentiu August, contendo o riso ao ver Dylan paralisado.

"Obrigado", disse Dylan, tentando disfarçar sua decepção. "Você não precisava ter feito isso."

August deu uma risadinha. "Estou mentindo. Eles ainda estão lá. Você quer mesmo irritar o Steve desse jeito? Só se passaram três dias desde a lua cheia."

Dylan enterrou o rosto no pescoço de August e soltou um gemido envergonhado.

"Eu só quero que ele me coloque no colo e me dê umas palmadas. Não é minha culpa que ele faça isso melhor quando está irritado."

August beijou a orelha de Dylan, mordendo a concha da orelha e pressionando os quadris contra o períneo de Dylan, de modo que seu volume pressionasse a virilha dele.

Dylan e Steve dividiam o armário, e isso se tornou uma fonte inesperada de tensão. Steve era meticuloso – tudo em seu devido lugar – enquanto Dylan era um desleixado. Ele deixava as roupas no chão e, quando as guardava, as jogava no seu lado do armário sem qualquer lógica.

Isso deixou Steve louco.

"Ele vai perceber que você está incentivando-o", alertou August. "E aí ele não vai te bater de jeito nenhum."

Dylan recuou, com uma expressão preocupada. "Ele não faria isso."

“Ele faria isso.”

Dylan suspirou, um conflito interno estampado em seu rosto.

"Tudo bem, vou guardar meus sapatos." Dylan se desvencilhou do colo de August e saiu correndo da sala de estar. August o observou partir, distraidamente acariciando o volume em sua calça com a palma da mão enquanto esperava que ele voltasse.

“Como está indo sua tese?”, perguntou ele, em voz alta o suficiente para que Dylan pudesse ouvi-lo. Ele pegou o laptop de Dylan da almofada ao lado dele e o colocou na mesa de centro, fora do caminho. “Você terminou o primeiro rascunho?”

"Eu fiz!" Dylan respondeu, voltando para o quarto e sentando-se novamente no colo de August. "Minha orientadora já me devolveu com as anotações dela.

Era nisso que eu estava trabalhando quando você entrou."

August agarrou a bunda de Dylan e o puxou para perto, arrastando o queixo barbudo dele pela lateral da bochecha e beijando sua têmpora.

“Ela ainda está te incomodando com relação ao Marcus e à necessidade de mais verbas para o departamento?”, perguntou ele.

Dylan bufou e balançou a cabeça. "Não, eu contei para o Marcus sobre ela, e ele me disse para pedir para ela ligar para ele. Ela ligou, e agora ele vai usar a universidade como uma espécie de funil para a LupiMed. O departamento inteiro está radiante."

“Que bom”, disse August. Já fazia um tempo que ele não estudava, e nunca tivera muito contato com os administradores ou professores além do necessário.

“É verdade”, concordou Dylan. “E Steve disse que isso ajudaria Marcus a se sentir menos culpado por não ter resolvido a situação com o pai antes, se eu o deixasse fazer algo por mim.”

August emitiu um som de compaixão, beijando a parte de trás da orelha de Dylan e lambendo até seu pescoço. Encontrou a marca que o prendia e a mordeu com força. Sugou-a entre os dentes, lambendo a pele presa, sentindo sua ligação com Dylan vibrar como um fio desencapado.

Seu pênis pulsava, mas ele não queria interromper a sensação da conexão que vibrava entre eles.

Steve e Dylan estavam ambos em terapia, embora parecesse que Steve estava se beneficiando mais do que Dylan. Eles haviam contratado alguém de Nova York com experiência em trabalhar com lobisomens e – surpreendentemente – ômegas, e as sessões semanais pareciam estar dando resultados.

A terapeuta corroborou a teoria deles de que Dylan estava sendo protegido dos efeitos posteriores de sua experiência com John por seus laços de acasalamento, mas também insistiu que o trauma subjacente ainda estava lá. Precisava ser enfrentado e não apenas reprimido.

Dylan gostava dela, embora, pelo que August podia perceber, ele usasse as sessões mais para entender seu status como ômega do que para lidar com qualquer trauma.

Steve, por outro lado, estava lidando com a perda do pai e todos os sentimentos relacionados a isso. Ele ficava arrasado depois das sessões, e August passou a agendar os horários de forma que todos pudessem lhe dar carinho depois.

Nada acalmava um lobisomem emotivo melhor do que uma pilha de filhotes.

"Quer fazer um 69 antes que os outros cheguem?" perguntou August, ainda beijando e lambendo a marca no pescoço de Dylan. Ele moveu os quadris, pressionando sua ereção contra o corpo de Dylan, e estava prestes a segurar a cintura de Dylan para girá-lo e começarem a se masturbar mutuamente quando Dylan recuou e balançou a cabeça negativamente.

“Não, quero testar os comprimidos por mais alguns dias. Só se passaram cinco dias.”

August se deixou cair, inclinando a cabeça para trás e reprimindo um gemido de decepção.

Eles vinham usando o desidratador quase todos os dias desde que o receberam e já tinham acumulado uma coleção impressionante de cápsulas de

sêmen desidratadas.

Essa foi a primeira vez que eles testaram as cápsulas. Havia bastante esperma congelado disponível no freezer também, caso as cápsulas não funcionassem, mas Dylan não havia relatado nenhum desejo ou sintoma de abstinência enquanto August, Ryker e Steve estiveram fora.

Ao que tudo indicava, as cápsulas eram a solução para o problema deles.

"Quero ficar pelo menos uma semana", disse Dylan, decidido.

August assentiu com a cabeça. Ele não ia ser um babaca e pressionar Dylan a abandonar o experimento. Além disso, eles realmente precisavam saber se era uma solução viável a longo prazo ou apenas uma medida paliativa.

“Você provavelmente deveria esperar pelo menos duas semanas, se quiser resultados mais precisos.”

Dylan olhou para ele como se ele tivesse acabado de sugerir atirar em um filhote de cachorro. Então suspirou e assentiu com a cabeça, concordando.

Você tem razão. Preciso saber se isso realmente funciona a longo prazo.

"Ainda podemos fazer outras coisas", disse August, sentindo-se um pouco ridículo. Não poder encher seu ômega de sêmen parecia uma tragédia, mas não era como se sexo com Dylan estivesse fora de questão. Eles podiam gozar o quanto quisessem. Só não podiam gozar dentro de Dylan. "Que tal amarrarmos você depois do jantar e te estimularmos com sondas uretrais e alguns vibradores grandes e bonitos?"

"Quais vibradores?" perguntou Dylan, desconfiado e excitado.

“Os roxos”, disse August. Os roxos eram um conjunto de vibradores intimidantes, com tamanhos que variavam da grossura do pênis de Steve até mais grossos que um taco de beisebol. Assim que Dylan conseguisse usar o maior, estaria mais do que pronto para uma dupla penetração. “E talvez o azul que Steve te deu.”

Dylan engoliu em seco, parecendo excitado e intimidado na mesma medida. Ele assentiu. "Parece divertido."

August o beijou. "É um encontro."

Dylan abriu a boca para falar, mas permaneceu em silêncio quando August virou a cabeça bruscamente ao ouvir as portas do elevador se abrindo do outro lado do apartamento. Ele seguiu o olhar de August.

“Eles estão em casa?”

August assentiu com a cabeça. Dylan pulou do colo dele, ajeitando a camisa e passando a mão pelos cabelos enquanto conferia seu reflexo na TV escura.

Poucos segundos depois, Ryker e Steve entraram na sala de estar. Ambos vestiam calças jeans e camisetas confortáveis e, a julgar pelo cheiro de esperma que exalavam, tinham se divertido bastante renovando sua filiação ao clube do sexo a bordo no caminho para casa.

Dylan correu até eles, deixando-se envolver por um abraço tão apertado que o apertou bastante. August caminhou em um ritmo mais tranquilo.

“Ei, você aí”, disse Ryker, afastando-se de Dylan e caminhando até August enquanto Steve continuava abraçando seu ômega. Ryker puxou August para um beijo. “Sentimos sua falta lá em cima. Fizemos uma fogueira e as crianças assaram marshmallows.”

August sorriu para Ryker, escondendo o rosto na boca dele. Nunca deixava

de diverti-lo com o fato de a matilha Northwestern – a matilha com a pior reputação de todo o continente – ser tão mole quando se tratava de lua cheia.

Eles nem sequer caçavam.

Foi divertido, daquele jeito que coisas diferentes podem ser divertidas de vez em quando, mas August preferia muito mais ir para a floresta e se deixar correr livremente.

“Como você se dava com todos?”

August já sabia que nada de grave tinha acontecido – Ryker teria lhe contado por telefone se fosse esse o caso – mas ainda assim estava curioso para saber como Ryker estava se adaptando à nova matilha agora que as coisas estavam se acalmando um pouco.

“Muito bem. Odin e David me convidaram para correr com eles.” Ryker roçou o focinho no queixo de August. “E você? O Spencer tentou voltar escondido para casa com você na sua mala?”

August bufou, balançando a cabeça. "Não, mas ele está decidido a vir. Ele tem entrevistas marcadas para a semana que vem e está decidido a se mudar para cá quando se formar."

"Fico feliz", disse Ryker. "Ele é um bom garoto, e você se sentirá melhor tendo-o em seu grupo, onde poderá ficar de olho nele."

Ryker tinha razão.

“Ele vai querer morar no prédio”, alertou August.

“Tudo bem.” Ryker sorriu. “Há um apartamento disponível dois andares abaixo. Se comprarmos agora, teremos tempo de isolá-lo acusticamente adequadamente até a formatura dele na próxima primavera.”

August lançou um olhar desconfiado para Ryker. Ele se lembrou de ter recebido um e-mail da administração do prédio informando que o apartamento já havia sido vendido.

Você já comprou?

Ryker o beijou. "Talvez."

Claro que sim. August retribuiu o beijo, com seu lobo interior vibrando de alegria ao pensar em Spencer vindo morar com eles.

Ryker beijou o maxilar de August, percorrendo-o com beijos. August ergueu o queixo, dando acesso ao seu companheiro, até ouvir uma reclamação de descontentamento vinda da sua esquerda.

“Duas semanas? Isso é muito tempo!”

Steve parecia devastado. August virou a cabeça e olhou, rindo baixinho ao ver Steve encarando Dylan como se tivesse acabado de lhe dizer que o Natal estava cancelado.

“Quero ter certeza de que vai funcionar”, disse Dylan, com voz firme. “Além disso, podemos fazer outras coisas.”

Dylan estendeu a mão e acariciou o volume na calça jeans de Steve, apertando-o.

"Tipo o quê?", perguntou Steve, acariciando o rosto de Dylan e passando o polegar sobre os lábios dele.

“Os vibradores roxos”, disse Dylan, abrindo a boca e chupando o polegar de Steve. Ele continuou esfregando a virilha de Steve. “E o kit de sondagem uretral.”

“Não se esqueça de te amarrar”, acrescentou August.

“E me amarrar”, corrigiu Dylan, com a voz abafada pelo polegar de Steve. “E você pode me dar umas palmadas.”

"Que tal eu usar o chicote?", sugeriu Steve. Ele pressionou o polegar contra a garganta de Dylan, penetrando sua boca, mas Dylan não engasgou. Ultimamente, era preciso muito mais do que isso para perturbá-lo.

"Sim, por favor", murmurou Dylan.

Ryker agarrou August pela frente da camisa e o puxou para perto. "Eles não são adoráveis?"

August inclinou o rosto para cima, deixando Ryker beijá-lo. Enquanto se beijavam, observavam Dylan acariciar o volume na calça de Steve com a mão, apertando e massageando, enquanto Steve explorava a boca de Dylan com o polegar.

August se afastou da boca de Ryker com um suspiro, sentindo como se seu pau fosse explodir. Ele agarrou Dylan e o puxou para longe de Steve, aconchegando-o sob o queixo e o abraçando forte.

Steve fez beicinho.

“Eu digo que devemos levar isso para a sala de jogos”, disse August. Ele acariciou o peito de Dylan, encontrando seu mamilo esquerdo e apertando-o. “Combina?”

Steve assentiu com a cabeça, acariciando o volume na calça com a palma da mão, com uma expressão pensativa no rosto.

"Deveríamos usar algo para cobrir nossos pênis para não estragarmos o experimento", disse ele.

"Tipo o quê?", perguntou Dylan, parecendo intrigado.

"Algum pedido?" perguntou August, olhando para ele de cima.

Steve e Ryker permaneceram em silêncio, aguardando sua resposta. A julgar pelo rubor em seu rosto, ele certamente tinha uma.

"E então?", perguntou August. Ele apertou o mamilo de Dylan, cada vez mais forte, até que Dylan deixou escapar sua resposta.

“Os macacões de motociclista!”

August riu, soltando o mamilo de Dylan e esfregando-o em seu peito.

“Não foi tão difícil, foi?”

O rubor de Dylan se intensificou. Ele tentou se virar para esconder o rosto no peito de August, mas August não deixou.

Ryker coçou o queixo. "Isso nos impediria de chegar perto dele", disse, ponderando o pedido. "Mas usar camisinha também impediria."

"Eu curto usar roupa de motoqueiro", disse Steve, com August concordando com a cabeça. Os dois adoravam usar couro na hora do sexo.

Ryker não estava muito interessado, mas se fosse algo que Dylan gostasse, ele geralmente topava. Principalmente se Dylan o deixasse fazer algo que ele apreciava.

"Vou usar a parte de baixo", disse ele. "Isso deve manter meu pênis fora do caminho e evitar que eu fique com muito calor."

"Eu poderia usar o uniforme completo", disse Steve, dando um passo em direção a Dylan e passando o dedo pelo peito dele. "Capacete, luvas e tudo mais. Você gostaria?"

Dylan engoliu em seco, assentindo com a cabeça e parecendo envergonhado, com o rosto vermelho. Ele sibilou quando Steve encontrou seu mamilo e o torceu.

"Use as palavras." A voz de Steve era severa.

"Eu faria", exclamou Dylan, soltando um suspiro quando Steve soltou seu mamilo.

"Capacete?" perguntou August, divertido.

Steve assentiu com a cabeça. "A espelhada, para que ele não veja meu rosto quando eu usar o vibrador grande de trinta centímetros do conjunto roxo para alargar o buraco dele."

Dylan gemeu, e August de repente entendeu o apelo. Os capacetes funcionariam como máscaras, escondendo suas expressões de Dylan e tornando-os ainda mais intimidadores.

Se todos estivessem usando os trajes completos, luvas e tudo mais, ele talvez nem conseguisse distinguir um do outro.

August olhou para Ryker, e ele nem precisou dizer nada para que Ryker percebesse o que ele queria.

Ryker bufou, com um sorriso indulgente. "Tudo bem. Vamos nos equipar completamente, mas só por um tempinho. Está muito quente para uma sessão inteira de couro da cabeça aos pés."

"Eu gosto de ficar todo suado", disse Steve, dando um passo para trás e esfregando a mão por baixo da camisa. "O Dylan é tão bom em me lamber até ficar limpo. A Sra. Sunderland quase nos pegou no flagra da última vez que eu e o Dylan estávamos na academia. Ela *quase* me viu enfiar o rosto dele na minha axila."

"Eu sei", disse Ryker, exasperado. "Ela reclamou com a diretoria sobre seu comportamento indecente."

"Ela nem usa a academia", resmungou Dylan. Ele esticou o pescoço para olhar para August. "Ela só fica inspecionando e tentando encontrar alguma coisa para reclamar."

"Ela está entediada", disse Ryker. "Não dê a ela nenhum motivo para reclamar e tudo ficará bem."

“Chega de falar dela”, disse August, apertando os ombros de Dylan. Ele beijou o topo da cabeça do garoto. “Por que você não vai ao banheiro se arrumar? Ryker, Steve e eu vamos nos trocar. Nos encontramos no banheiro em alguns minutos.”

"Não está na sala de jogos?" perguntou Dylan.

August sorriu, cruzando o olhar com Ryker. "Não. Se vamos alargar seu buraco, quero ter certeza absoluta de que você está limpo por dentro."

Ryker lambeu os lábios. "Tenho uma receita de enema muito especial que acho que você vai gostar."

Dylan olhou para eles, dividido entre o nervosismo e uma alegria ansiosa. Mordeu o lábio, provocando-o até ficar vermelho, e assentiu com a cabeça.

“Tudo bem. Vejo vocês no banheiro. Mas não tenham pressa para se trocar!” Dylan começou a se afastar, olhando para cada um deles. “Quero ficar limpo lá dentro antes que vocês entrem e façam… seja lá o que for que vocês vão fazer. Ok?”

“Claro”, disse Ryker. “Vamos dar a vocês uma vantagem de meia hora.”

Dylan relaxou, sua expressão nervosa dando lugar à pura animação. "Ótimo. Te vejo em breve."

Ele se virou e saiu para o corredor, com um passo animado e saltitante.

August se virou para seus companheiros alfas. Ambos estavam casualmente apalpando seus pênis eretos por cima das calças jeans, olhando para Dylan com expressões semelhantes de antecipação voraz.

"Isso vai ser divertido", disse Ryker, movendo-se para ficar entre August e Steve e passando os braços pelos ombros deles. Ele os puxou para perto. "Vocês não acham?"

"É", disse Steve, com a voz rouca. Ele umedeceu os lábios e limpou a boca com as costas da mão. "Mas lembrar de não tirar o pau para fora vai ser um saco."

"Você vai conseguir", assegurou-lhe Ryker.

“Deveríamos trazer um recipiente para colocar dentro do desidratador”, disse August. O lote que estava sendo processado estava quase pronto.

“Boa ideia”, disse Ryker. Ele beijou a têmpora de Steve. “A ideia da sua mãe parece estar funcionando.”

"É sim", concordou Steve, embora seus ombros tenham ficado um pouco tensos ao ouvir o nome de sua mãe.

"Você falou com ela?", perguntou Ryker. "Eu vi você indo na direção dela ontem à noite."

Steve assentiu com a cabeça. "Sim, eu a agradeci por ajudar o Dylan, e depois conversamos sobre o noivado do William."

“Não tem nada a ver com o seu pai?”

Steve balançou a cabeça. "Não quero falar sobre ele com ela. Mas eu disse que estava fazendo terapia. Ela me disse para não contar para o Marcus, e aí eu disse que ele já sabia. Depois disso, não falei mais com ela."

"Que droga", disse August, estendendo a mão e segurando o braço dele. "Se você não tivesse Marcus e William, sua família seria uma droga."

Steve riu, iluminando-se ao se lembrar de seus irmãos. "Você tem razão. Eles são ótimos."

"Então, vamos nos equipar?" perguntou Ryker, dando um tapinha nas costas de ambos e dando um passo à frente. Ele se virou e olhou para eles por cima do ombro enquanto caminhava em direção à porta. "Se preparar para nossa orgia de motoqueiros com vibradores?"

August e Steve riram.

"Vamos nessa", disse August. Ele passou o braço em volta da cintura de Steve e seguiu Ryker para o corredor. Eles foram em direção ao armário onde guardavam seus uniformes de roleplay e equipamentos de motociclista. Ele olhou para Steve e disse: "Mal posso esperar para ver a cara do Dylan quando entrarmos no banheiro todos vestidos com nossos trajes. Ele vai ficar tão excitado que vai ficar com o cérebro mole."

Já tinha acontecido antes. Às vezes, Dylan ficava tão excitado que congelava como um cervo diante dos faróis. Tornou-se uma espécie de objetivo de August fazer com que isso acontecesse o máximo possível.

"É, ele vai se divertir", concordou Steve, com um sorriso de canto. "E nós

também."

“Sim, estamos”, disse Ryker, abrindo a porta do armário e entrando. Ele pegou o macacão Alpinestars de Steve e entregou para ele, antes de voltar para pegar o de August. Não havia espaço suficiente no armário para os três se trocarem, então tiveram que usar o corredor.

August tirou a roupa, chutando-a para o lado da parede, e vestiu as grossas calças de couro. Puxou-as até as coxas, aconchegando o pênis junto à coxa e fechou o zíper. Em seguida, vestiu a jaqueta, sentindo o couro macio e resistente refrescando sua pele nua.

Ele sentou-se ao lado de Steve e, enquanto calçavam as botas, observaram Ryker vestir as calças.

August terminou de amarrar as botas e, enquanto observava Ryker calçar botas que ele preferiria não estar usando, refletiu sobre a felicidade que sentia naquele momento. Depois de cinco dias de volta ao Arizona, longe dos seus companheiros e com saudades da sua nova matilha, estar de volta com o seu povo era como uma brisa fresca num dia quente de verão para a sua alma.

“Você parece feliz”, disse Steve, fazendo August se virar para ele.

"Estou feliz", disse August, inclinando-se e puxando Steve para um beijo. "Você não está?"

Steve sorriu. "Sou eu."

Eles se levantaram e observaram Ryker terminar de calçar as botas, ajustando as fivelas nas canelas e batendo os pés algumas vezes. Em seguida, Ryker pegou as luvas deles e saiu do armário.

“Estamos todos muito felizes”, disse Ryker, entregando-lhes as luvas. Ele sorriu, com um ar maliciosamente charmoso. “Agora, coloquem estas. Vamos mostrar ao nosso brilhante ômega exatamente o quanto seus alfas sentiram sua falta.”

O pau de August pulsava contra sua coxa, o líquido pré-ejaculatório proibido escorrendo e molhando o interior de suas calças de couro de motociclista.

Ele mal podia esperar.

O fim

TAMBÉM DE DJ HEART:

Todos os livros de DJ Heart podem ser encontrados na Amazon .

de e-mails da DJ Heart e receber notificações sobre novos livros, acesse: eepurl.com/bkJ9l5